Sabin 72300
Rodrigues 2112
this copy lacks
blank 14th leaf

Costó en Lisboa xx. 162

HISTORIA
DA
AMERICA
PORTUGUEZA,

DESDE O ANNO DE MIL E QUINHENTOS do ſeu deſcobrimento, até o de mil e ſetecentos e vinte e quatro.

HISTORIA
DA
AMERICA
PORTUGUEZA,

DESDE O ANNO DE MIL E QUINHENTOS do ſeu deſcobrimento, até o de mil e ſetecentos e vinte e quatro.

OFFERECIDA

A' MAGESTADE AUGUSTA

DELREY

D. JOAÕ V.

NOSSO SENHOR,

COMPOSTA

POR SEBASTIAÕ DA ROCHA PITTA
FIDALGO DA CASA DE SUA MAGESTADE, CAVALLEIRO Profeſſo da Ordem de Chriſto, Coronel do Regimento da Infanteria da Ordenança da Cidade da Bahia, e dos Privilegiados della, e Academico Supranumerario da Academia Real da Hiſtoria Portugueza.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de JOSEPH ANTONIO DA SYLVA,
Impreſſor da Academia Real.

M. DCC. XXX.
Com todas as licenças neceſſarias.

SENHOR.

A AMERICA Portugueza, em toscos, mas breves rasgos, busca os soberanos pés de Vossa Magestade, porque a obrigaçaõ,

gaçaõ, e amor a encaminhaõ ao Monarcha Supremo, de quem reconhece o dominio, e recebe as Leys, e a quem com a mayor humildade consagra os votos, implorando a Real protecçaõ de Vossa Magestade, porque ao Principe, que lhe rege o Imperio, pertence patrocinarlhe a Historia. Nella verá Vossa Magestade em grosseiro risco delineada a parte do Novo Mundo, que entre tantas do Orbe antigo, que comprehende o circulo da sua Coroa, he a mayor da sua Monarchia. Naõ offerece a Vossa Magestade grandezas de outras Regioens, em que domina o seu poderoso Sceptro, tendo tantas que lhe tributar na do Brasil. Se o quadro parecer pequeno para idéa taõ grande, em curtos circulos se figuraõ as immensas Zonas, e Esféras celestes; em estreito mappa se expoem as dilatadas porções da terra: huma só parte basta para representar a grandeza de hum corpo; hum só Simulacro para symbolizar as Monarchias do Mundo: faltarlhe-ha o pincel de Timantes, para em hum dedo mostrar hum Gigante; a intelligencia de Daniel, para em huma Estatua

tatua explicar muitos Imperios; mas ſobra-lhe a grandeza de Voſſa Mageſtade, em cuja ampliſſima ſuperior Esféra ſe eſtaõ as ſuas Provincias contemplando como Eſtrellas: ſó com ella póde deſempenharſe o livro; prenderâ as folhas, ſe Voſſa Mageſtade ſoltar os rayos, que elles allumiaráõ (com Reaes ventagens) mais ambitos dos que pertende illuſtrar a penna, exiſtindo eſtes borrões ſó na forma, em que às luzes podem ſervir as trevas.

Porém, Senhor, como deſcrevo huma das mayores Regiões da terra, permitta-me Voſſa Mageſtade, que dos reſplandores deſſa propria Esféra Regia tire huma luz para illuminar as ſombras dos meus eſcritos, ſem o delicto de Prometheo, em roubar hum rayo ao Sol, para animar o barro da ſua eſtatua; tanto ſe deve pedir a hum Principe, em tal extremo generoſo; e tudo póde conceder hum Monarcha, como Voſſa Mageſtade, por todos os attributos grande, e taõ digno de Imperio, que nos annos pela idade menos robuſtos, em tempo que vacillante o Orbe hia cahindo,

hindo, lhe puzeraõ a natureza, e a fortuna aos hombros, naõ só o pezo de hum Reyno florente, mas a machina de hum Mundo arruinado. Foy Vossa Magestade o verdadeiro Athlante, e a fortissima columna, que sustentando-o com as forças, e com as disposições, lhe evitou os estragos; e que ainda hoje o assegura, naõ só aos seus naturaes Dominios, mas a todos os estranhos, sendo a refulgente Coroa de Vossa Magestade Escudo de Pallas para a defensa, e o seu venerado Sceptro rayo de Jupiter para o respeito. A Real Pessoa de Vossa Magestade guarde Deos muitos annos.

Sebastiaõ da Rocha Pitta.

PRO-

PROLOGO.

AS grandezas, e excellencias, ò Leitor diſcreto, da Regiaõ do Braſil, taõ celebre depois de deſcuberta, como aniquilada em quanto occulta, exponho ao publico juizo, e attençaõ do Mundo, onde as ſuas riquezas tem chegado mais, que as ſuas noticias, poſto que algumas andem por varios Authores introduzidas em diverſos aſſumptos, differentes do meu, que naõ tem outro objecto. O coſtume ſempre notado nos Portuguezes de conquiſtarem Imperios, e naõ os encarecerem, he cauſa de que tendo creado o Braſil talentos por eminencia grandes, nenhum compuzeſſe a Hiſtoria deſta Regiaõ, com mayor gloria da Patria, da que póde lograr nos meus eſcritos, tomando eu com inferiores forças o pezo, que requeria mais agigantados hombros; porém o reſpeitado caracter, em que por ſua grandeza, e naõ por merecimento meu, me conſtituìo a Real Academia, honrandome com o preclariſſimo lugar de ſeu Academico, me dará alentos de Hercules para ſuſtentar pezos de Athlante.

Com eſta expreſſaõ offereço eſte volume: ſe entenderes, que o compuz em applauſo, e reverencia do Clima em que naſci, podes crer, que ſaõ ſeguras, e fieis as noticias, que eſcrevo, porque os obſequios naõ fizeraõ divorcio com as verdades. Se em alguns termos o eſtylo te parecer encarecido, ou em algumas materias demaſiado

o ornato, reconhece, que em mappa dilatado a varieda-
de das figuras carece da viveza das cores, e das valentias
do pincel; e que o meu ainda eſtá humilde nas imagens,
que aqui pinto, aſſim por falta de engenho, como por
naõ ter viſto todos os originaes, fazendo a mayor parte
das copias por informaçoens, das quaes me naõ póde re-
ſultar o acerto de Apelles no retrato de Elena pelos ver-
ſos de Homero; mas ſe te naõ conciliar agrado pelas tin-
tas a pintura, naõ deixem de merecerte attençaõ pela
grandeza os objectos; e ſe a tua viſta for taõ melindroſa,
que naõ baſtem a contentalla com lhe apartares os olhos,
a ti te eſcuſas o enfado, e a mim a cenſura.

ADVER-

ADVERTENCIAS.

ADverte o Author, que da riquiſſima America (taõ dilatada, que ſe eſtende por quaſi quatro mil legoas de comprimento, eſtando ainda por ſaber as que tem de largo, e jaz debaixo de tres diverſas Zonas, dividindoſe em Septentrional, e Meridional) da parte Septentrional naõ falla, e ſó trata na Meridional da grandiſſima porçaõ, que comprehende o Eſtado do Braſil, aſſumpto deſta Hiſtoria da America Portugueza.

Que naõ poem nella o computo dos tempos em numero ſucceſſivo de annos, porque deſde o de mil e quinhentos, em que foy deſcuberta a America Portugueza, por largo curſo, até o de mil e quinhentos e trinta e cinco, em que ſe doaraõ algumas Provincias, e ſe principiou a fundaçaõ dellas, naõ aconteceraõ outros progreſſos mais, que a vinda do Coſmografo Americo Veſpucio, por ordem delRey Dom Manoel, a demarcar eſta Regiaõ, e as ſuas Coſtas; e depois a de outros Geografos, e Capitaens enviados pelo meſmo Rey, e por ſeu filho, e ſucceſſor ElRey D. Joaõ III. a tomar poſſe, meter marcos, obſervar o curſo dos mares, ſondar os portos, explorar o Paiz, e levar delle mais diſtinctas noticias.

Que eſtas operaçóes ſe fizeraõ com intervallos de tempos; e deſde o anno de mil e quinhentos e quarenta e nove, em que veyo o primeiro Governador do Eſtado, leva a conta delles pela ſucceſſaõ dos Governos, e ordem dos factos, mediando ainda alguns largos eſpaços

ſem acções para a eſcritura ; falta, que preciſamente interrompe a ſerie dos annos, mas naõ altera a verdade da Hiſtoria, nem as noticias do Braſil, que he o fim para que o Author a eſcreve, e toda a alma, e ſubſtancia dos eſcritos ; pois o mais ſaõ accidentes.

Que as materias, e noticias, que nella trata, ſaõ colhidas de relações fidedignas, conferidas com os Authores, que eſtas materias tocaraõ, e com particulares informações modernas, (que elles naõ tiveraõ) feitas por peſſoas, que curſaraõ as mayores partes dos continentes do Braſil, e as depuzeraõ fielmente como teſtemunhas de facto, com a ſciencia de que o Author as inquiria para compor eſta Hiſtoria, cujo eſſencial inſtituto he a verdade.

Que como nos dous primeiros livros deſcreve o corpo natural, e material deſta Regiaõ, as maravilhoſas obras, que nella fez a natureza, as admiraveis producções em varios generos, e eſpecies, e as ſumptuoſas fabricas, que para o trato Civil, e Politico das ſuas Povoações foy compondo a arte, no retrato de tanta fermoſura, preciſada a ſer pincel a penna, naõ teme ſahir dos preceitos da Hiſtoria, quando altera a pureza das ſuas leys com as idéas da pintura, que requer mais valentes fantezias, tendo por exemplar portentos, em que a mais elevada fraſe Poetica he verdade ainda mal encarecida.

Que nos outros livros, que contém materias Politicas, leva o eſtylo Hiſtorico com eſtudo caſtigado, e naõ poem nas margens os numeroſos rios, e as varias eſpecies das producções do Braſil, porque ſendo tanto do inſtituto deſta obra, entende, que devem ir no corpo della.

LICEN-

LICENÇAS.

Da Academia Real.

APPROVAÇAÕ DE ANTONIO RODRIGUES da Costa, do Conselho de Sua Magestade, e do seu Tribunal do Ultramar, Academico da Academia Real da Historia.

EXCELLENTISSIMOS SENHORES.

EM execuçaõ da ordem de Vossas Excellencias vi o livro, intitulado *Historia da America Portugueza*, composta pelo Coronel Sebastiaõ da Rocha Pitta; e ainda que me parece mais elogio, ou panegyrico, que Historia, naõ entendo, que desmerece o Author, que Vossas Excellencias lhe concedaõ a faculdade, que pede de poder condecorar o seu nome na ediçaõ, que fizer desta obra, com o titulo, que goza de Academico Provincial desta Academia Real da Historia Portugueza. Vossas Excellencias ordenaráõ o que for mais justo, e acertado. Deos guarde as pessoas de Vossas Excellencias. Casa 10. de Agosto de 1726.

Antonio Rodrigues da Costa.

APPRO-

APPROVAÇAÕ DE D. ANTONIO CAETANO de Sousa, Clerigo Regular, Qualificador do Santo Officio, Consultor da Bulla da Santa Cruzada, e Academico da Academia Real da Historia.

EXCELLENTISSIMOS SENHORES.

VI a *Historia da America Portugueza*, escrita por Sebastiaõ da Rocha Pitta, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cavalleiro Professo da Ordem de Christo, Coronel do Regimento de Infanteria da Ordenança da Cidade da Bahia, e dos Privilegiados della, e Academico Provincial do Estado do Brasil.

Esta Historia, Excellentissimos Senhores, he a unica, que temos seguida, e completa dos dilatados, e riquissimos Dominios, que ElRey nosso Senhor tem nesta grande parte do Mundo; pelo que he muito de agradecer a curiosa applicaçaõ, com que seu Author se empregou em escrever esta Historia, que sendo principalmente politica, tem muito da natural, pelo que se faz mais agradavel, naõ só pela noticia dos seus preciosos mineraes, mas pela de innumeraveis animaes terrestres, quadrupedes, reptiles, e volateis, monstruos horriveis, ainda aquaticos, porque aquelles mares produzem cousas de grande admiraçaõ, como tambem o saõ as vegetaveis, com taõ extraordinarias producçoes da natureza, que fazem fertilissima aquella grande porçaõ de terra, comprehendida debaixo do dominio do nosso Augusto Protector.

He Sebastiaõ da Rocha Pitta nascido na Bahia; e naõ he muito, que o amor da Patria o obrigue a engrandecer, e ornar com especiosas vozes aquellas cousas, que a nós se

ſe nos fazem mais eſtranhas, ou por ſerem raras vezes viſtas, ou ſómente cridas pelas informações com que as ſabemos. He ſem duvida, que aquella parte do Mundo contém prodigios, que excedendo aos hyperboles, naõ offendem a verdade, ley mais eſſencial para a Hiſtoria, do que os outros mais rigoroſos preceitos, com que ella ſe deve compor. Eſte Author o faz em eſtylo taõ elegante, que tem muito de Poetico, em que lhe acho companheiros de taõ grande nota, como algum de eminentiſſimo caracter, e eſte ſerá o motivo, porque concilîe na mayor parte dos Leitores applauſo, e louvor; porque entendo, que naõ ſerá menos eſtimada eſta Hiſtoria, do que outras, que vemos de ſemelhante eſtylo na noſſa lingua, e na dos noſſos viſinhos, aonde tem baſtante reputaçaõ. Por differentes meyos conciliaõ os Authores a aura popular com que os ſeus livros ſaõ eſtimados. Os exemplares da Hiſtoria Romana, cuja liçaõ he taõ recomendavel a hum Hiſtoriador, vemos quam poucos conſeguem o imitallos, e por iſſo ſaõ taõ poucos os que logra̋õ o cabal nome de Hiſtoriadores. Quantas vezes ouvimos criticar aquelles Meſtres da Hiſtoria, de quem os outros, que ſe ſeguiraõ, beberaõ naõ ſó o methodo, mas ainda o meſmo eſtylo? Neſta parte ſaõ bem diverſos os goſtos, porque tambem alguns enfaſtiados da eloquencia, pertendem ſeja a Hiſtoria huma narraçaõ taõ nua de vozes, como de reflexões, de ſorte, que a querem antes inſulſa, que com algum adorno; porém eſtes diſcurſos ſaõ tidos de huns por paradoxos, e de outros por affectos da melancolia, que os domina de modo, que o naõ chegaõ a executar neſta parte ainda os mais auſteros Cenſores. Eſte livro me parece muy digno da licença, que ſeu Author pede, para o ornar com o nome de Academico da noſſa Real Academia; e aſſim devem Voſſas Excellencias mandarlhe

darlhe agradecer o zelo com que está cooperando para o nosso Instituto, naõ só com os seus estudos, mas ainda com a sua propria despeza na impressaõ deste livro. Este he o meu parecer. Vossas Excellencias resolveráõ o que for mais conveniente à honra da nossa Academia. Lisboa Occidental, na Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia, 24. de Novembro de 1726.

D. Antonio Caetano de Sousa,
Clerigo Regular.

O Director, e Censores da Academia Real da Historia Portugueza daõ licença ao Coronel Sebastiaõ da Rocha Pitta, para usar do titulo de Academico Supranumerario no livro intitulado *Historia da America Portugueza*, vistas as Approvaçoens dos dous Academicos, a que se commetteo o seu exame. Lisboa Occidental 6. de Dezembro de 1726.

Marquez de Alegrete. *D. Manoel Caetano de Sousa.*

Marquez de Fronteira.

Marquez Manoel Telles da Sylva.

Do

Do Santo Officio.

APPROVAC,AÕ DO R. P. M. Fr. MANOEL Guilherme, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Miliares.

EMINENTISSIMO SENHOR.

VI o livro intitulado *Historia da America Portugueza*, composto por Sebastiaõ da Rocha Pitta; e na brevidade de dez dias, em que o li, mostro admirey a frase verdadeiramente Portugueza, desaffectada, pura, concisa, e conceituosa. Querme parecer, que o Author desempenha todas as leys da Historia, que ouço dizer saõ muitas, e de difficil observancia. Pela principal razaõ de naõ ter cousa contra a Fé, ou bons costumes, me parece he merecedora esta obra da licença, que pertende. Vossa Eminencia mandará o que for servido. S. Domingos de Lisboa Occidental, 20. de Dezembro de 1726.

Fr. Manoel Guilherme.

APPROVAÇAÕ DO R. P. M. Fr. BOAVENTURA de S. Giaõ, Qualificador do Santo Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR.

SEmpre o genio Portuguez foy avaro em narrar por escrito suas heroicas acções, e ostentar no Prélo as suas proezas; naõ aspirando chegar com a penna, onde se arrojou a sua espada, nem voar com o discurso onde se remontou o seu valor; por senaõ dispor a reduzir a escritura, o que em todo o Universo publicou a fama; como excepçaõ; porém desta regra se animou Sebastiaõ da Rocha Pitta a presentar aos olhos do Mundo, e attençaõ das gentes a *Historia da America Portugueza*, que compoz, e ordenou em beneficio da Patria, e credito da naçaõ; onde resuscita de entre as cinzas, em que ha tantos annos jazia envolta taõ admiravel estatua, antigamente lavrada, e primorosamente esculpida com o ferro, e armas Lusitanas, retratando-a no breve mappa deste papel, onde se dará bem a conhecer pela copia o original.

He a idéa do Escritor igualmente elevada, que o assumpto, e a sua penna proporcionada a taõ sublime emprego, pois desempenha nesta obra o que premeditou o seu conceito, e ajuizou o seu pensamento, e com grande brado reputará no theatro do Mundo as proezas, e façanhas do braço Portuguez, no descobrimento de novas terras, taõ dilatadas, como incognitas. Descreve a bondade do clima, fertilidade da terra, sempre fecunda nas suas producções; faz presente o passado; e poem à nossa vista, o que está taõ longe dos nossos olhos.

Pontualmente cumpre os preceitos da narraçaõ, e as leys da Historia; porque determina acções, ajusta annos,

obser-

obſerva tempos, diſtingue lugares, demarca terras, individua ſucceſſos,reduzindo a abbreviados periodos o que podera ſer materia de copioſos tratados. E denominandoſe eſta parte do Orbe, Novo Mundo, para nós he agora Mundo novo, pela noticia, que o Autor nos communica do que he, e do que contém taõ dilatado Paiz, expundo à noſſa comprehenſaõ, o que atéqui ſe occultou ao noſſo conhecimento.

Pouco importa deſcobrir o theſouro, ſe ſenaõ conhece a ſua precioſidade; porque achallo, he fortuna, conhecello, diſcriçaõ, e mais o logra quem o ſabe avaliar, que quem o poſſue ſem o conhecer. O valor do diamante depende da eſtimaçaõ do Lapidario, o valor do ouro do exame do Contraſte, porque hum lhe ſonda o fundo, outro lhe examina os quilates.

Eſtou certo ſe ha de ler a preſente Hiſtoria com goſto, e ſem faſtio pela boa ordem, e admiravel diſpoſiçaõ com que eſtá compoſta, novidades, que refere, particulares, que relata, elegancia com que ſe adorna; porque o eſtylo he grave, eſpecioſo, e agradavel, natural ſem artificio, e culto ſem affectaçaõ, e taõ ſingular, que naõ tem regra occioſa, oraçaõ ſuperflua: naõ tem periodo, que naõ ſeja proprio, palavra, que naõ eſteja em ſeu lugar: naõ ha termo, que ſe naõ perceba com clareza, objecto, que ſe naõ veja com diſtincçaõ; igualmente convida a curioſidade, e deſafia a emulaçaõ; porque hiſtoriar deſta ſorte, he felicidade de poucos, e inveja de muitos.

Tem o Braſil a ventura de achar na eloquencia de hum filho o melhor inſtrumento da ſua gloria, e o mayor manifeſto do ſeu luzimento, pois publica com eſte pregaõ as ſuas excellencias, e dá a conhecer as ſuas ſingularidades; animando de novo as proezas antigas, e os ſuc-

ceſſos paſſados, que por caducos eſtavaõ amortecidos, e por eſquecidos eraõ cadaveres; e torna verdes as palmas, que a dilaçaõ do tempo tinha murchas, naõ ſendo menos uteis aos Imperios os empregos da penna, que as vitorias da eſpada; porque nas imagens dos eſcritos, como nos marmores, ſe conſerva a memoria, e ſe eterniza a fama dos triunfos das armas.

He pois benemerito da mayor attençaõ eſte precioſo livro, e digno de todo o credito o que nelle ſe exprime, pela authoridade do Eſcritor, e coherencia das noticias, ſem o minimo eſcrupulo, de que o affecto de natural, e amor da Patria viciaſſe a Hiſtoria, ou adulteraſſe a verdade. E porque em tudo ſe conforma com a pureza de noſſa Santa Fé Catholica, e bons coſtumes, ſe lhe deve de juſtiça a licença, que pede por favor para a eſtampa, ſendo merecedor do primeiro lugar no Prélo. Eſte o meu parecer. Voſſa Eminencia mandará o que for ſervido. Lisboa Occidental, no Hoſpicio do Duque, 10. de Fevereiro de 1727.

Fr. Boaventura de S. Giaõ.

Viſtas as informaçóes, pódeſe imprimir a Hiſtoria da America Portugueza, compoſta por Sebaſtiaõ da Rocha Pitta, e depois de impreſſa tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 11. de Fevereiro de 1727.

Fr. R. Alencaſtre. Cunha. Teixeira. Sylva. Cabedo.

Do

Do Ordinario.

APPROVAÇAÕ DO M. R. PADRE D. JOSEPH Barbosa, Clerigo Regular, Academico Real da Historia Portugueza, Chronista da Sereníssima Casa de Bragança, e Examinador das Tres Ordens Militares.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

ORdename Vossa Illustrissima, que veja a *Historia da America Portugueza*, que escreveo o Coronel Sebastiaõ da Rocha Pitta. Esta grande porçaõ do Mundo, descuberta no anno de mil e quinhentos, esteve até agora como incognita por falta de Historiador, que désse a conhecer com exacçaõ as portentosas maravilhas, de que a dotou a natureza. Escreveo desta Regiaõ hum brevissimo tratado, com o titulo de Historia da Provincia de Santa Cruz, Pedro Gandavo de Magalhaens, e nelle, nem a brevidade, nem o estylo podiaõ fazer agradavel a sua relaçaõ. Em mayor volume, mas sem exceder de Chronista natural daquellas dilatadissimas terras, escreveo o Padre Simaõ de Vasconcellos, da Companhia de Jesus, dous livros de noticias curiosas, que depois foraõ incorporadas na Chronica da mesma Religiaõ daquelle Estado. Em alguns livros se achaõ poucas memorias da America, que pertençaõ juntamente aos successos politicos, e militares, porque supposto que temos o valeroso Lucideno de Fr. Manoel Callado, o Castrioto Lusitano de Fr. Rafael de Jesus, as Memorias Diarias da guerra de Pernambuco de Duarte de Albuquerque Coelho, a Nova Lusitania de Francisco de Brito Freire, e a Guerra do Brasil na lingua

Italiana de Fr. Joaõ Joſeph de Santa Thereſa, nenhum deſtes Authores he Chroniſta Geral de toda a America Portugueza, porque a mayor parte deſtas pennas ſe occuparaõ com a hiſtoria das guerras, que introduziraõ na Capitanîa de Pernambuco as armas Hollandezas; e tendo algumas dellas hiſtoriado as noſſas deſgraças, ſempre lhes faltou o tempo para darem noticia das noſſas vitorias. Mas ainda que neſtes livros ſe veja o brio militar dos Americanos Portuguezes, tudo o que nelles ſe eſcreve, he huma pequena parte a reſpeito de taõ grande todo. Sabiamos o valor, com que poucos Soldados mal armados, e peyor diſciplinados, animando-os o zelo da Fé, e o amor da liberdade das ſuas Patrias, ſouberaõ vencer, e triunfar de huma gente taõ valeroſa, como a Hollandeza, em que naõ he facil de examinar, qual ſeja nella mayor, ſe o esforço, ſe a induſtriá militar. Sabiamos em commum os nomes dos Governadores de muitas Capitanîas, em que ſe dividîo o agigantado corpo daquella Conquiſta, mas naõ lhes ſabiamos a continuaçaõ até os noſſos tempos, porque eſtas noticias até agora eraõ filhas do acaſo. Sabiamos, que em alguns daquelles Biſpados floreceraõ Prelados Santiſſimos, que com generoſo, e Apoſtolico trabalho accreſcentaraõ o rebanho de Chriſto, mas a ſua ſerie era ignorada pelos Eſcritores. Sabiamos os milagres, que pelo eſpaço de tantos ſeculos eſcondeo a natureza a todo o reſto do Mundo; e ſabiamos, que aquelles Certoens mais eraõ povoados de ouro, e de pedraria, que de homens; mas tudo iſto ſabiamos com tanta confuſaõ, que naõ ſeria grande erro o affirmar, que era o meſmo, que ſe o ignoraſſemos, porque eſta coſtuma ſer a pena do que ſe ſabe em confuſo. Para que tudo ſe ſoubeſſe com diſtinçaõ, eſcreveo o Coronel Sebaſtiaõ da Rocha Pitta eſta Hiſtoria da America Portugueza,

que comprehende duzentos e vinte e quatro annos de tempo, em que ſe praticaraõ todos aquelles acontecimentos, em que moſtra a fortuna a firme variedade da ſua inconſtancia. Com a devida proporçaõ veraõ os Leitores neſta Hiſtoria todos aquelles caſos, que fizeraõ famoſas a muitas Monarchias, porque aqui ſe veraõ Povos mal contentes, e logo ſatisfeitos, verſehaõ promeſſas de theſouros, humas vezes mal compridas, e outras deſcubertas, acharſe o ouro em tanta abundancia, como ſe fora terra; e huns Governadores deſcuidados da humanidade por culpa da diſtancia, e outros ſempre os meſmos, ainda que taõ diſtantes da Corte, porque os homens verdadeiramente Chriſtãos, adoraõ em toda a parte a preſença de Deos; de ſorte, que attendendo ao que eſte Author eſcreveo, entendo, que juſtamente ſe lhe deve dar o titulo de novo Colon, porque com o ſeu trabalho, e com o ſeu eſtudo nos ſoube deſcobrir outro Mundo novo no meſmo Mundo deſcuberto. Eſta Hiſtoria eſtá eſcrita com tanta elegancia, que ſó tem o defeito de naõ ſer mais dilatada, para que os Leitores ſe pudeſſem divertir com mayor torrente de eloquencia. Todos os ſucceſſos eſtaõ eſcritos com taõ artificioſa brevidade, que ſe percebem ſem defeito das noticias neceſſarias, porque de outra ſorte occupariaõ muitos volumes os negocios politicos, e as acçoens militares de taõ grande numero de naçoens, como ſaõ as que habitaõ o dilatadiſſimo Certaõ da noſſa America. Parece-me, que Voſſa Illuſtriſſima lhe deve dar a licença que pede, para ſe imprimir eſta Hiſtoria, naõ ſó porque naõ offende a Fé, ou bons coſtumes, ſenaõ tambem para que veja Europa, que lhe naõ cede o Braſil na qualidade dos Eſcritores. Voſſa Illuſtriſſima ordenará o que for ſervido. Neſta Caſa de Noſſa Senhora da Divina Providencia, 28. de Março de 1727.

D Joſeph Barboſa, Clerigo Regular.

Que

VIsta a informaçaõ, pódese imprimir o livro de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 30. de Março de 1727.

D. J. Arcebispo de Lacedemonia.

Do

Do Desembargo do Paço.

APPROVAÇAÕ DE MARTINHO DE Mendoça de Pina e de Proença, Academico da Academia Real da Historia Portugueza.

SENHOR.

LEndo a *Historia da America Portugueza*, que compoz Sebastiaõ da Rocha Pitta, naõ achey nella cousa, porque se deva negar a licença de se imprimir; antes me parece, que naõ sómente he digno de louvor, porém ainda de premio o zelo, com que seu Author quiz augmentar a gloria da Patria. Delle se vê, que a soberana protecçaõ, que Vossa Magestade concede às artes, e sciencias, inspirando os mayores escritores da Europa, anima tambem os das mais distantes partes do Mundo; pois as remotas, e dilatadas Provincias da America lhe tributaõ mais preciosos thesouros, que os de suas minas neste livro, o qual se adorna com os successos historicos, que refere, e brilha com varios ornatos poeticos de largos episodios, frequentes figuras, e discretos panegyricos, que contém.

Algum reparo se poderá fazer na miudeza, com que em historia taõ succinta relata alguns successos mais dignos de horror, e silencio, que de memoria, mas naõ fazer delles mençaõ, seria diminuir a gloria dos leaes, encobrindo a infamia dos traidores contra as severas leys da historia: *Nihil veri non audeat*. Este he o meu parecer. Vossa Magestade mandará o que for mais conveniente ao seu Real serviço. Lisboa Occidental 25. de Julho de 1727.

Martinho de Mendoça de Pina e de Proença.

Que

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará à Meſa para ſe conferir, e taixar, que ſem iſſo naõ correrà. Lisboa Occidental 1. de Agoſto de 1727.

Marquez P. Pereira. Oliveira. Teixeira. Bonicho.

HISTO-

HISTORIA
DA
AMERICA
PORTUGUEZA.
LIVRO PRIMEIRO.

SUMMARIO.

INtroducçaõ da Hiſtoria. Eſtado em que ſe achava o Imperio Luſitano. Deſcubrimento do Braſil. Nomes, que lhe foraõ impoſtos. Deſcripçaõ do corpo natural, e material deſta Regiaõ. Diſtancia das ſuas coſtas, rumos, e ventos da ſua navegaçaõ. Movimentos dos ſeus mares. Extenſaõ do ſeu Conti-

nente. Grandeza dos ſeus mais celebres rios. Fermoſura do ſeu terreno. Benignidade do ſeu clima, e dos ſeus Aſtros. Os ſeus montes mais famoſos. Os ſeus campos, producções, e lavouras. As ſuas hervas, flores, arvores, e frutas aſſim naturaes, como eſtrangeiras. As féras, brutos, e caças, que tem. O que geraõ, e criaõ os ſeus mares. Os ſeus peſcados, as peſcarias dos charéos, e das baleas; a deſcripçaõ deſte monſtro marinho. Os mariſcos de varios generos pelas ſuas prayas, e rios. A barbara vida, e coſtumes dos Gentios, ſeus primeiros habitadores. Vinda de Americo Veſpucio, e de outros Capitães, e Exploradores, enviados pelos Reys D. Manoel, e D. Joaõ III. Linha imaginaria, e determinaçaõ das Conquiſtas, que tocaraõ aos Monarchas Portuguezes, e Caſtelhanos. Succeſſos de Catharina, e Diogo Alvares Correa. Vinda do glorioſo Apoſtolo S. Thomé a ambas as Americas Caſtelhana, e Portugueza.

LI-

LIVRO PRIMEIRO.

1 DO Novo Mundo, tantos feculos efcondido, e de tantos Sabios calumniado, onde naõ chegaraõ Hannon com as fuas navegações, Hercules Lybico com as fuas columnas, nem Hercules Thebano com as fuas emprezas, he a melhor porçaõ o Brafil; vaftiffima Regiaõ, feliciffimo terreno, em cuja fuperficie tudo faõ frutos, em cujo centro tudo faõ thefouros, em cujas montanhas, e coftas tudo faõ aromas; tributando os feus campos o mais util alimento, as fuas minas o mais fino ouro, os feus troncos o mais fuave balfamo, e os feus mares o ambar mais fele&to: admiravel Paiz, a todas as luzes rico, onde prodigamente profufa a natureza, fe defentranha nas ferteis producções, que em opulencia da Monarchia, e beneficio do Mundo apura a arte, brotando as fuas canas efpremido ne&tar, e dando as fuas frutas fazonada ambrozia, de que foraõ mentida fombra o licor, e vianda, que aos feus falfos Deofes attribuîo a culta Gentilidade.

Introducçaõ.

2 Em nenhuma outra Regiaõ fe moftra o Ceo mais fereno, nem madruga mais bella a Aurora: o Sol em nenhum outro Hemisferio tem os

rayos taõ dourados, nem os reflexos nocturnos taõ brilhantes: as Estrellas saõ as mais benignas, e se mostraõ sempre alegres: os horizontes, ou nasça o Sol, ou se sepulte, estaõ sempre claros: as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das Povoações nos aqueductos, saõ as mais puras: he em fim o Brasil Terreal Paraiso descuberto, onde tem nascimento, e curso os mayores rios; domina salutifero clima; influem benignos Astros, e respiraõ auras suavissimas, que o fazem fertil, e povoado de innumeraveis habitadores, posto que por ficar debaixo da Torrida Zona, o desacreditassem, e dessem por inhabitavel Aristoteles, Plinio, e Cicero, e com Gentios os Padres da Igreja Santo Agostinho, e Beda, que a terem experiencia deste feliz Orbe, seria famoso assumpto das suas elevadas pennas, aonde a minha recea voar, posto que o amor da Patria me dê as azas, e a sua grandeza me dilate a esféra.

Estado em que se achava a Monarchia.

3 Florecia o Imperio Lusitano muitos seculos depois de ser fundado por Tubal, ampliado por Luso, e por Lysias, e de terem os seus naturaes gloriosamente na Patria obrado acções heroicas, e concorrido fóra della para as mayores emprezas, já nos soccorros, que déraõ aos Carthaginezes conduzidos por Safo, para domar a Mauritania; já nos que acompanharaõ a Annibal, para conquistar a Italia; já concorrendo com Mithridates contra Pompeo, e com Pompeo, e seus filhos contra Cesar; e de haverem na defensa da propria liberdade feito admiraveis provas de valor

lor com os ſeus Capitães Viriato, e Sertorio contra os Romanos; e finalmente depois que livres da ſogeiçaõ dos Suevos, dos Alanos, dos Godos, e dos Sarracenos, tendo já logrado no ſeu primeiro Rey Portuguez o invicto D. Affonſo Henriques, e na ſua Real prole o ſuave dominio de treze ſucceſſivos Monarchas naturaes, ſe achava na obediencia do feliciſſimo Rey D. Manoel.

4 Mantinha com a Thiara Romana a antiga uniaõ, firme com a noſſa obediencia, e Religiaõ; com Caſtella eſtava em paz aſſegurada pelas noſſas vitorias; tinha amizade com a Coroa Imperial, com as de França, Inglaterra, Eſcocia, Suecia, Polonia, e Dinamarca; com as Republicas, e Nações Septentrionaes, e Italianas, pelos intereſſes reciprocos, e communs das Monarchias; fazia guerra aos Mauritanos, aos Ethiopes, e aos Aſiaticos, para lhes introduzir a Fé Catholica, achava-ſe dilatado com os deſcubrimentos das Ilhas do Porto Santo, da Madeira, e dos Açores no Oceano; e por differentes mares, com muitas Praças, e Provincias em Africa; com grandes Povoações, e Conquiſtas na Ethiopia; e começava a moſtrarlhe os ſeus mayores dominios a Aſia, quando o Novo Mundo lhe abrio as portas da ſua mais vaſta Regiaõ.

5 Tinha já dado o Sol cinco mil e quinhentas e cincoenta e duas voltas ao Zodiaco, pela mais apurada Chronologia dos annos, quando no de mil e quinhentos da noſſa Redempçaõ (oito depois que a Chriſtovaõ Colon levou a eſpecula-

Conforme a conta dos Padres Buſſieres, e Saliano.

çaõ

çaõ a demandar as Indias) trouxe a tempeſtade a Pedro Alvares Cabral a deſcubrir o Braſil. Hia eſte illuſtre, e famoſo Capitaõ (o primeiro, que depois de D. Vaſco da Gama, paſſava do Tejo ao Indo, e Ganges) governando huma fermoſa Armada de treze poderoſas naos, com que partio aos nove de Março, e navegando ao principio com proſpera viagem, experimentou aos doze dias taõ contraria fortuna, que arribando hum dos baixeis a Lisboa, os outros correndo tormenta, perdidos os rumos da navegaçaõ, e conduzidos da altiſſima Providencia, mais que dos porfiados ventos, na altura do Polo Antartico, dezaſeis graos, e meyo da parte do Sul, aos vinte e quatro de Abril, aviſtou ignorada terra, e já mais ſurcada coſta.

Deſcubrimento do Braſil.

6 Nella ſurgindo as naos, pagou o General a aquella ribeira a ſegurança, que achara depois de taõ evidentes perigos, com lhe chamar Porto Seguro, e à terra Santa Cruz, pelo Eſtandarte da noſſa Fé, que nella arvorou com os mais exemplares jubilos, e ao ſom de todos os inſtrumentos, e artilheria da Armada; fazendo com a meſma militar oſtentaçaõ, e piedade celebrar o Santo Sacrificio da Miſſa ſobre huma Ara, que levantou entre aquelle inculto arvoredo, que lhe ſervio de docel, e de Templo, a cujas Catholicas ceremonias eſtiveraõ admirados, mas reverentes, todos aquelles Barbaros, e conformes com o exemplo dos Fieis, premiſſas do affecto, com que depois abraçaraõ a noſſa Religiaõ. Eſte foy o primeiro deſcubrimento, eſte o primeiro nome deſta Regiaõ,

giaõ, que depois eſquecida de titulo taõ ſuperior, ſe chamou America, por Americo Veſpucio, e ultimamente Braſil, pelo pao vermelho, ou côr de brazas, que produz.

Nomes, que lhe foraõ impoſtos.

7 Jaz o opulento Imperio do Braſil no Hemisferio Antartico, debaixo da Zona Torrida, correndo do meyo della (em que começa) para a parte Auſtral ao Tropico de Capricornio, de donde entra na Zona temperada Meridional grandiſſimo eſpaço. He de fórma triangular; principia pela banda do Norte no immenſo rio das Amaſonas, e termina pela do Sul, no dilatadiſſimo rio da Prata; para o Levante o banhaõ as aguas do Oceano Atlantico; para o Occidente lhe ficaõ os Reynos de Congo, e Angola, e tem por Antipodas os habitadores da Aurea Cherſoneſo, onde eſtá o Reyno de Malaca. Na ſua longitude grandiſſima contaõ os Coſmografos mil e cincoenta e ſeis legoas de coſta, a mais fermoſa, que curſaõ os navegantes, pois em toda ella, e em qualquer tempo eſtaõ as ſuas elevadas montanhas, e altos arvoredos cubertos, e veſtidos de roupas, e tapeçarias verdes, por onde correm innumeraveis caudaloſos rios, que em copioſas, e diafanas correntes precipitaõ criſtaes nas ſuas ribeiras, ou levaõ tributo aos ſeus mares, em que ha grandes enſeadas, muitos, e continuados portos capaciſſimos dos mayores baixeis, e das mais numeroſas Armadas.

A ſua ſituaçaõ, e o ſeu corpo natural.

8 A ſua latitude pelo interior da terra he larguiſſima: mais de quatrocentas legoas ſe achaõ já

cultiva-

cultivadas com as noſſas Povoações, ſendo muitas as que eſtaõ por deſcubrir. Eſte famoſo Continente he taõ digno das ſuſpenſoens humanas, pelas diſtancias, que comprehende, e pelas riquezas, que contem, como pelas perſpectivas, que moſtra; porque até em algumas partes, em que por aſpero parece impenetravel, aquella meſma rudeza, que o repreſenta horrivel, o faz admiravel. A fermoſa variedade das ſuas fórmas na deſconcertada proporçaõ dos montes, na conforme deſuniaõ das prayas, compoem huma taõ igual harmonia de objectos, que naõ ſabem os olhos aonde melhor poſſaõ empregar a viſta.

O ſeu terreſtre Continente.

9 Com inventos notaveis ſahio a natureza na compoſiçaõ do Braſil; já em altas continuadas ſerranîas, já em ſucceſſivos dilatados valles; as mayores porções delle fez fertiliſſimas, algumas inuteis; humas de arvoredos nuas, expoz às luzes do Sol, outras cubertas de eſpeſſas matas, occultou aos ſeus rayos; humas creou com diſpoſições, em que as influencias dos Aſtros achaõ qualidades proporcionadas à compoſiçaõ dos mixtos, outras deixou menos capazes do beneficio das Eſtrellas. Formou dilatadiſſimos campos; huns partidos brandamente por arroyos pequenos, outros utilmente tyrannizados por caudaloſos rios. Fez portentoſas lagoas, humas doces, e outras ſalgadas, navegaveis de embarcações, e abundantes de peixes; eſtupendas grutas, aſperos domicilios de féras; denſos boſques, confuſas congregações de caças, ſendo tambem deſte genero abundantiſſimo

ſimo eſte terreno; no qual a natureza por varias partes depoſitou os ſeus mayores theſouros de finos metaes, e pedras precioſas, e deixou em todo elle o retrato mais vivo, e o mais conſtante teſtemunho daquella eſtupenda, e agradavel variedade, que a faz mais bella.

10 Os montes famoſos deſta Regiaõ, poſto que ſejaõ muitos, e compitaõ em grandeza, ſó dos mais celebres pela altura, pela extenſaõ, e por outras circunſtancias memoraveis, faremos mençaõ. Ao Norte o monte Jaricoacoara, que eſtando aſſentado no continente da terra do Seará, he marco, que muitas legoas ao longe deſcobrem as embarcações, quando navegaõ para as Capitanîas do Norte. No deſtricto de Jagoaribe a famoſa Serra, cujo cume ſe remata com a fórma de Sete-Pães de Aſſucar. A Serra da Borborema, ſita nó Porto dos Touros entre o Cunhaû, e á Paraîba, que correndo com o meſmo nome até a ribeira do Pinhancô, dalli até a Igoapava (em que mais elevada fenece, eſcondendo-ſe entre as nuvens) ſe chama Serra do Araripe. A montanha do Ararobâ, que naſce no continente da terra do Porto do Calvo, e vay com a meſma grande altura cortando por muitas legoas o interior do Certaõ. O monte das Tabocas em Pernambuco, nove legoas da Villa do Recife. As montanhas dos Guararapes, que principiando menos elevadas quatro legoas da meſma Villa, vaõ continuando para o Certaõ com grandiſſima altura, e acabaõ em ſerranîas, que penetraõ os ares; eſtas montanhas, e aquelle

Montes pela parte do Norte.

monte, celebres pelas tres famoſas vitorias, que nelles alcançámos dos Hollandezes em tres ſanguinolentas batalhas campaes.

Montes pela parte do Sul.

11 Para o Sul a cordilheira de montes, que começando na Capitanîa dos Ilheos com o nome de Serras dos Aymorês, e atraveſſando as do Porto Seguro, e do Eſpirito Santo, vaõ por cento e quarenta e tres legoas de curſo acabar na enſeada do rio de Janeiro, onde lhes chamaõ Montes dos Orgãos. No caminho daquella Cidade para as Minas Geraes, a altiſſima Serra da Itatiaya. Nos vaſtos deſtrictos das Minas do Ouro, as inacceſſiveis ſerranîas, de cujas vertentes (dizem os ſeus deſcubridores) naſce o grandiſſimo rio de S. Franciſco. Nas proprias Minas do Sul o opulento Serro Frio, que tem mais partos de ouro, que o Potosî teve de prata. A eſtupenda Serra de Paranâ-Piacaba, que tendo aſſento no continente viſinho às Villas de Santos, e S. Vicente, vay inconſtantemente ſubindo em voltas, humas ſobre o mar, outras para o interior da terra, e dando por algumas partes entrada menos difficil, por outras eſtreito, e fragoſo tranſito para a Cidade de S. Paulo, que lhe fica pelo Certaõ ſete legoas diſtante.

12 Apartado quaſi duas da dita Cidade, o celebre monte Jaragoahî, dos primeiros corpos terrenos, que naquella Regiaõ ſoltaraõ veas de ouro. Junto à Villa de Sorocaba, o monte Marocoyaba, taõ robuſto, que tem de ferro as entranhas. Na Villa de Taubatê, a grande montanha

de

de Itajuba. O alto monte Ayapî, fronteiro à Villa de Parnaîba. Entre ella, e a de Utû, a Serra de Aputerihibû. No caminho das novas Minas do Cuyabâ, a cordilheira dos montes de Iboticatû; e mais ao Sul a do Cochipone. Finalmente, das elevadissimas montanhas da nossa Portugueza America, humas parecem ter aos hombros o Ceo, outras penetrallo com a cabeça. Naõ se jactem só Africa, e Grecia dos seus dous sagrados montes, porque tambem (a menos ostentaçaõ de cultos) tem Atlantes, e Olympos o Brasil.

13 Toda a mayor porçaõ do seu terreno se dilata em grandissimas campanhas razas, taõ estendidas, que caminhando-se muitas legoas succesivas, sempre parece que vaõ terminar nos horizontes. Valles taõ desmedidos, que em larguissimos diametros, he menos difficil abrirlhes os centros, que comprehenderlhes as distancias no comprimento, e largura das suas planicies. Neste dilatadissimo theatro, em que a natureza com tantas, e taõ varias scenas representa a mayor extensaõ da sua grandeza, e apura todos os alentos dos seus primores, regando com portentosos rios amplissimas Provincias, e posto que lhes naõ possamos seguir as correntes, he preciso lhes declaremos os nomes, primeiro aos mais celebres, e depois a outros tambem famosos, quando a elles for chegando a historia.

As suas portentosas campanhas, e valles.

14 O rio das Amasonas, ou Graõ Parâ, que pudera ser pay de todos os rios, como o Oceano he pay de todos os mares, tendo principio lon-

Rios mais famosos desta Regiaõ.

guiſſimo no mais interior ſeyo do Reyno do Perû, com o corpo de eſtupendo vulto, e o tranſito de innumeraveis legoas, por huma boca de oitenta de largo ſe deſentranha no mar, taõ impetuoſo, que transformandolhe as ondas ſalgadas em aguas doces, as bebem os navegantes, ſetenta legoas antes de chegarem à foz. A eſte rio, com o grandiſſimo intervallo de cento e ſeſſenta legoas de coſta, por onde deſembocaõ outros (poſto que inferiores, tambem generoſos rios) ſe ſegue o Maranhaõ, que com immenſo comprimento, e largo corpo, por dezaſete legoas de capacidade de boca, vomita as ſuas aguas no Oceano. Do rio Maranhaõ, em diſtancia de cento e trinta e quatro legoas de coſta, corre o Jaguaribe, tambem caudaloſo. Delle ſe contaõ quarenta legoas ao rio Grande, que leva copioſo tributo ao mar. Do rio Grande, correndo a coſta por cento e vinte e ſete legoas de diſtancia, que comprehende os Cabos de S. Roque, e de Santo Agoſtinho, ha treze rios de groſſos cabedaes, ſendo entre elles o mais rico, e de mais eſtirado naſcimento o Paraîba neſta Provincia, e o Beberibe na de Pernambuco.

15 Diſtante cincoenta legoas por coſta, numeradas deſde o Cabo de Santo Agoſtinho, eſtá o grandiſſimo rio de S. Franciſco, que com o Graõ Pará, e o da Prata, podem fazer hum Triumvirato das aguas, dominante ſobre todos os rios do Mundo. Saõ as ſuas margens mais povoadas, que todas as dos outros do Braſil, ſeguidas as ſuas ribeiras pelo continente, mais de quatrocentas legoas;

goas; fecundiſſimas, e medicinaes as ſuas aguas, navegaveis de embarcações medianas mais de quarenta legoas pelo Certaõ; por duas abre a boca, querendo tragar o mar quando nelle entra, e por muitas o penetra, adoçandolhe as ondas. Enganaraõ-ſe alguns Eſcritores em dizer, que eſte rio no meyo do ſeu curſo, por hum ſumidouro ſe mete na terra, e depois de penetrarlhe as entranhas pela diſtancia de doze legoas, torna a ſahir com a meſma copioſa corrente; ſendo o certo, que eſtreitando-ſe entre duas cordilheiras de montes oppoſtos, e dilatados em todo aquelle eſpaço, parece que ſe ſubterra, em quanto por eſta cauſa ſe eſconde, affirmando os Gentios, que daquellas montanhas he viſto correr pelas ſuas raizes deſcuberto.

16 Deſte portentoſo rio ſe contaõ até a barra da Bahia ſetenta legoas de coſta, em cujo grande eſpaço correm ao mar vinte famoſos rios, ſendo entre elles de mayor grandeza os de Serzipe, Rio Real, e Itapicurû. Da barra da Bahia, correndo as prayas ſeſſenta legoas, eſtá o rio Santa Cruz no Porto Seguro. Neſte intervallo tributaõ copioſas aguas ao Oceano trinta rios, avultando por mais celebres o Taygpe, o Camamû, o Jagoaripe, o das Contas, e o de S. Jorge. Em diſtancia do rio de Santa Cruz, quarenta e cinco legoas, fica o rio Doce, recolhendo as aguas de outros muitos, com que leva groſſo tributo ao mar, ſendo hum dos feudatarios a eſte rio o das Caravellas, tambem notavel.

No

17 No eſpaço de oitenta legoas, que ha do rio Doce a Cabo Frio, correm vinte e quatro rios caudaloſos. Dezoito legoas diſtante de Cabo Frio fica a enſeada do Rio de Janeiro, em que deſembocaõ dezaſete. No intervallo de quarenta e duas legoas, que ſe contaõ della por coſta à barra de S. Vicente, ha trinta rios de puriſſimas aguas. Trinta legoas a diante eſtá o rio Cananéa, com grande foz, e navegavel a todo o genero de embarcações. Em duzentas legoas de coſta, que ha do rio da Cananéa ao da Prata, ſe achaõ vinte grandes rios, ſendo os mayores o de S. Franciſco do Sul, e o dos Patos.

18 Ultimamente ſe ſegue o eſtupendo rio da Prata, mayor que todos, e ſó inferior ao Graõ Pará, ou das Amaſonas: traz o ſeu naſcimento da meſma mãy; e poſto que irmaõ menor, tem o curſo quaſi igualmente dilatado, mas por differente rumo; correndo o das Amaſonas para o Norte, e o da Prata para o Meyodia. Em largura de cincoenta legoas de foz entra pelo Oceano, e outras tantas, antes de o aportarem, vaõ os navegantes bebendo doces as ſuas aguas. Os Eſcritores impropriamente lhe chamaõ tambem Paraguay, ſendo eſte o nome de outro rio, que recolhendo mais dous no ſeu regaço, vay com elles a entranharſe no da Prata, naõ no principio do ſeu naſcimento, mas já no progreſſo do ſeu curſo.

Ilhas mais celebres deſta coſta.

19 No bojo de hum, e na boca de outro ſe vem dous Archipelagos de Ilhas, ſendo menos as

que

que ſe achaõ na diſtancia maritima, que ha de hum a outro; onde as mais celebres ſaõ, a de Itamaracâ, a de Santo Aleixo, a de S. Sebaſtiaõ, a Ilha Grande, e a de Santa Catharina; e por eſta cauſa ſaõ os mares de toda eſta coſta taõ limpos, e navegaveis, pois naõ achaõ os mareantes outros baixos celebres, e dignos de attençaõ para a cautela do perigo, mais que o de S. Roque, o de Vaſa-Barriz em Serzipe, o de Santo Antonio na barra da Bahia, e os Abrolhos.

Baixos de mais nome.

20 Os Rumos da Navegaçaõ pelas coſtas da noſſa America Portugueza de Norte a Sul, e os ventos, com que ſe fazem as viagens para as ſuas alturas, e para os ſeus portos, exporemos, declarando, que de hum grao Auſtral, ſahindo do Graõ Pará para o Sul, nenhuma embarcaçaõ redonda póde navegar as coſtas das ſeis Provincias Maranhaõ, Searâ, Rio Grande, Paraîba, Itamaracâ, e Pernambuco, por correrem violentas as aguas pela coſta abaixo ao Oeſte, e curſarem por ella impetuoſos os ventos Sueſtes, e Les-Sueſtes, cauſa pela qual do Graõ Pará ſe vaõ os navios fazendo na volta do Norte até a altura de dezoito, e vinte graos de latitude pelo Sudueſte, e Oeſte, para dobrarem o Cabo de Santo Agoſtinho, e proſeguirem a viagem para as outras Provincias do Braſil; mas do referido Cabo para o Graõ Pará he perpetua a monçaõ, navegaveis os mares, e os ventos de ſervir ſempre favoraveis.

Rumos da Navegaçaõ pela coſta da noſſa America.

21 No Cabo de Santo Agoſtinho, que eſtá em oito graos, e hum terço, corre a coſta pelo Noro-

Nororoeſte. Delle ao rio de S. Franciſco, que fica em dez graos, e meyo, corre a coſta Nornordeſte Sudueſte. Do rio de S.Franciſco ao Rio Real, que eſtá em onze graos, e hum quarto, o rumo Nordeſte Sudueſte. Do Rio Real à ponta de Itapõa, que eſtá em treze graos, corre Nordeſte Sudueſte. Da ponta da Itapõa à de Santo Antonio da barra da Bahia, que fica na meſma altura, corre a coſta Leſte Oeſte. Da ponta de Santo Antonio ao Morro, que fica em treze graos, e dous terços, corre a coſta Nornordeſte Suſudueſte. Do Morro aos Ilheos, que eſtaõ em quinze graos eſcaſſos, corre Norte Sul. Dos Ilheos ao Porto Seguro, que eſtá em dezaſeis graos, e meyo, corre a coſta o meſmo rumo. Do Porto Seguro aos Abrolhos, que eſtaõ em altura de dezoito graos, e lançaõ ao mar cincoenta e cinco legoas, corre a coſta Norte, e Sul. Dos Abrolhos ao Eſpirito Santo, que eſtá em altura de vinte graos, corre ao Norte quarta de Nordeſte, ao Sul quarta do Sudueſte.

22 Do Eſpirito Santo ao Cabo Frio, que eſtá em vinte e tres graos, vay correndo a coſta até a ponta do Cabo de S. Thomé pelo Sul quarta do Sudueſte, e deſta até o Cabo Frio pelo Sudueſte. Do Cabo Frio até o Rio de Janeiro, que fica na meſma altura de vinte e tres graos, corre a coſta Leſte Oeſte. Do Rio de Janeiro ao Porto de Santos, que eſtá em vinte e quatro graos, corre a coſta a Oes-Sudueſte. De Santos ao rio de S. Franciſco do Sul, que eſtá em altura de vinte e ſeis graos, e dous

e dous terços, vay correndo a costa pelo Sudueste quarta do Sul. Delle à Ilha de Santa Catharina, cuja altura saõ vinte e oito graos, e meyo, corre ao Sudueste quarta do Sul. Da dita Ilha ao rio da Lagoa, que está em altura de trinta e dous graos, corre a costa pelo Sudueste guinando para o Sul. Dalli ao Cabo de Santa Maria, que fica em altura de trinta e cinco graos, corre-se a costa ao Sudueste.

Diversos movimentos do Oceano pelas mesmas Costas.

23 Tem o Oceano nestas costas diverso movimento, e curso no circulo do anno, porque do Cabo de Santo Agostinho correm as aguas para o Sul desde vinte de Outubro até vinte de Janeiro; de vinte de Janeiro até vinte de Abril, estaõ indifferentes no curso; de vinte de Abril até vinte de Julho, correm para o Norte; e de vinte de Julho até vinte de Outubro, se mostraõ outra vez como indeclinaveis: porém do Cabo de Santo Agostinho até o rio das Amasonas, tem sempre huma mesma arrebatada corrente por toda aquella costa para Loeste até o Graõ Pará. A razaõ natural desta variedade he, porque como o Sol fere com perpendiculares rayos os mares da Torrida Zona, e o seu calor consome grande porçaõ das aguas do Oceano Atlantico, e Ethiopico, convertendo humas em nuvens, e attenuando outras em ar, dispoz a próvida natureza, que o Oceano Boreal transforme com o seu humido temperamento em si o ar visinho, e conceba hum continuo augmento de aguas, que correndo para o Sul (como as que o Oceano Aus-

Causa desta variedade.

C tral

tral participa da Zona Frigida , correm para o Norte) ſe conformem ambos para a conſervaçaõ do todo , ſupprindo hum , e outro Oceano com as ſuas aguas, as que na Zona Torrida ſe conſomem.

24 Viſta já, poſto que em ſombras, a pintura do corpo natural deſta Regiaõ, a benevolencia do ſeu clima , a fermoſura dos ſeus Aſtros , a diſtancia das ſuas coſtas, o curſo da ſua navegaçaõ, o movimento dos ſeus mares, objectos, que mereciaõ mais vivos, e dilatados raſcunhos; moſtraremos tambem em bruteſco breve, as ſuas producções, frutos, plantas, lavouras, e manufacturas, com que os Portuguezes foraõ fazendo grandes os intereſſes do ſeu commercio, e as delicias das ſuas Povoações, e outras arvores, flores, e frutas eſtrangeiras, que com o tempo lhes introduziraõ, recebendo-as a terra para as produzir taõ copioſamente, que bem moſtra, que ſó donde naõ he cultivada, deixa de ſer profuſa : exporemos o mimo dos ſeus mariſcos , o regalo dos ſeus peſcados , e a riqueza das ſuas peſcarias; de tudo daremos breve , mas diſtinta noticia.

Planta da cana.

25 A cana (planta commua a toda a America Portugueza) ſe cultiva em ſitios proprios para a ſua producçaõ, que ſe chamaõ Maſſapês; huns em terra firme, outros em Ilhas. Eſtendida, ſe mete na terra, e della vaõ brotando olhos, que creſcendo entre as ſuas folhas , parecem à viſta cearas de trigo. Quando eſtaõ ſazonadas, e pelo conhe-

conhecimento dos Lavradores perfeitas, de dezoito mezes nos continentes, e de hum anno nas Ilhas, ſe cortaõ, e levaõ para os Engenhos, onde eſprimidas em inſtrumentos, que chamaõ Moendas, humas, que movem correntes de aguas, outras gyros de cavallos, ſe derretem em dociſſimo ſucco, que cahindo liquido, vay correndo por aqueductos de pao a huma grande taxa, chamada Parol, e metida na terra, de donde em taças pequenas de cobre, prezas por cadeas de ferro, o ſobem para o botar nas caldeiras, em que ſe coze; em fervendo, lhe lançaõ huma agua de certa qualidade de cinza, que nomeaõ decoada, e poſto no ponto neceſſario, o paſſaõ a vaſilhas de barro pyramidaes, que chamaõ Formas, e cubertas de barro as ſuas circulares bocas, depois de quarenta dias, que nellas ſe eſtá purificando o aſſucar, ſe poem hum dia ao Sol, e ſe mete nas caixas.

Manufactura do aſſucar.

26 O pezo do aſſucar, aſſim branco, como maſcavado, que ſe tira de cada huma deſtas formas, ſendo todas feitas quaſi por huma medida nas ſuas officinas, he diverſo nos Engenhos; porque as canas, que ſe moem proprias, ou obrigadas, e ſe cultivaõ em terras de maſſapê mais legitimo, ou ſe plantaõ de novo em outras menos cançadas, e mais diſtantes das prayas (cauſa porque lhes chamaõ propriedades do mato, por differença das outras, que ſe dizem de beira mar) ſaõ mayores no comprimento, groſſura, e diſtancia dos nós, e tem mais ſucco, que as outras,

que naſcem em terrenos já de muitos annos cultivados, como ſaõ todas as Fazendas, que ficaõ perto dos rios, e pela ſua viſinhança, e commodidade dos ſeus portos, foraõ as primeiras, que ſe fabricaraõ, e já por antigas ſaõ hoje menos rendoſas, carecendo as canas de mais trabalho para creſcerem, pela muita herva, que naquelles lugares as ſuffoca, (como a zizania ao trigo) ſe naõ ha continuo cuidado em as alimpar, naõ ſendo às novas Fazendas do mato neceſſarias tantas limpas; e tambem conſiſte o rendimento, e bondade do aſſucar nos Meſtres delle, que aſſiſtem às caldeiras, os quaes devem ter grandes experiencias, para o cozer, e pôr no ponto da mayor perfeiçaõ.

27 Nos Engenhos, em que concorrem as referidas qualidades, circunſtancias, e beneficios, dá cada forma tres arrobas, e tres e meya de branco, huma, ou meya de maſcavado: havendo Engenhos, que fazem tres mil, tres mil e quinhentos, e quatro mil pães dos declarados pezos; e moradores, que tem dous, tres, e quatro Engenhos moentes, para cujas fabricas fazem groſſas deſpezas, principalmente no tempo preſente, em que pelo deſcubrimento, e lavra das Minas, que levaõ muitos eſcravos, tem creſcido o valor delles a exceſſivo preço, e a eſte reſpeito os outros generos neceſſarios para a cultura do aſſucar; e a naõ haver eſte deſconto, ſeriaõ os Senhores dos Engenhos os Vaſſallos de mayores rendas, e os mais opulentos de toda a Coroa Portugueza.

Saõ

28 Saõ copiosos os melles, que as formas botaõ, quando depois de congelado o assucar, lhes tiraõ pelo fundo, em que tem hum furo, as folhas com que as tapaõ, quando lho lançaõ liquido; e no tempo em que se está purificando, destila os referidos melles, os quaes se os Senhores dos Engenhos os querem cozer, tem outras officinas para este fim, e com novo beneficio, e arte, fazem outra qualidade de assucar, que chamaõ batido, assim branco, como mascavado, na côr, e apparencia como o outro, mas na doçura, e substancia diverso, porque duas arrobas de branco batido, naõ fazem o effeito de huma de branco fino, e a mesma differença ha entre hum, e outro mascavado.

Manufacturas dos assucares batidos.

29 Tambem este genero de assucar destila outra especie de mel, que chamaõ remel, do qual se fazem outras manufacturas: quando os Senhores dos Engenhos naõ querem usar destes inferiores generos de assucar, vendem os melles aos fabricadores das aguas ardentes, que em pipas, e toneis os levaõ para as suas officinas, onde tendo-os algum tempo em certa infusaõ, os poem a cozer em lambiques, cuja destilaçaõ he agua ardente, de que consta a mayor parte da carga das embarcaçoes, que navegaõ para a costa de Africa a buscar escravos, e se gasta por elles, e pela plebe do Brasil em lugar das do Reyno.

Das aguas ardentes da terra.

30 O tabaco, planta, que sendo por muitas qualidades chamada herva Santa, o luxo dos homens lhe faz degenerar em vicios as virtudes, he

Planta do tabaco.

he taõ melindroſa, que na ſua creaçaõ qualquer accidente a deſtroe, aſſim como no ſeu uſo qualquer ſopro a deſvanece. Cultiva-ſe ſó nas Capitanîas do Norte; ſemea-ſe em Mayo, e naſcida, a transplantaõ; o muito Sol a queima, e a demaſiada chuva a apodrece; creſce cega, porque lhe tiraõ os olhos; he ſogeita com exceſſo à lagarta, e ao moſquito; naõ tem ramos, ſó lança folhas, mas em cada pé naõ paſſaõ de doze; a ſua colheita he de Agoſto até Fevereiro; quando eſtá ſazonada, ſe lhe fazem amarellas as folhas; as que vaõ declinando, ſe vaõ colhendo, e guardando em caſas de palha, feitas em proporçaõ à grandeza do ſitio, em que a ſemeaõ: tiraſelhe o talo, e no ſeu beneficio, deſde que a começaõ a trocer até a ſua ultima perfeiçaõ, paſſa pelas mãos doze vezes, e no pezo conveniente ſe fazem os rollos, que cobrem de couro em cabello, para ſe embarcarem.

Sua manufactura.

Segunda folha chamada Soca.

31 Eſta planta dá duas folhas, a ſegunda chamaõ Soca. A ſua bondade, e perfeiçaõ procede naõ ſó da qualidade do terreno, em que a cultivaõ, da proporçaõ, ou compoſtura com que o tempo (vario nas meſmas naturaes Eſtações do clima) ſe differença, e moſtra deſigual; porém do beneficio, que ſe lhe applica, da arte com que ſe coxa, e troce, algum à maõ, outro com engenhos, (donde he menos o trabalho, e ſahe mais perfeita a obra) algumas vezes de mil pés ſe colhem nove, ou dez arrobas, ſendo eſta a mayor grandeza, a que chega a ſua liberalidade: mas a produc-

producçaõ commua de cada mil pés he ſete, até oito arrobas, entrando neſte numero a primeira folha, e a ſegunda da Soca: eſta ſe colhe em dous mezes, e acontece às vezes ſer melhor, e mais abundante.

32 Os ſeus Lavradores neceſſariamente tem curraes de gado, para lhe fecundarem as terras deſta cultura com o meſmo, que haõ miſter as hortas para produzirem as plantas: ha deſtes Agricultores alguns, que tem tantos ſitios deſta lavoura, taes fabricas de eſcravos, e officinas, que recolhem cada anno tres mil e quinhentas, ou quatro mil arrobas, quando os accidentes do tempo, ou falta do cuidado, e beneficio, lhe naõ diminuem o ſeu coſtumado rendimento.

33 As Capitanîas do Norte carecem de farinha de trigo, de que abundaõ algumas do Sul, mas a commum, e geral em todas he a da mandioca. Eſta ſe planta com huns ramos, ou garfos, que em qualquer tempo (excepto nos mezes de Abril, Mayo, e Junho, que ſaõ os do mais rigoroſo Inverno no Braſil) ſe metem na terra, chamados Manaîbas, os quaes lançaõ groſſas raizes, que aos doze, até os dezaſeis mezes (confórme os ſitios em que ſe cultivaõ, de mais, ou menos ſympatia com eſta planta) as arrancaõ, e ralaõ em huma fórma de engenho, que chamaõ Bolandeira, e eſpremem em inſtrumentos de palha, que nomeaõ Tapitîs, e logo a cozem em alguidares de barro, ou de cobre, e fazem farinha dos generos, e nomes, que diremos, e humas delgadas,

Planta da mandioca.

Sua manufactura.

gadas, e tenues fatias, que ſupprem o paõ, com o nome de beijuz.

34 Das meſmas raîzes lançadas de molho, ſe faz a mandioca-puba; e poſtas ao Sol, a carimâ, ambas ſubſtancialiſſimas, e com virtudes para remedio de muitas enfermidades. Da agua, que ſahe dos tapitîs, coada, e poſta ao Sol, ſe faz a farinha, que chamaõ de tapioca, e goma ſelecta, a melhor materia para os polvilhos das cabelleiras. Da mandioca, que depois de poſta em molho chamaõ puba, feitos huns bollos cozidos, e depois ralados, ſe fazem farinhas, que ſovadas, e amaſſadas em fórma de pães, e de fatias de biſcouto, e cozidos em fórnos, ſahem com admiravel goſto, o meſmo feitio, e perfeiçaõ, que os de trigo.

Generos de farinha.

35 Eſta farinha ſe faz de varios modos, freſca, que dura ſó dous dias, e he de mayor regalo; fina, de que ſe uſa nas meſas com diverſos nomes, huma de pitanga, outra de tapioca, e a que ſe chama de guerra, que he o paõ de muniçaõ dos Soldados, ſuſtento da gente vulgar. Todas, excepto a primeira, ſahindo do fogo bem cozidas, e guardadas em partes ſecas, duraõ hum anno com o proprio goſto; e ſeis mezes os beijuz, que ſempre ſe fazem de farinha fina. Das Villas do Cayrû, Camamû, Boypeba, e rio das Contas, vem em compridos fardos de palha, chamados Sirios, e lançaõ ſeis quartas, e meya, e ſete quartas cada hum.

36 A mais, que ſe lavra em differentes partes,

tes, ſe conduz em ſacos, ou ſolta nas embarcações. As circunſtancias mais notaveis deſtas raîzes, ſaõ duas; a primeira, eſtarem dous, e tres annos metidas na terra, ſem apodrecerem, quando aos ſeus Agricultores parece, que em as dilatar, podem conſeguir mayores intereſſes; a ſegunda, ſerem refinado veneno antes de lançadas de molho, e utiliſſimo ſuſtento depois de beneficiadas. Ha Lavradores taõ poderoſos, que dos ſirios fazem cada anno dous mil e quinhentos, e da que ſe vende ſolta, mais de tres mil alqueires.

Raîzes de Aypîs, e ſeus generos.

37 Outras raîzes ha do meſmo genero, e feitio, mas de diverſa qualidade, que ſe chamaõ Aypîs, de quatro eſpecies, aſſû, branco, preto, e poxâ: de todas ſe fazem por varios modos agradaveis guizados; aſſadas tem o meſmo ſabor, que as caſtanhas de Portugal, e nas olhas ſe aſſemelhaõ aos nabos. He tradiçaõ entre os Gentios, que todas as referidas raîzes, a fórma da ſua cultura, e do ſeu uſo, lhes deixara aquelle Varaõ, cuja doutrina naõ quizeraõ receber, e a quem fizeraõ auſentar de todo o Braſil, que foy o glorioſo Apoſtolo S. Thomé, como logo moſtraremos.

Producçaõ do arroz.

38 He immenſa no Braſil a producçaõ do arroz, igual na bondade ao de Heſpanha, ao de Italia, e melhor que o da Aſia, e pudera ſervir de paõ, como na India, ſe em o noſſo Clima ſe naõ accommodaraõ os corpos mais à farinha da mandioca, que melhor os nutre; porém continuamente ſe uſa delle por regalo, aſſim guizado em muitas

D vian-

viandas, como em outros varios compoſtos. Na Provincia da Bahia os alqueires, que ſe colhem, naõ tem numero; ſaõ tantos nas dos Ilheos, e do Porto Seguro, que ſahe para varias partes em ſirios, como a farinha. Eſte graõ tem circunſtancia maravilhoſa na do Pará, porque penetrados aquelles Certoens, ſe experimentou, que os ſeus naturaes o colhem ſem o ſemearem, produzindo-o naturalmente a terra em dilatadiſſimos brejâes, com abundancia, e ſem cultura; mas naõ ſó para a parte do Norte ſe acha eſta ſingularidade, porque pela do Sul, muito além de S. Paulo, nas novas Minas do Cuyabâ ſe vio o arroz produzido na meſma fórma, e o graõ mayor que todos os deſte genero.

De outros varios grãos, e legumes.

39 De outros grãos, e legumes produz a noſſa America em quantidade trigo, feijaõ, milho, favas, algumas hervilhas do Reyno, anduzes, como ellas na fórma, e melhores no goſto, mangallôs, mendubîs, gerzilim, gengibre, do qual ſe faz util conſerva, e ſerve de ſimples em varios mixtos de doces, e de guizados; batatas, inhames, geremûs, carazes brancos, roxos, e de outras cores, e caſtas, mangarâs, mangaritos, tamataranas, remedio inſigne para os enfermos de eſtilicidio, e aſma. Dos incultos dá em abundancia, pinhoens, ſapucayas, caſtanhas de caijû, que eſtando maduras, ſe comem aſſadas, e ſe confeitaõ como as amendoas, das quaes tem o goſto, e ſupprem a falta em varias eſpecies de doces, ſaboroſos por extremo, e quando eſtaõ verdes ſe chamaõ mutorîs,

rîs, e delles ſe fazem excellentes guizados, e compoſtos regalados.

40 Das hervas naturaes comeſtiveis ſaõ principaes os quiabos, os gilôs, e os maxixeres, as largas tayobas, a peitoral maniçoba, que ſe guiza das folhas da mandioca, as cheiroſas pimentas de muitas eſpecies, e cores, que ſervem ao goſto, ao olfato, e à viſta. Das hortalices da Europa ha no Braſil alfaces, couves de varias caſtas, repolhos, nabos, rabãos, ſinouras, pepinos, eſpinafres, aboboras de agua, cebollas, alhos, cardos, bredos, moſtarda, tomates, e beldroegas. Das hervas cheiroſas hortelãa, ſegurelha, poejo, coentro, funcho, ſalſa, mangerona, endro, mangericaõ, alecrim, arruda, e loſna. Das medicinaes, canafiſtula, tamarindos, gelapa, ſalſa parrilha, filipodio, pao da China, malvas, tançagem, ſene, a que os naturaes chamaõ Tacumburî.

Hervas comeſtiveis naturaes.

Hervas hortenſes eſtrangeiras.

Cheiroſas.

Medicinaes.

41 As outras hervas naturaes ſaõ innumeraveis, e taõ activa a virtude de algumas, que ſe alcançaraõ a noticia, e experiencia dellas Dioſcorides, e Plinio, ſeriaõ o mayor emprego das ſuas pennas, e obſervações. O conhecimento dos ſeus effeitos nos occultaraõ ſempre os Gentios, tenazes do ſegredo, e avaros dos bens, que lhes concedeo a natureza; porém de alguns mais domeſticos, e da experiencia, que a falta dos outros remedios deu aos penetradores dos Certoens, onde naõ haviaõ boticas, nem medicinas, ſe veyo a conhecer a ſua força, e a exercer a ſua pratica.

Raras virtudes de outras hervas naturaes.

42 As mais celebres ſaõ a ſambambaya, que

Suas eſpecies.

ſolda todas as quebraduras, a capeba, que desfaz todos os apoſtemas, a herva de leite, que alimpa de todas as belidas, e nevoas aos olhos, o mata paſto, que tira as febres, a caroba, que tira as boubas, o ananaz, que expulſa a pedra, o coroatâ, que arroja as lombrigas, a buta, que conforta os eſtomagos, e expelle as dores de cabeça, o mil-homens, para mil enfermidades, e outras para varias queixas, ou tomadas em potagens, ou poſtas como remedios topicos: ha tambem herva de rato para matar, e tanharôn para attrahir: outras libidinoſas, que provocaõ a laſcivia, das quaes he mais conveniente occultar a noticia, e callar os nomes.

Duas hervas notaveis.

43 Duas portentoſas hervas ha, que merecem particular narraçaõ: huma he a que chamaõ Senſivel, porque parece ter naõ ſó a natureza vegetativa das plantas, mas tambem a ſenſitiva dos animaes; porque no proprio inſtante em que a tocaõ, murcha todas as ſuas folhas, e naõ as torna a abrir, até que ſenaõ auſenta a peſſoa, que pondolhe a maõ, a offendeo, ou a violou; tem em ſi meſma (como a vibora) a peçonha, e a triaga, na folha o veneno, e o antidoto na raiz.

44 A outra, com effeito diverſo, he tambem notavel; o nome ſe ignora, e a virtude ſe vio na Aldea da Natuba, quarenta legoas diſtante da Cidade da Bahia, e a naõ ſer taõ authorizada, e fidedigna a peſſoa, que como teſtemunha de viſta o depoz, o naõ eſcreveramos. Achou a hum Gentio já domeſtico, e Chriſtaõ fazendo certo inſtru-

inſtrumento de ferro, que pela efficacia de huma herva, que lhe applicara, o fez taõ brando, que o cortava como a qualquer fruta; e offerecendo premios ao Indio, para que lhe moſtraſſe a folha, os reputou em menos, que o ſegredo, naõ lho querendo revelar; e ſeria provavel, que teria outra folha de contraria virtude para o ſolidar, pois na brandura, em que eſtava, lhe naõ ſervia para o inſtrumento, que diſpunha.

45 As flores eſtrangeiras, que ha neſta Regiaõ em abundancia grande, ſaõ roſas de Alexandria, e de Portugal, que daõ em todo o curſo do anno, e de huma ſe faz já aſſucar roſado maravilhoſo; cravos de Arrochella, meſclados, Almirantes, e vermelhos; jamins de Italia, e Gallegos em copia exceſſiva; moſquetas, tulipas, angelicas, aſſucenas, maravilhas, poſto que adulteradas, macellas, giraſoes, lirios, caracoes, e eſponjas, que chamaõ Corona-Chriſti, ſuſpiros, mayores que as perpetuas, porém ſemelhantes a ellas na figura, na folha, e na duraçaõ, a côr he entre roxo, e carmezi, com humas miudas reſpirações brancas no diametro da ſua breve circunferencia: trouxeraõ-ſe da India Oriental, e no ſeu nome bem moſtraõ ſerem de longe; mugarins fragrantiſſimos, claros como eſtrellas, tambem da Aſia, muſambîs, que naſcem ſó nos fins dos ramos, que a ſuá arvore lança, formando pyramides, compoſtas de flores toſtadas, amarellas, e brancas, ſaõ oriundas de Cabo Verde.

Flores eſtrangeiras.

46 Das naturaes ha muitas admiraveis, ſendo

Flores naturaes.

do a primeira a do maracujâ, myſterioſo parto da natureza, que das meſmas partes, de que compoz a flor, lhe formou os inſtrumentos da Sagrada Paixaõ, fazendolhe nas folhas cumuladas ao pé o Calvario, em outras peſſas a Columna, os tres Cravos, a Coroa de eſpinhos, e pendentes em cinco braços, que com igual proporçaõ ſe abrem da Columna para a circunferencia, as cinco Chagas, de cada tres, com attençaõ, ſe fórma a Cruz, e no ramo em que ſe prende o pé, ſe vê a Lança.

47 Outra he o methamorfoſi das flores, ſenaõ na ſubſtancia, nos accidentes, roſa mayor que a de Alexandria, que trajando na manhãa de branco, ſe vay córando, e diſpondo ao meyo dia para veſtir purpura de tarde, naſcendo neve, e acabando nacar; he produzida de huma arvore pequena de grande copa, e folhas largas. Outras ha, que ſe chamaõ Flores de S. Joaõ, por começarem hum mez antes do ſeu dia, das quaes ſe matizaõ as ſuas capellas; naſcem de huma arvore de mediana eſtatura, e copa, cujos ramos remataõ em tal profuſaõ de gemadas flores, que parecem cachos de ouro em folhagens de eſmeralda: da propria côr dourada outras roſas pequenas, que parecem maravilhas, de innumeraveis, e creſpas folhas.

48 O vulgo immenſo de boninas de muitas caſtas, roxas, e brancas, que dormem de dia, e deſpertaõ à noite, com taõ melindroſo ſer, como debil ſuavidade. As flores da Quareſma, por virem naquelle tempo, azues, e em fórma de pyramides, com as quaes ſe ornaõ os Altares. Os jaſmins

mins miudos, e vermelhos, mas em tal copia produzidos por entre as eſtreitas folhas das brandas varas, em que naſcem, que enredando-ſe por qualquer tronco, ou edificio, o fazem huma confuſaõ verde, ou hum encarnado labyrintho. As aſſucenas, que imitaõ no tronco, e na folha às de Europa, humas brancas com cheiro, outras ſem fragrancia nacaradas, os bredos namorados de muitas caſtas, com folhas de varias cores. As flores da courana miudas, e ſuaves.

49 Das frutas eſtrangeiras logra o Braſil pecegos, peros, marmelos, peras, e açafraõ nas Capitanîas do Sul; porém em todas ſe daõ figos de duas caſtas, excellentes ambas, romãas admiraveis, perfeitas uvas moſcateis de Jeſus, ferraes, e baſtardos, cujas cepas, e vides produzem duas, e tres vezes no anno. Melancias ſelectas, regalados melões; e em ſummo grao fermoſas, e deleitaveis todas as frutas, que ſe chamaõ de eſpinho, excedendo às que deſte genero ha em Europa. Mangas da Aſia em grande numero, e perfeiçaõ, de que já ſe fazem precioſos doces.

Frutas eſtrangeiras.

50 Das naturaes cultas ha infinitas, ſendo primeira o ananaz, que como a Rey de todas, a coroou a natureza com diadema das ſuas meſmas folhas, as quaes em circulo lhe cingem a cabeça, e o rodeou de eſpinhos, que como archeiros o guardaõ. As outras ſaõ as fragrantes pitombas, como pequenas gemas de ovos: as pitangas, do meſmo tamanho, mas golpeadas em gomos, humas roxas, outras vermelhas, todas freſcas, e refrige-

Frutas naturaes cultas.

frigerantes dos calores da febre. Os maracujâs cordealiſſimos de cinco eſpecies, mas de huma ſó qualidade, de cujo ſucco ſe fazem delicioſos ſorvetes, e da caſca perfeitas conſervas. Os araçazes, tambem de cinco caſtas, dos quaes os perinhos, e merins ſe daõ aos enfermos, e de todos ſe fazem prezados doces com o nome de marmeladas, taõ finas, e ſelectas como as do Reyno, todas muy brancas, e ſó as das goayabas carmezins, côr da ſua maſſa.

51 Ha cocos de outros tantos generos, cuja agua he ſuave, e freſca: da fruta ſe fazem ſaboroſos doces, e mimoſos guizados. Frutas do Conde grandes, e delicioſas. Bananas de dous generos, que ſervem de regalo, e por muitos modos, de mantimento, na falta da farinha, e aſſadas ſaõ melhores, que as maçãas camoezas: pelo ſeu regalo, cheiro, e fermoſura, ſe póde preſumir foy o pomo, com que a ſerpente tentou no Paraiſo a noſſos primeiros Pays, podendo tambem o comprimento, e largura das ſuas folhas perſuadir foraõ as de que elles ſe cobriraõ, das quaes podiaõ cortar grandes roupas.

52 As frutas ſilveſtres ſaõ muitas, e entre ellas as de melhor ſabor, e mais nome, as mangabas, que ſazonadas excedem a muitas, e em conſerva nenhuma as iguala, ſuaves no cheiro, e agradaveis à viſta, de huma parte vermelhas, amarellas de outra: os mocujês, como ellas na maſſa, no goſto, e na fórma, porém differentes na côr, entre verde, e pardo; cortaſelhe a arvore para

para ſe colherem. Os areticûs-apês, os mamões, os moricîs, os caijûs, que tem outro fruto de differente qualidade na caſtanha, de que já fallámos, aquelles freſcos, e eſtas quentes; os cajâs, e os janipapos, excellentes confortativos para o eſtomago: deſtas duas ultimas ſe fazem tambem excellentes doces, e os Gentios tiraõ dellas os ſeus mais generoſos vinhos. De outras agradaveis, poſto que de inferior eſtimaçaõ, ſe achaõ cubertas as brenhas, e matos do Braſil, tendo neſta multidaõ muito lugar a jabotecaba, e o umbu, o qual no Certaõ ſuppre com a copia do ſucco a falta da agua.

53 Das plantas, e arvores precioſas logra a noſſa America o cravo; naſce de huma arvore, em que ſe achaõ cravo, pimenta, e canella; cravo na flor, pimenta no fruto, e canella na caſca, porém eſtas tres producções tem a meſma acrimonia, ſabor, e cheiro ſó do cravo da India, de que todas tomaõ o nome. A canella em ſua propria eſpecie, que veyo da Aſia ao Braſil por ordem Real ha poucos annos, ſe colhe de huma arvore na altura grande, fermoſa na copa, eſtendida nos ramos, de folhas compridas; dellas ha já no Braſil taõ grande numero, que abunda deſta eſpecieria, a qual ſuppre dignamente à de Ceilaõ por todos eſtes Paizes, e ſe envia muita a Portugal.

Plantas do cacao.

54 O cacao, cujo fruto naõ tem flor, he arvore de mediana altura, de ramos muy apartados do tronco: naſce o pomo todas as Luas, ſendo

mais perfeitos os do Veraõ; tem a fórma de hum pequeno melaõ, a côr amarella, ſuave o cheiro, e dentro humas poucas pevides menores, que as amendoas, mas do meſmo feitio, que ſaõ o que propriamente chamaõ Cacao, e daõ o nome à arvore, e ao pomo: a polpa deſte, desfeita em licor ſuave, ſerve de regalado vinho aos naturaes; as amendoas, ou pevides ſecas ao Sol, he a materia principal do chocolate: produzem em terras humidas, e alagadiças; ſemeaõ-ſe os grãos freſcos, porque ſecos naõ naſcem, e os troncos ſe vaõ diſpondo em fórma de bem ordenados pomares: o beneficio he mais facil aos que cultivaõ as arvores, que o reſguardo dos frutos ſempre combatidos, e penetrados dos paſſaros.

Planta da bahinilha.

55 A bahinilha naſce em humas delgadas varas, a que no idioma dos naturaes chamaõ Sipôs, compridas, ſempre verdes, e cheas de apartados nós, com ſó duas folhas em cada hum; brotaõ humas bahinhas do comprimento, e groſſura de paos de lacre; eſtando ſazonadas, ficaõ negras; o miolho he cheo de huns grãos muy pequenos, com ſucco, que parece oleo, e cheiro frangrantiſſimo, ſendo o primeiro ingrediente do chocolate.

Do anil.

Do algodaõ.

O anil, pobre de tronco, de humilde folha muy miuda, naſce pelas brenhas. Do algodaõ ha infinita copia, que ſe fabrîca em muitos teares, dos quaes ſahem innumeraveis peſſas de pano, que tem uſo para varias couſas, e da meſma materia ſe fazem groſſas, mas viſtoſas obras; porém nas redes para as ſerpentinas ſe apuraõ os ſeus fabricadores,

cadores, lavrando-as com primorosas pinturas, de muitas cores agradavelmente matizadas. O urucû nasce de arvores pequenas, o fruto he do tamanho, e feitio de huma lima mais pyramidal, tem huns grãos negros engastados em huma massa de escarlata, he admiravel tinta nacarada, que se compra em Europa por muito preço. A tarajuba he raiz de hum incorruptivel tronco; tiraraõ della os Hollandezes grandes interesses com a preciosa tinta amarella, que faz, e do pao Brasil todas as Nações do Norte para muitas de tantas cores, como as suas engenhosas artes sabem fazer delle.

Tinta do urucû.

Da tarajuba.

Do pao Brasil.

56 O balsamo he distilaçaõ fragrante de robustas arvores, que por muitos espaços de distancia respiraõ suavidades; saõ cinzentas, e tem a folha semelhante às do mirtho, muy altas, copadas, e tantas, que formando densas matas deste aroma, occupaõ successivas legoas de terreno, sendo em huns lugares melhor o seu licor, que em outros, e no seu genero, o mais perfeito do Mundo; provocado de qualquer golpe, que pelas Luas lhes daõ nos troncos, corre em tanta copia, que em nenhuma parte da Palestina se colhe em mais abundancia: fazem delle, com outros ingredientes, admiraveis obras de contas, caixas, e pessas maravilhosas, taõ agradaveis à vista, como ao olfato: he medicinal para muitas enfermidades, prodigioso na cura das feridas, tem sympathia com o cerebro, e com o ventre, e muitas outras virtudes.

Do balsamo.

57 Ha outro genero destas arvores da mes-

ma côr, e grandeza, mas differentes na qualidade, e brotaõ dos troncos oleo menos ſuave, mas tambem cheiroſo, que chamaõ cupaûba, igualmente proveitoſo para muitos achaques, dores, e feridas, preſervando-as de eſpamos, e curando-as mais brevemente, que os unguentos da Cirurgia, e para as pinturas tem o meſmo effeito, que o de linhaça. As bicuîbas ſaõ arvores tambem grandes, cujos frutos parecem nozes, como as noſcadas; o ſeu miolo pizado diſtilla hum oleo finiſſimo, que ſe applica às dores, e curas gallicas com maravilhoſo effeito. Ha outra caſta de arvores de menos altura, e ramos, que brotaõ perſeita almecega, goma activa para emplaſtos nos peitos, partes rendidas, e carnes quebradas, com outras virtudes para remedios de muitos males.

Do cupaûba.

Da bicuîba.

Da almecega.

Das madeiras.

58 As madeiras pela fermoſura, preço, grandeza, e incorruptibilidade ſaõ as melhores do Mundo. Seja a primeira aquelle pao, que deu o nome a eſta opulenta Regiaõ, e concorreo para o ſeu commercio, e grandeza deſde o ſeu deſcubrimento, ſendo appetecido, e ſollicitado de tantas Nações. Logo o jacarandâ, igual na eſtimaçaõ, e luzimento ao evano, com a ventagem das ondas pardas, que o fazem mais viſtoſo. O ſalſafraz, que além do luſtre, e ſuave cheiro, tem virtude para curar muitas enfermidades, cauſa porque ſe lavraõ delle muitos pucaros, e copos. O violete, admiravel pelas aguas roxas, que parecem roubadas às mais finas amatiſtas. O pequiâ, da côr do mais peregrino amarello, e ſerve de

tauxiar

tauxiar as obras das outras madeiras, que com elle ſe matizaõ; e o vinhatico, luzente, e dourado.

59 Os incorruptiveis paos vermelhos, angelins, cedros, jataypevas, e maçarandubas; os potumujûs, ſupopiras, e adernos acaſtanhados; as claraîbas, os louros, tapinhôas, os bacurîs, guabiranas, e jandirobas, o pao ferro, o de arco, o da ſapocaya, e outros troncos das meſmas qualidades, e varias cores, taõ groſſos, que delles ſe lavraõ as embarcações inteiriças, que chamaõ Canoas; e no Pará, Maranhaõ, e Ceará, ſe dizem de viagem inteira, que tem dezaſeis, e vinte palmos de diametro; carregaõ cincoenta, e ſeſſenta caixas de aſſucar de quarenta arrobas cada huma, e levaõ vinte, e vinte e quatro remos por banda: de outros paos, poſto que inferiores, tambem grandes, ſe lavraõ capaciſſimas canoas de muita carga, em tanto numero, que dellas eſtaõ cheas todas as prayas.

Paos portentoſos.

60 Os irracionaes viventes ſenſitivos, que ſe criaõ neſtes campos, boſques, e montanhas, ſaõ incomparaveis em grandeza, numero, e eſpecies. Do gado, que chamamos mayor, he tanta a quantidade, que nos campos, que jazem entre Parnagóa, e o rio da Prata, andaõ ſem dono, e ſem cultura, e os vaõ matar, ſó por lhe tirarem os couros; da carne ſe naõ faz caſo: nas outras partes do Braſil he tanto, que antes de ſe deſcubrirem as Minas de ouro, para cujos numeroſos Povos vaõ innumeraveis cabeças, valia cortado nos açougues ordinariamente, a cento e ſeſſenta, e du-

Do gado mayor.

e duzentos reis a arroba, em muitas occaſioens a oitenta, e a cem reis, e ſó quando as ſécas dos certoens, ou as enchentes dos rios lhe cauſaõ prejuizo, ou lhe impedem o tranſito, deixa de abundar nas Povoações com o referido exceſſo; ſendo alguns deſtes animaes de tanta grandeza, que peza cada hum vinte, e vinte e quatro arrobas.

61 Em algumas partes do Paiz de S. Paulo ha gado vacûm de tal qualidade, que deixando de paſcer a herva abundante, que produz aquelle terreno, ſe ſuſtenta ſó da terra, a qual tem tal ſympathia, ou propriedade para o engordar, e lhe fazer goſtoſa a carne, que entre todas as deſte genero, por aquella Regiaõ, he a mais ſaboroſa, e appetecida, e as rezes tamanhas, que as naõ igualaõ as outras na grandeza, e pezo, em prova de que a terra, de que ſe mantém, as nutre com ventagem às mais, que ſe criaõ com o paſto commum a todos os animaes, dos quaes vem a ficar differentes na ſingularidade do alimento.

Do menor.

62 Do menor he grande a criaçaõ, porque naõ ha morador dos termos, ou reconcavos, que o deixe de ter em tanto numero, quanto lhe baſte para o ſeu regalo, e para o ſeu intereſſe, mandando-ſe buſcar das Povoações para comida, mimos, e matolotagens. Saõ excellentes os capados, que ſe ſuſtentaõ, e criaõ com a mandioca, e alguns chegaõ a ter de pezo doze, e quatorze arrobas: tenriſſimos os leitoens, ſaboroſos, e grandes

des os carneiros, brandos os borregos, mimoſos, e ſaudaveis os cabritos.

63 Do gado cavallar ſe cria neſta Regiaõ muita copia, ſahindo brioſos ginetes, de fina raça, com a grandeza, ſinaes, cores, e propriedades, que ſe procuraõ neſtes generoſos brutos: tomaõ docilmente os primores, que lhes enſinaõ, e ſaõ extremados na velocidade. Deixem os Poetas de pintar ao cavallo Pegaſo com azas: os antigos de fabular, que as egoas da Luſitania concebem do Zefiro; porque as do Braſil tem partos taõ ligeiros, que correm parelhas com os ventos. Ha perros de caça, e de caſa, com grande inſtincto; e para guardar as fazendas muitos de tanto vulto, que parecem bezerros.

Do cavallar.

Dos perros.

64 Das féras ha tigres, onças, antas, ſuſuaranas, e javalîs, que chamaõ porcos do mato; eſtes de duas caſtas, huns nomeados cahetatûs, outros, queixadas-brancas. Em generos de cobras monſtruoſas, a giboya, taõ grande, que ſe alcança o mayor touro, o prende com a cauda, e apertando-lhe os oſſos, lhos quebra, e o come. A ſurucucû, que poſto que inferior, faz o proprio ao gado menor. Dos bichos aſqueroſos, a preguiça, de taõ tardo movimento, que a penas ſe lhe enxerga o curſo, e em poucos paſſos gaſta todo hum dia. O camaleaõ, tambem fleumatico, ſem embargo de beber as coleras ao vento. Os Sarehues, piratas das criações domeſticas. As guaribas, de triſte, e porfiado canto nas arvores, e os guaſſinins, que ſaõ do ſeu coro, e ſolfa.

Das féras, e bichos horriveis.

Ha

Dos monos, e bugios.

65 Ha monos horriveis nos montes, e domeſticos nas pouſadas; varias caſtas de bugios, e ſaguins, huns cinzentos, outros entre pardos, e amarellos, que ſe chamaõ de cheiro, por algum que exhalaõ naõ deſagradavel, e ſaõ os animaes, que moſtraõ mais inſtincto, pelos brincos, e acções que fazem. Das caças quadrupedes ſilveſtres, ha veados, capivaras, coelhos, cotias, coatîs, periâs, teûs, tatûs, e pacas; eſtas, poſto que nocivas para a ſaude, tem a carne ſuperior no goſto a todas as do Braſil.

Caças quadrupedes.

Caças volatiles.

66 Das muitas caças volatiles, e montanhezas deſtes Paizes, a primeira he a zabelê, emula dos fayçanes de Milaõ, e dos francolins de Chipre; tem a grandeza, e feitio das gallinhas pequenas, com alguma differença na cabeça, em ter pennas por criſtas. Logo as enhapopês, mayores que as gallinhas, de mais titellas, e melhor goſto: pombas de muitas caſtas torocazes, de mais grandeza, que as outras; competem com as perdizes no tamanho, fórma, peito, e ſabor: as juritîs, e pararîs, tenras, e goſtoſiſſimas: as hirapongas, mais regaladas que todas: muitas, e agradaveis rollas. De outros paſſaros tambem comeſtiveis ha araquans, mutuns, jacûs, jacutingas, e nas ribeiras do mar, e dos rios, marrecas, e galeiroens. Das aves, e criações domeſticas ha muy grandes gallinhas, capoens, peruns, hemas, ganços, patos, e patorîs.

Criações domeſticas.

Aves de canto.

67 Das que tem alguma voz, e canto, papagayos, periquitos, araras, e canindês, que ſaõ

pelas

pelas cores iris animados nas ſelvas, e ramalhetes de pennas nas Regioens dos ares; proferem todas as palavras, que lhes enſinaõ. Os bicudos negros, como os melros, quaſi do ſeu tamanho, mais déſtros, e agradaveis no canto: ſabiâs, que chamaõ das prayas, por andarem ſempre nas ribeiras, onde ſó cantaõ, mais que todos ſuaves; tem cinzentos os coſtados, e os peitos brancos: patatibas, coleirinhos, canarios, e outros, que em menos ajuſtada ſolfá, tambem agradavelmente cantaõ. As vivas tintas com que os colorio, e matizou a natureza, ſaõ taõ admiraveis, que os fazem parecer flores volantes nos jardins da eſféra: os mais celebres ſaõ os tocanos pelas pennas mimoſas, e gemadas, que como pelles de ouro lhes cobrem os peitos, e os guarazes pela purpura de que veſtem os corpos.

68 Para augmentar as riquezas da noſſa America Portugueza, lhe lança o mar por muitas partes das ſuas coſtas o ambar gris, mais prezado, e mais precioſo. He tradiçaõ conſtante, que a hum dos primeiros homens, que caſaraõ na Bahia, ſe lhe déraõ quatro arrobas em dote, colhido nas ſuas prayas, onde tem ſahido muito, e em mais quantidade ſe tem achado nas da Ilha de Itaparica; porém com abundancia mayor na Provincia do Ceará, cujos Gentios o trocaõ com os Portuguezes por drogas de pouco preço, e às vezes lho daõ ſem intereſſe. Em muitas das outras Provincias ſe colhem alguns aljofares perfeitos, e perolas netas. De huma ſomos teſte-

Ambar gris, aljofar, e perolas, que criao eſtes mares.

munha, achada em huma oſtra depois de aſſada; era de grandeza mais que mediana, em ſummo gráo esférica; de huma parte tinha perdido o luſtre ao rigor do fogo, e da outra, onde lhe naõ chegara, eſtava com a ſua natural côr, e fermoſura, taõ brilhante como a mais precioſa margarita.

69 Muitas ſe colheraõ em differentes tempos, e entre ellas huma em exceſſo grande, tambem offendida do fogo, em que lhe fora aſſada a concha, ficandolhe as porções illezas admiravelmente bellas. He ſem duvida, que ſe os naturaes as foſſem buſcar ao centro por intereſſe, como as Nações Indianas, Orientaes, e Occidentaes, lograriaõ a meſma rica peſcaria; porém a gente do Braſil por falta de ambiçaõ, ou de actividade, das riquezas do mar colhe as que arroja, e naõ penetra as que eſconde.

Os peſcados eſtrangeiros, e naturaes.

70 Cria abundante numero de varios peſcados: dos de Europa, linguados, ſaveis, tainhas, peſcadas, ſalmonetes, roballos, meros, arrayas, cações, gallos, encharrocos, voadores, carapáos, xernes, ſardos, corvinas, agulhas, e ſardinhas: dos naturaes, por ſerem infinitos, nomearemos ſó os mais notaveis, baleas, beyjupirâs, cavallas, garopas, vermelhos, corimàs, pampanos, carepebas, parûs, ubaranas, guaracemas, jaguaraçâs, camoropîns, olhos de boy, dourados, e chareos; eſte ultimo, ainda que muito vulgar pela ſua quantidade, merece eſpecial noticia, pela grandeza da ſua peſcaria, e por ſer o ſuſtento dos eſcravos, e do povo miudo da Bahia

Peſcaria dos chareos.

Tem

71 Tem quatro palmos de comprido, hum e meyo de largo; ſaõ ſempre gordos, e goſtoſos, por terem eſtaçaõ propria em que correm, que he do primeiro de Dezembro, até o fim de Abril. As ſuas ovas tem grandeza proporcionada, e naõ deixaõ de lograr eſtimaçaõ, aſſim freſcas, como ſalprezadas em huma fórma de prenſas, onde eſpremidas, as poem a ſecar por alguns dias, em que a côr amarella, que lhes deu a natureza, ſe lhe converte na rubicunda, que o Sol lhes dá; com eſte beneficio permanecem muito tempo, e as levaõ por matolotagem, e regalo os mareantes. Ha para as ſuas peſcarias muitas armações, deſde a enſeada da Cidade, até a Itapõa, quatro legoas por coſta além da barra, e ſe fazem conſideraveis deſpezas em fabricas de caſas, eſcravos, e redes, taõ grandes algumas, que carecem de cincoenta, e ſeſſenta peſſoas, para as recolher, contando-ſe em alguns dos lanços mil e quinhentos, e dous mil chareos, e em outros com pouca differença, deixando aos ſeus Armadores importantes lucros.

Peſcaria das baleas.

72 A peſcaria das baleas, que em numero inferior tambem ſe faz na Provincia do Rio de Janeiro, he portentoſa na Bahia. Correm deſde Junho até Outubro, começando por Santo Antonio, e acabando por Santa Thereſa. He a balea eſtupendo parto das ondas, util monſtro do mar; tem as verdadeiras ſetenta palmos de comprimento, vinte e ſeis de largura, e dezoito de alto; ſendo peixe todo o ſeu corpo, he touci-

A ſua pintura.

nho, e carne; todas as ſuas eſpinhas ſaõ oſſos; cobre-a huma branda pelle entre parda, e negra, ſemeada em partes de miudos buzios, que vivem do que lhe chupaõ; em poucas ſe vem algumas manchas brancas; naõ moſtra termo, ou ſinal, que lhe difference a cabeça, mais que para o fim hum pequena diminuiçaõ, que faz à proporçaõ do corpo: na parte inferior lhe ficaõ os medonhos olhos, entre os quaes tem por nariz hum largo canal, que lhe ſahe acima da cerviz, por onde expulſa com elevada reſpiraçaõ as groſſas ondas, que ſorve ao mar mais tempeſtuoſo. A boca he huma ſenſitiva gruta, em que accommoda a diſfórme, e pezada lingua, que tem de comprimento doze palmos, ſeis de groſſura, e diſtila huma pipa de azeite; dezaſeis a balea toda: naõ tem dentes, porém em cada hum dos queixos traz hum feixe de quarenta, e mais barbatanas, compridas dezaſeis palmos, negras, e de huns nervos incorruptiveis, e mais rijos, que a madeira, flexiveis, mas ſem quebrarem.

73 Do lugar dos hombros lhes ſahem por braços humas chamadas alas, que lhes acompanhaõ os lados por eſpaço de vinte palmos, de carne nervoſa, como a cauda, que traz ſempre inclinada para huma parte, eſta, e as alas levanta, batendo os mares com eſtrondo formidavel, e perigo evidente de qualquer embarcaçaõ, em que deſcarregar aquelles terriveis golpes. Do lugar do eſpinhaço ſe lhe levanta huma porçaõ de carne curva, que em fórma de arco lhe occupa doze

palmos

palmos o coſtado. Importa à fazenda Real o ſeu contrato, de ſeis em ſeis annos, termo da ſua rematação, cento e oitenta mil cruzados; e no anno de mil ſete centos e vinte tres chegou a duzentos e cinco mil: vinte mil ſe gaſtaõ na ſua peſcaria cada anno. A fabrica de caſas, armazens, tanques, formas para recolher azeite, taxas para o cozer, e outros inſtrumentos, aſſim de ſua Mageſtade, como dos Contratadores, vale mais de quarenta mil cruzados.

Importancia do ſeu contrato, do ſeu gaſto, e das ſuas fabricas.

74 O amor, que eſte monſtro tem aos filhos, he tambem monſtruoſo, por elles ſe deixaõ matar, pois ſegurando-os a eſte fim primeiro os Arpoadores, os ſeguem ellas atè a ultima reſpiraçaõ dos ſeus alentos. A buſcallas por toda a enſeada da Bahia (aonde naquelle tempo vem de mais longe a parir) ſahem todos os dias ſeis lanchas, quatro de arpoaçaõ, e duas de ſoccorro, e metendo os arpoens nos filhos, para as ſegurarem, lhos lançaõ depois, e logo alanceando-as com huns compridos dardos, lhes diſtilaõ a vida pelo ſangue, conduzindo-as para a ponta de Itaparica, onde ſe beneficîaõ, e eſtaõ as fabricas; acontecendo quando o anno he propicio a eſte contrato, peſcarem-ſe a tres, e quatro por dia.

O amor, que tem aos filhos.

74 O conſumo que eſte genero tem, de que reſulta a ganancia que dá, he porque da balea ſe fazem carnes, de que os eſcravos ſe ſuſtentaõ: os moradores, que poſſuem muitos, aſſim nas caſas, como nas lavouras, as mandaõ beneficiar em pipas, e barriz, que lhes dura de huma a outra ſa-

fra,

fra, e dellas consta a matolotagem da gente maritima, que serve nas embarcações, que vaõ para a costa de Africa, e para outros portos; e tambem porque da immensa inundaçaõ de azeite, que se tira deste peixe, se allumiaõ todas as casas, fabricas, e officinas do Brasil, excepto as estancias particulares de algumas pessoas mais poderosas, em que arde o de Portugal. Tambem ha para este ministerio outros generos de azeite, que saõ o da mamona, arvore pequena, e flexivel, cujo fruto tem humas pevides grossas, de que elle se distila, o qual se faz tambem dos figados dos peixes cações, dando huns, e outros perfeita luz, porém por mais raros, e artificiosos, naõ saõ taõ communs, como o das baleas.

Os mariscos, que criaõ os mares por todas estas costas.

76 Os mariscos, que se criaõ nos concavos dos recifes, e costas de todos estes mares, saõ infinitos; grandes, e regalados polvos, lagostas, lagostins, santollas, e sapateiras; e pelos lameiros, que as ondas formaõ naquellas porções que abraçaõ, se colhem outros mariscos, e ostras de muitos generos; já nos mesmos lodos, onde se criaõ, e de que se sustentaõ, já nos troncos, e raîzes de profusas arvores, chamadas mangues, que nascem nas ribeiras do mar, ou nas margens dos rios, que lhe tributaõ as aguas, e crescendo a grande altura, produzem muitos ramos, que abaixandose, tornaõ a meterse naquelles alagadiços, lançando nelles outras novas raîzes, das quaes brotaõ troncos novos, que subindo, se vaõ outra vez enlaçando, e formaõ por muitas legoas confusões de labyrinthos verdes.

Arvores chamadas mangues.

Por

77 Por entre elles, e nos ſeus meſmos troncos, e madeiros, ſe achaõ as oſtras eriripebas, que produzem aljofares, mexilhoens, ameijoas, breguigoens, caramujos, unhas de velha, periguarîs, ſernambîs, e huns mariſcos compridos, de feiçaõ de medianos buzios, onde ſe achaõ algumas vezes as perolas, que tambem ſe encontraõ nas oſtras. Os carangueijos, gordiſſimos, e de que ſe fazem admiraveis, e mimoſos guizados, ſaõ de cinco generos, uſſâs, ganhamûs, ſerîs, aratûs, garaûſâs: excellentes camarões, aſſim do mar, como dos rios, e lagoas, onde ſe colhem alguns quaſi tamanhos como os lagoſtins, a que chamaõ potiaſſûs.

Outros varios generos de mariſcos.

78 Poſto que temos narrado em commum as mais eſſenciaes producções deſta Regiaõ, he preciſo declararmos, que nem todas ſe achaõ em qualquer parte della; em humas ſe daõ huns generos, em outras ſe colhem outros; porque os movimentos do Sol, a diſpoſiçaõ da terra, e as diſtancias em que ſe vaõ differençando os climas, fazem eſta diverſidade nos frutos, e mineraes; mas ſempre a natureza em todas prodiga, aquelles generos, que doou a qualquer dellas, os produz em grandiſſima abundancia, poſto que mais generoſamente em huns lugares, que em outros; excepto nas partes, que quiz deixar eſtereis, para oſtentar neſta meſma differença de terrenos em huma Regiaõ, a conſtante variedade da ſua fermoſura.

Differença das producções na Regiaõ da America.

79 As Eſtações do anno no Braſil, ſaõ em diffe-

As Eſtações do anno nella.

differentes mezes, que em Europa, e entre ſi meſmas taõ varias, e inſenſiveis, que coſtumaõ entrar humas pelas outras, mas com taõ ordenada deſordem, que naõ cauſaõ prejuizo, antes algumas plantas das naturaes appetecem no tempo de Sol a chuva, outras no curſo do Inverno aſſiſtencias do Veraõ; e ſem eſta mudança intempeſtiva, ou naõ naſcem, ou creſcem pouco: nem os corpos humanos ſentem eſta variedade, por ſer natureza neſta Regiaõ; e aſſim vemos, que enfermaõ menos das mutaçoes do tempo, que dos proprios deſconcertos, pois os ares em nenhuma operaçaõ os offendem; excepto quando naõ ſabem aproveitar a ſua benevolencia, ou procuraõ abuſar da ſua bondade.

A gentilidade, que a habitava.

80 Todo eſte vaſtiſſimo corpo, que temos moſtrado eſtava poſſuido, e habitado de inculta gentilidade, dividida em innumeraveis Naçoes, algumas menos feras, mas todas barbaras: naõ tinhaõ culto de Religiaõ, idolatravaõ à gula, e ſerviaõ ao appetite, ſem regimen de ley, ou de razaõ; tinhaõ principaes, a quem davaõ moderada obediencia, que mais era reſpeito, que ſogeiçaõ, repugnantes à doutrina Euangelica, que lhes prégou o glorioſo Apoſtolo S. Thomé, a quem naõ quizeraõ ouvir, e affugentaraõ de todos os ſeus Paizes, dos quaes auſentando-ſe o Sagrado Apoſtolo, deixou por muitos lugares (em prova da ſua vinda, e dos ſeus prodigios) impreſſos, e retratados em laminas de pedra os ſinaes do ſeu cajado, e dos ſeus pés, huns ainda permanen-

manentes nas eſtampas, e todos conſtantemente venerados nas tradições (ſe póde aſſegurarſe eſta pia opiniaõ, authorizada com os teſtemunhos, e Eſcritores, que em abono della trataremos logo.)

81 Porém entre elles a Naçaõ dos Gentios, que chamaõ Papanazes, moſtrava alguma ſombra de juſtiça, ou de razaõ, poſto que incivil, e barbaramente praticada; porque ſe algum tirava a vida a outro por qualquer pendencia, ou dezaſtre, obrigavaõ aos parentes do matador, a entregallo aos da familia do morto, que o affogavaõ, e metiaõ debaixo da terra logo, em preſença de huns, e outros; e no caſo que ſe houveſſe auſentado, e o naõ pudeſſem os parentes deſcubrir para o entregarem, lhe tomavaõ hum filho varaõ, ou femea, e naõ os tendo, lançavaõ maõ do parente mais proximo em grao, ao qual naõ matavaõ, mas ficava eſcravo do mais propinquo em ſangue ao morto, e deſta ſorte todos contentes ſe faziaõ amigos, ſem machinarem outro genero de vingança, evitando muitas mortes com eſta fórma de caſtigo, e ſatisfaçaõ.

Abuſo de huma deſtas Nações.

82 Naõ uſavaõ de roupas os Gentios das varias Nações deſta Regiaõ. Todos andavaõ nus, repreſentando a innocencia dos noſſos primeiros Pays, (em quanto o peccado lhes naõ introduzio o pejo, com o conhecimento da graça, e natureza, de que tinhaõ degenerado, para ſe cubrirem de folhas) porque eſtes ſeus deſcendentes de tudo o que era culpa tinhaõ ignorancia; ſó em algumas feſtas manchavaõ os corpos de tintas de

Coſtumes, e vida de todos.

paos, que imaginavaõ os faziaõ mais fermoſos, e ficavaõ mais horriveis; excepto os Gentios da Naçaõ dos Carijôs, que pelo Inverno lançavaõ ſobre ſi por huma, e outra parte as pelles das caças, que matavaõ, com que ſe reparavaõ do frio. Nas cabeças uſavaõ algumas pennas de paſſaros, que lhes ſerviaõ de ruſticos martinetes; e os da Naçaõ Tamoyos furavaõ os beiços, e nelles metiaõ humas pontas de oſſos, com cabeças como de prégos, que pela parte interior as ſuſtentavaõ; ſendo eſte o ſinal, ou caracter da ſua dignidade, ou nobreza.

As ſuas caſas.

83 No mayor numero das ſuas Nações as caſas, em que pouſavaõ, eraõ de campo, e os edificios, que tinhaõ, eraõ de monte, como os dos primeiros habitadores do Mundo, antes que nelle ſe levantaſſem montes de edificios. Tinhaõ por tecto o Ceo, e a terra por pavimento, ſó em algumas horas, por ſe abrigarem dos rigores do Sol, ou do exceſſo das chuvas, formavaõ humas choupanas telhadas de ramos, ſem eleiçaõ de ſitios, mais que os das ſuas jornadas, deixando humas, e fabricando outras, para aquelle pouco tempo que as queriaõ, ſendolhes taõ facil fazellas, como abandonallas; ſalvo a Naçaõ dos Topinanbâs, que as tinhaõ ſufficientes; e a dos Tamoyos, em que eraõ mais fortes, e as ſuas Aldeas cercadas de groſſas madeiras; e ſobre todas mais ſeguras (por mais eſcondidas) as da Naçaõ dos Guaynazes, que as fabricaõ pelo campo, debaixo do chaõ, onde conſervaõ de dia, e de noite o fo-

go,

go, e fazem das ramas, e das pelles dos animaes as camas.

84 O alimento, de que se sustentavaõ, era sem composiçaõ, logrando a simples bondade dos frutos, das caças, e dos pescados; mantimentos, que como puros, os recebia melhor a natureza para a nutriçaõ dos corpos, sem o artificio, que o appetite das outras cultas Nações, abusando do regalo natural dos mantimentos, introduzio em beneficio da gula, mas em desperdicio da saude, e da vida, como o sentem os Medicos. Nas mais das suas Nações era a carne humana o seu melhor prato, menos na dos Gentios Guaynazes, e na dos Carijôs, que a naõ comiaõ, e lhe tinhaõ natural horror; causa, pela qual aos que venciaõ nas suas guerras, naõ matavaõ, e só ficavaõ cativos (se póde julgarse por menos mal que a morte, a escravidaõ no dominio daquelles proprios, de quem já muitas vezes se triunfara.)

O seu alimento.

85 Deixo a controversia sobre a origem dos primeiros habitadores, que a esta Regiaõ passaraõ, e de donde vieraõ, se de Troya, de Fenicia, de Carthago, de Judéa, dos fabricadores da Torre de Babel, ou se de Ofir Indo, porque sobre este ponto naõ tem mais forças, que algumas debeis conjecturas, os argumentos dos Authores; sendo em quanto aos accidentes da côr, pela grande intensaõ do Sol, mais verosimel a opiniaõ dos Filosofos; he commua em todos a côr bassa, menos córada, ou mais vermelha; tambem omitto as superstíciosas ceremonias dos seus enterros, taõ dif-

Sobre a origem, que tiveraõ.

ferentes, e barbaras, como pontualmente obſervadas em cada huma das ſuas Nações.

86 Naõ tinhaõ os Gentios da America Portugueza Templos, Idolos, e ſacrificios, Palacios, e grandeza da mageſtade nos ſeus Principes, como os da Caſtelhana; porque os noſſos, das couſas eternas ſó alcançavaõ, e reconheciaõ, que havia no Ceo hum ſuperior poder, que era movel de tudo, ao qual chamavaõ Graõ Tupâ, porém naõ o imploravaõ com outros votos, e rogativas, mais que com as vinganças, que tomavaõ dos ſeus proprios inimigos, que eraõ entre elles as virtudes, e os actos meritorios, que ſabiaõ obrar, e offerecer. O caracter, e repreſentaçaõ dos ſeus principaes Senhores, naõ conſiſtia em outra ceremonia, e oſtentaçaõ de ſoberania, ſenaõ na obediencia que lhes queriaõ dar, porque eraõ taõ feros, e barbaros eſtes Gentios, como cultos, e politicos os outros.

Por eſta cauſa cuſtaraõ aos Caſtelhanos menos fadigas as conquiſtas dos ſeus, que como mais racionaes, ſe lhes fizeraõ mais domeſticos; porém os Portuguezes em domar aos do Braſil, e fundar as Povoações das noſſas Provincias, acharaõ taõ cruel reſiſtencia, e taõ aſpera porfia, que derramaraõ muito ſangue, e perderaõ muitas vidas, para os ſogeitar, ou fazer retirar para o interior dos Certões, onde ainda vivem, como feras, innumeraveis Nações, que repetidas vezes vieraõ ſobre as noſſas culturas, e fabricas, cauſando eſtragos, e mortes; e com eſta differença de con-

quiſtas

quiſtas ſe poderá julgar, qual dellas tem ſahido mais cara, ou mais glorioſa.

88 Neſte eſtado exiſtia a noſſa America, e viviaõ os ſeus naturaes; a terra inculta, e barbaros os habitadores, quando a deſcubrio o General Pedro Alvares Cabral, que alegre de ſer o primeiro, que achou huma incognita Regiaõ de tanto Gentiliſmo, (em que os noſſos Monarchas tinhaõ o que ſuſpiravaõ, para dilatar a noſſa Catholica Fé, que era o intento, com que mandavaõ ſurcar os mares com taõ repetidas Armadas) e glorioſo de haver deixado nella, com a aſſiſtencia de dous Portuguezes, o Padraõ da Sagrada Cruz, e de ter feito celebrar a Sacroſanta primeira Miſſa, que ſe ouvio no Braſil, em o concurſo de toda a gente da ſua Armada, e da multidaõ daquellas ignoradas, e barbaras Nações, proſeguindo com onze das doze naos, com que ſe achava, a ſua viagem da India, mandou por huma, com alguns Gentios, e moſtras dos generos do Paiz, aviſo deſte deſcubrimento a Portugal.

Reynado delRey D. Manoel.

89 Imperava o venturoſiſſimo Rey D. Manoel, taõ amado entre os Portuguezes, como Tito Veſpaſiano, ou Nerva Cocceyo entre os Romanos, e taõ temido como Alexandre, e Ceſar, em todas as Nações. Era naquelle ſeculo o mimo da Fortuna, que deſviou de muitos Principes Luſitanos a Coroa, para lha pôr na cabeça: Monarcha a todas as luzes grande, e benemerito daquella vida, que eternizou na fama, e na immortalidade. Quiz Deos dilatarlhe o nome, e o dominio,

nio, com o deſcubrimento, e emprego da Aſia, e da America, duas partes do Mundo taes, que qualquer dellas pudera ſer empreza de Auguſto, e de Trajano, e ambas ſó daquelle invicto Rey. Recebeo eſta noticia com o alvoroço proprio do deſejo grande, que lhe fervia no peito, de que houveſſem mais Mundos, em que dilatar a Fé Catholica, e empregar o invencivel esforço dos ſeus Vaſſallos; e a propria commoçaõ ſe vio conſtantemente nos generoſos animos de toda a Naçaõ Portugueza, por ſerem deſcubertos novos Orbes, que o ſeu valor podeſſe ſogeitar à ſoberania do ſeu Monarcha.

Vinda de Americo Veſpucio.

90 Mandou logo eſte grande Principe por Americo Veſpucio, Toſcano de Naçaõ, e inſigne Coſmografo daquelles tempos, a reconhecer, e examinar os mares, e terras deſta Regiaõ. Depois deſpedio algumas embarcações com o Capitaõ Gonçalo Coelho, para indagar individualmente as noticias do Paiz, coſtas, portos, e enſeadas, tomar poſſe, e meter marcos na parte do Mundo Novo, que ficava pertencendo à ſua Coroa, para a pôr na ſua obediencia, poſto que os progreſſos, que o tinhaõ empenhado na Africa, e Aſia, lhe naõ permittiraõ a diverſaõ de Armadas, e gente para a Conquiſta, e Povoaçaõ do Braſil.

De Gonçalo Coelho.

Deſcubrimento do Infante D. Henrique.

91 Tinha viſto muitos annos antes o Real Aſtrologo, e Coſmografo, a quem fallavaõ as Eſtrellas, e obedeciaõ os mares, o Sereniſſimo Infante D. Henrique, logrados os frutos das ſuas obſerva-

obſervações, eſtudos, e deſpezas nos deſcubrimentos de varias Ilhas no Oceano, e conſeguido delRey D. Duarte, ſeu irmaõ, que todas as terras, que ſe foſſem deſcubrindo pela Coroa Portugueza, ficaſſem adjudicadas à Ordem de noſſo Senhor Jeſus Chriſto, da qual era Graõ Meſtre, alta Dignidade, que depois com os dous Meſtrados de Santiago, e Aviz, por Bulla do Pontifice Julio III. paſſada no anno de mil e quinhentos e cincoenta e hum, unio ElRey D. Joaõ III. perpetuamente à Coroa, e dominio dos Reys de Portugal, que poſſuem eſta parte da America, como grandes Meſtres, e perpetuos Adminiſtradores da dita Ordem.

Duvidas entre os Reys de Portugal, e Caſtella.

92 Pelas referidas Conquiſtas (deſcuberto no anno de mil e quatrocentos e noventa e dous por Colon o ignorado Mundo) ſe moveraõ duvidas entre os Monarchas D. Joaõ II. de Portugal, e D. Fernando V. de Caſtella, às quaes poz termo a Santidade do Pontifice Alexandre VI. por Bulla expedida no anno de mil e quatro centos e noventa e tres, e outra no de mil e quatro centos e noventa e quatro, à inſtancia delRey D. Joaõ II. em que lhe concedeo mais duzentas e ſetenta legoas ſobre as cem, que na primeira lhe tinha conſignado. Por ellas mandou, que contando-ſe trezentas e ſetenta legoas para o Occidente das Ilhas de Cabo Verde, do ultimo ponto, em que acabaſſem eſtas trezentas e ſetenta legoas, ſe lançaſſe huma linha imaginaria de Norte Sul, que rodeando o Globo terraqueo, o dividiſſe em duas partes

Linha imaginaría, com que ſe determinaraõ.

iguaes,

iguaes, concedendo à Castella a parte, que cahe para o Occaso, e a Portugal, a que fica ao Nascente, em cuja demarcaçaõ está a nossa America: determinaçaõ, que alguns annos depois se tornou a confirmar por sentença de doze Juizes Cosmografos, no de mil e quinhentos e vinte e quatro.

Sentença de confirmaçaõ.

Reynado delRey D. Joaõ o III.

93 Movia neste tempo, desde o de mil e quinhentos e vinte e hum, as redeas da Monarchia ElRey D. Joaõ III. Principe, em cujo pio animo Real, sobre muitos attributos avultaraõ a Paz, e a Religiaõ, e achando por tantos Mundos obedecido o poder do seu Sceptro, e por novos Orbes dilatada a circunferencia da sua Coroa, empenhou o seu Catholico zelo na empreza, assim das terras, como das almas do Brasil, e conseguio ambos os triunfos, trazendo tantas ovelhas ao rebanho do Universal Pastor, como subditos ao jugo do seu dominio. Enviou juntos Capitães, e Missionarios, para que ao passo que as Colonias Portuguezas, cresceßem as Searas Euangelicas, sendo hum dos seus Cabos (chamado Christovaõ Jaques) o primeiro, que entrou pela enseada da Bahia, ainda até alli naõ descuberta dos nossos Exploradores, e penetrando por ella o seu reconcavo, chegou ao rio Paraguassû, onde meteo a pique duas naos Francezas, que estavaõ commerciando com os Gentios.

Successos de Catharina, e Diogo Alvares Correa.

94 Naõ passarâ em silencio a noticia de huma notavel Matrona deste Paiz (que sendo por nascimento primeira entre os naturaes, pudera

naõ

naõ ſer ſegunda por amor entre os eſtranhos) a quem a natureza, e a fortuna fizeraõ benemerita deſta memoria, e ſeria deſattençaõ excluir deſte theatro taõ eſſencial figura, que foy inſtrumento de que mais facilmente ſe dominaſſe a Bahia, que veyo a ſer Cabeça do Eſtado. Referiremos a ſua hiſtoria pelo que conſta de antigos verdadeiros manuſcritos, que ſe conſervaõ em varias partes deſta Provincia, em muitas circunſtancias differente da fórma, em que a eſcrevem os Authores, que nella fallaraõ.

95 Era filha do principal da Provincia da Bahia, em cujas prayas, onde chamaõ o rio Vermelho, dando à coſta huma nao Portugueza, que paſſava para a India, feita em pedaços, veyo a ſer deſpojo dos mares, e dos Gentios, os quaes recolheraõ muitos generos, e alguns naufragos, que eſcaparaõ de ſer paſto de peixes, para regalo de homens. Foraõ os Gentios comendo a todos; porém Diogo Alvares Correa, natural de Viana, e das principaes familias daquella nobilliſſima Villa, que foy hum dos primeiros, que as ondas puzeraõ ſobre as areas, a quem eſperava a fortuna no proprio caminho da deſgraça, achou tanto agrado nelles, por lhes facilitar o recolherem os deſpojos da nao, ajudando-os com agilidade, e promptidaõ a conduzirlhos à terra, que ſe quizeraõ ſervir delle, quiçá reconhecendo algumas prendas, de que era dotado, que tambem as ſabem avaliar os Barbaros.

96 Como a nao conduzia para a India inſ-

trumentos militares, ſahiraõ entre os deſpojos muitos barrîs de polvora, outros de muniçaõ, cunhetes de ballas, e algumas eſpingardas; preparou-as Diogo Alvares, e fazendo tiros com ellas, derrubou algumas aves: o fogo, o ecco, e a quéda dos paſſaros cauſou tal horror aos Gentios, que fugindo huns, e ficando eſtupidos outros, ſe renderaõ todos ao temor, tendo a Diogo Alvares por homem mais que humano, e o tratavaõ com grande veneraçaõ, vendo-o continuar com tanto acerto nas caças o emprego dos tiros, que ouviaõ ſempre com terror; e tendo-ſe rebellado, havia alguns tempos, ao principal de toda a Provincia os ſubditos do deſtricto de Paſſê, determinou ir contra elles, levando comſigo a Diogo Alvares, com as ſuas armas.

97 Afrontaraõ-ſe os Exercitos inimigos; e eſtando o General dos rebeldes em praticas diante dos ſeus Soldados, lhe fez Diogo Alvares hum tiro, com que o matou, com igual aſſombro dos levantados, os quaes fugindo ſem atinar no que faziaõ, ſó ſe conformaraõ em obedecer, e ſe ſogeitarem ao ſeu antigo Senhor, ponderando, que a aquellas para elles eſtranhas, e formidaveis armas naõ poderiaõ reſiſtir. Eſte accidente augmentou os reſpeitos a Diogo Alvares de ſorte, que todos os Gentios de mayor ſuppoſiçaõ lhe deraõ as filhas por concubinas, e o Senhor principal a ſua por eſpoſa, conferindo-lhe o nome de Caramurû-aſſu, que no ſeu idioma he o meſmo que Dragaõ, que ſahe do mar.

Neſta

98 Nesta barbara uniaõ viveo algum tempo; porém descubrindo hum navio, que forçado de contrarios ventos, vagava fluctuando pelo golfo da Bahia, em distancia que pode fazerlhe senhas, sendo pelos mareantes vistas, lhe mandaraõ hum batel, ao qual se lançou a nado fugitivo, e vendo a consorte, que se lhe ausentava, levandolhe aquella porçaõ da alma, sem a qual lhe parecia já impossivel viver, trocou pelas prizões do amor, pelas contingencias da fortuna, e pelos perigos da vida, a liberdade, os pays, e o dominio, e lutando com as ondas, e com os cuidados, o seguio ao batel, que recolheo a ambos, e os conduzio ao navio; era Francez, e os transportou àquelle Reyno.

Foraõ a França.

99 Dominavaõ a França Henrique de Valois, segundo do nome, e Catharina de Medices, Reys Christianissimos, que informados do successo, e qualidade dos hospedes, os receberaõ com Real agrado, e despeza, dando em solemnissimo acto, com assistencia de muitos Principes, a ella o Sacramento do Bautismo com o nome da Rainha, e a ambos o do Matrimonio, sendolhes em hum, e outro, Padrinhos os Reys, que lhe conferiraõ honorificos titulos; mas pedindolhes Diogo Alvares os enviassem a Portugal, o naõ quizeraõ fazer; e depois sollicitada occultamente huma nao Franceza, a troco de a carregarem de pao Brasil, os conduzio à Bahia.

Henrique II. e Catharina de Medices Reys de França.

100 Esta Matrona, que depois obrou acções de Heroïna, já chamada Catharina Alvares, to-

mando da Rainha de França o nome, e do eſpoſo o appellido, como Senhora deſtes Gentios, fez, que com menor repugnancia ſe ſogeitaſſem ao jugo Portuguez. Viviaõ na Villa Velha, quando por myſterioſo ſonho de Catharina Alvares, acharaõ a milagroſa Imagem da Mãy de Deos, que ſahira em huma caixa, entre os deſpojos de hum baixel Caſtelhano, que navegando para as ſuas Indias, ſe perdera na coſta de Boypeba, aonde paſſou Diogo Alvares Correa a ſoccorrella, e a recolher os naufragos, que levou comſigo, e proveo de todo o neceſſario; ſerviço, e grandeza, que mereceraõ o agradecimento do Emperador Carlos V. expreſſado em huma carta, em que lho ſignificou.

Milagroſa Imagem, revelada em ſonhos a Catharina Alvares.

101 Foy levada a caixa, em que ſe guardava a Santa Imagem, por Gentios, que reſidiaõ em diſtancia grande do lugar do naufragio; e como naõ conheciaõ divindade, tinhaõ o Sagrado Simulacro ſem culto, mas dentro da propria arca, em huma cabana; e ſendo achada por exactas diligencias de Catharina Alvares, e Diogo Alvares Correa, lhe levantaraõ hum Templo, com a invocaçaõ de noſſa Senhora da Graça, que depois doaraõ com muitas terras aos Monges do glorioſo Patriarcha S. Bento (hoje Abbadia deſta eſclarecida Religiaõ) onde eſtaõ ſepultados. Lograraõ em toda a vida muitas regalias, concedidas pelos Reys de Portugal, que ordenavaõ aos ſeus Governadores lhas fizeſſem guardar, de que ha memorias nos ſeus deſcendentes. Tiveraõ muitos, porque caſando as ſuas filhas, e netas com Fidal-

Templo, que lhe erigio.

gos

gos vindos de Portugal com os mayores cargos da Bahia, fizeraõ nobilliſſimas familias, das quaes exiſtem poderoſas caſas, de grandes cabedaes, e conhecida nobreza, que em todos os tempos occuparaõ os primeiros lugares da Republica, e fóra da Patria tiveraõ relevantes empregos.

Razões ſobre a vinda do glorioſo Apoſtolo S. Thomé.

102 A vinda do glorioſo Apoſtolo S. Thomé, annunciando a doutrina Catholica, naõ ſó no Braſil, mas em toda a America, tem mais razões para ſe crer, que para ſe duvidar; pois mandando Chriſto Senhor noſſo aos ſeus Sagrados Apoſtolos, prégar o Euangelho a todas as creaturas, e por todo o Mundo, naõ conſta, que algum dos outros vieſſe a eſta Regiaõ, tantos ſeculos habitada antes da noſſa Redempçaõ; e depois de remidas tantas almas, naõ deviaõ ficar mil e quinhentos annos em ignorancia invencivel da Ley da Graça; e poſto que nas ſortes tocaſſe a eſte Santo Apoſtolo a miſſaõ da Ethiopia, e da India, e ſe naõ falle na America, (entaõ por deſcubir) naõ ſe póde imaginar, que faltaſſe a Providencia de Deos a eſtas creaturas com a prégaçaõ, que mandara fazer a todas.

103 A razaõ de duvidar eſta vinda pelo tranſito do Mundo Velho ao Novo, ainda encuberto, naõ havendo communicaçaõ, que facilitaſſe o paſſo, naõ he forçoſa; ſendo mais poderoſa que ella, a neceſſidade deſtas almas, remidas pelo precioſiſſimo Sangue de Chriſto, que podia em execuçaõ do ſeu preceito, e da ſua miſericordia, por miniſterio de Anjos, permittir, que S. Thomé ſe

achaſſe

achasse milagrosamente na America; como permittio, que ao transito de sua Máy Santissima se achassem, sem saberem o como, os Apostolos, que entaõ viviaõ, estando nas suas missoens divididos por differentes partes do Mundo, às quaes pelo mesmo modo foraõ outra vez restituidos, sendo que a objecçaõ se vê naturalmente vencida com o transito, que à America fizeraõ os seus primeiros habitadores.

104 De ser o Apostolo S. Thomé, o que no Mundo Novo prégou a doutrina Euangelica, ha provas grandes, com o testemunho de muitos sinaes em ambas as Americas: na Castelhana, aquellas duas Cruzes, que em differentes lugares acharaõ os Espanhoes com letras, e figuras, que declaravaõ o proprio nome do Apostolo, como escrevem Joachim Brulio, Gregorio Garcia, Fernando Pissarro, Justo Lipsio, e o Bispo de Chiapa; e na nossa Portugueza America, os sinaes do seu baculo, e dos seus pés, e a tradiçaõ antiga, e constante em todos estes Gentios, de que eraõ de hum homem de largas barbas, a quem com pouca corrupçaõ chamavaõ no seu idioma Sumê, accrescentando, lhes viera a ensinar cousas da outra vida, e que naõ sendo delles ouvido, o fizeraõ ausentar.

Sinaes em ambas as Americas.

105 O Padre Pedro de Ribadaneira, da Companhia de Jesus, taõ diligente, e escrupuloso averiguador da verdade na vida dos Santos, naõ duvîda dizer na de S. Thomé, que prégara no Brasil, allegando ao Padre Manoel de Nobrega, da mesma

meſma Sagrada Religiaõ, Provincial, e dos primeiros Obreiros das Searas Euangelicas neſta Regiaõ, o qual affirma achara neſtes Gentios muitas, e conſtantes noticias da vinda do Santo, e que lhe moſtraraõ delle impreſſos, e raſcunhados em pedra varios ſinaes. Seis ſe conſervaõ ainda deſde a Provincia de S. Vicente, até a da Bahia, em cujo termo fora o ultimo o das ſuas pégadas em hum ſitio, que por eſte milagre chamaõ S. Thomé, de donde diziaõ os Gentios, que perſeguido dos ſeus antepaſſados, o viraõ, com admiraçaõ de todos, fazer tranſito ſobre as ondas, e por ellas paſſaria a outras partes das ſuas miſſoens, a que deu glorioſo fim em Aſia, na Cidade de Meliapôr, onde foy martyrizado.

HISTO-

HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA.

LIVRO SEGUNDO.

SUMMARIO.

FUndaçaõ da Provincia da Bahia. Suas prerogativas. Excellencias do ſitio, em que a Cidade foy edificada. A ſua deſcripçaõ. Os ſeus Templos, Religioens, e edificios. As ſuas Fortalezas maritimas, e terreſtres. O numero dos ſeus habitadores, e dos ſeus Engenhos. Grandeza do ſeu reconcavo, e do ſeu

commercio. Fundações das outras Provincias, que comprehende a Portugueza America, Parâ, Maranhaõ, Cearâ, Rio Grande, Paraîba, Itamaracâ, Pernambuco, Serzipe, Ilheos, Porto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro, e S. Vicente. Descripçaõ das suas Capitaes. Numero das suas Villas, dos Engenhos de cada huma, e dos seus visinhos. Cathedraes, Parochias, Igrejas, Conventos, Religioens, e Fortalezas. Descripçaõ da Cidade de S. Paulo, e da Nova Colonia do Sacramento. Lugares, e postos, que occuparaõ os naturaes da nossa America. Embarcações, que sahem cada anno de todos os portos do Brasil para os do Reyno, e para a costa de Africa. Os generos que carregaõ. Rendas destas Provincias para a Coroa Lusitana. A sua applicaçaõ. Os mineraes que tem, assim as Provincias, que ficaõ ao Norte, como as que estaõ ao Sul.

LIVRO SEGUNDO.

1 A Potentiſſima Provincia da Bahia, poſto que naõ foſſe a primeira pela antiguidade da ſua povoaçaõ, deſcreveremos em lugar primeiro pela grandeza da ſua dignidade; pois ſendo Cabeça do Eſtado, deve preferir aos outros membros, aos quaes leva por muitos titulos ventagens, que ſobraõ a darlhe eſta precedencia, ainda quando naõ lograra aquella prerogativa. Eſtá em altura de treze graos: ElRey D. Joaõ III. a deu a Franciſco Pereira Coutinho, que foy o primeiro, que veyo a povoalla depois de Diogo Alvares Correa, que a habitou, e de Chriſtovaõ Jaques, que a deſcubrio. Chegara Franciſco Pereira Coutinho da India com grandes cabedaes de merecimentos, e fazenda, e conſeguida a merce Real, prevenio huma eſquadra de naos, em que acompanhado de gente nobre para a habitar, e de guerra para a defender, a veyo conquiſtar; e ſogeitando aos Gentios da Naçaõ dos Tupinanbâs, que a ſenhoreavaõ, a poſſuhio proſperamente alguns annos com Engenhos, e outras muitas lavouras, de que hia colhendo intereſſes grandes.

Deſcripçaõ da Provincia da Bahia.

2 Mas conſpirando contra elle os Barbaros,

depois de lhe haverem morto muita gente, e arruinado as ſuas fabricas, o fizeraõ, com os moradores, que lhe ficaraõ, embarcar em duas caravellas, que tinha no porto, e ſalvarſe na Provincia dos Ilheos, já entaõ povoada; porém achando-ſe os inimigos arrependidos, por lhes faltar a conveniencia do alborque dos ſeus generos pelos noſſos, lhe mandaraõ offerecer a paz, e ajuſtada, voltando Franciſco Pereira Coutinho em huma das ſuas embarcações com as peſſoas, que levara, naufragou na coſta de Itaparica, e ſahindo huns mortos, outros mal vivos, foraõ todos comidos pelos Gentios habitadores daquella Ilha, e por morte do donatario tomou ElRey eſta Provincia, elegendo-a Cabeça do Eſtado, e mandando-a de novo povoar.

Sitio, em que ſe fundou a Cidade da Bahia, e os ſeus nomes.

3 O ſitio, em que ſe edificou a Cidade de S. Salvador, Bahia de Todos os Santos, (nomes dos quaes, hum lhe deu o primeiro Deſcubridor, outro o primeiro General) foy conſtituído Cabeça do Eſtado, naõ ſó da eleiçaõ, mas da natureza, que o fez ſuperior a todos os do Braſil, como Conſtantinopla aos de Grecia, Roma aos de Italia, e Lisboa aos de Heſpanha, com as ventagens de porto, que tem o Oceano ao Bosforo, ao Tibre, e ao Tejo, formandolhe a ſua grande enſeada, deſde a barra de Santo Antonio, até a praya de Tapagipe, hum dos mayores golfos do Mundo, e o mais capaz de todas as Armadas, com tres legoas de boca, doze de diametro, e trinta e ſeis de circunferencia, limpo, e deſoccupado de Ilhas,

A ſua enſeada.

forman-

formando pelo reconcavo os ſeus braços tantas, que naõ tem numero.

Rios, que entraõ no ſeu golfo.

4 Neſte capaciſſimo pelago pagaõ tributo ao mar ſeis caudaloſos rios, Paraguaſſû, Serzipe, Jaguaripe, Matuim, Paranamerim, e Pirajâ, que de muito longe vem cortando, e dividindo as terras do reconcavo, e daõ commodidade a grandes Povoações, as quaes pelas machinas dos Engenhos, caſas dos Lavradores, e dos que ſenhoreaõ aquellas propriedades, ou vivem ao beneficio dellas, parecem Villas; ſendo navegaveis, e curſados de tantos barcos, que conduzindo mantimentos, e todo o genero de regalos à Cidade, ſe vem nas ſuas prayas cada dia mais de oitocentos, ſendo quaſi dous mil os que curſaõ a ſua carreira, alguns taõ poſſantes, que carregaõ ſeſſenta, e mais, caixas de aſſucar, trezentos, e mais, rollos de tabaco.

5 O Ceo, que o cobre, he o mais alegre; os Aſtros, que o allumiaõ, os mais claros; o clima, que lhe aſſiſte, o mais benevolo; os ares, que o refreſcaõ, os mais puros; as fontes, que o fecundaõ, as mais criſtalinas; os prados, que o florecem, os mais amenos; as plantas apraziveis, as arvores frondoſas, os frutos ſaboroſos, as Eſtações temperadas. Deixe a memoria o Tempe de Theſalia, os Pensîs de Babylonia, e os Jardins das Heſperides, porque eſte terreno em continuada Primavera he o Vergel do Mundo; e ſe os antigos o alcançaraõ, com razaõ podiaõ pôr nelle o Terreal Paraiſo, o Lethes, e os Campos Elyſios, que das

das ſuas inclinações liſongeados, ou reverentes, às ſuas Patrias fantaziaraõ em outros lugares.

Deſcripçaõ da Cidade.

6 A Cidade com prolongada fórma ſe eſtende em huma grande planicie, elevada ao mar, que lhe fica ao Poente, e ao Naſcente a campanha. Eſtá eminente à dilatada Povoaçaõ da marinha, e aos repetidos portos, de donde ſe lhe ſóbe com pouca fadiga por capaciſſimas ruas. Tem duas portas, huma ao Sul, e ao Norte outra, em cujo eſpaço eſtaõ os famoſos Templos de Noſſa Senhora da Ajuda, o da Miſericordia, que tem a ſi unido o magnifico Recolhimento de mulheres, a mageſtoſa Igreja Matriz, à qual eſtá proximo o grande Palacio Archiepiſcopal, a Igreja nova de S. Pedro da Irmandade dos Clerigos, o Templo, Collegio, e Aulas Eſcholaſticas, e doutas dos Religioſos da Companhia de Jeſus, e o ſumptuoſo Templo, e Convento de S. Franciſco.

7 Em ſeis bairros ſe divide a Cidade, o das Portas de S. Bento, o de Noſſa Senhora da Ajuda, o da Praça, o do Terreiro, o de S. Franciſco, e o das Portas do Carmo, além dos outros, que ficaõ extramuros, dos quaes faremos mençaõ. Duas Praças lhe augmentaõ a fermoſura, a de Palacio, quadrada com cento e ſeſſenta e dous pés Geometricos por face, e vinte e ſeis mil e duzentos e quarenta e quatro de area. Na frente tem o mageſtoſo Paço, onde reſidem os Generaes; na parte oppoſta, a Caſa da Moeda; ao lado direito, as da Camera, e da Cadea; ao eſquerdo, a da Relaçaõ, e por ſeis fermoſas ruas ſe communica a todas as partes da Cidade.

A ſe-

8 A ſegunda Praça, chamada Terreiro de Jeſus, ſe prolonga com trezentos e cincoenta pés de comprimento, e duzentos e vinte e oito de largura, formando huma area de ſetenta e nove mil e oitocentos. Tem no principio a Igreja do referido Collegio dos Padres da Companhia, de que tomou o nome, e por todas as partes vay acompanhada, e ennobrecida de ſumptuoſos edificios, de que lhe reſulta agradavel perſpectiva, e continua frequencia; por ſete ruas ſe franquea a todos os bairros; continuaſelhe a grandiſſima rua de S. Franciſco, que lhe dá o nome, e tem o ſeu Convento na parte em que ella termina, ſendo o fim do Terreiro de Jeſus a em que principia. Tem trezentos e dez pés de comprimento, e ſeſſenta e quatro de largura, com dezanove mil e oitocentos e quarenta de area. He cercada por ambos os lados de caſas nobres, iguaes em altura, e fabrica, entre as quaes de huma, e outra parte ſe entrepoem algumas fermoſas ruas.

9 A grandeza da Cidade ſe lhe conſidera menos pelo ambito, que o ſeu circuito comprehende, que pela diſtancia, em que além das ſuas portas ſe dilata; porque deſtas partes ſe fórma o todo da ſua extenſaõ, e fermoſura. Sahindo pelas portas, que tem ao Sul, lhe fica o bairro de S. Bento, mayor, e mais aprazivel, que todos os outros; appellida-ſe do nome deſte glorioſo Patriarcha pelo ſumptuoſo Templo, e Convento, que tem na entrada delle, fundados em hum alto de pouca elevaçaõ, e muita capacidade.

Bairro de S. Bento.

Vay

10 Vay continuando o bairro a principal rua até a Igreja de S. Pedro, ſua Parochia, de donde proſegue o dilatado tranſito ao fermoſo Hoſpicio dos Padres Capuchinhos de Noſſa Senhora da Piedade; e dalli com o meſmo povoado curſo, até perto da Fortaleza de S. Pedro. Por huma, e outra parte deſte grande deſtricto ha muitas ruas, ſendo celebre a que chamaõ rua Debaixo, todas ennobrecidas de fermoſas caſas, com viſtas dilatadiſſimas para o mar, e para a terra, repetidos portos, e ſahidas, admiravelmente aprazíveis, todas da juriſdicçaõ da Freguefia de S. Pedro, em a qual tem tambem aſſento para a parte do mar o magnifico Convento dos Religioſos de Santa Thereſa de Jeſus, e para a de terra as novas Igrejas de Noſſa Senhora da Barroquinha, e a da Lapa.

Bairro do Carmo.

11 Das Portas da Cidade, que lhe ficaõ ao Norte, ſe ſahe à nova Parochia de Noſſa Senhora do Roſario, de donde por largas, e ſeguidas ruas, compoſtas de muitas caſarias, ſe ſobe ao monte Carmelo, (de que ſe appellida eſte bairro) Convento de Noſſa Senhora do Carmo, e de Santo Elias, e ſe continúa o ſeu meſmo largo tranſito com a propria largura, até a Igreja Parochial de Santo Antonio, Vigairaria de grande deſtricto, em que eſtá a Fortaleza deſta invocaçaõ, continuando a ſua numeroſa povoaçaõ em caſas, e moradores, até além do ſitio chamado o Roſario, quartel dos Soldados, que vem nas naos de comboy. A juriſdicçaõ deſta Parochia, por partes

tes menos povoadas, ſe eſtende a muitos eſpaços do Paiz, comprehendendo a nova Igreja da Soledade, o Noviciado dos Padres da Companhia, as Ermidas da Boa Viagem de Frades de S. Franciſco, e de Monſerrate de Monges de S. Bento.

12 Para a parte do Oriente lhe ficaõ os dous grandes, e viſtoſos bairros da Palma, e do Deſterro, eſte ennobrecido com Igreja Parochial de largo deſtricto, e com o Moſteiro das Religioſas de Santa Clara; aquelle com o Hoſpicio de Noſſa Senhora da Palma de Frades de Santo Agoſtinho, e a Capella de Noſſa Senhora do Roſario de hum dos Terços do preſidio, ambos ornados de boas caſas, e habitados de muitos moradores, freguezes do Paroco do Deſterro.

Bairros da Palma, e Deſterro.

13 Para o Occaſo tem a marinha, que appellidando-ſe bairro da Praya, ſe divide em duas Parochias, a de Noſſa Senhora da Conceiçaõ, e a do Pilar, ambas povoadas de innumeraveis moradores, e ornadas de grandes edificios, que guarnecem de hum, e outro lado a povoaçaõ, deſde o lugar chamado Preguiça, até o referido ſitio, quartel dos Soldados do Reyno, incluindo a primeira no ſeu deſtricto as Igrejas do Corpo Santo, e Santa Barbara, as ſumptuoſas caſas da Alfandega, e da Ribeira, e as que foraõ da Junta. As dos particulares em ambas ſaõ magnificas, e muy elevadas; humas ſe fabricaraõ ſobre o mar, e outras encoſtadas aos penhaſcos da terra, abrindo-ſe nelles por muitas partes, com grande artificio, e deſpeza, repetidos tranſitos, para ſubir com mais

Bairro da Praya.

brevidade a todas as da Cidade; neſta ſe contaõ ſeis mil fogos, e vinte e oito mil viſinhos capazes dos Sacramentos, qualificada nobreza, e luzido Povo.

Fortalezas maritimas.

14 He defendida de muitas Fortalezas; tem na entrada da barra a de Santo Antonio, feita em fórma de huma Eſtrella irregular, com guaritas, e hum torreaõ no meyo: a de Santa Maria, accreſcentada para a parte de terra, em̃ parallelo gramo zetangulo, com ſeus angulos reintrantes em fórma de Eſtrella. A de S. Diogo, com hum lanço de muralha em fórma circular, que defende a praya, e porto de Santa Maria. Dentro da barra, pela eſtendida ribeira da ſua grande enſeada, ſe vaõ continuando a de S. Filippe, e Santiago, que conſta de hum baluarte, e dous lanços de cortina, fechada pela parte da ribeira, em que ſe fabricaõ as naos: a de S. Franciſco, que he hum grande baluarte, fundado ſobre firmes lages de pedra, que alli tem o mar, e defende as naos, que eſtaõ à carga: a de Monſerrate com torreoens, ſituada em huma ponta da terra, que defende por huma parte, e por tres o mar. No meyo do ſeu dilatado golfo, a de Noſſa Senhora do Populo, e S. Marcello, que eſtá como antemural de toda a marinha, hoje ampliada em mayor circunferencia de recinto, de terrapleno, e de torreaõ, ſendo o Santelmo da Bahia.

Fortalezas terreſtres.

15 Para a parte da terra tem a mageſtoſa Fortaleza de S. Pedro, para impedir o tranſito ao inimigo, que do rio Vermelho, ſem penetrar a barra,

barra, intentar por terra a invaſaõ da Cidade: he feita em fórma de hum parallelo gramo, com quatro baluartes; defende por duas partes a terra, e por huma baixa o mar. Eſta força ſe tem accreſcentado com muita deſpeza, e arte, fazendo-ſe de novo as obras, e defenſas exteriores de cavas, eſtradas torcidas, e cubertas, ramaes, eſplanadas, e muralhas de parapeito, que vaõ terminar eminentes ao mar, em cujas fabricas ſe apuraraõ as linhas de Euclides, as machinas de Vitruvio, e de Archimedes. A Fortaleza de Santo Antonio além do Carmo, do proprio feitio de hum parallelo gramo, com quatro baluartes, a qual defende as baixas, e caminho da Agua-Bruca, que vay buſcando a praya, e por hum lanço eſtá fronteira ao mar.

16 Na parte do ſitio, que hoje ſe denomina a Soledade (invocaçaõ de huma nova Igreja de Noſſa Senhora, celebre Santuario de milagres, que frequentaõ com repetidos votos todos os moradores da Bahia) eſtá o Forte do Barbalho, appellido de hum Cabo, que no tempo da invaſaõ dos Hollandezes levantara naquelle lugar huma bateria, ou reducto, agora poſto em grandeza competente a defender o deſembarque de qualquer inimigo, que por Tapagipe, ou pela praya grande (onde ſaltaraõ em terra os Belgas na guerra da Bahia) a quizer invadir. Sobre as duas portas da Cidade eſtaõ duas ſoberbas plataformas, com dous baluartes cada huma.

17 Na Praça de Palacio huma bateria de

groſſa muralha para a parte do mar : outra da meſma qualidade em Noſſa Senhora da Conceiçaõ, na Ribeira das Naos. Em dous ſitios, pouco diſtantes da Cidade, ſe vem duas magnificas, e Reaes caſas de polvora; huma em que ſe fabrica, outra em que ſe guarda, e huma grande caſa em que ſe recolhe o trem. Todas eſtas Fortalezas, defenſas, e fabricas, eſtaõ com a mayor regularidade aperfeiçoadas pelos preceitos, e regras da fortificaçaõ moderna, e guarnecidas de abundante numero de artilheria groſſa em peças de bronze, e ferro de grande calibre.

18 Nos dilatados braços, que vay eſtendendo o mar pelas Povoações interiores do reconcavo, ſe achaõ muitos reductos em lugares proprios para as defender das invaſoens inimigas, que já experimentaraõ, ſendolhes roubados, e deſtruidos Engenhos, fazendas, e caſas poderoſas, com morte dos ſeus habitadores, e damnos conſideraveis, por acharem aquelles lugares ſem defenſa. Outra Fortaleza tem Itaparica (Ilha ao Poente da Cidade) hoje accreſcentada no meſmo lugar, em que a fundaraõ aquelles inimigos Hollandezes, quando tomaraõ eſta Ilha.

Fortaleza do Morro de S. Paulo.

19 Dos ultimos limites della, correndo, e navegando a coſta para o Sul, eſtá a importante Fortaleza do Morro de S. Paulo, com baluartes, e cortinas em fórma regular, eſtancia em que reſide huma Companhia paga, cujo Capitaõ he o Cabo, que a governa. Serve de propugnaculo, e defenſa às Villas maritimas do Cayrû, Camamû,

Boypeba,

Boypeba, e à Povoaçaõ do rio das Contas, que ſaõ os celleiros da Bahia, como o Egypto o foy do Povo Romano, e Sicilia de toda a Europa, conduzindo-ſe daquellas Villas a mayor parte da farinha, que ſe gaſta na Cidade, e no ſeu reconcavo. Guarnecem a Cidade dous veteranos, e valeroſos Terços de Infanteria paga; outro de Artilheiros, e Granadeiros deſtros; quatro Regimentos de luzida Infanteria da Ordenança, hum da Corte, com todas as Companhias dos Privilegiados, e os tres dos Arrabaldes; fazendo em muitas occaſioens as meſmas operações da milicia paga.

Infanterias pagas, e da Ordenança.

20 Por terra, a mayor defenſa, que lhe poz a natureza, em que ainda naõ teve exercicio a arte, he hum dilatadiſſimo dique, emulo dos de Flandes, que cortando os campos viſinhos à Cidade, ſe lhe tem repreſadas as correntes, por lhe reprimir as inundações, das quaes a querer valerſe em apertos de guerra, baſtaráõ para a defender dos mayores exercitos, e dos inimigos mais porfiados, e intrepidos.

Dique viſinho à Cidade.

21 As campanhas do contorno da Cidade ſe vem fabricadas com maravilhoſas caſas de campo, e quintas de rendimento, e recreyo, abundantes de copados, e fructiferos arvoredos, cultivadas de varias hortaliças, hervas, e flores, que regaõ innumeraveis correntes criſtalinas, formando eſte Penſil hum fermoſo eſpectaculo aos olhos, e ſendo emprego naõ ſó da viſta, mas de todos os ſentidos. A exceſſiva copia de frutos, e re-

Cultura, e abundancia do ſeu contorno.

e refreſcos, que dellas ſe colhe, prove com prodigalidade a todos os moradores, e a quantas embarcações vem à Cidade, e ſahem do ſeu porto, que deſte genero (o mais ſuſpirado, e appetecido no mar) como de todos os outros viveres, vaõ com grandeza providas para longas viagens.

Grandeza, e povoaçaõ do ſeu reconcavo.

22 O ſeu reconcavo he taõ culto, e povoado, que ſe lhe deſcreveramos as fabricas, e lhe numeraramos os viſinhos, gaſtariamos muitas paginas, e naõ poucos algariſmos: porém reduzindo a ſua narraçaõ a breves clauſulas, e letras, diremos ſómente, que exiſtem nelle cento e cincoenta Engenhos, huns de agua, outros de cavallos, fazendo cada anno, e hum por outro, quinze, e dezaſeis mil caixas de aſſucar, de muitas arrobas cada huma, além de innumeraveis feixos, e caras. Ha varias fazendas de canas, algumas taõ grandes na extenſaõ, e pela bondade do terreno taõ fecundas, que rendem dous mil, e dous mil e quinhentos pães, dos quaes a metade fica aos Senhores dos Engenhos, que as moem, e beneficîaõ o aſſucar. Muitas ha inferiores, ou pelo tamanho, ou por ſer menos legitima a terra de maſſapê, em que as cultivaõ; e mais que tudo por lhes faltar o beneficio, e fabrica de eſcravos; porém naõ deixaõ de ſer rendoſas.

23 Ha muitas caſas de cozer os melles para os aſſucares batidos, outras para os reduzir a aguas ardentes. Deſcobremſe dilatados campos, plantados de tabaco, varios ſitios occupados de mandioca, outros cultos com pomares, e jardins. De

todos

todos os generos de Artifices ha Meſtres, e Officiaes, de que aquelles moradores ſe ſervem, ſem os mandar buſcar à Cidade. O numero das peſſoas, que habitaõ o reconcavo, onde reſide a mayor parte da nobreza, os trabalhadores, os eſcravos, que andaõ no ſerviço dos Engenhos, das canas, das outras lavouras, e os que ſervem nas caſas, excede o computo de cem mil almas de Confiſſaõ, além dos que naõ ſaõ capazes dos Sacramentos.

24 O commerçio, que lhe reſulta dos ſeus precioſos generos, e da frequencia das embarcações dos portos do Reyno, das outras Conquiſtas, e das meſmas Provincias do Braſil, trocando humas por outras drogas, a faz huma feira de todas as mercadorias, hum emporio de todas as riquezas, e o pudera ſer de todas as grandezas do Mundo, ſe os intereſſes de Eſtado, e da Monarchia lhe naõ impediraõ o trafego, e navegaçaõ com as Nações Eſtrangeiras, às quaes ſe naõ falta com a hoſpitalidade, quando neceſſitadas de mantimentos, agoadas, ou concertos, vem as ſuas naos arribadas a eſte porto, a pedir o neceſſario para proſeguirem as ſuas viagens; mas prohibe-ſe aos moradores com penas graviſſimas, e capitaes, o comprarlhes os ſeus generos, ou venderlhes os noſſos: em tudo o mais pertencente ao apreſto das ſuas embarcações, agoadas, refreſcos, e matolotagens, ſaõ cortez, e amoroſamente tratados, e ſervidos.

O ſeu commercio.

25 Foy a Igreja da Bahia erecta em Cathedral

Erecçaõ da ſua Igreja em Cathedral, e o ſeu primeiro Biſpo.

dral pelo Pontifice Julio III. no anno de mil e quinhentos e cincoenta e hum, e o ſeu primeiro Biſpo D. Pedro Fernandes Sardinha, que chegou a ella no de mil e quinhentos e cincoenta e dous. Como eſte Prelado veyo a dar fórma à ſua Dioceſi, trouxe treze Capitulares, que continhaõ cinco Dignidades, Deaõ, Chantre, Meſtre Eſcholla, Arcediago, e Theſoureiro môr; ſeis Conegos Prebendados, e dous meyos Prebendados, com ſeis Capellães, hum Meſtre das Ceremonias, e outro da Capella; e ſendo naquelle tempo tenues as rendas Reaes, tinhaõ parcos ordenados; depois ſe lhes accreſcentaraõ por ordem delRey Catholico Filippe III. em Caſtella, e Segundo em Portugal, no anno de mil e ſeis centos e oito.

Numero das ſuas Dignidades, Prebendados, e Capellães.

26 No de mil e ſete centos e dezoito, o Sereniſſimo Senhor Rey D. Joaõ V. que Deos guarde, com grandeza auguſta, e animo Real lhos mandou dar em dobro, augmentando o numero das Cadeiras, com tres Conegos Prebendados, Doutoral, Penitenciario, e Magiſtral, dous meyos Prebendados, e dous Capellães, mandando crear mais vinte Igrejas Parochiaes, de que carecia a noſſa America pela ſua grande extenſaõ, e pelos dilatados limites das Vigairarias, invenciveis à diligencia dos Parocos. Todos os referidos lugares tem occupado ſogeitos de naſcimento claro, qualificados por virtudes, e letras; e nos que de preſente exiſtem, ſe achaõ as meſmas prerogativas, e qualidades.

A Cathedral ſublimada a Metropolitana.

27 No anno de mil e ſeis centos e ſetenta e

ſeis

ſeis foy elevada a Cathedral em Metropolitana por Innocencio Undecimo, ſendolhes Suffraganeos os Biſpados de Pernambuco, Rio de Janeiro, Angola, e S. Thomé, cujas ovelhas tem na ſuperior inſtancia recurſo ao Arcebiſpo da Bahia, como Paſtor mayor de todo o rebanho. O primeiro foy D. Gaſpar Barata de Mendoça, que por ſeu Procurador tomou poſſe no de mil e ſeis centos e ſetenta e ſete, e morreo ſem vir ao ſeu Arcebiſpado, ſendo D. Fr. Joaõ da Madre de Deos o ſegundo na ordem da eleiçaõ; mas o primeiro, que logrou no Braſil (poſto que por poucos annos) eſta ſagrada Dignidade, Primaz da America Portugueza.

O ſeu primeiro Arcebiſpo.

28 Na meſma Cabeça do Eſtado foy introduzido, no anno de mil e ſeiſcentos e nove, pelo referido Rey Filippe o Tribunal rectiſſimo da Relaçaõ, Aula de Tribuniano, e credito dos Juriſconſultos, para o qual ſe aggrava dos outros Magiſtrados, e ſe appella das ſentenças dos Ouvidores, Juizes de fóra, e mais Miniſtros, que neſta, e nas outras Provincias tem lugares de juſtiça. Para ella vieraõ em todos os tempos, deſde a ſua erecçaõ, Miniſtros grandes, que voltando para Portugal, occuparaõ os mayores Conſelhos do Reyno, e o ſupremo lugar das letras, onde ſe achaõ de preſente alguns exercendo digniſſimamente aquelles ſuperiores empregos. Conſta a Relaçaõ da Bahia de dez Miniſtros, Chanceller, cinco Deſembargadores de Aggravos, dous Ouvidores geraes, hum do Crime, outro do Civel,

Tribunal da Relaçaõ.

hum Procurador da Coroa, e Fazenda, e hum Juiz dos Feitos della. A Alcaidaria môr da Cidade andou primeiro na Familia dos Monizes, e de presente na dos Aragões, descendentes de Catharina, e Diogo Alvares Correa.

Alcaidaria môr da Cidade.

Villas do seu destricto.

29 As Villas da Provincia da Bahia, comprehendidas nas cincoenta legoas, que se lhe dérão por costa, e sem limite pelo continente, são, Nossa Senhora do Rosario da Cachoeira, Nossa Senhora da Ajuda de Jagoaripe, Santo Antonio de João Amaro, S. Francisco, chamada do Sitio, e as novamente erectas, da Jacoabina, e de Maragogipe, que mandou fundar o Vice-Rey Vasco Fernandes Cesar de Menezes, como diremos no seu felicissimo governo; em todas se achão sumptuosas Igrejas Parochiaes, Ermidas devotas, boas casas de vivenda, trato, e commercio de differentes drogas, abundantes dos mantimentos do Paiz, e dos do Reyno, que a humas se conduzem por terra, e a outras por mar, tendo qualquer dellas muy dilatado destricto.

Armas da Cidade da Bahia.

30 Deu ElRey D. João III. à Cidade da Bahia por Armas, em campo verde, huma Pomba branca, com hum ramo de Oliveira no bico, circulada de huma orla de prata, com estas letras de ouro: *Sic illa ad aream reversa est.* Estas Armas se vem em ambas as Portas da Cidade, nas casas da Camera, no seu Pendão, e nas varas dos seus Cidadãos. A Pomba he symbolo do amor, a Oliveira sinal de serenidade, attributos, que resplandecerão naquelle Principe, e prerogativas, em que

se

ſe eſmeraõ eſtes Vaſſallos para com os ſeus Monarchas; pois nem as invaſoens dos inimigos, nem outras calamidades do tempo, poderaõ diminuir a conſtancia da ſua fidelidade nas execuções da ſua obediencia, e por eſtas virtudes meceraõ os prezados titulos, que logra eſta Cidade, de muito nobre, e ſempre leal, e o ſeu Senado os privilegios todos, que tem o da Cidade do Porto. Perdoe-ſe ao Author o dilatarſe tanto na pintura da Bahia por ſer Patria ſua; e naõ ſe offenda o original de ficar taõ pouco fermoſo no retrato.

31 Deſcripta eſta Provincia com preferencia a todas, continuaremos a narraçaõ das outras, começando onde principia a noſſa America Portugueza, e acabando onde termina. As duas grandiſſimas Provincias do Maranhaõ, e do Graõ Pará, que pela extenſaõ de quatrocentas legoas de coſta, e innumeraveis de Paiz, fórmaõ o ſegundo Eſtado dos dous, que comprehende a noſſa Regiaõ, foraõ das ultimas que ſe povoaraõ, ſendo as primeiras onde ſe principia a demarcaçaõ da noſſa America da banda do Norte, ſeparadas do governo geral do Braſil, e com pouca communicaçaõ com as ſuas Provincias, porque aſſim como o poder lhes aparta as juriſdicções, as diſtancias lhes difficultaõ o trato, ſendo tambem os perigos daquelles portos, e coſtas, a cauſa de que poucas embarcações das outras partes do Braſil frequentem a ſua navegaçaõ.

32 Quando o famoſo Franciſco Piſſarro an-

dava na conquiſta do Reyno do Perû, hum dos ſeus Capitães, chamado Franciſco de Arelhano, indo por ordem ſua com alguma gente no deſcubrimento da terra, tanto a penetrou, que ſe vio quaſi junto ao naſcimento do rio Graõ Pará, e admirando-ſe de o ver taõ eſtupendo, fez alli muitas embarcações das em que ſe coſtuma navegar por aquellas partes, e nellas com todas as peſſoas, que o acompanhavaõ, foy pelo rio abaixo, cuja furioſa corrente os houvera de çoçobrar, ſe com grande trabalho, e diligencia naõ tomaſſem terra, na qual deſembarcando, acharaõ outro igual perigo na reſiſtencia de varios encontros dos Gentios de Nações diverſas, ſendo mayor o da batalha, que tiveraõ (como ſe affirma) com hum exercito de valeroſas mulheres, que armadas de grandes arcos, e penetrantes ſettas, os acometeraõ; mas livrando com valor, e fortuna, de todos eſtes combates, poz Franciſco de Arelhano por eſta cauſa ao Graõ Pará o nome de rio das Amazonas. Outras diſſeraõ tambem os exploradores do rio de S. Franciſco, que haviaõ nas ſuas campanhas, no que ſe nos offerece ainda mayor duvida, da que temos nas Amazonas do Graõ Parâ, que faz verdadeiras a grande authoridade do Padre Chriſtovaõ da Cunha, Religioſo da Companhia de Jeſus, porque deſtas dá algum apparente teſtemunho o nome do rio, e daquellas naõ ha mais que a vaga tradiçaõ.

Franciſco de Arelhano entra no rio Graõ Pará.

33 Tornando a embarcarſe o Capitaõ Franciſco de Arelhano com a ſua gente, foy navegando

do tanto pelo rio abaixo, que chegou ao mar, e aportou na Ilha Margarita, que eſtá em onze graos do Norte, de donde fazendo embarcações mais capazes, navegou a Heſpanha, meditando voltar com poder mayor a povoar eſte rio, e o ir conquiſtando por elle acima; e preparadas no porto de S. Lucar, por ordem do Emperador Carlos V. quatro naos, em que ſe embarcara com ſua mulher, e muita gente, tornou ao Graõ Pará; mas chegando à foz do rio, faleceo alli de enfermidade natural; e naõ parecendo à gente das naos poder ſem elle continuarſe a empreza, voltaraõ para Heſpanha, de donde ſe naõ intentou outra expediçaõ, e depois foy povoada a Provincia pela Coroa Luſitana (a quem pertencia pela diviſaõ das Conquiſtas) a pezar das oppoſições, que em ſua defenſa fizeraõ os Gentios, que a poſſuhiaõ, de muitas linguas, e differentes Nações.

Deſcripçaõ da Provincia do Graõ Pará.

34 Eſtá em altura de hum grao, e tomou o nome do ſeu eſtupendo rio, tambem chamado das Amazonas, em cujas margens tem viſtoſo aſſento a Cidade de Noſſa Senhora de Belem, ſua Capital, nobiliſſimamente edificada, e ennobrecida de ſumptuoſas Igrejas, Matriz, e Miſericordia, e dos grandes Templos, e Conventos de Noſſa Senhora do Carmo, das Merces Redempçaõ de Cativos, dos Religioſos da Companhia, dos Capuchos de Santo Antonio, da Capella do Santo Chriſto, que he dos Soldados, e das magnificas caſas dos moradores, huma Cidadella, a Fortaleza de Noſſa Senhora das Merces, e a da boca da

barra

barra ſobre o rio, com muita, e boa artilheria de peças de bronze, e ferro de grande calibre. Tem quatro Companhias pagas de preſidio, com Sargento môr, e Capitaõ môr, numeroſo Povo, que conſta de quaſi quatro mil viſinhos, os mais delles ricos, e luzidos todos.

35 He o ſeu porto capaz de navios grandes, os quaes em ſufficiente numero todos os annos vaõ do Reyno a buſcar os ſeus precioſos generos, cacao, bahinilha, cravo, ſalſa parrilha, urucû, e as eſtimadas madeiras condurû, violete, burapenimâ, que tem ondas compoſtas como por regras; e de umirî, cujo tronco deſtila hum oleo mais fragrante que o do balſamo, e a caſca he taõ ſuave queimada, que ſerve de ſimples paſtilha, para os perfumes admiravel; e a carregar o fino aſſucar, que ſe lavra em mais de trinta Engenhos do ſeu reconcavo, de cujo dilatadiſſimo deſtricto vaõ (entre outros muitos) ſepultar as ſuas aguas no das Amazonas, cinco famoſos rios, o Xingû, o rio Negro, o Tapajôs, o Cambéas, e o Colimões, todos abundantes de peixe, e o mar de tartarugas, e de outros muitos peſcados, entre os quaes he de mayor eſtimaçaõ o peixe boy. Humas, e outras ribeiras cheas de caças volatiles, e quadrupedes, das quaes ha copia immenſa por todos aquelles Certões.

36 Em diſtancia da Cidade, quatorze legoas maritimas, ſe vê na deſmedida boca do rio das Amazonas huma dilatada lingua de terra, que tem noventa de comprimento, retalhada em mui-

tas

tas Ilhas, das quaes a mayor he a dos Joannes; ha nella huma Igreja como Freguesia, que administraõ os Religiosos de S. Francisco, servindo de Parocos; he povoada de muita gente, com presidio de Soldados, huma guarita, e artilheria; fecunda na creaçaõ dos gados, mayor, e menor; prodigas as suas ribeiras de pescados, e mariscos. He titulo de Baronîa, que se concedeo a Antonio de Sousa de Macedo, e permanece nos seus descendentes. Em pouca distancia da Cidade está a Ilha das Pacas, e mais, ou menos visinhas as outras innumeraveis, que jazem por aquelle Archipelago. No destricto desta Capitanîa ha outra, que chamaõ Cahetê, com huma Villa do mesmo nome, Capitaõ môr, Ordenanças, Igrejas, e huma Residencia dos Padres da Companhia; he da Casa dos Porteiros mores de Sua Magestade.

37 Ha outra Villa, intitulada S. Jorge dos Alamos, que foy de Jorge Gomes Alamo, em hum sitio, que chamaõ a Vigia; a sua Matriz he da invocaçaõ Nossa Senhora de Nazareth. Tem huma Fortaleza em fórma regular, com boa, e grossa artilheria; quasi legoa e meya distante da Cidade, em huma fazenda, que foy de hum morador poderoso, ha hum Hospicio dos Religiosos da Piedade. Em distancia quarenta legoas da Cidade fica a Villa do Camutâ, senhorio da Casa de Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, junto ao Igarapê do Limoeiro que he o caminho, ou estreito, por onde se faz a navegaçaõ para o rio das Amazonas, e onde está a Fortaleza do

Gurupâ,

Gurupâ, em que resistaõ as embarcações, que vaõ para aquelle rio; tem bom presidio, muita, e grossa artilheria, e outro Hospicio dos Religiosos da Piedade. Pelo rio acima estaõ as Fortalezas do Parû, do Tapajôs, e o Forte do rio Negro, todos fabricados com grandeza, e regularidade.

38 O ultimo termo da jurisdicçaõ desta Provincia, he o que chamaõ Cabo do Norte, em que estaõ a Fortaleza do Cumahû, na foz do rio, o Forte dos Aragoariz, a Fortaleza do Camou, fronteira à de Caena, que he dos Francezes, os quaes no anno de mil e seis centos e noventa e oito tomaraõ a nossa Fortaleza do Parû; mas indo contra elles Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que entaõ era Governador, e Capitaõ Geral do Estado do Maranhaõ, a tornou a restaurar com estrago dos Francezes, que deixaraõ encravada a nossa artilheria, retirando-se bem castigados do nosso ferro, e sahindolhes cara a sua ousadia. As Villas, que pertencem a esta Provincia, saõ as tres acima referidas, Cahetê, S. Jorge dos Alamos, Camutâ, e as Ilhas tambem declaradas dos Joannes, das Pacas, e as mais, que lhe ficaõ fronteiras naquelle portentoso rio das Amazonas; ha nesta amplissima Provincia Ouvidor da profissaõ literaria.

Villas pertencentes à Capitanîa do Graõ Parâ.

39 Foy a Igreja do Graõ Pará sogeita à do Maranhaõ, desde que esta foy erecta em Cathedral no anno de mil e seis centos e setenta e seis pelo Summo Pontifice Innocencio Undecimo; e queren-

querendo depois o Sereniſſimo Senhor Rey D. Pedro II. fazer tambem Cathedral a do Pará, nomeou por Biſpo della a D. Fr. Manoel da Natividade, Provincial que fora dos Religioſos Capuchos de Santo Antonio do Curral; mas impugnando eſta ſeparaçaõ D. Gregorio dos Anjos, Biſpo do Maranhaõ, duraraõ as duvidas, que repreſentou, tantos annos, que nelles morreraõ ambos os contendores: porém de proximo, no anno de mil e ſete centos e vinte, a fez Cathedral o Papa Clemente Undecimo, à inſtancia do Sereniſſimo Senhor Rey D. Joaõ V. que foy ſervido nomear Biſpo della a D. Fr. Bartholomeu do Pilar, Religioſo do Carmo, que he o primeiro do Graõ Pará, para onde ſe embarcou no anno de mil e ſete centos e vinte e dous.

A Igreja do Pará erecta em Epiſcopal.

40 Luiz de Mello da Sylva, filho ſegundo de Manoel de Mello, Alcaide mòr de Elvas, navegando voluntariamente em huma embarcaçaõ propria com gente à ſua cuſta, como aventureiro no deſcubrimento das coſtas, e portos do Braſil, chegou ao de Pernambuco, e intentando paſſar adiante, deſgárrou por elle abaixo, levado da força dos ventos, e da correnteza das aguas, e foy entrar no rio Maranhaõ; deſembarcou na Ilha, à qual poz o nome de S. Luiz; continuou a navegaçaõ para o rio das Amazonas, e tanto ſe agradou de ambos, e das noticias, que na Ilha Margarita achara em alguns Soldados de Franciſco de Arelhano, que nella ſe deixaraõ ficar, e lhe ſeguraraõ muitos haveres, ſe pelos rios acima os

Luiz de Mello da Sylva deſcobre o Maranhaõ.

penetrasse, que se resolveo a voltar para Portugal, para tornar com mayor poder a esta empreza.

41 Alcançou licença delRey D. Joaõ III. e partindo de Lisboa com tres naos, e duas caravellas, se perderaõ humas, e outras nos baixos do Maranhaõ, sahindo Luiz de Mello da Sylva com algumas pessoas, que se puderaõ salvar nos bateis, os quaes os levaraõ às Anthilias, de donde passaraõ a Portugal, e Luiz de Mello foy empregado no serviço da India, de donde, tendo obrado acções heroicas, voltava para o Reyno em o Galeaõ S. Francisco, que se perdeo, sem se saber onde naufragara.

42 Pouco tempo depois foy occupada a Ilha de S. Luiz por Ayres da Cunha, quando naquelles baixos se perdera a mayor parte da sua Armada: tambem a habitaraõ os filhos de Joaõ de Barros, quando hiaõ a povoar a Capitanîa da Paraîba, que ElRey D. Joaõ III. déra a seu pay, e naufragaraõ as suas naos nas costas do Maranhaõ, salvando-se elles com alguma gente nesta Ilha, onde estiveraõ até voltarem para Portugal: e ultimamente foy povoada por ordem do Governador, e Capitaõ Geral do Brasil Gaspar de Sousa, mandando-a restaurar por Jeronymo de Albuquerque, e Alexandre de Moura, do poder dos Francezes, que em tres naos, em que andavaõ buscando as prezas das Indias, derrotados de huma tormenta, haviaõ aportado a ella, e depois de a possuhirem alguns annos, foraõ expulsos.

Os Francezes expulsos da Ilha de S. Luîz do Maranhaõ.

Em

43 Em dous graos jaz a Provincia do Maranhaõ; a ſua Cabeça, e de todo aquelle Eſtado, que comprehende ao Graõ Pará, he a Ilha de S. Luiz. A Cidade, fundada pouco eminente ao mar, ſe intitula com o meſmo nome, ſendo inferior no circuito à de Noſſa Senhora de Belem do Pará; mas igual na magnificencia, e ſumptuoſidade das Igrejas, Cathedral, Miſericordia, Conventos dos Religioſos Capuchos de Santo Antonio, que foraõ os primeiros, que nella edificaraõ, dos de Noſſa Senhora do Carmo, dos Padres da Companhia de Jeſus, dos de Noſſa Senhora das Merces Redempçaõ de Cativos, o Templo de S. Joaõ, que he dos Soldados, a Ermida de Noſſa Senhora do Deſterro, poſto que nas moradas dos ſeus habitadores menos ſoberba, que a do Graõ Pará, terá tres mil viſinhos de ſuppoſiçaõ, e cabedaes. Tem Governador, e Capitaõ Geral, que no anno reſide ſeis mezes em huma, e ſeis na outra Provincia; muitas Companhias de preſidio, com Sargento môr, e Sargento môr da Praça, Ouvidor Geral da profiſſaõ literaria, do qual ſe appella para a Caſa da Supplicaçaõ de Lisboa.

44 Todos eſtes edificios eſtaõ dentro da Ilha, que tem quaſi nove legoas de comprimento, e vinte e ſeis em circuito, regada de quinze fermoſos, e fecundos rios chamados Cutî, Anil, Cutî-Merim, Mayoba, S. Joaõ, Anadinba, Tapariaſſû, Jagoarema, Araſagil, Cumbico, Goarapiranga, Batuba, Cachorro, Bacanga, Juſara, que em fertilidade lhe pagaõ as porções de terra, que lhe oc-

M ii cupaõ.

cupaõ. Eſtá fundada a Cidade poucos paſſos eminente ao mar, porém na ſua ribeira. Tem huma Fortaleza na praya junto à Miſericordia, outra onde chamaõ a Ponta da Area, ao entrar da barra, e hum Forte no porto. Tres quartos de legoa da Cidade eſtá huma Ermida de S. Marcos, onde ha huma Eſtancia, com artilheria para aviſar dos navios, que vaõ para o Maranhaõ, informando do numero das embarcações pelo dos tiros. Tem a Fortaleza de S. Filippe por hum lado, fronteira à Cidade, correndo entre ella, e a Fortaleza hum fermoſo rio. No continente a Fortaleza de Santo Antonio, na boca do rio Itapaem dous Fortes, hum em Vatronado, outro em Icatû, o Forte no Ilhés do Periâ, que he reſiſto do Ceará, e o Forte de Villa Nova de Santo Antonio de Alcantara. Eſtas ſaõ as forças, que ha na Ilha, e na terra firme do Maranhaõ, todas regularmente fabricadas com muita artilheria de ferro, e bronze, bons Cabos, e Officiaes.

45 O intervallo, que ha entre a Ilha, e o continente, he hum breve eſpaço de mar, pelo qual nas vaſantes ſe paſſa ſem embarcações para a terra firme. Nella defronte da Cidade, tres legoas de diſtancia, eſtá o deſtricto da Tapuytapera, com a Villa de Santo Antonio de Cumâ, Cabeça do ſenhorio da Caſa de Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, com boa Igreja Matriz, dous Conventos, hum de Noſſa Senhora do Carmo, outro de Noſſa Senhora das Merces, e pouco apartada da Povoaçaõ huma Reſidencia dos

Religio-

Religioſos da Companhia. Ha mais duas Villas, huma da invocaçaõ Santa Maria, outra Santo Antonio de Alcantara, ambas habitadas, e defendidas contra o furor dos Gentios, que repetidas vezes dá ſobre aquelle reconcavo, deſtruindo as lavouras, e Engenhos, dos quaes tendo havido muitos, (por eſta cauſa) permanecem poucos à cuſta da vida dos moradores, porque aquelles barbaros habitadores, no eſtupendo deſtricto do Maranhaõ, ſaõ entre todos os Gentios do Braſil os que mais exiſtem na ſua indignaçaõ, ou na ſua liberdade, parecendo impoſſivel ſogeitallos, ou reduzillos à paz, como nas outras Provincias.

46 As embarcações, que vaõ de Portugal para aquelle Eſtado, em reſpeito da viagem, tomaõ primeiro o porto do Maranhaõ, onde deixaõ as fazendas, que levaõ para aquella Provincia, carregando entre outros generos a immenſa copia de algodaõ, que ella produz, droga, em que excede a muitas Provincias da Aſia, e o levaõ tecido em peſſas para algumas obras, e em novellos para pavios. Carregaõ muito cravo, com a differença, que temos moſtrado na ſua fórma, mas com o proprio effeito do das Malucas, produzindo-os eſtas duas Provincias, por ficarem quaſi entre o meſmo parallelo daquellas Ilhas.

47 Foy a Cidade de S. Luiz do Maranhaõ erecta em Cathedral pelo Pontifice Innocencio Undecimo, no anno de mil e ſeiſcentos e ſetenta e ſeis, e o ſeu primeiro Biſpo D. Fr. Antonio de Santa Maria, Religioſo Capucho de Santo Antonio,

nio, mas naõ chegou a ir àquella Igreja, por ſer promovido à Dignidade de Biſpo Deaõ da Capella, e depois à de Biſpo de Miranda. O ſegundo na ordem, mas o primeiro, que paſſou àquelle Eſtado, foy D. Gregorio dos Anjos, Religioſo de Santo Eloy, tambem promovido a eſta Mitra da de Cochim, em que eſtava eleito. Ambas as Cathedraes do Maranhaõ, e Pará ſaõ Suffraganeas ao Arcebiſpado de Lisboa Occidental.

48 A Provincia do Ceará, que pela ſua extenſaõ grandiſſima confina com a do Maranhaõ, eſtá em altura de tres graos; tem hum pequeno Forte, com pouca guarniçaõ de Infanteria paga, que defende a Povoaçaõ, na qual ha pouco mais de trezentos moradores, e logra de Cidade ſó o privilegio; em taõ dilatada coſta de mar naõ tem porto capaz de navios; e poſto que por eſte defeito carece de commercio, que faz opulentas as Cidades, em compenſaçaõ daquella falta, exiſte ſegura de ſer invadida por inimigos eſtranhos, e aſſim ſó contra os naturaes oppoem a ſua defenſa competente à porfia, e barbaridade dos Gentios, que habitaõ o ſeu larguiſſimo continente, e deſtricto, em que ha tres Villas, Santiago, Ceará-Merin, e Camocipe, pelas quaes eſtaõ divididos mais de duzentos viſinhos. Tem a Cidade Capitaõ mór, que governa toda a Provincia, com Sargento mór, e outros Cabos.

49 He a mais aſpera, e inutil do Braſil, ſó abundante de muitas ſalinas, e copia grande do melhor pao violete, que produz eſta Regiaõ; poſto

posto que para desempenho da esterilidade dos outros generos, de que a naõ fecundara a natureza, lhe lançou o mar quantidade de ambar griz por toda aquella grandissima costa, do mais fino, que sahe pelas outras da nossa America, e em mayor abundancia; acontecendo trazeremno em muito numero de arrobas os Gentios a trocar por qualquer droga com os Portuguezes, e colhendo-o tambem elles na mesma quantidade, e perfeiçaõ. Para a parte do Norte tem huma enseada, a que chamaõ Titoya, a qual penetrando grandissimo espaço o continente, acompanhada por ambos os lados de espessos mangues, com producçaõ immensa de mariscos, vay descubrindo fertilissimos campos, e hoje se acha com mayor numero de habitadores, que a Cidade. Vinte legoas para o rio Grande, tem pelo Certaõ huma fermosa Povoaçaõ, com o nome do rio Jaguaribe, que por ella passa, o qual seis legoas para o mar faz huma barra sufficiente a embarcações pequenas, que vaõ a carregar carnes, de que abunda com excesso aquelle Paiz. Este lugar erigio em Villa o Doutor Joseph Mendes Machado, que foy crear a Ouvidoria geral daquella Provincia no anno passado de mil e setecentos e vinte e tres, e por ver que a enseada dos Zaquirâs, distante dez legoas da Cidade para o Sul, era capaz de oito navios de alto bordo, fundou alli outra Villa, chamada dos Zaquirâs, por ordem Real, que levara para as erigir, onde fossem convenientes.

Provincia do rio Grande.

50 Em cinco graos está situada a Provincia do

do rio Grande, que lhe deu o nome. He a ſua Cabeça a Cidade do Natal, de mediana grandeza, e habitaçaõ, com Matriz ſumptuoſa, e boas Igrejas. Eſtá fundada meya legoa diſtante do ſeu porto, capaz de todo o genero de embarcações, em cuja entrada tem a Fortaleza dos Santos Reys, das mais capazes do Braſil em ſitio, firmeza, regularidade, e artilheria, edificada ſobre huma penha de grandeza deſmedida, com quatro torreoens. Ha na Cidade Capitaõ môr, que a governa, Sargento môr, e outros Cabos, com bom preſidio: abunda de todos os mantimentos neceſſarios para o ſuſtento de hum Povo mayor, que o de que ella conſta, pois naõ paſſa de quinhentos viſinhos.

51 O ſeu rio traz origem de huma lagoa de vinte legoas de circunferencia, na qual ſe achaõ perolas das melhores, que ſe tem colhido no Braſil. O ſeu reconcavo dilatadiſſimo teve mais Engenhos, dos que hoje permanecem, pelas ruinas, que lhe tem cauſado os Gentios daquelle vaſto deſtricto, que ſaõ dos mais ferozes, e barbaros, e coſtumaõ repetidas vezes deſtruir as fabricas, e lavouras dos moradores; tem na ſua juriſdicçaõ a Villa de Parandibe, ſufficientemente povoada, e defendida. Nove legoas ao Sul lhe fica o rio Cunhaû, do qual toma o nome huma Povoaçaõ de ſeiſcentos viſinhos.

52 Naufragando huma embarcaçaõ, que navegava para as Capitanîas do Norte, e ſalvandoſe Nicolao de Reſende com trinta companheiros

neſta

nesta do rio Grande, quizeraõ penetrar mais o interior daquella Provincia, buscando transito por terra para as outras do Brasil. Na diligencia (sendolhes entaõ favoraveis os Gentios) descubriraõ outra lagoa, incomparavelmente mayor que a primeira em comprimento, e largura; porque caminhando muitos dias pelas suas ribeiras, naõ chegaraõ a verlhe o fim, attentos a voltarem à sua jornada. Nesta lagoa lhes differaõ os Gentios, se creavaõ em mais quantidade perolas, que na outra, e lhes mostraraõ, e deraõ algumas perfeitissimas, e grandes. Tudo depoz Nicolao de Resende em hum tratado, que fez do seu naufragio, e deste descubrimento. He esta Provincia titulo de Condado do Illustrissimo Lope Furtado de Mendoça, primeiro Conde do rio Grande. Ambas foraõ povoadas por ordem Real, e a sua conquista nos deu grande trabalho, pela ferocidade com que nos resistiaõ os Gentios da naçaõ dos Tapuyas, que as possuhiaõ.

Titulo de Condado.

53 A Provincia da Paraîba deu ElRey D. Joaõ III. ao nosso famoso Historiador Portuguez Joaõ de Barros, que a mandou povoar por dous filhos, com muita despeza de gente, e naos, das quaes se perderaõ quasi todas, salvando-se algumas pessoas no Maranhaõ, onde as levaraõ as aguas. Esta desgraça lhe impossibilitou o proseguir a empreza daquella conquista, que se fez muitos annos depois, mandando o Cardeal Rey D. Henrique povoalla por Frutuoso Barbosa, o qual teve nos principios infaustos successos, pela

Provincia da Paraîba.

 opposi-

oppofiçaõ, que lhe fizeraõ os Gentios, que a pofſuhiaõ, de Naçaõ Pitiguares, auxiliados pelos Francezes, cujas naos hiaõ fempre a carregar o pao das tintas, a troco dos generos, que lhes levavaõ, confervando-fe em reciproca amizade.

54 Eftá em altura de feis graos, e dous terços. A fua Capital he a Cidade de Noffa Senhora das Neves, edificada em huma grande planicie diftante do mar, e perto do rio Paraîba, que dá o nome a toda a Provincia, e faz hum porto, a que chamaõ Varadouro, onde eftaõ a Alfandega, e os Trapiches de recolher os affucares. Tres legoas pelo rio abaixo lhe fica a barra, com a Fortaleza do Cabedello, intitulada Santa Catharina, fabrica grande, fumptuofa, e em fummo grao regular, em fórma de hum Pentagono com baluartes, capaz de fer guarnecida por oito centos homens; defende o rio, no qual por elle acima vaõ os navios menores ao porto do Varadouro defpachar, defcarregar, e receber os affucares, e generos, que levaõ para o Reyno, ficando os mayores na barra, onde em barcos fe lhes conduz a carga. Todos os annos vaõ àquelle porto feis, e oito naos a bufcar o affucar, que he o melhor de todo o que fe faz nas Provincias de Pernambuco, e fe fabrîca em vinte e hum Engenhos, que ha no reconcavo da Paraîba, todos grandes, bem fabricados, e muito rendofos; abundando aquelle grandiffimo deftricto de todo o neceffario para o fuftento, e regalo de copiofo numero de habitadores.

A Ci-

55 A Cidade he grande, tem ſumptuoſa Matriz; Caſa magnifica da Miſericordia, quatro perfeitos Conventos, o dos Religioſos da Companhia de Jeſus, o de Noſſa Senhora do Carmo de Religioſos Reformados, o de S. Bento, e o de S. Franciſco, e huma Igreja de Noſſa Senhora do Roſario; mais de mil viſinhos, muita Nobreza, Povo luzido, e commercio grande. Ha nella de preſidio duas Companhias pagas, além de outra, que guarnecem a Fortaleza, Sargento môr, Cabos, e Officiaes, e nos ſeus deſtrictos alguns Coroneis, e Ordenanças. He governada a Provincia por hum Capitaõ môr com titulo de Governador, que reſide na Cidade. Eſte lugar tem occupado peſſoas de ſuppoſiçaõ, e ſerviços, que a elle paſſaraõ de grandes poſtos; e muitos deſte Governo foraõ ao do Eſtado do Maranhaõ, e a outras occupações militares de reputaçaõ, para as quaes foy ſempre degrao competente o Governo da Paraîba.

Provincia de Itamaracâ.

56 Vinte e cinco legoas diſtante, em altura de ſete graos, eſtá a Ilha de Itamaracâ, Cabeça da Capitanîa deſte nome, que naõ tem por coſta mais que as ſete legoas, de que conſta o comprimento da Ilha, ſendo no continente taõ dilatada, como as outras Provincias. Na barra, que lhe faz o rio, chamado os Marcos, quando entra no mar, eſtá o Forte de Santa Cruz; he de fórma regular, com quatro baluartes, que defende a barra, e o porto; tem boa artilheria, e huma Companhia de guarniçaõ. A Villa, que ſe intitula Noſſa Se-

nhora da Conceiçaõ, he edificada ſobre hum monte, com grande Igreja Matriz, duas Companhias de preſidio. Ha nella duzentos viſinhos, e em toda a Ilha tres grandes Engenhos de aſſucar. Por todo o terreno do ſeu circuito ſe vem continuadas muitas fazendas, e lavouras, viſtoſas caſas de campo, e recreyo, que a fazem apraſivel com todos os mantimentos, e viveres, de que póde carecer a mayor Povoaçaõ.

57 Na terra firme de ſua juriſdicçaõ tem a Villa de Goayana, fundada em huma dilatada planicie pelas ribeiras do famoſo rio Capiberibe, com Igreja Matriz de Noſſa Senhora do Roſario, hum Convento de Noſſa Senhora do Carmo dos Religioſos da Refórma, duas perfeitiſſimas Capellas, quatro centos viſinhos, grande commercio, e abundancia da mayor parte dos generos do Braſil. Nella reſidem o Capitaõ mór, e as Juſtiças de toda a Capitanîa; em cujo deſtricto ha mais tres Fregueſias, a do Tejucupapo, a da Tacoara, e o Curato de Noſſa Senhora do Deſterro. Fundou eſta Capitanîa Pedro Lopes de Souſa, que tendo corrido as alturas, e portos da noſſa America, e nella alcançado delRey D. Joaõ III. cincoenta legoas por coſta, as naõ tomou juntas, ſe naõ divididas, eſcolhendo as ſete, que comprehende a diſtancia maritima deſta Ilha, com toda a extenſaõ das outras pelo Certaõ; e as mais ſituou para a parte do Sul: entrou eſta Capitanîa por ſucceſſaõ feminina em a grande Caſa dos Marquezes de Caſcaes. Tambem eſtava poſſuida dos

Gen-

Gentios Pitiguares, com quem Pedro Lopes de Souſa teve muitas pelejas, em que os vencera.

58 A Provincia de Pernambuco, em oito graos e hum quarto da Equinocial, ſe dilata ſeſſenta e cinco legoas pela coſta, e ſem termo pelo continente. Será ſempre memoravel, porque chegando à mayor opulencia, a continua variaçaõ do tempo, e da fortuna a fez ainda mais celebre pelos eſtragos, que pela grandeza, conſervando nas ſuas ruinas os padroens da ſua fidelidade, e do ſeu valor. He a ſua Cabeça a Cidade de Olinda, primeiro Villa deſte nome, e de Marim; eſtá fundada em ſitio alto, viſinho ao mar, e por todas as qualidades delicioſo, com muitas perennes fontes, e poços fecundos; tem ſumptuoſos edificios, a Sé, a Miſericordia com hum Hoſpital magnifico, os Conventos dos Padres da Companhia de Jeſus, de Noſſa Senhora do Carmo da Obſervancia, de S. Bento, o Recolhimento de Noſſa Senhora da Conceiçaõ de mulheres principaes, a Fregueſia de S. Pedro Martyr, as Igrejas de Noſſa Senhora do Roſario, de Guadalupe, de S. Sebaſtiaõ, de S. Joaõ, que he Confraria dos Soldados, a de Monſerrate da adminiſtraçaõ dos Monges de S. Bento, ſumptuoſo Palacio dos Governadores, e nobres caſas dos moradores; os quaes, ſendo em outro tempo innumeraveis, hoje naõ excedem de tres mil viſinhos: tem de preſidio dous Terços de Infanteria paga, dos quaes hum aſſiſte na Villa do Recife.

Provincia de Pernambuco.

59 A hum lado da Cidade tem famoſo tranſito

ſito o rio Beberibe, de agua criſtalina, e groſſa corrente, fazendo junto a ella hum porto, que chamaõ Varadouro. Pelo rio acima, em diſtancia de quaſi meya legoa, lhe entrava agua ſalgada; mas aquelles moradores, mandando alli fabricar huma dilatada, e fermoſa ponte com vinte e quatro bicas, conſeguiraõ trazer por cima do mar o rio. Do Alféo ſe finge, que por debaixo das ondas ſahe na fonte Arethuſa com as ſuas aguas intactas; mas do Beberibe ſe verefica, que ſobre o mar leva puras as ſuas aguas a eſtas bicas, lá a milagres do amor, cá a primores da arte; ſendo admiravel concurſo de dous contrarios effeitos, eſtar a hum tempo nadando na agua ſalgada, e tomando a doce. Em cima deſta ponte, para a parte de Olinda, eſtá fundada ſobre arcos huma fermoſa caſa de recreyo, aonde ſe vay admirar aquelle portento, e a conſonancia daquellas correntes, que pelo regiſto, e compaſſo das bicas fazem huma ſuave, e viſtoſa harmonia aos olhos, e aos ouvidos. No fim della, a hum lado para a parte do Sul, eſtá o Convento dos Religioſos de Santa Thereſa de Jeſus, em lugar taõ retirado, quanto ameno.

60 Do porto do Varadouro por eſte rio abaixo, huma legoa de diſtancia da Cidade, continuando por hum eſtreito Iſthmo de area, entre o rio, e o mar, eſtá a Villa de Santo Antonio do Recife, ſituada em hum eſpaço de terreno, que por largura de cem braças ſepara huma, e outra corrente; no porto deſta Villa tem abrigo as naos, e nelle

e nelle descarregaõ. Pela parte do Norte a fechaõ humas grandes portas, formando por cima huma boa platafórma com artilheria, que defende o mar, e o rio, e huma Capella, chamada o Bom Jesus das Portas; em baixo assiste de guarniçaõ huma Companhia.

61 Saõ magnificos os edificios, a Matriz, de invocaçaõ Corpo Santo, o Oratorio de S. Filippe Neri, a Igreja de Nossa Senhora do Pilar, da qual saõ administradores os descendentes do Provedor Joaõ do Rego Barros, que a edificou; grandes casas dos moradores adornaõ esta Povoaçaõ. No fim della, para o Sul, lhe fica a outra porçaõ, que chamaõ Banda de Santo Antonio, e Cidade Mauricéa, pela Corte, e magnifico Palacio, que nella fez Mauricio, Conde de Nassau; e ambas estas partes compoem a grandeza daquella Villa. A natureza as dividio por hum lagamar, que faz o rio Capeberibe, e outros mais, que alli se juntaõ; porém a arte as unio com huma dilatada espaçosa ponte, principiada pelos Hollandezes, e acabada pelos Pernambucanos. Nella está huma Companhia para obviar os tumultos, que pódem haver no transito.

62 Esta porçaõ da Villa do Recife he mais vistosa, que a outra, e fica em mais planicie; tendo pela parte do Norte o referido lago, pela do Sul o rio Capeberibe, que a cerca, e pelo mar o rio Jequiâ, que nelle desemboca por hum passo, que chamaõ Merca-Tudo. Tem estupendas fabricas, magestosos Templos, e Conventos dos Padres

dres da Companhia, dos Religiosos Capuchos, dos da Refórma do Carmo, dos Barbonios de Nossa Senhora da Penha de França, as Igrejas de Nossa Senhora do Paraiso, em que ha hum Hospital erecto por D. Joaõ de Sousa, de que saõ Administradores os seus herdeiros; as de Nossa Senhora do Livramento, e do Rosario, onde ha Sacrario, com hum Coadjutor; em ambas estas partes do Recife ha sete mil visinhos.

63 Desta Povoaçaõ se sahe à terra firme por duas dilatadas pontes, que atravessaõ os referidos rios, e daõ passo para todas as partes daquella Provincia. Huma se chama da Boa Vista, da qual se passa para outra nova Povoaçaõ, principiada ha poucos annos, mas já populosa, de grande recreaçaõ, muitos jardins, fontes cristalinas, regaladas frutas, saborosos pescados, e mariscos: tem as Igrejas de Nossa Senhora da Conceiçaõ, da Soledade, de Santo Amaro, de S. Gonçalo, em que assiste hum Cura; ha neste Lugar dous mil visinhos. A outra ponte se chama dos Affogados, pela qual se sahe para as outras Freguesias, e partes daquella Provincia. Expulsos da enseada do Rio de Janeiro os Francezes pelo Governador, e Capitaõ Geral Mendo de Sá, foraõ em quatro naos parar em Pernambuco, e se apoderaraõ do Recife, (em que até aquelle tempo habitavaõ só pescadores, e alguns homens de Negocio) com tençaõ de se conservarem nelle; porém acudindo de Olinda o Governador com numerosa gente, os combateo taõ rijamente, que depois de

alguma

alguma resistencia, foraõ compellidos a largar o lugar, e se embarcaraõ, deixando em huma pedra gravada esta sentença no seu idioma: *Le Munde vâ de pis ampi.*

64 Tem o seu reconcavo a Freguesia do Cabo de Santo Agostinho, sete legoas distante da Cidade. He hum Promontorio, com que destacando-se do seu continente a terra, mostra que pertendera conquistar o mar, invadindolhe as ondas por muito espaço de legoas. As outras, que comprehende a Capitanîa, saõ a Moribeca, Santo Amaro de Jaboatam, a Varge, Nossa Senhora da Luz, o Curato da Mata de Santo Antaõ, S. Lourenço, e a Ipojuca, onde os Religiosos Franciscanos tem outro Convento: em todas ha grandes Povoações, cento e trinta Engenhos de assucar: outras Igrejas tem mais distantes, Nossa Senhora dos Prazeres nos Gararapes, de administraçaõ dos Religiosos de S. Bento, e Nossa Senhora de Nazareth, onde os do Carmo tem Hospicio, em cuja marinha está a Fortaleza, chamada Tamandarê.

65 Defendem a Cidade de Olinda, Villa do Recife, todas aquellas barras, e prayas do mar, e dos rios, visinhas, e distantes, muitas Fortalezas; a de S. Joaõ Bautista do Brum, fundada em huma praya em parallelo gramo, com dous baluartes inteiros da parte do rio Beberibe, e dous meyos baluartes para a da Villa do Recife, e Cidade de Olinda, e da parte da barra em linha recta; defende a barra, e o poço, onde anchoraõ os navios, tem grossa, e muita artilheria de bronze em peças

de grande calibre. O Forte do mar, fabricado em angulo na ponta de hum Recife, fronteiro à Fortaleza do Brum, defende o poço, e o porto com boa artilheria. A Fortaleza da Madre de Deos, e S. Pedro, he feita em fórma de hum ſemicirculo pela parte do mar, e pela da terra tem dous meyos baluartes, e huma cortina com muita, e grande artilheria em peças ſó de bronze; defende o porto, e a praya das Cinco Pontes. O Forte das Cinco Pontes he em fórma quadrada com quatro baluartes; defende a Barretinha, a praya, parte do porto, e a campanha dos Affogados.

66 O Forte dos Affogados he de quatro baluartes; defende o rio do ſeu nome, e toda a campanha, que lhe fica em roda. A Fortaleza de Santa Cruz, e de Santo Ignacio no porto de Tamandarê, diſtante vinte e cinco legoas, he hum quadrado regular com quatro baluartes; defende o ſeu porto (que he capaciſſimo de muitas naos) e a barra; tem muitas peças de artilheria de bronze, e huma Companhia de guarniçaõ. A Fortaleza de N. Senhora de Nazareth, no Cabo de Santo Agoſtinho, contém duas baterias, huma ſuperior, outra inferior, mas ambas iguaes na fórma, e guarniçaõ, do meſmo numero de peças de artilheria de bronze, que defendem a barra, e porto; tem hum Cabo de confiança, e huma eſquadra de Soldados.

67 He o Paiz de Pernambuco dos mais abundantes, amenos, e ricos do Braſil. Os ſeus Engenhos daõ o mais fino aſſucar, as ſuas matas as mais precioſas madeiras, o ſeu terreno os mais delicioſos

ciosos frutos. Criaõ os seus campos todos os generos de gado, e de caças admiraveis; os seus mares, e rios, os mais regalados pescados, e mariscos. Acha-se no seu clima o temperamento mais saudavel; as arvores, plantas, e frutas naturaes, cultas, e silvestres, mais saborosas, e algumas estrangeiras no mesmo grao perfeitas. Ha nas suas Familias qualificada Nobreza. Em fim, he hum compendio de tudo, o que póde fazer grande hum Reyno. A sua Igreja foy erecta em Cathedral pelo Pontifice Innocencio Undecimo, no anno de mil e seis centos e setenta e seis, e o seu primeiro Bispo D. Estevaõ Brioso de Figueiredo, Vigario geral, que fora do Arcebispado de Lisboa.

68 Além das referidas Freguesias, e Povoações, que comprehende esta Provincia, saõ da sua larguissima jurisdicçaõ a Villa dos Santos Cosme, e Damiaõ, chamada Igaracû, muy aprasivel, e a primeira, que nella se fundou; a de Serinhaêm, intitulada Villa Fermosa; a do Porto do Calvo, que tem muitos Engenhos, e clarissimas Familias; a das Alagoas do Norte; a de Santo Antonio, para a parte do rio Grande; a notavel Povoaçaõ de S. Miguel; a das Alagoas do Sul; e a Villa do Penedo no rio de S. Francisco, que he a baliza desta Provincia pela parte do Sul, como pela do Norte a Ilha de Itamaracâ.

69 Deu esta Capitanîa ElRey D. Joaõ III. a Duarte Coelho Pereira, filho terceiro de Gonçalo Pires Coelho, Senhor de Filgueiras, por grandes serviços, que na India lhe fizera: com os cabedaes,

bedaes, que nella adquirio, ajuntou muitas naos, gente, e tudo o preciso para a conquista, e Povoaçaõ daquella dilatadissima Provincia, para a qual se embarcou com a sua casa, muitos parentes, e Familias nobillissimas. Desembarcado, achou taõ rija opposiçaõ, e porfia nos Gentios da Naçaõ dos Cahetês, que dominavaõ todo aquelle destricto até o rio de S. Francisco, (assistidos de alguns Francezes) que lhe foy necessario ir ganhando a palmos, o que se lhe concedera a legoas, sahindo ferido de huma das repetidas batalhas, que aos Barbaros déra. Foy fazendo varias fundações, conquistando dilatado terreno; e convidados da sua franqueza, e da fertilidade do Paiz muitos sogeitos do Reyno, de distinçaõ, e qualidade, foraõ em varios tempos habitar em Pernambuco, onde procrearaõ nobillissimos descendentes; em cujo valor, e generosidade consistio depois a liberdade da Patria.

70 A Duarte Coelho Pereira succedeo seu filho, e companheiro naquella empreza, Duarte de Albuquerque Coelho, que continuou a conquista, augmentando-a com tantas Povoações, fabricas, e lavouras, que o fizeraõ o mayor Donatario do Brasil; e passando com a sua casa para Portugal, deixou por Governador de Pernambuco a seu tio Jeronymo de Albuquerque, o qual governou muitos annos aquella Provincia, onde morreo, e deixou grande numero de filhos naturaes; porém de sua esposa D. Filippa de Mello, filha de Christovaõ de Mello, teve a D. Catharina de

de Albuquerque e Mello, que casou com Filippe Cavalcanti, Fidalgo de Florença, e dos mais esclarecidos daquella antiquissima Republica, que entaõ passara do governo Aristocratico ao Monarchico. De Filippe Cavalcanti, e de D. Catharina de Albuquerque e Mello, descendem os Cavalcantis de Pernambuco.

71 Duarte de Albuquerque Coelho, segunda Donatario, naõ teve filhos; succedeolhe seu irmaõ Jorge de Albuquerque Coelho, e foy terceiro Donatario. Acompanhou a ElRey D. Sebastiaõ na infeliz batalha de Alcacer, e lhe deu o seu cavallo, dizendolhe, que para o salvar naquella occasiaõ, lho negara em outras, e ficou cativo com nove feridas. Seu filho Duarte Coelho de Albuquerque foy quarto Donatario; quando os Hollandezes tomaraõ a sua Capitanîa, veyo a ella taõ esplendidamente tratado, e com taõ grande comitiva, que entre criados, e familiares, sustentava trezentos homens. Casou com D. Joanna de Castro, filha de D. Diogo de Castro, Vice-Rey de Portugal, e Conde do Basto, cuja Casa herdou, por falta de seu irmaõ D. Lourenço Pires de Castro, que morrera em Catalunha. Teve Duarte Coelho de Albuquerque a Jorge de Albuquerque Coelho, e a D. Maria de Albuquerque e Castro, a qual por ficarem seu pay, e irmaõ em Castella, herdou o Senhorio de Pernambuco, o Condado do Basto, e depois o de Alegrete, por morte de Mathias de Albuquerque seu tio.

72 Foy esposa do Conde de Vimioso D. Miguel

guel de Portugal, Principe descendente pela sua baronia da Serenissima Casa de Bragança. Por naõ ter successaõ, foraõ para a Coroa as Casas, e titulos do Basto, e do Alegrete, e o Senhorio de Pernambuco; posto que a este fizeraõ opposiçaõ muitos Fidalgos de Portugal; a Alcaidaria môr da Cidade andou sempre nos Albuquerques, e hoje está nos Mouras, rama do tronco dos Albuquerques de Pernambuco.

Provincia de Serzipe delRey.

73 Em altura de onze graos está a Provincia de Serzipe, fundada por ordem Real. A Cidade de S. Christovaõ he a sua Capital, com sumptuosa Matriz, da invocaçaõ de Nossa Senhora da Victoria; Misericordia, fermosos Conventos de Nossa Senhora do Carmo, e de S. Francisco, e huma devota Capella de Nossa Senhora do Rosario. He magnifica a Casa do Concelho, e Cadea; nobres as dos moradores, que havendo sido em outro tempo muitos, hoje naõ excedem de quinhentos visinhos. No seu arrabalde está huma Ermida do glorioso S. Gonçalo, frequentada romaria daquelle Povo, e das suas Villas. Tem Capitaõ môr, que governa a Provincia, com Sargento môr, e huma Companhia paga de presidio. No seu termo, para a parte que chamaõ Cotinguiba, ha outra Parochia com quatro Capellas, e para o rio Vasa-Barriz tem mais cinco Capellas. No seu reconcavo, e no das suas Villas se contaõ vinte e cinco Engenhos, de donde sahe todos os annos bom numero de caixas para a Bahia, de perfeito assucar em qualidade, e beneficio.

As

74 As Villas da ſua juriſdicçaõ, que ſe comprehendem no ſeu deſtricto, ſaõ a de Santo Amaro das Brotas, a de Santo Antonio da Tabayana, a Villa Nova de Santo Antonio do rio de S. Franciſco, a do Lagarto, com a invocaçaõ de Noſſa Senhora da Piedade, e a Villa Real do Piaguî. Todas tem boas Igrejas Parochiaes, muitas Capellas, e Ermidas devotas. Na do Lagarto tem huma Miſſaõ os Padres da Companhia; duas na Villa Nova de Santo Antonio os Religioſos Capuchinhos da Piedade; huma os do Carmo, os quaes tem hum Hoſpicio na Villa Real do Piaguî. Em todas ellas ha mais de oito mil viſinhos, que poſſuem cabedaes, e tem muitas lavouras, ſendo para todos o terreno taõ dilatado, e fecundo, que faz ferteis as ſuas Povoações, e aos ſeus habitadores ricos, e abundantes. Saõ prodigos os ſeus campos na creaçaõ dos gados, na producçaõ das ſementeiras, e do tabaco. Deſte genero, da courama, e do aſſucar, lhe reſulta muito commercio, e ainda fora mais franco, a naõ ſerem as ſuas barras taõ eſtreitas, que naõ daõ tranſito, mais que a pequenas ſumacas.

Provincia dos Ilheos.

75 Em quinze graos eſcaſſos tem aſſento a Provincia dos Ilheos, aſſim chamada pelos que a natureza lhe poz na foz do rio. A ſua Cabeça he a Villa de S. Jorge: tem Igreja Matriz, duas Capellas, huma de Noſſa Senhora da Victoria, outra de S. Sebaſtiaõ, e hum Collegio dos Religioſos da Companhia. Duas Fortalezas a defendem, huma na barra, outra apartada della, mas ſobre

hum

hum monte eminente ao mar. Saõ do ſeu deſtricto as Villas de Cayrû, Camamû, Boypeba, e o rio das Contas, em cujo termo, para a parte do Norte, mandou erigir de preſente o meſmo Vice-Rey huma Villa. Ha neſta Provincia boas Igrejas Parochiaes, e outras de varias invocações. A Villa do Camamû tem na barra a Fortaleza de Noſſa Senhora da Graça com quatro baluartes. Na Capital, e nas outras ha muitos moradores, e chegaõ a ſeis mil viſinhos, poderoſos alguns em cabedaes com as lavouras da farinha, de que provem a toda a Provincia da Bahia, em muita utilidade della, e de todo o ſeu reconcavo.

76 ElRey D. Joaõ III. a deu com cincoenta legoas por coſta a Jorge de Figueiredo Correa, que naõ podendo vir em peſſoa povoalla, impedido da occupaçaõ, que tinha no ſerviço Real, a mandou conquiſtar, enviando huma boa Eſquadra de naos, e muita gente, por Franciſco Romeiro, o qual com valor, e diligencia, vencidas as oppoſições dos Gentios, fundou a primeira Povoaçaõ, a que deu o nome de S. Jorge, por ſer o de ſeu Donatario; e ſuperadas muitas difficuldades, e novas reſiſtencias daquelles Barbaros, com os quaes depois aſſentando pazes, a augmentou em todo o genero de fabricas do Braſil. Seu filho Jeronymo de Figueiredo de Alarcaõ a vendeo a Lucas Giraldes, Fidalgo Florentino, de quem deſcendem algumas Caſas illuſtres em Portugal; depois entrou eſta Capitanîa por ſucceſſaõ feminina na illuſtriſſima Caſa dos Almirantes do Reyno.

Em

77 Em altura de dezaſeis graos, e meyo eſtá a Provincia do Porto Seguro, primeira terra, e primeiro porto, que os Portuguezes deſcubriraõ, e tomaraõ no Braſil, como tem moſtrado eſta Hiſtoria. Contém duas Villas, huma, que deu o nome a toda aquella Provincia, e outra, que ſe intitula Santo Antonio do rio das Caravellas. Na do Porto Seguro ha boas Igrejas, a Matriz invocaçaõ de Noſſa Senhora da Penna, a de S. Sebaſtiaõ, a Miſericordia, a de Noſſa Senhora do Roſario, e hum Hoſpicio dos Padres da Companhia. Duas legoas diſtante da Villa eſtá a Igreja de Noſſa Senhora da Ajuda, celebre pelo milagre de huma copioſa fonte, que das entranhas de hum penhaſco, inopinada, e repentinamente brotara na occaſiaõ em que ſe fabricava a Igreja, e carecia a obra de agua para ſe continuar, ficando perenne, e correndo por debaixo do Altar da ſua Capella mór, cujo ruído, deſpertador do milagre, ouvem todos os circunſtantes, que a ella vaõ a cumpir os ſeus votos: em ambas as Villas ha mil e quinhentos viſinhos.

Provincia do Porto Seguro.

78 Tendo o Governador Geral Luiz de Brito de Almeida noticia, de que no interior da Provincia do Porto Seguro, no ſeu deſtricto, confinante com o da Provincia do Eſpirito Santo, haviaõ pedras precioſas, mandou no deſcubrimento dellas a Sebaſtiaõ Fernandes Tourinho, o qual navegou com muitos companheiros pelo rio Doce, e por hum braço acima, que ſe chama Mandî, onde deſembarcou, caminhando por terra mui-

tas legoas, chegou a huma lagoa, a qual por grande chamaraõ os Gentios Boca do Mar, e paſſando adiante, por ſetenta legoas de diſtancia, chegaraõ até onde no dito rio Doce ſe mete outro chamado Aceſi; atraveſſando, e caminhando pelas ſuas margens cincoenta legoas, achou humas pedreiras com pedras de côr indiſtinta entre verde, e azul, e affirmaraõ os Gentios, que do cume dellas ſe tiravaõ pedras mais córadas, e outras, que ſegundo a fórma, com que ſe explicaraõ, tinhaõ ouro; e ao pé de huma Serra cuberta de arvoredo, que tem huma legoa de comprimento, achou huma eſmeralda, e outra ſafira muy perfeitas; ſetenta legoas adiante encontrou mais Serras, de que ſe tiraraõ outras pedras verdes.

79 Cinco legoas acima vio outras, em que depuzeraõ os Gentios haver pedras mayores, vermelhas, e verdes; mais acima achou outra Serra toda de criſtal finiſſimo, e foy certificado, que nella haviaõ humas pedras azues, e outras verdes, muy rijas, e reſplandecentes: com eſtas informações, que trouxe Sebaſtiaõ Fernandes Tourinho, mandou depois o Governador por Antonio Dias Adorno fazer outras experiencias, e colheo as meſmas noticias, com a individuaçaõ, de que ao pé da Serra de criſtal, para a parte de Leſte, haviaõ eſmeraldas, e para a de Loeſte ſafiras; poſto que das que trouxe humas, e outras eſtavaõ ainda imperfeitas, ou pouco maduras. Eſtas pedras, e as que trouxera Sebaſtiaõ Fernandes Tourinho, enviou o Governador a ElRey; porém pela fatalidade

lidade da Monarchia, com o dominio de outro Principe, ſe naõ tratou mais deſtes deſcubrimentos; e por ficarem os lugares referidos taõ entranhados nos Certoens, que naõ eſtaõ habitados pelos Portuguezes, ſe tem perdido os rumos, e os caminhos de fórma, que os naõ puderaõ acertar depois nas muitas jornadas, que ſe repetiraõ neſta diligencia.

80 Deu ElRey eſta Provincia a Pedro de Campos Tourinho, natural da Villa de Viana, com cincoenta legoas de coſta, para a qual ſe embarcou com a ſua caſa, e algumas Familias nobres. Surgiraõ as ſuas naos no meſmo porto, em que deſembarcara o General Pedro Alvares Cabral, e com grande valor conquiſtando aquellas terras, acompanhado da gente, que levara para o ajudar a ganhallas, e para as povoar, alcançou muitas vitorias daquelles Gentios ſeus habitadores, affugentando-os para o interior dos Certões: por ſua morte, ficando herdeira ſua filha Leonor de Campos, a vendeo ao eſclarecido D. Joaõ de Lancaſtro, primeiro Duque de Aveiro, filho do Senhor D. Jorge, Meſtre de Santiago, e Aviz, Duque de Coimbra, que o era delRey D. Joaõ o II.

81 No dominio daquelle Principe, e dos ſeus deſcendentes, floreceo muito eſta Capitanîa em grandes Engenhos, e lavouras, achando-ſe hoje deſtituîda das ſuas fabricas, e da ſua grandeza: governa-a hum Capitaõ môr, ao qual ſaõ ſogeitos outros Cabos, e Officiaes. Foy titulo de Marquezado, por merce delRey de Caſtella, a D.

Affonſo de Lancaſtro, Marquez de Val de Fuentes, filho de D. Alvaro, e D. Juliana, terceiros Duques da grandiſſima Caſa de Aveiro; mas ſempre eſta Provincia permaneceo naquelle Ducado.

82 Em altura de vinte graos, e hum quarto eſtá a Provincia do Eſpirito Santo, com cincoenta legoas de coſta: comprehende tres Villas, huma, que deu o nome à Provincia, outra de Noſſa Senhora da Victoria, e a de Noſſa Senhora da Conceiçaõ: a da Victoria tem ſumptuoſa Matriz, hum grande Convento dos Padres da Companhia das ſuas mais antigas fundações, hum de S. Franciſco, outro do Carmo, boa Caſa da Miſericordia, e huma Igreja de Santa Luzia. Na do Eſpirito Santo ha a Miſericordia, que ſerve de Matriz, e della vay Noſſo Senhor por Viatico aos enfermos. A da Conceiçaõ tem Igreja Matriz da meſma invocaçaõ. A Villa do Eſpirito Santo, cuja barra he das melhores do Braſil, tem nella huma grande, e regular Fortaleza. A Villa da Victoria tem as Fortalezas de Noſſa Senhora do Carmo, de Noſſa Senhora da Victoria, de Santo Ignacio, S. Diogo, e S. Joaõ; em todas ha boa artilheria; mas ſó a da barra, a de S. Joaõ, e de Noſſa Senhora do Carmo tem guarniçaõ: neſta Villa eſtá o preſidio da Infanteria paga, com bons Cabos, e Officiaes; hum Capitaõ môr, peſſoa de ſuppoſiçaõ, governa toda aquella Provincia.

Provincia do Eſpirito Santo.

83 ElRey a deu a Vaſco Fernandes Coutinho, Fidalgo, que o tinha ſervido bem na India, e dos mais illuſtres do Reyno, de donde a veyo

con-

conquiſtar, trazendo em muitas naos todos os apreſtos, muita gente, e Familias nobres para a povoarem. Tomou terra no porto do Eſpirito Santo, onde fundou com eſta invocaçaõ a primeira Villa, de que ſe appellidou toda aquella Provincia; e conquiſtando as terras de ſua demarcaçaõ, teve com os Gentios muitas batalhas, e alcançou muitas vitorias; e por huma de mayores conſequencias edificou como troféo a Villa, que intitulou da Victoria, fundada no meſmo lugar, em que conſeguira aquelle triunfo. Poſſuhio eſta Capitanîa, e os ſeus deſcendentes, até Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, Almotace mór do Reyno, Governador, e Capitaõ Geral do Eſtado do Braſil, e Vice-Rey da India, que a vendeo a Franciſco Gil de Araujo.

84 Era eſte Vaſſallo dos primeiros do Braſil por qualidade, e por riquezas, deſcendente de Catharina, e Diogo Alvares Correa. Foy reſidir nella alguns annos, levando da Bahia muitos caſaes, doandolhes terras para lavrarem, e a todos os moradores aſſiſtio com cabedal conſideravel para fornecerem os ſeus Engenhos, e lavouras, que avultaraõ por eſta cauſa muito naquelle tempo. Succedeolhe ſeu filho Manoel Garcia Pimentel, que occupado com as importantiſſimas propriedades, que lograva na Bahia, naõ paſſou à ſua Capitanîa, e falecendo ſem ſucceſſaõ legitima, foy julgada por ſentença à Coſme de Moura Rolim, ſeu primo, e cunhado, a quem a comprou a Mageſtade Auguſta delRey noſſo Senhor D.

Joaõ

Joaõ V. que felizmente impera, e Deos muitos annos guarde, mandandolhe dar por ella o mesmo preço, que havia custado. Estas tres Provincias, Ilheos, Porto Seguro, e Espirito Santo, foraõ possuîdas primeiro pelos Gentios Tupinanquins, e pelos Tupinaes, e a estas duas Nações venceraõ os Gentios da Naçaõ dos Aymorês, e as ficaraõ possuindo até o tempo da nossa conquista.

Provincia do Rio de Janeiro.

85 Em altura de vinte e tres graos está a Provincia do Rio de Janeiro, assim chamada, por ser no primeiro dia deste mez descuberta. He a sua Cabeça a Cidade de S. Sebastiaõ, Corte de todas as nossas Praças do Sul: os prezados generos, que daquellas partes por mar, e terra se lhe conduzem, a foraõ fazendo rica, e hoje se acha opulenta com os descubrimentos das copiosas minas de ouro, que daquelles dilatadissimos Certoens se leva àquella Praça, como a feira deste precioso metal, e a buscallo se achaõ no seu porto innumeraveis embarcações de Portugal, e do Brasil; e pelo commercio, que desta frequencia lhe resulta, he o terceiro Emporio desta Regiaõ. A Cidade he de mediana grandeza, mas de muita fermosura, fundada em sitio razo, se estende taõ igual com a sua ribeira, que por todo hum lado a lava o mar.

86 Saõ soberbamente sumptuosos os edificios, que a adornaõ, magnificos os Templos, a Sé, os Conventos da Companhia de Jesus, dos Religiosos do Carmo, de S. Francisco, e de S. Bento, este em magnificencia, e sitio superior aos outros.

outros. Tem mais duas Freguesias, huma de Nossa Senhora da Candelaria, outra de S. Joseph, Casa da Misericordia, Igrejas de Santa Cruz, de Nossa Senhora do Rosario, de Nossa Senhora da Gloria, do Parto, e a de Nossa Senhora da Conceiçaõ, que foy Hospicio dos Barbonios Francezes, e está contiguo ao Palacio dos Bispos. He sumptuoso o do Governador, e nobremente edificadas as casas dos moradores. Em todo o tempo teve graves Familias, que permanecem com a mesma nobreza. Tem de presidio dous Terços de Infanteria paga; o seu numeroso Povo chega a dez mil visinhos, e outros tantos tem no seu reconcavo.

87 He abundante de muitas hortaliças, legumes, plantas, frutas, e flores de Portugal, que todos os dias enchem a sua praça, parecendo pomares, e jardins portateis. Os seus redores saõ cultivados de apraziveis, e ferteis quintas, a que lá chamaõ Jacaras. No seu reconcavo houve cento e vinte Engenhos, os que permanecem de presente saõ cento e hum, deixando de moer os outros, por se lhe tirarem os escravos para as Minas; e a mesma falta (pela propria causa) experimentaõ as mais fazendas, e lavouras, que foraõ muitas. Os seus campos saõ fecundissimos na creaçaõ dos gados mayor, e menor, sendo taõ numerosos nos dos Itacazes, (prolongados entre esta Capitanîa, e a do Espirito Santo) que da grande copia de leite que daõ, se fazem perfeitos, e gostosos queijos, na fórma dos do Alemtejo, e chegaõ a muitas partes do Brasil fresquissimos.

Criaõ

88 Criaõ os ſeus mares muitos mariſcos, e peſcados menos regalados, que os das Provincias, que ficaõ para o Norte, mas na meſma quantidade. Ha no ſeu deſtricto outros generos, e culturas de preço, e regalo; porém correndo para as Minas muita parte dos moradores, e levando os ſeus eſcravos para a lavra do ouro, ficaraõ menos aſſiſtidas as outras fabricas; cauſa, pela qual ha menos aſſucares, e ſe experimenta alguma diminuiçaõ nos viveres. A fonte, de que bebem os viſinhos da Cidade, he hum copioſo rio, chamado Carioca, de puras, e criſtalinas aguas, que depois de penetrarem os coraçoẽs de muitas montanhas, ſe deſpenhavaõ por altos riſcos, huma legoa diſtante da Cidade, onde as hiaõ tomar com algum trabalho; mas aquelle Senado com magnifica fabrica, e liberal deſpeza, trouxe para mais perto o rio; e de proximo o laborioſo cuidado do General Ayres de Saldanha de Albuquerque, que neſte tempo com muito acerto governa aquella Provincia, o trouxe para junto da Cidade com mayor grandeza, e utilidade. He fama acreditada entre os ſeus naturaes, que eſta agua faz vozes ſuaves nos muſicos, e mimoſos caroẽs nas damas. Suppoſta a multidaõ de frutos daquelle Paiz, he o ſeu clima menos temperado, e mais ſenſiveis as ſuas Eſtaçoẽs, continuos os trovoẽs, que repetidas vezes deſpedem coriſcos.

89 A ſua barra, em cuja entrada ſe levantaõ de huma, e outra parte dous altos penhaſcos, he notavel; porque eſtreitando-ſe na boca ao breve

eſpaço

eſpaço de meya legoa, vay ao mar formando hum golfo, ou bahia de vinte e quatro de circunferencia, e oito de diametro, em que eſtaõ muitas Ilhas de grandezas differentes; humas cultivadas com Engenhos, e lavouras, outras ainda incultas, e todas fermoſas, ſendo mais celebre a que chamaõ das Cobras, onde anchoraõ os navios, e ha fundo, e capacidade para muitas Armadas. Pela parte da terra oppoſta à Cidade, vay acompanhando ao golfo huma diſconforme muralha, compoſta pela natureza de aſperos rochedos, mais, e menos levantados, a que chamaõ Montes dos Orgãos, e vaõ formando na differença das ſuas preſpectivas hum Protheo inconſtante de figuras varias, e huma bem ordenada confuſaõ de diverſos objectos, eſpantoſos aos olhos, e difficeis à conquiſta.

90 Saõ cortados eſtes apraſiveis montes por dezaſete alegres rios, que do interior da terra, por muita diſtancia navegaveis, vaõ ledamente fertilizando grandes propriedades, e buſcando o pacifico mar daquelle golfo a tributarlhe as aguas, e naõ a perder os nomes, porque ſe chamaõ Carahî, Boaſſû, Goaxindiba, Macacû, Guarahî, Guapeguaſſû, Guapemerin, Magegaſſû, Magemerin, Erirî, Suruhî, Neumerim, Magóa, Goaguaſſû, Meretî, Saracuhî, Irajâ, todos ſerenos, e agradaveis, fazendo ricos, e fecundos os terrenos, que banhaõ.

91 Muitas Fortalezas defendem aquella Praça. No principio, e ponta da barra tem o Forte

de S. Theodoſio, que ſegura por aquella diſtancia a ſua praya: na meſma parte a Fortaleza de S. Joaõ, em fórma de hum meyo exagono para a parte do mar, e fechado com huma muralha ſeguida para a da terra, guarnece-a muita artilheria de bronze, e ferro; he huma das balizas, que eſtreitaõ a boca da enſeada do Rio de Janeiro: ſegueſelhe pelo proprio lado, que he o da Cidade, a Fortaleza de Santiago, em fórma redonda, com torreoens, e no meyo huma Torre circular, onde tambem labora a artilheria; tem muitas guaritas, que deſcobrem a barra, e capacidade para muitas peças, naõ ſendo poucas as que de preſente a guarnecem.

92 Na parte oppoſta, que he a do Norte, eſtá na ponta da barra o Forte, chamado Noſſa Senhora da Guia, que por aquelle lado defende a praya da meſma barra: mais dentro a Fortaleza de Santa Cruz, que he a outra baliza da boca da enſeada, e fica fronteira à de S. Joaõ, ſenhoreando ambas o eſtreito paſſo, por onde o mar ſe communica ao golfo. He edificada em fórma de hum ſemicirculo, com redentes; tem muita, e groſſa artilheria de bronze, e ferro em duas baterias, hum Cabo de mayor ſuppoſiçaõ, e huma Companhia paga. Dentro no corpo da enſeada, e defronte da boca da barra, na Ilha de Villa-Gaylhon (aſſim chamada por Nicolao de Villa-Gaylhon Francez) eſtá outra Fortaleza com o ſeu appellido por nome. Fronteira a eſta fica a do Gravatà; em outra Ilha do meſmo golfo, chamada Ilha das Cobras,

Cobras, oppoſta à Cidade, onde ſurgem os navios, ha huma boa Fortaleza; e no eſtreito paſſo da entrada da barra, ſobre a grande lagem, que alli poz a natureza, com cincoenta braças de comprimento, e vinte e cinco de largura, principiou o General Franciſco de Tavora outra, que ſe vay continuando com a meſma grandeza, e regularidade.

93 Ao pé da Fortaleza de Santiago ha hum lanço de groſſa muralha em redentes, que ſe dilata por oitenta braças, e fenece nas portas, que vaõ para a Cidade. Por cima deſta em hum alto, ſe vê a Fortaleza do glorioſo Martyr S. Sebaſtiaõ, eminente a todo aquelle mar; tem grande circunferencia, he feita em hum ſemicirculo pela parte da Cidade, e pela outra fechada com a Torre da Polvora; reſidem nella muitos moradores. Hum Forte mais em fórma redonda, detraz do Moſteiro do glorioſo Patriarcha S. Bento.

94 Foy a Cidade fundada pelo Governador Geral Mendo de Sá, da ſegunda vez que paſſou a expulſar os Francezes daquella enſeada, como no ſeu Governo moſtraremos. A ſua Igreja elevada a Cathedral no anno de mil e ſeis centos e ſetenta e ſeis pelo Pontifice Innocencio XI. e o ſeu primeiro Biſpo D. Fr. Manoel Pereira, Religioſo de S. Domingos, do Conſelho Geral do Santo Officio, que depois de Sagrado, renunciou o Biſpado, e ficou ſendo Secretario de Eſtado; e D. Joſeph de Barros de Alarcaõ, ſendo o ſegundo na ordem da nomeaçaõ, foy o primeiro, que paſſou ao Rio

de Janeiro. A Alcaidaria môr da Cidade anda nos Illuſtriſſimos Viſcondes da Aſſeca.

95 Sahindo pela barra da ſua enſeada, e correndo a coſta para o Norte, eſtá huma ponta de pedra lançada ao mar, chamada Buumerim, e continuando a praya meya legoa com outra ponta, no fim della ſe acha hum lago, que chamaõ Piratininga, abundantiſſimo de peixe; pelo meſmo rumo mais adiante eſtaõ varios cerros, e pontas, que vay fazendo a terra, entre os quaes fica o cerro Taypuguaſſû, Atalaya de donde ſe vem as Armadas, e ſe envia noticia dellas ao Rio de Janeiro, quando ha ſoſpeita, ou temor de inimigos. Seguindo a meſma coſta mais ao Norte, ha no continente da terra diſtante ao mar, pouco mais de meya legoa, outro lago, que tem tres de comprimento, chamado Maricâ, habitado de hum Povo de trezentos viſinhos, com duas Igrejas Curadas, taõ fertil de peſcados varios, que os vaõ buſcar do Rio de Janeiro, e dos ſeus deſtrictos.

96 Pelo meſmo rumo, duas legoas adiante, eſtá outro lago pequeno, cujo nome he Jacunê, que terá ſeiſcentas braças, do qual ha tradiçaõ fora huma Aldea, que alli ſe ſovertera. Correndo mais ao Norte tres legoas, fica o lago Saquarema, com duas de extenſaõ, e fenece além da Igreja de Noſſa Senhora de Nazareth, edificada ſobre huma Serra eminente ao mar; he habitado de muita gente, abunda de infinito peixe, e tem tres Engenhos de aſſucar. Logo ſe vaõ ſeguindo muitos lagos, em que ſe cria exceſſiva copia de excellente ſal, e

por

por eſta producçaõ ſe chamaõ Salinas. Ultimamente outro chamado Iraruama: todos os referidos lagos, e povos da juriſdicçaõ de Cabo Frio.

97 Segueſelhes a Cidade de Cabo Frio, a que ſaõ ſogeitos, a qual eſtá em altura de vinte e tres graos, intitula-ſe Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ; he de grandeza proporcionada aos ſeus moradores, que naõ paſſaõ de quinhentos viſinhos; tem Igreja Parochial de boa eſtructura, hum fermoſo Convento de Religioſos do Patriarcha S. Franciſco, e outras Igrejas, e Capellas na Cidade, e ſeus deſtrictos: he governada por hum Capitaõ môr com ſoldo da Fazenda Real, ſendo com todos os ſeus deſtrictos, deſde a ſua fundaçaõ, ſogeita à juriſdicçaõ do Governo do Rio de Janeiro.

98 Da barra deſta Provincia, correndo para o Sul até a Ilha Grande, ultima baliza da ſua demarcaçaõ, antes de a aportarem as embarcações, dez legoas de diſtancia da Cidade de S. Sebaſtiaõ, principia hum pontal de area, que ſe diz Marambaya, o qual faz hum canal de ſeſſenta braças, nomeado Barra da Goaratiba; com eſta reſtinga, que tem quatorze legoas, apartada da terra tres, ſe vay formando dentro huma marinha, onde deſemboca o caudaloſo rio Goandû; acabando a dita reſtinga, defronte de muitas Ilhas, que com ella correm direitas para o Suſudueſte, em que ha huma larga barra com fundo para grandes naos, e taõ accommodada para as abrigar dos ventos, que lhe chamaõ Enſeada de Abraham, ſendo a ultima deſtas

deſtas Ilhas, a que ſe nomea Grande, a qual tem huma fermoſiſſima barra de tres legoas de comprimento, chamada do Cayruſſû, com huma ponta, que ſe diz das Larangeiras.

99 Foy eſta Provincia do Rio de Janeiro Cabeça de todas as da repartiçaõ do Sul, e de preſente he hum dos tres Governos, em que eſtá dividida aquella Regiaõ; porque as enchentes de ouro (que moderadas no principio, a vieraõ depois com profuſaõ immenſa a inundar) attrahindo innumeravel copia de gente de todo o Braſil, e Portugal, com as ſuas fabricas, e commercio a fizeraõ taõ opulenta, que para poder regerſe, foy preciſo partirſe: outro he o das Minas, de cujos deſcubrimentos, e das fundações das ſuas Villas, daremos em ſeu proprio lugar noticia: o ultimo he o de S. Paulo.

100 O mais illuſtre dos tres he o do Rio de Janeiro, pela antiguidade, magnificencia, e trato politico dos ſeus moradores, pela ſua Caſa da Moeda, que inceſſantemente labora, fazendo correr para todas as partes ſolidas torrentes de ouro, reduzindo ao valor do cunho aquella aurea producçaõ, que nas ſuas ricas fontes naõ tem mais cunho que o pezo, e finalmente pela grandeza do ſeu porto, aonde vaõ numeroſas Frotas todos os annos a buſcar os generos de todas aquellas Praças, e levar as mercadorias, que por elles trocaõ, as quaes deſpachadas no Rio de Janeiro, ſe encaminhaõ às outras Povoações do Sul. Saõ eſtes tres Governos independentes entre ſi, e ſó

ſogeitos

ſogeitos à Bahia , Cabeça de todo Eſtado. Eſta Provincia do Rio de Janeiro foy habitada de Gentios da Naçaõ Tamoyos, que deſde o Cabo Frio ſenhoreavaõ aquelles deſtrictos.

101 A Provincia de S. Vicente eſtá em altura de vinte e quatro graos. ElRey D. Joaõ III. a deu com cincoenta legoas por coſta a Martim Affonſo de Souſa, que na India tinha obrado proezas, e exercido poſtos dignos do ſeu illuſtriſſimo ſangue, e proprios do ſeu valor, que depois o chegou ao ſupremo lugar daquelle Eſtado. Veyo a fundar a ſua Capitanîa, na qual reſidio alguns annos, ſogeitando os Gentios daquelle deſtricto, a pezar da oppoſiçaõ, que nelles achou, ſendolhe neceſſario valer de todo o ſeu esforço contra a contumacia, com que lhe reſiſtiaõ, porque na poſſe da liberdade natural, reputavaõ em menos as vidas, que a ſogeiçaõ do poder eſtranho. Mas vencidos em varios encontros, e batalhas por Martim Affonſo, para que com mayor merecimento, e gloria fizeſſe as ſuas fundações, erigio a Villa de S. Vicente, e a de Santos, ambas em huma Ilha, e deixando-as eſtabelecidas, e ſeguras, voltou para o Reyno, de donde tornou a paſſar à India no anno de mil e quinhentos e quarenta e dous, a ſucceder a D. Eſtevaõ da Gama naquelle ſuperior Governo, ultimo emprego dos noſſos mayores Capitães nas portentoſas conquiſtas da Aſia, conſeguindo em ſatisfaçaõ de tantos ſerviços o appetecido, e grande lugar de Conſelheiro de Eſtado em Portugal.

Provincia de S. Vicente.

He

102 He couſa digna de reflexaõ, que ſendo eſta a primeira Provincia, que ſe fundou na noſſa America, e tendo florecido opulenta em fabricas de Engenhos, e outras lavouras, de donde ſe proviaõ naquelles principios quaſi todas as Povoações do Braſil, de preſente naõ conſerve ſombras da ſua grandeza, carecendo até dos veſtigios para credito da ſua memoria; e que tambem de Cabeça da Provincia perdeſſe a Villa de S. Vicente a dignidade, que paſſou à de Santos, e agora eſtá na Cidade de S. Paulo, chamada antes Villa de Piratininga, naõ exiſtindo na primeira mais que a Igreja Matriz com a invocaçaõ do Santo, e huma Capella de Santo Antonio, pequena pela fabrica, e grande pelos milagres, que continuamente eſtá obrando em todos os que a viſitaõ, e naquelles moradores, que a frequentaõ; os quaes foraõ em outro tempo muitos, e naõ paſſaõ hoje de oito centos viſinhos. O genero de que naõ perdeo totalmente o trato, ſaõ os toucinhos, taõ extremados, que competem com os melhores de Europa, porque ſe criaõ nella porcos taõ grandes, que ſe lhes esfollaõ as pelles para bottas, e couros de cadeiras, em que provaõ melhor que o das vacas.

103 Diſtante da Villa de S. Vicente duas legoas por terrra eſtá a Villa de Santos, tem Igreja Matriz com a meſma invocaçaõ, Collegio dos Padres da Companhia com a de S. Miguel, hum Hoſpicio dos Monges de S. Bento com a de Noſſa Senhora do Deſterro, Miſericordia, hum Convento

vento dos Religioſos Capuchos de Santo Antonio, e no lugar mais elevado da Villa huma Ermida de Noſſa Senhora de Monſerrate dos proprios Monges de S. Bento. No meyo da Povoaçaõ tem os Religioſos do Carmo huma Igreja de Noſſa Senhora da Graça, e fóra della ha huma Capella de Noſſa Senhora das Neves de hum morador particular, e duas dos Padres da Companhia com o titulo de S. Franciſco Xavier; tem mais de dous mil viſinhos, Governador, e Ouvidor da profiſſaõ literaria; ſendo eſta Villa, e a de S. Vicente abundantiſſimas de tudo o preciſo para ſuſtento, e regalo da vida humana.

104 De todos os generos de carnes criaõ copia grande, em ſummo grao goſtoſas; os peſcados muitos, os mariſcos exceſſivos, e algumas oſtras de tanta grandeza, que as conchas dellas (como de madre perola por dentro) ſervem de pratos de meſa; outras ſe acharaõ taõ portentoſas, que ſerviraõ de miniſtrar agua às mãos; e ha tradiçaõ, que indo viſitar eſta Provincia o Biſpo da Bahia D. Pedro Leitaõ, em huma concha deſtas lhe lavaraõ os pés, como em bacia. Da multidaõ de marmellos, que em cargas innumeraveis vaõ de S. Paulo a eſtas Villas, ſe fazem nellas, eſpecialmente na de Santos, taõ perfeitas marmelladas, cruas, de çumos, e marmellos em conſerva, que naõ ſó abundaõ a todo o Braſil, mas chegaõ a Portugal. Nos ſeus reconcavos ha algumas moendas, que ſó fazem agua ardente de cana, reliquias dos muitos Engenhos, que tiveraõ em outro tempo.

105 Ha forças nos ſeus deſtrictos baſtantes para a ſua defenſa. Na barra grande de Santos, diſtante da Villa meya legoa pelo rio abaixo, tem huma grande Fortaleza, fabricada com toda a regularidade em duas baterias, com muitos canhões, e eſtancias para o commodo dos Soldados, que entraõ nella de preſidio todos os mezes; tem Capitaõ, que a governa; eſtá poſta na ponta de hum outeiro junto aõ rio: ſobre outro monte lhe fica eminente huma Ermida de Santo Amaro. Fronteira a eſta Fortaleza, na parte de terra, ſe principiou huma, que ainda ſe acha imperfeita: da outra parte do rio eſtá a Fortaleza de Santa Cruz da Itapema, de igual porte, e fabrica, com boa artilheria: na barra da Bertioga ha hum Forte de torraõ com artilheria, e commodos para os Soldados; dentro da Villa de Santos, junto ao Collegio dos Padres da Companhia, hum reducto com alguns canhoens: as Fortalezas tem ſeus proprios Capitães: eſta Provincia foy conquiſtada aos Gentios da Naçaõ Guaynazes, que a poſſuhiaõ.

106 Na propria altura da Provincia de Martim Affonſo de Souſa, tomou ſeu irmaõ Pedro Lopes de Souſa o outro numero de legoas das cincoenta da ſua doaçaõ, e fundou huma Capitanîa com o nome de Santo Amaro, de que he hoje Cabeça a Villa de Noſſa Senhora da Conceiçaõ; principia a ſua juriſdicçaõ no eſtreito de Santos, onde eſtá a Villa deſte nome, rodeada do mar, e tres legoas por coſta diſtante da de S. Vicente; ficando as duas Capitanîas taõ juntas, e miſticas,

que

que eſta viſinhança foy cauſa dos muitos pleitos, que ſe moveraõ depois entre os ſucceſſores dos dous Donatarios os Marquezes de Caſcaes, e os Condes da Ilha, ſobre as ſuas demarcaçoẽs, e pello dominio de algumas Villas; que ambas as partes allegavaõ pertencerlhes.

107 As que ſe comprehendem nas juriſdicçoẽs de ambas as Capitanîas para a parte do mar, ſaõ a de S. Sebaſtiaõ, em cujo termo ha hum Convento de Religioſos de Santo Antonio; a de Noſſa Senhora da Conceiçaõ de Itanhahem, com outro Convento do meſmo Santo; S. Vicente; Santos; Paratî; Ubatuba; Igoape, onde ha hum prodigioſo Santuario de huma Imagem de Noſſo Senhor à Columna, que inceſſantemente eſtá obrando milagres; Paranagoâ; Cananéa; rio de S. Franciſco do Sul; e a Alaguna. As Villas da Serra acima ſaõ, Jacarahi, Penhamunhangaba, Goaratinguitâ, Corutubâ, Sorocaba, Utû, Jundiahi, Paranaîba, Taubatê, Mongî, onde ha hum Convento dos Religioſos do Carmo, e a de Peritininga, hoje Cidade de S. Paulo, e Governo geral, a quem todas ellas eſtaõ ſogeitas.

108 A Regiaõ de S. Paulo, eminente, e arrebatada ao mais alto daquelle hemisferio, a donde ſe ſobe pela ingreme, e dilatada Serra de Paranampiacaba, foy no ſeu principio Villa chamada Piratininga, e de preſente he Cidade do nome do glorioſo Apoſtolo ſeu Tutelar, e hum dos tres Governos, que na repartiçaõ do Sul ſaõ entre ſi independentes, e ſó ſogeitos ao Governador da Ba-

hia, Capitaõ Geral de todo o Eſtado. Tem a Cidade Igreja Matriz, Miſericordia, Collegio dos Padres da Companhia, Conventos de Noſſa Senhora do Monte do Carmo, de Santo Antonio dos Capuchos, de S. Bento, e das Recolhidas com a invocaçaõ de Santa Thereſa. Tem mais a Igreja de Noſſa Senhora do Roſario dos pretos, a Ermida de Santo Antonio, e fóra da Cidade outra Igreja de Noſſa Senhora do Jagoarê.

109 He regaladiſſimo eſte Paiz de muitas flores, e frutas de Portugal, das quaes fazem aquelles moradores diverſas conſervas, e dos marmellos as mais finas marmelladas, e já de preſente excellente jalea. Abunda de muitos generos de mimoſas carnes, e caças goſtoſiſſimas; cultiva no ſeu termo muitas quintas delicioſas; tem no ſeu reconcavo, e nos de algumas das ſuas Villas, grandes ſearas de trigo, cujo graõ he mayor, e mais alvo que o de Europa. Do deſtricto de S. Paulo até o rio da Prata, habitaõ os Tapuyas, os Carijôs, e outras innumeraveis Nações de Gentios.

110 Vay eſta Regiaõ continuando-ſe até o rio da Prata, onde temos a Nova Colonia do Sacramento, a qual eſtá em altura de trinta e cinco graos, e fica Leſte Oeſte com a barra do dito rio, que ſe corre ao meſmo rumo, e por elle acima, na diſtancia de ſeſſenta legoas, defronte da Cidade de Buenos Ayres. Da ſua boca até a noſſa Colonia ha ſeis rios, dos quaes ſó em tres ſe entra, que ſaõ o de Santa Luzia, o da Conceiçaõ, e o do Roſario; os outros ſaõ taõ baixos nas bocas, que ſó

ſó nas grandes enchentes do rio ſe pódem entrar, e por eſta cauſa lhe chamaõ ſecos. O Paiz he extremoſamente raſo, e contém a mayor campanha, que ſe acha em as duas Americas, ſem arvoredo algum, excepto pelas margens de alguns regatos ſem cabedal, nem nome; porém o clima, e o terreno ſaõ de fórma proprios para a producçaõ das flores, frutos, e ſementeiras de Europa, como experimentaõ os noſſos povoadores nos muitos, e delicioſos jardins, pomares, e ſearas, que tem já cultivado naquelle frutifero, e vaſto Paiz.

111 Tem Igreja Matriz com a invocaçaõ do Santiſſimo Sacramento, hum Convento dos Padres da Companhia, com o nome de S. Franciſco Xavier, huma Ermida de Santa Rita, e fóra da Praça para a parte do Norte, outra de Noſſa Senhora do Bom Succeſſo. A Povoaçaõ com a frequencia das noſſas embarcações ſe acha de preſente muy augmentada em numero de caſas, moradores, e culturas, e ſeria já populoſa, ſe naõ foraõ os repetidos cercos, que os Caſtelhanos puzeraõ à noſſa Fortaleza; ſendo huma vez demolida pelos ſeus Cabos, e outra abrazada pelos noſſos, como a ſeus tempos, e em ſeus proprios lugares irá moſtrando a Hiſtoria. A Fortaleza tomou a invocaçaõ, e o nome das Ilhas de S. Gabriel, que eſtaõ no rio fronteiras, e huma legoa diſtantes. He quadrada com quatro baluartes; no tempo da ultima guerra ſe tiraraõ duas linhas de communicaçaõ della ao rio, ſervindo eſta eſtrada cuberta, aſſim para receber com mayor ſegu-

rança

rança os ſoccorros por mar, como para lhe augmentar o recinto. Tem Governador, que rege a Colonia, hum Sargento môr do preſidio, outro da Praça, duas tropas de Cavallaria, muitos Soldados, boa artilheria, e eſtancias capazes de recolher a gente da Povoaçaõ em tempo de guerra: o numero dos moradores entre infantes, colonos, e eſcravos chega a duas mil peſſoas.

112 Temos deſcriptas as quatorze Provincias da noſſa America, deſde hum grao da parte do Norte, até trinta e cinco do Sul, contando-ſe neſta diſtancia as mil e cincoenta e ſeis legoas de coſta, de que eſtá de poſſe o Sceptro Luſitano, e naõ incluindo neſte numero as enſeadas, em que ſe encurvaõ as ſuas prayas. Muito mais ſe eſtende a noſſa demarcaçaõ, lançada, e medida a linha da diviſaõ entre os Monarchas Portuguez, e Caſtelhano, pela qual chega a parte que nos toca ainda cento e ſetenta legoas adiante, até a Bahia de S. Mathias, que eſtá em altura de mais de quarenta e quatro graos, onde ſe meteraõ os marcos da Coroa Portugueza. Deſtas Provincias oito foraõ de Donatarios, e ſeis Realengas; mas hoje ſaõ onze de ſua Mageſtade, e tres eſtaõ em dominios particulares; a do Porto Seguro na Caſa de Aveiro, a de Itamaracâ na de Caſcaes, e a dos Ilheos na do Almirante de Portugal, ſendo de mais deſte numero as Capitanîas de outros Donatarios, que ſe incluem no corpo da noſſa Regiaõ, e nos deſtrictos da meſmas Provincias.

113 Nellas ha doze Cidades, ſeſſenta e ſete Villas,

Villas, muitos Lugares, e grandes Povoações, quatro Bispados, e hum Arcebispado, innumeraveis pias bautismaes em Parochias de grandissimos destrictos. Nas Praças, e fundações principaes ha Classes de Grammatica, Humanidades, Filosofia, Theologia Speculativa, e Moral; particulares nos Conventos para os seus Religiosos, e geraes nos Collegios da Companhia. Dellas tem sahido os naturaes do Brasil, naõ só a lerem nas mesmas Cadeiras, mas a occuparem outras na doutissima Universidade de Coimbra, e a vagarem por muitas partes da Europa, ostentando o natural engenho, com que a natureza os habilitara para todas as sciencias, saindo em muitas consummados, em serviço do Rey, e gloria da Patria.

114 Naõ saõ menos extremados os seus talentos no espirito guerreiro, e no exercicio bellico, porque cursando as Aulas, e as campanhas, tem dado bem a conhecer, que só em o nome se distinguem Minerva, e Pallas, fazendo em todas as partes em que concorreraõ, e em todos os tempos, de ambas as faculdades relevantes provas, havendo occupado nellas authorizados lugares, e empregos grandes, pois assim como na Patria lhes naõ faltaraõ doutissimas escholas para aprenderem as sciencias, lhes sobraraõ theatros marciaes para exercitarem as armas; diga-o repetidas vezes o Brasil, infestado, e acometido por varios inimigos naturaes, e estrangeiros; e com mayor gloria a Provincia de Pernambuco, cujas

cam-

campanhas, pelo curso de mais de vinte e quatro annos, foraõ palestras do mayor furor de Marte.

Estado dos cabedaes, que de presente possuem os moradores da nossa America.

115 He muito para ponderar, que tendo chegado a nossa America a tanta opulencia, havendo crescido o numero dos Engenhos, a cultura das canas, a fabrica dos tabacos, a abundancia dos couros, a copia das lavouras, e manufacturas, as producções de tantos generos ricos, e finalmente as copiosas enchentes de ouro taõ sobido, se achem algumas casas (em outro tempo muito ricas) hoje pouco poderosas, ou quasi exhaustas; porque crescendo com a multidaõ dos moradores o preço dos viveres, e o valor dos generos, de que pendem todas as suas fabricas, o luxo, e prodigalidade com que gastaõ as suas riquezas, sendo mais faceis em dispendellas, que em adquirillas, os accidentes do tempo, que sempre correm apoz da roda da fortuna, saõ causas, pelas quaes se achaõ muitos com moderados bens, poucos com cabedaes excessivos; huns naõ se devem ter por pobres, outros naõ se pódem chamar opulentos, porque neste quasi equilibrio de substancia se vay hoje pondo o corpo racional desta Regiaõ, cujos membros tiveraõ em outro tempo forças mais proporcionadas à sua grandeza.

116 Ha muy claras Familias de conhecida Nobreza, divididas por todo o Brasil; porque posto que a elle vieraõ sempre (como para todas as outras Conquistas do Reyno) reos punidos pela Justiça, tambem em todos os tempos, convidados

da

da grandeza deſtes Paîzes, paſſaraõ a habitallos muitos ſogeitos oriundos de nobiliſſimas Caſas de Portugal; e ſendo ramos de generoſos troncos tranſplantados a eſte clima, produziraõ frutos de continuada deſcendencia, que naõ degeneraõ das ſuas origens, antes as acreditaõ.

Lugares, e poſtos, que occuparaõ os naturaes da noſſa America.

117 Dos filhos da noſſa America houve hum Biſpo de Ceuta, promovido a Biſpo de Angra; hum Abbade de Albania, muitas Dignidades Prebendadas, e Clauſtraes; hum Governador, e Capitaõ Geral do Eſtado do Braſil; cinco, que em concurſo de outros Companheiros exerceraõ o meſmo poſto; tres Capitáes Geraes do Eſtado do Maranhaõ; dous Governadores de Pernambuco; quatro do Rio de Janeiro; dous de Angola; outro de S. Thomé, e dous de Cabo Verde; tres Conſelheiros Ultramarinos, e outro, que teve a merce, e por naõ poder paſſar a Lisboa, naõ teve o exercicio; doze, ou quatorze Meſtres de Campo; dous Commiſſarios da Cavallaria; muitos Capitáes de Cavallos, e de Infanteria: naõ contamos os que governaraõ as outras noſſas Provincias com o poſto de Capitáes mores, por ſerem innumeraveis.

118 Na profiſſaõ das letras teve muitos Collegiaes, Meſtres, e Oppoſitores na inſigne Univerſidade de Coimbra, hum Deſembargador do Paço, e Chanceller mór do Reyno; hum Chanceller da Relaçaõ da Bahia; hum Deſembargador dos Aggravos da Supplicaçaõ de Lisboa; muitos Miniſtros de Beca nas Relações de Portugal, da

Bahia, e da India; outros de varas em diverſos bancos, e Judicaturas do Reyno, e das Conquiſtas. Nos lugares Civeis, e politicos, muitos Juizes dos Orfãos, cinco Provedores da Fazenda Real na Bahia, tres em Pernambuco, quatro no Rio de Janeiro, hum Védor na India, e muitos Alcaides môres por todas as Provincias do Braſil; de huns, e outros, por naõ interrompermos a Hiſtoria, callamos neſte lugar os nomes, que iraõ no fim della, por lhes naõ faltarmos com a memoria.

Numero dos navios, qne ſahem dos ſeus portos.

119 Sahem da noſſa America Portugueza para todos os portos do Reyno, em cada hum anno, cem navios, humas vezes com mayor, outras com menos carga, mas ſempre com tanta, que commutando a de huma com a de outra Frota, carregaõ vinte e quatro mil caixas de aſſucar, de mais de trinta arrobas cada huma; mais de tres mil feixos, de ſeis, e de oito, e de duas mil caras de arroba; dezoito mil rollos de tabaco, de oito até dez arrobas; cem mil meyos de ſola; cinco para ſeis mil couros em cabello; muitos milhoens de ouro em pó, barras, e moedas. Levaõ os navios, além dos importantiſſimos referidos generos, outros de muito preço; ambar, balſamo, cravo, cacao, bahinilha, gengibre, canella, algodaõ, anil, oleo de copauba, madeiras de valor, pao Braſil, condurû, ſalſafraz, jacarandâ, violete, vinhatico, tapinhoam, jataypeba, angelim, e cedro: quatro fragatas da Coroa conduzem cada anno da Bahia, e Pernambuco portentoſos lenhos, admiraveis na medida, na fortaleza, e na incor-

Generos, que carregaõ.

Outros de differente qualidade.

incorrupçaõ, dos quaes ſe fabricaõ no Arſenal, ou Ribeira das Naos de Lisboa, ſoberbos Galeoens, além dos muitos, que ſe gaſtaõ na deſta Cidade com a meſma fabrica de naos, das quaes tem ſahido muitas, que com admiraçaõ viraõ Europa, e Aſia.

120 Quaſi outro tanto numero de embarcações menores navega para a coſta da Ethiopia, a buſcar eſcravos para o ſerviço dos Engenhos, Minas, e lavouras, carregando generos da terra (menos o ouro, que algum tempo levavaõ, e hoje ſe lhes prohibe) algum aſſucar, e mais de cincoenta mil rollos de tabaco, da ſegunda, e terceira qualidade; gaſtando-ſe na terra por toda a Regiaõ mais de ſeis mil, e de duas mil caixas de aſſucar.

Embarcações, que vaõ para a coſta de Africa, e os generos, que levaõ.

121 Os direitos de todos os referidos generos nas Alfandegas do Reyno, o rendimento do ouro nas Minas, e do eſtanque do tabaco em Liſboa, os contratos annuaes, e triennaes por toda a noſſa America, os dez por cento, as ſenhoriagens das Caſas da Moeda, os direitos dos eſcravos, que ſe vaõ buſcar à coſta de Africa, e os daquelles, que ſe deſpachaõ para as Minas, importaõ à Fazenda Real hum conſideravel numero de milhoens, dos quaes grande parte ſe diſpende na noſſa propria Regiaõ em ſoldos, ordenados, congruas, apoſentadorias, merces ordinarias, miſſoens, ajudas de cuſto, eſmolas, naos de guarda coſta, e fortificações; luzindo em tudo a mageſtade, grandeza, e liberalidade do noſſo Auguſto Monarcha.

HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA.

LIVRO TERCEIRO.

SUMMARIO.

GOverno de Thomé de Sousa. Fundaçaõ da Cidade da Bahia. Vinda dos Religiosos da Companhia. Governo de D. Duarte da Costa. Vinda do primeiro Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha: sua morte, e Elogio. Governo de Mendo de Sá. Morte, e Elogio del-Rey D. Joaõ o III. Passa duas vezes Mendo

do de Sá ao Rio de Janeiro contra os Francezes; de ambas os vence. Morte do ſegundo Biſpo D. Pedro Leitaõ; ſeu Elogio. Toma ElRey Dom Sebaſtiaõ poſſe da Monarchia. Manda por Governador a D. Luiz de Vaſconcellos. Infelicidades daquella Frota. Martyrio dos quarenta Religioſos da Companhia, e do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo; ſeu Elogio. Vem por Governador Luiz de Brito de Almeida; ſeu Governo. Morte do Governador Mendo de Sá; ſeu Elogio. Governo de Lourenço da Veiga; ſua morte. Succedemlhe o Senado da Camera, e o Ouvidor Geral Coſme Rangel de Macedo. Perda delRey D. Sebaſtiaõ em Africa. Succede na Coroa o Cardeal D. Henrique. Morre ſem declarar ſucceſſor. Oppoſitores ao Reyno. Prevalece Filippe o Prudente, Rey de Caſtella. Fundaõ Caſas no Braſil os Religioſos do Carmo, e de S. Bento. Guerras dos Hollandezes com Caſtella. Motivos della. Invadem as Conquiſtas de Portugal, em odio da Monarchia de Heſpanha. Ruinas, que expe-

experimenta aquella Coroa por varias causas. Governo de Manoel Telles Barreto. Sua morte. Succedemlhe o Bispo D. Antonio Barreiros, e o Provedor môr Christovaõ de Barros. Governo de D. Francisco de Sousa. Fundaõ Casas os Religiosos de S. Francisco. Morte do Bispo D. Antonio Barreiros. Milagre de Santo Antonio de Arguim. Notavel seculo de mil e seis centos. Governos de Diogo Botelho, D. Diogo de Menezes, D. Luiz de Sousa. Morte do Bispo D. Constantino Barradas; seu Elogio. Succede no Governo Diogo de Mendoça Furtado.

LIVRO TERCEIRO.

1 EScolhida por tantas, e taõ relevantes qualidades a Bahia para Cabeça do Brasil, mandou ElRey D. Joaõ III. por primeiro Governador della, e Capitaõ Geral de todo o Estado a Thomé de Sousa, por nascimento illustre, e por prerogativas benemerito da confiança, que fez da sua pessoa para hum Governo grande, e novo, de cujos principios pendia o estabelecimento do Dominio Portuguez na America, e a boa direcçaõ do Imperio, que vinha a fundar; e naõ se arrependeo aquelle Monarcha da escolha, porque as acções, e procedimentos do Governador qualificaraõ a eleiçaõ. Tinha servido em Africa, e Asia, com tantas provas de valor no exercicio militar, como experiencias do Governo politico; e só lhe faltava fazer tambem a America theatro das suas glorias na conquista dos Gentios, e na instituiçaõ da Republica, alcançando vitorias com as armas, e impondo leys com os preceitos. Chegou no anno de mil e quinhentos e quarenta e nove, em huma Frota de cinco naos, que conduziaõ luzida gente, e todos os aprestos precisos a huma grande conquista, e fundaçaõ.

Thomé de Sousa, primeiro Governador.

Anno de 1549.

2 Desembarcou na Villa Velha, e reconhecido o sitio, passou a Povoaçaõ para o em que permanece a Cidade, pelas conhecidas ventagens, que nelle concorriaõ para assento da Corte deste Estado. Erigio-a com o nome de S. Salvador, alèm do que já tinha a sua enseada de Bahia de Todos os Santos; para defender dos Gentios aos novos moradores, mandou cercalla de muros de taipa, naõ podendo com a brevidade, que era precisa, fabricallos de outra materia. Da mesma fez levantar a Igreja Matriz, o Palacio dos Governadores, a Casa da Camera, e a Cadea, nos proprios lugares, em que depois se fabricaraõ com sumptuosidade. Deu fórma às Praças, às ruas, e a tudo o que conduzia à fundaçaõ da Republica, à qual trouxe Sacerdotes para Ministros da Igreja, ao Doutor Pedro Borges para Ouvidor Geral, e Director da Justiça, e a Antonio Cardoso de Barros para Provedor da Fazenda Real, cuja arrecadaçaõ vinha a estabelecer.

Fundaçaõ, e nome da Cidade.

3 A Villa Velha havia sido fundada meya legoa distante da Cidade para o Sul, visinha à barra, de alegre, e dilatada vista, pelos grandes horizontes maritimos, que descobre, porém com portos menos accommodados para as embarcaçóes, assim por alguns recifes, que estaõ pelas suas prayas, como por bater nellas furioso o mar. Hoje nem as suas ruinas permanecem, para darem vestigios da sua grandeza; só a sua memoria se conserva pela tradiçaõ. Todo aquelle terreno se acha occupado de fazendas de arvoredo; as suas ribeiras de

de ſabricas de peſcarias. He retiro agradavel pela freſcura, e amenidade do territorio, devotiſſimo com a Igreja Matriz de Noſſa Senhora da Victoria, com a de Noſſa Senhora da Graça, Abbadia dos Monges de S. Bento, e a de Santo Antonio, Caſa de recreyo dos Arcebiſpos da Bahia.

4 Em a nao, que trazia ao Governador, vieraõ capitaneados pelo Reverendo Padre Manoel da Nobrega os primeiros Soldados, que vio o Braſil da Companhia de Jeſus, inclyta milicia do grande Santo Ignacio de Loyola, cujo ſagrado Inſtituto, principiado poucos annos antes, já caminhava à conquiſta de todo oMundo, pelos ſeus doze Companheiros, em Italia, Heſpanha, França, e Alemanha; pelo inſigne Padre Simaõ Rodrigues em Portugal, pelo glorioſo S. Franciſco Xavier na Aſia, e pelos Veneraveis Padres Anchieta, Nobrega, e da Grãa no Braſil; plantas, que a penas produzidas em hum vergel novo, enchiaõ a toda a terra de ſazonados frutos, dando almas ao Ceo, triunfos à Igreja, e exemplos ao Mundo, em prova, e extenſaõ da noſſa Fé, buſcando o martyrio, derramando o ſangue, deſprezando, e perdendo as vidas.

Vem os Religioſos da Companhia de Jeſus a fundar na noſſa America.

5 Creſcendo depois as Povoações, foraõ dilatando o fervor de tal ſorte, que ao tempo em que os Soldados conquiſtavaõ terras, ganhavaõ eſtes novos guerreiros almas; e ainda além do que penetravamos com as armas, chegavaõ elles com o eſpirito, affervorando aos Catholicos, e compondo-os nas ſuas differenças, cathequizando aos

Seu grande zelo Catholico.

Gentios, e fazendo-os deixar as ſuas barbaridades, defendendo a huns do cativeiro, a outros das vexações, e curando em todos as enfermidades do corpo, e da alma. Foraõ fundando muitas Caſas por todas as Capitanîas do Braſil, penetrando todos os Certões, bautizando innumeraveis Aldeas, e trazendo-as ao gremio da Igreja, e ao trato domeſtico das gentes. Varoens verdadeiramente Apoſtolicos, dignos das muitas poſſeſſoens, que tem neſta Regiaõ, cujas rendas diſpendem religioſa, e piamente no culto das ſuas Igrejas, na ſuſtentaçaõ dos ſeus Religioſos, e de infinitos pobres, a quem ſoccorrem com o quotidiano mantimento, e outras taõ preciſas, como liberaes eſmolas.

6 Poſto que Catharina Alvares, como Senhora dos Gentios deſta Provincia, lhes ordenou reconheceſſem por Soberano a ElRey de Portugal na peſſoa do ſeu Governador; como o poder, que tinha ſobre eſtes ſeus barbaros Vaſſallos, naõ era taõ diſpotico, que baſtaſſe a obrigallos em novo ſenhorio a mudar de vaſſallagem, paſſando de hum reconhecimento, que parecia decoro, a huma ſogeiçaõ, que tinhaõ por jugo, foy preciſo a Thomé de Souſa introduzirlhes com as armas a obediencia, achando humas vezes mais oppoſiçaõ, outras menos reſiſtencia, mas em todas grande fortuna, a qual fez tributaria do ſeu valor nas ſuas emprezas, em todo o tempo do ſeu Governo, que foraõ quatro annos, por cujas horas ſe lhe podem contar as felicidades, a que naõ deixaraõ
de

de correſponder os premios, porque ElRey o fez ſeu Védor, cargo, que continuou no ſerviço da Rainha D. Catharina, e de ſeu neto ElRey D. Sebaſtiaõ.

7 No poſto de Governador, e Capitaõ Geral lhe ſuccedeo D. Duarte da Coſta, Armeiro mór, que chegou à Bahia no anno de mil e quinhentos e cincoenta e tres; e ſeguindo os exemplos do ſeu anteceſſor no lugar, e dos ſeus antepaſſados no ſangue, obrou como elles no valor, e no zelo. Continuou as conquiſtas, e favoreceo as miſſoens, creſcendo humas, e outras aſſeguradas nas vitorias, que alcançou de muitos Gentios; huns ainda incultos, e outros depois de ſogeitos, rebellados. Repartio terras pelos moradores; humas em ſatisfaçaõ de ſerviços obrados naquellas emprezas, outras para augmento do Eſtado em peſſoas, que as podiaõ povoar, e defender dos Barbaros. Foy logrando todas as ſuas diſpoſições com fortuna igual à grandeza do ſeu talento, e da ſua chriſtandade, pólos, em que exiſtiaõ ſeguros os ſeus acertos. Só julgou penſionadas as ſuas felicidades com a deſgraça, acontecida no tempo do ſeu Governo ao Biſpo D. Pedro Fernandes Sardinha, primeiro do Braſil, e aos outros paſſageiros, que embarcados com elle para Portugal, compellidos de huma irreparavel tormenta, dando à coſta a ſua nao no rio de S. Franciſco, foraõ mortos, e comidos pelos Barbaros Cahetês.

Governo de Dom Duarte da Coſta.

Anno de 1553.

Naufragio do Biſpo D. Pedro Fernandes Sardinha.

8 Tinha chegado à Bahia no anno de mil e quinhentos e cincoenta e dous, e depois de haver gover-

governado quatro a ſua Igreja, paſſava a Portugal; ſe com licença delRey, ou ſem ella, ſe ignora; mas ſabe-ſe, que entre elle, e o Governador D. Duarte da Coſta, paſſaraõ em materia de juriſdicçaõ aquellas controverſias, de que coſtumaõ reſultar grandes enfermidades ao corpo politico, quando as cabeças naõ tem as intelligencias taõ conformes, e ſemelhantes como as de Geriaõ. Procedia o Biſpo com rigor contra alguns dos moradores, a quem a liberdade de huma nova conquiſta tinha feito complices de alguns delictos, que podiaõ emendarſe com menor caſtigo, em menos prejuizo da Republica, a qual carecia de ſogeitos para ſe augmentar. Defendia o Governador a regalia do poder Real; puxava o Biſpo pela juriſdicçaõ da ſua Dignidade, e ambos cumpriaõ com a ſua obrigaçaõ. Porém pouco ſatiſfeito eſte Prelado, paſſava ao Reyno, a communicar as ſuas queixas, ou (como tambem ſe entendeo) outras materias graves a ElRey D. Joaõ III. quando lhe aconteceo o infauſto ſucceſſo, que temos referido.

Diſſenſoens entre o Governador, e o Biſpo.

Elogio de D. Pedro Fernandes Sardinha, primeiro Biſpo do Braſil.

9 D. Pedro Fernandes Sardinha naſceo de nobres pays na Villa de Setuval; eſtudou as Faculdades mayores na Univerſidade de Pariz, onde ſe achava, quando àquella Corte do Reyno de França foraõ levados Catharina, e Diogo Alvares Correa. Foy Clerigo do habito de S. Pedro, Vigario Geral da India, e primeiro Biſpo do Braſil, onde em quatro annos de Paſtor exerceo muitas virtudes de Prelado. Paſſando ao Reyno, naufragou

gou laſtimoſamente, ſendo comido pelos Gentios contrarios à noſſa Religiaõ, em odio da noſſa Fé, no anno de mil e quinhentos e cincoenta e ſeis; e piamente podemos crer ſe lhe converteo a Mitra de Biſpo em laureola de Martyr. Naõ deixou na terra ſepulchro, em que ſe guardem reſpeitadas as ſuas cinzas, mas tem nas noſſas attenções depoſito, em que eſtaõ vivas as ſuas memorias.

Anno de 1556.

10 Fez D. Duarte da Coſta muita guerra aos Gentios deſta Provincia, e os venceo em todas, ampliando mais o termo da Cidade, e dilatando o ſeu reconcavo, com lhe affugentar aquelles Barbaros para o interior do Certaõ. Em todos os conflictos lhe foy companheiro ſeu filho ſegundo, e do ſeu proprio nome, a quem dava em premio os perigos, empregando-o em capitanear os exercitos, e pondo-o por primeiro alvo das frechas inimigas. Para eſtas emprezas foy muy ſoccorrido das Armadas do Reyno, que todos os annos lhe mandava ElRey com muita gente, aſſim voluntaria, como obrigada, huma a impulſos do ſeu valor, outra em cumprimento dos ſeus degredos; deſta ſe ficou ſempre conhecendo a deſcendencia, para ſe deſigualar da ſucceſſaõ da outra.

11 Em attençaõ dos ſerviços, que fizera D. Duarte da Coſta governando o Braſil, alcançou ſeu neto D. Gonçalo da Coſta, Armeiro môr, para ſi, e para todos os ſeus deſcendentes, na Provincia da Bahia, a merce Real de huma Capitanîa, com o titulo de Capitães, e Governadores della.

Merce de huma Capitanîa a D. Gonçalo da Coſta.

della. Contem a porçaõ de terra, que ha entre os rios Paraguassû, e Jaguaripe, correndo por elle seis legoas ao Certaõ, e indo acabar por cima do Aporâ na Serra do Gararû; porém os possuhidores della se contentaõ com o titulo de Donatarios de Paraguassû, sem fazerem Villa, em que encabeçar a jurisdicçaõ civil, e politica daquella Capitanîa, e a tem dividida em datas à varios colonos, que nellas lavraõ grandes propriedades, de que colhem grossas rendas, pagando aos seus Donatarios competentes foros. Continuava D. Duarte da Costa no Governo do Brasil, cujas redeas moveo perto de cinco annos, quando no de mil e quinhentos e cincoenta e oito lhe chegou successor.

Governo de Mendo de Sá.

Anno de 1558.

Suas acções.

12 Veyo a succederlhe no mesmo posto de Governador, e Capitaõ Geral, Mendo de Sá, taõ grande Soldado, como Catholico, em cujo talento estavaõ em equilibrio os exercicios da milicia, e do espirito; e sendo em ambos admiravel, naõ parecia mais Capitaõ, que Religioso. Com estas qualidades alcançou muitas vitorias dos Gentios inobedientes; fez situações, erigio Igrejas, e novas Aldeas para os feudatarios, defendendolhes a liberdade do cativeiro, que lhes hiaõ introduzindo os moradores, primeiro por necessidade, depois por tyrannia. Contra esta sogeiçaõ, e os abusos, que na laxidaõ da vida em alguns Portuguezes havia, publicou gravissimas penas, que a occasiaõ fazia parecerem rigorosas, mas o tempo mostrou, que foraõ uteis, e naõ puderaõ deixar

deixar de ſer neceſſarias. Pediraõlhe os habitadores da Capitanîa do Eſpirito Santo, ſoccorro contra os Gentios rebelados, de quem recebiaõ grandes hoſtilidades, e temiaõ mayores ruinas.

13 O Governador lho enviou por ſeu filho Fernando de Sá em hum luzido exercito, que livrou aos habitadores daquella Provincia do grande aperto, em que eſtavaõ pelo cerco, em que os tinhaõ os Gentios, e neſte auxilio conſiſtio a ſalvaçaõ das ſuas vidas, e fazendas. Receberaõ a Fernando de Sá como a filho do General do Eſtado, e unica eſperança do ſeu remedio. Moſtrou elle em poucos annos muito valor, e acometendo aos inimigos, lhes deu huma famoſa batalha, em que vencendo aos Barbaros, e aſſegurando aquelles moradores, perdeo a vida; deſgraça, que o Governador reputou em menos, que as conſequencias da vitoria, as quaes aſſeguravaõ do perigo a toda aquella Provincia; ſendo em Mendo de Sá inferiores os impulſos da natureza às obrigaçóes do cargo, e ficando neſta adverſidade taõ glorioſa a memoria do filho, como a conſtancia do pay.

Soccorre com ſeu filho Fernando de Sá a Provincia do Eſpirito Santo.

Morte de Fernando de Sá.

Conſtancia do Governador.

14 Com a ſua actividade, experiencia, e valor ſe engrandeciaõ a Cidade, Povoaçóes, e lavouras da Bahia; ſe expediaõ as miſſoens, e ſe penetravaõ os continentes, trazendo delles Gentios, e formandolhes Aldeas viſinhas aos Povos, para ſe lhe frequentarem os Sacramentos, e os encaminharem ao trato Chriſtaõ, e domeſtico. Porém novo accidente obrigou ao Governador

a deixar a Cabeça do Eſtado, por acudir aos membros delle, que careciaõ de prompto remedio para evitar o mal, que ao coraçaõ ameaçava hum inimigo eſtranho, de cuja expulſaõ (em que eraõ evidentes os perigos) pendia a conſervaçaõ, e augmento da Monarchia.

Francezes introduzidos por diverſas Provincias da noſſa America.

15 Como principiámos eſtas conquiſtas com poder inferior ao que requeria taõ grande empreza, naõ podendo ao meſmo tempo acudir a tantas, e taõ diſtantes partes, quantas comprehende a noſſa vaſtiſſima Regiaõ; os Francezes, que naõ ſabem perder paſſo em adiantarem a gloria da ſua Naçaõ, e o intereſſe do ſeu commercio, tendo noticia do deſcubrimento do Novo Mundo, e das ſuas riquezas, enviaraõ a ambas as Americas muitas naos diſperſas, a buſcarem aquellas utilidades, que fiavaõ do ſeu valor, e importavaõ ao ſeu negocio. Com ellas pelejaraõ nos noſſos mares Pedro Lopes de Souſa, e Luiz de Mello da Sylva, quando diſcorriaõ por eſtas coſtas; duas meteo a pique Chriſtovaõ Jaques, na barra do rio Paraguaſſû, e os achámos metidos com os Gentios Petiguares nas Provincias da Paraîba, e de Itamaracâ; com os Cahetês na de Pernambuco, e no rio de S. Franciſco; na de Serzipe com os Tupinanbâs; em Cabo Frio, e na enſeada do Rio de Janeiro com os Tamoyos; e ultimamente os expulſámos da Ilha de S. Luiz do Maranhaõ, onde commerciavaõ com as muitas, e varias Nações, que habitavaõ aquelle Eſtado.

16 Havia alguns annos, que Nicolao de Villagaylhon,

gaylhon, natural do Reyno de França, e Cavalleiro do Habito de S. Joaõ do Hoſpital, belicoſo por natureza, e por Religiaõ, vagava com alguns navios, à ſua cuſta armados, buſcando prezas, eſtimulado da cobiça, ou do valor; e navegando os mares do Braſil, ſurgio em Cabo Frio, onde introduzido com induſtria, ou affabilidade, achou nos Gentios habitadores daquelle Porto (hoje Cidade) boa correſpondencia, e agrado, tratando-o como amigo, e carregandolhe os navios de pao vermelho, droga importantiſſima entre as Nações de Europa, e que baſtara a recompenſarlhe as deſpezas da viagem, a naõ ſer o fim della ordenado a mais relevantes intereſſes, e emprezas. Soube, que os Gentios, que habitavaõ a enſeada do Rio de Janeiro, eſtavaõ em rija, e porfiada guerra com os Portuguezes, moradores em a Villa de Santos, e na de S. Vicente, que entaõ tinha o dominio de todas as noſſas Povoações do Sul.

Nicolao de Villagaylhon em Cabo Frio.

17 Voltou para França, e prevenindo competentes forças aos impulſos, com que o ſeu animo o eſtimulava a emprezas grandes, e a ſua ambiçaõ a naõ pequenas conveniencias, tornou com aventajado poder, e entrou naquella enſeada com igual fortuna, promettendo aos Gentios mais util, e ſegura amizade, que a dos Portuguezes, de cujas armas os defenderia com todo o poder da Naçaõ Franceza. Foraõ ouvidas pelos Gentios, em odio noſſo, as ſuas promeſſas, e ſendo por elles recebido em firme aliança, e companhia, fortificaraõ

Volta para França.

Anno de 1560.

Torna, e fortifica a enſeada do Rio de Janeiro.

caraõ todos os lugares em torno daquelle golfo, com ſingular conceito, e expectaçaõ do valor, e bondade de Villa-gaylhon, de cuja diſciplina, e amizade fiavaõ a expulſaõ dos Portuguezes de toda a repartiçaõ do Sul; e havia já quatro annos, que eſtava na poſſe daquella porçaõ de terra, dominando aquelle mar na confederaçaõ dos naturaes, menos barbaros com o ſeu trato, poſto que pela ſua natureza mais indomitos, que todos os do Braſil.

Cuidado do Governador Mendo de Sá.

18 Cauſavaõ ao Governador Mendo de Sá eſtas noticias taõ grande cuidado, quanto era relevante a materia dellas, na debilidade de forças, em que ſe achava o Eſtado para a expulſaõ de inimigos Europeos, e Francezes, praticos na milicia, arrojados na reſoluçaõ, empenhados na empreza, e unidos em apertada liga com aquelles Gentios, taõ esforçados, e deſtros, que eraõ o terror de todas as outras Nações da America, a emulaçaõ do nome Portuguez, e por aquella parte o freyo das noſſas vitorias; porém naõ podendo Mendo de Sá reprimir o valor, nem perdoar a injuria, que recebia a Naçaõ Portugueza na diſſimulaçaõ de huma offenſa, que já tocava mais na honra, que no intereſſe da Monarchia, determinou ir logo contra elles com o exercito, naos, e militar apparato, que lhe foſſe poſſivel ajuntar.

19 Eſtavaõ a Cidade da Bahia, e o ſeu reconcavo faltos de tudo o que era preciſo para tanta empreza. Naõ haviaõ navios; era pouca a gente, por ſe achar muita no emprego da conquiſta

quiſta dos Gentios, cuja guerra, poſto que porfiada, era muy differente da que agora emprendia com a Naçaõ Franceza, taõ conhecidamente valeroſa; haviaõ poucos inſtrumentos proprios, e preciſos para as expugnações. Os viveres, e vitualhas naõ eraõ proporcionados para a facçaõ; porém o Governador ſupprindo tudo com a ſua peſſoa, com poucos Soldados, que pode levar, alguma gente voluntaria, que o quiz ſeguir, os petrechos, e mantimentos, que ſe acharaõ, tres naos de guerra, e oito navios menores, que no porto da Bahia eſcolhera mais capazes deſta expediçaõ, havendo mandado aviſo às Villas de S. Vicente, e Santos, que lhe tiveſſem prompto o ſoccorro de canoas, partio para o Rio de Janeiro, viſitando as Provincias dos Ilheos, Porto Seguro, e do Eſpirito Santo, as quaes lhe contribuîraõ gente, e mantimentos.

Paſſa ao Rio de Janeiro.

20 Com viagem proſpera aviſtou Mendo de Sá a barra do Rio de Janeiro (cuja fórma já deixamos deſcripta) e tendo determinado entralla de noite, para com improviſo, e inopinado aſſalto render as forças dos inimigos, hum accidente o fez mudar de reſoluçaõ; porque ſendo deſcuberta a noſſa Armada pelas ſuas vigias, ſe tinhaõ preparado para a defenſa, e foy preciſo ao Governador eſperar de fóra os ſoccorros, que mandara prevenir em Santos, e S. Vicente; os quaes chegando promptiſſimos, entrou pela barra a todo o riſco das ſuas naos, ſem temer as defenſas dos contrarios; e começando a bater a Ilha, que do

Chega com feliz viagem.

do ſeu Povoador tomara o nome, e eſtava natural, e militarmente fortificada, e defendida pelos Gentios, e Francezes, (poſto que Villa-gaylhon ſe achava em França) contra todo o poder das forças inimigas ganhou terra nella: mas parecia inconquiſtavel pela natural muralha de penhas, que cercava toda a ſua circumvallaçaõ, e reſiſtia às inceſſantes ballas da noſſa artilheria, que em tres ſucceſſivos dias naõ tinhaõ obrado effeito conſideravel.

Difficuldade da empreza.

21 Vendo o Governador Mendo de Sá, que ao ſeu valor reſiſtia mais a natural fortaleza do ſitio, que a grande conſtancia dos inimigos, diſpoz, que a força venceſſe a natureza; triunfo raro, mas nos apertos mayores, pelos corações generoſos, e fortes muitas vezes conſeguido. Tal foy eſta reſoluçaõ, porque enveſtindo a peito deſcuberto huma elevaçaõ da Ilha, que chamaõ o ſitio das Palmeiras, o ganhou, e animados os Portuguezes com taõ feliz ſucceſſo, proſeguiraõ o combate, no qual de ambas as partes ſe obravaõ valentiſſimas acções, filhas do esforço, da arte, e da porfia; nós por conquiſtarmos as terras, os inimigos por defenderem as vidas; porque perdendo já as eſperanças de conſervarem o dominio, os Francezes nos ſeus bateis, e os Gentios nas ſuas canoas ſe ſalvaraõ, penetrando o continente daquelle Certaõ, e deixando aos Portuguezes lograr as palmas de huma glorioſa vitoria; em cujo ſeguimento paſſámos à terra firme, e lhe deſtruîmos quantas fabricas tinhaõ, e todas as ſuas

Reſoluçaõ do Governador.

Ganhaõ os Portuguezes a vitoria.

ſuas lavouras, tantas, que podiaõ ſuſtentar hum cerco dilatado.

22 Ganhada a Ilha, e toda aquella grande enſeada, ſe fizeraõ acções de graças com ſolemne Miſſa, a primeira, que naquelle ſitio ſe celebrou ao verdadeiro Author das vitorias, e Deos das batalhas. Tratava o Governador de povoar, e guarnecer de Portuguezes todos aquelles lugares, mas foy diſſuadido deſte intento com a maxima politica, e militar, de naõ enfraquecer o Eſtado, dividindolhe as forças; conſelho, que ſahio prejudicial, como logo veremos. Em fim arruinando todas aquellas fortificações, e recolhendo às noſſas naos todas as armas, e artilheria dos inimigos, como deſpojos ganhados com a noſſa vitoria, ſahio a noſſa Armada para a Villa de S. Vicente, de donde, depois de viſitadas as Povoações do Sul, voltou para a Bahia; ſendo recebido nella o Governador em triunfo, e os Soldados, e mais peſſoas daquella expediçaõ com muitos applauſos.

Anno de 1562.

Volta o Governador com a Armada para a Bahia.

23 Mas naõ teve a eſpada muitos dias embainhada, porque chegando de ganhar eſta vitoria, lhe pediraõ ſoccorro os moradores da Capitanîa dos Ilheos, contra os Gentios daquelle deſtricto, que lhes tinhaõ arruinado, e deſtruido todo o reconcavo da Villa de S. Jorge, obrigandoos a recolher a ella o temor de perderem as vidas, que ficavaõ em evidente perigo pelo ſitio rigoroſo, que lhe haviaõ poſto os inimigos, ſendo já poucos os mantimentos, para o reſiſtir mais

tempo. Com a presteza que pediaõ a occasiaõ, e a necessidade, se embarcou Mendo de Sá para os Ilheos; e só a fama do seu nome causou àquelles Barbaros tal terror, que levantando o sitio, se ausentaraõ. Mas o Governador naõ satisfeito de haver remediado a presente oppressaõ daquelles moradores com a retirada dos Gentios, entendendo, que só os poderia segurar com o castigo, os seguio muitas legoas, fazendolhes desamparar os seus domicilios, e buscar o interior das brenhas, deixando as suas lavouras, que conservaraõ os Portuguezes, e fizeraõ estancias com defensas para lhes resistir, se as intentassem recuperar, e ficando mais dilatadas as fabricas daquella Capitanîa com a distancia dos Gentios, que naõ intentaraõ mais vingarse das vidas, que perderaõ os seus companheiros, nem restituirse das terras, que largaraõ.

Vay em soccorro da Provincia dos Ilheos.

Triunfa, e vence aos Gentios, e assegura àquelles moradores.

24 Dentro em poucos annos foy preciso a Mendo de Sá tornar à empreza do Rio de Janeiro; porque como aos Lirios Francezes se naõ arrancaraõ de todo as raîzes, que tinhaõ lançado naquelle terreno, lhes foy facil tornarem a florecer com as auras dos soccorros de França, e em breve tempo se vio a planta naõ só mais crescida, porém mais robusta, ameaçando suas novas forças resistencias novas às Quinas Portuguezas. Estas noticias obrigaraõ à Serenissima Rainha D. Catharina, que governava o Reyno, a mandar à Bahia dous Galeões com muita gente, governados por Estacio de Sá, sobrinho do Governador, ordenan-

Novo motivo para tornar à propria empreza.

denando a ſeu tio, que com o mayor poder, que foſſe poſſivel ajuntarſe na Bahia, enviaſſe ao ſobrinho a expulſar de novo aos Francezes da enſeada do Rio de Janeiro, ſenhorear a terra, e povoalla com gente Portugueza.

25 Tinha paſſado à vida immortal, e a melhor Imperio, no anno de mil e quinhentos e cincoenta e ſete, ElRey D. Joaõ III. Monarcha, a quem deve Portugal a ſua conſervaçaõ, o Braſil a ſua conquiſta, e toda a Monarchia o ſeu augmento; de quem recebeo a Igreja, e a Religiaõ Catholica grandes cultos, e o Povo Chriſtaõ o mayor exemplo. Entre muitas virtudes, de que era dotado, reſplandecia no ſeu talento a paz, que ſempre procurou conſervar nos ſeus Reynos; ſendo a guerra, que fazia nas conquiſtas, mais pela introducçaõ da noſſa Fé, e por reduzir o Gentiliſmo ao verdadeiro conhecimento, e preceitos della, que por accreſcentar dominios ao ſeu Sceptro. Foy taõ pio, e generoſo, que mais vezes ſe inclinava a faltar com o caſtigo, que com o premio: admiravel na eſcolha dos ſogeitos, a quem encarregava as emprezas; e por eſta cauſa ſempre as conſeguia. Tinha eleito no anno de mil e quinhentos e cincoenta e ſeis a Mendo de Sá por Governador, e Capitaõ Geral deſte Eſtado, ainda que naõ veyo a elle, ſenaõ no de mil e quinhentos e cincoenta e oito, como fica dito.

Morte delRey D. Joaõ III. e ſeu Elogio.

26 Chegou Eſtacio de Sá à Bahia; e entregando ao Governador ſeu tio as ordens, que lhe trazia para o enviar àquella empreza, apreſtou

Chegou Eſtacio de Sá à Bahia.

efte logo as embarcaçóes, que fe achavaõ no porto; fez levas de gente pelo reconcavo, e ajuntou com os Soldados, que pode efcufar na Praça, a Infanteria, que vinha nos Galeoens, e fornecida a Armada de todos os apreftos, baftecida dos viveres, e mantimentos, que com a mayor diligencia fe puderaõ conduzir para efta expediçaõ, dandо a feu fobrinho Eftacio de Sá, Capitaõ môr daquella Armada, e Governador defta guerra, as inftrucçóes, e ordens, que havia de feguir, os confelhos folidos, e heroicos, de que fe devia aproveitar, ordenando, e aconfelhando como General, e como tio, o enviou ao Rio de Janeiro.

Parte para o Rio de Janeiro.

27 Pofto já Eftacio de Sá naquella barra, e informado do poder do inimigo, mayor que o das fuas forças, vendo, que para o lançar da propria cafa, em que fe tinha fortificado com mayores defenfas, (pelo exemplo paffado, que o fizera prevenir novos reparos) lhe eraõ neceffarias mayores preparaçóes, e mais numero de combatentes, encaminhou a Armada a S. Vicente, onde naõ experimentou menores difficuldades, por fe naõ acharem as Villas do Sul com os viveres, e foccorros de gente, que carecia. Porém animados os moradores dellas pelo zelo do ferviço Real, e empenho do Capitaõ môr, apreftaraõ hum fufficiente foccorro, importante naquella occafiaõ, e mayor, com o que chegou da Capitanîa do Efpirito Santo.

Vay primeiro a S. Vicente.

28 Com eftes foccorros fahio o Capitaõ môr Eftacio de Sá em demanda do inimigo; entrou a barra,

Torna para o Rio de Janeiro, e toma a terra.

barra, e tomando terra em hum ſitio, que chamaõ hoje Villa Velha, junto a hum penedo grande (que pelo que repreſenta, he chamado o Paõ de Aſſucar) ſe fortificou, e fez nelle eſtancia, onde foy a noſſa gente acometida dos Francezes, e Gentios; e ſendo reſiſtidos com grande valor, ſe retiraraõ rechaçados das noſſas armas. Muitas vezes foraõ os noſſos aſſaltados, já pelas poderoſas naos Francezas, já pela innumeravel copia de canoas dos Gentios, armando ciladas para nos colher por ardil, e induſtria. Porém acometendo o Capitaõ môr Eſtacio de Sá as naos Francezas, fez nellas conſideravel deſtroço, com muita perda de gente inimiga, e pouca da noſſa; ſendo tal o terror, que lhes imprimio o noſſo ferro, que as fez retirar fugitivas, e primeiro que ellas, as canoas dos Gentios, que as acompanhavaõ.

Pelejaſe com esforço.

29 Expedio o Capitaõ môr muitos troços de Soldados, e aventureiros por varias Aldeas daquelles Gentios, nas quaes achando naõ vulgar reſiſtencia, foy neceſſario applicar todo o valor; porém a ſeu pezar ganhadas, foraõ mortos, e prezos os que ſe naõ apreſſaraõ a fugir dos noſſos golpes. Mas poſto que experimentavamos em repetidas facções proſperos ſucceſſos, ſe hia alargando a guerra, que ſendo offenſiva, de nenhum accidente podia receber mayor damno, que da dilaçaõ.

Entradas dos Portuguezes pelas ſuas Aldeas.

30 Sentia o Governador Mendo de Sá eſta demora, e a falta de noticias da noſſa Armada, e dos ſeus progreſſos; porque havendo tempo que

ſahira da Bahia, ainda nella ſenaõ ſabia o que havia obrado; que Eſtacio de Sá, occupado naquella empreza, cuidava mais de a concluir, que de informar o eſtado della. Neſta confuſaõ igualmente valeroſo, e impaciente ſe reſolveo a esforçar o empenho com a ſua peſſoa, e com a ſua fortuna, e juntando ſufficiente numero de navios, Soldados, e peſſoas, que o quizeraõ voluntariamente acompanhar, partio para o Rio de Janeiro, cuja barra entrou na ante veſpera de S. Sebaſtiaõ, a quem tomou logo por Padroeiro da Cidade, que havia de edificar, e todos por Tutellar, e Capitaõ naquelle conflicto.

Entra na barra na ante veſpera de S. Sebaſtiaõ, e o tomou por Tutellar.

31 Neſta Armada ſe embarcou o Biſpo D. Pedro Leitaõ, que vendo tantas ovelhas expoſtas a taõ evidentes perigos, as naõ quiz deſamparar, e como ſeu Paſtor foy ſeu companheiro, fazendo elmo da Mitra, e do Bago montante para as defender, e o eſgremir contra os inimigos da Religiaõ, e contra os do Eſtado. Os Cabos, Soldados, e Aventureiros hiaõ alegres, vendo-ſe aſſiſtidos de duas fortiſſimas columnas, huma da Igreja, outra da Monarchia, entendendo, que nos apertos da vida teriaõ Capitaõ para os animar, e nos trances da morte Prelado para os abſolver. Os jubilos, que nelles ſe viaõ, promettiaõ enfaticamente os triunfos, que haviaõ de alcançar, annunciados na geral alegria, com que todos navegavaõ. Já lhes tardava a hora de chegar, o ſinal de acometer: e o ſucceſſo deſempenhou a confiança.

Vay neſta Armada o Biſpo D. Pedro Leitaõ.

Reſol-

32 Resolveo Mendo de Sá acometer aos inimigos no proprio dia do Santo. Dispoz a fórma de os envestir com o Capitaõ môr Estacio de Sá, que lhe levou a parte do exercito, com que estava hostilizando aos inimigos, festivo, e contente, de que seu tio fosse a dar fim àquella guerra, e alcançar o triunfo, que naõ podia sem elle conseguir, ou naõ julgava grande, se lhe faltara a gloria, e a fama de taõ illustre Capitaõ. Distribuidas as ordens, e animados os Soldados com a pratica do General, e a bençaõ do Bispo, envestiraõ aos inimigos, esperando lançar daquella vez aos Francezes das terras da Coroa Portugueza, e pôr o jugo sobre a cerviz daquelles Gentios, prezados de guerreiros, e com provas de esforçados; inimigos acerrimos dos Portuguezes, aos quaes pertendiaõ expulsar de toda a Regiaõ do Sul, para que a possuissem os Francezes, com quem estavaõ intimamente confederados, promettendo perder as vidas em lhe darem o dominio daquelle Paiz.

Juntaselhes o Capitaõ môr Estacio de Sá, e assentaõ a fórma de acometer.

33 Acometidas pelos Portuguezes as estancias contrarias, era a sua resistencia proporcionada ao nosso furor. A sua disciplina, aprendida com os Francezes, e já alguns annos praticada, fazia taõ difficil o seu rendimento, como constante a nossa porfia. Excitados do valor, pelejavaõ tambem os elementos: o fumo, e as settas tinhaõ occupado o ar; as ballas, e o estrondo levantavaõ as ondas; tremia a terra na contingencia de quem a havia de possuir; o fogo achava varias

Envestem os Portuguezes aos inimigos.

varias materias em que arder; tudo era horror: mas ſuperando a toda aquella confuſaõ o noſſo esforço, ganhámos aos inimigos todas as ſuas forças, e eſtancias, deixando mortos innumeraveis Gentios, e muitos Francezes; e os que tomámos vivos, foraõ pendurados para exemplo, e terror.

Anno de 1568.

34 Logo ſenhoreámos toda a enſeada; e em proſecuçaõ da vitoria, penetrámos o continente, matando no alcance muitos Gentios, que formando varios corpos da ſua gente, intentaraõ impedirnos o paſſo; os mais ſe retiraraõ para o interior daquelle Certaõ, aprendendo à ſua cuſta o quanto lhes importava a ſua quietaçaõ, e o naõ provocarem a noſſa ira, taõ juſtamente empregada na ſua contumacia. As terras conquiſtadas ſe repartiraõ por moradores ricos, capazes de as cultivar, e defender; de cuja viſinhança ſe davaõ os inimigos por taõ mal ſeguros, que naõ ouſaraõ mais apparecer, retirando-ſe ſempre para os ſitios mais diſtantes, e remotos do Paiz.

35 Poucas vidas nos cuſtou eſta vitoria, porém ſahindo ferido o Capitaõ mór Eſtacio de Sá, faleceo em poucos dias; perda, que penſionou a gloria do triunfo, cauſando em todos geral magoa; menos no Governador ſeu tio, coſtumado a deſprezar eſtes golpes pela ſaude da Patria. Poſto que as virtudes de Eſtacio de Sá, conhecidas de todos os que o tratavaõ, o ſeu valor, teſtemunhado por quantos o ſeguiaõ, a eleiçaõ da Rainha D. Catharina, feita na ſua peſſoa para eſta empreza, e a conſtancia, esforço, e diſpoſiçaõ, com que nella

Morte do Capitaõ môr Eſtacio de Sá.

Reflexaõ ſobre o ſeu talento.

nella ſe houve, o publicaraõ ſogeitos de muitas prerogativas, naõ achámos delle outra noticia; poſto que dura a ſua memoria no Braſil, por cujo augmento deu a vida, começando deſde entaõ a viver por gloria na poſteridade.

36 Fundou logo o Governador Mendo de Sá a Cidade em lugar mais eminente; porém naõ taõ proprio, como o em que hoje permanece; deulhe o nome de S. Sebaſtiaõ, a cujo patrocinio attribuiraõ todos aquella vitoria, em que houve indicios certos (como he tradiçaõ conſtante) fora nella Capitaõ; ſendo por muitas peſſoas viſto no combate pelejar diante dos Portuguezes hum Mancebo, taõ valeroſo, quanto deſconhecido, que a piedade, e devoçaõ julgou ſer o glorioſo Santo, ao qual haviaõ tomado por Protector; memoria, que conſervou ſempre aquella Cidade nos cultos de Padroeiro, que lhe dedica.

Fundaçaõ da Cidade do Rio de Janeiro.

37 Tendo já Mendo de Sá dado principio às fabricas da nova Cidade, deixou por Governador della a ſeu ſobrinho Salvador Correa de Sá, que lhe tinha merecido em todo o rigor eſta eleiçaõ, pelo maravilhoſo esforço, que moſtrara naquella guerra, ſendo hum dos Cabos, que tiveraõ mayor parte na vitoria, concorrendo na ſua peſſoa prudencia, valor, e diſpoſiçaõ para aquelle emprego. Delle deſcende a nobiliſſima Familia dos Correas e Sás do Rio de Janeiro, que por largos, e ſucceſſivos annos tiveraõ o Governo daquella Provincia, e occuparaõ grandes lugares em Africa, Aſia, e Portugal, em cuja Corte exiſte a ſua

Familia dos Correas e Sás daquella Provincia.

a ſua baronîa, e primogenitura, com o titulo de Viſcondes de Aſſeca.

Vay o Governador às Villas de S. Vicente, e Santos.

38 Concluidas eſtas emprezas, e alcançadas muitas palmas, paſſou Mendo de Sá às Villas de Santos, por agradecer àquelles moradores o muito, que tinhaõ concorrido com as fazendas, e as peſſoas para eſta guerra. Foy recebido de todos como Fundador da liberdade, que ficava logrando a Regiaõ do Sul na extirpaçaõ dos inimigos, naõ ſó eſtranhos, mas tambem daquelles naturaes, acerrimos contrarios dos Portuguezes, pois com o ſeu eſtrago viviriaõ ſeguros das hoſtilidades, que experimentaraõ. Diſpondo o Governador nas Villas, e Povoações daquella repartiçaõ tudo o que era mais conducente ao ſerviço delRey, e ao bem commum de todos, e deixandolhes tantas inſtrucções, como ſaudades, voltou para a Bahia, que o recebeo como pay, e defenſor da Patria. O Biſpo, viſitadas as ſuas ovelhas dos rebanhos do Sul, tornou para a ſua Igreja, onde depois de algum tempo faleceo.

Volta para a Bahia.

Morte, e Elogio do Biſpo D. Pedro Leitaõ.

39 D. Pedro Leitaõ foy Clerigo do habito de S. Pedro, e ſegundo Biſpo do Braſil, por Bulla do Pontifice Paulo IV. Tomou poſſe da ſua Cathedral no anno de mil e quinhentos e cincoenta e nove, para onde vinha com eſta ſagrada Dignidade, e a incumbencia de Juiz dos Cavalleiros das Tres Ordens Militares, a paſtorear eſtas ovelhas, e trazer muitas ao rebanho da Igreja; diligencia, que o levou repetidas vezes por todo o ſeu Biſpado com incanſavel zelo, pelo curſo de muitos annos.

annos. O numero delles ſenaõ ſabe, nem o em que faleceo, mas ſim que teve jazigo na ſua Sé, donde ſe lhe trasladaraõ os oſſos para Portugal; facto, em que a Bahia naõ devia dimittir o ſeu direito, pois ſendolhe eſte Prelado devedor de tantas ſaudades, naõ era juſto, que ella largaſſe taõ eſtimados penhores.

40 Salvador Correa de Sá, Governador da nova Cidade do Rio de Janeiro, teve brevemente occaſiaõ de moſtrar de novo o ſeu valor, e diſpoſiçaõ; porque havendo chegado ao Cabo Frio quatro naos Francezas a buſcar o pao Braſil, foraõ perſuadidas daquelles Gentios (de cuja amizade pendiaõ as conveniencias da ſua navegaçaõ) a que os ajudaſſem contra Martim Affonſo de Souſa, Indio notavel por esforço, e amizade com os Portuguezes, chamado antes do Bautiſmo Ararigboya, ao qual levara Mendo de Sá do Eſpirito Santo com a ſua Aldea, de que era Principal, para a guerra do Rio de Janeiro, em que nos ajudou com a ſua gente, e com muito zelo, e valor: cauſa, pela qual ſe lhe tinha dado hum ſitio para a ſua habitaçaõ, huma legoa diſtante da Cidade.

41 Pela barra (ſem ter ainda as defenſas neceſſarias para lhes fazer oppoſiçaõ) entraraõ as quatro naos Francezas, com oito lanchas, e innumeravel copia de canoas, publicando, que hiaõ contra Martim Affonſo, a prendello, e a entregallo àquelles Gentios de Cabo Frio, aquem aſſiſtiaõ com o ſeu poder, como a ſeus confederados, e

moſtrando naõ ſer contra as noſſas armas aquella acçaõ, como ſe nos naõ tocara por muitos principios a defenſa de hum Capitaõ, que naõ havia incorrido no odio daquelles Gentios por outras cauſas mais, que por haver recebido a noſſa Fé, e permanecer conſtante em a noſſa uniaõ, e vaſſallagem, obrando valeroſas acções em prova da ſua fidelidade.

42 Logo mandou o Governador Salvador Correa ſoccorro de gente a Martim Affonſo, e receando, que ſe elle foſſe vencido, iriaõ os inimigos triunfantes ſobre a Cidade mal fortificada, e nos principios da ſua fundaçaõ ſem meyos, para reſiſtir a huma invaſaõ de tanto apparato, taõ inopinada, como grande, mandou logo pedir às Villas de Santos, e S. Vicente, ſoccorros de gente, e canoas, que ajudaſſem a defender a Praça, à qual applicou as defenſas, que permittiraõ o tempo, e a neceſſidade. Deſembarcaraõ das oito lanchas grande quantidade de Francezes, e das canoas huma multidaõ de Indios, à viſta da Aldea de Martim Affonſo, e tendo por taõ ſegura a preza, que ſuppunhaõ lhes naõ eſcaparia das mãos, determinaraõ acometello no outro dia, e paſſar em ſoccego aquella noite, anticipando o deſcanço ao triunfo.

43 Porém no mayor ſilencio, e eſcuridade della, ſendo acometidos pelo famoſo Indio com a ſua gente, e com os noſſos Soldados, que poucas horas antes lhe tinhaõ chegado, foraõ desbaratados os inimigos, deixando muitos mortos, e

varios

varios deſpojos. Recolhendo-ſe às ſuas naos os Francezes, e os Gentios às ſuas canoas, naõ deixaraõ de ſentir continuados os golpes pelos tiros de hum pedreiro, que fora no noſſo ſoccorro, e lhes lançou repetido numero de pedras, cauſando grande eſtrago nas vidas, e nas naos, as quaes tendo dado em ſeco, por vaſar a maré, naõ puderaõ diſparar a ſua artilheria; e no outro dia ſahiraõ pela barra vencidos, e deſtroçados, e vagando pelos noſſos mares, foraõ ter ao Recife de Pernambuco, onde lhes acontecera, o que temos referido na deſcripçaõ daquella Provincia.

44 Chegado depois deſte conflicto o ſoccorro, que o Governador tinha mandado ir de Santos, e S. Vicente, e achando já retirados os inimigos (com generoſo ſentimento de naõ haverem tido parte na gloria do triunfo) ſe reſolveraõ aquelles auxiliares, que vinhaõ com anſia de pelejar, a irem hoſtilizar aos Gentios de Cabo Frio nos ſeus proprios domicilios; e louvandolhes o Governador aquelle impulſo, os enviou ainda mais animados com a ſua approvaçaõ. Chegaraõ ao Cabo Frio, e naõ achando já naquelle porto as quatro naos, viraõ outra, que havia chegado de França, poucos dias antes; acometeraõ-na os noſſos com as canoas de tal fórma, que ſe naõ pode valer da ſua artilheria, e alguma que diſparou, nos naõ fez damno. Morto o ſeu Capitaõ, a rendemos com todas as drogas, de que ainda eſtava carregada, deixando aſſombrados, e fugitivos todos aquelles Gentios, noſſos acerrimos inimigos. Sal-

vador Correa enviou a nao à Bahia ao General ſeu tio, em oſtentaçaõ, e moſtra daquella vitoria.

Regencia do Sereniſſimo Cardeal D. Henrique.

45 Eſtas acções ſe obraraõ na Regencia do Cardeal D. Henrique, Infante de Portugal, (que logo veremos Rey, transformada a Purpura Cardinalicia em Purpura Real) a quem voluntariamente tinha largado a adminiſtraçaõ do Reyno, e tutoria delRey D. Sebaſtiaõ (que ElRey D. Joaõ III. ſeu eſpoſo lhe encarregara) a Sereniſſima Rainha D. Catharina, naõ por lhe faltar talento para a educaçaõ do neto, e Regencia da Monarchia, que com tantos acertos tinha exercido, mas por entender, que diſpunha tirarlhas o Cardeal; e entregandolhas de proprio moto, quiz antes obviar o eſcandalo, que aquella acçaõ havia de dar, que o trabalho, que até entaõ tivera em as manter; ficando ſó como teſtemunha Real das diſpoſições menos fervoroſas de hum Principe Eccleſiaſtico, que governou o Imperio com o meſmo deſcuido, e irreſoluçaõ quando Regente, que quando Rey.

Governo delRey D. Sebaſtiaõ.

Anno de 1568.

46 Porém tomando ElRey D. Sebaſtiaõ, primeiro do nome, poſſe do Sceptro aos quatorze annos da ſua idade, no de mil e quinhentos e ſeſſenta e oito, continuou o cuidado das conquiſtas, e almas do Braſil, com o proprio zelo dos ſeus Auguſtos Progenitores, e Anteceſſores na Coroa, cuja Religiaõ, e grandeza eraõ os exemplares das ſuas acções. Dotou os Collegios dos Padres da Companhia da Bahia, e Rio de Janeiro com rendas, e congruas proprias da ſua generoſidade

Dota os Collegios da Companhia, e proroga os annos de Governo a Mendo de Sá.

roſidade Real; e por eſta cauſa o tem por ſeu Fundador; porque ainda que já havia muitos annos poſſuhiaõ Igrejas em muitas partes, e Provincias do Eſtado, naõ reputavaõ por fundaçaõ a Caſa ſem o patrimonio. Foy prorogando a Mendo de Sá o Governo, até o anno de mil e quinhentos e ſetenta, em que lhe mandou por ſucceſſor a D. Luiz de Vaſconcellos naquella infauſta Frota, de cujos adverſos ſucceſſos faremos laſtimoſa lembrança.

Anno de 1570.

47 Sahio da barra de Lisboa, no referido anno, com ſete navios, entre os quaes era hum a nao Santiago, que trazia ao Braſil ao Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, da Companhia de Jeſus, com trinta e nove Companheiros da meſma Sagrada Religiaõ; conduzindo para as ſuas miſſoens outros mais, que vinhaõ divididos pelos navios daquella Frota. Mas ſó ao ſeu Capitaõ, e aos trinta e nove Soldados, que com elle ſe embarcaraõ, tinha Deos decretado, em premio de ſerviços grandes, a gloria do martyrio, querendo, que naquelle nautico theatro, e naquella naval campanha ganhaſſem eſte trofeo. Foy a Frota em conſerva à Ilha da Madeira, onde havia de eſperar tempo opportuno para a viagem da Bahia.

Infauſtos ſucceſſos da frota em que vinha a ſucederlhe D. Luis de Vaſconcellos.

48 Em quanto ſe detinha naquelle porto, pedio licença ao Governador o Capitaõ da nao Santiago, para ir à Ilha da Palma (huma das Canarias) levar fazendas, que havia de trocar por outras, para as tranſportar ao Braſil; e alcançada a facul-

Vay a nao Santiago à Ilha da Palma.

dade

dade, foy demandar a Ilha; mas naõ podendo chegar à Cidade, por lhe ser contrario o vento, lhe foy preciso tomar hum porto, que lhe ficava distante tres dias de viagem. Nelle sahio o Padre Ignacio de Azevedo com os seus Religiosos; celebraraõ os Officios Divinos com grande consolaçaõ, e assistencia daquelles visinhos, que pia, e generosamente lhes assistiraõ os poucos dias, que alli se detiveraõ; mas sendo tempo de proseguir a viagem, se fez a nao à véla para o porto da Cidade, a cuja vista descubriraõ cinco Galeoens, com que Jaques Soria, taõ grande Capitaõ, como Hugonote (no serviço de Joanna de la Brit, Princeza de Bearne, Condessa de Fox, e pertensa Rainha de Navarra, infecta da propria seita abominavel) andava a corso, buscando prezas naquelles mares, em que sempre eraõ certas.

Encontraõ com a Esquadra do Herege Jaques Soria.

49 Em toda aquella heretica milicia era tal o odio à nossa Fé Catholica Romana, que o naõ podia encubrir, nem com o rebuço da sua ambiçaõ. Os mais estimados despojos eraõ as vidas dos Catholicos, e as tyrannias com que lhas tiravaõ, os seus mayores triunfos. Acometeraõ os Galeoens a nao Santiago, e depois de huma valerosa resistencia (posto que desigual à ventagem, que os inimigos tinhaõ em numero de navios, de gente, e de exercicio militar) a cercaraõ; e lançandolhe dentro os mais valerosos Soldados, e Piratas mais ousados, a renderaõ; porém naõ sem perda sua, porque foraõ mortos no conflicto muitos, com hum dos seus Cabos de mayor distinçaõ.

Peleja com ella.

He vencida dos Hereges, e tomada.

O Ve-

50 O Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, como o primeiro em lhes prégar a noſſa Fé, e abominar a ſua depravada ſeita, foy o primeiro objecto do ſeu furor, deixando-o com cinco feridas morto, e a ſete dos Companheiros, que mais proximos ſe acharaõ à peſſoa do ſeu Provincial, e acabaraõ quaſi dos meſmos golpes, abrindo à morte humas portas o ferro, outras a magoa. Os trinta e dous, com anſia viva procurando a morte, foraõ condemnados a ella por Jaques Soria, e mandados lançar ao mar, huns vivos, e outros quaſi mortos, ſendo todos recebidos no Ceo com quarenta laureolas; triunfo, de que teve viſaõ a glorioſa Madre Santa Thereſa de Jeſus em Heſpanha, aonde florecia em milagres.

Martyrio, e morte do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, e ſeus Companheiros.

51 Foy Religioſo o inſigne Padre Ignacio de Azevedo da Sagrada Companhia de Jeſus, e hum dos mais famoſos Capitães daquella nova milicia, na qual ſe aliſtou em os mais floridos annos da ſua idade, deixando a antiga Caſa de ſeu pay D. Manoel de Azevedo, Commendador de S. Martinho, (de que era primogenito) a ſeu ſegundo irmaõ D. Franciſco de Azevedo, que no ſerviço da Patria obrou com o meſmo zelo, que o terceiro D. Jeronymo de Azevedo nas conquiſtas da Aſia, onde chegou pelos ſeus ſerviços, e merecimentos, a ſer ſeis annos Vice-Rey da India, e hum dos Heroes, que mais ſouberaõ merecer eſte ſuperior emprego, ainda mayor naquelle tempo, em que eraõ mais frequentes as occaſioens de oſtentar o valor Portuguez, que he o primeiro impul-

Elogio do Padre Ignacio de Azevedo.

impulſo, que leva àquella Regiaõ aos Fidalgos da primeira jerarchia do Reyno.

52 Foy creſcendo o eſpirito do Padre Ignacio de Azevedo com a obſervancia dos exercicios, e eſtatutos do ſeu glorioſo Patriarcha Santo Ignacio de Loyola; e em breve tempo chegou a avultar tanto na ſua diſciplina, que era eſcolhido entre os outros Religioſos para as mais difficeis emprezas, naõ ſabendo negarſe aos mayores perigos; e preciſado mais da obediencia, que da vontade, exerceo em quaſi todas as Caſas, que tinhaõ em Portugal, os primeiros lugares. Porém deſejando empregarſe na conquiſta das almas do Braſil (em cujas miſſoens hia já fazendo muitos progreſſos, e colhendo aventajados frutos a ſua Religiaõ) o mandou o ſeu Geral por Viſitador das fundaçoẽs deſte Eſtado, a animar aos outros Obreiros, que com incanſavel trabalho ſe empregavaõ nellas.

53 A exemplar virtude, e os caſos em que a exerceo, foraõ teſtemunhos authenticos da uniaõ, com que aquella alma eſtava já com Deos. Acabado o tempo da ſua Viſita, foy por Procurador deſtes Collegios a Roma, ſendo com agrado recebido do Pontifice Pio V. e com eſpecial amor do Geral da Companhia, que era entaõ o glorioſo S. Franciſco de Borja, a quem communicou o eſtado das miſſoens, e a falta, que havia de Religioſos para as adiantarem; e concedendolhe licença para os conduzir de todas as Caſas da Religiaõ, o elegeo por Provincial do Braſil, para onde

onde tornava com muitos Companheiros, quando experimentou o ſucceſſo referido, em que fazendo o Veneravel Padre Ignacio de Azevedo o ultimo periodo às ſuas fadigas, conſeguio para a Patria, para a Religiaõ, e para o Ceo, credito, exemplo, e gloria, naſcendo illuſtre, vivendo penitente, e morrendo Martyr.

54 Cada hum dos ſeus trinta e nove Companheiros nos merecia particular memoria pela ſua grande virtude, fervoroſo eſpirito, e zelo da converſaõ dos Gentios, da emenda, e perfeiçaõ dos Catholicos, como moſtraraõ no tempo, que eſtiveraõ em Lisboa eſperando a monçaõ da Frota, para partirem para o Braſil. Naõ lhes referimos os nomes, nem fazemos de cada hum eſpecial idéa, porque como todos eraõ imagens tiradas daquelle prototypo, com moſtrarmos o original, lhes raſcunhamos as copias.

55 Chegada à Ilha da Madeira a infeliz nova do ſucceſſo adverſo, que teve a nao Santiago, ſe arrependeo o Governador de haver dado a licença, que ſe lhe pedira; e com mayor exceſſo, de ter permittido, que nella foſſe o Padre Ignacio de Azevedo, e os ſeus Religioſos pela falta, que haviaõ de fazer aos Obreiros da Companhia, para as vaſtiſſimas ſearas da Fé na Gentilidade do Braſil.

56 Vinda a monçaõ de proſeguir a ſua viagem para a Bahia, ſahio o Governador D. Luiz de Vaſconcellos da Ilha da Madeira com ventos favoraveis; mas achou nas de Cabo Verde taõ abraza-

Parte o Governador D. Luiz de Vaſconcellos para a Bahia.

abrazados os calores da costa de Guiné, que com a mayor parte da gente enferma, chegou a avistar terra do Brasil; mas a violenta corrente das aguas (naquella Estaçaõ furiosas) o levou, e a toda a sua Frota às Indias de Hespanha, de donde voltando, foraõ de novo derrotados os navios, e compellidos a tomar varios portos, chegando só dous à Bahia com quatorze mezes de navegaçaõ.

Destroço da sua Frota.

Morte do Governador Mendo de Sá.

57 Por ter falecido no mar o Governador D. Luiz de Vasconcellos, da enfermidade contrahida pelos calores de Africa, e pelos discommodos de taõ prolongada, e trabalhosa viagem, mandou ElRey D. Sebastiaõ a Luiz de Brito de Almeida por Governador, e Capitaõ Geral do Brasil, e chegou à Bahia no anno de mil e quinhentos e setenta e dous, em que faleceo Mendo de Sá.

58 Foy Mendo de Sá generosa rama do illustrissimo tronco deste appellido, taõ esclarecido, como antigo em Portugal, de que he Cabeça, e parente mayor o Marquez de Abrantes, Conde de Penaguiaõ, e Gentil-homem da Camera. Nos seus primeiros annos se applicou ao estudo das letras; depois passou à profissaõ das armas, sahindo em ambas as faculdades consummado. O valor, a piedade, e experiencia, que concorriaõ na sua pessoa, o fizeraõ objecto da attençaõ delRey D. Joaõ o III. para lhe encarregar o Governo de hum Novo Mundo, que por dilatado, e distante, carecia do seu grande talento, o qual

qual empregou todo no ſerviço do Monarcha, no amparo dos ſubditos, e no augmento do Braſil; unindo de tal fórma os preceitos Reaes com as conveniencias publicas, que a hum tempo era miniſtro do Rey, e pay da Patria; taõ zeloſo da extenſaõ da Fé Catholica, que entre os Miſſionarios Euangelicos naõ parecia Governador, mas Companheiro.

59 Foy o terceiro Capitaõ Geral deſte Eſtado, cujo Governo teve quatorze annos. Faleceo na Bahia no de mil e quinhentos e ſetenta e dous; tem jazigo no Cruzeiro da Igreja dos Padres da Companhia de Jeſus, com epithafio, e titulo de inſigne bemfeitor do Collegio. Deixou no Braſil deſcendencia, a qual pelas inconſtancias da fortuna, ſó conſerva de taõ illuſtre progenitor a memoria, e o appellido.

Anno de 1572.

60 Ao Governador Luiz de Brito de Almeida (pelas virtudes, de que era dotado, e com o exemplo dos ſeus anteceſſores neſte Governo geral) foy facil proceder conforme a expectaçaõ, que ſe tinha do ſeu talento. Fez varias guerras aos Gentios; proſeguio por muitas partes as conquiſtas, e por todas favoreceo as miſſoens. Emprendeo os deſcubrimentos das pedras precioſas, cujas noticias davaõ naõ pequeno brado, aſſim no Braſil proprio, como em Portugal, diligencia, que ElRey muito lhe encomendara, à qual enviou o Governador a Sebaſtiaõ Fernandes Tourinho, primeiro, e depois a Antonio Dias Adorno, de que reſultaraõ os ſucceſſos, que deixamos eſcritos.

61 Informado ElRey D. Sebaſtiaõ da fertilidade, e abundancia das terras, que rega, e fecunda o rio Real, cujo pao Braſil (de que abundaõ as mattas do ſeu Certaõ) hiaõ os Francezes buſcar, e ajudados pelos Gentios ſeus confederados, os conduziaõ àquelles portos, para o carregarem nas ſuas naos, ordenou ao Governador o mandaſſe povoar; em cuja execuçaõ enviou Luiz de Brito de Almeida a Garcia de Avila a fazer huma Povoaçaõ naquelle rio, que eſtá em onze graos, no deſtricto, e juriſdicçaõ da Provincia de Serzipe.

62 Aſſentou Garcia de Avila a Povoaçaõ, tres legoas pelo rio acima, onde foy preciſo ao Governador ir a caſtigar aquelles Gentios, que nos faziaõ terrivel reſiſtencia, e com tanta fortuna os venceo, que prezos dous Capitães, os mayores, que tivera a ſua Naçaõ, mortos huns, e outros cativos, fez retirar aos mais para o interior daquelle continente. Depois ſe paſſou a fundaçaõ para lugar mais conveniente, e mais viſinho ao mar, onde hoje permanece.

63 Governou Luiz de Brito de Almeida cinco annos, e por ſucceſſor lhe veyo Lourenço da Veiga, que chegou à Bahia no de mil e quinhentos e ſetenta e oito (infauſto para toda a Monarchia Portugueza, pela infeliz batalha de Alcacer.) No anno ſegundo do ſeu Governo, que ſe contavaõ mil e quinhentos e oitenta, veyo a fazer aſſento neſte Eſtado a Religiaõ dos Profetas, filhos de Noſſa Senhora do Carmo, e do grande Elias; fundaraõ

Fundaçaõ dos Religioſos de Noſſa Senhora do Monte do Carmo.

daraõ a ſua primeira Caſa na Villa de Santos, e depois nas Cidades do Rio de Janeiro, da Paraîba, da Bahia, e de Pernambuco, procedendo em todas eſtas partes como filhos de tal Mãy, e de tal Pay, e conſervando nas ſuas virtudes ſempre vivo o fogo de Elias, e permanentes as flores do Carmelo. Trouxeraõ por ſeu primeiro Vigario Provincial ao Padre Fr. Domingos Freire, em cuja obediencia exercitaraõ grandes obras do ſerviço de Deos, e do bem das almas, florecendo em doutrina, e letras com admiraveis effeitos, e ſantos exemplos, por todo o Braſil, onde poſſuem grandes propriedades, cujas rendas diſpendem pia, e religioſamente.

64 Com eſte fervor, e zelo Catholico tratava do augmento deſte Eſtado ElRey D. Sebaſtiaõ, poſto que a fatalidade do contrario oroſcopo, em que naſcera, o andava já encaminhando a repreſentar huma tragedia, que começou nas campanhas Africanas, para nunca acabar na magoa Portugueza. O animo intrepido, e o fervor Catholico, que no generoſo peito deſte heroico Principe reſpiravaõ chammas de valor, e de Fé, depois por falta de moderaçaõ cauſaraõ o mais laſtimoſo incendio. Andava ſempre arrebatado da propenſaõ das armas, ideando emprezas militares; e tanto ſe abſtrahia na gloria da poſteridade, que em quanto a naõ aſſegurava com as acções, a naõ deixava com a fantaſia. Contemplava grandes feitos de Heroes famoſos, e naõ hia com o penſamento a buſcar os Scipiões, e Pompeyos

Animo, e penſamentos heroicos, e Reaes delRey D. Sebaſtiaõ.

peyos

peyos a Roma, os Annibaes, e Aſdrubaes a Carthago, os Filippes, e Alexandres a Macedonia, os Ciros, e Darios a Perſia, porque na ſua reſpeitada Luſitania, nos Auguſtos, e invictos Reys ſeus Aſcendentes, e nos ſeus ſubditos, que lhes ajudaraõ a ganhar, e augmentar a Monarchia, tinha todos os exemplares, de que deſejava ſer copia viva.

65 Conſiderava a Portugal tirado do forte poder Mauritano pelo Conde Henrique, por El-Rey D. Affonſo Henriques, pelos Reys D. Sancho I. D. Affonſo II. e III. a defenſa do Reyno por ElRey D. Joaõ o I. as conquiſtas de Africa pelo meſmo Rey, e por ſeus filhos ElRey D. Duarte, os Infantes D. Henrique, D. Pedro, e D. Fernando, e por ſeu neto ElRey D. Affonſo V. as de Ethiopia por ElRey D. Joaõ o II. as de Aſia por ElRey D. Manoel, e D. Joaõ o III. Olhava para o Templo da Fama, e via nelle collocadas as Eſtatuas deſtes, e dos outros Monarchas Luſitanos, ſeus Progenitores, e dos famoſos Capitães Portuguezes, ſeus naturaes Vaſſallos: parecialhe, que de tanta gloria nenhuma parte lhe podia tocar, ſenaõ tiveſſe entre elles ſimulacro proprio.

66 Com eſta anſia, ou emulaçaõ achando-ſe ſem exercito competente à empreza, nem proporcionado à Mageſtade, tendo ſó vinte annos de idade, partio a primeira vez para Africa, deſculpando o pouco apparato militar, com que ſahia dos ſeus Reynos, com o pretexto de ir ſó a viſitar aquellas Praças. Deſembarcou em Tanger, e ſa-

Vay a primeira vez a Africa.

e ſahindo a correr a campanha, juntando-ſe hum grande eſquadraõ de Mouros, o acometeo ElRey com taõ ſingular valor, que o fez retirar; e naõ ſe achando com poder para o ſeguir, ſe demorou na campanha, celebrando o triunfo ſem batalha, ſó por haver ficado no campo, no qual obrou feſtejos de cavallarias, em que era deſtriſſimo; e como ſe via ſem meyos para emprender alguma acçaõ heroica, que deſempenhaſſe a grandeza do valor, e da Mageſtade, ſe recolheo a Portugal ſem outro effeito, ou fruto, que o de jugar canas em Africa.

67 Meditava juntar huma poderoſa Armada, capaz naõ ſó de deſempenhar a ſua primeira viagem, mas de cauſar àquelles Infieis o mais exemplar eſtrago, fazendo em toda Africa a mayor impreſſaõ. E ſendo chegado o termo, em que eſtava deſtinada a ſua ruina, e a do ſeu Imperio, lha offereceo a occaſiaõ mais cedo do que elle a diſpunha. Viera o Africano Rey Xarife Muley Hamet, expulſo do throno de Marrocos, valerſe do ſeu poder para o introduzir nelle, promettendo o que naõ podia dar; mas ElRey D. Sebaſtiaõ, que naõ appetecia outros intereſſes, que os lances, em que moſtrar o ſeu ouſado coraçaõ, e as ſuas forças naturaes, ſuperiores às de todos os Hercules daquelle ſeculo, abraçou eſte com o empenho, em que o punhaõ o valor, e as idéas das vitorias, e triunfos, que eſperava conſeguir dos Infieis; tendo determinado, que das ſuas proezas foſſe theatro Africa, ou por mais viſinha, ou por mais guerreira.

Vem a Portugal o Rey Xarife expulſo de Marrocos a pedir ſoccorro.

Determina ElRey D. Sebaſtiaõ ir reſtituirlhe o Reyno, que lhe tirara o Rey Maluco.

68 Juntou brevemente exercito de gente mais luzida, que diſciplinada, poſto que nos Principes do ſeu auguſto ſangue de Bragança, e de Aveiro levava huma Real, poderoſa, e fiel companhia, e nos outros illuſtriſſimos Vaſſallos combatentes valeroſos, mais arrojados, que advertidos; principalmente aquelles, que podendo deſviallo deſte perigo, o meteraõ nelle. Em fim com dezoito mil homens, entre os quaes ſe via a flor da nobreza do Reyno, ſe foy perder aos quatro do mez de Agoſto do lamentavel anno de mil e quinhentos e ſetenta e oito, na infeliz batalha de Alcacer, lugar taõ triſte aos Portuguezes, como Farſalia aos Romanos.

Perde a batalha.

Anno de 1578.

69 Eſtava deſtinada aquella campanha para ſepultura da gente Portugueza; e aſſim o ſeu Monarcha, aquelle valor, que devera empregar em mais dignas emprezas, que a reſtituiçaõ de hum Rey infiel, e a gloria, que pudera adquirir em melhores conquiſtas, que as areas de Africa (ſem dar attençaõ aos ameaços de tantos ſinaes, aos aviſos de infauſtos vaticinios, e aos rogos de muitos ſubditos) foy malograr com a ſua vida, e a dos ſeus Vaſſallos naquelle deſgraçado conflicto; perda, que pelo curſo de muitos annos ſentio a Monarchia, ainda hoje padece a lembrança, e ſempre ha de lamentar a ſaudade.

70 Eſtava entaõ na Caſa dos Religioſos da Companhia do Eſpirito Santo o ſeu Veneravel Padre Joſeph de Anchieta, ſegundo Apoſtolo do Braſil; e ſendolhe repreſentada em viſaõ eſta tragedia,

Viſaõ, que teve o Padre Joſeph de Anchieta da batalha, na meſma hora, em que ſe perdeo.

gedia, ſahio da Oraçaõ como fóra de ſi, exclamando pelos lugares do Convento, com intimos ſuſpiros, e copioſas lagrimas, que ſe perdera a batalha; e computado depois pelas noticias o tempo, foy no meſmo dia, e hora, que ella ſe déra. Quiz Deos Noſſo Senhor, que eſte Servo ſeu foſſe o primeiro, que neſta Regiaõ ſoubeſſe, ſentiſſe, e publicaſſe eſta deſgraça, aſſim como permittio, que por varias partes de Europa tiveſſem alguns Santos, e Juſtos a meſma viſaõ.

71 Troncada em ElRey D. Sebaſtiaõ a primogenitura da ſucceſſaõ Real; e ſendo já falecidos os Sereniſſimos Infantes D. Luiz, D. Fernando, e D. Duarte, immediatos à Coroa, foy ella buſcar a Cabeça do Cardeal Infante D. Henrique, tambem primeiro do nome entre os Monarchas Portuguezes, que já havia governado o Reyno na menoridade delRey D. Sebaſtiaõ, quando (como temos eſcrito) deixou a ſua tutoria a Rainha D. Catharina ſua avó, por obviar as diſcordias, que contra o ſeu Real decóro haviaõ de acontecer pela vontade, que o Cardeal Infante tinha de governar.

Succede na Coroã o Cardeal D. Henrique.

72 Eſte Principe, dedicado deſde a ſua puericia ao Eſtado Eccleſiaſtico, ſe empregou nelle com a exemplar piedade, e zelo Chriſtaõ, que o conſtituiraõ idéa, e prototypo dos Prelados daquelle ſeculo; e ſuccedendo na Monarchia o fatal anno de mil e quinhentos e ſetenta e oito, a governou quaſi dous como Prelado, mais que como Rey, ſem lhe aproveitarem na Regencia do Rey-

no os enſayos, que tivera para Monarcha delle; porque todo propenſo à profiſſaõ, em que ſe creara, ſe achava com menos diſpoſiçaõ para o Governo Monarchico, e politico, da que carecia o ſeu Imperio naquelle tempo, mais que em outro algum, combatido de deſgraças, e accidentes, que requeriaõ huma Cabeça de mayores experiencias nas materias de Eſtado, e de menos idade, que a ſua; cauſas das continuas irreſoluções, em que fluctuava o ſeu entendimento, ſendo a mais prejudicial aos ſeus Vaſſallos, o naõ declarar em ſua vida ſucceſſor ao Reyno.

Sua natureza, e perplexidade no Governo Monarchico.

Pertendentes ao Reyno.

73 Entre varios Principes, que o pertendiaõ, fizeraõ a mais forçoſa oppoſiçaõ Filippe II. Rey de Caſtella, como filho da Senhora Emperatriz D. Iſabel; e a Sereniſſima Senhora D. Catharina, Duqueza de Bragança, por ſer filha do Infante D. Duarte, ambos filhos delRey D. Manoel, e irmãos do Cardeal Reynante. Chamava a Filippe o ſexo, e a Catharina a repreſentaçaõ, pela qual a eſta Princeza pertencia a Coroa, além de ter por eſpoſo a hum Principe natural do Reyno, deſcendente dos ſeus Auguſtos Reys, o Sereniſſimo Duque D. Joaõ, cujas veas eraõ depoſito do Real ſangue Portuguez, aſſim pela baronia do Senhor D. Affonſo, primeiro Duque de Bragança, filho delRey D. Joaõ o I. como pela linha da Sereniſſima Senhora D. Iſabel, Duqueza terceira daquelle Real Eſtado, filha do Infante D. Fernando, que o era delRey D. Duarte.

74 Grande conhecimento tinha o Cardeal Rey

Rey do claro direito da Sereniſſima Senhora D. Catharina ; e ſendo muito o amor que lhe moſtrava, era mayor a ſua natural perplexidade, pois falecendo no anno de mil e quinhentos e oitenta, ſem reſolver a competencia, deixou ao arbitrio de cinco Juizes a determinaçaõ da cauſa ; e ſendo todos illuſtriſſimos , ſó dous mereceraõ eſte titulo , pela oppoſiçaõ que fizeraõ , a que ſe naõ elegeſſe por Senhor, Principe, que naõ foſſe natural do Reyno ; mas os tres , paſſando a Ayamonte , terra de Caſtella, déraõ a favor do Rey Caſtelhano a ſentença, por muitas nullidades invalida.

Perplexidade del-Rey D. Henrique: morre ſem declarar ſucceſſor , e deixa a cauſa ao arbitrio de cinco Juizes.

75 Com eſte titulo, e finalmente com o das armas, que he o direito mais ſeguro dos Principes, (ganhada pelo grande Duque de Alva a batalha de Alcantara ao Senhor D. Antonio, filho illegitimo do Infante D. Luiz, que tumultuariamente, e com pouco ſequito ſe tinha acclamado Rey em Santarem) entrou no Dominio Filippe, Segundo do nome em Caſtella, e Primeiro em Portugal; porque eſtavaõ decretados aos Luſitanos ſeſſenta annos de cativeiro naquelle Reyno, (como no de Babylonia aos Hebreos, por differentes peccados de huma, e outra Naçaõ.)

Entra ElRey de Caſtella Filippe o Prudente na ſucceſſaõ do Reyno de Portugal.

76 No Governo do novo Rey Filippe, e nos de ſeu filho, e neto, tambem Filippes, naõ experimentaraõ as Conquiſtas do Braſil o cuidado, com que os ſeus Monarchas Portuguezes as tinhaõ engrandecido , havendo-ſe os Caſtelhanos com tanta deſattençaõ ao augmento, e ſegurança

dellas, que nas tregoas, que no anno de mil e ſeis centos e nove aſſentou com os Hollandezes Filippe o III. de Caſtella, e II. de Portugal, naõ comprehendeo as noſſas Conquiſtas, deixando-as ſogeitas às invaſoens dos ſeus inimigos, e prohibindo os referidos Reys a todos os ſubditos Luſitanos o commercio, e navegaçaõ da outra America, que lhes devia ſer commua aos de Portugal por Vaſſallos, e aos do Braſil por naturaes; poſto que pela abundancia do noſſo Paiz, e pelo trabalho dos ſeus moradores, ſe faziaõ opulentas todas as noſſas Provincias.

Deſcuido dos Reys Caſtelhanos com as noſſas Conquiſtas.

Maximas dos Reys Caſtelhanos de enfraquecerem o Reyno de Portugal.

77 Porém como neſtes Principes, e com mayor exceſſo no ultimo dos tres Filippes, foy maxima de eſtado, ou dogma politico attenuarem o Reyno, por temerem, que os Portuguezes o reſtituiſſem à Sereniſſima Caſa de Bragança com a meſma força, com que lhe fora uſurpado, trataraõ de o debilitar, tirandolhe na gente, nas armas, e nos cabedaes os meyos de lhe poderem reſiſtir; poſto que adiante o ſucceſſo ſahio muy diverſo das diſpoſiçóes, porque as cauſas, que ſaõ muito intenſas, produzem contrarios effeitos. Mas em quanto naõ chegava o termo, gemia Portugal, e padeciaõ as Conquiſtas, participando, como membros, daquella enfermidade, que ſentia o coraçaõ, e ficando ſogeitas ao furor dos inimigos de Caſtella, cujos golpes ſe faziaõ nellas mais ſenſiveis pela propria debilidade, que pelo poder eſtranho.

78 Era entranhavel o odio, que contra a

Monar-

Monarchia de Heſpanha profeſſavaõ os Hollandezes, e as Provincias, que ſeguiaõ a ſua voz, e mudando de Religiaõ, mudaraõ de governo, ſacudindo o jugo, e a obediencia de Filippe II. Rey Catholico, ſeu natural Senhor, como hereditario, e Soberano Conde daquelles Eſtados. Teve principio a ſua rebelliaõ no anno de mil e quinhentos e ſeſſenta e quatro, na protecçaõ de Guilhermo de Naſau, Principe de Orange, ſeu Vaſſallo, continuada depois na de ſeu filho Mauricio; e reſuſcitando a conſtancia, e valor de Claudio Civil, aquelle ſeu intrepido, e feroz Batavo, que deu tanto que fazer aos Romanos deſde o Imperio de Nero Domicio, até o de Flavio Veſpaſiano, auxiliados agora, como entaõ, de muitos Principes Alemães, reſiſtiraõ apertadiſſimos, e memoraveis cercos, famoſos, e experimentados exercitos, e Capitães.

Rebelliaõ dos Hollandezes contra o dominio dos Reys de Caſtella.

79 Finalmente inſtituiraõ huma Republica, que depois ſe fez reconhecer livre em oito Provincias unidas, formidavel por muitas batalhas terreſtres, e navaes a toda a Europa: já naõ cabiaõ no eſtreito terreno, que a natureza lhes déra por domicilio, e ſobjugado das ſuas poderoſas Armadas quaſi todo o Oceano, conſeguiraõ muitas emprezas, ſendo as Conquiſtas da Monarchia de Heſpanha todo o mayor emprego da ſua porfia, e do ſeu valor. Digaõ-no Malaca, Ceilaõ, e outras Praças na Aſia; a Bahia, e Pernambuco no Braſil; a Mina, e Angola na Ethiopia; e muitas Povoações, que fundaraõ nas terras

da

da Nova Heſpanha, ſendo o deſcuido dos Reys Caſtelhanos a cauſa de todas as noſſas perdas.

Ruinas da Monarchia Caſtelhana.

80 Senaõ era, que aquella Monarchia hia já cahindo, carregada do pezo da ſua propria grandeza, pela ſua dilatada extenſaõ. As Provincias Unidas, livres do ſeu dominio: contraſtada de inimigos a outra porçaõ de Flandes: amotinado o Reyno de Napoles: o Principado de Catalunha acclamando outro Soberano: perdidas numeroſas Armadas em ambos os mares: duas vezes ſaqueada, e deſtruida Cadiz pelos Inglezes: outra pelos Turcos Giblartar: reſtituida pelo valor dos Luſitanos a Coroa Portugueza aos ſeus legitimos, e naturaes Monarchas: e hoje alienadas as duas Sicilias, o Eſtado de Milaõ, e o Reyno de Sardenha; porque ſó reſtringidos podem conſervarſe os Imperios, como do Romano aconſelhou Auguſto a ſeu ſucceſſor Tiberio; parecer, com que depois Adriano ſe quiz conformar, fazendo derribar a ponte, que Trajano fez levantar ſobre o Danubio, e determinando, que para o Oriente foſſe o rio Eufrates o ultimo limite do Imperio, mandando abandonar o muito, que da outra parte delle ſe tinha já conquiſtado.

Anno de 1581.

81 Durante o Governo de Lourenço da Veiga, no anno de mil e quinhentos e oitenta e hum, fundaraõ Caſa na Bahia os Monges do glorioſo Patriarcha S. Bento, com o ſeu Fundador, e Prelado o Padre Fr. Antonio Ventura; e achando ainda o terreno com alguns abrolhos da Gentilidade, pela ſua cultura ſe transformaraõ em eſpigas das ſearas

Fundaçaõ dos Religioſos do glorioſo Patriarcha S. Bento.

ſearas Euangelicas, como já ao ſeu Santo Patriarcha ſe converteraõ em roſas os eſpinhos. Dilataraõ a ſua doutrina por muitas partes do Braſil, florecendo em virtudes, e letras, com grande aproveitamento das almas, e exemplo dos povos, por cuja devoçaõ foraõ augmentando as Fundações, e poſſuindo as muitas propriedades, com que hoje ſe achaõ; cujas rendas empregaõ no culto Divino, fabricas de Templos, ſoccorro dos pobres, e modeſta ſuſtentaçaõ dos ſeus Monges, dos quaes tem numeroſa, e dilatadiſſima Familia.

Morte do Governador Lourenço da Veiga.

Anno de 1583

82 No meſmo anno faleceo na Bahia o Governador, e Capitaõ Geral Lourenço da Veiga, com muitos annos de idade, e tres de Governo. Da ſua peſſoa naõ alcançámos individuaes noticias. Do ſeu talento faremos conceito pela ſua eleiçaõ; ſendo para eſte emprego eſcolhido por ElRey D. Sebaſtiaõ, que tanto os ſabia avaliar. Como naõ haviaõ ainda vias de ſucceſſaõ (que ſe introduziraõ neſte Eſtado com a vinda do Governador Manoel Telles Barreto) ficaraõ com o Governo geral do Braſil o Senado da Camera, e o Ouvidor Geral Coſme Rangel de Macedo, por nomeaçaõ do Governador, com approvaçaõ da Nobreza, e do Povo. Subſtituiraõ o lugar com muito acerto, por tempo de dous annos.

Subſtituiçaõ do Governo.

Vem Manoel Telles Barreto a governar o Eſtado.

83 Manoel Telles Barreto, Governador, e Capitaõ Geral deſte Eſtado, foy o primeiro, que a elle mandou, como Rey de Portugal, o Prudente Filippe Rey Catholico. Vinha a ſucceder a Lou-

a Lourenço da Veiga no Governo, e tomou as redeas delle, que se achavaõ nas mãos dos seus substitutos. Tinha envelhecido no serviço do Rey, e da Patria, e se achava com tanta idade, que parecia sobrarem, para encher o circulo da sua vida, os annos do seu Governo. Nelle hostilizados os moradores das Capitanîas da Paraîba, e de Itamaracâ pelos Gentios Pitiguares, os quaes com os Francezes (que naquelle rio hiaõ a buscar o pao para as suas tintas) lhes causavaõ continuos damnos, recorreraõ ao Capitaõ Geral Manoel Telles Barreto, pedindolhe soccorro contra aquelles inimigos.

Expediçaõ a favor das Provincias da Paraîba, e Itamaracâ.

84 Intentou Manoel Telles ir a castigallos, e assegurar aquellas Provincias dos males que padeciaõ; mas impedido naõ só dos annos, porém sim dos importantes negocios, que tinha entre mãos neste Governo, onde havia seis mezes, que era chegado; e achando-se no porto da Bahia o General Diogo Flores de Baldés, com a sua Armada, vinda do Estreito de Magalhaens, resolveo, que com duas naos de Portugal da Armada, que trouxera (conduzida por Diogo Vas da Veiga) fossem estes dous Capitães em favor daquelles moradores.

85 Partiraõ da Bahia; e chegados a Pernambuco, mandou o General Diogo Flores de Baldés a gente por terra, e elle com a Armada deu fundo fóra da barra, e entrando só com huma sua fragata, com outra nao das de Diogo Vas da Veiga, e com todos os bateis dos outros navios, nos quaes

quaes embarcou a gente, aviſtou quatro naos de França, que logo queimaraõ os Francezes, pondo-ſe em terra com os Gentios, e juntos, moſtraraõ fazer oppoſiçaõ ao deſembarque da noſſa gente; mas naõ o puderaõ impedir, e ſe retiraraõ. Sahiraõ os noſſos Generaes a terra, deſaſſombrando a todos os moradores daquellas Capitanîas do temor em que viviaõ, e dos males, que experimentavaõ. Chegou neſte tempo por terra muita gente de Pernambuco, e de Itamaracâ, que vinha em ſoccorro, e os Generaes levantaraõ hum Forte de terra, e faxina, para defenſa daquellas Provincias, no qual deixou Diogo Flores por Capitaõ a Franciſco Caſtrejon, com cento e cincoenta Soldados.

86 Eſte Capitaõ ſe houve taõ mal com Frutuoſo Barboſa, a quem ElRey tinha encarregado o Governo da Paraîba, naõ querendo reconhecello por Governador, que lhe foy preciſo retirarſe a Pernambuco, de donde recorreo a ElRey, para que diſpuzeſſe o que mais conveniente foſſe a ſeu ſerviço. Entre tanto foraõ varias vezes os inimigos ſobre aquelle Forte, e pondolhe hum dilatado cerco, cançado Franciſco Caſtrejon de o defender, pela muita gente, que nelle lhe mataraõ, e pelo aperto em que o tinhaõ, o deſamparou, retirando-ſe por terra para a Capitanîa de Itamaracà, em cuja jornada lhe mataraõ os inimigos muitas peſſoas, que o ſeguiaõ: o que ſabido pelos moradores de Pernambuco, tornando com Frutuoſo Barboſa à Paraîba, reſtauraraõ o Forte, e

lho entregaraõ, reſtituindo-o no Governo daquella Provincia.

Morte do Governador, e Capitaõ Geral Manoel Telles Barreto.

87 Aos quatro annos do Governo de Manoel Telles Barreto, faleceo na Bahia no de mil e quinhentos e oitenta e ſete. Foy o primeiro, que trouxe ao Braſil as ordens das vias para as ſucceſſoens, como D. Vaſco da Gama tinha ſido o primeiro, que as levara à India, e nos ſeus Governos tiveraõ execuçaõ; em hum ſeria caſo, em ambos parece myſterio. Em virtude dellas, entraraõ no Governo geral do Braſil D. Antonio Barreiros, (que já deſde o anno de mil e quinhentos e ſetenta e ſeis tinha ſuccedido na ſagrada Dignidade ao Biſpo D. Pedro Leitaõ) e o Provedor môr da Fazenda Chriſtovaõ de Barros: governaraõ quatro annos, até o de mil e quinhentos e noventa e hum.

Subſtitutos no Governo.

88 Franciſco Giraldes, Senhor da Capitanîa dos Ilheos (que ſeu pay Lucas Giraldes comprara a Jeronymo de Figueiredo de Alarcaõ, filho de Jorge de Figueiredo Correa, a quem ElRey a concedera) vinha por Governador, e Capitaõ Geral do Braſil, a ſucceder a Manoel Telles Barreto; porém partindo da barra de Lisboa, e tornando a recolherſe a ella com duas arribadas, naõ quiz proſeguir a viagem do Braſil; ou porque teve por mao annuncio do ſeu Governo aquelles disfavores da navegaçaõ, ou porque os inconvenientes, que lhe ſobrevieraõ à ſua ſaude, e aos intereſſes da ſua Caſa, pareceraõ juſtificados pretextos, para ſe lhe aceitar a deixaçaõ, que fez do cargo.

Nelle

89 Nelle ſuccedeo D. Franciſco de Souſa, clariſſimo por ſangue, e por acções, ſegundo avô do Marquez das Minas, que adiante veremos Governador, e Capitaõ Geral do Braſil. Chegou D. Franciſco de Souſa à Bahia, no anno de mil e quinhentos e noventa e hum. Trazia a merce do meſmo titulo de Marquez das Minas, ſe ſe deſcobriſſem as que Roberio Dias tinha hido prometter a Caſtella.

Governo de D. Franciſco de Souſa.

Anno de 1591.

90 Foy fama muy recebida, que Roberio Dias, hum dos moradores principaes, e dos mais poderoſos da Bahia, deſcendente de Catharina Alvares, tinha huma baixela, e todo o ſerviço da ſua Capella de finiſſima prata, tirada em minas, que achara nas ſuas terras; eſta opiniaõ ſe verificou depois com a reſoluçaõ de Roberio Dias, porque ſabendo ſer já publica eſta noticia, que muito tempo occultara, paſſou a Madrid, e offereceo a ElRey mais prata no Braſil, do que Bilbao dava ferro em Biſcaya, ſe lhe concedeſſe a merce do titulo de Marquez das Minas.

91 Naõ he juſto, que mereça conſeguir os premios, quem nos requerimentos pede mais do que ſe lhe deve conceder. Eſte titulo ſe conferio a D. Franciſco de Souſa, que ſe achava naquella Corte provido no Governo geral do Braſil; e a Roberio Dias o lugar de Adminiſtrador das minas, com outras promeſſas; das quaes pouco ſatisfeito, voltou para a Bahia na meſma occaſiaõ, em que vinha o Governador, com cuja licença fora para as ſuas terras a eſperallo, e a prevenir o

deſcobrimento, ou a deſvanecello, e a fruſtrarlhe a jornada; brevemente a fez D. Franciſco de Souſa com todas as prevençóes, e inſtrumentos preciſos para aquella diligencia; mas Roberio Dias o encaminhou por rumos taõ diverſos, (havendo primeiro feito encobrir os outros) que naõ foy poſſivel ao Governador, nem a toda aquella comitiva achar raſtos das minas, que tinha aſſegurado.

92 Eſte engano, ou ſe julgaſſe commettido na promeſſa, ou na execuçaõ, diſſimulou o Governador D. Franciſco de Souſa, em quanto dava conta a ElRey, e ſem duvida experimentaria Roberio Dias o merecido caſtigo, ſe antes de chegar a ordem Real naõ houvera falecido, deixando aquellas eſperadas minas occultas, até aos ſeus proprios herdeiros. Foy o Governo de D. Franciſco de Souſa admiravel, e pelos acertos das ſuas diſpoſições pareceo conveniente ao ſerviço del-Rey, e ao bem da Republica, mandarlho contiuar por largo tempo, em que ſe contaraõ onze feliciſſimos annos.

Fundaçaõ dos Religioſos Capuchos de Santo Antonio.

93 No de mil e quinhentos e noventa e quatro, terceiro do ſeu Governo, com o ſeu favor, e o do Biſpo D. Antonio Barreiros, vieraõ a fundar Caſa na Bahia (tendo-a já erigido em Olinda, Capital de Pernambuco) os Religioſos Capuchos do glorioſo Santo Portuguez, por quem ſe emularaõ Lisboa, e Padua, filho do Santo Patriarcha, a quem a humildade deu a mayor cadeira, e abrio o amor as mais nobres chagas. Trouxeraõ por

Prela-

Prelado ao Padre Fr. Belchior de Santa Catharina; foraõ continuando as ſuas fundações por varias partes deſtas Provincias, florecendo em todas, como idéas daquelles Santos prototypos, em grande gloria de Deos, e beneficio das almas; e naõ poſſuindo nada pelo ſeu inſtituto, tem a poſſe de tudo pela ſua virtude.

Morte do Biſpo D. Antonio Barreiros.

94 No curſo deſte tempo faleceo D. Antonio Barreiros, que deſde o anno de mil e quinhentos e ſetenta e ſeis exercia os poderes do Bago na Bahia. Foy terceiro Biſpo do Braſil, por Bulla do Pontifice Gregorio XIII. Era Freire da Ordem de S. Bento de Aviz, da qual tinha ſido Prior môr. A ſua Patria, e naſcimento ſe ignoraõ, mas naõ as ſuas virtudes, que exerceo em muito ſerviço de Deos, e bem das ſuas ovelhas. O anno da ſua morte ſe naõ ſabe, e apenas ſe acha a ſua ſepultura na Capella môr da Igreja velha dos Padres da Companhia; porém illuſtrou muito a ſua memoria o milagre, que no ſeu tempo aconteceo no ſeu Biſpado, de que daremos breve, mas portentoſa noticia.

95 Da Arrochella (ninho de Hereges, de que naquelle tempo eſtavaõ apoderados os Calviniſtas, e outros Sectarios, valhacouto dos ſeus inſultos, e porto, em que recolhiaõ as ſuas prezas) ſahira huma Armada, naõ ſó com tençaõ de piratear nos mares do Braſil, mas de invadir, e ſaquear a Cidade da Bahia. Tinha tomado na coſta de Africa a Fortaleza de Arguim, em cujos deſpojos acharaõ o ſimulacro do glorioſo Santo Antonio

Milagre de Santo Antonio de Arguim.

Antonio, illuſtre Portuguez, e illuſtriſſimo Santo, ao qual dando muitos golpes, lançaraõ ao mar, dizendolhe por ludibrio, que os guiaſſe à Bahia; mas Deos, que he admiravel nos ſeus Santos, e vingador das ſuas injurias, os caſtigou de ſorte com huma tempeſtade, que derrotados, e perdidos por varias partes os ſeus navios, aportou a ſua Capitania deſtroçada, e rota à Provincia de Serzipe, onde naõ eſcapando da prizaõ os que tinhaõ eſcapado do naufragio, foraõ remettidos à Bahia para ſerem caſtigados.

96 Porém vindo por terra daquella Provincia, conduzidos por muitos Soldados, e outros caminhantes, que ſe juntaraõ à companhia, (para que tiveſſe mais teſtemunhas o milagre) acharaõ na praya de Itapoam, quatro legoas da Cidade, com os golpes do heretico, e ſacrilego ferro a Imagem do Santo, que tinhaõ lançado ao mar, muitos graos antes de chegarem à altura da Bahia, quando lhe diſſeraõ por zombaria, que os guiaſſe a ella. Eſtava o milagroſo ſimulacro em pé, como eſperando para os conduzir à Cidade, em execuçaõ do que lhe tinhaõ pedido: que os deſpachos de petições inſolentes ſaõ caſtigos, como experimentaraõ aquelles Hereges, pois foraõ ſentenciados à morte pelo roubo, e pelo ſacrilegio; e a Imagem do Santo com os proprios ſinaes abertos, e permanentes, collocada no ſeu Convento da Bahia, onde por ordem Real lhe faz todos os annos o nobiliſſimo Senado da Camera feſta com Prociſſaõ ſolemne, como a Padroeiro.

No

97 No anno nono do Governo de D. Francisco de Sousa acabou o seculo decimo sexto, taõ fecundo de portentosos Santos, como infestado de Heresiarchas depravados, declarando-se os diabolicos monstros Luthero, Zuinglio, Melancton, Calvino, e outros Sectarios, contra a verdade infallivel da nossa Igreja Romana, e oppondo-se à pureza Euangelica dos nossos sagrados dogmas, desenterrando varios erros de Arrio, Nestorio, Euthiches, Prisciliano, e outros Hereges, condemnados todos em tantos Ecumenicos, Nacionaes, e Provinciaes Concilios, e já sepultados debaixo dos troféos Catholicos, mas naquelle seculo confusamente introduzidos pelos referidos infernaes Ministros a grandes, porém infelices, Principes de Europa, aos quaes a largueza da nova Religiaõ proterva, que lhes restituhia os bens Ecclesiasticos, que nos seus Estados haviaõ os seus antecessores louvavel, e piamente doado às Igrejas, e Mosteiros, e os brindava com outras conveniencias de estado, prohibidas na Religiaõ Catholica, os levaraõ, e aos seus Vassallos, pela larga estrada de huma vida livre às prizoens eternas.

Santos, e Heresiarchas, que concorreraõ no seculo decimo sexto.

98 Porém Deos nosso Senhor, mostrando àquellas desgraçadas creaturas, que tinhaõ errado a via da verdade, fez caminhar por ella no mesmo seculo innumeraveis Santos em varios estados, com prodigiosas penitencias, mortificações, e abstinencias, sobre a esféra da possibilidade humana, e com a mais pontual observancia da doutrina

trina Catholica Romana, ſendo huns Fundadores de novas Religioens, outros Reformadores das antigas, dos quaes os declarados pela Igreja, e venerados nos Altares ſaõ, na Ordem dos Patriarchas, S. Caetano Tiene, Santo Ignacio de Loyola, S. Filippe Neri, a glorioſa Madre Santa Thereſa de Jeſus; na dos Confeſſores S. Franciſco Xavier, Apoſtolo do Oriente, S. Joaõ da Cruz, S. Pedro de Alcantara, S. Carlos Borromeo, S. Luiz Beltram; na dos Penitentes S. Felix Capuchinho, S. Joaõ de Deos, Santa Maria Magdalena de Pazzi, S. Franciſco de Sales, tambem Confeſſor; poſto que eſtes dous ultimos faleceraõ no principio do ſeculo decimo ſetimo.

Nomes dos Santos.

99 Todos eſtaõ pelo Mundo Catholico com o mais decente culto, em Templos, Religioens, Aras, votos, e rogativas, com que os Chriſtãos ſabem implorar a poderoſa interceſſaõ dos Santos. Naõ numeramos os que os ſeguiraõ naquelle meſmo tempo, e no curſo delle, como companheiros, ou como filhos, porque a ſerem Canonizados, naõ poderiaõ caber nos Catalogos, e nos Altares, nem rezar delles a Igreja, e as ſuas Religioens, tendo florecido todos em admiravel ſantidade, com os illuſtres teſtemunhos de innumeraveis, e eſtupendos milagres, e encaminhando mais almas ao Ceo, que os ſeus Antipariſtaſes ao Inferno.

Anno de 1596.

100 Deſde o anno de mil e quinhentos e noventa e ſeis, em que falecera ElRey Filippe o Prudente, tinha as redeas da Monarchia ElRey

Filippe

Filippe Terceiro em Caſtella, e Segundo em Portugal. O primeiro Governador, que proveo para o Braſil, foy Diogo Botelho; chegou à Bahia no anno de mil e ſeis centos e dous, e governou cinco. Succedèolhe D. Diogo de Menezes no cargo; e ſahindo de Lisboa para o Braſil, foy arribado à Paraîba, de donde proſeguio a viagem para a Bahia, e chegou a ella no anno de mil e ſeis centos e oito; governou o Eſtado cinco.

Governo de Diogo Botelho, D. Diogo de Menezes, Gaſpar de Souſa, e D. Luiz de Souſa.

Anno de 1602.

Anno de 1608.

101 No de mil e ſeis centos e treze lhe veyo a ſucceder Gaſpar de Souſa, por cuja diſpoſiçaõ, e ordem foraõ expulſos os Francezes da Ilha de S. Luiz do Maranhaõ, como deixámos narrado na deſcripçaõ daquelle Eſtado; viſitou todas as Provincias do Braſil, (zelo, de que reſultou tanto ſerviço ao Rey, como aos ſubditos) examinando peſſoalmente tudo o que podia ſer mais util ao augmento da Real Fazenda, ſem detrimento, mas antes em beneficio dos Povos; e governou quatro annos.

Anno de 1613.

102 No de mil e ſeis centos e dezaſete lhe ſuccedeo D. Luiz de Souſa, que governou tambem quatro, até o de mil e ſeis centos e vinte e hum. Deſte General D. Luiz de Souſa, e dos ſeus anteceſſores Diogo Botelho, e D. Diogo de Menezes, tambem naõ achámos noticias, de que fazer particular memoria; porque a tranquillidade, em que já eſtava o Braſil naquelle tempo, naõ dava materia para mais progreſſos, que ir com plauſivel deſcanço colhendo o ſuſpirado fruto das fadigas paſſadas, ſem outro effeito, que as conve-

Anno de 1617.

Anno de 1621.

niencia, que entaõ logravaõ os Governadores, e os ſubditos, tanto mayores, quanto as coſtumaõ fazer mais ſeguras a paz, e o ſocego.

103 As miſſoens creſciaõ com o meſmo fervor, e a menos cuſto. Os Gentios indomaveis eſtavaõ pelo interior dos Certoens muito diſtantes. Os viſinhos eraõ Vaſſallos, e ſerviaõ mais aos noſſos intereſſes, que ao emprego das noſſas armas. A fortuna ainda ſe moſtrava a noſſo favor com differente aſpecto, daquelle, com que depois a vimos contraria, ſendo Diogo de Mendoça Furtado o primeiro General, que a experimentou adverſa, como em ſeu, e noſſo damno moſtrará a Hiſtoria.

104 Porém a cauſa mayor de faltarem muitas noticias he, porque tomando os Hollandezes a Cidade da Bahia, queimaraõ os Archivos da Secretaria da Camera, da Védoria, e outros Cartorios; e muitos annos depois da ſua reſtauraçaõ, ſe foraõ ordenando por tradiçóes as memorias de alguns eſtatutos, com que nos ſeus principios ſe formara a Republica; mas pereceraõ as dos factos, que podiaõ ſervir para a narraçaõ da Hiſtoria, porque ſe attendia mais às conveniencias preſentes, que à gloria da poſteridade; a qual ſempre deſprezaõ os Portuguezes, ainda quando obraõ acçóes mais benemeritas da fama. Eſtes deſcuidos nos obrigaõ a ſer ſuccintos na expreſſaõ dos ſucceſſos antigos do Braſil, pela confuſa luz, que nolos diſpenſa.

105 No ſegundo anno do Governo de D. Luiz

Luiz de Souſa paſſou à melhor vida na Bahia D. Conſtantino Barradas, quarto Biſpo do Braſil, Pontificia Dignidade, de que tomou poſſe por Bulla do Papa Clemente VIII. no anno de mil e ſeis centos e dezoito. Foy Clerigo do habito de S. Pedro, Collegial de S. Paulo, e Lente de Theologia na Univerſidade de Coimbra. Governou com grandes acertos a ſua Igreja, e com incançavel zelo ſolicitou o bem das ſuas ovelhas, paſtoreando-as dezoito annos. Eſtá ſepultado na Capella mór dos Religioſos Capuchos de Santo Antonio da Cidade da Bahia, deixando das ſuas virtudes ſaudoſa lembrança.

Morte, e Elogio de D. Conſtantino Barradas, quarto Biſpo do Braſil.

106 Succedeo a D. Luiz de Souſa no Governo geral do Braſil (cuja fama era já proporcionada à ſua grandeza, florecendo na paz opulento, e ſendo theatro, aonde a fortuna triunfava da enveja, e tinha os paſſos cortados à emulaçaõ) Diogo de Mendoça Furtado, para ſer teſtemunha da volta da ſua roda, a qual por muitos annos a noſſo favor havia poſto hum cravo. Chegou à Bahia no anno de mil e ſeis centos e vinte e dous.

HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA.

LIVRO QUARTO.

SUMMARIO.

FOrmaõ os Hollandezes huma nova Companhia, com titulo de Occidental, para invadirem as Conquiſtas de ambas as Americas. Sahe a ſua poderoſa Armada em duas Eſquadras dividida, huma navega para as Indias de Caſtella, outra para o Braſil. Chega eſta à viſta da Fortaleza do Morro, cujo

jo Capitaõ faz aviſo à Bahia. Previne-ſe Diogo de Mendoça Furtado, Governador, e Capitaõ Geral do Eſtado, para a defenſa. Deſembarcaõ os inimigos. Poem cerco à Cidade. Defendemna com brio no primeiro aſſalto os moradores; mas logo a deſampa-raõ. Os contrarios a tomaõ. Prendem ao Governador. Juntaõ-ſe os Portuguezes na campanha para lhe impedirem os progreſ-ſos por terra, debaixo da conducta do Biſpo D. Marcos Teixeira. Mathias de Albu-querque, Governador de Pernambuco, no-meado nas vias, e por outra Proviſaõ Real, Capitaõ Geral do Braſil. Manda de Per-nambuco a Franciſco Nunes Marinho d'Eça a tomar o Governo, que exercia o Biſpo. Morte, e Elogio deſte Prelado. Vem em ſoc-corro da Bahia as Armadas de Caſtella, e Portugal. Reſtauraõ a Cidade, e voltaõ para a Patria. Fica governando o Eſtado D. Franciſco de Moura. Succedelhe Diogo Luiz de Oliveira. Naos de Hollanda fa-zem grandes eſtragos pelo Braſil. Recolhem-

ſe,

ſe, e voltaõ com mayor poder ſobre Pernambuco. Tomaõ toda aquella Capitanîa; de donde vem o Conde Joaõ Mauricio de Naſau ſitiar a Bahia. Defende-a o Conde de Banbolo, a quem entrega voluntariamente Pedro da Sylva o Governo da Praça, e da guerra. Levanta Naſau o cerco, e torna para Pernambuco.

LIVRO QUARTO.

1 DA tempeſtade, que naquelle tempo contra a Monarchia de Heſpanha concitavaõ os Hollandezes, fazendo ſinaes em outras partes, vieraõ a cahir os rayos no Braſil. As altas ondas, que levanta enfurecido o mar, naõ cauſaõ a ruina onde ameaçaõ, ſenaõ onde batem. As armas, que naquella occaſiaõ ſe eſtavaõ forjando nas officinas Belgicas, faziaõ perto a pontaria, e vinhaõ a dar longe os golpes. Achava-ſe a Companhia Oriental, formada nos ſeus Eſtados, abundante em cabedaes, com a navegaçaõ, e Conquiſtas das noſſas Praças da Aſia; e agora ſe animavaõ a invadir, e conquiſtar outras em ambas as Americas, formando para eſta nova empreza, nova Companhia com o nome de Occidental, naõ ſem contrariedade entre os meſmos intereſſados, dos quaes votaraõ alguns naõ terem poder para ſuſtentar tantas Armadas em Regioens taõ diſtantes.

Formaõ os Hollandezes Companhia Occidental contra ambas as Americas.

2 Diziaõ, que de ſe emprenderem outras conquiſtas, ſe ſeguia o faltar às primeiras com as naos, e ſoccorros preciſos à conſervaçaõ, e augmento dellas; que as ſuas forças juntas podiaõ permanecer triunfantes, e deſunidas, ſer desbaratadas;

Previnem poderoſa armada.

ratadas; mas pelos votos contrarios foy vencida a razaõ da cobiça, lisongeada da fortuna: mostravaõ, que os mayores interesses, que podiaõ conseguir, tinhaõ no Brasil, e na nova Hespanha; e que em ambas estas Regioens do Novo Mundo, taõ opulento, e rico, dariaõ a Filippe Rey Catholico, Monarcha de tanto Imperio (cujo poder lhes era sempre formidavel) os golpes, com que mais o podiaõ arruinar.

Fazem varias prevenções.

3 Tomada esta resoluçaõ, mandaraõ prevenir navios por todos os seus portos, fazer gente nas suas Provincias, e conduzir alguma de Alemanha, e de outras Nações, juntando todos os aprestos, de que carecia huma acçaõ, taõ importante aos interesses de sua Companhia, como ao credito, e segurança de sua Republica; de cuja industria, e valor já se fazia naõ vulgar conceito, assim pelas suas disposições, como pelas suas vitorias, tendo conseguido de Filippe III. huma tregoa de dez annos, no de mil e seis centos e nove, taõ honrada para os seus Estados, como indecorosa para Castella; pois sobre ser capitulada, como entre iguaes, levaraõ de ventagem o ficarem expostas aos seus progressos, e invasoens a America, e Asia, que nella naõ foraõ incluidas.

4 Tanto apparato de prevenções (posto que se dispunha com varios pretextos, para se lhe encubrir os fins) naõ pode ser taõ occulto, que o naõ publicasse a grandeza delle, e o mesmo segredo, com que se obrava: sendo muitas vezes a nimia cautela o mayor pregaõ das acções, inferindo-

A muita cautela costuma às vezes descubrir os segredos.

ferindo-se della mais do que se dissenha nas emprezas. Por esta causa davaõ as suas preparações cuidado a muitas partes de Europa, menos a Hespanha, que empregada nos agrados, e cultos de novo Principe, gastava o tempo em faustos, festejos, galas, e outros divertimentos de Palacio, e de Corte, sem attençaõ à defensa das Conquistas, que tinha deixado sogeitas aos golpes dos seus inimigos, tanto mais ambiciosos, quanto mais indomaveis.

5 Achava-se com a posse, e Governo de dous Mundos, desde o anno de mil e seis centos e vinte e hum, ElRey Filippe Quarto em Castella, e Terceiro em Portugal, a quem a lisonja, ou a vaidade fez, que sobre o titulo de Catholico (que tanto prezaraõ os Reys seus antecessores) tomasse o de Grande, ao mesmo tempo em que por varios casos adversos, a grandeza, que accrescentava ao seu nome, hia perdendo a sua Monarchia: com sentimento contrario ao de Octaviano Augusto, que entrando no dominio de quasi todo o ambito da terra, naõ quiz que lhe chamassem Senhor. Porém ao Real animo de Filippe pareciaõ curtas as mayores ostentações de imperio, e com a mesma fantasia naõ suppunha, que haveria quem désse golpe penetrante nos seus dominios, senaõ quando elles já os sentiaõ no coraçaõ.

ElRey Filippe IV. com o Governo da Monarchia.

6 Era este Monarcha taõ altivo, que vanglorioso das forças proprias, naõ receava as alheas; o seu valor era igual ao desprezo, que fazia

zia de ſeus inimigos; naõ punha o cuidado no governo do ſeu Imperio, porque imaginava que o ſervia a fortuna, ſem advertir, que por menos deſattenções de alguns Principes, lhe negaraõ a obediencia os Vaſſallos; e que o meſmo Hercules fora expulſo da companhia dos Argonautas, que na celebre nao Argos hiaõ à empreza do Vellocino, porque empregado em outras idéas, naõ acodia ao miniſterio da navegaçaõ.

Seu grande deſcuido, ou alta fantaſia.

7 Deſta fantaſia, ou deſte total deſcuido reſultaraõ as repetidas perdas, que ſentia Heſpanha; poſto que D. Gaſpar de Guſmaõ, Conde Duque de Olivares, ſeu portentoſo Valido, e primeiro Miniſtro, procuraſſe diminuir o conceito dellas, pelo naõ divertir das branduras do ocio, introduzindolhe ſó os cuidados, e exercicios proprios de huma idade verde, em que fundava o ſeu valimento. Tal he a cegueira dos Vaſſallos, apoderados da graça dos Principes, que os naõ deixa ver o perigo proprio, o do Rey, e o da Monarchia; e taõ tyranna he com a grandeza a liſonja, que pelo caminho do applauſo lhe introduz a ruina.

8 Eſta guerra dos Hollandezes no Braſil anda diffuſamente narrada na Nova Luſitania, no Caſtrioto Luſitano, e ultimamente tocada no Portugal Reſtaurado, (hum dos mayores aſſumptos, e huma das melhores Hiſtorias da Naçaõ Portugueza, eſcrita pela excellentiſſima penna de Author por muitos titulos grande, que introduz todos os ſucceſſos da Monarchia com tal erudi-

çaõ,

çaõ, clareza, e individuaçaõ, como ſe ſó eſcrevera de cada hum) por eſta cauſa a relataremos ſuccintamente, tomando della ſó o fio preciſo para a tea da noſſa Hiſtoria.

Eſtado em que ſe achava a Bahia, com as ſuas riquezas, e com a paz que lograva.

9 Eſtava a Bahia no deſcuido, e grandeza, que coſtumaõ reſultar da longa paz; porque tendo os Portuguezes conquiſtado aos Gentios as terras, que já a conſtituîaõ hum Emporio grande, tratavaõ de as cultivar com mayor jactancia de as poſſuir, que temor de as perder; retirados já aquelles contrarios ao interior dos Certoens, faltava do furor das armas até o ruido. Eſquecidos os moradores das frechas dos inimigos naturaes, naõ cuidavaõ nas ballas dos eſtranhos; porque nos animos, que envilece o ocio, ou a opulencia entorpece, naõ fazem conſternaçaõ os perigos no ameaço, ſenaõ na ruina.

10 Naõ ignoravaõ, que eraõ muitos os emulos da Monarchia de Heſpanha, à qual eſtavaõ ſogeitos, porque o fado, que lhes mudara o dominio, lhes embaraçava o diſcurſo; ſenaõ era, que conſideravaõ ao Monarcha Caſtelhano outro Jove, a cujo poder, contra os Gigantes da ſoberba, e do valor, baſtava hum rayo. Por eſtas cauſas ſe achavaõ naõ ſó inermes para ſe defenderem, mas faltos da diſciplina, que ſó ſe conſerva no exercicio marcial; appellando para o valor natural da Naçaõ, que ſem a pratica he arma mais da vaidade, ou da deſeſperaçaõ, que da milicia.

Sahe a Armada dos Hollandezes.

Anno de 1623.

11 Sahio a Armada de Hollanda no fim do anno de mil e ſeis centos e vinte e tres, dividida em

em duas Esquadras: huma navegou para as Indias de Hespanha, com o seu General Jacobo Ermit: a outra, encaminhando-se ao Brasil, arribou forçada de contrarios ventos a Inglaterra, de donde tornou a sahir, e chegando a Cabo Verde, se deteve alguns dias naquella altura. Depois proseguio a viagem, e passando a Linha, seis graos ao Sul, abrio o General a ordem, que até aquelle termo (como se lhe mandava no seu regimento) tivera cerrada; por ella se vio, que vinhaõ a conquistar a Bahia; porque ganhada a Cabeça do Brasil, lhes seria facil render os outros membros do Estado.

12 O gosto, que com esta noticia recebeo toda a Armada, se lhe compensou com huma taõ rigorosa tempestade, que separando humas naos das outras, as obrigou a tomar diversos rumos. Quiz a fortuna dos Hollandezes tratallos entaõ com este pequeno desdem, para logo lhes fazer grandes favores. A sua Capitania avistou a nossa Fortaleza do Morro de S. Paulo, em cuja altura se deteve a esperar pelos outros navios, com varios sinaes que fazia, para se lhe irem juntar; o que conseguio em quasi hum mez, que gastou para os encorporar, e juntos commetterem a Barra da Cidade.

Avista a sua Capitania a Fortaleza do Morro, onde se junta toda a Armada.

13 A gloria das batalhas naõ se julga pelo successo das vitorias, sim pela resistencia dos contrarios: o valor proprio se prova na constancia alhea. Por esta causa tinhaõ os Romanos duas qualidades de triunfos, ambos grandes, com que honra-

Duas qualidades de triunfos entre os Romanos.

honravaõ aos ſeus Capitães mais famoſos: os de Ovaçaõ, que ſe concediaõ por emprezas menos arduas; e os mayores, que ſó ſe permittiaõ aos que ſogeitavaõ as Nações mais valeroſas, e porfiadas, que quanto mais cuſtoſas faziaõ as vitorias, davaõ merecimentos para triunfos mais glorioſos. Com differente ſentimento do Author do Caſtrioto Luſitano, que parece quer acreditar o noſſo valor com diminuir o dos Hollandezes, negandolhes o nome de Soldados, e pondolhes o de Tratantes, ſem advertir, que do ſeu negocio naõ podiaõ reſultar às noſſas armas a gloria, que nos deu o ſeu esforço. E por credito das vitorias, que delles alcançámos no Braſil, benemeritas da fama entre as mayores, e mais ſanguinolentas, que tem havido no Mundo, nos parece preciſo moſtrar a natureza, conſtancia, e valor dos noſſos contrarios.

14 Da Alta Alemanha, ou Germania Superior he porçaõ nobiliſſima a Inferior Germania, por outro nome chamada Paîzes Baixos: por Treveris, Lorena, Aquiſgran, e Cleves, confina com a Superior: he regada de muitos, e famoſos rios, ſendo os mais celebres o Rhin, o Eſchelda, o Liz, o Sambra, o Moſſa, o Eſcarpa, e o Hayne (de que tomou o nome a ſua Provincia Haynaut) todos caudaloſos, e navegaveis. Pelos Ducados de Frizia, Gueldres, e pelo Condado de Flandes lhe fica o mar Germanico: pelos de Hollanda, e Zelanda o Oceano, taõ alto naquellas coſtas,

Deſcripçaõ dos Paîzes Baixos.

que

que a naõ ferem fortiffimos os feus reparos, o inundara.

Valor dos feus Naturaes.

15 Eftas Provincias crearaõ fempre efpiritos armigeros, e guerreiros, e fobre todas a parte Setemptrional dellas, que he a antiga Batavia, em que fe encorporaraõ as oito Provincias unidas pela rebeliaõ dos Hollandezes. A fua fogeiçaõ cuftou aos Romanos mais que toda a Alemanha, e França, perdendo na fua Conquifta muitas Legioens, e Capitães famofos, e depois muitos feculos, no primeiro da noffa Redempçaõ, tornando a rebelarfe, conduzidos do feu indomavel Principe Claudio Civil, deraõ grande cuidado aos Emperadores Nero, Galba, Otto, Vitellio, e Vefpafiano.

Balduino o primeiro Conde de Flandes.

16 No feculo nono florecendo Carlos Calvo com gloriofas acções, e militares proezas em defenfa da Igreja Catholica, fendo eleito, e coroado Emperador do Occidente, em todas as fuas emprezas o acompanhou o famofo Balduino; a quem em fatisfaçaõ de ferviços grandes, deu o Emperador por efpofa a Princeza Juditta fua filha, com a inveftidura dos Païzes Baixos, e o titulo de Conde, e Capitaõ das felvas, e mares de Flandes.

Balduino Conde de Flandes Emperador do Oriente.

17 No anno de mil e duzentos outro Balduino, Conde daquelles Eftados, com poderofo exercito naval dos feus Vaffallos naturaes, tomou aos Gregos o Imperio do Oriente, lançando a Aleixo Ducas, feu Emperador, fóra de Conftantinopla, e confervando-fe nella, e no Imperio de Grecia,

Grecia, elle, e mais quatro Condes de Flandes, ſeus ſucceſſores, por eſpaço de cincoenta e nove annos, até o ultimo Balduino, contra quem ſe levantou o Grego Michael Paleologo, tirando do poder Flamengo, no anno de mil e duzentos e cincoenta e nove, aquelle antiquiſſimo dominio, que tornou aos Gregos, até o de mil e quatro centos e cincoenta e tres, em que ao Paleologo, ultimo Conſtantino, o tomou Mahomet, primeiro do nome, Monarcha Ottomano.

O ultimo Balduino, a quem os Gregos tornaraõ a tomar o Imperio.

18 No de mil e quinhentos e ſeſſenta e quatro alterando-ſe aquelles Eſtados contra Filippe Prudente, Rey de Caſtella, ſeu natural Senhor, vieraõ a conjurarſe as oito Provincias no Congreſſo, que fizeraõ em a Cidade de Utrecht, no anno de mil e quinhentos e ſetenta e nove; e finalmente no de mil e quinhentos e oitenta e hum ſe lhe rebelaraõ, formando huma Democratica Republica, cuja liberdade defenderaõ com a mayor conſtancia, e com o valor mais intrepido, ganhando inſignes vitorias contra numeroſos Exercitos. Eſtes foraõ os contrarios, com quem pelejámos: eſtes os que vencemos; ſó infelizes em haver deixado a noſſa verdadeira Religiaõ Catholica Romana, e eſcurecido com a falſa doutrina de Calvino, e de Luthero as eſclarecidas acções da ſua Naçaõ.

Primeira alteraçaõ de Flandes.

Congreſſo de Utrecht.

Total Rebeliaõ nas oito Provincias unidas.

19 Vagava a Capitania dos Hollandezes, eſperando pelos outros navios à viſta da noſſa Fortaleza do Morro de S. Paulo, cujo Capitaõ mandou noticia ao Governador da Bahia, de que na-

Manda o Capitaõ da Fortaleza do Morro aviſos das naos, que appareciaõ naquelles mares.

quelles mares andava huma grande nao, que parecia conduzir outras; e logo repetio ſegundo aviſo, de que ſe viaõ mais vélas, as quaes juntandoſelhe, como para alguma empreza, ameaçavaõ repentina invaſaõ; e temendo começaſſe por aquella Fortaleza, importantiſſima às conveniencias da Cidade, ſe preparou para a defender, com mayor animo, que forças para lhe reſiſtir.

Diogo de Mendoça Furtado, Governador, e Capitaõ Geral do Braſil.

20 Eſtava com as redeas do Governo geral do Braſil Diogo de Mendoça Furtado, o primeiro Governador, e Capitaõ Geral, que ElRey Catholico Filippe Quarto em Caſtella, e Terceiro em Portugal, enviara a eſte Eſtado, aonde chegou no anno de mil e ſeis centos e vinte e dous; e tambem o primeiro Capitaõ Portuguez, que neſta guerra meteraõ os Hollandezes no ſeu triunfo. Pelas noticias que teve do Capitaõ da Fortaleza do Morro, ſe diſpoz à defenſa, podendo temer a deſgraça mais, que remedialla. Tinha grande valor, e pratica da milicia, de cujo exercicio havia feito na India relevantes provas: porém o ocio, em que eſtavaõ os moradores da Bahia, lhe impoſſibilitava a oppoſiçaõ, a que ſe via precisado com huma guerra inopinada, ſem meyos, nem prevenções para a reſiſtencia; e ſupprindo com a ſua diſpoſiçaõ os reparos, e a gente, de que carecia a Praça, ordenou a defenſa della, naõ confórme ao perigo, mas à neceſſidade.

Previne a defenſa da Cidade.

Faz vir muitos moradores do reconcavo.

21 Fez vir do reconcavo todos os moradores mais capazes de tomar armas, dos quaes juntou mil e ſeis centos, unindolhes oitenta Soldados pagos,

pagos, de que conſtava todo o preſidio; e mandando a ſeu filho Antonio de Mendoça Furtado com dous patachos explorar aquellas naos, ſe applicou com inceſſante cuidado a todo o genero de oppoſiçaõ, que naquella occaſiaõ podia fazer a Cidade, e prevenir o valor. Vinte e ſeis dias aſſiſtiraõ os moradores do reconcavo na Cidade, e ſendo já gaſtos os mantimentos, que nella ſe tinhaõ juntado para a occaſiaõ, vendo que ſe dilatava, e que as faltas que faziaõ às ſuas Fazendas, e lavouras, fóra das ſuas caſas, lhes cauſava huma perda conſideravel, tratavaõ de ſe retirar.

Aſſiſtencia dos moradores do reconcavo na Cidade.

22 Diziaõ, que o Governador por huma guerra contingente, os punha em hum damno certo; que as naos eraõ de corço, buſcavaõ prezas, e naõ conquiſtas, pois ſe vieraõ com impulſo de invadir a Cidade, ſe naõ haviaõ de deter tanto tempo vagando naquelles mares, e conſumindo nelles, com a dilaçaõ da Armada, os mantimentos, que lhes ſeriaõ neceſſarios para a empreza da conquiſta. Eſtas vozes, que já paſſavaõ a tumultos, favorecia o Biſpo D. Marcos Teixeira, aconſelhando-os, que voltaſſem para as ſuas caſas, com licença do Governador, ou ſem ella, culpando-o de os deter inutilmente, em prejuizo dos ſeus intereſſes, como aos moradores, e ao Biſpo parecia; e com o ſeu conſelho ſe foraõ retirando, e deixando a Cidade ſó com os poucos moradores, que a habitavaõ.

Retiraõ-ſe della, perſuadidos do Biſpo D. Marcos Teixeira.

23 Porém logo experimentaraõ o erro deſta reſoluçaõ, e o caſtigo da ſua deſobediencia,

porque poucos dias depois de ſe auſentarem, precedendo os dous patachos, com que fora Antonio de Mendoça Furtado reconhecer as naos, chegaraõ ellas à Barra da Bahia, aos nove do mez de Mayo do anno de mil e ſeis centos e vinte e quatro. Conſtava a Armada de vinte e cinco baixeis, com tres mil e quatro centos homens de guerra; trazia por General a Jacobo Uvilhekhens, por Almirante a Petre Petrid, Inglez de Naçaõ, chamado vulgarmente Pedro Peres, e por Meſtre de Campo de toda a Infanteria a Joaõ Dorth, que havia de exercer o poſto de General nas occaſioens, em que deſembarcaſſe em terras do Braſil. Eraõ Soldados de muita fama, e de tanto valor, que de pequenos principios tinhaõ chegado a poſtos grandes, e já logravaõ muito nome de experimentados Capitães.

Anno de 1624.

Cabos da Armada, e da Infanteria.

24 Enveſtiraõ as ſuas naos as embarcações, que acharaõ em o noſſo porto, e rendidas, depois de alguma inutil reſiſtencia, as abrazaraõ; e eſtendendo-ſe por toda a marinha, a bateraõ inceſſantemente, dando moſtras de querer deſembarcar na praya da Cidade, em diverſaõ do lugar onde pertendiaõ ſahir em terra. Mandaraõ dous mil homens, de que eraõ Cabos Federico Ruyter, e Franciſco Duchs, a tomar a Fortaleza de Santo Antonio da Barra, que renderaõ facilmente; e caminhando por aquelle ſitio para a Cidade, fizeraõ alto em S. Bento, Moſteiro viſinho a ella. Enveſtiraõ-na os Hollandezes; mas acharaõ nos moradores oppoſiçaõ taõ forte, que os fizeraõ retirar

Tomaõ os inimigos muitas embarcações, que acharaõ no porto.

Saltaõ em terra em Santo Antonio da Barra, e rendem eſta Fortaleza.

Caminhaõ para a Cidade, fazem alto em S. Bento, e enveſtem por aquella parte.

tirar rechaçados, e logo os ſeguiraõ tanto eſpaço, que os obrigaraõ a recolherſe ao poſto do referido Convento, em que ſe tinhaõ alojado.

Valeroſa reſiſtencia dos moradores no primeiro aſſalto.

25 Se eſta conſtancia permanecera nos moradores, poderiaõ ſuſtentar a Praça, até que unido nella outra vez o poder do reconcavo, (que a confiança, mais que o temor, tinha ſeparado) ſeria facil reſiſtirem aos inimigos o mais porfiado ſitio, em quanto lhes chegaſſem do Reyno os ſoccorros, que pela importancia da empreza deviaõ julgar infalliveis, e promptos. Porém aquelle primeiro venturoſo encontro, que lhe podera ſer feliz auſpicio de futuras vitorias, foy nelles menos poderoſo, que o terror panico, que lhes entrou no peito, e lhes ſuperou o valor; porque na meſma noite, repreſentandolhes o receyo mais fantaſmas, que as ſombras, com mayor cuidado em ſalvar as vidas, que o credito, recolhendo o precioſo, que poderaõ levar, e deſamparando a Cidade, ſe meteraõ pelos boſques, e matos viſinhos, ſeguindo-os o Biſpo D. Marcos Teixeira.

Terror panico com que depois deſampararaõ a Cidade.

26 Naõ ſouberaõ obrar os moradores da Bahia pela ſua Naçaõ, o que Sagunto pela Romana, e Numancia pela Carthagineza. Sem lhe abrirem brechas nos muros, nem perderem vidas, (pelas ſalvar nos boſques) deſampararaõ a Cidade, podendo defendella. Pouco lhes deveo a Patria, pois a deixaraõ na ſogeiçaõ eſtranha: muito as muralhas, pois lhes quizeraõ poupar as pedras, cujas ruinas poderiaõ ſer os melhores epithafios do ſeu valor; mas como o tinhaõ ſepultado, ou

injuria-

injuriado nos peitos, naõ cuidaraõ de o trasladar aos marmores: posto que depois (como mostrará a Historia) o que naõ obraraõ na Cidade, fizeraõ na campanha, impedindo aos inimigos continuar por ella os seus progressos; arrependimento, que inda que veyo prompto à satisfaçaõ da culpa, os naõ póde livrar da injuria do peccado.

27 Tinha ainda o Governador Diogo de Mendoça Furtado setenta homens; e resistindo aos inimigos com desesperado esforço, em novo conflicto os rechaçou, matandolhe dous Officiaes de supposiçaõ. Mas vendo os Hollandezes com a luz da manhãa o silencio, que havia na Cidade, a falta de gente nos muros; e certificados por alguns Christãos novos degradados (que pouco antes de amanhecer se tinhaõ passado para o seu Exercito) de que os moradores se haviaõ naquella noite ausentado, e que na Cidade naõ havia quem lhes podesse fazer resistencia, a entraraõ, indo ao Paço, em que residia o Governador, ao qual tinha já desamparado a mayor parte dos setenta homens, que lhe ficaraõ; e achando-se só com dezoito, se resolveo a morrer antes, que a entregarse, antepondo a fama, e a liberdade à vida; e pertendendo vendella mais cara, acometeo aos inimigos, recebendo naõ poucas feridas.

28 Taõ dessangrado, como destemido, aspirava a huma gloriosa morte, porfiando em perder a vida, que lha quizeraõ conservar os inimigos com piedosa emulaçaõ, compassivos, e admira-

admirados da ſua reſoluçaõ, e esforço, promettendolhe decoroſos partidos para o ſocegar; e ſendo perſuadido pelos companheiros à aceitallos, capitulou vocalmente com elles ſahir livre, e os companheiros com as armas, e huma bandeira; condições taõ honradas, como mal cumpridas; pois logo com pretexto apparente, mas naõ juſtificado (pois nunca o póde haver para faltar à palavra) mandaraõ ao Governador prezo para a ſua Almirante, e com os navios, que depois enviaraõ carregados dos generos da Bahia, e outras prezas, que na ſua barra haviaõ feito, o remetteraõ para Hollanda, como premiſſas dos intereſſes, e conquiſtas, que começavaõ a lograr no Braſil, e como penhores de mayores progreſſos, e triunfos.

Prezo o Governador.

Remettido para Hollanda.

29 Era Diogo de Mendoça Furtado eſclarecido em naſcimento, e valor; e por eſtas qualidades conhecido na Patria, e fóra della. Em ſatisfaçaõ de bons ſerviços, foy enviado ao Governo geral do Braſil; nelle lhe moſtrou a fortuna (ſó conſtante em ſer varia) ſemblante diverſo daquelle, com que o ſeguira em outras partes da Monarchia, convertendolhe agora em caſtigo o premio, de que as ſuas virtudes o tinhaõ feito benemerito. Derramou o ſangue, perdeo a fazenda, e a liberdade; e naõ baſtaraõ tantos ſacrificios da honra, para lhe tirarem a mancha, com que na fama ficou a ſua memoria, ou porque a derradeira acçaõ he a que dá, ou tira aos Capitães a gloria, ou porque naõ baſta havella conſeguido

em

em outros luſtros da idade, ſe até os ultimos periodos da vida lhes naõ aſſiſte a fortuna.

Saqueaõ os inimigos a Praça.

30 Senhores da Praça os Belgas, a ſaquearaõ com o mayor eſcandalo, e a mais nimia ambiçaõ, triunfando nos Portuguezes do odio dos Caſtelhanos, e profanando nos Templos a noſſa Sagrada Religiaõ. A averſaõ à Fé Catholica, e à Naçaõ Caſtelhana eraõ nelles hum ſó impulſo; com os meſmos golpes da vingança obravaõ os ſacrilegios, padecendo a laſtimada Bahia por outros peccados eſtes inſultos. Fortificaraõ os inimigos a Praça, levantando trincheiras, e fazendo novas defenſas para reſiſtirem às armas de Caſtella, e Portugal, com quem haviaõ de contender em taõ grande empreza, e de tanto empenho para à Coroa de Heſpanha, quanto era o prejuizo, que deſta perda reſultava a toda a ſua Monarchia.

31 Poſto que naõ dominavaõ a campanha, na qual eſtavaõ os Paiſanos juntos armando-ſe, e fazendo toda a prevençaõ para a defender, (por emendar neſta acçaõ a vileza, que commetteraõ em deſampararem a Praça, impedindolhe agora os progreſſos por terra) eſtavaõ elles ſenhores da Cidade, do mar, e do porto, para receberem os ſoccorros de Hollanda, e todos os que a induſtria, e fortuna das ſuas naos podiaõ conduzir, aſſim dos navios, que tomavaõ na barra, como das embarcações menores, que do reconcavo navegavaõ para a Cidade; das quaes colhiaõ em abundancia muitos viveres, e regalos, em quanto o damno as naõ fez abſtrahir de curſarem

Prezas, que faziaõ os Hollandezes nas noſſas embarcações.

ſarem os mares, que eſtavaõ ſenhoreados do poder eſtranho.

32 Hia engroſſando o noſſo campo com muitos moradores, que por terra lhe chegavaõ do reconcavo, arrependidos do ſeu primeiro erro de deixarem a Cidade, quando o Governador Diogo de Mendoça os mandara reſidir nella para a ſua defenſa. Juntando tambem alguns Indios já Chriſtãos, e fieis, eſtavaõ todos na campanha com tanto valor unidos, e com tal reſoluçaõ de impedir aos inimigos os progreſſos, que intentaſſem fazer por terra, que ſahindo huma groſſa manga delles fóra das muralhas, os fizeraõ recolher rechaçados, deixando muitos mortos, e levando outros feridos. Abriraõ as vias da ſucceſſaõ, que tinhaõ os Padres da Companhia, e acharaõ nomeado por Governador, e Capitaõ Geral a Mathias de Albuquerque, o qual eſtava governando Pernambuco, Capitanîa de ſeu irmaõ Duarte Coelho de Albuquerque; e naõ ſó pelo titulo de ſucceſſaõ era chamado para o Governo da Bahia, mas por Patente Real, que lhe levara em direitura à Pernambuco o Doutor Antonio Marrecos.

Armados os Portuguezes na campanha.

Rechaçaõ aos inimigos.

Mathias de Albuquerque, Governador de Pernambuco, nomeado nas vias para Capitaõ Geral do Braſil.

33 Mandaraõ os Portuguezes, que eſtavaõ na campanha, aviſo a Mathias de Albuquerque. Era a diſtancia, em que ſe achava, de cento e cincoenta legoas: pedia a occaſiaõ, que ſe elegeſſe hum Cabo, que governaſſe a guerra durante a ſua dilaçaõ; reſolveraõ, que eſte foſſe o Auditor Geral Antaõ de Meſquita de Oliveira; mas

No em quanto governa o Exercito o Auditor Geral Antaõ de Meſquita de Oliveira.

ſendolhe pela ſua muita idade incompativel eſta occupaçaõ, e havendo-a dado a dous Coroneis Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, e Joaõ de Barros Cardoſo, a vieraõ a conferir depois ao Biſpo D. Marcos Teixeira, que a aceitou, por recuperar neſte ſerviço delRey, e da Patria, a opiniaõ, em que eſtava de haver tido a mayor parte na deſordem, que fizera a gente do reconcavo, retirando-ſe para as ſuas caſas pelo ſeu conſelho, contra os preceitos do Governador.

Depois ſe em carrega ao Biſpo D. Marcos Teixeira.

Fortifica-ſe no rio Vermelho.

34 Fortificou-ſe em hum ſitio, chamado rio Vermelho, huma legoa diſtante da Cidade, com taes diſpoſições, e com taõ militar diſciplina, que parecia ſe creara no eſtrondo da guerra, em que nunca tivera exercicio, mais que neſta occaſiaõ. Governava ao meſmo tempo as ſuas ovelhas, como Paſtor, e como Capitaõ, cingindo a eſpada, ſem depôr o Bago; com tanto valor tinha reprimidos os inimigos na Cidade, que de expugnadores, ſe viaõ cercados. E ſahindo o General Joaõ Dorth com muitos dos mais valeroſos Hollandezes do ſeu Exercito a reconhecer o noſſo alojamento, foy acometido de hum troço dos noſſos Soldados, governado pelo Capitaõ Padilha, de ſorte, que pelejando-ſe de ambas as partes com grande porfia, perdeo o ſeu General a vida, em prova do noſſo esforço, e caſtigo do ſeu impulſo. Pela ſua morte foraõ ſuccedendo no cargo outros Generaes, cuja inſufficiencia hia concorrendo a favor das noſſas armas, e ſervindo às noſſas vitorias, porque em todas as ſahidas, que faziaõ fóra das

O General Joaõ Dorth ſahe à campanha, combate com o Capitaõ Padilha.

Fica morto o General, e muitos Hollandezes.

das muralhas, experimentavaõ o proprio damno, com perda de gente, e de opiniaõ.

Chega a Mathías de Albuquerque a noticia da sua nomeaçaõ.

35 Chegada a Mathias de Albuquerque a noticia da sua nomeaçaõ nas vias, e a nova Patente de Governador, e Capitaõ Geral do Brasil, querendo aliviar o pezo do Governo ao Bispo, enviou a Francisco Nunes Marinho d'Eça, para se encarregar delle; dous mezes o exerceo com os mesmos acertos, e com igual fortuna; e o Bispo o deixou com grande gloria, pelo largar, quando tinha feito mais provas de o merecer; mas enfermando dos discommodos de huma aspera campanha, do rigor de huma disciplina, em que se naõ creara, e só a impulsos do valor, e da fidelidade do seu animo exercera, faltandolhe os promptos remedios, e commodidades para a cura, e crescendo o mal, faleceo em breve tempo.

Manda a Francisco Nunes Marinho para se encarregar do Governo; entregalho o Bispo D. Marcos Teixeira.

Enferma, e morre o Bispo.

36 D. Marcos Teixeira, quinto Bispo do Brasil, foy de Familia nobre, Clerigo do habito de S. Pedro. Succedeo a D. Constantino Barradas no Bispado do Brasil, e chegou à Bahia no anno de mil e seis centos e vinte e hum; governou a sua Igreja em paz dous e meyo; seis mezes em cruel guerra; tres capitaneou os poucos Portuguezes, que se juntaraõ para restaurar a Patria com os successos, que temos referido; havendo em o curto tempo do seu Pontificado, que naõ passou de tres annos, procedido como Prelado virtuosissimo, (até nos mesmos dias, em que a fatalidade o fez Soldado) porque a hum mesmo passo encaminhava as almas, e defendia as vidas

Seu Elogio.

das ſuas ovelhas, taõ igual em hum, e outro emprego, que pareceo naſcido para ambos.

37 Como faleceo na campanha, foy ſepultado em huma Capella de noſſa Senhora da Conceiçaõ, erecta em Tapagipe alguns annos antes, e ainda hoje naquelle lugar permanente; mas a confuſaõ da guerra teve tambem lugar na ſua ſepultura, porque lhe naõ puzeraõ letra, ou diviſa, que a diſtinguiſſe das outras, ficando por eſta cauſa as ſuas cinzas taõ confuſas, como clara a ſua memoria, pelas ſuas virtudes.

Sabe-ſe em Heſpanha da perda da Bahia.

Diſpoem o Conde Duque a ſua reſtauraçaõ.

38 Chegou a Madrid a noticia da perda da Bahia, e deſpertou aquella Corte do lethargo, em que jazia no deſcuido das Conquiſtas. Diſpoz logo o Conde Duque para a ſua reſtauraçaõ duas poderoſas Armadas, huma em Caſtella, e em Portugal outra; eſcrevendo ElRey de ſua Real maõ aos Governadores do Reyno, que eraõ naquelle tempo os Condes de Portalegre, e do Baſto, com encarecidos termos, o muito que eſperava do valor, e lealdade Portugueza naquelle empenho, que tocava a toda a Monarchia. Em huma, e outra parte della ſe preveniraõ Armadas; na de Portugal ſe aliſtou grande numero de Fidalgos da mayor esféra, huns com praça de Soldados, outros com o nome de Aventureiros.

Armada de Portugal.

39 Muitos Titulos, e primogenitos de Caſas illuſtriſſimas, e os filhos ſegundos, e terceiros de outras; com tal empenho tomaraõ a empreza, que depois de terem occupado grandes lugares, e relevantes poſtos no Reyno, e o de Vice-Rey

na

na India, ſe embarcaraõ ſem occupaçaõ alguma, mais que o impulſo bellicoſo da Naçaõ, ſempre vivo em todos. Em breve tempo ſe poz prompta a Armada, cujo General era D. Manoel de Menezes, taõ celebre entaõ pelo naſcimento, pelo valor, e por outras virtudes, como depois pelas deſgraças.

Armada de Caſtella.

40 A de Caſtella naõ era de menor apparato, nem de menos expectaçaõ, e grandeza, antes ſuperior em naos, gente, e experiencia, conduzindo muitos Cabos, e Soldados veteranos, taõ exercitados nas facções de terra, como nos conflitos do mar. Traziaõ nella poſtos differentes varios Titulos, e Fidalgos Italianos, Vaſſallos del-Rey de Heſpanha. Dos Caſtelhanos vinhaõ muitos de elevada esféra, huns já famoſos na profiſſaõ da guerra, e outros, que eſcolheraõ eſta occaſiaõ do mayor furor della, para enſayo do ſeu novo militar emprego.

41 Era General D. Fradique de Toledo Oſorio, Marquez de Uvaldeça, o Capitaõ de mayor fama, que naquelle tempo tinha a Naçaõ Caſtelhana. Preveniaõ-ſe as Armadas com grande fervor, conduzindo todos os inſtrumentos, e munições preciſas para qualquer dilatado ſitio. Era cauſa mais forçoſa para a breve expediçaõ dellas, a noticia do ſoccorro, que preparavaõ as Provincias Unidas, para conſervarem o dominio da Bahia, que poſſuiaõ; ſendo o Exercito naval, que para eſte empenho juntavaõ, taõ poderoſo, que chegando primeiro, poderia pôr em mayor contingencia a empreza das noſſas Armadas.

Em

42 Em quanto ſe apreſtava a de Portugal, enviaraõ os Governadores do Reyno em ligeiras embarcações alguns ſoccorros de gente, e munições às outras Praças maritimas do Braſil, e de Africa, prevenindolhes o damno, que podiaõ receber na falta dos meyos, de que careciaõ, para ſe defenderem das invaſoens dos inimigos, que tendo ſenhoreado a Cabeça, caminhariaõ a apoderarſe dos outros membros, com o meſmo voo da ſua diligencia, ou da ſua fortuna. Em huma de tres caravelas, que mandaraõ a Pernambuco, veyo D. Franciſco de Moura Rolim, com ordem del-Rey para governar o campo, em que as noſſas armas eſtavaõ ſendo freyo ao furor das Hollandezas.

43 Chegou brevemente D. Franciſco de Moura a Olinda, de donde ſe transferio à Bahia, e continuou as facções com a diſpoſiçaõ, e valor, que lhe adquiriraõ a experiencia, e o naſcimento. Era natural de Pernambuco, e das primeiras Familias daquella Provincia: tinha militado em Flandes, e na India, e occupado em huma, e outra Regiaõ preeminentes póſtos; e o ſeu procedimento, e qualidade, o fizeraõ digno de empregos mayores, que exerceo com a meſma ſatisfaçaõ, e zelo do ſerviço Real.

44 Poſto que de Caſtella ſe davaõ repetidas preſſas à Armada de Portugal, culpandolhe por dilaçaõ até o preciſo tempo, que naõ podia eſcuſar para o ſeu apreſto, ſe veyo a pôr prompta para navegar primeiro, que a de Heſpanha, pela qual

qual eſperou muitos dias no rio de Lisboa, até que teve ordem para a ir aguardar nas Ilhas de Cabo Verde, onde chegou muito tempo depois da noſſa. Juntas, ſe fizeraõ à véla nos principios de Fevereiro, e entraraõ pela barra da Bahia, ſeſta feira da Semana Santa, aos vinte e oito de Março de mil e ſeis centos e vinte e cinco, com doze mil homens, mil e quinze peças de artilheria, e ſeſſenta e ſeis naos.

Anno de 1625.

45 Naõ perderaõ os Hollandezes o animo com a viſinhança do perigo, à viſta das noſſas Armadas, e ſe diſpuzeraõ à defenſa da Cidade, que eſperavaõ conſervar na confiança da prevençaõ, com que a tinhaõ fortificado, e do ſoccorro de Hollanda, que eſperavaõ por inſtantes. Faziaõ oſtentaçaõ galharda do ſeu poder, moſtrando naõ recear o cerco, nem os aſſaltos da noſſa gente; e poſto que no ſeu General Guilhelmo Schoutens naõ havia tanto valor, antes moſtrava muita inſufficiencia para o poſto naquella taõ importante occaſiaõ, tudo ſuppria a capacidade, e reſoluçaõ dos outros Cabos, Officiaes, e Soldados. Ordenaraõ a vinte e ſeis navios, que tinhaõ no porto, ſe encoſtaſſem mais à Cidade, para ficarem defendidos da artilheria dos Fortes.

Diſpoem-ſe os Hollandezes a defender a Cidade.

46 Foraõ as noſſas naos penetrando a enſeada, e deſembarcando o General D. Fradique de Toledo com a mayor parte da gente, ſe lhe juntou logo D. Franciſco de Moura com os Portuguezes, que governava, e ficou o General D. Manoel de Menezes com as Armadas, das quaes formou

Deſembarca D. Fradique com a mayor parte da gente; e ſe lhe junta com a noſſa D. Franciſco de Moura.

formou huma meya lua, para impedir o tranſito às naos Hollandezas, ſe intentaſſem ſahir pela barra. D. Fradique de Toledo fez dous quarteis em duas partes oppoſtas, e diſtantes huma da outra, porém qualquer dellas proxima à Cidade. Ficava hum junto ao Convento do Carmo, outro ao de S. Bento; mas para eſta parte, ſahindo de dentro da Cidade o Capitaõ Joaõ Quif, bellicoſo, e esforçado Hollandez, com trezentos Soldados, enveſtio ao noſſo quartel, que embaraçado na operaçaõ, em que eſtava delineando a ſua fórma, por ſer o primeiro dia, em que ſe aſſentava, conſeguio com grande gloria ſua, e perda noſſa, huma facçaõ notavel, em que nos fez damno conſideravel, matando Cabos, Officiaes, e Soldados noſſos de grande ſuppoſiçaõ, e qualidade, recolhendo-ſe para a Cidade com applauſo, e vaidades militares.

Forma quartel.

Aſſalto, que lhe dà Joaõ Quif Hollandez com perda noſſa.

47 Com a meſma ouſadia no mar intentaraõ queimar a Capitania, e Almirante de Heſpanha, que ficavaõ em menos diſtancia das ſuas naos; e favorecidos das ſombras da noite, em dous navios de fogo, que com induſtrioſa preſteza tinhaõ fabricado, ſahiraõ a conſeguir eſta empreza, de cujo perigo nos livrou a prevençaõ, encaminhada a differente fim; porque vendo aos ſeus dous navios à véla, ſe levaraõ precipitadamente os noſſos, querendo impedir a ſahida à ſua Armada, que entenderaõ pertendia fugir, e deſta ſorte obviaraõ o incendio, que lhes hiaõ vomitar aquelles dous portateis Mongibellos navaes.

Intentaõ os inimigos queimar as noſſas Capitanias.

E ſe lhes deſvanece o efeito.

O Ge-

48 O General D. Fradique de Toledo, querendo abbreviar a empreza, naõ ſó por credito das noſſas armas, mas pelo damno, que ſe lhes ſeguia da dilaçaõ, eſtimulado do proprio valor, e da reſiſtencia dos Hollandezes, ordenou hum geral aſſalto, que ſe executou com muitos ataques por varias partes da Cidade, em cuja defenſa puzeraõ todo o ſeu esforço, e induſtria os inimigos. Mas repetindoſelhes os aſſaltos, em que perdiaõ muita gente, e tardandolhes a Armada do ſoccorro, ſem a qual lhes era já quaſi impoſſivel contraſtar ao noſſo poder, achando-ſe deſunidos os Cabos, e havendo em hum militar tumulto ferido, e depoſto como a incapaz ao ſeu General Guilhelmo Schoutens, e ſubſtituido o ſeu cargo com o Capitaõ Joaõ Quif, depois de fazerem as ultimas provas da ſua contumacia, reſolveraõ entregar a Cidade.

Ordena D. Fradique de Toledo hum geral aſſalto.

49 Eraõ muitas as condiçoes, com que capitulavaõ; porém ſó lhes concedemos as que pareceraõ honeſtas, mas ainda mayores das que naquella occaſiaõ podiaõ eſperar; e mais pontualmente obſervadas, que as que elles naõ quizeraõ guardar ao Governador Diogo de Mendoça Furtado, quando tomaraõ a Praça: nella entrámos depois de hum mez de ſitio, no primeiro de Mayo de mil e ſeis centos e vinte e cinco; em cuja memoria faz o Senado da Camera da Bahia na Matriz, com ſolemne Prociſſaõ, todos os annos feſta aos glorioſos Apoſtolos S. Filippe, e Santiago, neſte dia a elles conſagrado, em agradecimento

Entregaõ os inimigos a Cidade.

do triunfo, que nelle com a ſua intercessaõ, e favor alcançámos dos inimigos da Fé, e da Patria.

50 Havia mais de hum anno, que eſtavaõ Senhores da Cidade, com tanto intereſſe dos Eſtados de Hollanda, como perda dos moradores da Bahia, os quaes reputaraõ agora em menos o cabedal, que a liberdade, em cuja comparaçaõ naõ tem valor os mayores bens da fortuna. Tornaraõ para as ſuas caſas, que haviaõ ſido emprego da cobiça dos inimigos, e teſtemunhas do eſcandalo, com que as tinhaõ deſamparado os ſeus proprios Senhores. Achámos na Cidade grande copia de munições, armas, e baſtimentos; e concedidos aos inimigos os viveres neceſſarios para o ſeu regreſſo a Hollanda, e os navios, que foraõ preciſos para o ſeu tranſporte, os fez o General D. Fradique partir brevemente.

Depois de reſtaurada a Bahia, apparece o ſoccorro de Hollanda.

51 Vinte e dous dias depois de rendida a Praça, chegou o ſoccorro, que aos inimigos vinha em trinta e quatro naos de Hollanda, de que era General Uvaldino Henrique, Capitaõ da fama, e expectaçaõ, que eraõ preciſas a hum Cabo, que ſahia a afrontarſe com o poder de Caſtella, e Portugal; mas veyo ſó a ſer teſtemunha da noſſa gloria, poſto que moſtrando deſprezalla, prolongou a ſua Armada pela enſeada da Bahia. Porém ſendo ſeguido dos noſſos Generaes, ſe retirou, navegando com vento taõ favoravel, e com tal diligencia, que lhe naõ poderaõ dar alcance as noſſas Armadas em todo aquelle dia; a noite o fez

Seguemno as noſſas Armadas, e deſapparece.

o fez desapparecer, voltando os nossos Generaes para o porto da Bahia.

52 Nella ordenou D. Fradique de Toledo todas as materias pertencentes ao bem da Republica, e à defensa da Praça, mostrando em humas, e outras disposições, ter o seu talento tanto de Soldado, como de Politico; e prevenindo com o mesmo cuidado as naos de tudo o que lhes era preciso para tornarem aos seus portos, deraõ à véla em quatro do mez de Agosto. Porém succedeo às nossas Armadas, depois da restauraçaõ da Bahia, o mesmo, que à dos Gregos depois da destruiçaõ de Troya; porque ao rigor de grandes tempestades, e infelices accidentes, (perdidas muitas naos, e todas derrotadas) depois de larga navegaçaõ, chegaraõ muy poucas à Patria. Ficou com o Governo geral do Brasil D. Francisco de Moura Rolim, até o anno de mil e seis centos e vinte e seis.

Voltaõ para o Reyno as nossas Armadas.

Tempestades, que padeceraõ na viagem.

Fica governando o Brasil D. Francisco de Moura Rolim.

53 Foy seu successor no cargo Diogo Luiz de Oliveira, fidalgo, que à sua muita qualidade soube juntar os esmaltes do seu grande merecimento. Tinha servido com grande satisfaçaõ, e valor em Flandes, onde em largos annos havia exercido importantes póstos, e adquirido nelles toda a experiencia da militar disciplina, e do Governo politico; virtudes, pelas quaes foy escolhido delRey, e do Valido para governar o Brasil, que sendo neste tempo o notorio empenho das armas de Hollanda, fiavaõ de Diogo Luiz a conservaçaõ das Praças da America Portugueza, que

Succedelhe no Governo Diogo Luiz de Oliveira no anno de 1626.

lhe encarregavaõ. Affim como chegou à Bahia, tratou da fortificaçaõ da Cidade, aperfeiçoando huns Fortes, que ainda naõ tinha acabado o inimigo, e delineando outros com o acerto na eleiçaõ dos fitios, e na regularidade das fabricas, proprios da fua experiencia; e com geral applaufo governou o Eftado nove para dez annos, até o de mil e feis centos e trinta e feis.

54 Naõ logrou o Brafil muito tempo o focego que efperava das vitorias, que a Bahia tinha alcançado contra o poder de Hollanda; porque as naos da fua Companhia, em diverfas Efquadras, repetidas vezes infeftaraõ os noffos mares. Huma de treze naos, com o feu General Petre Petrid, entrou pela enfeada da Bahia até Tapagipe, mais de legoa diftante da Cidade; e pofto que com evidentiffimo perigo pela vifinhança della, favorecido da fortuna, fez preza em dezafeis navios, que eftavaõ à carga, e tinhaõ já dentro tres mil caixas de affucar. Saindo a comboyallos, pela cofta fez algumas prezas em outras embarcações noffas, e tornou com mayor defvanecimento, naõ dando por cabal a fua empreza, fem penetrar o reconcavo pelos feus rios, até onde poderaõ chegar as fuas naos, feguindo a fete navios, que por elles pertenderaõ efcaparlhes, dos quaes tomou tres, e fez dar à cofta aos quatro; e demorando-fe alguns dias, como Senhor da enfeada, fahio da barra triunfando.

Prezas, que faz o General Petre Petrid no porto, e enfeada da Bahia.

55 Cornelio Iolo, chamado por outro nome o Pé de Pao, pirateando com outra Efquadra pelos

Toma Cornelio Iolo a Ilha de Fernaõ de Noronha.

pelos mares do Brasil, tomou a Ilha de Fernaõ de Noronha, na altura de tres graos Austraes, em que os Hollandezes principiaraõ Povoaçaõ, e lavouras; de donde foraõ expulsos por Ruy Calaça, enviado de Pernambuco a esta empreza com quatrocentos Soldados. Pouco satisfeitos destes damnos, e hostilidades, que nos faziaõ aquelles animos, em quem por natureza, e profissaõ eraõ hum mesmo impulso o valor, e a cobiça, picados agora do interesse, e da vingança, andavaõ nestas pequenas chammas alimentando o incendio, que pertendiaõ atear com mayores labaredas em outra occasiaõ. Sentiaõ, em perderem a Bahia, diminuida a esperança dos cabedaes, e a gloria da opiniaõ, que nos peitos humanos, apoderados da vaidade, saõ os mais fortes torcedores da imaginaçaõ; e meditavaõ o despique de hum, e outro empenho, com todas as idéas do seu cuidado, e com o mayor poder das suas forças.

56 Por estas causas naõ cessavaõ as officinas de Hollanda de forjar rayos, para os fulminarem no Brasil; e novo felicissimo accidente augmentou o poder da Companhia Occidental daquelles Estados, para os animar a esta segunda empreza; porque sahindo da costa do Brasil o referido Petre Petrid, a buscar a Frota das Indias, que navegava para Hespanha, governada por D. Luiz de Benavides, combatendo-a, a venceo; e importou esta notavel preza em Hollanda nove milhoens. Com taõ grosso cabedal trataraõ os interessados de juntar naos, e gente, determinando, que o golpe

Applicaõ-se os inimigos a disporem novas emprezas no Brasil.

Petre Petrid faz preza na Frota das Indias.

Determinaõ, que a nova empreza seja a conquista de Pernambuco.

golpe ſe déſſe em Pernambuco, conſideradas as grandes utilidades, que lhes reſultavaõ da conquiſta daquella Provincia, e a pouca diſpoſiçaõ, que havia nos ſeus habitadores para a defenſa, (do que tinhaõ larga noticia) occultando ſempre o alvo deſte tiro, para o qual diſpunhaõ as mayores prevençóes, e a mais poderoſa Armada.

57 Era Condeſſa de Flandes a Infante D. Iſabel, filha delRey Filippe II. e viuva do Archiduque Alberto de Auſtria, o qual, ſendo Prior do Crato, Cardeal da Santa Igreja Romana, e Vice-Rey de Portugal, deixou a Ordem, e o Capello, e ſe deſpoſou com eſta Princeza, levando em dote aquelles Paizes, que por falta de ſucceſſaõ tornaraõ à Coroa de Heſpanha. Fez eſta Princeza aviſo a ſeu ſobrinho ElRey Filippe IV. que a machina naval dos Hollandezes hia cahir ſobre Pernambuco, por noticias certas, que colhera de intelligencias fieis.

Faz a Infante de Heſpanha Condeſſa de Flandes aviſo a ElRey de Caſtella.

58 Achava-ſe Mathias de Albuquerque na Corte de Madrid; foy logo nomeado por ElRey Governador de Pernambuco, independente do Capitaõ Geral do Braſil nas materias pertencentes à guerra, e o enviou a Lisboa, ordenando ſe lhe déſſem as embarcações, gente, e mantimentos competentes à defenſa. Porém ſem embargo das muitas inſtancias, que fez aos Governadores do Reyno, e de ſer hum delles o Conde do Baſto, ſogro de ſeu irmaõ Duarte Coelho de Albuquerque, Senhor daquella Capitanîa, naõ pode conſeguir mais, que tres caravelas, com alguns poucos Solda-

Mathias de Albuquerque nomeado Governador de Pernambuco.

Soldados, e petrechos; com que chegou ao Recife (porto de Pernambuco) no mez de Outubro do anno de mil e ſeis centos e vinte e nove.

Chega ao Recife.

Anno de 1629.

59 Achou Mathias de Albuquerque a Praça com cento e trinta Soldados de preſidio; por acabar algumas fortificações, que deixara principiadas no tempo que a governara, e pouco guarnecidas, as que tinha deixado perfeitas; os moradores ſem exercicio, nem experiencia da militar diſciplina, deſcuidados do perigo, de que os podera fazer advertidos o ſucceſſo da Bahia: e finalmente vendo tudo ſem capacidade da prompta defenſa, que requeria o damno imminente, prevenio as forças, e diſpoz a gente na melhor fórma, que lhe permittira o tempo, monſtrando-ſe com tudo neſtas prevenções mais pratico, que activo, porque ſe applicara naquelles meſmos dias a outra acçaõ politica, impropria da occaſiaõ, devendo ſó cuidar na defenſa daquella Provincia, em que podera fazer o mayor ſerviço, e ainda a mayor liſonja ao Monarcha. Porém moſtrou na outra applicaçaõ, em que eſtava mais empenhado, que tinha por contingente a vinda da Armada inimiga, ou totalmente por falſa.

Acha a Praça deſprevenida.

60 Pareceo fatalidade, ſendo Mathias de Albuquerque taõ bellicoſo, e tendo feito habito do furor das armas, que exerceo em Flandes, e em outras Regioens de Europa, com grandes provas de Soldado, meterſe agora a ſer liſongeiro; porque trazendo a nova do naſcimento do Principe

D. Bal-

Trouxe a nova do nafcimento do Principe D. Balthafar Carlos; e faz grandes feftas em Pernambuco.

D. Balthafar Carlos, herdeiro da Monarchia, ordenou em Pernambuco grandes, e intempeftivas feftas, em detrimento das operações, que fe faziaõ para a fua defenfa, e neceffitavaõ de todas as attenções, e de mais tempo, que aquelle, que podia tardar a Armada Hollandeza, fendo entaõ mais poderofo nelle o impulfo da lifonja, que o do valor, e da obrigaçaõ do cargo; mas antes de fe concluhirem os feftejos, lhe chegou hum patacho de Cabo Verde, com avifo de Joaõ Pereira Corte-Real, que governava aquella Ilha, de que a Armada de Hollanda, depois de fe deter naquelles mares quafi dous mezes, tomara o rumo do Brafil.

Chega avifo de Cabo Verde, de haver paffado por aquelles mares a Armada Hollandeza.

Effeitos, que fe vem nos animos dos moradores com efta noticia.

61 Obrou effeitos differentes em Pernambuco efta noticia; porque a huns accrefcentou a confufaõ, e a outros diminuhio a defconfiança, difcurfando eftes, que fe a Armada viera fobre aquella Praça, já havia de ter apparecido no tempo, que o patacho fe havia dilatado, e que o naõ haver vifta della, fazendo a mefma navegaçaõ, era indicio de levar outro diffenho a diverfa empreza. Porém Mathias de Albuquerque, com a noticia defte avifo, difpunha tudo o que podia fer util à defenfa, guarnecendo as Fortalezas; e reparando-as o mais breve que lhe foy poffivel, as entregou a peffoas de mayor confiança, tendo a mefma providencia com os póftos, e lugares, por onde o inimigo intentaffe invadir a terra. Mas nefta oppreffaõ fe começou a defcobrir do Cabo de Santo Agoftinho a Armada, tocando-fe

Foy vifta a Armada inimiga no Cabo de Santo Agoftinho.

ſe logo rebate neſta Povoaçaõ, de donde ſe fez aviſo ao Governador.

62 Viviaõ os Pernambucanos na mayor opulencia, com ventagens em grandeza a todos os outros moradores do Braſil, mas taõ eſquecidos da modeſtia, que naõ ſeguiaõ outras leys, que as da vontade, com eſcandalo da Juſtiça, commettendo muitos delictos, em que, por ſe oſtentarem mais famoſos no poder, pareciaõ menos obſervantes na Religiaõ. Por eſtas cauſas prégando em huma das ſuas Freguefias hum Religioſo grave com eſpirito Apoſtolico, e emphatico, reprehendendo em commum os vicios, e abuſos da terra, e uſando como em profecia de huma muy propria paranomazia, diſſe, que Olinda ſeria brevemente eſcrava de Hollanda.

Grandeza, em que viviaõ os Pernambucanos.

Os ſeus delictos, e vaidades.

Era este Religiozo Dominico, e se chamava Fr. Antonio Rosado.

63 A eſtas palavras levantando-ſe alguns dos principaes, que aſſiſtiaõ ao Sermaõ, o mandaraõ callar, e o fizeraõ deſcer do pulpito com violencia, e confuſaõ, ſem poder o Paroco atalhar aquella força, poſto que applicara todos os meyos de a obviar; deſordem, a que ſe ſeguio brevemente a perda de Pernambuco, e o comprimento daquellas palavras, taõ mal recebidas nos ſeus animos entaõ, como depois lembradas nos ſeus arrependimentos, e ainda hoje conſervadas com lagrimas nas memorias de todos os moradores mais qualificados de Pernambuco.

Caſo, que aconteceo a hum Religioſo grave prégando em huma das Freguefias de Olinda.

Comprimento da ſua profecia.

64 Foy a Armada inimiga proſeguindo a viagem, e appareceo à Cidade de Olinda em quatorze de Fevereiro do anno de mil e ſeis centos e trinta;

Apparece a Armada Hollandeza à Villa de Olinda.

Anno de 1630.

trinta; era de ſetenta vélas, contando-ſe entre ellas poderoſas naos; conduziaõ oito mil homens de guerra, que governavaõ dous Generaes, Henrique Lonc no mar, e Theodoro Uvandemburg na terra. Batendo inceſſantemente a marinha, fizeraõ demonſtraçaõ de deſembarcar no rio Tapado; mas por entre o furor da bateria, e as ſombras do fumo, deſtacou do corpo da Armada Theodoro de Uvandemburg huma Eſquadra de naos, e ſaltou em terra com quatro mil homens em hum ſitio, chamado o Pao Amarello, tres legoas e meya da Cidade de Olinda.

Salta em terra Theodoro de Uvandemburg com quatro mil homens no ſitio do Pao Amarello.

65 Acudio logo a ella o Governador Mathias de Albuquerque do lugar do Recife, onde o poder da Armada Hollandeza o tinha levado a defender aquelle porto, que ſuppoz era o tranſito, que os inimigos buſcavaõ para ſaltar em terra, como moſtrava a porfia, com que o batiaõ; até que a noticia o aviſou da diverſaõ, com que deſembarcaraõ no referido ſitio do Pao Amarello; e deixando guarnecida a Praça com algumas Ordenanças, e com os moradores, que julgou mais promptos para a defenſa das proprias caſas, que para os progreſſos da campanha, marchou a encontrar os inimigos com hum troço de Exercito, que naõ paſſava de ſete centos homens entre Portuguezes, e Gentios, em que havia alguma Cavallaria; e poſto que todos biſonhos, era numero ſufficiente (amparado das brenhas, que pelo continente guarnecem toda a extenſaõ daquella praya, por onde marchavaõ formados em quatro bata-

Marcha Mathias de Albuquerque contra os inimigos.

lhoens

lhoens os inimigos) a impedirlhes o paſſo; principalmente havendo elles de paſſar o rio Doce, tranſito, em que nos ficavaõ de inferior partido.

66 Era grande a ventagem, que nos offereciaõ a occaſiaõ, e o ſitio, a naõ ſe eſquecerem os moradores do valor Portuguez, trocando pelo ſeu receyo a obediencia dos ſeus Capitães, de ſorte que paſſando os contrarios quaſi deſordenados o rio, e dandolhes os Portuguezes algumas cargas, em que lhes mataraõ muita gente, ſem proſeguirem a defenſa, ſe retiraraõ os noſſos apoderados de hum temor vil, que os fez antepor a vida à honra; e como todo o animo que perdiaõ, hiaõ ganhando os inimigos, lhes foy facil caminharem para à Cidade de Olinda, onde entraraõ pela parte mais eminente della, em que eſtá ſituado o Collegio dos Religioſos da Companhia de Jeſus.

Daõ os noſſos algumas cargas, e retiraõ-ſe.

Tomaõ os inimigos a Villa.

67 Já na indiſtinta luz, confuſa madrugada do infauſto dia dezaſeis de Fevereiro, ſe tinha auſentado a mayor parte da gente, que ficara para defender a Praça; porque o debil ſexo feminino, retirando-ſe para os matos com copioſas lagrimas, levou a poz ſi os eſpoſos, os filhos, e os pays, arrebatados da corrente daquelle pranto, ou impellidos do ſeu amor, (que neſta occaſiaõ pareceo mais filho de Venus, que de Marte) conduzindo todos o mais precioſo, que poſſuhiaõ, e poderaõ carregar; cauſa, pela qual acharaõ os inimigos o ſaco menos rico do que imaginavaõ, mas a falta dos deſpojos vingaraõ em ſacrilegios, profanando os Templos, e os Altares, brindando pe-

Auſentaõ-ſe os moradores da Villa de Olinda.

Sacrilegios, e eſcandalos, que commettem os Hollandezes.

los Calices ſagrados, e veſtindo por ludibrio as ſagradas veſtimentas Sacerdotaes. Com eſtes eſcandalos diſcorriaõ armados por todas as ruas, com jactancia vil de hum triunfo, que alcançaraõ ſem vitoria, e de huma Praça, que conquiſtaraõ ſem reſiſtencia.

Portuguezes, que morreraõ por ver perdida a Patria.

68 Porém naõ faltaraõ alguns valeroſos Portuguezes, que vendo perdida a Patria, quizeraõ ſacrificarlhe as vidas, ſem eſperança de lhe conſeguir a liberdade, uſando com ella de huma inutil piedade, e comſigo de hum valor cego, que ſervio mais à deſeſperaçaõ, que ao remedio. Foraõ as aras deſtas oblaçóes o adro da Santa Miſericordia, e os muros dos Religioſos de S. Franciſco; neſtes o Capitaõ André Pereira Themudo, naquelle o Capitaõ Salvador de Azevedo, juntando-ſe a hum, e outro muitos brioſiſſimos Paizanos de juvenil idade, que em annos verdes ſouberaõ dar ſazonados frutos do valor.

69 Inveſtiraõ com duas grandes mangas de inimigos em deſigualiſſimo partido, ſem outra eſperança, ou fim, mais que o de naõ quererem ſobreviver à calamidade commua, e à ruina da Republica, abrindo com as eſpadas tranſitos às vidas, e derramando a todas as partes mortes; nas alheas ſouberaõ vender caras as proprias, e poſto que deſta reſoluçaõ naõ reſultaſſe outro beneficio, que o exemplo do amor da Patria, pelo qual os levou a fama a viver na immortalidade, ſaõ as ſuas memorias ainda cá no ſeculo dignas de toda a duraçaõ, que póde permittir o tempo.

Naõ

70 Naõ podiaõ os Hollandezes tomar o Recife, ſem ganhar o Forte de S. Jorge, que os havia de offender no paſſo: mandaraõ rendello por hum groſſo batalhaõ de dous mil Soldados, que marchando cubertos das ſombras da noite, lhe puzeraõ eſcadas, lançando primeiro dentro varios inſtrumentos de fogo; porém o Capitaõ Antonio de Lima, que com pouco mais de trinta Soldados, em que ſe contavaõ algumas peſſoas nobiliſſimas, o defendia, de ſorte recebeo aos inimigos, que os fez voltar rechaçados, deixando o ſeu Cabo, e trezentos Soldados mortos, e ficando a campanha ſemeada de corpos, e de moſquetes.

Vaõ os inimigos ſobre o Forte de S. Jorge.

Defende-o o Capitaõ Antonio de Lima.

71 Admirado o General Hollandez Theodoro de Wandemburg de tanta reſiſtencia em taõ debil corpo, que apenas moſtrava capacidade para cincoenta peſſoas, (ſem advertir, que aos corpos pequenos faz grandes o valor) ardendo em ira pela perda recebida do eſtrago feito nos ſeus Soldados, ſe reſolveo depois de alguns dias a ir em peſſoa ſitiallo com quatro mil Infantes, e boa artilheria. Com eſte apparato militar ſahio de Olinda em huma noite, e chegou ainda nas ſombras della a porſe defronte do dito Forte.

72 Abrio trincheiras, plantou artilheria, batendo-o inceſſantemente pelo curſo de cinco dias, nos quaes ſe defendeo Antonio de Lima com reſoluçaõ verdadeiramente heroica, tanto mayor, quanto naõ eſperada pela pouca gente com que ſe achava. Fez aviſo a Mathias de Albuquer-

A pezar da ſuá reſiſtencia o rendem.

buquerque, pedindolhe ſoccorro, mas naõ lho enviando, e ſem colher o Capitaõ da ſua repoſta eſperanças de o alcançar, capitulou com os inimigos, ſahirem os Portuguezes livres; condiçaõ, a que faltaraõ os Hollandezes, querendo obrigallos a jurar naõ tomarem armas contra Hollanda por tempo de ſeis mezes; o que viſto pelos noſſos, renovaraõ o conflicto, em que ficaraõ todos prezos.

73 Rendido o Forte de S. Jorge, ſe entregou logo o de S. Franciſco; e marchou o Exercito inimigo a tomar o Recife, que deſampararaõ os ſeus moradores, tendolhe primeiro feito as cuſtoſas exequias de hum poderoſo incendio, em que ſerviraõ às chammas tres milhoens em varios generos de cabedaes, pondo voluntariamente o fogo às ſuas caſas, moveis, e fazendas, para que ficaſſe menos importante o triunfo aos Hollandezes.

Entrega-ſe o de S. Franciſco.

74 Foraõ taõ ſemelhantes as perdas da Bahia, e de Pernambuco, taõ parecidos os infortunios de Diogo de Mendoça, e de Mathias de Albuquerque, que nem das duas Praças ſe deve formar juizo deſigual, nem dos dous Generaes fazer conceito differente; pois nellas naõ haviaõ meyos para a defenſa, proporcionados à grandeza do perigo, e nelles naõ faltou o cuidado, que pode permittir a brevidade do tempo; e aſſim, ou ſe deve em hum, e outro abſolver o procedimento, ou condemnar em ambos a deſgraça: porém ſe em algum podera haver culpa, naõ ha duvida, que ſe attribui-

attribuiria a Mathias de Albuquerque, porque tendo na defenſa de Pernambuco mais occaſioens, em que exercer o valor, ſe naõ empenhou em contraſtar a fortuna; e eſta naõ deu lugar a Diogo de Mendoça para larga oppoſiçaõ, pois o chegou logo ao preciſo termo do rendimento, ou da deſeſperaçaõ.

75 Imitaraõ os moradores de Pernambuco aos da Bahia, aſſim no receyo, com que deixaraõ a Praça aos inimigos ſem a defender, como na reſoluçaõ, com que ſe ajuntaraõ na campanha para ſe lhes oppor. O esforço da Naçaõ, perturbado de repentinos accidentes, pode embaraçarſe por falta de diſpoſições, mas o impulſo correo logo para o ſeu natural effeito, a eſtimulos do brio, e do valor. Agora ſe juntavaõ ao General Mathias de Albuquerque para a defenſa da Patria os meſmos, que ſe lhe tinhaõ apartado na invaſaõ della; e por eleiçaõ de todos eſcolheo hum ſitio proporcionado a impedir aos Hollandezes o tranſito da Provincia, com progreſſos por terra, em o qual ſe fabricou logo huma Força, com algumas peças de artilheria, e ſufficiente numero de gente.

Faz o Governador Mathias de Albuquerque huma Fortaleza na campanha para ſe oppor aos inimigos.

76 Diſtava huma legoa aſſim de Olinda, como do Recife, (Povoações, de que eſtavaõ apoderados os inimigos) para lhes impedir a communicaçaõ de huma a outra pelo iſthmo de area, que por eſpaço de huma legoa as aparta. Foraõ os noſſos fazendo trincheiras, e reductos, aſſiſtidos de gente menos em numero, que em valor, todos deſejoſos de fazer aquellas provas de animo, que

que naõ tinhaõ obrado, quando os inimigos lhes tomaraõ as Praças.

O Arrayal intitulado do Bom Jesus.

77 Vendo o General Hollandez o estorvo, que lhe fazia a nossa Força do Arrayal do Bom Jesus, (que este sagrado titulo lhe deu Mathias de Albuquerque) e o damno, que dos outros reductos, e trincheiras recebiaõ os seus Soldados, matandolhe muitos dos batalhoens, com que sahiaõ a faxinar, colher fruta, e lenha, ou a passar de huma a outra Povoaçaõ, achando menos quinhentos, e tantos Infantes mortos em repetidas occasioens, e vendo-se quasi sitiados em Olinda, e no Recife, por naõ poderem communicarse por terra sem evidente destroço, e perda da sua gente, tendo recebido de novo muita, varios petrechos, e bastimentos em hum soccorro, que poucos dias antes lhe chegara de Hollanda, se resolveo o Uvandemburg a mandar contra o nosso Arrayal dous mil Hollandezes, governados por hum dos seus Coroneis de mayor supposiçaõ.

Vaõ sobre elle os inimigos.

78 Sahiraõ de Olinda, e caminhando de noite, chegaraõ ao romper da manhãa, cuja luz os descobrio às nossas centinelas, que dando aviso ao Arrayal, sahiraõ delle, e de todas as outras trincheiras, e estancias os nossos Soldados, conduzidos dos seus valerosos Cabos; e envestindo pela retaguarda, e por ambos os lados, os fizeraõ voltar as costas destroçados, e fugitivos, com grande perda de gente, e mayor de opiniaõ, deixando com os mortos muitos despojos militares no campo, e sendo seguidos no alcance

Retiraõ-se destroçados, e mortos.

de

de alguns alentados Paizanos, com maravilhoſo effeito.

79 Chegou a Madrid o aviſo da perda de Olinda, e do Recife, do poder com que eſtavaõ os Hollandezes ſobre Pernambuco, e da oppoſiçaõ, que os Portuguezes lhe faziaõ na campanha: mandou logo ElRey Catholico Filippe IV. ordem aos Governadores do Reyno, enviaſſem ſoccorros àquelles moradores, para impedirem os progreſſos dos inimigos. Prepararaõ-ſe em Liſboa promptamente nove caravelas, em que vieraõ quatro centos infantes, algumas munições, e baſtimentos. Sahiraõ humas com interpolaçaõ de dias a outras, mas todas chegaraõ brevemente a Pernambuco; e tomando varios portos daquella Provincia, por diverſos caminhos ſe foy ajuntar ao noſſo Arrayal eſte ſoccorro.

Chega aviſo a Madrid da guerra dos Hollandezes em Pernambuco.

Manda ElRey ſoccorro em nove caravelas.

80 Trouxe entre os ſeus Capitães ao famoſo Portuguez Paulo de Parada, o qual ſahindo a ſingular deſafio com hum dos principaes Pernambucanos, ficou menos ayroſo, do que depois ſe moſtrara em repetidas occaſioens no ſerviço da Monarchia de Heſpanha por muitas partes de Europa, occupando pelo ſeu valor, e diſpoſiçaõ grandiſſimos póſtos, os quaes ſendo dos mayores da milicia, ficaraõ ainda inferiores à ſua fama, que eternizou o ſeu nome, para viver por memoria na poſteridade.

Nelle vay Paulo de Parada.

81 Foraõ os Hollandezes com dous mil infantes em vinte naos ſobre a Ilha de Itamaracá, que dá o nome a toda a ſua Capitanîa (a qual dei-

Vaõ os Hollandezes a tomar a Ilha de Itamaracá.

xámos já defcripta no livro fegundo defta Hiftoria.) Pelo efpaço de mar, que cerca a Ilha para a parte da Villa de Guayana, tem duas barras; na mais capaz entraraõ os inimigos, e faltando em terra para ganharem a Ilha, ou lograrem o faco, foraõ valerofamente refiftidos do Capitaõ môr Salvador Pinheiro, que animando aos poucos moradores della, fe lhes oppoz com mayor refoluçaõ, que poder; e naõ confeguindo os noffos contrarios hum, nem outro intento, defaffogaraõ a ancia, que os levara àquella entrepreza, com levantarem na barra huma Fortaleza, em que deixaraõ muita artilheria, Soldados, e duas embarcaçoẽs, voltando as naos defta expediçaõ fem outro effeito para o Recife.

Saltaõ em terra; mas faõ refiftidos pelos noffos.

Deixaõ levantada na barra da Ilha huma Fortaleza.

82 Careciaõ os Pernambucanos de hum foccorro mais poderofo, com que podeffem de huma vez arrancar aquella perniciofa planta, que hia já eftendendo as raizes, antes que as lançaffe mais dilatadas, e mais profundas: fupplicavaõ a Caftella por huma Real Armada, que os livraffe daquelle jugo Hollandez, que taõ vifinho, e com tanto poder lhes ameaçava mayores eftragos: reprefentavaõ, que unidas as Armadas Caftelhana, e Portugueza, como na reftauraçaõ da Bahia, poderiaõ lograr o mefmo triunfo, expulfando aos inimigos com o proprio fucceffo. Porém na Corte de Madrid fe refolveo, que a guerra de Pernambuco fe fizeffe lenta, fem fe ponderar o damno, que recebiaõ aquelles Vaffallos na dilaçaõ, (debeis já as fuas forças pelas continuas pelejas, que

Pedem os moradores de Pernambuco huma Armada Real com o exemplo da Bahia.

que em numero taõ inferior aos inimigos tinhaõ com elles inceſſantemente) ſendolhes quaſi impoſſivel podellos reſiſtir em tempo mais continuado.

83 Ouviaõ o Rey, e os Miniſtros as vozes, mas naõ differiaõ às ſupplicas; porque eſtava deſtinada àquella nobiliſſima Provincia mais duraçaõ de calamidades para mais caſtigo, ou para mayor gloria dos Pernambucanos. Reſpondiaõ os Miniſtros de Caſtella, que para taõ grande expediçaõ eſtava exhauſta de cabedaes, e gente Heſpanha; neceſſitadas naquella occaſiaõ as ſuas coſtas de ſerem aſſiſtidas das ſuas Armadas: e ſó lhes mandaraõ o ſoccorro, que o tempo lhes permittia, ordenando, que D. Antonio de Oquendo, que hia comboyar os galeoens para as Indias de Heſpanha, chegaſſe à Bahia a informarſe do eſtado da guerra de Pernambuco, para diſpor a fórma, em que ſe haviaõ de encaminhar os ſoccorros, que trazia para aquella Capitanîa, e para a da Paraiba.

Conſeguem hum moderado ſoccorro com o Conde de Banholo, conduzido primeiro à Bahia por D. Antonio de Oquendo.

84 Conſtavaõ ambos de mil infantes entre Portuguezes, Heſpanhoes, e Italianos; eſtes, e os Heſpanhoes governados por Joaõ Vicencio de S. Feliche, Conde de Banholo. Partio D. Antonio de Oquendo de Lisboa, e chegou com viagem breve à Bahia, que ainda governava Diogo Luiz de Oliveira, com quem conſultou (ſegundo os aviſos, que tinha do eſtado, em que ſe achava Pernambuco) o meyo de introduzir os ſoccorros nas referidas Praças.

85 Naõ ceſſava a Companhia Occidental de

Hollanda em fazer para a conquista de Pernambuco novas despezas, segurando na repetiçaõ de humas os interesses de todas. Tinha enviado no principio deste anno de mil e seis centos e trinta e hum algumas naos, que no Recife desembarcaraõ dous mil infantes, e muitos bastimentos; e logo tendo noticia, que D. Antonio de Oquendo levava à Bahia o que se havia de enviar a Pernambuco, mandaraõ outra Armada, em que veyo por General do mar Adriaõ Patry, a cujo nome tinha já grangeado attenções a fama das suas vitorias. Com a mesma presteza com que chegou, dispoz vir à altura da Bahia esperar, que sahisse a nossa Armada, para se bater com ella, reforçando a sua com as melhores naos, e a mais escolhida gente, que tinhaõ os Hollandezes no Recife; como devia eleger, sahindo contra hum taõ grande Capitaõ, que ainda quando o naõ podesse vencer, lhe bastara a gloria de o intentar.

Anno de 1631.

Continuos soccorros, que de Hollanda vinhaõ aos inimigos.

Adriaõ Patry seu General do mar.

Chega a Pernambuco, e sahe do Recife a esperar a nossa Armada na altura da Bahia.

86 Era D. Antonio de Oquendo grandissimo Soldado, o mais perito, e valeroso Cabo, que em muitos seculos teve a milicia naval de Hespanha; contava os triunfos pelos conflictos, mostrandose até aquelle tempo taõ esforçado, como venturoso. Tinha feito alguma precisa demora na Bahia pela causa, que deixamos referida, e sahio della, conduzindo sessenta embarcações, em que se contavaõ as vinte da sua Armada, vinte e oito, que hiaõ para Portugal carregadas de assucar, e dos outros generos deste Paiz, e doze caravelas, que levavaõ os soccorros para a Paraiba, e Pernambu-

Qualidades de D. Antonio de Oquendo.

Sahe da Bahia com as naos de guerra, e de carga.

nambuco com o Conde de Banholo, e Duarte de Albuquerque Coelho, que viera naquella Armada para passar à Capitanîa, de que era Donatario, a concorrer com a pessoa, e com o poder para a sua restauraçaõ, ou a ser companheiro da sua desgraça, posto que levasse a Pernambuco mais ostentações, que utilidades.

87 Dez dias depois de levar as ancoras do porto da Bahia a nossa Armada, foy vista da inimiga, e descobrindo-se ambas, se dispuzeraõ à peleja, concorrendo o mar, e o vento com todas as disposições para o combate, e servindo ao estrago, e ao triunfo de huma, e outra Naçaõ. Rara vez concedeo o Oceano as suas cristalinas campanhas, para palanque de mais horrendo singular desafio entre duas naos, e dous Generaes; porque avançando-se as duas contrarias Capitanias, (com tal brevidade, que a artilheria dellas naõ teve tempo para mais operaçaõ, que a de huma carga) atracadas pelejavaõ, como em campo raso, peito a peito, e braço a braço.

Pelejaõ as duas Armadas.

88 Accesos no fogo da mosquetaria os troncos dos mastros, abrazadas as vélas, e as enxarcias, era tudo horror, e tudo incendio. A fortuna, que havia sido parcial de ambos os Capitães em diversos conflictos, esteve neste sete horas indifferente, sem resolver a qual delles se havia de inclinar; até que accendendo-se na cuberta da Capitania inimiga hum fogo inextinguivel, que a hia consumindo, tratou a nossa de se desatracar; o que naõ conseguira, se huma das nossas

Dura muitas horas o conflicto.

naos

naos lhe naõ dera hum cabo, com que se pode apartar do incendio ateado na Capitania Hollandeza, de donde muitos inimigos fugindo ao fogo, salvaraõ na nossa as vidas a dispendio das liberdades, como alguns dos nossos Soldados fizeraõ tambem nas naos inimigas.

Vence a nossa Armada a Armada inimiga.

89 O General Adriaõ Patry, que certo do seu inevitavel perigo, já se contentava com que a ruina da Capitania Hollandeza acompanhasse a Hespanhola, vendo agora, que desatracara, e que a sua ficara para perecer do incendio, naõ procurando salvarse na nossa, por naõ servir ao triunfo do nosso General, quiz ser singular na eleiçaõ da morte, acabando a vida a seu proprio voluntario impulso, antes que chegasse a perdella ao rigor das chammas, de que naõ podia livrarse, fazendo vaidade de ter escolha na ultima desgraça, se lançou ao mar armado, e envolto no Estandarte da sua Republica, a qual podera levantar Estatuas à sua posteridade, posto que este seu famoso Capitaõ, querendo pouparlhe os mausoleos, escondesse no profundo do Oceano o seu cadaver.

Desespera de salvarse o General Hollandez, e se lança ao mar.

90 Nas outras naos de ambas as Armadas houveraõ iguaes destroços; a Almirante contraria, rendendo a hum dos nossos galeoens, a meteo a pique a nossa Almirante; os nossos navios fizeraõ o mesmo a tres dos seus; e finalmente destroçados huns, e outros, se retiraraõ os inimigos. A nossa Armada se reparou dos damnos em tres dias; e passados, navegou a Castelhana para as Indias, as naos de carga para Portugal, e as caravelas

Reparadas as naos da nossa Armada, proseguem as suas viagens.

las do ſoccorro para Pernambuco, onde deſembarcaraõ em hum porto, chamado a Barra Grande; e caminhando trinta legoas por fragoſos tranſitos de terra, chegou o ſoccorro ao noſſo Arrayal do Bom Jeſus, com grande contentamento do noſſo Exercito.

As caravelas do ſoccorro chegaõ a Pernambuco, e deſembarcaõ na Barra Grande.

91 Tornando para o Recife as naos da Armada inimiga com a noticia da perda do ſeu General, quizeraõ os do Conſelho vingarlhe a morte com algum golpe, que nos fizeſſe mais ſenſivel impreſſaõ. Deſampararaõ a Cidade de Olinda, porque tendo dividido entre ella, e o Recife o ſeu poder, e naõ conſeguindo darſe as mãos ſem perda de gente, julgaraõ aquella Praça de mayor prejuizo, que utilidade às ſuas emprezas; e pondolhe o fogo, foy mais poderoſo o incendio para o conſumir, que as lagrimas dos Paizanos, e Catholicos para o apagar. Arderaõ os Sagrados Simulacros, e as Aras naquelle fogo, que ſe naõ accendia em ſacrificios, mas em ſacrilegios.

Poem os inimigos fogo à Villa de Olinda.

92 Enviaraõ os inimigos tres mil homens em trinta naos, a ganhar a Capitanîa da Paraiba, cujo commercio, e Fortaleza eraõ muy conducentes aos intereſſes dos ſeus cabedaes, e ao progreſſo das ſuas conquiſtas. Governava aquella Provincia Antonio de Albuquerque, e valeroſamente a defendeo; mas carregando os inimigos para a dita Fortaleza, huma legoa diſtante da Cidade, ſahio della, e com muito inferior numero de gente lhe fez muito damno em hum porfiado combate; porém naõ pode impedirlhes o ganharem por entaõ

Vaõ ſobre a Paraiba.

Tomaõ a Fortaleza, e depois ſaõ expulſos della.

taõ a Fortaleza, que depois de alguns mezes de ſitio com os ſoccorros, que do noſſo Arrayal mandara Mathias de Albuquerque, os obrigámos a largalla, e a retiraremſe.

Vaõ ſobre o Rio Grande, e naõ os deixaõ entrar naquella Capitanîa.

93 Recolhidos ao Recife, ſahio outra Eſquadra das ſuas naos ſobre a Capitanîa do Rio Grande, que governava Cypriaõ Pitta Portocarreiro; mas achando-o prevenido com o ſoccorro, que lhe fora da Paraiba, naõ ſó defendeo a Praça, mas impedio aos inimigos o ingreſſo na campanha; porque mandando rebanhar algum gado, o naõ levaraõ, defendido pela noſſa gente. Tornando ao Recife os Hollandezes, foraõ de novo à Ilha de Itamaracá, e tiveraõ o proprio ſucceſſo. Intentaraõ interprender o Cabo de Santo Agoſtinho, a cujo porto (naõ inferior, antes melhor, que o do Recife) hiaõ já acudindo com o noſſo commercio as noſſas embarcações. Governava os dous Reductos, que o Conde de Banholo alli tinha levantado, Bento Maciel Parente, o qual com a gente, com que ſe achava, e com outra, que logo do noſſo Arrayal ſe lhe enviara, reſiſtio, e rechaçou aos inimigos, os quaes imaginando ſer mayor o ſoccorro, que nos chegara, ſe retiraraõ confuſa, e apreſſadamente.

O meſmo lhe ſuccede em Itamaracá, e no Cabo de Santo Agoſtinho.

Sahem com grande poder contra o noſſo Arrayal, e ſaõ rechaçados, e mortos, ſendo hum delles o ſeu General.

94 De novo determinaraõ aſſaltar com grande poder ao noſſo Arrayal; reſoluçaõ, que executaraõ Quinta feira Santa, dia em que elles ſabiaõ, que os Portuguezes eſtavaõ occupados nas Sagradas Ceremonias da noſſa Igreja Catholica. Mas acudio Deos a caſtigar o ſacrilegio, que naquella cele-

celebridade commettiaõ contra a noſſa Religiaõ; porque dandonos hum geral aſſalto os inimigos, foraõ desbaratados pelos noſſos Capitães, e Soldados, que no combate, e no alcance lhes mataraõ, e feriraõ muitos infantes, ficando na campanha morto o ſeu General Lourenço de Rimbach, ſucceſſor no poſto de Theodoro de Uvandemburg, que pouco antes tinha partido para Hollanda.

95 Porém creſcendo continuamente no Recife aos inimigos os ſoccorros de Hollanda, e achando-ſe com ſete mil homens de guerra, quando os Portuguezes a penas contavaõ mil e duzentos, divididos por taõ differentes eſtancias, acudindo a taõ diſtantes partes, debilitados de tantas, e taõ continuas marchas, e pelejas; abundantes os contrarios dos muitos baſtimentos, e viveres, que de Europa lhes conduziaõ as ſuas naos, faltos os noſſos até do preciſo alimento para ſuſtentar as vidas, (porque os lavradores com a viſinhança do perigo, deixavaõ a cultura dos campos) chegava a exceſſivo preço algum genero comeſtivel, que ſe deſcubria, ſendo ainda mais caro em apparecer, que em ſe reputar.

Poder com que ſe achavaõ os inimigos pelos ſoccorros grandes, que de Hollanda lhes hiaõ.

Debilidade em que ſe viaõ os Portuguezes, faltos de gente, e mantimentos.

96 Por eſta cauſa experimentava huma geral neceſſidade toda a noſſa gente; e por acudir a tanta oppreſſaõ, reſolveo o General Mathias de Albuquerque fazer hum pedido por todos os moradores mais ricos de Pernambuco, arbitrando a quantia de quarenta mil reis por cada hum, ou a irem reſidir no Arrayal os que naõ quizeſſem contri-

Manda o noſſo General fazer hum pedido pelos moradores de Pernambuco.

contribuir com eſta impoſiçaõ; meyo, que ſe julgou neceſſario para reparar em parte o mal, que ſe padecia. Encarregou eſta ordem a Sebaſtiaõ da Rocha Pitta, avô do Author, que no Arrayal aſſiſtia com muita gente à ſua cuſta, por ſer huma das primeiras, e mais poderoſas peſſoas de Pernambuco, que no ſerviço do Rey, e da Patria juntava ao merecimento do valor a deſpeza do cabedal. Na ordem, que lhe deu por eſcrito, a qual ainda hoje ſe conſerva, e contém termos, e palavras mais decoroſas das que coſtumaõ os Generaes uſar com os Vaſſallos, lhe concedeo poderes ſobre todos os Capitães mores, e Juſtiças daquelles deſtrictos, dandolhe tambem faculdade para a delegar nas peſſoas, que elegeſſe por aquellas partes, a que a ſua naõ podeſſe ir. Do zelo, e cuidado, com que Sebaſtiaõ da Rocha Pitta a ſoube executar, reſultou grande utilidade ao noſſo Arrayal, porque foraõ muitos moradores aſſiſtir em o noſſo Exercito; e os que ſe acharaõ impoſſibilitados para o fazer, contribuiraõ com a impoſiçaõ dos quarenta mil reis, que déraõ, huns em dinheiro, outros em gado; com cujo ſoccorro pode reſpirar, e ſuſtentarſe algum tempo a noſſa gente.

Encarrega eſta ordem a Sebaſtiaõ da Rocha Pitta.

Anno de 1632.

Zelo com que a executa.

97 Eſtavaõ decretados vinte e quatro annos de miſerias na ſogeiçaõ dos Hollandezes aos Pernambucanos, e a verem reduzidos a ruinas os fauſtos, e cabedaes, com que ſerviraõ à vaidade, taõ eſquecidos da virtude, que ainda nos que pareciaõ mais ajuſtados na vida, lhes era inſeparavel

vel culpa a ſoberba; ſendo agora caſtigados da altiſſima Providencia, que diſpoz ſerem tratados como eſcravos, os que tanta jactancia faziaõ de ſer Senhores. Por eſta cauſa permittio, que naõ chegaſſem no termo do referido tempo a ter ſoccorros do ſeu Monarcha, equivalentes a libertallos do jugo eſtranho, e que até dos poucos, que lhes enviara, lhes chegaſſe a menor parte; como neſte anno de mil e ſeis centos e trinta e tres aconteceo aos que conduziaõ Franciſco de Soutomayor, e Franciſco de Vaſconcellos da Cunha, de cujos navios, Soldados, e baſtimentos foraõ raros os que chegaraõ a juntarſe ao noſſo Exercito, reprezados, e rotos os mais pelos inimigos; e pela meſma ſuperior cauſa era já inutil a noſſa conſtancia.

Anno de 1633.

98 Exercia o poſto de General dos Hollandezes Sigiſmundo Uvandeſcop, que ſuccedera nelle a Lourenço de Rimbach, morto na campanha pelo noſſo ferro, como temos moſtrado. Era Sigiſmundo mais reſoluto, ou mais venturoſo, que o ſeu anteceſſor; e naõ perdendo tempo de moſtrar a ſua ouſadia, e tentar a ſua fortuna, diſpunha continuas expediçóes, encaminhadas a varias partes; e como por diſpoſiçaõ Divina eſtavaõ determinados os caſtigos de Pernambuco, de que eraõ ſegundas cauſas, e inſtrumentos os Hollandezes, naõ podia fazer o valor Portuguez reſiſtencia igual a huma empreza, em que naõ ſó parecia difficil, mas quaſi impoſſivel a oppoſiçaõ.

99 Foraõ ganhando os inimigos muitas Pra-

ças: tomaraõ a Capitanîa de Itamaracà; largamoſlhes a Villa de Igaraçû; tornando à Provincia do rio Grande, a ganharaõ, e com o meſmo curſo de vitorias ſenhorearaõ a Povoaçaõ do Pontal no Cabo de Santo Agoſtinho, e a Provincia da Paraiba; poſto que em todas eſtas partes lhes pleiteou a poſſe a noſſa conſtancia, mais que o noſſo poder, cuja debilidade cedeo à fortuna do vencedor; a quem naõ ajudou pouco a rebeliaõ dos Gentios daquelles deſtrictos, que tomaraõ a ſua voz, exceptos os poucos fieis, que atè a ultima deſgraça ſeguiraõ as noſſas armas.

100 A hum meſmo tempo diſenharaõ os inimigos duas emprezas, e dividido o ſeu poder em duas partes, huma foy ſobre o noſſo Arrayal do Bom Jeſus, e outra ſobre a Fortaleza de Nazareth no Cabo de Santo Agoſtinho. Pouco antes deſta ſua reſoluçaõ, tinha Mathias de Albuquerque com o Conde de Banholo paſſado a Villa Fermoſa de Serinhaem, por lhes parecer ſitio mais proporcionado, que o do Arrayal, para remetterem os ſoccorros, onde os pediſſe a neceſſidade. Mandou os que pode ao Arrayal, e à Fortaleza de Nazareth, cujos defenſores, depois de terem feito no curſo de muitos mezes inſignes actos de valor, incriveis provas de conſtancia, e padecido as mayores neceſſidades, faltandolhes a eſperança de outros ſoccorros, por terem já os inimigos tomado a todos o paſſo, ſe lhes renderaõ com honradiſſimas condições.

Anno de 1634.

101 Ordenou logo Mathias de Albuquerque ao

Paſſa o Conde de Banholo a ſegurar Porto Calvo, e logo o deſampara, e ſe paſſa para as Alagoas, onde ſe lhe foy juntar Mathias de Albuquerque.

ao Conde de Banholo paſſaſſe a Porto Calvo, para ſegurar aquella Povoaçaõ, aonde ſe haviaõ de encaminhar os inimigos. Chegou àquella Villa o Conde, mas apenas deſembarcaraõ nella os Hollandezes, a deſamparou, paſſando à Povoaçaõ das Alagoas, onde ſe lhe foy juntar Mathias de Albuquerque com as reliquias do noſſo Exercito, por ſeguirlhe os paſſos, ou por entender, que na impoſſibilidade de reſiſtir aos inimigos, naõ tinha em toda a Provincia de Pernambuco outro lugar, em que ſe fortalecer.

Juizo das acções do Conde de Banholo.

102 Era a vontade do General Mathias de Albuquerque inſeparavel da do Conde de Banholo, e parecia naõ ter operaçaõ propria, ſendo as do Conde o objecto das queixas, e murmurações commuas, já lhe achacavaõ faltas de valor, já lhe arguhiaõ intelligencias com os inimigos; e neſtas impoſturas padecia o ſeu credito, com a opiniaõ de desleal, ainda mayor infamia, que a de cobarde; e verdadeiramente as ſuas acções deraõ materia para eſtes diſcurſos, pois naõ correſpondeo em Pernambuco à fama do ſeu talento, nem à confiança, que ſe fez da ſua peſſoa para a defenſa daquellas Provincias.

103 Em todas as occaſioens mais diſpunha as retiradas, que os combates: ſeguido dos inimigos até a Provincia de Serzipe, nunca lhes moſtrou a cara. As palmas, que naõ ſoube merecer em Pernambuco, vinha alcançar na Bahia, onde inopinadamente (como em ſeu lugar diremos) defendeo a Praça do ſitio, que lhe poz o Conde

de

de Naſſau; e neſta occaſiaõ reſtaurou a reputaçaõ, que em tantas havia perdido: ſe foy fortuna, teve votos de esforço, e de pratica militar, alcançando delRey Catholico, por eſte ſerviço, premios aventajados aos ſeus merecimentos.

Anno de 1635.

104 Chegou neſte anno de mil e ſeis centos e trinta e cinco o noſſo ſuſpirado ſoccorro, mas taõ deſigual à eſperança, e neceſſidade de Pernambuco, que fez mais laſtimoſa a ſua ruina. Quando o cauterio naõ he poderoſo a curar a chaga, ſó ſerve de aggravar a ferida. Veyo junto em duas Eſquadras; huma Caſtelhana, governada por D. Lope de Hozes, outra Portugueza, por D. Rodrigo Lobo. Aviſtaraõ ambas o Recife, e podendo ganhar aquella Praça de armas dos inimigos, e tirarlhes o unico porto das ſuas Armadas, que naõ podiaõ agora reſiſtir à noſſa, por naõ ſe achar com gente, diſperſos, e divididos os Hollandezes por tantos Preſidios, quantas eraõ já as conquiſtas, que tinhaõ feito.

Chega o noſſo ſoccorro com o Meſtre de Campo General D. Luiz de Roxas e Borja.

105 Sendo aconſelhado D. Lope a eſta entrepreza, a naõ quiz intentar, deſculpando-ſe com a preſſa, que o trazia a pôr na Bahia a Pedro da Sylva, (que vinha ſucceder a Diogo Luiz de Oliveira) e voltar para as Indias de Heſpanha. Sem outra operaçaõ entraraõ as noſſas naos na barra das Alagoas, onde lançaraõ o ſoccorro, e a D. Luiz de Roxas e Borja, que hia ſucceder a Mathias de Albuquerque com o titulo de Meſtre de Campo General do Marquez de Vallada, o qual ficara prevenindo mayor poder

em

em Heſpanha, mas naõ chegou a paſſar ao Braſil.

106 Deixando nas Alagoas o ſoccorro, ſeguio a noſſa Armada a viagem da Bahia, de cujo Governo tomou poſſe o Capitaõ Geral Pedro da Sylva. E promptas as naos das duas Eſquadras, partio D. Lope de Hozes a comboyar a Frota das Indias a Heſpanha, e D. Rodrigo Lobo ſe demorou alguns dias, para conduzir a da Bahia a Portugal. Sahio D. Lope, e a pouco tempo de navegaçaõ pelejou com oito naos Hollandezas, ſem perda conſideravel de huma, nem de outra parte; poſto que lhe foy preciſo, por reparar os navios da ſua Eſquadra, tornar à Bahia, de donde brevemente ſahiraõ ambas, tomando cada huma a derrota do ſeu Regimento.

Toma poſſe do Governo da Bahia o General Pedro da Sylva.

107 Em a noſſa ſe embarcou Diogo Luiz de Oliveira, tendo procedido no Braſil com o valor, e acerto, que ſempre moſtrara em outras partes da Monarchia em ſerviço delRey, que agora lhe decretara a empreza de expulſar os Hollandezes de Curaçâo nas Indias Occidentaes; porque na grandeza dos Monarchas huns ſerviços ſaõ habilitações para outros, e na conſtancia dos Heroes ficaõ ſendo huns perigos premio de outros perigos. Neſta meſma occaſiaõ paſſou o General Mathias de Albuquerque; e chegado a Portugal, paſſou a Madrid, de donde foy remettido prezo para o Caſtello de Liſboa.

Embarca-ſe Diogo Luiz de Oliveira para Portugal.

108 Naõ deſcançava D. Luiz de Roxas e Borja, novo Governador das noſſas armas, no

cuidado de as empregar com golpes, que vingassem os nossos estragos, e augmentassem a sua gloria. Sabendo, que Sigismundo Uvandescop estava em Porto Calvo, determinou ir ganhar aquella Villa; e deixando ao Conde de Banholo na das Alagoas, mandou diante a Manoel Dias de Andrada, (hum dos seus Tenentes) com parte da Infanteria, seguindo-o com o resto do Exercito. Teve o General Hollandez anticipada noticia, e desamparando a Villa, se poz em salvo no Recife com seis centos infantes. Entrarão em Porto Calvo os Portuguezes, que forão diante, e logo o Mestre de Campo General com toda a Infanteria, applicando-se ao reparo das ruinas, que os inimigos tinhão feito assim na Igreja Matriz, como nas casas particulares, sumptuosos aposentos de nobilissimas Familias, que desde a fundação da Provincia de Pernambuco tinhão feito assento naquelle destricto.

Vay o Mestre de Campo General a Porto Calvo.

Retira-se Sigismundo para o Recife.

109 Tendo noticia o Coronel Christovaõ Arquichofe, que D. Luiz de Roxas fora a Porto Calvo contra Sigismundo, e ignorando, que este se houvesse já ausentado, o foy soccorrer com mil e quinhentos homens, tirados das Fortificações da Peripoeira, que governava; de cujo movimento informado D. Luiz, sahio a encontrallo com inferior numero de gente, sem consultar aos Cabos, nem ter experiencia do terreno. Teve com os inimigos hum choque, que suspendeo a noite, ficando de huma, e outra parte muitos mortos, e feridos, e em mayor numero na dos contra-

O Coronel Christovaõ Arquichofe vay em soccorro de Sigismundo a Porto Calvo.

Tem com elle hum choque Dom Luiz de Roxas.

contrarios; mas paſſando as horas do ſono em conſiderações o noſſo Meſtre de Campo General, e os noſſos Cabos, culpando eſtes o muito, que aquelle ſe empenhara, e ponderando o perigo, em que eſtavaõ com taõ pouca gente, ſe determinou mandar vir do Porto Calvo, a que deixara naquella Povoaçaõ; eſtando o noſſo Exercito em hum poſto eminente, onde ſeguro de ſer acometido, a podia eſperar.

Determinaõ os noſſos Cabos, que ſe mande vir a Infanteria do Porto Calvo.

110 Porém naõ pode o animo de D. Luiz de Roxas reſtringirſe aos termos da prudencia; porque deſcubrindo de manhãa aos inimigos, impellido do natural furor, contra o que na noite antes ſe tinha determinado, os mandou avançar; e travando-ſe a peleja, depois de ſe pleitear por muitas horas entre ambas as partes a vitoria, perdemos a batalha, e o noſſo Meſtre de Campo General a vida, mais inutil, que glorioſamente. Eſte fim teve D. Luiz de Roxas e Borja, cuja fama tinha já dado naõ pequeno brado, e cujo talento, benemerito de melhor fortuna, promettia mayores eſperanças. O ſeu valor teſtemunharaõ as campanhas de Flandes, e das Indias; às ſuas veas déraõ o ſangue as eſclarecidas Caſas de Lerma, e Gandia. He a ſua memoria crédora de attenções; poſto que naõ póde acontecer a hum Capitaõ mayor deſgraça, que ficar ſendo exemplar de laſtimas.

Sem embargo deſta reſoluçaõ os acomete D. Luiz com deſigual poder.

Perde a batalha, e a vida.

Anno de 1636.

Juizo ſobre o ſeu talento.

111 Os Hollandezes, ainda que vencedores, ficaraõ taõ cortados do noſſo ferro, que naõ ouſaraõ em ſeguimento da vitoria marchar para

Porto Calvo; mas cheos de pavor, e eſpanto, deixando no campo muitos mortos, e levando innumeraveis feridos, ſe retiraraõ com o ſeu Coronel para a ſua Fortificaçaõ da Peripoeira, de donde tinhaõ ſahido. Abertas as vias da ſucceſſaõ, que trouxera o Meſtre de Campo General D. Luiz de Roxas e Borja, ſe achou nomeado para lhe ſucceder no cargo o Meſtre de Campo Joaõ Ortiz, Heſpanhol, que fora morto algum tempo antes pelos inimigos nas Alagoas; e no ultimo lugar o Conde de Banholo, com geral ſentimento dos Portuguezes.

Retiraõ-ſe os Hollandezes para as ſuas Fortificações da Peripoeira.

Vem nomeado por ſeu ſucceſſor o Conde de Banholo. Encarrega-ſe do Governo com geral ſentimento dos Portuguezes.

112 Por eſta cauſa perſuadiaõ no Porto Calvo ao Tenente General Manoel Dias de Andrada, ſe encarregaſſe do Governo; e nas Alagoas rogavaõ o meſmo a Duarte de Albuquerque, que como Senhor de Pernambuco, ficara pela auſencia de ſeu irmaõ Mathias de Albuquerque com o governo politico, por ordem delRey naquella Provincia. Porém cada hum deſtes Capitães agradecendo o rogo, e eſtranhando o conſelho, ſe conformaraõ em o deſprezar, attentos à obediencia da nomeaçaõ Real, cuja diſpoſiçaõ ſó deviaõ ſeguir.

113 Com o novo titulo, e poder o Conde de Banholo, juntando as reliquias do noſſo Exercito, ſe diſpunha a ficar nas Alagoas; mas perſuadido a ir ao Porto Calvo ſegurar no noſſo dominio aquella Villa mais viſinha à campanha, que dominavaõ os inimigos, paſſou a ella, onde reſidio, em quanto elles o naõ inquietaraõ; porém chegan-

Paſſa a Porto Calvo.

chegando ao Recife, no principio do anno de mil e ſeis centos e trinta e ſete, Joaõ Mauricio, Conde de Naſſau, com o ſupremo Governo das armas de Hollanda no Braſil, e informado, que o Conde de Banholo exiſtia no Porto Calvo, marchou a ganhar aquella Povoaçaõ.

Anno de 1637.

Chega de Hollanda ao Recife Joaõ Mauricio, Conde de Naſſau, e vay contra o de Banholo a Porto Calvo.

114 Fez conſelho o Banholo, e votando todos os Cabos, que os noſſos Soldados praticos no Paiz (em que os inimigos eraõ biſonhos) os eſperaſſem entre os matos, para lhes cortarem os paſſos, principalmente em hum eſpaço de cinco legoas de caminho alagadiço, que preciſamente haviaõ de paſſar, ſendo facil aos Portuguezes deſbaratallos nelle, e impedirlhes o tranſito com tanta mais perda ſua, que noſſa, quanto era mayor o ſeu poder, ao qual naõ podiamos oppornos em campanha raza; naõ ſe acommodando o Banholo a eſte parecer, guarneceo a Fortaleza, e dividio alguma Infanteria por varios póſtos; onde ſendo taõ pouca, era certa a perdiçaõ, e quaſi impoſſivel a defenſa; e elle ſe poz em hum Reducto, que por mais diſtante, lhe pareceo mais ſeguro, de donde enviou todo o ſeu fato para as Alagoas, acçaõ com que moſtrara a fuga, que diſpunha.

Faz o Banholo conſelho, e diſpoem contra o parecer de todos os Cabos.

Manda o ſeu fato para as Alagoas.

115 Defenderaõ-ſe na Povoaçaõ os Portuguezes ſem mais eſperança, que a de venderem caras as vidas; e quando aguardavaõ algum ſoccorro, ou ordem do Conde de Banholo, ſouberaõ, que ſe tinha auſentado para as Alagoas, levando quaſi por força a Duarte de Albuquerque,

E logo ſe auſenta para ellas.

e ao Tenente General Manoel Dias de Andrada, a fim de que o ſeguraſſem de algum tumulto da Infanteria, a qual ordenou que o ſeguiſſe, deixando deſamparados os Cabos, e Soldados, que occupara nos póſtos da Villa, e na defenſa da Fortaleza. Retiraraõ-ſe os que poderaõ, naõ podendo obrar mais; e a Fortaleza ſe defendeo ainda muitos dias.

Defende-ſe a Fortaleza muitos dias, e faltandolhe ſoccorro, ſe entrega.

116 Por naõ terem eſperança do ſoccorro, capitularaõ a entrega com decoroſas condições, que pontualmente lhe foraõ guardadas pelo Conde de Naſſau, o qual marchou para as Alagoas em ſeguimento do de Banholo, que apoſtado a fugirlhe, ſe paſſou para o rio de S. Franciſco, onde podera moſtrarlhe o roſto, fazendo-ſe forte com a Infanteria, Cabos, e moradores, que levava retirados, por ſer ſummamente defenſavel aquelle deſtricto; mas ſeguido do Naſſau, ſe paſſou com a meſma velocidade para a Cidade de S. Chriſtovaõ de Serzipe, onde ſendo mandado deſalojar por Sigiſmundo, o naõ quiz eſperar o Banholo, a pezar da muita gente que levava, e com ella ſe poz em ſalvo na Bahia.

Vay o Conde de Naſſau às Alagoas em ſeguimento do de Banholo, e na meſma diligencia ao rio de S. Franciſco.

Envia atraz delle Sigiſmundo a Serzipe.

117 O Conde de Naſſau acabando em breve tempo huma Fortaleza, que levantou na barra da Villa do Penedo, (ultimo limite da Provincia de Pernambuco para a parte do Sul) voltou para o Recife, delineando novos progreſſos. Parecialhe, que a grandeza do ſeu nome, e da ſua fama naõ baſtava conſervar, e defender aquellas conquiſtas, ſe com mayores emprezas as naõ

adianta-

adiantava. Eraõ os ſeus penſamentos taõ altos, como a ſua Familia de grande hierarchia em Alemanha, onde fora Emperador ſeu Aſcendente Adolfo, Conde de Naſſau. Só com a opulencia da Bahia ſe podiaõ ajuſtar as medidas do ſeu animo, taõ ambicioſo da gloria de a conquiſtar, que appreſſando o tempo à execuçaõ, e applicando os meyos, e inſtrumentos para taõ grande empreza, ſahio do Recife com quarenta naos, e oito mil homens de mar, e guerra.

Idéas do Conde Joaõ Mauricio de Naſſau.

118 Trazia nellas os melhores Cabos, e a Infanteria mais eſcolhida, que tinha a Companhia de Hollanda nas Praças, que nos tomaraõ; e de todas eſcolheo a milicia, de que fizera a mayor confiança, para eſte empenho de taõ relevantes conſequencias à ſua fama, aos intereſſes da Companhia, e dos Eſtados. Aos quatorze de Abril do anno de mil e ſeis centos e trinta e oito appareceo a ſua Armada, e entrando pela barra da Bahia, penetrou toda a ſua enſeada, fazendo viſtoſo alarde de bandeiras, flamulas, e inſtrumentos bellicos, que cauſaraõ hum fermoſo horror nos animos de todas as peſſoas, que ſe achavaõ na Cidade.

Sahio do Recife, entrou pela barra da Bahia em 14. de Abril.

Anno de 1638.

119 Diverſos effeitos, e diſcurſos obrou nellas eſta inopinada guerra; mas todos conformes, e ordenados à ſegurança da Praça, para cuja defenſa concorreo muito acharemſe na Bahia os Cabos, milicias, e moradores retirados das Capitanías de Pernambuco, que neſta occaſiaõ vieraõ a ſer o mayor obſtaculo ao Conde de Naſſau, e entaõ

Diſcurſos, e preparações para a defenſa.

taõ conhecera o erro, que commettera em as fazer retirar para eſta Praça ao meſmo tempo, que ſe diſpunha a conquiſtalla; pois aſſiſtida de milicia, e gente taõ valeroſa, que em taõ varias partes com tanta conſtancia, esforço, e pratica militar lhe pleitearaõ a poſſe das ſuas conquiſtas, lhe fazia eſta quaſi impoſſivel; cauſa, de que reſultava muita confiança aos moradores, e ſó receavaõ as tibiezas do Conde de Banholo, agora disfarçadas com o pretexto da independencia do ſeu cargo ao Governador Geral Pedro da Sylva, por ſe achar com o meſmo poder de Mathias de Albuquerque, e de D. Luiz de Roxas, nas materias da guerra, iſentos da juriſdicçaõ do Capitaõ Geral do Eſtado.

Competencia do Conde de Banholo ſobre juriſdicções do poſto.

120 Porém o General Pedro da Sylva, conhecendo, que de menores accidentes reſulta a perdiçaõ dos diſenhos, e que por competencias de juriſdicções ſe perdem os Exercitos, cedendo em ſerviço do Rey, e da Patria o ſeu natural capricho, e hereditario valor, herdado dos ſeus glorioſos Progenitores, (illuſtriſſimos em Portugal pelo curſo de muitos ſeculos) e naõ querendo ainda em prejuizo proprio pôr em contingencias, e embaraços a cauſa publica, cedeo ao Banholo o governo da guerra, e da Praça, e como hum particular Soldado ſe diſpoz à defenſa della.

Entregalhe o Governador Pedro da Sylva o governo da guerra, e da Praça.

121 Eſta acçaõ, em que a fineza da lealdade venceo em Pedro da Sylva o vigor do esforço, (conhecido em muitas occaſioens) foy neſta entre os militares, e politicos avaliada com diffe-

rente

rente primor, do com que fora feita; porque ſempre no cataſtrofe dos juizos humanos prevalece a vaidade propria à utilidade commua, e à conſervaçaõ da Monarchia. Porém como os Principes tem por obrigaçaõ diſtinguir nos Vaſſallos os vicios, e as virtudes, por eſta o fez ElRey Catholico Conde de S. Lourenço; mas ſobindo a mayores quilates o brio de Pedro da Sylva, naõ quiz aceitar a merce, moſtrando neſta independencia mais acriſolada a ſua fidelidade: depois houve effeito em ſeu genro Martim Affonſo de Mello, caſado com D. Magdalena da Sylva, ſua filha, em cuja excellentiſſima Caſa permanece.

Por eſta acçaõ lhe dá ElRey o titulo de Conde de S. Lourenço, que naõ aceita.

122 Deſembarcou o Conde de Naſſau na praya de Tapagipe, mais de huma legoa da Cidade; diſpondo a fórma de acometella, tomou o Forte de Monſerrate, e o de S. Bartholomeo, que por naõ ſe entender, que deſembarcaſſe naquella parte, os naõ tinhamos guarnecidos. Aquartelouſe no outeiro, chamado do Padre Ribeiro (Sacerdote do habito de S. Pedro, que dera o appellido àquella eminencia, e a huma das melhores fontes da Bahia, por haver tido huma Quinta naquelle ſitio fronteiro à Cidade, em diſtancia de quaſi meya legoa.) Porém o Conde de Banholo, que com a ſuperioridade veſtira o poder, e a pelle de Leaõ, deixando a de ovelha, tinha diſpoſto a defenſa com grandiſſimo valor, e pratica militar, tanto mais admiravel, quanto nelle menos eſperada. Havia mandado varios troços com os mais esforçados Capitães a hoſtilizar aos inimi-

Deſembarca o Conde de Naſſau, e caminha para a Cidade, tomando alguns Fortes.

Aquartela-ſe meya legoa da Cidade.

Diſpoem o Conde de Banholo a defenſa com grande valor, e pratica militar.

gos

gos em diverſos póſtos do caminho; o que obraraõ com grande animo, e fortuna, matandolhe mais de ſeis centos homens, antes de chegarem à referida eminencia do Padre Ribeiro.

123 Marchou o Banholo com a mayor parte da Infanteria, Duarte de Albuquerque, e o Governador Pedro da Sylva, que de todas as ſuas ordens era o executor mais intrepido, e diligente. Aquartelou-ſe junto à Igreja de Santo Antonio (hoje Fregueſia) em huma trincheira, que naquelle lugar mandara levantar o Governador, e Capitaõ Geral Diogo Luiz de Oliveira; cujas ruinas reparou agora o Conde de Banholo com tal brevidade, que ſe achava já mais capaz de defenſa. Era o ſitio mais fronteiro, e viſinho aos inimigos, e nelle ſe obraraõ todas as facções, e combates deſta guerra, fazendo-ſe de huma, e outra parte os mayores actos de valor: os inimigos, por conſeguirem por aquella parte o tranſito para a Cidade; e nós pelo defender.

Fortifica-ſe com a Infanteria na trincheira, junto à Igreja de Santo Antonio.

124 Durou muitos dias a porfia: repetiraõ-ſe inceſſantemente os combates; e ao meſmo tempo da Armada inimiga choviaõ groſſas ballas de artilheria na Cidade, com mayor eſtrondo, que effeito, ſendo nella o ſuſto igual ao perigo, por verem a deſeſperaçaõ, com que o Conde de Naſſau expunha os ſeus Soldados, e Capitães a morrerem, ou a conſeguirem a empreza, vindo com os noſſos às mãos todos os dias em conflictos, que pareciaõ campaes batalhas. Mas deſeſperando da conquiſta, pedio ſuſpenſaõ de armas por hum

Varios conflictos.

Pede o Naſſau ſuſpenſaõ de armas.

hum dia, para ſepultar os mortos, a qual lhe foy concedida.

125 Via menos os ſeus melhores Cabos, e dous mil infantes, além de outro grande numero de feridos, na porfia de ganhar aquelle paſſo; e naõ ſe achando com poder, nem baſtimentos para continuar mais tempo a guerra, furtivamente ſe embarcou com o reſto do ſeu Exercito, deixando muitas peças de campanha, outras armas, e alguns viveres, que logo recolheraõ os noſſos Soldados. E detendo-ſe ainda a ſua Armada na enſeada da Bahia, deſaffogou a ſua pena pelas bocas de fogo da ſua artilheria, com que bateo dous dias a Cidade, parecendo ſalvas da noſſa vitoria, mais que laſtimas da ſua queixa; e com eſta inutil demonſtraçaõ voltaraõ para o Recife. Da noſſa parte morreraõ muitos Cabos, Officiaes, e Soldados, cujas faltas nos fizeraõ mais caro o triunfo.

Com falta de muita gente, entre mortos, e feridos levanta o cerco, e volta para o Recife.

126 Deraõ em Caſtella mayores brados os intereſſes da Monarchia, que os clamores do Braſil, reſolvendo-ſe agora ElRey Catholico a attender ao que com melhor ſucceſſo podera ter cuidado antes; e determinou enviar huma Armada taõ poderoſa, que podeſſe prometter, e ſegurar a reſtauraçaõ de Pernambuco, elegendo por General a D. Fernando Maſcarenhas, Conde da Torre, que vinha por Governador, e Capitaõ Geral do Braſil. Era o Conde de grande esféra por naſcimento, de muita ſuppoſiçaõ por valor, e taõ conſummado em outras virtudes, e na pratica

Reſolve-ſe ElRey de Heſpanha a mandar huma poderoſa Armada.

militar, que da geral approvaçaõ, com que se recebeo a sua eleiçaõ para esta empreza, se esperava a feliz execuçaõ della.

127 Partio de Lisboa em Outubro do anno de mil e seis centos e trinta e oito, com numerosa Armada Portugueza, da qual lhe morreo muita gente na altura de Cabo Verde, no tempo em que se deteve a esperar pela Castelhana, confórme o seu Regimento; a qual chegada, navegaraõ ambas a Pernambuco. Avistaraõ em Janeiro do anno de mil e seis centos e trinta e nove o Recife: e se tem por sem duvida se lhes rendera, pela pouca prevençaõ, com que naquella Praça se achavaõ os Hollandezes, extinctos, e cortados da viagem, e empreza da Bahia, se a nossa Armada fora sobre aquella Praça: porém trazendo o General ordem de vir para a Bahia, entrou nella, e tomou posse do Governo geral do Brasil, succedendo ao Governador Geral Pedro da Sylva.

Anno de 1639.

Chega com o seu General o Conde da Torre à Bahia: toma posse do Governo geral do Estado em que vinha provido.

128 Tornando a porse prestes a nossa Armada, sahio da Bahia, deixando o Conde da Torre entregue o Governo della a D. Vasco Mascarenhas, Conde de Obidos, depois Governador das Armas do Alemtejo, Vice-Rey da India, que logo veremos segundo Vice-Rey do Brasil. No largo tempo, que a Armada se demorou na Bahia, teve lugar o inimigo para se prevenir em Pernambuco, tendo-a visto passar o Cabo de Santo Agostinho. Lançou o Conde da Torre em o Porto do Touros (algumas legoas apartado do Recife) mil e trezentos homens, ordenandolhes fossem

Deixa no Governo da Bahia ao Conde de Obidos.

E passa à empreza das conquistas de Pernambuco.

ſem obſervando o lugar em que elle deſembarcaſſe, para ſe lhe irem juntar.

129 Porém à fatalidade dos Pernambucanos ſervindo tambem os elementos, ſe excitaraõ os ventos, e correraõ as aguas para o Sul com tal furor, e violencia, que naõ podendo as naos ter governo, poſto que porfiadamente forcejaraõ contra o impeto da tempeſtade, e da corrente, foraõ compellidas a buſcar as Indias de Heſpanha, ficando inuteis as deſpezas, e o valor, e deſvanecidas de todo as eſperanças concebidas de taõ grande poder.

Tormenta, que padece, e correntes das aguas, que o levaõ às Indias de Caſtella.

130 Os mil e trezentos homens, de que era Meſtre de Campo Luiz Barbalho Bezerra, os quaes o Conde da Torre havia lançado no Porto dos Touros, ſuperando inexplicaveis difficuldades pelo curſo, e rodeyos de mais de trezentas legoas, rompendo muitos quarteis dos inimigos, ſe puzeraõ em ſalvo na Bahia, com admiraçaõ, e gloria militar. Continuou o Governo geral do Braſil D. Vaſco Maſcarenhas, até Junho do anno de mil e ſeis centos e quarenta, em que lhe ſuccedeo D. Jorge Maſcarenhas, Marquez de Montalvaõ, primeiro Vice-Rey deſte Eſtado.

Succede ao Conde de Obidos o Marquez de Montalvaõ.

Anno de 1640.

HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA.

LIVRO QUINTO.

SUMMARIO.

APpariçaõ, e promessa de Deos nosso Senhor ao nosso primeiro Rey D. Affonso Henriques. Feliz Acclamaçaõ do nosso Augusto Monarcha D. Joaõ IV. Fidelidade, amor, e resoluçaõ, com que os Portuguezes o acclamaraõ por Rey, e se livraraõ do injusto dominio Castelhano. Valor, e fidelidade, com que lhe sustentaraõ a Coroa, e defenderaõ a liberdade da Patria. Promptidaõ, com que foy obedecido na America Portugueza. Injusta prizaõ

prizaõ do Vice-Rey Marquez de Montalvaõ na Bahia. Salvador Correa de Sá, Governador do Rio de Janeiro, o acclama naquella Praça, e em todas as Capitanîas do Sul. Previne-ſe ElRey para a defenſa. Ajuſta confederações com varios Principes. Manda a Triſtaõ de Mendoça a Hollanda, que aſſenta liga, e amizade com aquella Republica. Proſeguem as ſuas hoſtilidades os Hollandezes, interpretando as capitulações ajuſtadas. Vem por Governador, e Capitaõ Geral Antonio Telles da Sylva. Nomea ElRey Principe do Braſil a ſeu Primogenito o Senhor D. Theodoſio. Sua morte, e Elogio. Começaõ os Pernambucanos a levantarſe contra os Hollandezes. O Capitaõ Geral com diſſimulaçaõ lhes envia alguns ſoccorros da Bahia. Vem Sigiſmundo contra ella. Toma a Ilha de Itaparica. Vaõ os noſſos a expulſallo com grande perda dos Portuguezes. Torna Sigiſmundo para o Recife, ſitiado pelos Pernambucanos. Reſtauraçaõ de Pernambuco. Morte do Senhor Rey D. Joaõ o IV. Seu Elogio.

LI-

LIVRO QUINTO.

1 TInha chegado o venturoſo prazo do feliciſſimo anno de mil e ſeis centos e quarenta, no ultimo mez, em que terminava o ſeu myſterioſo circulo, ponto, em que acabavaõ as deſgraças de Portugal, e principiavaõ as ſuas felicidades; limite preſcripto das profecias do noſſo Encuberto; termo dilatado, e appetecido das noſſas eſperanças; e tempo da ſegunda clauſula da promeſſa de Deos noſſo Senhor, feita a ElRey D. Affonſo Henriques, de que a primeira fora a vitoria, que nos deu no Campo de Ourique; fundamento, ſobre que a Divina Mageſtade quiz ſe firmaſſe a machina da Monarchia Portugueza, que em complemento da ultima parte do ſeu Soberano Oraculo, ha de ſer o unico, permanente, e mayor Imperio de todos os quatro taõ opulentos, e inconſtantes, que teve o mundo.

Anno de 1640.

2 He bem authentica entre os Naturaes, e recebida entre os Eſtrangeiros (poſto que impugnada por alguns Caſtelhanos) aquella myſterioſa appariçaõ de Chriſto Senhor noſſo ao primeiro Rey Luſitano D. Affonſo Henriques, o qual na noite precedente ao dia, em que havia de dar no Campo

Appariçaõ de Deos noſſo Senhor ao noſſo primeiro Rey D. Affonſo Henriques.

Campo de Ourique batalha a Iſmael, e a outros quatro Reys Mouros, triſte, e penſativo, por ver a gente Portugueza temeroſa da multidaõ barbara, pegando em huma Biblia, que tinha na Tenda, e achando nella a vitoria, que alcançou Gedeaõ com ſó trezentos Soldados, matando mais de cento e vinte mil Madianitas, pedio a Deos favor, por ſer aquella guerra por ſeu amor emprendida, e contra os blasfemos do ſeu ſanto nome; e adormecendo ſobre o livro, lhe appareceo em ſonhos hum Anciaõ, que lhe ſegurou venceria, e deſtruiria aquelles Reys infieis, e que o meſmo Deos lhe appareceria; e acordado pelo ſeu Camereiro, para dar audiencia a hum velho, que o buſcava, introduzido na Tenda, vio que era o meſmo, que lhe fallara no ſonho.

3 As proprias palavras, que nelle lhe tinha ouvido, lhe tornou o velho a ratificar, accreſcentando outras muitas; e que Deos lhe ordenava, que naquella meſma noite, quando ouviſſe tocar a campainha da ſua Ermida, (em que havia mais de ſeſſenta annos habitava) ſahiſſe ſem companhia fóra do alojamento, porque lhe queria moſtrar a ſua muita piedade. Ficando em oraçaõ o piedoſo Principe, e ouvindo o ſinal na ſegunda véla da noite, ſahio fóra da Tenda, e vio para a parte do Oriente hum rayo, que reſplandecendo pouco a pouco, foy formando huma Cruz mais que o Sol brilhante; e nella ſe lhe moſtrou o Senhor crucificado, a cuja Divina preſença proſtrado o Principe, largando a eſpada, o eſcudo, a capa,

capa, e o calçado, derramando muitas lagrimas, lhe rogou pelos ſeus Vaſſallos; e que ſe algum caſtigo lhe tinhaõ merecido, o voltaſſe ſó contra elle, e que àquelles ſubditos animaſſe, e ajudaſſe a vencer aos inimigos da ſua Santa Fé, e ſe lembraſſe naõ ſó dos ſeus Succeſſores, mas de toda a gente de Portugal.

4 A eſta deprecaçaõ por taõ juſtas cauſas, e com tantos ſuſpiros feita, reſpondeo o Senhor, que da ſua deſcendencia, e de Portugal ſe naõ apartaria ſua miſericordia; e que vinha animallo naquelle conflicto, por eſtabelecer o ſeu Reyno ſobre firme pedra; que aceitaſſe o titulo de Rey, que antes de entrar na batalha lhe offereceriaõ ſeus Vaſſallos; e que na ſua deſcendencia (attenuada na decima ſexta geraçaõ) poria os olhos, porque nella, e no ſeu Reyno havia de eſtabelecer hum Imperio, que levaſſe o ſeu nome às partes mais diſtantes.

Promeſſa de Deos Noſſo Senhor.

5 Em iguaes conflictos, e em diverſos actos moſtrou Deos Noſſo Senhor prodigioſos ſinaes a varios Principes, e Monarchas nos principios, ou nos progreſſos dos ſeus Reynos; mas a nenhum fez favor taõ relevante, nem ſemelhante promeſſa. A Clodoveo, primeiro Rey de França, que recebeo a Fé Catholica, no acto do ſeu Bautiſmo mandou do Ceo o oleo, com que ſe havia de ungir; o Eſtandarte chamado Auriflama, e as flores de Liz, de que elle, e o Reyno de França haviaõ de uſar por Armas, deixando os cinco Sapos, que até alli ſe viaõ no ſeu Eſcudo; mas naõ lhe ſegu-

rou a duraçaõ da ſua deſcendencia; e aſſim poſto que permanece o Reyno, acabou a ſua linha, que era a Merovinga, entrando a Carolina, e depois a Capeta, que hoje domina.

6 Ao grande Conſtantino, perto de Roma, indo contra o tyranno Maxencio, moſtrou Deos huma Cruz no Ceo com as letras: *In hoc ſigno vinces*, motivo da ſua reducçaõ à Fé Catholica; mas naõ lhe prometteo a permanencia do Imperio, nem da ſua geraçaõ, a qual acabou em ſeus filhos, mortos violenta, e naturalmente; e depois de outros Monarchas, padeceo o Imperio o dominio, e jugo do perfido Juliano, que apoſtatou da noſſa verdadeira Religiaõ, em que ſe creara; e paſſando a varios Emperadores, veyo finalmente a perderſe a Monarchia Romana.

7 E (dando aos Authores Caſtelhanos o credito, que elles negaõ aos noſſos) a Garcia, primeiro Rey de Navarra, eſtando tambem para dar batalha aos Mouros, moſtrou Deos ſobre hum carvalho outra Cruz; mas naõ lhe inſinuou perſeverança da ſoberania, nem da ſua prole; e aſſim vemos hoje aquelle Reyno immerſo, e quaſi eſquecido entre os da Coroa de Caſtella, aonde paſſou naõ por ſucceſſaõ, mas por conquiſta, alienado dos ſeus direitos Succeſſores.

8 Ao Catholico Tiberio, Emperador de Conſtantinopla, paſſeando no ſeu jardim, moſtrou Deos ſobre a terra outra Cruz, e por reverencia levantando-a daquelle indigno lugar, lhe appareceraõ mais duas na meſma direitura, e tirando-as

rando-as todas, achou debaixo dellas hum copioso thesouro, mas naõ vio cedula, nem ouvio voz, que lhe prometteſſe mais que o preço, que alli lhe dava: e aſſim o Imperio de Conſtantinopla foy paſſando a Tyrannos, e ultimamente ſe perdeo, indo ao poder do inimigo commum da Chriſtandade.

9 Porém a ElRey D. Affonſo Henriques appareceo, e fallou; e no dia da Acclamaçaõ do Sereniſſimo Senhor Rey D. Joaõ IV. deſpregou o braço direito da Cruz, que precedia ao Arcebiſpo de Lisboa nos vivas de taõ applaudida acçaõ: e ſó os que impugnarem aquella appariçaõ, pódem duvidar deſte milagre, tendo hum com outro taõ prodigioſa congruencia; e parecendo a empreza, que conſeguiraõ os Luſitanos, obra ſó da maõ omnipotente, pela debilidade de forças, em que ſe achava o Reyno, exhauſto de gente, armas, e cabedaes, com vexações da Nobreza, introducções de tributos, tyrannias de Miniſtros, derrogações de privilegios, faltas de juramentos, e huma geral attenuaçaõ de todos os meyos da defenſa, para proclamar liberdade.

Deſprega Chriſto Senhor Noſſo o braço direito da Cruz no dia da Acclamaçaõ.

10 Porém, ſendo já concluido o tempo das tribulações, e ſazonado o das felicidades, atropellando os Portuguezes os mayores receyos, vencendo as mais fortes difficuldades, e tomando o pezo de huma guerra inevitavel, e viſinha, por eſpaço de muitas legoas de fronteira nas noſſas melhores Provincias, trataraõ de reſtituir ao Sereniſſimo Senhor Rey D. Joaõ IV. a Monarchia,

Generoſa reſoluçaõ dos Portuguezes.

Feliz Acclamaçaõ do Sereniſſimo Senhor Rey D. Joaõ IV.

chia, que com violencia fora uſurpada à ſua Real Caſa, acclamando-o por Rey de Portugal, com portentoſa facilidade, e geral applauſo, em o primeiro do mez de Dezembro de mil e ſeis centos e quarenta, dia feliciſſimo para toda a Naçaõ Luſitana, e o unico, que no curſo de ſeſſenta annos poderaõ os Portuguezes contar com pedra branca, como os Romanos; continuandoſelhes deſde entaõ as antigas felicidades, e tendo como foreira das ſuas emprezas a fortuna.

Acções heroicas dos Portuguezes.

11 Foraõ moſtrando logo os ſucceſſos ſer myſterioſo o impulſo, pois em defenſa do ſeu natural Monarcha, e da ſua Patria, alcançaraõ os Luſitanos com menor poder os mais glorioſos triunfos, que vio Europa; vencendo em quaſi vinte e oito annos de porfiada guerra, contra hum dos mayores Monarchas do Mundo, cinco eſtupendas batalhas campaes, innumeraveis facções, e encontros, que pareciaõ geraes conflictos; conſeguindo em todos glorioſas vitorias, colhendo ricos deſpojos, e obrando aquellas heroicas acções, que no pregaõ da fama, e na memoria das Gentes, com admiraçaõ dos ſeculos, haõ de durar eternidades.

Origem dos Sebaſtianiſtas.

12 Eſte era o verdadeiro Sebaſtiaõ, por quem tanto ſuſpiravaõ os Portuguezes na antonomazia de Sebaſtianiſtas, disfarçando com a vinda de hum Rey deſapparecido, a ancia de outro Rey deſejado. Com o nome ſe livravaõ de parecer inconfidentes ao Monarcha eſtranho, e com a eſperança conſervavaõ a lealdade ao natural. Deſte taõ louva-

louvavel, como ſecreto impulſo ſe originaraõ depois os ſciſmas de tantos publicos, e enganados Sebaſtianiſtas; e ſe viveraõ, ou reſuſcitaraõ os primeiros fabricadores deſta moeda, explicariaõ aos falſificadores della o intento, com que a fizeraõ correr. Porém aos que naõ ſouberaõ, nem ſabem penetrar o ſegredo, e fineza deſta materia, lhes baſta para caſtigo o martyrio de huma impropria eſperança, mais longa, que a vida, e igual à duraçáõ do Mundo.

13 A decima ſexta geraçaõ attenuada ſe vio, quando pela perda delRey D. Sebaſtiaõ, decimo ſexto Monarcha Luſitano, paſſou o Reyno a dominio eſtrangeiro, atropellando o poder de Filippe II. Rey de Caſtella a juſtiça da Sereniſſima Caſa de Bragança, a quem tocava a ſucceſſaõ pelo proprio direito, com que os Reys Caſtelhanos tinhaõ ſuccedido em outros Reynos de Heſpanha; e negavaõ a Portugal a meſma acçaõ, que lhes deu a poſſe de outras Coroas; mas a noſſa eſtava deſtinada ao oitavo Duque daquella Real Caſa, e aſſim naõ teve effeito nos outros Sereniſſimos Duques ſeus Anteceſſores, que ſendo por muitas vezes eſtimulados a tomar o Sceptro, o naõ quizeraõ empunhar, deixando-o ao Succeſſor, a quem eſtava decretado.

Decima ſexta geraçaõ attenuada.

14 Já dominante o noſſo Real Planeta Luſitano, começava a reſplandecer o hemisferio Portuguez livre das ſombras, com que ſeſſenta annos o turbaraõ os vapores Caſtelhanos, que agora ſe deſvaneceraõ em exhalações. Todos os Vaſ-

ſallos offereciaõ as vidas, e as fazendas, para ſuſtentar no Throno ao noſſo Auguſto Monarcha, generoſo Reſtaurador da noſſa liberdade, que ſe diſpunha para huma guerra infallivel, e procurava alianças com as Potencias de Europa, que o podeſſem ajudar. Era a contenda com hum dos mayores Monarchas do Mundo; e poſto que grande, e deſtemido o proprio esforço Luſitano, carecia para taõ arduo empenho de favor alheo. Para a empreza de Meduſa naõ baſtou o valor de Perſeo, foy neceſſario, que Pallas lhe empreſtaſſe o Eſcudo.

Ajuſta o Senhor Rey D. Joaõ IV. liga com varios Principes.

15 Procurou ElRey por ſeus Embaixadores confederações, e ſoccorros de varios Principes, e entre elles da Republica de Hollanda, enviando com eſta incumbencia àquelles Eſtados a Triſtaõ de Mendoça Furtado, que ſe houve com menos deſtreza, da que carecia a materia; porque os Fidalgos Portuguezes naquelle tempo, por falta de occaſioens, naõ ſe achavaõ praticos dos negocios politicos, empregando-os os Reys de Heſpanha ſó nos em que gaſtavaõ os cabedaes, e perdiaõ as vidas; e alguns, de cujos talentos (totalmente rendidos à ſua vontade, ou intereſſados no ſeu dominio) fiaraõ materias de Eſtado, ſerviraõ à ruina da Patria, vindo a perder nella, elles, e os ſeus deſcendentes, as eſtimações, e preeminencias, que naõ eſtabeleceraõ no Reyno eſtranho.

Manda Triſtaõ de Mendoça Furtado a Hollanda.

Pertende ElRey ſe lhe reſtituaõ as Praças tomadas na America, e na Aſia

16 Pertendia o Senhor Rey D. Joaõ IV. na aliança com os Hollandezes, reſtituiſſem à ſua Coroa

Coroa as Praças, que na India, e no Brafil haviaõ tomado, fundando efta propofiçaõ, affim no direito do Reyno de primeiro poffuidor, como porque feparando-fe do dominio de Caftella, naõ deviaõ elles ficar com as Praças, que naõ pertenciaõ àquella Monarchia, ceffando já a caufa, pela qual fe tinhaõ apoderado de tantas Provincias nas Conquiftas de Portugal. Porém os Hollandezes attentos às fuas conveniencias mais, que ao credito, que lhes dava a noffa amizade, e confederaçaõ, fouberaõ fervirfe defte accidente, naõ fó a favor da fegurança das fuas Provincias Unidas, na attenuaçaõ do Imperio Hefpanhol, mas dos feus progreffos nas novas emprezas da America, e da Afia.

17 Julgavaõ, que o poder de Portugal naõ era equivalente para defender o Reyno, e recuperar as fuas Provincias Ultramarinas; e a reftituiçaõ deftas lhes parecia inftancia aerea, ou vãa. Affentaraõ confederaçaõ ampla no que tocava à defenfa de Portugal, e offenfa de Caftella; mas na tregoa de dez annos, com fufpenfaõ de armas nas Conquiftas, ordenaraõ capitulos taõ equivocos, e induftriofos (como aquelles, que logo haviaõ de interpretar a favor dos feus progreffos) de fórma que defte ajufte refultavaõ eminentes damnos, que a debilidade do Reyno fez entaõ diffimular, vendo-fe muitas vezes precifados os Principes a fofrer o que naõ podem remediar.

Capitulos induftriofos dos Hollandezes.

18 Governava nefte tempo a Bahia com titulo de Vice-Rey de todo o Eftado, como temos

mos eſcrito, D. Jorge Maſcarenhas, Marquez de Montalvaõ, o primeiro, que veyo ao Braſil com eſta preeminencia. Teve brevemente aviſo da liberdade da Patria, por huma pequena embarcaçaõ de Lisboa, cujo Meſtre ſahindo à terra, e mandando-a fazer ao mar, ſe encaminhou a Palacio, e com ſegredo deu ao Marquez Vice-Rey a nova da feliz Acclamaçaõ, e lhe entregou a carta, em que o Senhor Rey D. Joaõ IV. lhe ordenava o fizeſſe acclamar no Braſil. Recebeo huma, e outra, com grande ſatisfaçaõ; e mandando com toda a cautela chamar logo os Prelados das Religioens, a Nobreza, e os principaes Cabos da milicia, lhes ordenou votaſſe cada hum por eſcrito o ſeu parecer ſobre a reſoluçaõ, que ſe devia tomar naquella materia.

Nova, que lhe chega da feliz Acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ.

Diſpoſições com que o acclama por Rey na Bahia.

19 Achou em todos os mayores jubilos, e applauſos, e conformes com a ſua vontade. Feitas algumas breves diſpoſições na Infanteria, ſahio com os congregados, e com o Senado da Camara acclamando ao Senhor D. Joaõ IV. por Rey de Portugal, acompanhados do Povo com repetidos vivas, e geraes demonſtrações de alegria, acabando o acto na Cathedral com acçaõ de graças. Fez logo o Marquez Vice-Rey aviſo a todas as Provincias do Eſtado, ordenando aos ſeus Governadores, que obraſſem o proprio. Celebrou alegres, e luzidas feſtas, e enviou com toda a brevidade a ſeu filho D. Fernando Maſcarenhas em hum patacho para o Reyno, com o parabem a ElRey, e a noticia do que a ſua lealdade tinha

Celebra muitas feſtas, e envia ſeu filho com o parabem a ElRey.

tinha executado na obediencia de Sua Mageſtade.

20 Todas as acções, que obrou o Marquez Vice-Rey, foraõ expreſſivas, e demonſtradoras do ſeu grande amor, e fidelidade, excepto a primeira, que ſendo mais politica, podia parecer menos conſtante; porque pintando-ſe a obediencia cega como a fé, e achando-ſe o Marquez com o poder, parece naõ devia pôr em queſtaõ (naquelle congreſſo com a ceremonia dos votos) huma materia, de que reſultava a mayor gloria, e os mayores intereſſes a Portugal: porém a ſua correſpondencia com os ſubditos do Braſil era taõ generoſa, que lhes naõ quiz tirar a parte do merecimento, que podiaõ ter na reſoluçaõ, julgando por infallivel, que nenhum dos que congregou ao Paço, havia de faltar à lealdade Portugueza, que tinha experimentado em todos; como aconteceo naquella occaſiaõ, com os applauſos que nelles achou, e demonſtrações do mayor contentamento, repetidos feſtejos, em que ſempre o Marquez entrara com o mayor empenho na vontade, e na grandeza.

Chega de Lisboa o Padre Franciſco de Vilhena.

21 Concluidas as diſpoſições, e factos referidos, chegou em huma caravela de Lisboa o Padre Franciſco de Vilhena, Religioſo da Companhia de Jeſus, que depois do primeiro aviſo mandara ElRey com outra condicional commiſſaõ, a que déra motivo o haveremſe auſentado para Caſtella dous filhos do Marquez Vice-Rey. Ordenara ElRey ao Padre Franciſco de Vilhena, que no

Oo caſo

caſo que o Marquez o naõ tiveſſe acclamado, convocando no Senado da Camera ao Biſpo D. Pedro da Sylva, ao Meſtre de Campo Luiz Barbalho Bezerra, e ao Provedor môr Lourenço de Brito Correa, lhes déſſe huma ordem, que trazia, para tomarem poſſe do Governo: porém eſte Religioſo o naõ pareceo neſta occaſiaõ, pois achando obrada a acçaõ com tanto applauſo, e ſocego, e naõ ſendo neceſſaria a ordem, que trouxera, (ſó para ſe uſar della em procedimento contrario ao que teve o Marquez) a entregou aos nomeados.

Executa mal a commiſſaõ, que ſe lhe déra.

22 Achando nelles a ordem Real menos prudencia, que ambiçaõ, depuzeraõ do cargo ao Vice-Rey, e tomaraõ poſſe do Governo, fazendo retirar ao Marquez ao Collegio dos Padres da Companhia, onde lhe puzeraõ guardas, naõ em obſequio, mas como em prizaõ; e continuando nas deſattenções, lhe prenderaõ muitos criados, e finalmente o remetteraõ em huma caravela para Lisboa, com deſigual tratamento, do que ſe devia à ſua grandeza, e ao ſeu caracter. Mas chegando à Corte, informado ElRey da ſua lealdade, e da pureza do ſeu procedimento, lhe fez muitas honras, occupando-o no ſeu Real ſerviço, em relevantes lugares; e mandou eſtranhar com palavras demonſtradoras de ſentimento ao Biſpo a acçaõ; e conduzir prezos ao Reyno ao Meſtre de Campo Luiz Barbalho Bezerra, e a Lourenço de Brito Correa, pelos termos indignos, que haviaõ uſado com o Vice-Rey.

Anno de 1641.

Injuſta prizaõ do Marquez de Montalvaõ.

Os Governadores o remettem prezo para o Reyno.

ElRey o ſolta com muitas honras.

Por

23 Por ordem, e aviſo, que enviara o Marquez Vice-Rey a Salvador Correa de Sá, Governador do Rio de Janeiro, tinha já feito acclamar ao Senhor D. Joaõ IV. por Rey naquella Provincia, e em todas as outras do Sul, que livres dos inimigos do Norte, floreciaõ, e ſe faziaõ opulentas com as ruinas de Pernambuco; como coſtumaõ creſcer humas Monarchias dos eſtragos de outras. Para aquella Regiaõ corria agora todo o negocio, porque as perdas, que achavaõ as embarcações na viagem das outras Provincias do Braſil, (ou poſſuidas, ou infeſtadas dos Hollandezes) as encaminhavaõ para as do Rio de Janeiro, onde colhiaõ os intereſſes ſem ſuſto dos perigos; e creſciaõ aquellas Povoações nas fabricas, e cabedaes, que perdiaõ as outras da noſſa Portugueza America.

Acclamaçaõ delRey no Rio de Janeiro, e em todas as ſuas Capitanîas.

Opulencia com que creſcia a Regiaõ do Sul.

24 Por hum Enviado mandou o Vice-Rey noticiar ao Conde de Naſſau a Acclamaçaõ delRey, e a paz, que tinha ajuſtado com a Republica de Hollanda, pedindolhe a obſervancia della no Braſil. Fez o Conde todas as demonſtrações de alegria, celebrando em Pernambuco cuſtoſas feſtas de cavallo, em que os Naturaes levavaõ quaſi todos os premios; porque além da pericia, que tem daquella arte, os animou entaõ eſta nova, fazendo-os aventajarſe a todos os Eſtrangeiros, poſto que deſtriſſimos na cavallaria. Houve em todas as Capitanîas de Pernambuco inexplicavel geral contentamento, naſcido da fidelidade Portugueza, e da eſperança, de que a Monarchia

Aviſo, que faz o Marquez Vice-Rey ao Conde de Naſſau.

Feſtas, com que em Pernambuco celebra o Conde a Acclamaçaõ delRey.

com Rey natural lhes facilitaria os ſoccorros, com que podeſſem ſacodir o jugo eſtranho. O Naſſau enviou à Bahia hum dos do ſeu Conſelho, a dar o parabem de taõ applaudida nova ao Marquez Vice-Rey, a tempo em que já ſe achava fóra do Governo; e fez eſta ceremonia com os tres Governadores, juntando aos parabens da Acclamaçaõ delRey, os da ſua intrancia no Governo.

Parabens, que manda ao Vice-Rey, por cuja prizaõ ſe deraõ aos tres Governadores.

25 Sobre a tregoa reſponderaõ, que ſe ajuſtaria à ſatisfaçaõ de ambas as partes, pedindo mandaſſem recolher os Soldados foragidos da Bahia, que andavaõ fazendo em Pernambuco hoſtilidades, ſem diſtinçaõ de Naturaes, e Eſtrangeiros. Paſſaraõ os Governadores ordens para que ſe recolheſſem, com apparente promeſſa de perdaõ dos ſeus inſultos. Tinhaõ ſido enviados pelo Marquez Vice-Rey, fingindo-ſe rebellados para o proprio facto, que valeroſa, e fielmente obraraõ, queimando naquelle Paiz por varias partes todos os canaviaes, de que reſultara grandiſſima perda aos Hollandezes; pois lhes vieraõ a faltar os lucros das ſafras daquelles annos.

26 Os tres Governadores lhes enviaraõ hum Cabo de ſuppoſiçaõ por Embaixador, acompanhado de hum Juriſta, para diſpor algum ponto de direito na tregoa, ſe neceſſario foſſe. Porém os Hollandezes, vendo-ſe livres dos Soldados volantes Portuguezes, que tanto damno lhes faziaõ, faltaraõ ao promettido, aſſentando hum commercio entre ambas as Nações, do qual ſó a elles vinhaõ a reſultar os intereſſes; mas ſobre a ſuſpenſaõ

Naõ ajuſtaõ tregoas, e ſó hum commercio util aos ſeus intereſſes.

pensaõ das armas responderaõ ser materia, que naõ podiaõ assentar sem ordem de Hollanda. Tiveraõ as redeas do Governo os tres Governadores dezaseis mezes, desde Abril de mil e seis centos e quarenta e hum, até Agosto de mil e seis centos e quarenta e dous.

27 Neste anno lhes veyo succeder por Governador, e Capitaõ Geral do Brasil Antonio Telles da Sylva. No principio do seu Governo escrevera ElRey ao nobilissimo Senado da Camera da Bahia, ser preciso sustentar nella hum corpo de Infanteria, competente à sua defensa, arriscada com a visinhança dos Hollandezes, poderosos pela conquista das Praças, de que já se achavaõ Senhores nas Provincias de Pernambuco, e anciosos de conquistarem a Cabeça do Estado, como huma vez fizeraõ, e outra intentaraõ; e que achando-se as suas Reaes rendas pouco possantes para tantas despezas, lhe encommendava, quizesse tomar por sua conta a paga dos Soldados, e Cabos da milicia, fazendo para esta satisfaçaõ imposições nos generos, que lhe parecesse. Os Vereadores, que estavaõ exercendo estes lugares naquelle anno, convocaraõ à Casa da Camera (segundo o estylo em materias semelhantes) aos homens da Governança, e ao Povo, com cujo consentimento se havia de tomar a resoluçaõ, por ser materia de imposições dos generos, a que sempre repugna o Povo.

Vem por Governador, e Capitaõ Geral do Brasil Antonio Telles da Sylva.

Anno de 1642.

Escreve ElRey ao Senado da Camera da Bahia, que se encarregue da paga da Infanteria da Praça.

28 Proposta a carta, e ordem delRey, pelos jubilos, que receberaõ da sua feliz Acclamaçaõ,

Geral contentamento, com que aceitaõ este encargo.

çaõ, e com o zelo, que ſempre tiveraõ do ſerviço do ſeu Monarcha, e da ſua Patria, aceitaraõ eſte encargo com expreſſaõ que o tomavaõ, em quanto duraſſe a oppreſſaõ do Reyno, e do Eſtado; mas que achando-o (no curſo do tempo) os ſeus ſucceſſores pezado, e entendeſſem ſer em prejuizo da authoridade do Senado, ou inſoportavel por algum accidente, ſe poderiaõ eximir delle, tornando à Real fazenda os effeitos, que ſe houveſſem arbitrado para a ſatisfaçaõ da Infanteria; e reſolveraõ, que eſtes ſe tiraſſem dos vinhos, aguas ardentes do Reyno, das bebidas da terra, das marcas das caixas, e feixos de aſſucar, dos rollos de tabaco, e do ſal, impoſiçóes, que ſe remataraõ por contratos, a que applicou El-Rey tambem a terça, que tem nas rendas do Conſelho.

Cauſas porque depois de muitos annos o reclamaraõ.

29 Porém paſſados largos annos, em que com grande trabalho fazia o Senado da Camera eſte ſerviço, lhe creſceo o gravamen com os ſoldos dobrados aos Meſtres de Campo, com engenheiros, novos Officiaes, e reformaçóes de outros, continuo cuidado no beneficio das caſas dos Quarteis, repetidas ordens dos Generaes, importunas ſupplicas dos Cabos, e injuſtas queixas dos Soldados por qualquer breve dilaçaõ das moſtras, havendo-ſe experimentado perdas, por quebrarem alguns contratadores, e as execuçóes (pelos termos de juſtiça nos bens dos ſeus fiadores) naõ poderem ſer taõ promptas, como a paga da Infanteria; cauſas, pelas quaes repreſentaraõ, no

anno

anno de mil e ſete centos e doze, ao Sereniſſimo Senhor Rey D. Joaõ V. que Deos guarde, os Vereadores, que entaõ ſerviaõ, a condiçaõ, com que os ſeus anteceſſores tinhaõ aceitado eſte encargo, pedindolhe os exoneraſſe delle, por lhes ſer eſte trabalho já naõ ſó intoleravel, mas invencivel.

30 Moſtraraõ, que arrecadando-ſe as rendas deſtes contratos pela Védoria Geral, ſeriaõ mais promptas as cobranças, mais abonados os fiadores delles, pois pela mudança annual dos Officiaes da Camera, ou ſe naõ tomavaõ os que convinhaõ para a ſegurança dellas, ou ſe dilatava a ſatisfaçaõ das dividas atrazadas por conveniencias particulares; e que em ſe cobrarem pela Védoria, ſe eſcuſava o groſſo ordenado de hum Theſoureiro, que fazia o Senado para eſtes effeitos, e outras deſpezas de alguns Officiaes. A taõ juſtificadas razoens foy ſervido attender ElRey noſſo Senhor, ordenando no anno ſeguinte de mil e ſete centos e treze, que a paga da Infanteria correſſe pela Védoria Geral, e que a ella paſſaſſem os referidos contratos, como de preſente ſe pratîca.

Aceitaçaõ, que lhe faz Sua Mageſtade, que Deos guarde.

Paſſa eſta obrigaçaõ com os contratos à fazenda Real.

31 Procedendo os Hollandezes na ſiniſtra interpretaçaõ das ſuas capitulações, foraõ proſeguindo as ſuas conquiſtas nas noſſas Praças Ultramarinas. Mandaraõ do Porto do Recife quatro naos, a tomar a Cidade de S. Chriſtovaõ na Capitanîa de Serzipe, que pelo Sul he confinante à Bahia, e pelo Norte ao rio de S. Franciſco, e Pernam-

Tomaõ os inimigos a Cidade de Serzipe delRey.

Pernambuco, de donde diſta ſetenta legoas. Appareceraõ com ſenhas de paz as naos inimigas, e entrando hoſtilmente a Cidade, a ſaquearaõ, e deſpojaraõ aos ſeus moradores das ſuas riquezas, e das ſuas propriedades, que ſenhorearaõ em breve eſpaço com a Cidade, inſinuandolhes em ſeu damno as deſgraças, de que he cauſa a falta de cautela, e de valor, que poderaõ ter aprendido com a experiencia de haverem ſido alguns annos antes expulſos pelos proprios inimigos, que por terra ſeguindo ao Conde de Banholo, ſe haviaõ apoderado da Cidade, e abrazando-a com todos os Engenhos daquella Capitanîa, por entaõ a naõ preſidiaraõ.

Fazem o meſmo à Ilha do Maranhaõ.

32 Enviaraõ huma Armada de dezoito naos, com dous mil homens, entregue a Joaõ Cornelles, a tomar a Ilha do Maranhaõ. Chegaraõ a ella os inimigos, e lançando gente em terra, ſem obſtaculo das muitas ballas, que lhes deſpediaõ da Fortaleza, caminharaõ para a Cidade, a qual deſampararaõ logo os moradores; e o Governador, que era Bento Maciel Parente, ſe meteo na Fortaleza com oitenta Soldados, os quaes naõ baſtaraõ a defendella, pois marchando a porlhe ſitio os Hollandezes, lha rendeo com diſcredito do valor, e das armas Portuguezas, que ſem exercicio naquelles moradores, e naquelle Capitaõ, facilitaraõ aos inimigos huma vitoria mais util, que glorioſa.

Anno de 1643.

33 Outra Eſquadra de navios, (mayor em numero, e com muitos mais infantes) de que era

era General aquelle grande Cossario, que chamaraõ Pé de Pao, enviaraõ a tomar a Cidade de S. Paulo, Cabeça do Reyno de Angola, na costa de Guiné, oito graos ao Sul, descoberto no anno de mil e quatro centos e oitenta e cinco por Diogo Caõ, conquistado, e povoado por ordem delRey D. Joaõ II. Governava aquelle Reyno o General Pedro Cesar de Menezes, o qual vendo-se falto da assistencia dos moradores, que cega, e arrebatadamente se ausentaraõ, e dos outros meyos de poder resistir a huma taõ poderosa Armada em vasos, e gente, mandando aos Capitães, e Soldados pagos à praya, a impedirem o desembarque aos inimigos, e outro Capitaõ com sessenta homens à Fortaleza da Cruz, para a defenderem, naõ poderaõ contrastar a força dos Hollandezes, em tanta ventagem superiores. Tomaraõ a Cidade, e a Fortaleza; e o General Pedro Cesar de Menezes se retirou a hum sitio, meya legoa distante, para juntar os soccorros do Paiz, e impedir aos inimigos os progressos por terra nos outros Presidios daquelle Reyno.

Conquistaõ o Reyno de Angola.

Ausentando-se os moradores da Cidade, se acha o General Pedro Cesar de Menezes sem gente com que lhe resistir.

34 Porém o favor, com que a fortuna assistia propicia aos Hollandezes em successivo curso de vitorias, fazia invenciveis as suas armas; e naõ podendo contrastallas o General Pedro Cesar de Menezes, depois de apurar todo o esforço em lhes resistir, o fizeraõ retirar ao interior do continente, adonde o seguiraõ; e conquistando todos aquelles Presidios, o prenderaõ, por lhe faltar gente para se defender como esforça-

diſſimo Cabo, que em Flandes exercera generoſamente o poſto de Capitaõ de Cavallos, moſtrando o valor, que herdara de ſeus progenitores, illuſtriſſimos em Portugal. Da prizaõ em que ficara, teve induſtria, e reſoluçaõ para ſe pôr em ſalvo em Maçangano.

Poemſe em ſalvo Pedro Ceſar de Menezes em Maçangano.

35 De Angola deſpedio o Pé de Pao treze navios entregues a Andrazon para conquiſtar a Ilha de S. Thomé, que jaz toda fóra da Equinocial para o Norte, e naõ atraveſſada della, como a demarcaraõ os antigos Coſmografos. Foy deſcoberta por Fernaõ Gomes; mandada conquiſtar, e povoar por ElRey D. Joaõ II. Chegaraõ a ella brevemente os inimigos, e poſto que o Governador Manoel Pereira fez algumas prevençóes para a defenſa, e meteo na Fortaleza baſtimentos importantes a reſiſtir hum largo ſitio, os moradores paſſaraõ logo o ſeu fato, e as ſuas peſſoas da Ilha para o continente; e o Governador timido de algumas bombas, que os Hollandezes lançaraõ dentro da Fortaleza, lha entregou. Ficando Senhores de toda a Ilha, concederaõ ao Governador licença para paſſar a Portugal, onde ſendo juſtamente punido, acabou a vida na prizaõ, em caſtigo do pouco valor, com que ſe houvera naquella acçaõ, em que podera grangear muita gloria, naõ lhe faltando meyos de a conſeguir, e de ſe defender.

Tomaõ os inimigos a Ilha de S. Thomé.

36 Tinhaõ já com dez naos, e mil e quinhentos homens, de que era Cabo Joaõ Coino, tomado em Guiné a noſſa Povoaçaõ da Mina, cuja

cuja coſta deſcobrirão João de Santarem, e João de Eſcobar; a qual lograva privilegio de Cidade, concedido pelo referido Rey D. João II. que a mandou fundar, e edificar o Caſtello de S. Jorge, importantiſſimo pela grandeza, e pelo commercio do ouro, e mais que tudo, por haver ſido o ſeu Governo unico premio das acções (nunca aſſaz encarecidas, nem cabalmente louvadas) do grande Duarte Pacheco Pereira, que nos primeiros annos das noſſas emprezas na Aſia obrara, livrando a ElRey de Cochim noſſo alliado do apertado ſitio, que em odio da noſſa amizade por mar, e por terra lhe puzerão os mais poderoſos Reys da India.

Fazem o meſmo à Cidade, e Caſtello de S. Jorge da Mina.

37 Acharão os inimigos tão deſprevenida, e deſcuidada a noſſa gente, que facilmente ganharão o Forte, e a Cidade; porque o Capitão, e os moradores tratavão menos das armas, que do negocio; e ſuperando a ambição ao valor, vierão a perder tudo. Eſte facto, poſto que aconteceo no anno de mil e ſeis centos e trinta e ſete, o reſervámos para eſte lugar, por juntar nelle todas as conquiſtas, que os inimigos nos fizerão na coſta de Africa.

38 Pouco ſatisfeitos os Deputados da Companhia Occidental de Hollanda do procedimento do Conde de Naſſau em Pernambuco, (poſto que tinha mais de generoſo, que de abſoluto) entendendo, que das extorſoens, e injuſtiças lhes creſcião a elles os intereſſes, ſentião, que o Conde trataſſe com affabilidade, e obſervancia das leys

Motivos, que teve o Conde de Naſſau para deixar o Governo.

aos moradores, e naturaes daquellas Capitanîas: por esta causa o quizeraõ desgostar antes de o chegarem a remover, coarctandolhe a jurisdicçaõ, e o soldo; mas o Conde, que na grandeza de Principe via as excessivas distancias, que havia do seu estado, e nascimento à fortuna, e condiçaõ daquelles animos ambiciosos, e grosseiros, entregando o Governo aos do Conselho do Recife, depois de o haver exercido prospera, e heroicamente seis annos, se embarcou para Hollanda no de mil e seis centos e quarenta e tres, lançando a offensa mais à parte do desprezo, que da vingança.

Embarca-se para Hollanda.

Crescem com a sua ausencia os males aos Pernambucanos.

39 Com a sua ausencia faltou àquelles moradores a humanidade do trato, que lhes mostrava, procurando administrallos em justiça, unico alivio de tantas miserias, que com a sua falta ainda se fizeraõ mayores; porque os Hollandezes (livres do obstaculo, que no Conde achavaõ os seus insultos) brotaraõ furiosos, como rios, quando das reprezas se soltaõ as suas correntes, e inundaraõ de escandalos, de roubos, e de todos os delictos aquellas lastimadas Provincias.

40 Porém esta mesma torrente de hostilidades successivas, veyo a causar aos seus Authores a sua ruina, e a da sua Companhia; e estes proprios continuados males foraõ o motivo da saude de Pernambuco; porque naõ podendo já os seus habitadores tolerar o nimio rigor de huma sogeiçaõ, onde o dominio se transformava em tyrannia, resolveraõ comprar a liberdade a preço da vida,

Resolvemse a comprar a liberdade a preço das vidas.

conju-

conjurando-ſe a morrer, ou a conſeguilla. Foy principal motor deſta acçaõ, nunca aſſaz encarecida, nem louvada, Joaõ Fernandes Vieira, famoſo pelo valor, que moſtrou, pelos cabedaes, que poſſuhio, pelos cargos, que exerceo, e pela gloria, que alcançou de Proclamador da liberdade de Pernambuco, e de todas as ſuas Provincias.

Joaõ Fernandes Vieira, primeiro movel deſta empreza.

41 Era natural da Ilha da Madeira, de nobre origem; viera a Pernambuco de muito poucos annos, e ſe achara nos primeiros conflictos daquella guerra, onde o ſeu conſelho fora ſempre dos mais honrados; teve a fortuna igual ao animo, e creſcendo em cabedaes, veyo a fazerſe opulento; tinha por eſpoſa huma das mais aparentadas mulheres daquelles deſtrictos. E convidando com eſta empreza ſecretamente por ſi, e pelos parentes da conſorte, a todas as principaes peſſoas daquellas Capitanîas, a abraçaraõ com ſummo empenho, reſolvendo uniformemente poremſe em campanha, e convindo em que Joaõ Fernandes Vieira, como primeiro movel da acçaõ, foſſe o Governador da guerra, jurando obedecello, e executar todas as ſuas ordens.

Qualidades de Joaõ Fernandes Vieira.

42 Com eſta determinaçaõ elegeo o novo Governador os Cabos, ſegundo a experiencia, que tinha dos ſogeitos; e todos com as ſuas nomeações, e incumbencias tornaraõ para os ſeus domicilios a juntar armas, baſtimentos, e tudo o que havia de ſer preciſo para a empreza, ſup-

Diſpoem com os moradores a reſtauraçaõ de Pernambuco.

poſta

posta a debilidade, e attenuaçaõ, em que se achavaõ todos os Paizanos, e moradores. O tempo offerecia opportuna occasiaõ, porque com a ausencia do Conde de Nassau, attentos os Hollandezes ao descanço, e ao interesse, tinhaõ mal guardadas as suas Fortalezas, com pouca vigilancia os seus Presidios, diminuta a sua Infanteria. De tudo deu conta Joaõ Fernandes Vieira ao Governador, e Capitaõ Geral do Estado do Brasil Antonio Telles da Sylva, pedindolhe quizesse amparar aquella causa, e enviarlhes algum soccorro, para restaurarem aquellas Praças, que já tinhaõ legitimo, e natural Monarcha no Serenissimo Senhor D. Joaõ IV. Rey de Portugal.

Anno de 1644.

Dá conta ao Governador, e Capitaõ Geral do Brasil.

43 Representava a Antonio Telles, que El-Rey, de animo taõ augusto, e pio, posto que ajustara pazes com a Republica de Hollanda, naõ havia de desamparar aos Vassallos de Pernambuco, deixando-os em hum cativeiro de Hereges, cujo dominio se naõ restringia aos termos da humanidade, transcendendo os da fereza, a que devia acudir, naõ só como natural Senhor, mas como Principe Catholico, pelo prejuizo, que podia resultar a tantas Provincias, com o contagio das Seitas de Luthero, e de Calvino, que taõ incessantemente andavaõ os seus predicantes insinuando, e persuadindo por todas as publicas ruas, e praças, e pondo finalmente aos moradores em perigo de perderem tambem as almas, depois de terem perdido as liberdades.

44 O Governador, e Capitaõ Geral Antonio Telles

Telles da Sylva, laſtimado de taõ juſtas queixas, e perſuadido de razoens taõ vivas, reſolveo mandar a Pernambuco a André Vidal de Negreiros, com o pretexto de ir viſitar alguns parentes, que deixara na Paraiba, e lhe encarregou indagaſſe o poder, com que ſe achavaõ os inimigos, as diſpoſições das ſuas Fortalezas, e ſe aviſtaſſe com Joaõ Fernandes Vieira, a quem eſcrevera, noticiando-o das ordens, que tinha delRey para a obſervancia da tregoa ajuſtada com os Hollandezes; mas que ſe na esféra da paciencia dos moradores de Pernambuco naõ cabia a tolerancia dos males, que lhe repreſentava, lhe daria os ſoccorros, que podeſſe com a cautela, que era preciſa.

Manda o Capitaõ Geral a André Vidal de Negreiros a Pernambuco.

45 Chegou André Vidal de Negreiros a Pernambuco, teve licença dos do Conſelho para ir à Paraiba, e para verſe com Joaõ Fernandes Vieira, com quem tratou eſta materia. Examinou os meyos de ſe executar; e tomando todas as informações, voltou para a Bahia, onde deu conta ao Governador, e Capitaõ Geral, ſegurandolhe, que eraõ mais duras, que a morte, as tribulações, que padeciaõ os moradores de Pernambuco, e as tyrannias, que com elles uſavaõ os Hollandezes; os quaes podiaõ ſer expulſos de todas as Praças daquellas Provincias, pela reſoluçaõ com que eſtavaõ os moradores dellas.

Faz André Vidal de Negreiros eſta diligencia.

Volta para a Bahia, e informa ao Governador.

46 Compadecido o General, lhes mandou ſeſſenta Soldados com Antonio Dias Cardoſo, que os levou a Pernambuco. Era o ſoccorro pequeno

queno pelo numero, grande pela experiencia, e valor dos infantes (eſcolhidos entre os melhores, que ſe achavaõ na Bahia) veteranos na guerra de Pernambuco. Joaõ Fernandes Vieira os accommodou em hum lugar occulto para o tempo determinado, tratando de conduzir tudo o mais, que era preciſo juntar para huma empreza, que ſe lhe repreſentava tanto mais glorioſa, quanto mais difficil.

47 Tinha eſcrito a D. Antonio Filippe Camaraõ, Governador dos Gentios, que aſſiſtia na campanha de Serzipe, atalhando as hoſtilidades, que daquella Praça podiaõ fazer os inimigos a todos os moradores dos ſeus deſtrictos; e o meſmo aviſo fez à Henrique Dias, que governava os Crioulos, e Minas, e ſe achava com o ſeu Terço aquartellado no Certaõ, convidando-os para eſta acçaõ, a qual abraçaraõ com o ſeu experimentado valor, reſpondendolhe cada hum, que partia a buſcallo. Com eſtas diſpoſiçóes ſe animou Joaõ Fernandes Vieira, para ſe pôr em campanha mais brevemente do que imaginava, o que executou primeiro com hum pequeno troço de exercito, a que ſe foraõ aggregando logo tantas peſſoas, que ſe vio com ſufficientes forças, para emprender alguma facçaõ generoſa; e elegendo alojamentos, ſe achava em hum ſitio, que chamaõ do Covas, onde teve aviſo da vinda de D. Antonio Filippe Camaraõ, e de Henrique Dias, poſto que naõ chegaraõ taõ promptos, como elle os eſperava, porque as diſtancias, os embaraços dos caminhos, e marchas

marchas lhes impediraõ o acharemſe na batalha do Monte das Tabocas.

48 Noticioſos os Hollandezes deſtas alterações, tanto mayores, quanto menos eſperadas, (em tempo em que as deſgraças dos Pernambucanos os traziaõ arraſtados) naõ ſuppondo tanto orgulho em gente taõ exhauſta, deſpertaraõ do deſcuido, com que havia muitos annos viviaõ engolfados nos ſeus intereſſes; e tratando de apagar aquella chamma, antes que em mayor incendio levantaſſe mais alta labareda, juntaraõ de todos os ſeus Preſidios os melhores Soldados, e formando hum Exercito de dous mil Hollandezes, e outro igual numero de Gentios ſeus parciaes, marchou Henrique Hus, que entaõ governava as armas inimigas, a buſcar a noſſa gente no alojamento, em que eſtava do referido ſitio, que ſe dizia do Covas.

Preparaõ-ſe os Hollandezes para ſuperarem as alterações.

49 Teve da ſua marcha aviſo Joaõ Fernandes Vieira, e por voto ſeu, e dos mais Cabos do noſſo pequeno Exercito (muito deſigual em numero ao dos inimigos, por naõ terem ainda chegado D. Antonio Filippe Camaraõ, e Henrique Dias com os ſeus Terços) ſe reſolveo ſer aquelle lugar de grande embaraço para nós, e de muita ventagem para os noſſos contrarios.

Muda de alojamento Joaõ Fernandes Vieira.

50 Mandou por peſſoas intelligentes do terreno eleger ſitio a propoſito para pelejarmos; e ſendo eſcolhido o Monte das Tabocas, (já mencionado no primeiro livro deſta Hiſtoria) ſe foy alojar nelle, amparando-ſe daquellas naturaes in-

Aloja-ſe no Monte das Tabocas.

cultas lanças, producções do monte, e contrapondo tambem esta defensa ao excesso de gente, em que o Exercito dos Belgas era superior ao dos Portuguezes. Foraõ buscarnos os inimigos no nosso primeiro alojamento, e vendo, que tinhamos tomado outro, nos seguiraõ taõ seguros da vitoria, que suppunhaõ, que só com nos encontrarem, a tinhaõ conseguido.

Seguemnos os inimigos.

51 Porém afrontados os dous Exercitos, e batendo-se com igual porfia por termo de cinco horas, foy tal o nosso valor, e a nossa industria, (ajudados da opportunidade, que achámos no sitio para varias emboscadas, em que os rechaçamos por diversas partes, repetidas vezes) que ultimamente nos deixaraõ nas mãos a vitoria, depois de bem pleiteada; porém naõ podendo mais, assombrados, e fugitivos, se retiraraõ confusamente, levando mais pressa da que trouxeraõ. Ficou o campo coberto dos seus Soldados mortos, sendo tantos os feridos, que naõ podendo o seu General salvar a todos, perderaõ a vida no caminho muitos.

Ataca-se a batalha.

Ganhâmos a vitoria.

Anno de 1644.

52 Haviaõ os inimigos mandado por dous Embaixadores queixarse ao Governador Geral do Estado Antonio Telles da Sylva das alterações dos moradores de Pernambuco, e de Joaõ Fernandes Vieira, a quem chamavaõ Cabeça da Rebelliaõ, pedindo o mandasse castigar, e a todos os que ousassem quebrar as tregoas, e capitulações ajustadas entre ElRey de Portugal, e os Estados de Hollanda, accrescentando alguns ameaços, se aquellas

Mandaõ queixarse os inimigos ao Governador Geral.

las perturbações ſe naõ evitaſſem. Porém Antonio Telles da Sylva lhes reſpondeo, que de tudo o que diziaõ, ſó lhe fazia pendor a obediencia delRey, que lhe ordenava fizeſſe rigoroſamente guardar as tregoas com os Eſtados de Hollanda.

Sua repoſta.

53 Promettialhes, que em obſervancia das ordens Reaes, que tinha, mandaria alguns Cabos com forças competentes a ſogeitar aos ſublevados; poſto que aos Governadores do Recife tocava domallos, pois eſtavaõ debaixo da ſua obediencia, e naõ deviaõ recorrer a quem no eſtado preſente naõ tinha ſobre elles juriſdicçaõ; mas que lhes ordenaria deixaſſem as armas, para que os do Supremo Conſelho viſſem, que a ſua vontade ſe naõ apartava hum ponto dos preceitos do ſeu Monarcha.

54 Deſpedidos os Embaixadores, mandou Antonio Telles da Sylva apreſtar oito embarcações, e meter nellas dous Terços de Infanteria dos mais veteranos, que ſe achavaõ na Bahia, com os ſeus Meſtres de Campo, Martim Soares Moreno, e André Vidal de Negreiros, eſte por Cabo de ambos, ordenandolhes foſſem pôr em paz os Pernambucanos com os Hollandezes, buſcando todos os meyos de os reconciliar, com comminaçaõ de proceder contra elles na fórma das ordens delRey.

Envia em oito naos dous Terços de Infantería com os ſeus Meſtres de Campo, a ſocegar as alterações de Pernambuco.

55 Chegaraõ a Pernambuco, e ſaltando em terra no porto de Tamandarê, tiveraõ a noticia da vitoria, que as noſſas armas alcançaraõ das inimigas no Monte das Tabocas, e ao meſmo

tempo a certeza das crueldades, que hiaõ uſando os Hollandezes com aquelles opprimidos Povos, e acharaõ ainda freſcas as feridas dos males, que na preſente occaſiaõ tinhaõ cauſado em varios lugares, ſem attenderem a eſtado, ſexo, nem idade; de que magoados os Soldados dos dous Terços, propunhaõ, e pediaõ a vingança, offerecendo-ſe a derramar o ſangue no caſtigo de tantos inſultos, e a perderem as vidas a troco de libertarem aos Portuguezes daquelle cruel jugo; clamores, que fizeraõ nos Cabos huma conſternaçaõ piedoſa, que os arraſtava ao meſmo ſentimento, e reſoluçaõ, que viaõ nos ſeus Soldados.

Informações, que acharaõ das tyrannias dos Hollandezes.

56 Informado Joaõ Fernandes Vieira da chegada dos dous Meſtres de Campo, caminhou a buſcallos, acompanhado já de D. Antonio Filippe Camaraõ, e de Henrique Dias, que no dia antes ſe lhe tinhaõ juntado. Viraõ-ſe no meſmo porto de Tamandarê, onde André Vidal de Negreiros lhe intimou as ordens, que levava do Governador Geral para quietar aquellas alterações, e o levar prezo à Bahia, no caſo que perſiſtiſſe na empreza, que tomara.

Aviſta-ſe Joaõ Fernandes Vieira com os dous Meſtres de Campo.

Intimalhe André Vidal as ordens, que levava.

57 Joaõ Fernandes Vieira lhe reſpondeo, que elle, e os Pernambucanos pegaraõ nas armas, por ſe livrarem da ultima ruina, que os inimigos preveniaõ a todos os moradores daquellas Provincias; e que ſendo a defenſa natural às gentes, naõ devia o Principe obrigar aos Vaſſallos a viver na ſogeiçaõ de hum dominio tyrannico, de que naõ podiaõ livrarſe, ſem romper o jugo, que os trazia

Repoſta de Joaõ Fernandes Vieira.

zia arraſtados, arriſcando na empreza as vidas, que pertendiaõ perder mais glorioſamente nella, que nas mortes prevenidas pela crueldade dos Hollandezes, os quaes intentavaõ tirarlhas aleivoſamente.

58 Ouvidas eſtas razoens pelos dous Meſtres de Campo, Martim Soares Moreno, e André Vidal de Negreiros, e vendo a ſua Infanteria diſpoſta à uniaõ com os Pernambucanos, (a todo o riſco da obediencia) reſolveraõ juntarſe com Joaõ Fernandes Vieira, e intereſſarſe na cauſa commua da Naçaõ contra os inimigos da Fé, e da Patria; julgando, que a deſobediencia, de que póde reſultar augmento à Monarchia, he ſerviço, que naõ devem caſtigar os Soberanos, ſendo mayor culpa faltar às leys da humanidade, e à defenſa da Religiaõ, taõ atropelladas naquellas Capitanías pelos Hollandezes.

Ouvidas as ſuas razoens, reſolvem continuar unidos a guerra contra os Hollandezes.

59 Juntos já todos em hum corpo, marcharaõ a buſcar os inimigos, que ſe achavaõ em campanha com poderoſo Exercito no Engenho de D. Anna Paes, onde tinhaõ aprizionadas muitas principaes mulheres, que nelle ſe haviaõ recolhido; porque ao meſmo tempo, em que ſabiaõ, que da Bahia foraõ apertadas ordens, para quietarem aos moradores de Pernambuco, lhes eſtavaõ fazendo as mayores hoſtilidades. Chegaraõ os Portuguezes a tempo, em que os inimigos ſe achavaõ nos ſeus divertimentos; porém aviſados das ſuas centinellas, ſe formaraõ com grande preſteza, e pratica militar.

Buſcaõ aos inimigos no Engenho de D. Anna Paes.

Inveſ-

Daõlhes batalha, e alcançaõ os Portuguezes a vitoria.

60 Inveſtiraõ-ſe os dous Exercitos, e em duvidoſo marte contenderaõ tres horas, ſem ventagem de nenhuma das partes; mas cedendo a ſua porfia ao noſſo valor, nos deixaraõ o campo, e a vitoria, com prizaõ do ſeu General Henrique Hus, e do ſubalterno Joaõ Blac, innumeraveis mortos, e prizioneiros; a eſtes por conſelho, e reſoluçaõ de André Vidal de Negreiros, ſe deu liberdade para tornarem para o Recife, e levarem a noticia da ſua deſgraça. Foraõ os deſpojos, que nos deixaraõ na campanha, ſenaõ ricos, proporcionados à neceſſidade dos noſſos Soldados, por ficarem providos das armas, de que tanto carecia o noſſo Exercito; creſcendo nelle com eſtas fortunas o animo, e em todos a eſperança de ſe verem reſtituidos à ſua antiga liberdade, e à ſuave obediencia do appetecido dominio Luſitano.

Anno de 1645.

Vaõ proclamando muitas das noſſas Fraças, e expulſando aos Hollandezes.

61 Com taõ venturoſos ſucceſſos começaraõ a proclamar liberdade muitas das noſſas Praças. Logo a Villa de Serinhaem tomou as armas contra os Hollandezes, expulſando-os de toda a ſua Comarca. O meſmo fizeraõ as do Porto Calvo, e rio de S. Franciſco, cujos principaes moradores tinha Joaõ Fernandes Vieira anticipadamente prevenidos, para darem ſobre os inimigos naquelle tempo; o que fizeraõ tomandolhes as Fortalezas, que haviaõ fabricado. O proprio ſucceſſo tivemos na reſtauraçaõ da Ilha de Itamaracá; e por todas as outras Capitanîas ſe foraõ levantando os Povos com varios ſucceſſos, mas igual valor.

O noſſo

62 O noſſo Exercito em conſequencia das vitorias marchou a pôr ſitio ao Recife, diſpondo as eſtancias, os poſtos, Cabos, e Soldados, pelas partes mais convenientes para lhe apertar o cerco, e o conſeguiraõ de fórma, que naõ poderaõ os Hollandezes ter communicaçaõ por terra, e lhes naõ ficou outro tranſito mais que o mar. Neſte tempo lhes tomámos a Fortaleza do Pontal de Nazareth, no Cabo de Santo Agoſtinho, por ſitio, e trato com o ſeu Cabo Theodoſio Eſtrater, que paſſou ao ſerviço delRey, e abjurando a hereſia, recebeo a Fé Catholica Romana, pela qual, havia muitos annos, ſuſpirava, e foy premiado com o poſto de Meſtre de Campo na Bahia.

Poem ſitio o noſſo Exercito aos Hollandezes no Recife.

Tomaõ os Pernambucanos aos inimigos a Fortaleza do Pontal de Nazareth.

63 Os do ſupremo Conſelho do Recife, experimentando o noſſo valor, e reſoluçaõ à cuſta das vidas, e liberdades dos ſeus Cabos, e Infantes, ſe davaõ por perdidos. Mandaraõ recolher àquella Praça os mais praticos, e valeroſos Soldados, que tinhaõ nas outras, que ainda conſervavaõ. Com elles ſe animaraõ a fazer algumas ſortidas contra os ſitiadores; mas de todas voltavaõ rechaçados, e ſe recolhiaõ vencidos. Ganhámoſlhes o Forte de Santa Cruz, ſituado no meyo do iſthmo de area, por onde ſe communicaõ Olinda, e o Recife.

Conſternaçaõ dos Hollandezes no Recife.

Perdem o Forte de Santa Cruz, ganhado pelos Pernambucanos.

64 Com taõ ſucceſſivas perdas ſó appellavaõ os inimigos para a eſperança do ſoccorro de Hollanda, que por inſtantes aguardavaõ, pela noticia certa, que lhes viera em tres navios, que lhes chega-

chegaraõ com baſtimentos naquelles dias, ſegurandolhes naõ tardaria muito huma poderoſa Armada, que em ſeu ſeguimento havia de partir, e que ſe ficava apreſtando outra com mayores ventagens em naos, e gente; e ambas competentes naõ ſó a conquiſtar de novo as Praças, que tinhaõ perdido em Pernambuco, mas tambem a ſogeitar a Bahia, Cabeça de todo o Eſtado.

65 A eſtes dous fins fez a Companhia Occidental o mayor esforço do ſeu poder; picados os Hollandezes, naõ ſó no intereſſe da bolça, mas no credito da Naçaõ. Deſpediraõ huma Armada numeroſa em naos, e gente, enviando por ſupremo General de todas as ſuas armas no Braſil a Sigiſmundo Uvandeſcop, a quem o exercicio, e pratica militar deraõ o nome de Soldado, e as primeiras conquiſtas de Pernambuco o de Capitaõ. Haviaõ poucos annos, que daquella Capitanîa voltara para Hollanda, de donde tornava agora com eſte emprego, e taõ firmes eſperanças de mayores progreſſos, quanto era mais relevante o poder com que vinha, e o ſoccorro de outra poderoſa Armada, que ſe ficava prevenindo para o ſeguir. Chegou Sigiſmundo com as naos da ſua Companhia ao Recife, no principio do anno de mil e ſeis centos e quarenta e ſeis.

Vem de Hollanda huma Armada com Sigiſmundo Uvandeſcop, por General das ſuas armas no Braſil.

Anno de 1646.

66 Com arrogantes, e ſoberbas palavras eſtranhou aos Soldados Hollandezes, que achou ſitiados no Recife, as perdas, que haviaõ experimentado, e as batalhas, que tinhaõ perdido, attribuindo eſtes ſucceſſos mais ao ſeu deſcuido, que ao

ao noſſo valor, ſegurandolhes triunfar de nós com a meſma facilidade, com que tantas vezes nos vencera; e em execuçaõ do ſeu furor, e da ſua promeſſa, diſpoz logo muitas ſortidas contra o noſſo Exercito, que à viſta do poder contrario eſtava mais conſtante no cerco, que lhe tinha poſto.

Faz muitas ſortidas, e recolheſe rechaçado.

67 Sahiò Sigiſmundo a tomar a Cidade de Olinda, que depois de a largarem quaſi demollida, e abrazada, tornara ao noſſo dominio; porém achou tal reſiſtencia em a noſſa gente, que duvidava ſe os Hollandezes eraõ outros, ou ſe eraõ os meſmos os Pernambucanos; e naõ podendo ganhalla, nem a preço do ſangue, que derramara, (ſendo ferido no ſegundo conflicto deſta empreza taõ pleiteada, como defendida) ſe retirou para o Recife, formando differente conceito dos Pernambucanos, e deſculpando aos Hollandezes o deſcuido, ou frouxidaõ, de que os accuſara.

68 O proprio lhe hia acontecendo em todas as facções, que emprendia; porque a fortuna (de mais fórmas, que Protheo) lhe moſtrava já ſemblante diverſo daquelle, com que tantas vezes lhe aſſiſtira. Trazia ordem de ir ſobre a Bahia, e ſe lhe repreſentavaõ neſta empreza mais uteis conſequencias, porque ainda que a naõ conquiſtaſſe, a poria em termos de naõ divertir a ſua gente em ſoccorrer ao Exercito de Pernambuco; e falto deſte auxilio, (ao qual os Hollandezes attribuhiaõ a conſtancia, e porfia dos Pernambucanos) poderia reſpirar o Recife.

O meſmo lhe ſuccedeo em outras varias facções.

Manda fundar nova Fortaleza no rio de S. Francisco por Andreson.

69 Mandou a Andreson com muitas naos, e infantes, erigir no rio de S. Francisco nova Fortaleza, havendo os moradores no seu levantamento arrazado a primeira. Ordenoulhe tivesse as embarcações, e gente promptas para quando elle chegasse; e publicando, que hia dar calor àquella obra, importantissima aos interesses das suas conquistas, se juntou na sua barra com a Esquadra de Andreson, e providas ambas dos bastimentos necessarios, partiraõ juntas para a Bahia.

Publîca, que vay dar calor àquella obra.

70 Entrou pela barra com quarenta e quatro naos, e quatro mil homens de guerra, e penetrando a enseada, fez vistosa ostentaçaõ do seu poder, estendendo por toda ella a sua Armada. Mas a disposiçaõ, e valor, com que a esperavamos, e o desprezo, que da sua arrogancia se fazia na Cidade, o absteve de tomar algum dos portos da sua dilatada ribeira, resolvendo aquartellarse na Ilha de Itaparica, de donde ameaçando sempre a Cidade, colhendo as embarcações, que lhe viessem, e entrando pelos rios do seu reconcavo a roubar, e destruir os Engenhos, nos poderia fazer tanto estrago, que necessitassemos de toda a nossa gente para a defensa da Bahia, e a naõ podessemos divertir nos soccorros de Pernambuco. Com este intento desembarcou na dita Ilha, cujos moradores desarmados, e sem meyos de se defenderem de huma invasaõ taõ poderosa, se lhe renderaõ.

Descripçaõ da Ilha de Itaparica.

71 Está situada a Ilha de Itaparica fronteira à Cidade da Bahia para o Poente, em distancia de tres

tres legoas, que tem de largura a ſua enſeada; eſtende-ſe em fórma prolongada com ſete de comprimento, tres de largura, e dezoito de circuito; faz duas pontas, huma para a barra de Santo Antonio, e outra para o rio Paragoaſſû, que por alli vay correndo ao mar, eſta he a que chamaõ das Baleas, por eſtar nella a fabrica daquella peſcaria, e ſer o porto para onde as levaõ depois de arpoadas, para ſe beneficiarem. He toda fertil, tem alegres viſtas, ſaudaveis ares, fermoſos arvoredos, em mayor numero os dos coqueiros, que de longe formaõ o meſmo objecto, que as oliveiras; abunda de excellentes aguas, de todo o genero de plantas, frutas, e ſementeiras; colhemſe nas ſuas ribeiras ſaboroſos peſcados, e mariſcos. Tem duas magnificas Igrejas Parochiaes, outros fermoſos Templos, e boas Capellas particulares; teve alguns Engenhos, que já naõ exiſtem, mas permanecem outras fazendas de grande rendimento, e muitas caſas de ſumptuoſa architetura.

72 Os moradores da Cidade atraveſſando o golfo em curioſas embarcaçóes, vaõ a ella, naõ ſó na monçaõ das baleas, a verem a ſua peſcaria, mas a lograrem a amenidade daquelle Paiz, taõ habitado, e aſſiſtido de gente innumeravel, que naõ havendo na Ilha fundaçóes de Villas, he toda ella huma Povoaçaõ continuada, ſem ter porçaõ alguma menos culta, ou mais aſpera. Nas ſuas prayas ſe acha ambar griz em ſummo grao perfeito, e delle tem hido muito a Portugal, e ſe gaſta naõ pouco na Bahia. O primeiro Conde da

Foy dos Condes da Caſtanheira, e hoje he dos Marquezes de Caſcaes.

Caſtanheira D. Antonio de Ataide a pedio ao Governador Thomé de Souſa em ciſmaria com outra Ilha pequena, que lhe fica proxima para a parte do Sudueſte, na boca do rio Jagoaripe, e lhas confirmou ElRey D. Joaõ III. com titulo de Capitanîa; o Conde, e ſeus ſucceſſores a dividiraõ em varias datas por muitos colonos, que pagaõ competentes foros; hoje exiſte nos Marquezes de Caſcaes, como herdeiros daquella illuſtriſſima Caſa.

Fortificações do inimigo na Ilha.

73 Ganhada a Ilha, levantou Sigiſmundo hum Forte na ponta chamada das Baleas, e quatro reductos em diſtancias proporcionadas, fazendo das ſuas naos huma portatil muralha, eſtendida por toda aquella dilatada marinha, com que ficavaõ os Hollandezes defendidos, aſſim da artilheria dos ſeus navios, como das ſuas Fortificaçoes, ſendo rara a embarcaçaõ, que entrando pela barra, ou ſahindo do reconcavo para a Cidade, lhe eſcapava. E além de prover o ſeu Exercito de viveres à cuſta dos navegantes, paſſava a ſua ambiçaõ a mayor inſolencia, porque penetrando os rios do reconcavo, ſaqueava as caſas dos moradores, em que colhia deſpojos ricos, roubava as fazendas, e Engenhos, de donde levava generos importantes, deixando mortos, ou fugitivos os ſeus poſſuidores.

Hoſtilidades, que fazia pelo reconcavo.

74 Com eſtas hoſtilidades ſe dilatava o Uvandeſcop naquella Ilha; de cuja demora fez aviſo ao Sereniſſimo Senhor Rey D. Joaõ IV. o Governador, e Capitaõ Geral Antonio Telles da Sylva,

Sylva, ſignificandolhe o damno, que experimentava a Bahia, e o imminente perigo, que ameaçava à Cidade a viſinhança de taõ nocivos, e poderoſos inimigos. Porém naõ eſperando a Armada, que havia pedido a ElRey, para lançar fóra de Itaparica aos Hollandezes, e ſegurar os mares, e moradores da Bahia de tantos inſultos, impaciente ao eſcandalo, que o ſeu valor recebia da arrogancia, e da demora de Sigiſmundo, determinou fazello deſalojar da Ilha.

75 Eſte temerario impulſo, poſto em conſelho (diſputadas as difficuldades invenciveis, que haviaõ para ſe conſeguir, ou intentar a empreza) foy de todos reprovado, por faltarem os inſtrumentos com que bater as Fortificações dos inimigos, e ſerem poucos os noſſos Soldados para paſſar foſſos, e tirar eſtacadas deſcobertos às ballas da ſua artilheria; ſendo eſtas conſiderações uniformes em todos os noſſos Cabos valeroſos, e experimentados na guerra do Braſil, que naõ temiaõ o perigo particular, ſenaõ a perda commua, e a cenſura de haverem aſſentido a huma facçaõ, que nos termos preſentes era contraria à toda a pratica, e diſcurſo militar, ſignificando-o aſſim ao Governador com aquellas expreſſoens, que lhes ditava o ſeu valor, e com a authoridade, que lhes dava a ſua experiencia.

Reſolve A. Telles com forças inferiores fazellos deſalojar, contra a opiniaõ dos Cabos.

76 Porém Antonio Telles da Sylva deſprezando eſte acertado juizo, e parecer, lhes reſpondeo, que quando os chamara para os ouvir, já tinha tomado a reſoluçaõ de os mandar; e que ſó impor-

importava obedecer, ordenandolhes ſe diſpuzeſſem a ir aſſaltar aos Hollandezes, e deſalojallos de Itaparica. Sem replica, por naõ arriſcarem a opiniaõ, ſe diſpuzeraõ a perder as vidas, ſendo pelas leys da ſogeiçaõ, e da honra duas vezes preciſa a obediencia: terrivel penſaõ dos ſubditos, que o capricho de hum homem, em quem o Principe transfere o poder, ſeja o arbitro das vidas dos Vaſſallos, e da ruina da Monarchia! Tinha Antonio Telles delineada eſta empreza na ſua eſpeculaçaõ com fantezia taõ errada, como moſtrou o infauſto ſucceſſo deſta expediçaõ, da qual exiſte ainda a laſtima, e a memoria.

77 Preveniaõſe todas as embarcações de remo ligeiras, que ſe achavaõ pela marinha da Cidade; e embarcando-ſe em varios portos della mil e duzentos eſcolhidos infantes, e muitos famoſos, e deſtemidos Cabos, ſahiraõ todas a hum meſmo tempo cobertas das trevas de huma eſcura noite, que já nos ſeus horrores lhes repreſentava o funeſto fim da viagem, que emprehendiaõ, e nas ſuas ſombras lhes cortava os lutos da morte, que buſcavaõ. Chegaraõ juntas ao Manguinho, (hum Ilhote, que eſtá na ponta daquella Ilha) e encorporadas puzeraõ as proas nas Fortificações dos inimigos, onde deſembarcaraõ os noſſos Cabos, e Soldados antes de apparecer o dia, que ſe dilatava em moſtrar as ſuas luzes, por naõ concorrerem a eſpectaculo taõ funebre.

78 Inveſtio a noſſa gente a inimiga com valor incomparavel, mas com tanta deſordem, (pelos

los impedimentos do terreno com as defenſas dos Hollandezes) que foraõ verdugos de ſi meſmos os Portuguezes, atirando os que vinhaõ atraz aos que hiaõ ſobindo adiante, por entenderem, que apontavaõ aos inimigos, atè que cahindo morto o Meſtre de Campo Franciſco Rebello, Cabo principal da empreza, e conhecendo os mais, que na porfia era certa a ruina de todos, ſe retiraraõ com mayor confuſaõ noſſa, que gloria dos inimigos; pois a deſordem da noſſa gente, mais que a ſua reſiſtencia, lhes deu a vitoria.

Infeliz ſucceſſo deſta empreza.

79 Morreraõ neſta infeliz jornada ſeis centos Soldados Portuguezes; ficaraõ muitos feridos, contando-ſe entre eſtes quaſi todos os Cabos, e entre aquelles, dous Capitães, e o Meſtre de Campo Franciſco Rebello, cujo valor, e diſpoſiçaõ lhe tinhaõ grangeado reſpeito entre os naturaes, e aſſombro entre os eſtranhos; o esforço do ſeu coraçaõ, e do ſeu braço lhe deraõ o nome, e lugar, que lhe naõ concedera a condiçaõ da ſua fortuna. Era chamado por antonomaſia o Rebellinho, por ter a natureza tirado à ſua eſtatura na medida, o que ſem limite accreſcentara ao ſeu animo no valor, ſupprindolhe a brevidade do corpo com a grandeza do alento. A ruina deſta taõ mal vaticinada, como ſuccedida facçaõ foy (em quanto à perda da gente, e circunſtancias della) a mayor, que tivemos em toda a guerra dos Hollandezes no Braſil, ſervindo os cadaveres de animar aos vivos, para reſuſcitarem na ſaudade aos mortos.

Morte do Meſtre de Campo Franciſco Rebello.

Seu Elogio.

Com

80 Com a noticia, que teve ElRey da Armada dos Hollandezes na enſeada da Bahia, e da ſituaçaõ, que tinhaõ feito na Ilha de Itaparica, eſperando ſempre occaſiaõ de moleſtar, e invadir a Cidade, e naõ perdendo a de ſaquear ao reconcavo, mandou apreſtar huma Armada, nomeando por General della a Antonio Telles de Menezes, Conde de Villa Pouca, que vinha ſucceder no Governo geral do Braſil a Antonio Telles da Sylva, e fazer deſalojar os inimigos do lugar, em que eſtavaõ fortificados. Conſtava de muitas naos, baſtimentos, e Soldados, entre os quaes haviaõ muitos de grande qualidade.

Manda ElRey a Armada com o Conde de Villa Pouca por General.

81 Por aviſo de Hollanda ſouberaõ os do Supremo Conſelho do Recife, que brevemente ſahiria do porto de Lisboa a noſſa Armada, e recearaõ, que foſſe ſobre aquella Praça, cada vez mais apertada com o ſitio, em que a tinhaõ os Pernambucanos, que na auſencia de Sigiſmundo, e da gente que comſigo trazia, ſe adiantaraõ a mayores progreſſos, pondo-a em mais evidente perigo, o qual ſeria irremediavel, ſe as noſſas naos, deſtinadas para a Bahia, pozeſſem as proas em Pernambuco.

Receyo dos inimigos no Recife.

82 Logo lhe ordenaraõ, que abandonando a Itaparica, ſe recolheſſe com toda a Armada ao Recife. Obedeceo Sigiſmundo, e deixando deſtruida toda a Ilha, ſahio breviſſimamente da barra da Bahia; por onde poucos dias depois da ſua partida entrou a noſſa Armada, que ſentio o haverſe auſentado a inimiga; mas ainda que naõ teve

Para onde ſe recolhe Sigiſmundo deixando a Itaparica.

teve a gloria de a vencer pelejando, naõ pode escusar a vaidade de entender, que só a sua fama a fizera sahir fugindo.

83 Tomou o Conde de Villa Pouca as redeas do Governo geral do Brasil das mãos de Antonio Telles da Sylva, em que estiveraõ quasi seis annos com os successos prosperos, e adversos, que temos referido; sendo infelicissimo o da sua volta para o Reyno, pois acabou naufrago na costa de Buarcos, naquella infausta viagem da nossa Armada, que sahindo da Bahia, e experimentando huma terrivel tormenta das Ilhas para Lisboa, perdeo muitas naos, perecendo nellas gente, e pessoas de grande supposiçaõ, sendo a mayor Antonio Telles da Sylva, benemerito de melhor fortuna.

Toma o Conde de Villa Pouca posse do Governo.

Anno de 1647.

84 No anno de mil e seis centos e quarenta e sete declarou ElRey ao Senhor D. Theodosio seu Primogenito por Principe do Brasil, a exemplo das mayores Coroas de Europa, que de algum competente, e particular Estado nomeaõ Principes aos que haõ de succeder na Monarchia. Os Primogenitos de França com o nome de Delphins, Principes da Provincia do Delphinado. Os de Inglaterra Principes de Gales. Os de Castella Principes de Asturias; e de Vianna os de Navarra. O applauso geral, que no Brasil causou esta resoluçaõ, foy igual ao credito, que lhe resultava desta preeminencia, vendo-se especial emisferio de hum Planeta, que apparecia propicio a todo o Imperio Lusitano, em cujas influen-

O Serenissimo Senhor D. Theodosio declarado Principe do Brasil.

cias eſperava a Portugueza America lograr as mayores fortunas. Porém o feſtejado auſpicio de taõ feliz oroſcopo brevemente ſe lhe deſvaneceo com a intempeſtiva morte do ſeu Principe; de que daremos noticia em ſeu proprio lugar.

85 Achando-ſe obrigado o Senhor Rey D. Joaõ, naõ ſó como Monarcha Portuguez, mas como Principe Chriſtaõ, a conſolar aquelles ſubditos Pernambucanos, que tanto haviaõ obrado por tornar ao ſeu dominio, (em cuja empreza quanto mais deſamparados, eſtavaõ mais conſtantes) lhes enviou com o poſto de Meſtre de Campo General a Franciſco Barreto de Menezes, que exercera dignamente nas campanhas do Alemtejo o de Capitaõ de Cavallos, e eſtava com a meſma ſatisfaçaõ ſervindo o de Meſtre de Campo. Partio com dous navios, alguns Soldados, armas, e baſtimentos; mas em taõ pouco numero, que todo o ſoccorro conſiſtia na ſua peſſoa.

Manda ElRey a Franciſco Barreto de Menezes por Meſtre de Campo General do Exercito de Pernambuco.

86 Navegando a Pernambuco, encontrou na altura da Paraiba huma Eſquadra dos inimigos, que o inveſtiraõ; e ainda que ſe diſpoz à defenſa, lhe ſahio inutil a reſiſtencia, pelo grande numero das naos contrarias, que tomando ambos os navios, os conduziraõ ao Recife, levando ferido, e prezo a Franciſco Barreto, o qual depois de nove mezes de prizaõ, ſe auſentou della para o noſſo Exercito, por favor, e induſtria de Franciſco de Brá, moço Hollandez, filho do Cabo, que o guardava; ao qual agradecido o noſſo Meſtre de Campo General, trouxe ſempre comſigo, e depois

He prezo pelos inimigos no mar.

Auſenta-ſe da prizaõ, e paſſa ao noſſo Exercito.

pois de abjurar a heresia, e receber a nossa Religiaõ Catholica, o fez despachar com o habito de Christo, e o posto de Sargento môr de hum dos dous Terços do Presidio da Bahia, onde faleceo nobremente casado, e com larga successaõ.

87 Com os mayores jubilos receberaõ a Francisco Barreto de Menezes os Governadores do nosso Exercito de Pernambuco Joaõ Fernandes Vieira, e André Vidal de Negreiros, fazendo acções de graças pela sua liberdade, e consultando com elle as disposições da guerra contra a poderosa Armada, que esperavaõ dos Hollandezes, a qual brevemente chegou numerosa em naos, e com seis mil infantes. Em outros navios, que derrotara huma tempestade padecida no Canal, vinhaõ mais tres mil homens, reenchendo o computo dos nove mil, com que partira de Hollanda, e naõ tardaraõ em se juntar no Recife. Resolveraõ os Governadores do nosso Exercito unir em hum corpo a nossa gente. Mandaraõ arrazar todas as nossas Estancias, que com taõ poucas guarnições era impossivel poderem conservarse; e só guarneceraõ as Fortalezas do Arrayal, da Bataria, e da Barreta, que fabricaraõ no cerco posto aos inimigos.

Poderosa Armada em soccorro do Recife.

Disposições dos nossos Cabos para lhes resistirem.

88 Com estas disposições juntaraõ hum Exercito de tres mil homens, mais valerosos, que bem armados, contando-se nelles os Terços dos Gentios de D. Antonio Filippe Camaraõ, e dos Pretos de Henrique Dias. Ao mesmo tempo chegou ordem do Conde de Villa Pouca, para os Governa-

Ordem para se entregar o Governo ao Mestre de Campo General Francisco Barreto.

vernadores de Pernambuco entregarem o Governo das armas ao Meſtre de Campo General Franciſco Barreto de Menezes, em execuçaõ da que tivera delRey, que mandava exerceſſe o poſto, com que o enviara àquella guerra; o qual principiou a exercer com grande expectaçaõ dos Cabos, e dos Soldados, que fiavaõ do ſeu merecimento todas as emprezas, que veyo a conſeguir o ſeu valor.

Sahe Sigiſmundo a campo com numeroſo Exercito.

89 Pozſe em campo Sigiſmundo Uvandeſcop com ſete mil e quinhentos infantes, grande numero de Gentios, e de Gaſtadores, deixando de caminho arrazada a noſſa Fortaleza da Barreta, por mal guarnecida, e peyor acautelada. Marchou para a Povoaçaõ da Moribequa, huma legoa diſtante dos montes Goararapes, (importantiſſima pela ſua fertilidade, para ſuſtentar a hum Exercito) conveniencia, que o incitava a fazer della a primeira preza neſta ſua ſegunda conquiſta. Porém aviſados o Meſtre de Campo General, e mais Cabos do noſſo Exercito, da marcha dos inimigos, reſolutos a pelejarem com elles, ſem temor da muita ventagem, que lhes tinhaõ em numero de gente, e armas, ſahiraõ a provocallos à batalha, levando-os com algumas ſortidas, e eſcaramuças, para os referidos montes Goararapes, cujas fraldas, e cumes offereciaõ theatros capazes a eſtas militares ſcenas.

Marcha o noſſo Exercito a encontrallo.

90 Arrogante Sigiſmundo com o grande Exercito, que conduzia, e vendo ao noſſo taõ pequeno, entendeo, que a fortuna lho trazia para o ſeu

o ſeu triunfo, e que vencendo-o, acabaria a guerra de Pernambuco; pois naquelle pouco numero de Soldados conſiſtia a ſua rebelliaõ, e de todas as mais Capitanîas, que tornariaõ ao ſeu dominio, ſó em nos ganhar eſta batalha; e naõ fazia errado juizo, porque daquellas noſſas pequenas forças pendia a ſaude de todas as Provincias de Pernambuco, e com eſte diſcurſo ſe animavaõ o General Hollandez, e os ſeus Soldados na eſperança de ſer aquella vitoria o fim de toda a guerra.

Combatem os dous Exercitos nos montes Goararapes.

91 Acometeraõ-ſe os dous deſiguaes Exercitos; o dos Hollandezes ſuperior em gente, baſtimentos, petrechos, bagagens, arreyos, e galas: o dos Pernambucanos inferior em Soldados, commodidades, ſuſtento, deſcanço, e veſtidos; mas como ſe deſigualava na cauſa, e no valor, ſuperou as ventagens dos contrarios no conflicto. Durou cinco horas a porfia em rigoroſo, ſanguinolento, e militar certamen; mas depois de apurarem os inimigos todo o ſeu alento, foraõ cedendo ao noſſo esforço com tanta gloria noſſa, como confuſaõ, e perda ſua, retirando-ſe, por naõ acabarem todos ao noſſo ferro, e deixando-nos na campanha muitas bandeiras, artilheria, prizioneiros, e mortos.

Ganhaõ os Portuguezes huma glorioſa vitoria.

Anno de 1648.

92 Cantámos a vitoria, ſervindo ao noſſo triunfo de troféos os ſeus deſpojos, em que achámos inſignias para o credito, viveres para o ſuſtento, e regalos para o appetite. Morreraõ dos inimigos mais de mil homens; foraõ muitos os feridos, que levou Sigiſmundo, retirando-ſe coberto

berto das ſombras da noite, a qual em lhe chegar prompta, lhe trouxe hum ſoccorro grande, livrando-o, e ao reſto do ſeu Exercito, do noſſo alcance, porque amparado della, ſe poz em ſalvo (poſto que com duas feridas) no Recife, onde foraõ os prantos iguaes à ſua perda, e muy differentes de ſua eſperança, e do conceito, que fizeraõ das poucas forças do noſſo Exercito, medindo-as pelo numero, e naõ pelo valor dos noſſos Soldados.

Juizo, que ſe tinha feito na Bahia do Exercito de Pernambuco; e goſto com que nella ſe recebeo a noticia da vitoria.

93 As bandeiras, Coroneis, e Officiaes prizioneiros enviou o Meſtre de Campo General Franciſco Barreto de Menezes ao Conde de Villa Pouca, Capitaõ Geral do Eſtado; e na Bahia ſe receberaõ com tanto mayor applauſo, quanto mais certa julgavaõ a ruina de Pernambuco, pelo poder das duas Armadas, cujos Soldados pareciaõ incontraſtaveis às forças do pequeno, afflicto, e quaſi deſamparado Exercito dos Pernambucanos; e admirando o ſeu valor, e conſtancia em tanto credito da Religiaõ, do Monarcha, e dos Vaſſallos do Braſil, deſejavaõ todos intereſſarſe na empreza, emulando aquella gloria, em que naõ procuraraõ ter parte; mas Deos a tinha decretado ſó para aquelles moradores, em premio da ſua fé, e do conhecimento, em que eſtavaõ de que os eſtragos, e males tantos annos padecidos, eraõ juſto, e merecido caſtigo dos ſeus peccados.

94 Da noſſa parte morreraõ noventa Soldados, dos Officiaes ſó dous Capitães; porém de huns, e outros foraõ muitos os feridos, que bremen-

vemente ficaraõ ſãos, ſervindolhes o goſto do triunfo do melhor medicamento, e ficandolhes o deſejo de pelejar por effeito da cura, ou por ſimpathia das cicatrizes. O geral contentamento, com que ſe achava o noſſo Exercito, lhe penſionou a fortuna com a morte de D. Antonio Filippe Camaraõ, Governador dos Indios, que faleceo de enfermidade poucos mezes depois da vitoria, havendo ſido hum dos mayores inſtrumentos de a conſeguirmos. Contou os annos da ſua vida pelos ſeus triunfos. O ſeu valor, e fidelidade o fazem taõ acredor da noſſa ſaudade, que lhe devemos huma particular memoria.

Morre D. Antonio Filippe Camaraõ de enfermidade.

95 Foy taõ religioſamente obſervante da noſſa Santa Fé Catholica Romana, que naõ emprendeo acçaõ, ſem recorrer primeiro a Deos, e à Virgem Santiſſima, cujas Sagradas Imagens trouxe ſempre comſigo. Seguio as noſſas armas deſde que os Hollandezes entraraõ em Pernambuco, naõ afrouxando a ſua lealdade na mayor evidencia dos noſſos perigos. Trouxe o mayor ſequito dos Gentios (de que era principal) à obediencia, e amor dos Portuguezes; com elles ſe achou nos mais perigoſos conflictos, obrando taes acções, que fizeraõ o ſeu nome ouvido com reſpeito entre os noſſos, e com aſſombro entre os inimigos. Os Reys o honraraõ com merces generoſas, e elle as abonou com procedimentos qualificados. No ſeu poſto ſuccedeo ſeu primo D. Diogo Pinheiro Camaraõ, herdeiro do ſeu appellido, e do ſeu valor.

Seu Elogio.

Morte do Bispo D. Pedro da Sylva e Sampayo.

96 Na Bahia faleceo D. Pedro da Sylva e Sampayo, ſetimo Biſpo do Braſil, que fora Inquiſidor da Inquiſiçaõ de Lisboa, e Deaõ da Sé de Leiria. Exerceo a Pontificia Dignidade quinze annos, entrando na ſua Igreja no de mil e ſeis centos e trinta e quatro, e falecendo no de mil e ſeis centos e quarenta e nove. O tempo, que ſe lhe pode contar na ſua vida por menos acertado, foy o em que exerceo o Governo militar, e politico com o Meſtre de Campo Luiz Barbalho Bezerra, e Lourenço de Brito Correa, na depoſiçaõ do Vice-Rey Marquez de Montalvaõ, concorrendo para as deſattenções, com que o trataraõ. Em todos os outros annos, que viveo no Braſil, procedeo com as virtudes, e acções, que ſe pódem deſejar em hum bom Prelado. Foy ſepultado com naõ poucas lagrimas na Capella môr da ſua Matriz, e transferindoſelhe os oſſos para Portugal, naufragaraõ com a nao, que os conduzia, vindo a experimentar no Mundo ainda além da morte outra ruina.

Anno de 1649.

97 Naõ eraõ menos prejudiciaes, e ambicioſos por mar os importunos, e ouſados Hollandezes. Andavaõ com poderoſas naos pelos do Braſil, tomando as embarcações, que de Portugal vinhaõ a eſtes portos, ou delles voltavaõ; ſendo muy raras as que lhe eſcapavaõ, em prejuizo notavel dos Vaſſallos pela perda do negocio. E tendo Sigiſmundo noticia, que a noſſa Armada voltara para Lisboa com os navios de carga da Bahia, entrou pela ſua enſeada com muitas vélas, e pene-

Vem Sigiſmundo com Armada a roubar o reconcavo da Bahia, deſtroe muitos Engenhos, e ſahe da enſeada pela barra, ſem oppoſiçaõ alguma.

e penetrando com embarcações menores os rios do reconcavo, roubou, e deſtruhio trinta Engenhos, ſahindo ſem damno, ou contraſte algum pela barra, rico de deſpojos, que augmentara naquella meſma occaſiaõ com outras prezas de algumas embarcações noſſas, que foy colhendo até entrar no Recife; onde com eſte ſucceſſo moderaraõ os Hollandezes o ſentimento das muitas perdas, que experimentavaõ, e da grande oppreſſaõ, em que os tinhaõ poſto os Pernambucanos.

98 Prevenindo o remedio aos males, que os inimigos nos cauſavaõ por mar, fazendo preza em os noſſos navios, ajuſtaraõ com ElRey os homens de Negocio huma geral Companhia, que depois foy Tribunal com o nome de Junta do Commercio, e os ſeus Miniſtros com os de Deputados; os que reſidiaõ nas Praças do Braſil, ſe chamavaõ Adminiſtradores. Applicaraõ cabedaes importantes a ſuſtentar trinta e ſeis naos de guerra, das quaes ſe empregaſſem dezoito em comboyar (juntas em Frota) as embarcações aos portos do Braſil, e a conduzillas delles para o Reyno, prohibindo com penas graves, ſahir, ou navegar alguma fóra daquelle corpo; e com eſta acertada diſpoſiçaõ ſe tiraraõ aos Hollandezes grandes intereſſes, e ficámos logrando as utilidades de paſſarem livres dos inimigos as noſſas naos.

Inſtituiçaõ da Junta do Commercio.

Sua utilidade.

99 Por Generaes das referidas Frotas vinhaõ Cabos illuſtres, e dos mais experimentados na milicia maritima, e conduziaõ portentoſas naos,

cujo comboy ſe reduzio depois ao numero de dez, exiſtindo com grandes deſpezas muitos annos. Porém tendo ceſſado a cauſa, porque a Junta ſe inſtituhira, e achando-ſe com varios empenhos, de que pagava muitos juros, por Conſultas do meſmo Tribunal do anno de mil e ſete centos e quinze, e de mil e ſete centos e dezanove a ElRey noſſo Senhor D. Joaõ V. que Deos guarde, foy ſervido no de mil e ſete centos e vinte, ordenar que ſe extinguiſſe, obviando as deſpezas, que ſe faziaõ com os Miniſtros, e Officiaes deſta intendencia, e as dividas, que de novo ſe hiaõ ſempre contrahindo.

Depois por deſneceſſaria a desfaz o Senhor Rey Dom Joaõ V.

100 Para pagamento de todas, e dos juros que venciaõ, mandou Sua Mageſtade conſignar differentes effeitos, por onde ſe vaõ cobrando com ſatisfaçaõ mais prompta, da que ſe experimentara no tempo, em que aquelle Tribunal exiſtira, e encarregou ao Conſelho da ſua Real Fazenda toda a adminiſtraçaõ, que tivera, ordenando, que pelos Armazens da Coroa correſſe o apreſto dos comboys, que conſtaõ hoje de duas naos de guerra para a Bahia; duas para o Rio de Janeiro; e huma para Pernambuco.

101 Como no vencimento de huma batalha conſiſte quaſi ſempre a poſſe de huma conquiſta, toda a ancia dos Hollandezes era ganhar huma vitoria. Conſideravaõ ao Exercito de Pernambuco gaſto em pelejar, e cançado de vencer, porque quando as forças ſaõ debeis, até nos triunfos padecem eſtragos, e os meſmos trofeos, que

as

as liſongeaõ, as conſomem. Suppunhaõ, que naõ podia durar em tanta porfia a conſtancia, nem permanecer com tanto combate o valor; e arrebatado deſte penſamento, ou do ſeu natural impulſo o animo do Coronel Brinc, que nos impedimentos de Sigiſmundo governava as armas de Hollanda, fomentado dos Soldados, ſuggerido de alguns do Supremo Conſelho, e do Povo do Recife, propoz, que ſahiſſe o Exercito a ſogeitar a campanha de Pernambuco, pedindo aquella empreza em ſatisfaçaõ de muitos ſerviços.

Diſpoſiçaõ dos Hollandezes, para ſahirem a campanha.

Toma eſta empreza o Coronel Brinc.

102 Contra o parecer de Sigiſmundo, preſago do ſucceſſo, já pela ſua experiencia, ou já pelo ſeu temor, alcançou o Coronel Brinc a licença; e feitas todas as preciſas diſpoſições, ſe poz em campanha com cinco mil homens, que eraõ a flor das ſuas milicias no Braſil, eſcolhidos, e tirados anticipadamente para eſta empreza de todas as Praças, e guarnições, que conſervavaõ. Levava ſete centos Gaſtadores, e mais hum Regimento formado dos homens maritimos, de que era Cabo o Almirante da ſua Armada, duzentos Indios, e alguns Pretos, que deſta caſta de gente eſcuſou muita, por entender, que lhe ſerviria mais de embaraço, que de utilidade.

103 Com eſte Exercito, por muitas circunſtancias mais que o primeiro poderoſo, e forte, poſto que menor em numero, marchou para os montes Goararapes, ſem a lembrança, e pendor de terem já ſido infauſtos às ſuas armas, perdendo a batalha, que nelles ganhámos o anno

Sahe a campo, e marcha para os montes Goararapes.

 paſſado;

paſſado ; ſenaõ era pertenderem agora os Hollandezes reſtaurar a opiniaõ no meſmo poſto, em que a perderaõ, ou tomar vingança dos aggravos no proprio lugar, em que lhes foraõ feitos.

104 Achavaõ-ſe alguns moradores tomando hum breve deſcanço no abrigo de ſuas caſas, aſſegurados com a vitoria proxima, e fazendo prevençoes para a campanha futura; porém aviſados da reſoluçaõ dos inimigos, vieraõ logo para o noſſo Exercito, no qual achou o Meſtre de Campo General Franciſco Barreto de Menezes dous mil e ſeis centos infantes. Com eſte pequeno corpo, e parecer de todos os noſſos Cabos, ſe reſolveo a ſeguir, e dar aos inimigos batalha, a qual pediaõ com inſtancia os noſſos Soldados, porque os braços coſtumados a vencer, appeteciaõ pelejar.

Segue-o o noſſo Exercito de Pernambuco.

105 Marchou para os montes Goararapes, que achou já occupados pelos inimigos, ganhandonos aquella ventagem, que o noſſo Exercito tivera na outra batalha; mas naõ deſanimou eſte accidente ao noſſo Exercito, que nas difficuldades qualificava mais o ſeu valor. Chegou o Meſtre de Campo General àquelle ſitio em huma tarde; e querendo atacar logo o combate, foy aconſelhado pelos outros Cabos, que o diffiriſſe para o dia ſeguinte, porque deſcançaſſe a noſſa gente da larga, e apreſſada marcha, que havia feito.

106 Toda aquella noite mandou o Meſtre de Campo General por varias partes tocar arma aos Hollandezes, para os ter inquietos, logrando a induſ-

a induſtria no diſcommodo, que lhes cauſou. Ao romper do dia enviou alguns Cabos a reconhecer o Exercito contrario, e a fórma que tinha; e aviſado della, diſpoz acometello por varias partes, ſendo primeira a do Boqueiraõ, onde puzera a mayor força. Por alli principiou o Meſtre de Campo Joaõ Fernandes Vieira a batalha, achando tal reſiſtencia pelos muitos Batalhoens, que defendiaõ aquelle poſto, que lhe foy neceſſario empenhar todo o ſeu valor, e o dos Eſquadroens, que o ſeguiaõ, até fazer deſalojar os inimigos; mas ſeguindo-os, achou formados outros Troços Hollandezes, que deſceraõ dos cumes dos montes a ſoccorrerem aos ſeus.

Ataca-ſe a batalha.

107 Neſte accidente, e nova reſiſtencia foy o Meſtre de Campo Joaõ Fernandes Vieira com o proprio esforço abrindo por elles a meſma eſtrada, ſendo tambem ſoccorrido de mais gente noſſa. Os Meſtres de Campo André Vidal de Negreiros, e Franciſco de Figueiroa haviaõ por outras partes atacado varios Eſquadroens com a meſma fortuna, e igual valor, achando em todos valeroſa reſiſtencia; porque os inimigos pelejando já mais pela honra, que pelos intereſſes, e conſequencias da vitoria, deſprezavaõ barbara, e inutilmente as vidas; até que naõ podendo obrar mais a ſua conſtancia, cederaõ ao noſſo valor. O Meſtre de Campo General Franciſco Barreto de Menezes, como coraçaõ do noſſo Exercito, animava a todas as partes delle, acudindo àquellas, que mais careciaõ do ſeu alento.

Alcança o noſſo Exercito a vitoria.

Anno de 1649.

Final-

108 Finalmente deixando os inimigos na campanha o Eſtandarte dos Eſtados, dez bandeiras, ſeis peças de artilheria, tendas, e bagagens, e mil e trezentos mortos, (em que entraraõ o Coronel Brinc, General do ſeu Exercito neſta batalha, e o Almirante da ſua Armada) levando mais de ſeis centos feridos, e deixando muitos prizioneiros, ſe retiraraõ para a Fortaleza da Barreta, ſendo ſeguidos dos noſſos Cabos, e Soldados até as portas della, matandolhes neſte alcance outro grande numero de gente.

Seguemnos os noſſos Soldados até a Fortaleza da Barreta.

109 Agradeceo o Meſtre de Campo General a todos o grande valor com que ſe houveraõ, e ordenou, que nas Igrejas, e Conventos de Pernambuco ſe déſſem por eſta vitoria graças a Deos, verdadeiro Senhor dos Exercitos; acçaõ, que ſe obrou em todas as Freguefias, e Religioens com grande jubilo, e piedade. As bandeiras, e prizioneiros remetteo à Bahia, onde ſe fizeraõ por eſte triunfo as meſmas publicas demonſtrações de devoçaõ, e contentamento.

110 Havia o ultimo Rey Filippe tirado da Bahia o Tribunal da Relaçaõ, ou por eſcuſar a deſpeza, que ſe fazia com os Miniſtros, entendendo naõ ſerem neceſſarios, ou por cauſas, que naõ foraõ publicas para ſe terem por juſtificadas, reduzindo toda a juriſdicçaõ da Juſtiça a hum Ouvidor Geral do Crime, e Civel, de que ſe ſeguiaõ prejuizos grandes, aſſim porque em hum ſó Miniſtro naõ podia a adminiſtraçaõ della ter o expediente, de que careciaõ as partes, como porque

que hum ſó entendimento, e huma ſó vontade eraõ mais faceis de errar, ou por propenſaõ da natureza, ou por menos ſciencia do Direito; como ſe experimentava na dilaçaõ dos pleitos, e na deſattençaõ das ſentenças, (que neceſſitaõ de tantos olhos, quantos deve ter a Juſtica) naõ havendo no Braſil outra mayor inſtancia, a que ſe recorrer, antes da ultima nos Tribunaes do Reyno; e finalmente hum ſó homem a julgar, de que eſtragos naõ ſera cauſa? Sobornado Paris com as promeſſas de Venus, deu em huma ſentença motivo às ruinas de Troya.

111 Attendendo o Senhor Rey D. Joaõ IV. a tantos inconvenientes, e a que a Cabeça de hum Eſtado taõ vaſto, naõ devia eſtar ſem eſte taõ grande, como preciſo Tribunal, o reſtituihio à Bahia no anno de mil e ſeis centos e cincoenta e dous com grande utilidade do Braſil, correndo as cauſas com mayor expediente por Miniſtros, que tem eſpecial applicaçaõ naquellas, que a cada hum toca por diſtribuiçaõ, ou por intendencia do lugar, que occupa; reformando-ſe no Juizo dos Aggravos as ſentenças, que os Ouvidores Geraes, e os outros Miniſtros proferem na primeira inſtancia; tendo os pleiteantes a ſatisfaçaõ de que as ſuas acções ſe vejaõ por mais olhos, e ſe reſolvaõ por mais entendimentos, de que reſultaõ frequentes acertos; e atè as meſmas partes, que naõ alcançaõ a ſeu favor as ſentenças, colhem o deſengano, de que por lhes faltar o Direito, lhes faltara o vencimento.

Introduz ElRey na Bahia a Relaçaõ, tirada pelo ſeu anteceſſor.

Anno de 1652

Gover-

112 Governava o Estado do Brasil João Rodrigues de Vasconcellos, Conde de Castelmelhor, que succedera no posto de Capitaõ Geral a Antonio Telles de Menezes, Conde de Villa Pouca, o qual depois de o ter exercido com os acertos filhos do seu valor, e da sua experiencia, (que fizeraõ na India, e por outras partes da Monarchia resplandecer mais o seu esclarecido sangue) voltara para Portugal naquella infausta Frota, de que já fizemos mençaõ. Era o Conde de Castelmelhor illustrissimo por nascimento, e por valor, famoso pelos rigorosos tratos, e pela aspera prizaõ, que em Carthagena das Indias sacrificara ao amor da Patria, e igualmente claro pelos progressos, que na defensa della havia já obrado nos empregos de Governador das armas das Provincias de Entre Douro, e Minho, e do Alemtejo; e com a mesma actividade se applicava no Governo do Brasil.

Morte do Serenissimo Senhor Principe D. Theodosio.

Anno de 1653.

113 Aggravando-se sempre mais a enfermidade, que havia largo tempo padecia o Serenissimo Senhor D. Theodosio, veyo a ter fim com a sua intempestiva, e lamentavel morte, em quinze de Mayo de mil e seis centos e cincoenta e tres, com inconsolavel sentimento, e inextinguiveis lagrimas de seus Augustos Pays. Excessiva foy a dor, que padeceo o Brasil na perda do seu Principe, incomparavel o pranto de toda a Monarchia pela falta de tal successor, e podera ser geral esta magoa em todo o Mundo Christaõ, por acabar hum dos mayores Athlantes da Fé, em cujas

jas virtudes tinha a Religiaõ Catholica hum Real exemplo.

Seu Elogio.

114 Em menos de vinte annos, que contou de vida, fez a arte no ſeu talento reſplandecer as muitas qualidades, de que o tinha dotado a natureza. Foy o ſeu dominio ſuſpirado pelos Portuguezes, como o de Germanico pelos Romanos, deſvanecendo a morte humas, e outras eſperanças. Do ſeu conſelho reſultaraõ os melhores ſucceſſos, que até aquelle tempo ſe haviaõ logrado na defenſa do Reyno. Foy inſigne na lingua Latina, e em outros varios idiomas, ſubtiliſſimo Filoſofo, Theologo, Coſmografo, e Mathematico, com aſſombro dos mayores Meſtres deſtas ſciencias. O Ceo lhe tinha decretado melhor Imperio, e naõ permittio o lograſſe mais annos a terra, deixandolhe a memoria remontada ſobre as azas da Fama, e impreſſas as ſaudades nos corações dos ſubditos, que com o cadaver do ſeu Principe ſepultaraõ todo o ſeu contentamento.

Continúa o noſſo Exercito no cerco do Recife.

115 Perſeverava o noſſo Exercito de Pernambuco no cerco, que tinha poſto aos inimigos no Recife; e depois das duas ultimas vitorias, que delles alcançara, o tinha reforçado mais, guarnecendo, e fortificando melhor as Eſtancias, e poſtos; porém por falta de gente, e de petrechos naõ paſſava do aſſedio daquella Praça à expugnaçaõ della, e naõ ſe vinhaõ a conſeguir outros effeitos, que impedirem aos Hollandezes o fazerem ſe ſenhores da campanha, e tirarlhes as utilidades, que podiaõ ter por terra, rebatendo as

continuas ſortidas, que faziaõ contra as noſſas Eſtancias, de que ſempre ſahiaõ rechaçados, ainda que no ultimo anno dos nove, que durou o ſitio, ſe abſtiveraõ de as fazer, ou deſenganados da ſua porfia, ou porque já ſe naõ atreviaõ a mais progreſſos, que a conſervar algumas Praças, e Fortalezas, que ainda tinhaõ em ſeu poder.

Juizo, que fazem os noſſos Cabos.

116 Porém conſiderando o Meſtre de Campo General, e os mais Cabos do Exercito de Pernambuco, que ſeria induſtria eſta, que realmente era debilidade; e que moſtrarem querer ſó ſuſtentar o que eſtavaõ poſſuindo, ſeria para colherem a noſſa gente deſcuidada com alguma invaſaõ repentina, dobrava as guarnições, e augmentava a cautela, trazendo os Soldados mais vigilantes no deſcuido, ou induſtria dos inimigos; porém como todas eſtas dilações eraõ em prejuizo do Exercito, e em diſcommodo dos moradores, que na duraçaõ do cerco tinhaõ evidente perda, diminuindo-ſe a gente, faltando os baſtimentos, e naõ ſe tratando das lavouras, entenderaõ os Pernambucanos, que na brevidade da empreza do Recife conſiſtia o remedio de todos eſtes damnos.

117 Receavaõ, que de Hollanda chegaſſem ſoccorros aos inimigos, naõ ſó para ſe defenderem, mas para intentarem novos progreſſos; e o tempo trouxe às noſſas armas occaſiaõ opportuna, para o intento de expugnarem ao Recife, com a vinda da noſſa Armada da Junta do Commercio, de que era General Pedro Jaques de Magalhaens,

lhaens, e conduzia as naos de carga ao Brasil, para comboyar as que estivessem promptas a fazerem viagem para o Reyno.

Chega Pedro Jaques de Magalhaens conduzindo as naos de carga, que hiaõ para aquelles portos.

118 Havendo já Pedro Jaques metido nos portos de Pernambuco as que hiaõ para aquellas Provincias, lhe pediraõ o Mestre de Campo General Francisco Barreto, e os mais Cabos do Exercito, (fazendo as mesmas instancias ao seu Almirante Francisco de Brito Freire) os quizessem ajudar na expugnaçaõ do Recife, empreza de tanto serviço a Deos, por ser contra Hereges, inimigos da nossa Religiaõ Catholica, e taõ util ao serviço delRey, concorrendo a restaurarlhe o dominio, que lhe usurpavaõ os Hollandezes em tanto prejuizo dos seus naturaes Vassallos, e da grandeza da sua Monarchia, em odio da de Castella, da qual já o Ceo, o valor, e a fortuna a tinhaõ separado.

Pedemlhe os ajude na expugnaçaõ do Recife.

119 Ao General Pedro Jaques de Magalhaens pareceo se naõ devia empenhar naquella empreza, por naõ faltar à observancia do seu Regimento, que lhe naõ dava accesso a mais, que conduzir as naos de Portugal, e comboyar as do Brasil, segurando huns, e outros interesses, que era o fim, para o qual a Junta do Commercio sustentava com taõ grande despeza aquella Armada, além da culpa, que commetteria contra a paz ajustada com os Estados de Hollanda, tendo ordem delRey para a guardar, encaminhando-se a sua viagem só à defensa, e segurança das referidas embarcaçoes. Porém repetindo-se da parte

Repugna fazello o General Pedro Jaques.

Razoens, que dá.

Repetemselhe os rogos.

dos Cabos, e moradores os rogos, intimandolhe a causa de Deos, do Rey, e da Patria, protestandolhe o crime, que lhe podia resultar de escusarse de ser hum dos instrumentos da restauraçaõ de Pernambuco, que com o seu auxilio podia facilmente conseguirse, resolveo a todo o trance concorrer para esta empreza.

Conformase com a resoluçaõ dos Cabos do Exercito.

Disposições da empreza.

120 Dispostas todas as cousas ao fim, que os Pernambucanos pertendiaõ, por conselho de huns, e outros Cabos, ficou o Almirante Francisco de Brito Freire em terra com a Infanteria da Armada, e o General Pedro Jaques de Magalhaens com os Soldados precisos para a guarniçaõ das naos, (tendo enviado para a Bahia, e para o Rio de Janeiro os navios, que vinhaõ destinados para os seus portos) com as dezoito naos de guerra, e algumas mercantîs mais poderosas, que demorou para lhe assistirem naquelle empenho, sitiou por mar ao Recife com tal regularidade, e militar acerto, que impedio naquelle porto entrar, ou sahir embarcaçaõ alguma.

Toma o nosso Exercito a Fortaleza das Salinas, e a de Altanar.

Desamparaõ os inimigos a da Barreta, Buraco de Santiago, e a dos Affogados.

121 Seguro o nosso Exercito de que os inimigos naõ poderiaõ ser soccorridos das suas Praças maritimas, foy atacando por terra as suas Forças, sendo a primeira a Fortaleza das Salinas, a qual, ainda que com grande trabalho em o curso de hum dia, a rendeo; e com o mesmo valor, e fortuna, posto que com a propria resistencia, tomou a de Altanar, desamparando os inimigos as da Barreta, Buraco de Santiago, e a dos Affogados, que logo senhorearaõ os Pernambucanos, e mar-

e marcharaõ a ganhar a Fortaleza das Cinco Pontas, que era o mayor propugnaculo, ou ante mural da Praça do Recife.

122 Com taõ grande trabalho, e valor a combateraõ, que em poucos dias a pozeraõ em termos de capitular a entrega; de que resultou tal confusaõ no Recife, que tudo era assombro; e Sigismundo, que com vigorosa diligencia, e disposiçaõ militar tinha enviado soccorros às referidas Praças, (com taõ pouca fortuna sua, que foraõ desbaratados pela nossa gente, e se algum entrou, naõ foy poderoso a resistir ao nosso valor, nem a evitar a sua perda) agora totalmente desesperava de poder defender o Recife.

Poem o nosso Exercito sitio à Fortaleza das Cinco Pontas, que se entrega.

123 Confusos os do Supremo Conselho, os outros Hollandezes, e os Judeos, que residiaõ naquella Praça, receosos todos de perderem os bens adquiridos, se esperassem o ultimo furor dos vencedores, tratavaõ de capitular a entrega, por conseguirem com tempo condições mais favoraveis; segurando assim a fazenda, que a Companhia Occidental tinha naquellas Capitanîas, como a dos particulares; conhecendo, que naõ podiaõ ter soccorros de Hollanda, de donde havia quasi hum anno lhes naõ chegara embarcaçaõ, porque aquelles Estados tendo contendas por interesses do negocio com a Parlamentaria Republica de Inglaterra, juntando-se de huma, e outra parte no Canal as suas Armadas, se combateraõ, alcançando vitoria a do Parlamento com perda, e destroço da Hollandeza; causa porque apressaraõ

Trataõ os do Supremo Conselho de entregar a Praça do Recife.

ſaraõ as capitulações, as quaes lhes concederaõ os noſſos Cabos com as mais honeſtas condições, que os inimigos podiaõ alcançar no preſente eſtado, em que ſe achavaõ.

Ajuſtadas as capitulações, entregaõ as Capitanîas, que eſtavaõ no ſeu dominio.

124 Em virtude dellas entregaraõ os Hollandezes a Praça do Recife com todas as ſuas defenſas, as Capitanîas de Itamaracâ, Rio Grande, e Paraiba, aſſinando-ſe em vinte e ſeis de Janeiro do anno de mil e ſeis centos e cincoenta e quatro os capitulos, que de ambas as partes foraõ fielmente obſervados. Com o aviſo deſta feliz nova partio o Meſtre de Campo André Vidal de Negreiros para Lisboa, recebendo-a o Senhor Rey D. Joaõ o IV. e toda a Corte com as mayores demonſtrações de applauſo; e depois de ſe darem publicas graças a Deos por taõ eſpecial favor da ſua grande miſericordia, fez ElRey merces a todos os Cabos do Exercito de Pernambuco, proprias da ſua Real grandeza. Na Bahia, e por todas as mais partes do Eſtado foy feſtejada eſta noticia com muitas acções de graças, e actos taõ feſtivos, quanto o pedia a gloria de ſe verem de todo livres de huma Naçaõ, com a qual no curſo de trinta annos tivemos ſanguinolenta guerra no Braſil.

Anno de 1654.

Vem por Governador, e Capitaõ Geral do Braſil o Conde de Atouguia.

125 Tinha chegado à Bahia com o poſto de Governador, e Capitaõ Geral do Eſtado, a ſucceder a Joaõ Rodrigues de Vaſconcellos, Conde de Caſtelmelhor, o de Atouguia D. Jeronymo de Ataide, que na Corte, e nas campanhas do Reyno havia tido empregos dignos da ſua grandeza, do

do ſeu eſclarecido ſangue, e do ſeu valor, todos com venturoſos ſucceſſos, e com a meſma fortuna exercido o cargo ſuperior das armas na Provincia de Traz os Montes. Foy na Bahia o ſeu Governo taõ applaudido, como ficou memorado; reſplandeceraõ no ſeu talento entre muitas prerogativas a rectidaõ, e independencia, em tal equilibrio, que ſe naõ diſtinguia qual deſtes dous attributos fazia nelle mais pendor, porque eraõ no ſeu animo vigoroſamente iguaes o deſintereſſe, e a Juſtiça; virtudes inſeparaveis nos Heroes, que entheſouraõ ſó merecimentos, para viverem na fama, e na eternidade.

Suas virtudes.

126 Reſtaurado o Reyno pelo noſſo grande Monarcha o Senhor D. Joaõ IV. e já com infalliveis eſperanças de ficar eſtabelecido, e ſeguro na ſua Auguſta deſcendencia, recuperadas as Provincias, que no Braſil tinha ſenhoreado o poder de Hollanda, tornava com novas luzes a manifeſtarſe o antigo eſplendor da Monarchia, quando contra tanta felicidade, poſta em campo a morte, cortou com o mais cruel golpe o fio da mais importante vida, tirando-a intempeſtivamente a ElRey em ſeis de Novembro do anno de mil e ſeis centos e cincoenta e ſeis, com dezaſeis de Reyno, e cincoenta e dous de idade; muy curta ſe a medimos pelo tempo; ſe pelas acções, muy dilatada.

Morte do Sereniſſimo Senhor Rey D. Joaõ IV.

Anno de 1656.

127 Foy Duque ſegundo em nome, e oitavo em numero, da Sereniſſima Caſa de Bragança. Naſceo Rey por direito; Vaſſallo por tyrannia;

Seu Elogio.

nia ; mas eſte deſcuido da natureza emendou a fortuna , entaõ miniſtra da Providencia Divina, reſtituindolhe a Coroa, que eſtava violentada em outra cabeça, e ſeparando o Reyno daquelle corpo, que intentou reduzillo a hum pequeno membro, fazendo-o Provincia. Opulento, e firme o deixou aos ſeus Reaes Succeſſores, ſendo taõ amado dos Vaſſallos naturaes o ſeu dominio, quanto appetecido dos eſtranhos ; eternizando nos ſubditos de todas as porções da ſua dilatada Monarchia huma perpetua ſaudade, e por quantos Orbes diſcorre a fama, huma eterna memoria.

HIS-

HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA.

LIVRO SEXTO.

SUMMARIO.

ENTRA na Regencia do Reyno a Serenissima Senhora Rainha D. Luiza. Elege a Francisco Barreto de Menezes por Governador, e Capitaõ Geral do Estado do Brasil. Ajusta a paz com as Provincias Unidas, e o casamento da Senhora Infante com ElRey da Graõ Bretanha. Donativo no Brasil para o dote, e paz. Toma posse do Reyno o Serenissimo Senhor Rey D. Affonso VI. Inhabili-

bilidade, e descuido, que mostra no Governo. Manda por Governador do Brasil ao Conde de Obidos. Fundaçaõ dos Religiosos de Santa Theresa na Bahia, e em Pernambuco. Contagio das bexigas por todo o Estado. Cede ElRey o Governo, e o Reyno ao Serenissimo Senhor Infante D. Pedro. Entra na posse delle com titulo de Principe Governador. Prizaõ de Jeronymo de Mendoça Furtado, Governador de Pernambuco, executada por aquella Nobreza, e Povo. Succede ao Conde de Obidos no cargo Alexandre de Sousa Freire. Naufragio da nao Capitania, e morte do General da Armada da Bahia Joaõ Correa da Sylva na costa do rio Vermelho. Desce o Gentio bravo sobre a Villa do Cairû com grande estrago. Succede no Governo a Alexandre de Sousa Freire Affonso Furtado de Mendoça. Descobrimento, e povoaçaõ das terras do Piagui. Guerra, que faz aos Gentios. Sua morte, e Elogio. Fundaçaõ das Religiosas de Santa Clara. Voltaõ as Fundadoras para Portugal, depois de nove annos de assistencia na Bahia.

LI-

LIVRO SEXTO.

1 FICOU pelo testamento delRey nomeada a Serenissima Senhora D. Luiza sua esposa por tutora dos Senhores Infantes seus filhos, e Regente do Reyno na menoridade do Principe seu Successor. Dezaseis annos, que contava de Rainha em huma Monarchia, contrastada de taõ poderosos contrarios, e taõ varios accidentes, lhe déraõ experiencias, com que na absoluta Regencia do Reyno pode com grandes acertos encarregarse de todo aquelle pezo, de que já sustentava tanta parte, assistindo com animo varonil, e Real a todos os conselhos, e arbitrios sobre a defensa, e regimen do Reyno, e das Conquistas, a que se applicava agora com tanto mais empenho, quanto era mayor a obrigaçaõ, sendo as suas resoluções admiradas, e applaudidas em todas as Cortes de Europa, e até naquellas menos interessadas na restauraçaõ de Portugal.

Regencia da Serenissima Senhora Rainha.

Suas Reaes virtudes, e varonil talento.

2 Tanto se desvelava no augmento da nossa America, que na mayor oppressaõ de Portugal, e na precisa occasiaõ, que tinha o Conde de Cantanhede, (depois Marquez de Marialva) Governador das Armas da Provincia do Alemtejo, de juntar Exercito para o soccorro da Praça de El-

Cuidado, que tem das Conquistas do Brasil.

vas, (empreza, que teve gloriofo fim com a batalha das Linhas) havendo pedido a Infanteria, que eftava para vir com a Armada para efte Eftado, lha naõ quiz mandar, por attender às conveniencias dos moradores do Brafil, naõ fendo grande o prejuizo, que lhes podia feguir de fe demorar, por caufa taõ jufta, hum anno o comboy; mas nem naquelle aperto permittio a Sereniffima Senhora Rainha, que lhe faltaffe efte expediente, ou por affecto, que tinha aos Vaffallos da America, ou porque o feu Real, e valerofo animo entendera, que podia confeguir a confervaçaõ do todo da Monarchia, fem damno de alguma porçaõ della; difcurfo, que acreditou o fucceffo com a memoravel vitoria, que ao mefmo tempo alcançaraõ os Portuguezes debaixo da fua Regencia contra os Exercitos Caftelhanos.

Manda por Governador Geral do Eftado a Francifco Barreto de Menezes.

Anno de 1657.

3 Para fucceder ao Conde da Atouguia no pofto de Capitaõ Geral defte Eftado, elegeo a Sereniffima Senhora Rainha Regente a Francifco Barreto de Menezes, em premio das proezas, que obrara na reftauraçaõ de Pernambuco, fendo Meftre de Campo General daquella guerra. Pela mefma caufa fez ao Meftre de Campo André Vidal de Negreiros Governador daquella Capitanîa, cuja liberdade com tanto rifco, e valor confeguira; e para focego, e fegurança de todas as Conquiftas, e Praças do Brafil, folicitou com o mayor cuidado por feu Embaixador Extraordinario Henrique de Soufa Tavares da Sylva, entaõ Conde de Miranda, e depois Marquez de Arronches,

ches, huma paz firme com as Provincias Unidas, tanto mais util aos intereſſes dos Vaſſallos do Braſil, quanto mais difficil de ſe ajuſtar pela indignaçaõ, e ſentimento, em que as noſſas vitorias tinhaõ poſto aos Socios, e Miniſtros da Companhia Occidental, e a toda ſua Naçaõ, vendo perdido o lucro, que tiravaõ das noſſas Provincias, a cujo dominio aſpiravaõ reſtituirſe, quando as ſuas forças, e o tempo lhes déſſem lugar.

Ajuſta a paz com os Eſtados de Hollanda.

Anno de 1662.

4 Com a meſma ancia, para esforçar a defenſa de Portugal, como Cabeça do Imperio, de cujo vigor pendiaõ os alentos de todos os membros delle, procurou por Franciſco de Mello de Torres, Conde da Ponte, depois Marquez de Sande, ſeu Embaixador Extraordinario em Inglaterra, a uniaõ da Coroa Ingleza pelo caſamento da Sereniſſima Senhora Infante D. Catharina ſua filha com o Sereniſſimo Carlos II. Monarcha dos tres opulentos, e belliooſos Reynos, Eſcocia, Inglaterra, e Irlanda, reſtituido a elles pela Nobreza, e Povo com o mais reverente applauſo, poucos annos depois, que o tyrannico Governo do Parlamento os tirara com a cabeça (deteſtavelmente) a ſeu pay o infeliz Carlos I. legitimo, e natural Senhor daquelles proprios ſubditos, que com horror da obediencia, e confuſaõ da Mageſtade o puzeraõ em hum cadafalſo. Conſeguindo a Senhora Rainha neſta alliança, e parenteſco do novo Rey muitas ſeguranças às Conquiſtas, e ſoccorros a Portugal.

O caſamento da Senhora Infante com ElRey da Graõ Bretanha.

5 Ambas eſtas emprezas conſeguio venturoſamen-

rosamente a pezar das negociações, poder, e industria, com que ElRey de Castella com muitas Embaixadas, repetidas instancias, e varias promessas tratava de as impedir nas Cortes de Londres, e de Haya, por lhe difficultarem estes tratados a conquista de Portugal; porém contrastando a todas estas fortes opposições a constancia da Senhora Rainha Regente, e naõ reparando em despezas pela gloria do Reyno, e bem dos Vassallos, se lograraõ os seus designios, dando à Companhia Occidental de Hollanda, em resarcimento das despezas feitas na guerra do Brasil, cinco milhoens, pagos em dezaseis annos, e em dote à ElRey da Grãa Bretanha dous, satisfeitos em dous annos; sendo estas disposições bem recebidas, naõ só pelos subditos, mas louvadas em todas as Potencias de Europa pelos Principes, e Ministros independentes dos interesses de Castella.

Consegue com felicidades os designios contra as opposições de Castella.

6 Para satisfaçaõ de tanto empenho era preciso, que concorressem o Reyno, e suas Conquistas; causa, pela qual escrevera ao Governador Geral Francisco Barreto de Menezes duas cartas, feitas ambas em quatro do mez de Fevereiro do anno de mil e seis centos e sessenta e dous; em huma o avisava da paz estabelecida com os Estados de Hollanda, e do computo de cinco milhoens, que lhes promettera, pagos em dezaseis annos, em recompensa dos gastos, que tinhaõ feito nas Armadas, que mandaraõ a Pernambuco, e às suas Capitanîas; e que devendo (como era razaõ) repartirse esta quantia por Portugal, e pelas

Causas da contribuhiçaõ do Donativo no Brasil.

las Conquiſtas taõ intereſſadas na utilidade da paz, pelo orſamento, que no Reyno ſe havia feito, tocara a eſte Eſtado cento e vinte mil cruzados em cada hum dos dezaſeis annos, em que ſe haviaõ de ir continuando os pagamentos até ultima ſatisfaçaõ.

7 Na outra carta o noticiava do caſamento da Senhora Infante D. Catharina, ajuſtado com o Sereniſſimo Rey da Grãa Bretanha, levando dous milhoens em dote, para cuja ſatisfaçaõ tomando o Reyno ſobre ſi (ſem reparar no aperto, em que o tinha poſto a guerra) as cizas dobradas por tempo de dous annos, ainda faltava para ajuſtamento do dote a importancia de ſeis centos mil cruzados; pelo que lhe ordenava pediſſe a eſtes moradores, contribuiſſem tambem para aquelle empenho, que igualmente vinha a reſultar em beneficio do Braſil com a ſegurança de Portugal, de quem, como da Cabeça, pendiaõ todas as Conſquiſtas do Reyno. Em ambas eſtas cartas fazia vivas expreſſoens da granda fidelidade, e amor dos Vaſſallos da noſſa America, ſegurando ſerlhe ſempre preſente eſte novo ſerviço, para os ter na ſua lembrança, como taõ benemeritos da ſua attençaõ Real.

8 Convocou o Governador a Palacio os Senadores, que aquelle anno tinhaõ o governo do Corpo Politico da Republica, e propondolhes a carta, e ordens Reaes, achou nelles o agrado, e zelo, que a Nobreza da Bahia ſabe oſtentar em todas as acções do ſerviço dos noſſos Monarchas.

Convoca o Governador ao Senado da Camera.

Reſpon-

Repoſta dos Senadores, promettendo a vontade ſegura em todos os Vaſſallos da Bahia.

Reſponderaõ, que proporiaõ a materia no Senado da Camera aos homens bons, e da Governança, com cujo parecer por direito, e eſtylo ſe coſtuma tomar aſſento em negocios ſemelhantes, com aſſiſtencia, beneplacito, e concurſo do Povo, eſperando, que naõ haveria duvida mais que na fórma, em que ſe haviaõ de repartir por todas as Provincias do Braſil os cento e vinte mil cruzados, que ſe lançavaõ em cada hum dos dezaſeis annos ſobre eſte Eſtado para a paz de Hollanda, e os que haviaõ de contribuir para o dote de Inglaterra.

Propoem às peſſoas principaes da Governança, e ao Povo.

9 No dia ſeguinte chamaraõ os ditos Senadores actuaes as peſſoas principaes da Governança, e o Povo; e lidas as cartas em preſença de todos, conſiderando-ſe os urgentes motivos, que faziaõ preciſas, e juſtas aquellas deſpezas, convieraõ em contribuir para ellas, como taõ leaes Vaſſallos, e nomearaõ ſeis peſſoas, que ajuſtaſſem com os Vereadores no Senado a fórma, e o computo do que devia tocar a cada Capitanîa.

Aceitaõ com geral conformidade a contribuiçaõ.

Juntos os ſeis Arbitros nas Caſas da Camera com os Officiaes della actuaes, reſolveraõ todos, que ſobre os cento e vinte mil cruzados, que ſe haviaõ de dar em cada hum dos dezaſeis annos para a paz de Hollanda, ſe accreſcentaſſem mais vinte mil cruzados em cada hum anno para o dote de Inglaterra.

Reparte-ſe o computo della por todas as Capitanîas.

10 Tomou ſobre ſi a Bahia, como Cabeça da Portugueza America, a mayor parte delles, que foraõ oitenta mil cruzados em cada hum dos dezaſeis

dezaſeis annos, e repartindo-ſe os ſeſſenta pelas outras treze Provincias, veyo a importar em todas o donativo nos dezaſeis annos, a cento e quarenta mil cruzados por anno, dous milhoens, e duzentos e quarenta mil cruzados; e com feſtivas demonſtrações ſe applaudiraõ por todo eſte Eſtado eſtas duas taõ importantes noticias.

A importancia deſte donativo nos dezaſeis annos.

11 Continuava Franciſco Barreto de Menezes o Governo geral do Braſil, no qual teve pezadas diſſenções com André Vidal de Negreiros, Governador de Pernambuco, que topavaõ em deſobediencia das ſuas ordens, paſſadas em recurſo de juſtas queixas dos moradores daquella Capitanîa, por obrar com elles muitos exceſſos de violencia, devendolhes todas as attenções da Juſtiça, e do favor, por haverem ſido ſeus companheiros na guerra, e André Vidal ſeu natural, naſcido na Paraiba de honeſta familia, juntando a muitos eſcandalos, o naõ dar comprimento às reſoluções do Capitaõ Geral Franciſco Barreto, e a huma ſentença deſta Relaçaõ, negando às partes o appellarem a ella, deſterrando, prendendo, e privando dos officios aos que tratavaõ de a executar, e procedendo como abſoluto, e independente de outro poder, com improperio da Cabeça do Eſtado.

Controverſia entre André Vidal, e Franciſco Barreto.

André Vidal era f.º de Fran.co Vidal natural de Santarem e de sua m.er Caterina Ferreyra n.el da Ilha do Porto S.to

12 Por eſtas cauſas o privou do Governo o Capitaõ Geral, mandando Patente aos dous Meſtres de Campo daquelle Preſidio, D. Joaõ de Souſa, e Antonio Dias Cardoſo, para governarem em ſeu lugar; e ordenou ao Meſtre de Campo Nico-

Franciſco Barreto o depoem do cargo, e o manda vir prezo à Bahia.

lao Aranha Pacheco, marchaſſe da Bahia com o ſeu Terço, e o Deſembargador Chriſtovaõ de Burgos de Contreiras, Ouvidor Geral do Crime, para o trazerem prezo a ella, ordenando aos dous Governadores fizeſſem pleito, e omenagem nas mãos do referido Ouvidor Geral. Porém André Vidal amainando na tempeſtade, por eſcuſar o perigo, deu comprimento com humiliaçaõ, e arrependimento às ordens, a que tinha deſobedecido, e foy conſervado no ſeu poſto, havendo-ſe nelle dalli por diante com acções mais conformes à confiança, que ſe fizera da ſua peſſoa para aquelle Governo; porque ha animos taõ faceis em perpetrar os delictos, como em ceder ao ameaço dos golpes.

Obedece André Vidal, dando comprimento às ordens, a que tinha deſobedecido, e foy conſervado no Governo.

Anno de 1662.

Continuando com grandes acertos a Regencia a Senhora Rainha, toma poſſe do Reyno o Senhor D. Affonſo VI.

13 Seis annos havia, que adminiſtrava o Reyno a Sereniſſima Senhora Rainha D. Luiza, com os acertos proprios do ſeu Real talento, a que juſtamente ſe attribuhiaõ as felicidades de Portugal nos progreſſos da guerra, e do Braſil no beneficio da paz; e quando a ſua ſingular Regencia fazia taõ neceſſaria a continuaçaõ do ſeu dominio, quanto era univerſal o applauſo do ſeu Governo, tomou as redeas da Monarchia o Sereniſſimo Senhor Rey D. Affonſo VI. com mayores deſejos de a poſſuir, que diſpoſições para a governar, porque as ſuas diſtracções, improprias da Mageſtade, o traziaõ taõ apartado dos cuidados, de que neceſſitava a adminiſtraçaõ do Reyno, como dos remedios, de que careciaõ as ſuas continuas enfermidades, entregando-ſe todo ſó aos ſeus

Suas diſtracções, e pouca applicaçaõ ao Governo.

ſeus juvenîs divertimentos, dos quaes o reſpeito da Senhora Rainha D. Luiza ſua mãy fora embaraço, ainda que naõ pode ſer freyo.

14 Poſto no Throno ElRey, lançou o pezo de tanto Imperio ſobre os hombros de hum Valido, proporcionados a tamanha carga pelas grandes qualidades, que concorriaõ na peſſoa, e talento de Luiz de Souſa de Vaſconcellos, Conde de Caſtelmelhor; porém como era unico mobil da machina da Monarchia, ſentiaõ os Tribunaes, e a Nobreza veremſe conſtrangidos à obedecer às reſoluções, que naõ eraõ filhas naturaes, ſenaõ adoptivas, do ſeu Monarcha; cauſa, pela qual começaraõ logo as queixas, aggravando-as ſempre os illicitos exercicios delRey com eſcandalo dos Vaſſallos, e perigo imminente do Reyno, cuja ruina em breves annos (como diremos) trataraõ de obviar os pays da Patria, Grandes, e Miniſtros do Reyno, antes que o mal da Republica, fomentado das diligencias de Caſtella, tiveſſe lançado taõ profundas raizes, que fizeſſem impoſſiveis, ou inuteis os remedios.

Deixa o pezo da Monarchia a hum Valido.

Talento do Conde de Caſtelmelhor.

Queixas dos Tribunaes, e da Nobreza.

15 Por ſucceſſor de Franciſco Barreto de Menezes, que tinha governado ſeis annos, enviou o Senhor Rey D. Affonſo VI. a D. Vaſco Maſcarenhas, Conde de Obidos, Governador das Armas da Provincia do Alemtejo, Vice-Rey da India, do Conſelho de Eſtado, e ſegundo Vice-Rey, e Capitaõ Geral do Braſil. Havia ſido na Bahia Meſtre de Campo de hum Terço, do qual paſſara a General da Artilheria; e no anno de mil

Vem por Vice-Rey, e Capitaõ Geral de mar, e terra do Braſil o Conde de Obidos.

e ſeis centos e trinta e nove, em que veyo por Capitaõ Geral deſte Eſtado D. Fernando Maſcarenhas, Conde da Torre, depois de aſſiſtir ſeis mezes na Bahia, ſahindo della a reſtaurar Pernambuco com a grande Armada, que para eſta empreza trazia, (e teve o ſucceſſo, que havemos eſcrito no quarto livro deſta Hiſtoria) o deixou por Governador da Bahia, a quem ſuccedeo no anno ſeguinte de mil e ſeis centos e quarenta D. Jorge Maſcarenhas, Marquez de Montalvaõ, do Conſelho de Eſtado, e primeiro Vice-Rey, e Capitaõ Geral do Braſil, como temos moſtrado.

Poſto, que já havia exercido na Bahia.

Anno de 1665.

16 No anno de mil e ſeis centos e ſeſſenta e cinco, ſegundo do Governo do Conde Vice-Rey, vieraõ fundar Caſa na Bahia os Filhos da glorioſa Madre Santa Thereſa de Jeſus, aquelle portento da Santidade, e prodigio do entendimento, a quem os arpoens do Amor Divino treſpaſſando o coraçaõ, lho deixaraõ vivo, para animar pelo Mundo Chriſtaõ a toda a ſua Sagrada Familia, deſde o Convento de Avila, onde eſtá reſpirando alentos. Foy o primeiro Prior o Reverendo Padre Fr. Joſeph do Eſpirito Santo, conduzindo por Companheiros, e Conventuaes para a fundaçaõ aos Reverendos Padres Fr. Manoel, e Fr. Innocencio de Santo Alberto, Fr. Joaõ das Chagas, e o Irmaõ Franciſco da Trindade; em todos reſplandecia o eſpirito da Refórma da ſua inſigne, e Santa Inſtituidora, na obſervancia dos ſeus Eſtatutos, e no exemplo da ſua penitencia, com grande aproveitamento das almas na Bahia, e geral

Fundaçaõ dos Religioſos da glorioſa Madre Santa Thereſa de Jeſus.

Virtudes dos ſeus Fundadores.

e geral aceitaçaõ, e applauſo de todos os moradores della, e do ſeu reconcavo, concorrendo com grandioſas eſmolas para fabricarem a ſua Igreja, e Caſa.

Edificaraõ primeiro hum Hoſpicio.

17 Edificaraõ primeiro hum pequeno Hoſpicio no ſitio, a que chamaõ Preguiça, ſummamente agradavel, e viſinho ao mar. Era devotiſſimo Santuario, onde florecendo aquelles Religioſos em todo o genero de virtudes, faziaõ huma vida Angelica; eſtando no coraçaõ da Cidade, pareciaõ habitadores do ermo, e ao meſmo tempo naõ faltavaõ ao concurſo dos Fieis, ou na ſua Igreja, ou conduzidos às caſas dos enfermos, onde era neceſſaria a ſua aſſiſtencia, ſolicitada com ancia de todos os que ſe achavaõ em perigo de morte, dos quaes alcançavaõ muitos a ſaude pela ſua interceſſaõ com Deos, e com ſua Mãy Santiſſima noſſa Senhora do Carmo.

Depois hum ſumptuoſo Convento.

18 Pelo curſo do tempo augmentando-ſe as eſmolas, erigiraõ em outro lugar viſinho ao primeiro, porém mais imminente, e elevado com viſtas do mar mais dilatadas, hum ſumptuoſo Convento dos mayores, que tem a ſua Provincia de Portugal, com grandiſſima, e bem cultivada cerca, e com eſtes commodos creſceo a ſua Communidade em numero de Frades. Tiveraõ pelo Certaõ varias miſſoens, das quaes conſervaõ ainda a de Maſarandupio, em que tem huma Igreja do glorioſo Padre S. Joaõ da Cruz.

Fundaõ outra Caſa em Pernambuco.

19 Muitos annos depois da ſua fundaçaõ na Bahia, fizeraõ outra em Pernambuco, levantando

do hum Convento no lugar, em que o deixámos escrito no livro segundo; sitio solitario por falta de moradores, e só frequentado dos caminhantes, que achaõ naquelle passo este refugio, para lhes franquear os Sacramentos, e Sacrificios, quando por varios accidentes, ou por devoçaõ os buscaõ naquelle caminho. Ao referido Convento se passaõ hoje os Religiosos velhos, que fogem do bulicio da Bahia, e naquelle retiro acabaõ em vida eremitica, e contemplativa, naõ lhes fazendo falta o exemplo, e regularidade dos mais austeros do Reyno, para onde já naõ pódem voltar, por haverem gasto muitos annos da idade no Brasil, e Angola, onde tem outra grande Casa, e muitas missoens pelos Presidios daquelle Reyno, com notoria utilidade das almas dos seus moradores, e geral contentamento, e applauso daquelles Povos.

Anno de 1666.

20 No mesmo anno, e no seguinte de mil e seis centos e sessenta e seis, experimentou o Brasil huma das mayores calamidades, que padecera desde o seu descobrimento, e conquistas, precedendo hum horroroso Cometa, que por muitas noites tenebrosas, ateado em vapores densos, ardeo com infausta luz sobre a nossa America, e lhe annunciou o damno, que havia de sentir; porque ainda que os Metheoros se formaõ de incendios casuaes, em que ardem os atomos, que sobindo da terra, chegaõ condensados à esféra, as cinzas em que se dissolvem, saõ poderosas assim a inficionar os ares para infundirem achaques, como

Cometa sobre o Brasil no anno antecedente.

como a deſcompor os animos para obrarem fatalidades; tendo-ſe obſervado, que as mayores ruinas nas Republicas, e nos viventes trouxeraõ ſempre diante eſtes ſinaes. Tal foy o que appareceo no Braſil hum anno antes dos eſtragos, que ſe lhe ſeguiraõ.

Cauſa deſtes ſinaes, e os ſeus effeitos.

21 Outro accidente extraordinario experimentou naquelle proprio tempo a Bahia, já mais viſto nella, creſcendo por tres vezes, em tres alternados dias, o mar, com tal profuſaõ de aguas, que atropellou os limites, que lhe poz a natureza, dilatando as ondas muito além das prayas, e deixando-as cubertas de innumeravel peſcado meudo, que os moradores da Cidade, e dos Arrabaldes colhiaõ, mais attentos ao appetite, que ao prodigio, uſanos de lhes trazer o mar voluntaria, e prodigamente taõ copioſo tributo, ſem conſiderarem, que quando ſahem da ordem natural os Corpos Elementaes, padecem os humanos, e cauſaõ naõ ſó mudanças na ſaude, e ruinas nas fabricas materiaes, mas nos Imperios. Todos eſtes aviſos, ou correyos precederaõ ao terrivel contagio das bexigas, que entaõ veyo ſobre o Braſil, de que daremos breve, e laſtimoſa noticia.

Outro ſinal nas prayas da Bahia.

Achaque das bexigas no Braſil.

22 Era muy raro, e poucas vezes viſto em a noſſa America eſte achaque; e ſendo mais natural aos humanos, que todos os outros, (pois os Medicos lhe deduzem a cauſa dos ventres maternos, de donde querem, que tragaõ todos eſte tributo àquelle mal) morriaõ os moradores de

cento,

cento, e mais annos, ſem o chegarem a ter; porém no referido tempo veyo ſobre elles com ſimptomas da mais forte epidemia, e do mais voraz contagio. Principiou pela Provincia de Pernambuco, e acabou na do Rio de Janeiro, poſto que com menor força nas Provincias do Sul, por ter diſpendido os mayores impetos nas do Norte.

Eſtragos, que faz.

23 As caſas, que contavaõ nas ſuas familias de portas a dentro o numero de quarenta, ou cincoenta peſſoas, naõ tinhaõ huma ſãa, que podeſſe curar das enfermas, nem ſahir a buſcar os remedios, e chamar os Medicos, os quaes naõ podiaõ acudir às innumeraveis partes para onde eraõ ſolicitados, e naõ atinavaõ nas medicinas, que haviaõ de applicar, porque com incerto effeito experimentavaõ ſararem huns das que outros morriaõ, com que tudo era confuſaõ, e ſentimento.

Caridade dos Irmãos da Miſericordia, dos Religioſos, e dos Parocos.

24 Andavaõ os Irmãos da Caſa da Santa Miſericordia, levando pelas particulares os medicamentos, e o ſuſtento de que careciaõ, conduzindo com os eſquifes os mortos, quando naõ eraõ peſſoas de diſtinçaõ, para lhes darem ſepultura nos Adros, porque já naõ cabiaõ nas Igrejas. Os Religioſos de todos os Conventos, ſem ſerem chamados, ſe introduziaõ aos enfermos para o Sacramento da Penitencia, e os Parocos com menos culto, por falta de gente, que acompanhaſſe, levavaõ o Sacroſanto da Euchariſtia por viatico, e juntamente o da Santa Extrema-Unçaõ aos neceſſitados deſtes Divinos theſouros da Igreja.

Em

25 Em tanto eſtrago luzia a piedade, e grandeza do Conde Vice-Rey, que com inceſſante cuidado, aſſiſtencia, e deſpeza viſitava aos enfermos, e mandava aos pobres tudo o que lhes era neceſſario, devendo eſta caridade ao ſeu animo, e ao ſeu ſangue, (ambos eſclarecidos) e pode remediar muita parte deſta ruina, que ſe foy moderando na Cidade com o ſeu zelo, e com a ſua diligencia, ſempre prompta a favor dos Vaſſallos deſte Eſtado.

Piedade, e deſpeza do Conde Vice-Rey.

26 Pelos reconcavos foraõ tanto mais penetrantes os eſtragos, quanto era mayor a falta dos remedios, e dos Medicos, morrendo os enfermos antes que da Cidade, aonde recorriaõ, lhes foſſem as receitas, e as medicinas; e conſtando a mayor parte daquelles habitadores de eſcravos para as fabricas dos Engenhos, fazendas, e lavouras, houve alguns Senhores deſtas propriedades, que perdendo todos os que tinhaõ, ficaraõ pobres, e naõ poderaõ em ſua vida tornar a beneficiar as ſuas poſſeſſoens, ficando em muita neceſſidade algumas Familias nobres, que poſſuiraõ grandes cabedaes. Seguio-ſe depois huma geral fome, que alguns annos padeceo o Braſil, por faltarem os cultores das plantas, e ſementeiras, e dos outros generos preciſos, para alimentar a vida, ſendo taõ conſideravel, e geral eſta ruina, que ainda hoje ſe experimentaõ os prejuizos, e conſequencias della.

Damnos, que cauſa pelos reconcavos.

Fome, que ſe ſeguio as bexigas.

27 Havia o Senhor Rey D. Affonſo, algum tempo depois de ſe achar na poſſe do Governo,

com aquella desordem, de que eraõ causa, naõ só o discurso proprio, mas o estimulo alheyo, feito insinuar à Senhora Rainha D. Luiza sua mãy, ser conveniente, que se retirasse do Paço; o que ella executou em breves dias, com superior constancia a todos os golpes da fortuna, conservando no desprezo desta desattençaõ aquella inalteravel generosidade, e grandeza do animo Real, de que era dotada; porque naõ perde nada do seu resplendor o Sol, quando sahe da Casa de Jove.

Sahe do Paço a Senhora Rainha D. Luiza.

28 Recolheo-se com algumas illustres Senhoras Portuguezas, que voluntariamente lhe quizeraõ assistir, ao Convento, que edificava para as Religiosas de Santo Agostinho no sitio do Grilo, onde livre dos embaraços do seculo, passou em Divina contemplaçaõ, com admiravel exemplo de virtudes, santamente o resto daquella vida, benemerita de mais larga duraçaõ; porém naõ querendo Deos dilatarlhe a posse de melhor Coroa, a levou para si, sendo os seus merecimentos mais que os seus annos, aos cincoenta e tres da sua idade, em vinte e sete de Fevereiro de mil e seis centos e sessenta e seis.

Recolhe-se ao Convento, que mandava fabricar no sitio do Grilo.

Sua morte.

29 Foy filha dos Excellentissimos D. Manoel de Gusmaõ, e D. Joanna de Sandoval, Duques de Medina Sidonia, Casa, e Familia taõ esclarecida, como antiga, das superiores em Hespanha por esplendor de sangue, e das primeiras por caracter de grandeza, aparentada com os Augustos Monarchas de Castella, e Portugal, sendo a Senhora D. Luiza a segunda Duqueza, que aquella

Sua ascendencia.

aquella grandiſſima Caſa dera à Sereniſſima de Bragança, havendo ſido a primeira a Senhora D. Leonor, filha do Excellentiſſimo D. Joaõ de Guſmaõ, terceiro Duque de Medina Sidonia, Eſpoſa do Sereniſſimo Senhor D. Jayme, quarto Duque de Bragança, de cujo Real conſorcio naſceraõ o Senhor D. Theodoſio I. ſeu ſucceſſor, e a Senhora D. Iſabel, que caſando com o Sereniſſimo Senhor Infante D. Duarte, foraõ pays da Sereniſſima Infante Duqueza a Senhora D. Catharina, que levou àquella Auguſta Caſa o direito mais proximo ao que já tinha para ſucceder na Coroa.

Seu Elogio.

30 Com generoſas acções deſempenhou a Senhora Rainha D. Luiza as obrigações do ſeu alto naſcimento, ſendo o ſeu Real talento taõ varonil, que na perplexidade, em que ſe achava o Senhor Rey D. Joaõ, quando lhe offereciaõ repetidas vezes a Coroa, ponderando a difficil empreza a que ſe expunha, o grandiſſimo Eſtado, que arriſcava, a inconſtancia dos homens, a debilidade dos Povos, a falta de Soldados, diſciplina, e dinheiro, que ſaõ as tres potencias da alma dos Exercitos, ſendo preciſos quatro para defenderem tantas legoas de Fronteira do formidavel poder de Caſtella, eſta Sereniſſima Rainha o fez aceitalla.

31 Acclamado ElRey, com tanta actividade ſe houve a Real conſorte em lha ſuſtentar na cabeça, que em todas as diſpoſições da defenſa do Reyno, em que ſe lograraõ os melhores ſucceſſos, teve a mayor parte. Depois na Regencia delle moſtrou qualidades taõ proprias para governar

Imperios, que receando Portugal pela morte do ſeu Monarcha imminentes ruinas, as virtudes, e acertos da Sereniſſima Senhora Rainha D. Luiza, chegaraõ a conſeguir, que de taõ grande perda ſe naõ ſeguiſſe falta, ſendo taõ venerado o ſeu dominio, quanto ha de ſer eterna a ſua ſaudade.

Deſordens delRey.

32 Creſciaõ em ElRey D. Affonſo os exceſſos, e naõ tinhaõ melhoria as enfermidades, que o privavaõ naõ ſó dos acertos do diſcurſo, mas das eſperanças da ſucceſſaõ, impoſſibilidade, que ſe confirmou com os deſpoſorios da Sereniſſima Rainha D. Maria Franciſca Iſabel de Saboya, Princeza de Nemûrs em França, deſcendente por duas linhas femininas dos Chriſtianiſſimos Reys daquella Coroa, e por baronia dos Sereniſſimos Duques de Saboya. Faltavalhe o Senhor Rey D. Affonſo com as attençóes, e reſpeitos, que ſe lhe deviaõ, por fazer eſtimaçaõ dos ſeus illicitos divertimentos, e das peſſoas viz, que nelles o acompanhavaõ, com eſcandalo da Mageſtade, e ſentimento do Reyno.

Juſtas queixas, e eſcrupulo da Rainha.

33 Naõ podia moderallo o grande entendimento da Senhora Rainha, depois de apurar todos os meyos para a ſua conſervaçaõ. Por eſtas cauſas, e obrigada da ſua conſciencia, (naõ havendo tido effeito o matrimonio) ſe retirou do Paço para o Convento das Religioſas da Eſperança, pondo em téla de Juizo o ſeu divorcio com ElRey, e pedindo o ſeu dote, para voltar livre a França em humas naos de guerra, que daquelle Reyno chegaraõ com diverſos fins ao porto de Lisboa.

Retiraſe para o Convento da Eſperança, e trata do ſeu divorcio.

Ven-

34 Vendo os Vaſſallos viſinha a ruina da Republica, e que ſe exacerbava o mal na dilaçaõ do remedio, trataraõ de lho dar com a preſteza de que carecia a neceſſidade delle. Foraõ os tres Eſtados do Reyno, o Conſelho de Eſtado, e os outros Tribunaes, juntos em fórma de Cortes, a Palacio, e repreſentaraõ a ElRey a incapacidade, que tinha moſtrado para governar a Monarchia, naõ havendo aproveitado as humildes ſupplicas, que por muitas vezes lhe fizeraõ, para que ſe apartaſſe dos exercicios, e peſſoas, que o divertiaõ do cuidado do Governo, e das obrigações de Rey; cauſas, que os punhaõ em preciſaõ de lhe pedirem foſſe ſervido encarregar voluntariamente a adminiſtraçaõ do Reyno ao Sereniſſimo Senhor Infante, ſeu unico irmaõ.

Vaõ todos os Tribunaes a Palacio, e repreſentaõ a ElRey a ſua incapacidade para o Governo.

Pedemlhe juſtamente o encarregue ao Senhor Infante D. Pedro ſeu irmaõ.

35 Repreſentavaõlhe, que no entendimento deſte Principe, no ſeu ſingular animo, e talento concorriaõ todas as virtudes Reaes, que ſe requeriaõ para o Governo dos Imperios; e que Sua Mageſtade devia encarregarlhe o cuidado da Monarchia, ſem eſperar, que elles repreſentando a authoridade do Reyno, obraſſem o que em ſemelhantes apertos, e cauſas ſe praticara em varios tempos em França, Inglaterra, Germania, e no meſmo Portugal, quando pela incapacidade delRey D. Sancho II. ſe entregara o Governo do Reyno ao Conde de Bolonha ſeu irmaõ, depois Rey D. Affonſo III.

36 Grande repugnancia acharaõ os Conſelheiros em ElRey, para ſe conformar com eſta propo-

Repugna ElRey ao que ſe lhe pede.

propoſiçaõ, poſto que lhe naõ era occulto o deſcontentamento, e queixa, que nos ſeus Miniſtros, e Vaſſallos cauſavaõ os ſeus irremediaveis deſcuidos; e conhecendo, que aquelle concurſo de Tribunaes ſe encaminhava a mayor effeito, do que podia caber na esféra dos rogos, aſſentio na renuncia, e fez deſiſtencia da Monarchia na Sereniſſima Peſſoa de ſeu irmaõ o Senhor Infante D. Pedro, e em todos os ſeus legitimos deſcendentes, ſeparando no mais ſeguro, e prompto das rendas della cem mil cruzados em cada hum anno para os ſeus gaſtos, e que delles poderia teſtar por ſua morte, determinaçaõ, que mandou ao Senhor Infante por Decreto, com a ſua firma Real, paſſado em vinte e tres de Novembro do anno de mil e ſeis centos e ſeſſenta e ſete.

Mas reſolve fazer a renuncia.

Anno de 1667.

37 De taõ juſtas cauſas, dos clamores geraes do Reyno, e das repetidas inſtancias dos Vaſſallos, obrigado o Sereniſſimo Senhor Infante D. Pedro, ſe encarregou do Governo com o titulo de Principe Governador; acçaõ, que ficou mais legal com a renuncia, e ceſſaõ, que delle lhe fez o Senhor Rey D. Affonſo ſeu irmaõ. Eraõ no Senhor D. Pedro as virtudes mais, que os annos, e mais maduro, que a idade, o talento, cultivado em todos os exercicios Reaes na ſua ſingular educaçaõ. Sacrificou todos os ſeus cuidados à Monarchia, ſendo huma das ſuas primeiras acções conceder aos Caſtelhanos a paz, que pediaõ.

Encarrega-ſe do Governo o Senhor Principe D. Pedro.

Concede a paz pedida pelos Caſtelhanos.

38 Foy taõ propria da ſua grandeza eſta felicidade, que aſſim como o Filho de Deos a trouxe

trouxe no principio da ſua vinda ao Mundo, a deu o Senhor Principe D. Pedro no ingreſſo da ſua Regencia a Portugal, que trazendo com Caſtella guerra mais cruel, que a Punica entre Roma, e Carthago, entrou no dominio, fechando as portas a Jano, e franqueando o ſuſpirado ſocego a toda Heſpanha.

39 Eſta paz ſe fez mais glorioſa aos Portuguezes pela circunſtancia de ſer com muitas inſtancias pedida dos Caſtelhanos, e conhecer Europa, que ſe achava Portugal em tal auge, e com tal Regente, que podia o Senhor Principe D. Pedro concedella, ou negalla à ſua vontade, ſendo o dar a paz, e a guerra a proprio arbitrio, toda a grandeza a que póde chegar o mayor poder. Naõ uſou de outros termos, para encarecer o da ſua Republica hum Embaixador Romano, mais que com dizer aos Carthaginezes na guerra de Sagunto, que na ſua maõ eſtava o darlhes a paz, e a guerra, quando quizeſſe. O meſmo parece quiz moſtrar outro tambem famoſo Pedro, unico deſte nome entre os Duques de Saboya, que indo fazer omenagem ao Emperador Conrado IV. ſe lhe appreſentou com myſterioſo adorno veſtido com diviſas de paz, e com ſinaes de guerra.

Anno de 1668.

40 Grande foy a utilidade, que receberaõ os Povos de huma, e outra Monarchia pelo beneficio da paz; fortuna incomparavelmente mayor, que todas quantas pódem alcançar os mortaes, porque com ella ſe lavraõ os campos, ſe augmentaõ as Povoações, ſe ennobrecem as Cidades,

Beneficio, que reſulta às Monarchias do ſocego da paz.

des, ſe apuraõ as Sciencias, creſcem as Eſcholas, e florecem todas as outras Artes neceſſarias na Republica, as quaes aos eccos dos canhoens, e ao eſtrondo das caixas, ſe deſcompoem, ſe arruinaõ, ſe atrazaõ, e affugentaõ, por ſer a guerra hum monſtro tragador do genero humano, eſtrago das creaturas racionaes, e inſenſiveis, (e ainda entre Catholicos) torrente, e inundaçaõ de delictos, e ſacrilegios; porque nem todos os Capitães tem o zelo de Alarico, que nos ſacos ſe punha com a eſpada na maõ à porta dos Templos a defender, que ſe naõ commetteſſem deſacatos.

41 E poſto que em todas as Regioens do Mundo poſſa a guerra fazer famoſos os ſeus Capitães, naõ faz os ſeus Principes mais amados. Naõ foy taõ grato aos Romanos Auguſto pelas vitorias, que alcançou para adquirir o Imperio, como pela paz, que logrou na ultima, e mayor porçaõ do tempo do ſeu dominio. Naõ conſeguiraõ mais gloria Trajano, Alexandre Severo, e outros guerreiros Emperadores, que Adriano, o qual ſe gloriava de naõ haver feito guerras, e de compor todas as que achara movidas, e continuadas pelos ſeus Anteceſſores. Quanto mais agradavel ſerá aos Povos de Borgonha a memoria do ſeu Filippe, que em tanta paz os conſervara, que a de Carlos, que com taõ numeroſos Exercitos os perdeo com a vida, e diminuiçaõ dos ſeus Eſtados?

42 Entre os Senhores Reys de Portugal, naõ foraõ mais famoſos os Affonſos, e Sanchos armigeros,

migeros, e batalhadores, que hum Manoel, e hum Joaõ III. que naõ desembainharaõ a espada senaõ contra Idolatras, e Sectarios, em augmento, e extensaõ da Fé Catholica, e hum glorioso Rey o Senhor D. Joaõ IV. de saudosa memoria, que a empunhou em defensa do seu direito à Coroa, e da liberdade da Patria, usurpada huma, e outra opprimida do dominio, e jugo Castelhano, com tanto mayores, quanto mais domesticas hostilidades, mostrando Deos a justiça da causa de Portugal, e a continuaçaõ da sua Divina promessa nas vitorias, que a ElRey, e a seus successores déra, continuandolhe o Imperio na sua Real descendencia, para o glorioso fim de dilatar o seu Santo nome pelas partes mais remotas, e ser a mayor de todas as Monarchias, que vio o Mundo Gentilico, e verá o Mundo Christaõ.

Apressa a Rainha a sua partida a França, alcança a sentença do divorcio, e pede o seu dote.

43 Apressava a Serenissima Senhora D. Maria Francisca Isabel de Saboya a sua volta a França, com a sentença do seu divorcio proferida aos vinte e quatro de Março de mil e seis centos e sessenta e oito, pelos Juizes, que lhe nomeara o Cabido na Sede Vacante, em que se achava a Corte, e pedia os seis centos mil cruzados, que trouxera de dote, os quaes se haviaõ gasto nas despezas da guerra, e naõ estava o Reyno em tempo, nem disposiçaõ de os poder juntar taõ brevemente. Sentiaõ os Vassallos a ausencia, que dispunha a Rainha, por ser amada em toda a Monarchia; e considerando se naõ devia dilatar a successaõ do Serenissimo Senhor Principe D. Pedro o

Causas, pelas quaes pede o Reyno ao Principe se despose com a Rainha.

tempo, que era preciſo para ſe ajuſtar o ſeu caſamento com outra Princeza, nem cabedaes para a conduzir com novos gaſtos, e demonſtrações devidas, naõ havendo em Europa entaõ (da meſma idade habil do matrimonio) alguma de mais heroicas virtudes, nem mais digna do thalamo Real, pediraõ com repetidas ſupplicas os Tribunaes, a Nobreza, e o Povo ao Principe a elegeſſe por Eſpoſa, fazendo todos à Rainha as meſmas amoroſas, e reverentes inſtancias.

Diſpenſas do Cardeal de Vandoma, e do Summo Pontifice.

44 Conformando-ſe com o ſentimento geral do Reyno pelas referidas cauſas o Senhor Principe D. Pedro, e a Senhora Rainha D. Maria, e impetrando do Cardeal de Vandoma, que ſe achava em França Legado à Latere com grandes poderes do Pontifice, a diſpenſa do unico impedimento, que era o de *publicæ honeſtatis*, para poderem contrahir o matrimonio; alcançada, ſe deſpoſaraõ com univerſal applauſo de todos os ſeus Vaſſallos, e logo para mayor ſegurança das ſuas conſciencias, recorreraõ ao Pontifice Clemente IX. pela confirmaçaõ, que lha concedeo com ampliſſimas circunſtancias; ſendo eſte facto o primeiro, em que depois de vinte e ſete annos de rogos, humiliações, e diligencias, conhecera a ſoberania de Portugal, independente do dominio de Caſtella, contra o que em todo eſte tempo ſe tinha obrado naquella Curia por razoens de Eſtado, deſde a feliz Acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ IV.

Manda o Sereniſſimo Senhor Principe dar obediencia ao Summo Pontifice.

45 O paternal affecto do Summo Pontifice reſplan-

reſplandeceo depois mais com a obediencia, que lhe mandou dar o Principe D. Pedro, pelo ſeu Embaixador Extraordinario D. Franciſco de Souſa Tello de Menezes, Conde do Prado, e Marquez das Minas, cujas virtudes, qualidade, e talento o fizeraõ benemerito deſte, e de outros grandiſſimos empregos. Foy eſta Embaixada de tanto agrado àquella Curia, como o moſtrou o Paſtor Univerſal da Igreja, recolhendo com amoroſos jubilos ao ſeu rebanho as fieis, e conſtantes ovelhas Luſitanas, que tantos annos naõ admittiraõ elle, e os ſeus Anteceſſores, em mayor credito da noſſa conſtancia na Religiaõ Catholica, e da obediencia dos noſſos Monarchas, taõ repetidas vezes reiterada, quantas (por cauſas politicas) mal recebida.

Governo de Jeronymo de Mendoça em Pernambuco, com queixa geral de todos os moradores.

46 Governava a Provincia de Pernambuco Jeronymo de Mendoça Furtado, mais attento ao ſeu intereſſe, que à ſua obrigaçaõ; todos os meyos, que conduziaõ para as ſuas conveniencias, lhe pareciaõ licitos; naõ ouvia os clamores do Povo, deſprezava as peſſoas principaes, que por naſcimento, e fidelidade lhe mereciaõ differente tratamento. Sentiaõ os Pernambucanos ver nelle hum procedimento tanto mais abſoluto, e contrario, quanto mais promptos, e conformes os achava na ſua obediencia; os obſequios, com que aquelles ſubditos o tratavaõ, faziaõ avultar mais os eſcandalos, que delle recebiaõ, devendo ſer o mayor motivo para obrar com prudencia, e juſtiça o culto, que ſe lhe dedicava, porque como

o reſpeito, que os Vaſſallos do Braſil tem aos ſeus Governadores, chega a parecer idolatria, naõ devem proceder como homens, os que vem a ſer venerados como Deidades.

Determina a Nobreza, e o Povo prendello.

47 Creſciaõ em Jeronymo de Mendoça as deſattenções, na Nobreza as queixas, e no Povo as iras, até que expondo-ſe a huma acçaõ taõ indeſcupavel, como temeraria, ſe reſolveraõ a prendello em ſatisfaçaõ dos aggravos, que lhes fazia, ſem attenderem a que deſte facto lhes podia reſultar mais caſtigo, que vingança; e tendo prevenidos os dous Terços da Infanteria paga, para que naõ fizeſſem movimento algum, intereſſando-os tambem na cauſa publica, juntando-ſe por varias partes da Cidade de Olinda as peſſoas principaes, e por outros lugares a mayor parte do Povo, ſe encarregou a execuçaõ a André de Barros Rego, que aquelle anno era Juiz ordinario do Senado da Camera, e repreſentava a Cabeça do Corpo Politico de Pernambuco, acompanhando-o os Vereadores actuaes daquelle Senado, e todos conformes na reſoluçaõ, da qual entendiaõ ſerem juſtiſſimas as cauſas, poſto que nellas foſſem partes os meſmos, que ſe determinaraõ a ſer Juizes.

Diſpoſições para a empreza.

48 Diſpoſtas as couſas conducentes a taõ eſtranha empreza, a executaraõ com mayor facilidade da com que a reſolveraõ. Sahia o Governador de Palacio ao ſeu paſſeyo, bem fóra de imaginar o que lhe havia de acontecer, poſto que o podera preſumir, aſſim por lhe naõ ſer occulto o juſto odio, que todos lhe tinhaõ, como porque a ſua

Executa-ſe a ſua prizaõ.

a ſua propria conſciencia o devia accuſar; e chegando a elle o Juiz ordinario André de Barros Rego, lhe diſſe, que ſe déſſe por prezo; perguntoulhe o Governador alterado, quem tinha poder para o prender: reſpondeo o Juiz, que em nome delRey, a Nobreza, e Povo de Pernambuco; empunhou colerico o Governador a eſpada, e fizeraõ o proprio huns criados, e Officiaes, que o acompanhavaõ, os quaes foraõ logo maltratados, e prezos pelas peſſoas principaes, que em continente ſahiraõ dos lugares em que eſtavaõ poſtos, ſendo ajudados do Povo, que já ſe achava junto em grande numero.

Por André de Barros Rego, Juiz ordinario daquelle Senado.

49 O Juiz André de Barros Rego, com ſocego de animo ainda mayor, que a empreza, diſſe ao Governador Jeronymo de Mendoça Furtado, quando o vio pôr maõ na eſpada, que ſe abſtiveſſe daquelle impulſo, porque ſe a chegaſſe a deſembainhar, perderia a vida, ſem que elle lha podeſſe defender daquelles moradores, que por tantas razoens lhe deſejavaõ a morte, e por naõ poderem tolerar as offenſas, que lhes fazia, ſe livravaõ do ſeu dominio por aquelle meyo, ainda que violento, eſperando da rectidaõ do noſſo Monarcha, e da lealdade, com que os Pernambucanos ſerviraõ ſempre ao augmento da ſua Real Coroa, reſtituindolhe aquellas Provincias, que lhe tinhaõ uſurpadas os Hollandezes, veria as cauſas, que os obrigavaõ a eximirſe de hum Governo, naõ menos tyrannico, que o dos Hereges. Deo-ſe o Governador por prezo, e com as culpas

Remettem a Jeronymo de Mendoça para Lisboa.

pas, que lhe formaraõ, o remetteraõ para Lisboa.

Na Corte foy prezo por suspeitas de culpado na traiçaõ de Francisco de Mendoça seu irmaõ.

50 A' ousadia dos Pernambucanos servio muito a desgraça de Jeronymo de Mendoça, porque pouco tempo depois de chegado à Corte, foy posto em huma aspera prizaõ, por indicios de cumplice na traiçaõ de seu irmaõ Francisco de Mendoça Furtado, Alcaide mór de Mouraõ, que fugio para Castella, e foy degollado em estatua, confiscada para a Coroa a sua illustrissima Casa, da qual pelo curso de muitos seculos em successivos tempos sahiraõ insignes Varoens em valor, fidelidade, serviço do Rey, e da Patria, famosos progenitores, de que este ultimo possuidor tinha degenerado. A Jeronymo de Mendoça naõ acharaõ prova para semelhante execuçaõ, e metido a tratos, negando o cargo, que se lhe fazia, foy por sentença condemnado a perpetua prizaõ em huma Fortaleza da India, onde morreo.

51 Por este accidente, faltando parte taõ poderosa aos Pernambucanos, naõ foraõ castigados como mereciaõ pelo procedimento, que com Jeronymo de Mendoça seu Governador tiveraõ (a todas as luzes detestavel) com prejudicial exemplo dos subditos, e escandalo da suprema regalia monarchica, que tem a soberania de castigar aquelles, a quem transfere o poder, e a representaçaõ para governarem os seus dominios, e serem obedecidos dos seus Vassallos, naõ podendo os subditos a proprio arbitrio punir, e tirar Governadores pelas mais justificadas queixas,

nem

nem devendo ter nellas outra acçaõ, que a de recorrerem ao Principe, ou ao Capitaõ Geral do Eſtado, ſeu lugar tenente; como no Governo de André Vidal de Negreiros recorreraõ a Franciſco Barreto de Menezes, que procedeo com attençaõ àquelles moradores na fórma, que temos moſtrado; porém ou os ſeus animos tinhaõ degenerado da primeira modeſtia, ou a fatalidade, que ſe aparelhava para Jeronymo de Mendoça, quiz principiar com eſte preludio.

Entra Alexandre de Souſa Freire no Governo geral do Braſil.

Anno de 1668.

52 Ao Vice-Rey D. Vaſco Maſcarenhas, Conde de Obidos, (depois de cinco annos de admiravel Governo) ſuccedeo no de mil e ſeis centos e ſeſſenta e oito, com o poſto de Governador, e Capitaõ Geral, Alexandre de Souſa Freire, illuſtre por qualidade, e por ſerviços; exercera em Portugal poſtos competentes aos ſeus merecimentos, e em Africa o de Governador da Praça de Mazagaõ, onde contra os Infieis tivera ſucceſſos felices, conſeguindo com fortuna as emprezas, que intentara com valor. Na Bahia entendendo, que pelo ſocego, que lograva o Eſtado, naõ carecia de lhe applicar o meſmo cuidado, e actividade, ou embaraçado das enfermidades, que padecia, (com taõ continua queixa, que quaſi ſempre ſe achava enfermo) ſe naõ empregava nas diſpoſiçóes do Governo com aquelle vigor, que podera moſtrar, a verſe livre dos achaques, que o opprimiaõ. Por eſta cauſa deſcançava na diligencia de hum ſeu favorecido, em quem havia talento para lhe aliviar o trabalho, mas por varios

varios accidentes adverſos, foy menos plauſivel na Bahia o ſeu Governo.

Continúa a Junta do Commercio em mandar a ſua Armada ao Braſil.

53 Continuava a Junta do Commercio em mandar (na fórma, que temos eſcrito) cada anno a ſua Armada à Bahia, conduzindo os navios, que vinhaõ para todos os portos do Braſil, e na altura delles lhos hia encaminhando, recolhendo-os na volta, e levando-os em conſerva para Portugal, providencia, de que reſultava a ſegurança das embarcações; porque poſto que logravamos já o fruto da paz dos Hollandezes, naõ faltavaõ Piratas, e Levantados de outras Nações, que obſervando as noſſas Frotas, buſcavaõ occaſiaõ de ſatisfazer a ſua ambiçaõ com as riquezas das noſſas naos, naõ ſendo menos cobiçoſos dellas os Coſſarios de Africa, que continuamente armavaõ a eſte fim os ſeus navios.

Vem Joaõ Correa da Sylva por General della.

Anno de 1669.

54 De todos eſtes perigos livravaõ os noſſos na defenſa da Armada; por General della nomeava ſempre ElRey peſſoas de muita ſuppoſiçaõ, valor, e pratica do exercicio militar, e maritimo. Com eſte emprego vieraõ ao Braſil talentos grandes; e no anno de mil e ſeis centos e ſeſſenta e nove trazia eſte cargo Joaõ Correa da Sylva, depois de exercer honrados poſtos nas guerras do Reyno, em que deſempenhara com muitos creditos as obrigações do ſeu illuſtre naſcimento.

55 Sahio do Téjo (para naõ tornar a elle) em o Galeaõ Sacramento, Capitania daquella Armada, hum dos melhores baixeis, que entaõ havia

via em Portugal, acompanhado da Almirante, da Fiſcal, e de outras naos de guerra, conduzindo mais de cincoenta navios mercantîs para os portos da noſſa America. Trazia a Capitania oito centas praças, nas quaes ſe contavaõ peſſoas de diſtinçaõ, porque havendo ceſſado as campanhas do Reyno pela paz ajuſtada o anno antecedente com Caſtella, quizeraõ vir naquella occaſiaõ ao Braſil.

Numero dos navios da Armada, e da gente, que conduzia a Capitania.

56 Eraõ mais de duzentos os paſſageiros de varios eſtados, Clerigos, Religioſos de diverſas Ordens, e Miniſtros de Juſtiça, que vinhaõ com exercicio para a Bahia, fazendo parecer a nao huma Republica portatil, e hum Povo de mais de mil almas. Navegavaõ todos alegres, liſongeando a ſua ruina com repetidas demonſtrações de goſto, menos o General, em quem (ſegundo a informaçaõ dos que eſcaparaõ do naufragio) ſe obſervara huma indifferente inclinaçaõ, ou ſentimento; ſeria authoridade, mas pareceo preſagio.

Alegria com que navegavaõ todos.

Indifferença, que ſe obſerva no General.

57 Aviſtou a nao Capitania a Bahia, indo a ſepultarſe o Sol, e caminhando a fenecer o dia; e devendo fazerſe ao mar, quiz naquelle crepuſculo vencer a diſtancia, que havia dalli à barra, por demaſiada confiança, ou pouca experiencia dos ſeus Pilotos, os quaes naõ governaraõ ao Eſte, e ao Eſnoroeſte, para dar reſguardo ao baixo de Santo Antonio, que por eſpaço de quaſi huma legoa vay correndo para o Sueſte, e fica fronteiro à coſta, que chamaõ do Rio Vermelho, (por

huma das duas bocas do Camoregipe, que com apparencias desta côr, faz transito ao mar por aquella parte) em cujo inconstante theatro representando o Galeaõ a sua funebre tragedia, naufragou lastimosamente.

Naufragio da nao Capitania.

58 Entrou a noite carregada de sombras, enviando trevas a ambos os Horizontes; pozse nublado o Ceo, sem descobrir estrellas, que podessem reflectir nas aguas. A pouca luz mal dispensada dos faroes, naõ era poderosa a mostrar rumo aos naufragantes, que já sobre troços, e despojos da nao fluctuavaõ entre as ondas; os tiros dos canhoens tinhaõ servido mais de horror, que de remedio, posto que sendo confusamente ouvidos na Fortaleza de Santo Antonio, disparou muitos para avisar a Cidade.

Diligencias do Governador Alexandre de Sousa.

59 Prevenido destes sinaes o Governador, e Capitaõ Geral Alexandre de Sousa Freire, entendendo ser evidente perigo de alguma das naos da Armada, que já tinha sido descoberta pelas atalayas do Capitaõ da vigia, (cuja obrigaçaõ he mandar aviso aos Governadores dos navios, que apparecem) enviou logo com a pressa, que permittia a confusaõ da noite, em quantas embarcaçoes ligeiras se acharaõ na Ribeira, praticos da barra, e pessoas intelligentes da navegaçaõ, com os instrumentos, cabos, amarras, enxarcias, gente, e todo o necessario, com que se pratîca acodir em semelhantes perigos. Era grande a distancia do porto ao lugar do naufragio, e naõ lhes foy possivel chegarem senaõ ao romper do dia, que

que ſahio a moſtrar o eſtrago, havendo-ſe antes retirado por naõ ver o conflicto.

60 Acharaõ feita em pedaços a nao, e grande numero de corpos, huns ainda vivos vagando pelos mares, outros jazendo já mortos nas areas; eſtragos, que teſtemunharaõ os que o Governador Alexandre de Souſa enviara para remediarem o perigo, e ſó ſalvaraõ as vidas algumas peſſoas, às quaes poz em ſalvo a ſua fortuna, e a diligencia dos peſcadores daquellas prayas, que com grande piedade, e zelo Chriſtaõ, por eſtarem mais proximos, as recolheraõ nas ſuas jangadas, e canoas, (pobres embarcações ligeiras da ſua peſcaria) e algumas poucas, que ſobre taboas piedoſamente deſpedaçadas no ſeu remedio ſe pozeraõ em terra.

Innocencia, e materialidade de hum menino, que ſe ſalvou.

61 Entre eſtas ſe faz digna de memoria a noticia de hum menino de oito annos, que depois de eſtar ſeguro no porto, naõ queria largar das mãos huma pequena taboa, em que ſe ſalvara, dizendo, que quando ſeu pay o lançara ſobre ella aõ mar, lhe diſſera, que ſe a largaſſe, havia logo de morrer. Tal era a innocencia do menino, e taõ materialmente entendeo a advertencia do pay, que naõ largava a taboa, depois de conſeguido o fim para que lha dera. Do ſucceſſo, que teve o pay, naõ ha noticia.

Acode por terra o Meſtre de Campo Antonio Guedes.

62 Tinha acudido por terra o Meſtre de Campo Antonio Guedes de Brito, (peſſoa, de quem logo a noſſa Hiſtoria fará preciſa, e decente mençaõ) com muitos Officiaes, e Soldados do ſeu

Terço, em que fora provido pelo Capitaõ Geral Alexandre de Souſa; chegou àquella coſta, e ſe naõ pode a ſua zeloſa diligencia, e da ſua gente obrar nada em remedio do perigo, fez muito na caridade com os mortos, mandando darlhes ſepultura; e buſcando com eſpecial cuidado o corpo do General Joaõ Correa da Sylva, o achou, e fez conduzir a ſua caſa, de donde lhe deu ſepultura no Convento dos Religioſos Capuchos de Santo Antonio da Cidade da Bahia, com geral, e ſolemne enterro, em que competiraõ a ſua piedade, e a ſua riqueza.

Obra muitos actos de piedade com os mortos.

Acha o corpo do General, e o conduz para ſua caſa, de donde o faz ſolemnemente ſepultar.

63 Eſte fim teve Joaõ Correa da Sylva na mais florida eſtaçaõ dos ſeus annos. Na ſua vida ſe perderaõ muitas eſperanças, pois as provas do valor, que fizera no ſerviço do Rey, e da Patria, eraõ crédoras de grande expectaçaõ, e de melhor fortuna. A ſua perda fez mayor a grandeza, e deſgraça do naufragio, que fora hum dos mais laſtimoſos eſpectaculos, que viraõ os mares da Bahia. Por todas as prayas della, e de toda aquella coſta ſe puzeraõ guardas, que recolheraõ muitas arcas, caixoens, e couſas varias; e conhecidos os donos, ſe entregaraõ aos que eſcaparaõ os que lhes pertenciaõ; e os que tocavaõ aos mortos, recolheo o Juizo dos auſentes, para os diſpor na fórma do ſeu Regimento.

Memoria do General Joaõ Correa da Sylva.

64 Coſtumava o Gentio bravo do Certaõ da Bahia dar repentinos aſſaltos ſobre algumas Povoações remotas da Cidade, com eſtrago das vidas, e lavouras daquelles moradores, ſendo mais continuos,

continuos, e causando mayor damno na Villa do Cayrû, pela muita gente, que a habitava, em cuja defensa se fizera huma Estancia em lugar opportuno, em que assistia huma Companhia de Infanteria paga do Presidio da Cidade, que de tres em tres mezes se mandava mudar por turno, com alternativa de ambos os Terços, servindo de freyo aos Gentios.

65 Por esta causa naõ davaõ com tanta frequencia, ou o faziaõ com mayor temor. Chegou a nomeaçaõ à Companhia do Capitaõ Manoel Barbosa de Mesquita, em que viera provido de Lisboa no anno de mil e seis centos e setenta, e havia poucos mezes, que exercia o posto. Partio para a referida Estancia, e esperando successor, por haver já completo o termo do tempo consignado, como tinha cheyo o da sua vida, naõ pode obviar a sua desgraça.

66 Chegou naquelles dias hum de preceito, em que na Matriz da Villa se fazia festa annual das mais solemnes daquella Parochia, à qual concorreraõ como costumavaõ com suas mulheres, e filhas os moradores mais vestidos, que armados, indo a festejar a celebridade, bem fóra do receyo de pelejarem com os Gentios, os quaes nunca tinhaõ chegado àquelle lugar, e na presente occasiaõ variando o terreno das suas entradas, vieraõ a dar sobre elle, quiçà por saberem a solemnidade do dia, e que naquelle concurso desacautelado podiaõ fazer mayores hostilidades. Chegaraõ em multidaõ innumeravel, rompendo os ares com

Chegaõ à Igreja Parochial da Villa.

os

os eccos dos alaridos, e inſtrumentos barbaros, com que coſtumaõ entrar nas ſuas batalhas; o Miniſtro Parochial, e as peſſoas, que eſtavaõ na Igreja, naquelle inopinado caſo acudiraõ a fecharlhes as portas.

Sahe della o Capitaõ Manoel Barboſa.

67 Neſte accidente o Capitaõ Manoel Barboſa de Meſquita, que ſe achava nella com ſete Soldados, os quaes da Eſtancia foraõ com elle a ſatisfazer o preceito da Igreja, as mandou abrir, e com valor temerario ſahio para fóra, ſendo taõ deſigual o ſeu partido, como certa a ſua ruina, e a daquelles Soldados, porque os moradores, que alli ſe achavaõ inermes, e ſem diſpoſiçaõ para a peleja, trataraõ ſó de ſegurar as mulheres, tornando a fechar as portas da Parochia.

Acomete temerariamente aos inimigos.

68 Enveſtio o Capitaõ Manoel Barboſa a todo aquelle Exercito barbaro, primeiro diſparando duas piſtolas, e depois avançando-o com huma eſpada, e rodela, com tal reſoluçaõ, que deixando huns mortos, e muitos deſpedaçados, fez huma larga eſtrada por entre aquelles inimigos, porque ſentindo-ſe já mortalmente ferido, quiz venderlhes a caro preço a vida com as muitas mortes, de que foy inſtrumento; porém depois de grande eſpaço de conflicto, cahio morto de muitas ſettas, e dous Soldados, dos que o acompanharaõ, porque os mais com o pretexto de irem dar aviſo à Eſtancia, depois de diſpararem as armas, que levavaõ, o deſampararaõ.

Morre atraveſſado de repetidas frechas.

69 Aſſombrados os inimigos do valor do Capitaõ, e do grande numero de Gentios, que lhes

lhes deixara mortos, entre os quaes contavaõ o ſeu Principal, e ſobre tudo por favor do Ceo, ſe retiraraõ; porque a inſiſtirem, e intentarem quebrar as portas da Igreja, (o que podiaõ fazer com facilidade pela multidaõ da ſua gente) ſeria mayor, e mais laſtimoſo o eſtrago, por eſtarem dentro della todas as mulheres da Villa. Retiraraõ-ſe; e quando acudiraõ da Eſtancia os Soldados, a magoa de verem morto o ſeu Capitaõ, ou a piedade de o conduzirem para ſe lhe dar ſepultura, lhes tirou do penſamento a obrigaçaõ de hoſtilizarem aos inimigos na retirada.

Sentimento na Bahia pela ſua morte.

70 Foy muy ſentida na Bahia a morte do Capitaõ Manoel Barboſa de Meſquita, por ſer bem naſcido, muito valeroſo, e eſtar de poucos mezes nobiliſſimamente deſpoſado, e finalmente por acabar na flor da ſua idade com valor, e brio taõ deſmedidos, que conhecendo ſer indeſculpavel o ſeu arrojamento, e certa a ſua morte, (a qual podera obviar com reſoluçaõ prudente) antepoz a ſua opiniaõ à ſua vida, naõ querendo ficaſſe aos emulos (poſto que injuſtamente) livre a cenſura de poderem dizer, que ſe deixara ficar na Igreja a portas fechadas.

Determina o Governador fazer guerra aos Gentios, e manda vir de S. Paulo gente.

71 Eſta deſgraça eſtimulou o animo do Governador, e Capitaõ Geral Alexandre de Souſa Freire, para fazer huma rija guerra àquelles inimigos; e naõ achando na Bahia Cabos, e Soldados praticos na fórma de pelejar com os Gentios, por ſe haver perdido eſta diſciplina pela diſtancia, em que já eſtavaõ apartados do reconcavo,

e no

e no interior dos Certoens, os mandou vir de S. Paulo, em cuja juriſdicçaõ era ſempre continua a guerra dos Pauliſtas, e dos ſeus Gentios domeſticos contra os bravos, e rebeldes; porém naõ chegaraõ no tempo do ſeu Governo, ſenaõ do ſeu ſucceſſor.

Anno de 1671.

Vem por Governador Affonſo Furtado de Mendoça.

72 No poſto de Governador, e Capitaõ Geral lhe ſuccedeo no anno de mil e ſeis centos e ſetenta e hum Affonſo Furtado de Mendoça, illuſtre por eſplendor de ſangue, e gloria de valor, ſendo naquelle ſeculo hum dos Heroes da fama nas campanhas de Portugal, em cuja defenſa fora ſempre dos mais arriſcados, exercendo naquella guerra os primeiros poſtos; e no Governo geral do Braſil correſpondiaõ as acções, que obrava, à expectaçaõ, que do ſeu grande talento ſe tinha em todo o genero de virtudes, como moſtrou no curſo da ſua vida, que acabou na Bahia, como logo moſtrará a Hiſtoria.

Deſcripçaõ das terras do Piaguî.

73 Neſte tempo ſe ampliou mais a extenſaõ das terras, que haviamos penetrado nos Certoens da noſſa America, porque no anno de mil e ſeis centos e ſetenta e hum ſe deſcobriraõ os ſitios do Piaguî, grandiſſima porçaõ de terra, que eſtá em altura de dez graos do Norte, além do rio de S. Franciſco para a parte de Pernambuco, no continente daquella Provincia, e naõ muy diſtante à do Maranhaõ. Tomou o nome de hum rio, que por pobre o naõ devia ter para o dar, pois corre ſó havendo chuvas, e no Veraõ fica cortado em varios poços. O meſmo pouco cabedal, e proprie-

propriedade ſe acha em mais ſeis riachos, que regaõ aquelle Paiz, os quaes ſaõ, o Canindê, o Itaim, S. Victor, Putî, Longazes, e Piracuruca; porém todos por diverſas partes concorrem a enriquecer o rio Parnaiba, que com elles chega opulento ao mar na coſta do Maranhaõ.

74 Hum dos primeiros, que penetraraõ aquelle terreno, foy o Capitaõ Domingos Affonſo Certaõ, appellido, que tomara em agradecimento das riquezas, que lhe deraõ os Certoens do Braſil, e por empreza das conquiſtas, que nelles fizera, paſſando de huma fortuna humilde, em que vivera na Bahia, à eſtimaçaõ, que coſtumaõ dar os grandes cabedaes. Poſſuhia já huma fazenda de gados, chamada o Sobrado, da outra parte do Rio de S. Franciſco, deſtricto de Pernambuco na entrada da travecia, que vay para o Piaguî; e mandando dalli exploradores a indagar, e penetrar a terra, lhe trouxeraõ as noticias, que deſejava para as conquiſtas, que pertendia; reſoluçaõ, que executou com valor, e felicidade, convidando para eſta empreza algumas peſſoas, que pode juntar, todos alentados, déſtros, e praticos na fórma da peleja daquelles barbaros.

Domingos Affonſo, hum dos primeiros, que as penetraraõ.

75 Entrou por aquellas terras, até alli naõ penetradas dos Portuguezes, e ſó habitadas dos Gentios bravos, com os quaes teve muitas batalhas, ſahindo de huma perigoſamente ferido, mas de todas vencedor, matando muitos Gentios, e fazendo retirar aos outros para o interior dos Certoens. Neſte deſcobrimento ſe encontrou com

Encontra-ſe com o Pauliſta Domingos Jorge, que por outra parte as tinha entrado.

Domingos Jorge, hum Cabo dos Pauliſtas, poderoſo em arcos, que deſejando novas conquiſtas, ſahira das Provincias do Sul, e de S. Paulo, Patria ſua, com numeroſo troço dos ſeus Gentios domeſticos, a deſcobrir terras ainda naõ penetradas; e atraveſſando varias Regioens para o Norte, chegara àquella parte, pouco tempo antes, que o Capitaõ Domingos Affonſo a entraſſe.

Diſpuzeraõ ambos os rumos, que haviaõ de ſeguir.

76 Viraõ-ſe ambos, e dando-ſe hum a outro noticia do que tinhaõ obrado, e deſcoberto, ſe ajuſtaraõ no que haviaõ de proſeguir; e dividindo-ſe para differentes partes, foy cada hum pela ſua conquiſtando todo aquelle Paiz, cuja circunferencia dilatadiſſima comprehende grande numero de legoas. Com eſta noticia muitas peſſoas poderoſas, que tinhaõ terras confinantes àquellas, foraõ pedindo dellas Ciſmarias ao Governador da Provincia de Pernambuco, que lhas concedeo, e logo introduzindo gados nas que poderaõ povoar. Venderaõ, ou arrendaraõ a outras peſſoas muitos ſitios na porçaõ, que ſe incluhia em cada huma das datas, que alcançaraõ, e em breve tempo ſe foraõ enchendo de gados, e occupando de moradores em tanto exceſſo, que hoje ſe contaõ naquelle grandiſſimo terreno quaſi quatro centas fazendas de gado, e cada huma de larga extenſaõ.

Povoa-ſe todo aquelle Paiz.

77 He taõ abundante de paſtos para todo o genero de gados, e os cria taõ grandes, e em tanto numero, que além de vir muito para a Bahia, ſuſtentaõ todos os Povos das Minas do Sul,

que

que ſem eſta abundancia naõ floreceriaõ na ſua opulencia, ſendo do Piaguî a mayor parte do gado, que ſe gaſta entre aquelles innumeraveis habitadores, e Mineiros, poſto que de outras partes lhes vâ tambem muito, porque todo lhes he neceſſario, por naõ criarem os campos, e terrenos das Minas eſte genero. No Piaguî ſe cultiva a raiz da mandioca, e outras, mas ſó para a ſuſtentaçaõ dos ſeus moradores, e por ſer Paiz ſeco, ſe plantaõ nas terras mais baixas; porém em todas ſe vaõ dando outros frutos para commodo, e regalo dos que nelle vivem.

78 Logra hoje preeminencia de Capitanîa, com Capitaõ môr, Ordenanças, e huma Villa, que o Sereniſſimo Senhor Rey D. Joaõ V. mandou fundar pelo Doutor Vicente Leite Ripado, Ouvidor do Maranhaõ, o qual a erigio no anno de mil e ſete centos e dezoito, com a invocaçaõ de Noſſa Senhora da Victoria, e o titulo de Moxa, nome do ſitio em que eſtá. Os dizimos da Capitanîa, que ſe coſtumaõ rematar em Pernambuco, agora ſe remataõ no Maranhaõ, para da ſua importancia ſe pagar à Infanteria do Preſidio daquella Praça, ſendo tanta a extenſaõ da Capitanîa do Piaguî, que naõ cabendo em o dominio de huma ſó Provincia, eſtá ſogeita à juriſdicçaõ de tres; no eſpiritual ao Biſpado de Pernambuco, no temporal ao Governo do Maranhaõ, e no Civel à Relaçaõ da Bahia.

He Capitanîa ſogeita a tres juriſdicçóes.

79 No ſegundo anno do Governo de Affonſo Furtado de Mendoça chegaraõ de S. Paulo os Cabos,

Chegaõ de S. Paulo os Cabos, e Gentios, que mandara vir o Governador Alexandre de Souſa.

Cabos, que mandara vir o ſeu anteceſſor, para fazerem guerra aos Gentios pelo Certaõ da Villa do Cayrû, cujos eſtragos tinhaõ ainda freſca a memoria dos inſultos, que daquelles barbaros receberaõ, e continuamente experimentavaõ ſeus habitadores. Trouxeraõ muitos Gentios domeſticos, que ſaõ os Soldados, com que os Pauliſtas pelejaõ contra os rebeldes na ſua Regiaõ. Vinha por Cabo principal Joaõ Amaro ſeu natural, taõ valeroſo, e déſtro na fórma da peleja dos Gentios, como bem ſuccedido naquella occaſiaõ, em que conſeguio intereſſes proprios, vitorias da fereza dos Indios, e premios da grandeza Real.

80 Ajuſtava o Governador Affonſo Furtado tanto as ſuas diſpoſições com a ſua conſciencia, que ſendo eſta guerra taõ neceſſaria, e notoriamente juſta, a naõ quiz mover, ſem convocar a Palacio os principaes Cabos, e os Miſſionarios Apoſtolicos, a cuja expreſſa declaraçaõ (por ley do Sereniſſimo Senhor D. Joaõ IV. feita no anno de mil e ſeis centos e cincoenta e cinco) deixa o conhecimento da legitimidade do cativeiro dos Gentios, em qualquer guerra, que ſe lhes fizer ſem a ſua authoridade Real; ultimo aſſento, que ſe tomara neſta materia, depois das antigas reſoluções dos Senhores Reys ſeus anteceſſores, controvertidas, ou mal obſervadas dos Miniſtros, e Vaſſallos por conveniencias particulares.

Convoca o Governador os Cabos, e Miſſionarios a Palacio.

81 Juntos na preſença do Governador os Vogaes, propoſta a materia, para a qual ſe convocara aquelle Congreſſo, reſolveraõ uniformemente

mente

mente todos ſer juſtiſſima a guerra, que ſe determinava fazer aos Gentios dos Certoens, e deſtrictos da Villa do Cayrû, pelos inſultos, e tyrannias, que contra os Portuguezes commettiaõ, e que por eſta cauſa juſtamente deviaõ ficar cativos os que nella foſſem prezos, ſegundo a faculdade concedida na referida ley; e com eſta conforme reſoluçaõ applicou o Governador Affonſo Furtado com a mayor brevidade, que lhe permittia o tempo, os apreſtos, e expediçaõ do Exercito, que mandava contra aquelles barbaros.

Reſolvem ſer juſta a guerra contra os Gentios do Cayrû, e que devem ficar cativos.

82 Achava-ſe para tanta deſpeza exhauſta a Real fazenda, cauſa, que preciſara ao Governador a fazer hum pedido às peſſoas ricas, e principaes, para ajuda do gaſto daquella empreza, a que deviaõ concorrer, por ſer commum o intereſſe, e a utilidade publica. Acudiraõ com equivalentes contribuições os generoſos animos dos moradores da Bahia para aquelle empenho, como coſtumaõ em todos os do ſerviço delRey, e do augmento da Patria. Dos ſeus donativos ſe recolheo importante ſumma, competente à neceſſidade do Exercito, que ſe compunha de Pauliſtas, e Soldados do Preſidio da Bahia, e foy entregue ao governo de Joaõ Amaro, que em muitas embarcações o conduzio por mar ao Cayrû na Capitanîa dos Ilheos.

83 Naquella Villa, povoada de muita nobreza, ſe lhe juntou o Capitaõ môr com as Ordenanças do ſeu deſtricto; e penetrando Joaõ Amaro aquelles

Vay Joaõ Amaro Cabo principal da empreza para a Villa do Cayrû.

Tem feliz fuceffo matando, e prendendo muitos Gentios.

aquelles Certoens, fez rija guerra aos Gentios com tal fortuna, que em varios conflictos matou muitos, fendo immenfos os que prendeo, fem embargo da grande refiftencia, que em continuos combates achou naquelles inimigos, mas à cufta de poucas vidas dos noffos, lhe tirámos infinitas, e a quafi todos a liberdade. Foraõ remettidos os cativos à Cidade da Bahia, onde eraõ vendidos por taõ inferior preço, que os de melhor feiçaõ naõ paffavaõ de vinte cruzados, os mais por muito menos.

Morrem muitos pelo defcoftume do trabalho.

84 A mayor quantidade fe enviou para o reconcavo a vender para o ferviço das canas, Engenhos, e outras fabricas das noffas lavouras. Porém como os Gentios do Brafil naõ tem por coftume o trabalho quotidiano, como os da cofta de Africa, e fó lavraõ quando tem neceffidade, vagando em quanto tem que comer, fentiaõ de fórma a nova vida, o trabalhar por obrigaçaõ, e naõ voluntariamente, como ufavaõ na fua liberdade, que na perda della, e na repugnancia, e penfaõ do cativeiro, morrendo infinitos, vinhaõ a fahir caros pelo mais limitado preço.

Penetra a noffa gente todo aquelle Certaõ, e o faz communicavel com o já defcoberto.

85 Foy o noffo Exercito penetrando todo aquelle vaftiffimo Certaõ para a parte do Norte, até fe communicar com o da Bahia, e abrindo eftradas, fez hum dilatadiffimo caminho, por onde fe ficaraõ communicando ambas as Provincias. Nas terras novamente conquiftadas pediraõ os Cabos, e outras peffoas poderofas varias Cifmarias,

rias, que lhes foraõ concedidas, ſendo mayor a que ſe deu a Joaõ Amaro, a quem, em premio daquella conquiſta, accreſcentou o Sereniſſimo Senhor Principe D. Pedro a merce do Senhorio de huma Villa. Concedeolhe faculdade para a edificar naquellas terras, onde para a parte da Bahia fundou a Villa da invocaçaõ Santo Antonio, chamado vulgarmente de Joaõ Amaro, pouco povoada pela grande diſtancia em que fica. Depois querendo voltar para S. Paulo, a vendeo com todas as terras, que lhe foraõ concedidas, ao Coronel Manoel de Araujo de Aragaõ, em cujos deſcendentes exiſte.

Villa de Santo Antonio, fundada por Joaõ Amaro.

Vende-a depois a Manoel de Araujo de Aragaõ.

86 He nos talentos grandes, a quem os Principes encarregaõ o Governo das porções da Monarchia, cega a ancia de augmentallas, e nos inferiores tambem cego o deſejo das riquezas, e das honras; deſte concurſo de cegueiras differentes reſultou hum facto, para engano perigoſo, para verdade contingente. Veyo à Cidade da Bahia hum morador do Certaõ, cujas experiencias, e procedimentos poderaõ abonar as ſuas atteſtações. Informou ao Governador Affonſo Furtado, ter deſcoberto grandioſas minas de prata, em parte muito diverſa da em que ſe preſumia as achara Roberio Dias, e com a abundancia, que eſte as promettera em Caſtella.

Traz à Bahia hum morador do Certaõ novas de ter deſcoberto minas de prata.

87 Aſſegurava o deſcobrimento, moſtrando humas barretas, que dizia fundira das pedras, que dellas tirara, affirmando ſer o rendimento igual ao das mais ricas minas das Indias de Heſpanha.

Sem mayor exame lhe dá credito o Governador.

panha. Pedia merces, e offerecia moſtrallas; ſe neſta noticia delinquio de ouſado, naõ deixou o Governador de peccar de ligeiro, porque ſem outra mayor ſegurança, ou exame, lhe deu inteiro credito, ſegurandolhe da grandeza Real premio aventajado.

Manda ſeu filho a Portugal com eſta noticia.

88 Determinou logo mandar eſta noticia ao Sereniſſimo Senhor Principe D. Pedro, enviando com ella a Joaõ Furtado de Mendoça ſeu filho, e fazendo-o embarcar com algumas peſſoas de diſtinçaõ, que em applauſo da novidade, quizeraõ naquella occaſiaõ paſſar à Corte a diverſos fins, em hum navio, que mandara o Governador aparelhar. Feito preſtes, ſahio da barra da Bahia com eſpectaçaõ differente da fortuna, e tormenta, que experimentou, porque naufragando na coſta de Peniche, ſe perderaõ quaſi todos os navegantes.

Naufraga a embarcaçaõ, e ſalvaſe Joaõ Furtado.

Entre os poucos, que eſcaparaõ, ſe ſalvou Joaõ Furtado, e paſſando a Lisboa, perdidas no naufragio as amoſtras, e cartas, que enviava ſeu pay, as ſoube repreſentar com taes expreſſoens do que continhaõ, e da certeza da nova, que ſe remetteraõ logo à Bahia todas as couſas neceſſarias para a fabrica daquelle deſcobrimento.

Morre no Certaõ o deſcobridor das Minas.

89 Quando chegaraõ, era falecido no Certaõ o chamado Deſcobridor das Minas, e por mais diligencias, que obrara Affonſo Furtado, mandando peſſoas intelligentes para indagarem o lugar em que as achara, o naõ poderaõ deſcobrir, confeſſando ingenuamente as da ſua familia, os ſeus aliados, e viſinhos, que o naõ ſabiaõ. Neſta

entrada,

entrada, que ſe fez ao Certaõ, ſe deſcobriraõ finiſſimas pedras amathiſtas de muy viva côr roxa, e meyos topazios de perfeita côr amarella; humas, e outras muy rijas, e reſplandecentes, e dellas ſe fizeraõ precioſos aneis na Bahia, e ſe remetteraõ muitas a Portugal. Acharaõ-ſe diafanos, e puriſſimos criſtaes em pedaços taõ grandes, que delles ſe poderaõ lavrar peças importantes; e poſto que deſtes generos na Bahia ſe naõ faz negocio para ſe frequentarem as minas em que eſtaõ, ainda aſſim os caminhantes, que a varios fins das ſuas jornadas paſſaõ por ellas, ſempre as trazem, de que reſulta haverem muitas, ſem que a quantidade lhes diminua a eſtimaçaõ.

Amathiſtas, e meyos topazios, e criſtaes nos Certoens da Bahia.

90 O pouco effeito das diligencias, que para o deſcobrimento das minas de prata fez Affonſo Furtado, lhe imprimio na imaginaçaõ o erro de naõ haver pezado aquella materia na balança da prudencia, e o receyo do dezaire, que lhe grangeava a ſua demaſiada credulidade em negocio, de que fizera tanto apreço, e ſegurara com tanta certeza. A eſta nociva apprehenſaõ ſobreveyo huma profunda melancolia, que paſſando a perigoſa, e dilatada enfermidade, lhe acabou a vida. Os grandes actos de Catholico, que nella exercera, reſplandeceraõ mais na ſua morte, geralmente ſentida em toda a Bahia: faleceo aos vinte e ſeis de Novembro do anno de mil e ſeis centos e ſetenta e cinco, mandando ſepultarſe no Convento de Santo Antonio dos Capuchos da Bahia.

Cauſa, e origem da morte do Governador Affonſo Furtado.

Seu Elogio.

91 Foy Affonſo Furtado de Mendoça ramo de eſclarecido tronco, em Caſtella, e Portugal illuſtriſſimos. Poſſuhia hum Morgado de groſſa renda; mas tendo no ſeu alento o mayor theſouro, o diſpendeo em acções valeroſas nas campanhas de Portugal, em cuja guerra exerceo, depois de outros grandes poſtos, o de General da Cavallaria do Alemtejo, e o do Governador das Armas da Beira. Em todos conſeguio emprezas contra as oppoſições da fortuna, a poderes do valor. Foy mais alentado, que venturoſo, mas o ſeu esforço ſoube triunfar das adverſidades. Teve merce do titulo de Viſconde de Barbacena, de que naõ uſou, por lhe parecer inferior ao ſeu merecimento, porém exiſte nos ſeus ſucceſſores, dignando-ſe delle ſeu filho primogenito Jorge Furtado de Mendoça, o qual juntou ao eſplendor da ſua Caſa o preclariſſimo ſangue de Henholoe, que em titulo de Conde tem ſoberania em Alemanha.

Eleiçaõ, que ſe faz das peſſoas, que haviaõ de ſubſtituir o lugar.

92 Naõ ſe achavaõ, havia muitos annos, na Bahia as vias de ſucceſſoens para o Governo, como em outros tempos ſe praticara; cauſa, pela qual foy preciſo ao Governador Affonſo Furtado nos ultimos periodos da ſua vida determinar, e eleger com o Senado da Camera, Nobreza, e peſſoas conſtituidas no caracter dos poſtos, as que haviaõ de ſucceder no Governo por ſua morte; e por voto uniforme de todos ſe determinou, que ficaſſem ſubſtituindo o ſeu lugar o Chanceler da Relaçaõ, o Meſtre de Campo mais antigo, e o Juiz mais velho do Senado da Camera, para que

juntos

juntos governaſſem o Eſtado, em quanto o Sereniſſimo Senhor Principe lhes naõ enviaſſe ſucceſſor; eleiçaõ de todos geralmente applaudida, e que depois mereceo a approvaçaõ Real, que a confirmou com todos os poderes do ſeu anteceſſor; o qual ſepultado, tomaraõ no ſeguinte dia poſſe do Governo, exercendo-o com o proprio regimento em todo o tempo, que lhes durou a ſubſtituiçaõ.

A qual confirma o Senhor Principe D. Pedro.

93 Era Chanceler o Deſembargador Agoſtinho de Azevedo Monteiro, e havia muitos annos, que na Relaçaõ da Bahia occupava eſte lugar com ſatisfaçaõ, ainda que da ſua muita idade ſe naõ podiaõ eſperar grandes diſpoſições, nem prompta aſſiſtencia. Meſtre de Campo mais antigo Alvaro de Azevedo, natural da Bahia, que nas guerras de Flandes, de Portugal, e do Braſil fizera provas de valor naõ vulgar, e lograra honrados poſtos, e ultimamente ſe achava no de Meſtre de Campo de hum dos dous Terços do Preſidio, que exercia com mayor experiencia, que actividade, por correrem os ſeus annos parelha com os ſeus ſerviços, que eraõ muitos.

Qualidades das peſſoas eleitas.

94 Juiz mais velho do Senado da Camera Antonio Guedes de Brito, natural da Bahia, e das principaes peſſoas della, deſcendente de Catharina Alvares, e Diogo Alvares Correa, e ſobrinho de Lourenço de Brito Correa, Provedor môr da Fazenda Real do Eſtado, e hum dos tres Governadores na depoſiçaõ do Marquez de Montalvaõ, como deixámos eſcrito. Havia Antonio

Guedes occupado o poſto de Meſtre de Campo, e ſervido repetidas vezes os lugares de Vereador, e Juiz da Camera, em que fizera com grandes acertos muitos ſerviços à Patria. Achava-ſe com experiencias do governo politico, e boa idade para ſuſtentar o pezo, com que naõ podeſſem os dous companheiros.

Daõ parte ao Principe os tres Governadores da morte de Affonſo Furtado, e da ſua eleiçaõ.

95 Eſtes foraõ os tres Governadores, em quem cahio a ſorte do Governo. Mandaraõ logo por dous patachos repetidos aviſos ao Principe D. Pedro, da morte de Affonſo Furtado, e da eleiçaõ nelles feita, para lhe ſubſtituirem o cargo; e por quanto no primeiro dia do anno ſeguinte ſe havia de abrir (ſegundo o eſtylo, e fórma da Ordenaçaõ) o Pelouro para novos Officiaes da Camera, de que reſultava acabar a juriſdicçaõ Antonio Guedes de Brito, e ſuccederlhe outro Juiz ordinario, que pela occupaçaõ havia de entrar em ſeu lugar no Governo, podendo acontecer foſſe peſſoa menos deſintereſſada, que Antonio Guedes, (o qual pela ſua riqueza, e pelo ſeu talento, era com notoriedade independente de todas as conveniencias, que ſe podiaõ achar naquelle lugar) fizeraõ preſente a ſua Alteza eſtes inconvenientes, pedindolhe foſſe ſervido ordenar, que a preſente vereaçaõ exiſtiſſe até a vinda do ſucceſſor, por quem houveſſe de mandar governar o Eſtado; e aſſim o ordenou o Sereniſſimo Principe.

Pedem a ſua Alteza mande continuar aquella vereaçaõ, em quanto lhes naõ envia ſucceſſor ao Governo.

96 Porém antes de chegar a ſua Real ordem, no prazo de ſe abrir o Pelouro foy o Ouvidor

dor Geral do Civel à Camera, de que entaõ era Preſidente, por naõ haver ainda na Bahia os Juizes de Fóra, que depois ſe lhe introduziraõ, como em ſeu lugar diremos; e ao ſom do ſino da Cidade convocou as peſſoas da Governança, e Povo, que coſtumavaõ aſſiſtir àquelle acto, e com effeito abrio o Pelouro, que por ſorte ſe tirara, conforme a diſpoſiçaõ da Ley. Os Governadores tinhaõ mandado ordem ao dito Ouvidor Geral do Civel, para naõ proceder naquella diligencia, porém elle ſe eſcuſava com a ſua obrigaçaõ, e com a força da Ley, mas repetindoſelhe a ordem, houve de obedecer.

Abre o Ouvidor Geral do Civel no anno ſeguinte o Pelouro.

97 Em menos de hum anno faleceo o Chanceler Agoſtinho de Azevedo Monteiro, que na Relaçaõ, e no Governo procedera com modeſtia acredora de memoria, e digna de louvor. Succedeolhe pela ſua antiguidade o Deſembargador Chriſtovaõ de Burgos de Contreiras, peſſoa nobre, e natural da Bahia, que havia muitos annos exercia o cargo de Ouvidor Geral do Crime, com grande inteireza, e muita intelligencia, fazendo eſte lugar taõ reſpeitado, como temido. Depois de governar, foy chamado a Lisboa a livrarſe das impoſturas, com que o capitularaõ ſeus inimigos de faltas, ou culpas na occupaçaõ de Ouvidor Geral do Crime, em que ſe grangeaõ muitos.

Morre o Chanceler Agoſtinho de Azevedo, e entra em ſeu lugar o Deſembargador Chriſtovaõ de Burgos.

98 Porém moſtrando na Corte a pureza do ſeu procedimento, foy abſolto dos cargos, e premiado com o de Deſembargador dos Aggravos daquella

daquella Relaçaõ, de donde voltou à Bahia a vender as ſuas propriedades para tornar a Lisboa; e naõ o podendo conſeguir, ſe lhe proveo o lugar, completos os dous annos, que trouxera de licença. Com eſte Triumvirato, que entrou por morte do Chanceler Agoſtinho de Azevedo, ſe achava o Governo geral do Braſil em tres Patricios da Bahia.

Novo Triumvirato, que entra no lugar de Agoſtinho de Azevedo Montairo.

99 Haviaõ as Povoações do Braſil creſcido muito, e ſe tinhaõ augmentado em tanto extremo os ſeus moradores, que ao rebanho Catholico de taõ innumeraveis ovelhas naõ baſtava a vigilancia de hum Paſtor; e aſſim foy preciſo darlhes muitos. A pia, e Religioſa attençaõ do Sereniſſimo Principe D. Pedro, naõ reparando nas deſpezas da ſua Real fazenda com as congruas de tantos Prelados, elevou a Sé da Bahia a Metropolitana, e a Cathedraes as Igrejas de Pernambuco, Maranhaõ, e Rio de Janeiro. Nomeou no anno de mil e ſeis centos e ſetenta e ſeis por Arcebiſpo da Bahia a D. Gaſpar Barata de Mendoça; por Biſpo de Pernambuco a D. Eſtevaõ Brioſo de Figueiredo; a D. Fr. Manoel Pereira por Biſpo do Rio de Janeiro; e a D. Fr. Antonio de Santa Maria, Religioſo Capucho, por Biſpo do Maranhaõ; ſendo confirmadas eſtas eleições pelo Summo Pontifice Innocencio XI. poſto que dos nomeados deixaraõ de vir alguns a eſtas Igrejas pelas cauſas, que deixámos eſcritas no ſegundo Livro deſta Hiſtoria.

Anno de 1676.

A Sé da Bahia elevada a Metropolitana, e a Cathedraes as de Pernambuco, Maranhaõ, e Rio de Janeiro.

100 Naõ ſatisfeito ſó deſta grande providencia

dencia o fervor Catholico do noſſo Sereniſſimo Principe o Senhor D.Pedro, applicou varias miſſoens por todas as partes do Braſil, enviando muitos Miſſionarios com grandes eſmolas, ajudas de cuſto, e congruas, para ajudarem aos Prelados na cultura das ſearas da Igreja, de que reſultaraõ maravilhoſos effeitos na educaçaõ dos Fieis, e na reducçaõ dos Gentios, cujas Aldeas penetraraõ com riſco das ſuas peſſoas, e gloria de Deos, conſeguindo prodigioſos triunfos ao Ceo, que foy o fim principal, para o qual em taõ diſtantes, e remotas Regioens do Mundo fizeraõ tantas conquiſtas os ſeus Auguſtos Progenitores no ſangue, e Anteceſſores no Imperio.

Varias miſſoens por todas as Provincias do Braſil.

101 Foy no Principe Regente eſte zelo taõ exceſſivo, que occupava a mayor parte do ſeu cuidado entre as mais preciſas operações da Monarchia, e veyo a conſeguir a colheita de grandes frutos eſpirituaes, e a ſalvaçaõ de muitas almas, naõ ſó na noſſa America Portugueza, mas por quantos Mundos ſe dilata o ſeu vaſtiſſimo dominio; encarecendo aos ſeus Governadores eſte ſerviço pelo mais importante das ſuas conquiſtas, e ordenandolhes déſſem todo o favor, e ajuda aos Miſſionarios.

102 Continuavaõ no Governo geral do Eſtado com grandes acertos os tres Governadores, quando na Frota do anno de mil e ſeis centos e ſetenta e ſete chegaraõ as Religioſas de Santa Clara, que vinhaõ a fundar o Moſteiro da Bahia. Havia muitos annos, que os Senadores, Nobreza,

Anno de 1677.

Fundaçaõ do Moſteiro das Religioſas de Santa Clara do Deſterro.

e Povo

e Povo della o pertendiaõ, aſſim por accommodar as mulheres principaes, que naõ tinhaõ dotes equivalentes para caſarem confórme o ſeu naſcimento, como por ſatisfazer aos ſuſpiros de outras, que pertendendo conſervarem o eſtado virginal, e florecerem em ſantas virtudes, deſejavaõ ſervir a Deos nos votos, e clauſtros da Religiaõ. Difficultava-ſe eſta pertenſaõ com o pretexto de ſer a Bahia conquiſta, e naõ convir, pelo eſtado Religioſo, diminuir a propagaçaõ dos naturaes, preciſa para o augmento della.

103 Chegavaõ a morrer neſta eſperança muitas nobilliſſimas donzellas, ſem alcançarem o fim, que pertendiaõ, o qual conſeguiraõ depois outras mais venturoſas; porque o Senhor Principe D. Pedro foy ſervido conceder o Convento com numero ſó de cincoenta Freiras profeſſas, o qual ſe ampliou depois por conveniencias do Moſteiro, ou em ſatisfaçaõ de ſerviços, premiando-ſe aos pays, ou parentes, com lhes dar faculdade para recolherem algumas donzellas da ſua familia em lugares ſupranumerarios no dito Moſteiro; o qual he ſogeito ao Metropolitano, e unico em todo o Braſil até o tempo, em que eſcrevemos eſta Hiſtoria.

Nomes da Abbadeſſa, e mais Fundadoras, que vieraõ de Portugal.

104 Acharaõ-ſe quatro Religioſas virtuoſiſſimas no Convento de Santa Clara de Evora, que ſe ſacrificaraõ a fazer eſte ſerviço a Deos, e eſte bem à Bahia, e a todo o Eſtado. Foraõ conduzidas com generoſas, e pias deſpezas do Senado della, e recebidas de todos os moradores com grandes

grandes applausos, e fervorosos jubilos. Chamava-se a Abbadessa a Madre Soror Margarida da Columna, as outras tres companheiras as Madres Maria de S. Raymundo, Jeronyma do Presepio, e Luiza de S. Joseph, e duas servas, huma Catharina de S. Bento, e outra Anna da Appresentaçaõ. Tinhaõ os moradores começado o Convento no sitio de Nossa Senhora do Desterro, assim pelo retiro, e amenidade delle, como pela grande, e milagrosa Casa de Nossa Senhora desta invocaçaõ, que lhe havia de servir de Igreja.

105 Foy edificada no anno de mil e seis centos e vinte e sete com as esmolas dos fieis em terras, que lhe doou hum devoto, e saõ ainda da Irmandade, oú Confraria da Senhora. Na esperança da concessaõ do Convento se tinhaõ principiado algumas cellas para huma parte da Igreja, e com a chegada das Fundadoras, acudindo por ordem da Camera, e do Governo todos os mestres, e officiaes de pedreiros, e carpinteiros, que haviaõ na Cidade, em tres dias, que entretiveraõ em a nao Capitania as Religiosas, lhe puzeraõ em ordem a clausura, as cellas, e officinas, que havia muito se principiaraõ.

106 Neste santuario de milagres, que por memoria largos tempos penderaõ naquellas sagradas paredes em laminas retratados, e neste em fim domicilio estreito, com poucos commodos principiado, a que as Fundadoras foraõ dando fórma de Convento, se recolheraõ logo principaes Senhoras, que a vocaçaõ levou à clausura, e profi-

Recolhemse logo muitas Senhoras principaes.

profiſſaõ Religioſa, deixando muitas eſperanças, com que as convidava o Mundo. As primeiras, que entraraõ, foraõ a Madre Soror Martha de Chriſto, e ſua irmãa Soror Leonor de Jeſus, que por lhe faltar a idade, naõ teve logo com ella o noviciado, em que lhe fizeraõ companhia outras muitas Noviças, ſendo de todas Meſtra com inſigne eſpirito a Madre Fundadora Soror Maria de S.Raymundo. No curſo de poucos annos, creſcendo os dotes, e as eſmolas, ſe augmentaraõ as obras do Convento, e poſto que ainda hoje ſe vaõ continuando, tem já ſumptuoſos quartos com a ultima perfeiçaõ, e ficará magnifico o todo daquelle corpo, ſendo igual a deſpeza ao diſſenho grande.

Vay creſcendo o Convento com magnifica architectura, e ſumptuoſidade.

107 Deixando a Caſa material muito augmentada, e a eſpiritual ſobida a grande altura de virtudes, eleita no lugar de Abbadeſſa, como mais antiga, a Madre Soror Martha de Chriſto, voltaraõ para Portugal as Fundadoras no anno de mil e ſeis centos e oitenta e ſeis, depois de ſe empregarem nove annos no eſtabelecimento da Communidade, dos Inſtitutos da Religiaõ, e do ſeu eſpirito, naõ podendo detellas as correntes das lagrimas das ſuas filhas, nem os rogos dos moradores da Bahia, e ſatisfeitas ainda mais das ſuas vontades, que das ſuas offertas, fazendoſelhes huma oſtentoſa deſpedida com honras militares, politicas, e religioſas, ſe embarcaraõ na Frota do referido anno, e chegaraõ com viagem feliz a Lisboa, de donde paſſaraõ ao ſeu Convento de Evora.

Voltaõ para Portugal as Fundadoras.

A Ma-

108 A' Madre Soror Martha de Chriſto foraõ ſuccedendo na dignidade por turno as Freiras mais antigas; porém paſſados alguns triennios, tornaraõ a elegella Prelada, porque o ſeu grande talento, e Religioſo exemplo as obrigava a occupalla no lugar repetidas vezes. Foy creſcendo com o amor de Deos a pureza nas Religioſas em tal grao, que ſe competiaõ em ſantidade, e faleceraõ algumas admiraveis em prodigioſa penitencia, e com notavel opiniaõ, entre as quaes ſe conta a Madre Soror Victoria da Encarnaçaõ, cuja vida anda eſcrita por illuſtriſſima penna, que foy a do Senhor D. Sebaſtiaõ Monteiro da Vide, Arcebiſpo da Bahia, que com voos de Aguia ſoube reſiſtar as luzes daquelle extatico Sol; porém naõ foraõ ſó a Madre Victoria, e as outras já falecidas, as que reſplandeceraõ em prodigios no ſeu Convento, porque ainda naquella grande esféra de virtudes ha mais Eſtrellas da meſma conſtellaçaõ.

Vaõ ſuccedendo pelas ſuas antiguidades as Abbadeſſas.

E florecendo em virtudes as Religioſas.

HISTORIA
DA
AMERICA
PORTUGUEZA.
LIVRO SETIMO.

SUMMARIO.

VEM Roque da Costa Barreto governar o Estado do Brasil com titulo de Mestre de Campo General. Fundaõ Casa na Bahia os Religiosos Capuchinhos de Nossa Senhora da Piedade. Fundaçaõ da nova Colonia do Sacramento. Os Castelhanos a expugnaõ, e arrazaõ, e depois a restituem. Succede a Roque

que da Coſta Barreto, Antonio de Souſa de Menezes com o poſto de Capitaõ Geral. Diſſenſoens, e parcialidades na Bahia no tempo do ſeu Governo. Morte da Senhora Rainha D. Maria Franciſca Iſabel de Saboya. Seu Elogio. Succede no poſto de Governador, e Capitaõ Geral o Marquez das Minas. Agrado, e fortuna com que ſocegou as diſſenſoens da Bahia. Principia o mal chamado a Bicha. Deſvelo, e grandeza do Marquez no beneficio dos enfermos. Segundo, e mais auguſto deſpoſorio do Sereniſſimo Senhor Rey D. Pedro. Vem a ſucceder ao Marquez das Minas com o meſmo poſto Mathias da Cunha. Daõ os Gentios na Capitanîa do Ciarâ. Manda fazerlhes guerra. Adoece do referido achaque. Motim dos Soldados, por lhes faltarem com as pagas. Morte do Governador. Seu Elogio. Entra no Governo por eleiçaõ o Arcebiſpo D. Fr. Manoel da Reſurreiçaõ. Differenças, que tem com o Chanceller Manoel Carneiro de Sá, que ficou governando as Juſtiças como Re-

gedor. Succedelhes o Governador, e Capitaõ Geral Antonio Luiz Gonçalves da Camera Coutinho. Morte da Sereniſſima Senhora Princeza D. Iſabel. Seu Elogio. Morte do Arcebiſpo D. Fr. Manoel da Reſurreiçaõ. Seu Elogio. Noticia, e deſcripçaõ do Seminario de Belem da Cachoeira. Diſgoſtos entre o Governador, e o Arcebiſpo, com morte de Joſeph de Mello da Sylva. Deſcobrimento, e deſcripçaõ do celebre Santuario da Lapa.

LIVRO SETIMO.

1 AOS tres Governadores, depois de mais de dous annos de Governo, ſuccedeo no de mil e ſeis centos e ſetenta e oito, com o poſto de Meſtre de Campo General, Roque da Coſta Barreto. Era de naſcimento claro, de valor heroico, e grande entendimento, prerogativas, que lhe grangearaõ na campanha, e na Corte eſtimações, e poſtos relevantes, e ſe achava actualmente exercendo o de Sargento mór de Batalha da Provincia da Extremadura; e fez hum Governo taõ admiravel, que naõ permitte a nenhum dos mais celebres parecer mayor; ſendo o ſeu memorado entre os mais famoſos, e plauſiveis, no cuidado da obſervancia da Juſtiça, e no augmento da Republica foy em ſummo grao cabal. No deſintereſſe naõ conheceo ventagem ao mais independente, e no ſerviço Real ſe naõ deixou preferir do mais zeloſo.

Anno de 1678.

Vem Roque da Coſta Barreto por Meſtre de Campo General do Eſtado do Braſil.

Qualidades do ſeu animo.

2 Teve principio na Bahia a fundaçaõ do Hoſpicio dos Capuchinhos de Noſſa Senhora da Piedade, no anno de mil e ſeis centos e ſetenta e nove, pelos Religioſos Italianos; ſeus Fundadores os Padres Fr. Joaõ Romano, e Fr. Thomaz de Sora,

Fundaçaõ dos Religioſos Capuchinhos de Noſſa Senhora da Piedade.

Anno de 1679.

ra edificaraõ huma pequena Caſa, ſe pelos Inſtitutos pobre, tambem entaõ pobre pela fabrica. Depois de a habitarem algum tempo, a mandou o Sereniſſimo Senhor Rey D. Pedro, ſendo ainda Principe, dar aos Religioſos Francezes da meſma Sagrada Ordem, cujo Superior era o Padre Fr. Jaques. Fundaraõ fermoſa Igreja, e capaciſſimo Convento, em que aſſiſtiraõ vinte annos; porém no de mil e ſete centos e ſeis foy reſtituido pelo meſmo Sereniſſimo Senhor aos Padres Italianos, dos quaes era Superior o Padre Fr. Michael Angelo de Napoles, que o ampliou, e poz na grandeza, e fermoſura em que exiſte.

Sitio do Hoſpicio, e virtudes dos ſeus Religioſos.

3 A vocaçaõ do Orago, a virtude dos Religioſos, a freſcura, e amenidade do ſitio, a franqueza, e planicie do caminho fazem tal concurſo de devoçaõ àquelle Hoſpicio, que he frequentadiſſimo aſſim dos moradores da Cidade, como dos peregrinos, e foraſteiros, concorrendo huns, e outros com votos, e com eſmolas. Os ſeus Religioſos, aſſim os Francezes, que o habitaraõ, como os Italianos, que o poſſuem, tiveraõ, e tem na Bahia aceitaçaõ igual à ſua humildade, virtude, e penitencia, ſendo obſervantiſſimos dos apertados Inſtitutos da ſua eſtreita Regra, adminiſtrando com a mayor promptidaõ na ſua Igreja os Sacramentos, e exercendo com os enfermos, e moribundos a mayor, e a mais fervoroſa caridade. Todo o ſeu cuidado he encaminhar almas ao Ceo, naõ ſó na Cidade, mas nos Certoens, onde tem a ſeu cargo muitas miſſoens, e

Aldeas

Aldeas de Gentios, conſtantiſſimos nos Sagrados ritos, e preceitos da noſſa Igreja Catholica pela ſua doutrina.

4 Achou o Meſtre de Campo General Roque da Coſta Barreto, que a polvora da Bahia ſe guardava em huma caſa mal ſegura pela fortificaçaõ, e arriſcada pelo lugar, por eſtar dentro da Cidade junta às portas della, que ficaõ para a parte do Sul, e do Moſteiro dos Monges de S. Bento, com perigo imminente de repentino eſtrago, fiando-ſe a preſervaçaõ delle ſó das centinellas daquelle Corpo da guarda, que he hum dos que todos os dias ſe guarnecem com huma Companhia; ſendo os outros o da Praya, perto da Igreja de Santa Barbara, lugar, que eſtá no meyo de toda a marinha, e o das portas da Cidade, que ficaõ ao Norte, olhando para o Convento dos Religioſos de Noſſa Senhora do Carmo.

5 Determinou logo para recolher a polvora, fazer outra caſa, eſcolhendo ſitio em que a erigir, e lhe pareceo por muitas razoens mais conveniente o campo, que chamaõ do Deſterro, dentro das trincheiras, à viſta, mas muy apartado, do Convento das Religioſas, e das caſas daquella freguesia. Neſte lugar mandou fundar huma ſumptuoſa caſa de muita largueza, e de grande machina, fortificada com toda a ſegurança neceſſaria em ſemelhantes fabricas, que reprimem, e eſcondem o material mais violento. Em breve tempo a vio feita, e aperfeiçoada, e mandou paſſar a ella todos os barrîs de polvora, e ſalitre,

que ſe achavaõ na Cidade. Para a guardar, lhe mandou fazer a hum lado huma pequena eſtancia, em que aſſiſtem alguns Soldados com o ſeu Cabo, e ſeguraõ o tranſito, que por alli ſe faz para as muitas fazendas, que chamaõ do Caminho Grande.

Fundaçaõ da nova Colonia do Sacramento por D. Manoel Lobo.

6 Foy governar a Provincia do Rio de Janeiro, no anno de mil e ſeis centos e ſetenta e nove, D. Manoel Lobo, que levara a incumbencia de ir fundar a nova Colonia do Sacramento. Fez alguma aſſiſtencia no Rio de Janeiro, e prevenidos os materiaes, e petrechos para a fundaçaõ, tendo enviado diante alguns caſaes, que vieraõ de Lisboa em ſua companhia, e outra gente, que juntou naquelle Governo, da que ſe coſtuma enviar por caſtigo, ou por neceſſidade para as novas conquiſtas, partio a fazer aquella Colonia, contra as oppoſições dos Gentios bravos, que em copia immenſa habitaõ aquelle Paiz. Deolhe principio com menor grandeza da em que de preſente ſe acha, edificando a Fortaleza com recinto à proporçaõ da pouca gente, que tinha para a guarnecer, e fazendo as muralhas com menos ſegurança, da que lhes podia dar, (ſe attendera aos accidentes, que devem prevenir os Capitães) ainda que o tempo até alli lhe naõ permittira lugar a mayores, e mais ſeguras diſpoſições.

Vaõ ſobre ella os Heſpanhoes de Buenos Ayres.

7 Ainda naõ eſtava poſta em cabal defenſa, quando os Heſpanhoes de Buenos Ayres, com os officiaes, e Soldados, que para a expugnar lhes trouxera o Governador da Cidade de Lima, lhe

puzeraõ

puzeraõ ſitio, acompanhados de grande numero dos ſeus Gentios domeſticos, que augmentaraõ muito o ſeu Exercito. Deſpedio D. Manoel Lobo aviſos, pedindo ſoccorros ao Rio de Janeiro, a Pernambuco, e à Bahia, reſiſtindo muitos mezes a continuos aſſaltos, em que acabaraõ os ſeus melhores Soldados; mas cauſando nos que o naõ eraõ hum panico terror os combates, enfermos gravemente o Governador D. Manoel Lobo, D. Franciſco Naper de Lancaſtro, e quaſi todos os que ſe achavaõ vivos na Fortaleza, de achaques contraidos na differença do clima, e na dilaçaõ do cerco, em que já ſe padeciaõ inſuperaveis diſcommodos, e neceſſidades, apertando-o os inimigos, e abrindo muitas brechas, entraraõ a Praça com morte da mayor parte dos Cabos, e da gente, e prizaõ das peſſoas, a que perdoou o ſeu furor, ſendo entre ellas as principaes o Governador D. Manoel Lobo, e D. Franciſco Naper de Lancaſtro.

Expugnaõ a Praça, e a rendem.

Levaõ prezos ao Governador D. Manoel Lobo, e D. Franciſco Naper.

8 Foraõ conduzidos os prezos à Cidade de Lima, e poſto que tratados com grandeza, e affabilidade, naõ deixaraõ de experimentar os infortunios, e apertos da ſogeiçaõ, que toleraraõ com ſofrimento, e disfarce, agradecendo o meſmo de que poderaõ queixarſe. A poucos mezes da aſſiſtencia, ou prizaõ daquella Cidade, aggravando-ſe a enfermidade a D. Manoel Lobo, faleceo com apparente, ou verdadeiro ſentimento dos Heſpanhoes, e propria natural magoa dos companheiros. Eſte fim teve D. Manoel Lobo, illuſtre

Morre na Cidade de Lima D. Manoel Lobo: ſuas virtudes.

illuſtre por ſangue, e por valor, que ſervira nas guerras do Reyno com grande opiniaõ de Soldado, e exercera honrados poſtos com boa ſatisfaçaõ, até o de Commiſſario Geral da Cavallaria do Alemtejo, e concluida a guerra, fora premiado com o Governo do Rio de Janeiro, e a incumbencia da referida fundaçaõ, onde (a naõ achar adverſo o fado) podera fazer grandes ſerviços, e alcançar competentes premios. Morreo em florida idade, ſendo por muitas virtudes benemerito de melhor fortuna.

Soccorros inuteis da Bahia, e de Pernambuco.

9 Havia com promptiſſima diligencia o Meſtre de Campo General Roque da Coſta Barreto deſpedido da Bahia hum navio com duas luzidas Companhias do Preſidio della, e muitos baſtimentos para a nova Colonia, e o meſmo fizera o Governador de Pernambuco; mas ficaraõ inuteis, e baldados eſtes ſoccorros, porque chegando ao Rio de Janeiro, acharaõ a noticia de ſer rendida a Praça, e voltaraõ ſem outro effeito. Cauſou grande abalo em Portugal a perda da Colonia, e determinou o Principe Regente fazer guerra a Caſtella, pois lhe davaõ os Heſpanhoes com eſte injuſto facto juſtiſſima cauſa de romper a paz, poucos annos antes celebrada entre as duas Coroas; e os bellicoſos eſpiritos Portuguezes, principalmente os Cabos, e Soldados da guerra paſſada, que ſe viaõ ſem eſte exercicio, já tiravaõ as armas dos lanceiros, e as preveniaõ, e ſe liſongeavaõ para as eſgrimir nas campanhas.

Alteraçaõ do Reyno.

Intenta o Senhor Principe D. Pedro fazer guerra a Caſtella.

10 Porém prevenindo Carlos II. Rey de Caſtella

Castella o perigo da sua Monarchia, se a deixara exposta aos nossos golpes, acudio com toda a promptidaõ à justa queixa do Principe Regente, por meyo do seu Embaixador Extraordinario o Duque de Juvenasso, que mandou logo caminhar de Madrid para Lisboa. Chegou à Corte, e naõ querendo o Principe D. Pedro darlhe audiencia, o mandara sahir do Reyno; porém pelas attestações de que vinha a fazer tudo o que o Principe quizesse, lhe permittio entrada, e lhe deu audiencia.

Manda ElRey Carlos II. por Embaixador Extraordinario a Portugal o Duque de Juvenasso.

11 Nella com os mais justificados, e modestos termos significou a innocencia, em que estava naquella culpa o seu Monarcha, e todos os Conselheiros, e Ministros de Hespanha, e que vinha a dar della toda a satisfaçaõ, que sua Alteza lhe ordenasse, além de mandar restituir a Fortaleza, conduzir a Lisboa os prezos, e pagar toda a importancia do damno, que haviaõ causado os Hespanhoes de Buenos Ayres, segurando serem rigorosamente castigados o Governador, os Cabos, e todos os que concorreraõ para aquella acçaõ.

Insta pela conservaçaõ da paz, que lhe foy concedida.

12 Pareceo a sua Alteza, e aos seus Conselheiros, que as expressoens, que ElRey de Castella lhe mandava fazer do seu sentimento por este facto, a ingenuidade, com que affirmava naõ haver procedido de ordem sua, a ancia com que sollicitava a nossa amizade, a conservaçaõ da paz, e ultimamente as offertas da satisfaçaõ, que promettia, faziaõ parecer injusta a guerra, que Portugal

tugal por aquella caufa lhe fizeffe; e fuperando o animo Real Portuguez, e dos feus integerrimos Confelheiros quantos intereffes do augmento da noffa Monarchia fe podiaõ confeguir naquella occafiaõ por efte accidente, naõ quiz fua Alteza mais que a reftituiçaõ da Praça, e dos prezos, que foraõ enviados a Lisboa, ainda que os Hefpanhoes ingratos à generofa acçaõ do noffo Monarcha, os proprios infultores daquelle delicto o tornaraõ a perpetrar pelos mefmos paffos alguns annos depois, como em feu lugar diremos.

D. Francifco Naper, depois da viagem da India, vay fundar de novo a Colonia do Sacramento.

13 Entre os prezos chegou a Lisboa D. Francifco Naper de Lancaftro, a quem o Principe D. Pedro premiou aquelle ferviço, e trabalho com Reaes favores, e com o cargo de Capitaõ de Mar e Guerra da nao da India, ordenando voltaffe nella, para ir a fundar de novo a Colonia. Fez a viagem, e tornando a Lisboa, o nomeou fua Alteza por Meftre de Campo, e Governador daquella Praça, encarregandolhe o Governo do Rio de Janeiro, em que fuccedeo a Joaõ Furtado de Mendoça, para que foffe enviando à Colonia todas as coufas conducentes para a nova fundaçaõ, em quanto lhe naõ mandava fucceffor. Huma, e outra coufa obrou com grande acerto D. Francifco Naper, até que chegando por Governador do Rio de Janeiro Luiz Cefar de Menezes, Alferes môr do Reyno, (que depois veremos Governador, e Capitaõ Geral do Brafil) partio D. Francifco Naper de Lancaftro a fundar de novo a Colonia do Sacramento.

Faz a Fundaçaõ com mayor grandeza, e regularidade.

Chegou

14 Chegou com feliz ſucceſſo, e com a meſma fortuna fez guerra, e affugentou os Gentios bravos de todas aquellas viſinhas campanhas, e as repartio pelos colonos, e moradores, que levara para as lavrarem; correſpondendo o terreno ao trabalho, foraõ logo creſcendo as lavouras, e cultivando-ſe os pomares com a meſma fertilidade, e fermoſura, que os de Europa. Fabricou com fórma mais regular a Fortaleza, occupando mayor circuito do que tivera no ſeu principio, e oſtentando tanto poder, e magnificencia como ſegurança a nova Praça.

Reparte as terras, que ganha aos Gentios, e edifica a Fortaleza.

15 Ao Meſtre de Campo General Roque da Coſta Barreto ſuccedeo no anno de mil e ſeis centos e oitenta e dous, com o poſto de Governador, e Capitaõ Geral do Braſil Antonio de Souſa de Menezes, peſſoa illuſtre, e aparentada com alguns Grandes de Portugal. Tinha menos hum braço, que perdera valeroſamente nas guerras de Pernambuco, e o ſuppria com outro de prata, de que o appellidavaõ. Sendo de longa idade, ſe naõ achava com aquellas experiencias, que coſtumaõ trazer os muitos annos. Nos poſtos, e Governos de algumas Praças, que exercera, tinha moſtrado mais valor, que diſpoſiçaõ; falta, que o fazia improprio para o Governo politico da Bahia, Cabeça de hum Eſtado vaſtiſſimo, e braço taõ diſtante do corpo da Monarchia, onde chegaõ com tanta dilaçaõ os recurſos, e trazem com a meſma mora as reſoluções. O ſucceder a Roque da Coſta, que lhe podia ſer motivo de goſto, ſó

Anno de 1682.

Succede a Roque da Coſta Barreto no Governo geral do Braſil Antonio de Souſa de Menezes.

Seus muitos annos, e pouca diſpoſiçaõ.

lhe ſervio de confuſaõ, porque para fazer outro Governo de tantos applauſos, faltava a Antonio de Souſa talento, ſem o qual ſaõ impoſſiveis os acertos.

Amizade, que com elle contrahio Franciſco Telles de Menezes, Alcaide mór da Cidade da Bahia.

16 Havia contrahido em Lisboa, muitos annos antes, amizade com Antonio de Souſa de Menezes Franciſco Telles de Menezes, natural da Bahia, de donde o Vice-Rey D. Vaſco Maſcarenhas, Conde de Obidos, o remettera prezo, porém naõ ſe provando as culpas, que ſe lhe formaraõ, foy dado por livre na Corte, onde comprou por muy pouco preço o cargo de Alcaide mór da Cidade da Bahia a Henrique Henriques de Miranda, a quem o dera o Sereniſſimo Senhor Rey D. Affonſo VI. Com eſta dignidade voltou para a Patria, affectando huma authoridade mayor, que a que tiveraõ os ſeus anteceſſores no lugar, e pezada aos que o julgavaõ menos benemerito della. Por eſte motivo, e por odios mais antigos, tinha muitos emulos, grangeando-os ſempre mais o Alcaide mór, pelo defeito de huma lingoa immodeſta, e de hum animo vingativo, que vieraõ a ſer cauſa da ſua ruina.

Sua natureza, coſtumes, e inimigos.

Fazſe ſenhor da vontade do Governador, e o encaminha à vingança dos ſeus contrarios.

17 A vinda do Governador Antonio de Souſa, que podera ſer meyo para o Alcaide mór Franciſco Telles ſe reconciliar generoſamente com os ſeus inimigos, lhe ſervio de eſtimulo para ſe vingar delles; porque vendo-ſe arbitro da vontade do Governador, e o ſeu unico director, o encaminhou pela eſtrada das ſuas proprias paixoens, ao deſejado fim das ſuas injuſtas vinganças.

ças. Entre as pessoas principaes com quem tinha inimizade, eraõ objecto do seu odio André de Brito de Castro, Provedor da Alfandega da Bahia, seus irmãos, Gonçalo Ravasco Cavalganti e Albuquerque, que tinha já a merce para succeder a seu pay Bernardo Vieira Ravasco no officio de Secretario do Estado, em que depois entrou por sua morte; e Antonio de Moura Rolim, Manoel de Barros da Franca, Joaõ de Couros Carneiro, Escrivaõ da Camera, o da Fazenda Real Francisco Dias do Amaral, os Capitães de Infanteria do Presidio Diogo de Sousa da Camera, e Joseph Sanches de Elpoço, e todos os que por alguma uniaõ de parentesco, ou de amizade eraõ parciaes, ou dependentes dos referidos.

Pessoas, que intentou castigar, e outras, que castigou o Governador, a estimulos de Francisco Telles.

18 Governado o Governador do seu valido, mandou devaçar de André de Brito no procedimento do seu officio de Provedor da Alfandega, e formandoselhe huma apparente culpa, o privou delle, e o proveo em hum primo do Alcaide môr. Vendo Gonçalo Ravasco, e Antonio de Moura, que se lhe formavaõ crimes fantasticos, se homiziaraõ, por escusar a indecorosa, e aspera prizaõ, que se lhes prevenia. Manoel de Barros da Franca, que viera do reconcavo a exercer o lugar de Vereador do Senado da Camera, sem haver pretexto algum para se lhe impedir a occupaçaõ, foy prezo na enchovia publica, e della transferido para a prizaõ da Fortaleza do Morro, da qual fugindo, se poz em salvo.

19 A Joaõ de Couros, e a Francifco Dias foraõ tirados os officios, provendo nelles o Governador os dependentes do Alcaide môr, e dando aos feus affilhados as Companhias dos Capitães Diogo de Soufa, e Jofeph Sanches. Em outros officios, e poftos menores fe foraõ fazendo as proprias execuções, e provimentos, com prizoens injuftas, as quaes fouberaõ obviar as peffoas acima declaradas, recolhendo-fe ao Collegio dos Padres da Companhia, (que naquella occafiaõ teve a propriedade do Afilo Romano) para donde fe havia retirado pouco tempo antes tambem o Defembargador Joaõ de Couto de Andrada, Miniftro actual da Relaçaõ, com receyo, de que o Governador o mandaffe prender, por lhe fer contrario o Alcaide môr.

Injuria, que Antonio de Brito fizera a hum fobrinho do Alcaide môr.

20 Havia Antonio de Brito de Caftro, irmaõ do Provedor da Alfandega, feito a hum fobrinho do Alcaide môr hum aggravo daquelles, que com nome mais proprio coftuma o duello chamar afronta, e o precifara, fuggerido do tio, a tomar fatisfaçaõ equivalente à injuria. Efperou a Antonio de Brito, e de huma cafa, em que o aggreffor eftava occulto com outras peffoas armadas, fe lhe difpararaõ alguns tiros de bacamarte, indo Antonio de Brito para o Carmo em huma tarde com feu irmaõ André de Brito; e pofto que no conflicto fe houveraõ ambos com grande valor, entrando pela cafa, e feguindo aos infultores, que fe puzeraõ em falvo, faltando os muros da cerca do Collegio, ficou Antonio de Brito com hum

Valor de Antonio de Brito, e de feu irmaõ no conflicto.

hum braço feito em pedaços, ferido perigoſamente de muitas ballas, naõ offendendo nenhuma a ſeu irmaõ, em prova de que naõ tivera parte na culpa de Antonio de Brito, o qual eſcapou da morte com alguma leſaõ no braço.

21 Paſſaraõ eſtes factos poucos annos antes de vir à Bahia o Governador, e Capitaõ Geral Antonio de Souſa de Menezes; porém conſervando Antonio de Brito de Caſtro ainda vivas as dores, e as cicatrizes das feridas, e achando occaſiaõ opportuna na queixa geral, que ſe formava do Alcaide mȏr Franciſco Telles de Menezes, ſe reſolveo a tirarlhe a vida, ſacrificando-a à ſua vingança, e ao odio commum da Bahia. Teve Franciſco Telles repetidos aviſos, e na meſma manhãa, em que foy morto, huma carta, que levara ao Governador, em que ſe lhe advertia naõ ſahiſſe de caſa aquelle dia, e offerecendolhe o Governador Soldados, que o levaſſem, e ficaſſem guardando nella, os naõ quiz aceitar, porque nunca entendeo, (fiado tambem na parcialidade da ſua Familia nobre, e dilatada) que durante aquelle Governo, ſe lhe atreveſſem ſeus inimigos.

Reſolve-ſe Antonio de Brito a matar ao Alcaide mȏr Franciſco Telles.

22 Brevemente o deſenganou a ſua deſgraça, porque ſahindo de Palacio, e andando o pouco eſpaço, que ha dalli à rua direita detraz da Sé, o enveſtiraõ oito emmaſcarados, que depois de diſpararem tres, ou quatro baçamartes, (cujos tiros lhe mataraõ hum lacayo, e feriraõ outros) tirando ſó Antonio de Brito a maſcara, avançou à ſerpen-

Acometeo Antonio de Brito com oito emmaſcarados.

ſerpentina, em que hia Franciſco Telles, o qual ao levantarſe, recebeo delle hum mortal golpe pelo peſcoço, e outras feridas das mãos dos mais ſequazes, e foy conduzido moribundo a ſua caſa, onde na tarde do meſmo dia faleceo. Retirouſe Antonio de Brito deſcoberto com os outros companheiros, que ſe naõ deſcobriraõ, e todos com grande ſocego, e vagoroſo paſſo, pela meſma rua, ſe recolheraõ ao Collegio.

23 Chegara em continente pelos eccos dos tiros a noticia do conflicto a Palacio, de donde o Governador temendo o facto, deſpedio logo a mayor parte dos Soldados, que eſtavaõ naquelle Corpo da guarda, mas quando chegaraõ ao lugar do delicto, já ſe tinhaõ recolhido os aggreſſores. Certificado o Governador do miſeravel eſtado, em que ficara Franciſco Telles, ſem eſperança de vida, brotou em tantos exceſſos a ſua ira, ou o ſeu amor, que naõ atinava com a publica attençaõ, nem com a propria authoridade, fazendo acções indignas do ſeu cargo, e da ſua peſſoa.

Exceſſos, que faz o Governador Antonio de Souſa pela ſua morte.

24 Ao Secretario do Eſtado Bernardo Vieira Ravaſco, que da Secretaria, em que ſe achava, ſahira a aſſiſtirlhe, mandou meter na enchovia. Tratou indecoroſamente aos Officiaes de guerra, aſſiſtentes na ſua ſala, pondo-os de infieis, e proferindo menos attentas palavras contra toda a Cidade da Bahia, ſó faltou rectalla de traidora pela morte do Alcaide mór, como D. Diogo Ordonhes de Lara à de Çamora, pela del-

Rey

Rey D. Sancho. Mandou pôr em cerco com hum cordaõ de Soldados o Collegio, e ſitiar por outros a caſa de André de Brito de Caſtro, o qual aſſim como ouvira os tiros, montara a cavallo, buſcando a praya, e pelo caes dos Padres da Companhia ſe valera daquella immunidade, em que eſtavaõ os outros homiziados.

Poem cerco ao Collegio, e à caſa de André de Brito.

25 Eraõ as rondas, que o Governador mandava lançar de noite, repetidas, e dobradas, a fim de colher algum dos delinquentes, e de ſaber a communicaçaõ, que tinhaõ com as outras peſſoas da Cidade, das quaes mandava prender muitas innocentes, ſendo raras as principaes, a quem reſpeitou, e a quem naõ abrangeo o ſeu furor, por naõ ſerem tocadas do contagio dos odios do Alcaide môr. Chegou a Portugal a noticia da conſternaçaõ, em que ſe achava a Bahia, e das vexações, que nella ſe padeciaõ; e o Sereniſſimo Senhor D. Pedro (que já ſe intitulava Rey, por haver falecido o Senhor Rey D. Affonſo VI. ſeu irmaõ no ſeu retiro do Real Palacio de Cintra, em doze de Setembro do anno de mil e ſeis centos e oitenta e tres) applicou a ſua pia, e Real attençaõ a evitar a ultima imminente ruina, que depois de tantos eſtragos ameaçava a Bahia no Governo de Antonio de Souſa de Menezes, mandandolhe ſucceſſor.

Varias diligencias, que faz por colher os culpados.

Chega a Portugal a noticia das vexações da Bahia.

26 Foy adverſo o anno de mil e ſeis centos e oitenta e tres a Portugal, e o contará com pedra negra pela morte da Sereniſſima Senhora Rainha D. Maria Franciſca Iſabel de Saboya, que dezoito

Morte da Sereniſſima Senhora Rainha D. Maria Franciſca Iſabel de Saboya.

Seu Elogio.

dezoito annos occupara digniſſimamente o Thalamo, e Throno Real Portuguez. Era a ſua baronia dos Duques de Saboya, e pelos caſamentos da ſua preclariſſima Caſa de Nemours ficava, em linhas differentes, ſendo terceira, e ſegunda neta dos Chriſtianiſſimos Reys de França Luiz XII. da Familia de Valoes, e Henrique IV. da de Borbon, e deſcendia das Sereniſſimas Caſas de Eſte pelos Duques de Ferrara, e de Lorena pelos de Mercurio. O ſentimento do Sereniſſimo Senhor Rey D. Pedro, e de todos os Portuguezes foy à medida do largo tempo, e dominio em que o Rey a teve por eſpoſa, e os Vaſſallos por Senhora, deixando pelas Reaes virtudes, de que foy compoſta, muitas memorias, e vivas ſaudades.

Anno de 1684.

Vinda do Excellentiſſimo Marquez das Minas por Governador, e Capitaõ Geral do Braſil.

27 No anno de 1684. ſuccedeo a Antonio de Souſa de Menezes no poſto de Governador, e Capitaõ Geral do Braſil D. Antonio Luiz de Souſa Tello de Menezes, Marquez das Minas, grande por titulos, eſclarecido por ſangue, e Heroe por valor, e por acções. Entre muitas prerogativas reſplandeceo nelle a generoſidade do animo, e huma ſuave occulta força, com que attrahia as vontades; com ella ſocegou as alterações, e parcialidades da Bahia, que podera levantarlhe Eſtatuas com mais razaõ, que os Romanos, quando edificaraõ hum Templo à Deoſa Concordia, depois de apaziguada a guerra civil, regida pelos dous irmãos Tiberio, e Cayo, da nobiliſſima Familia dos Gracos. Tinha occupado o Marquez grandes poſtos, e lugares competentes nas guerras,

Suas Qualidades.

e Ma-

e Magiſtrados do Reyno, e ſe achava exercendo o cargo de Governador das Armas de Entre Douro, e Minho, de donde foy enviado ao Governo geral do Braſil.

28 Soltou os prezos, que achou ſem culpas, e aos que ſe lhes tinhaõ injuſtamente formadas, favoreceo até moſtrarem a ſua innocencia. Conſolou aos afflictos, e preſeguidos pelo ſeu anteceſſor, e a todos poz em paz. Fez conduzir à Cidade mantimentos, de que padecia muita falta, porque no tempo do Governo de Antonio de Souſa, naõ querendo exporſe a experimentar injuſtiças os conductores dos generos comeſtiveis, ſe abſtiveraõ de os conduzir a huma Babylonia, onde tudo eraõ confuſoens; mas com a mudança de Governador acudiraõ logo em tal abundancia os viveres, que ſe compravaõ por muito inferior preço. Soltou em fim a fortuna em todo o genero de felicidades os favores, que reprezados por mais de dous annos, negara aos moradores da Bahia, e lhes deu todos os theſouros no Marquez das Minas, o qual hia continuando em lograr as glorias, que depois com mayores aplauſos (como em ſeu lugar diremos) o collocaraõ nos mais altos lugares dos Templos da fama, e da memoria.

Poem o Marquez em paz as diſcordias, e faz abundar de mantimentos a Cidade.

29 Tinhaõ neſte tempo a paz, e a diſcordia variado as ſcenas no Braſil, porque depois do turbulento Governo de Antonio de Souſa de Menezes, na Bahia ſe lograva o pacifico do Marquez das Minas, e em Pernambuco ao Governo plauſi-

Hhh vel

Discordias em Pernambuco pelo Governo de Joaõ da Cunha Sottomayor.

vel de seu irmaõ D. Joaõ de Sousa, succedera o infausto de Joaõ da Cunha Sottomayor, parecido na idade, e no talento com Antonio de Sousa. Experimentavaõ-se naquella Praça grandes vexaçóes, violencias, e injustiças, obradas por aquelle Governador. Eraõ poucas as pessoas publicas, e particulares, que escapavaõ das suas injustas prizoens, e fugindo dellas o mesmo Ouvidor Geral daquella Capitanîa o Doutor Dionysio de Avila Vareiro, que depois foy Desembargador da Relaçaõ da Bahia, se poz em salvo nella por aviso, que tivera, de que Joaõ da Cunha o mandava prender; causa porque deixara o seu lugar, antes de acabado o tempo da sua residencia.

Causadas pelo poder, que em Joaõ da Cunha tinhaõ dous filhos, que levara em sua companhia.

30 Estas desinquietações se attribuhiaõ à verdura de dous filhos, que o Governador levara em sua companhia, de idade juvenil, e que nelle tinhaõ imperio, naõ de filhos, mas de pay, obrigando-o a fazer quanto se lhes antojava por suas paixoens, ou por suas conveniencias. Recorriaõ todos os perseguidos, e vexados ao Marquez Governador Geral, que inteirado da sua innocencia, e conhecendo serem falsas as suas culpas, os mandava livrar das violencias de Joaõ da Cunha Sottomayor, o qual naõ se abstendo de commetter outras, foy preciso ao Marquez ordenarlhe procedesse de fórma, que o naõ obrigasse a tirallo do Governo; temor, que fez moderar, mas naõ emendar a Joaõ da Cunha Sottomayor, ainda que procedeo dalli em diante com mayor receyo, ou menos escandalo.

Estes

31 Estes disturbios foraõ em Pernambuco os primeiros presagios do fatal achaque da Bicha, e logo hum tremendo Eclipse da Lua, que naquella Provincia, e na Bahia se vio com horror. Appareceo esta grande luminaria, presidente da noite, em huma do mez de Dezembro do anno de mil e seis centos e oitenta e cinco, taõ abrazada, que inculcava ter recolhido no seu concavo, ou na sua circunferencia toda a regiaõ do fogo; desta (ao parecer) capa de chammas cobrio a mayor parte do seu vastissimo corpo, tendo precedido alguns mezes antes outro Eclipse do Sol, em que este Principe dos Planetas mostrara huma nevoa, à qual o Padre Valentim Extancel, da Companhia de Jesus, Astrologo celebre, chamara Aranha do Sol.

Anno de 1685.

Eclipse da Lua.

Anticipado Eclipse do Sol.

32 Fez este Religioso sobre os dous Eclipses juizo Mathematico em hum prognostico, em que insinuou muitas enfermidades ao Brasil, e que haviaõ de continuar por muito tempo. He certo, que os Eclipses saõ naturaes, formando-os a terra, que se entrepoem ao curso destes dous Planetas mayores; porém de taes accidentes póde receber sordicie, ou qualidade contagiosa o ar por razoens manifestas, ou causas occultas, e da sua corrupçaõ resultarem doenças, senaõ em todo o Mundo, em algumas partes delle, como se tem experimentado em contagios, e desgraças, de que ha muitos exemplos antigos, e modernos, vivos nas tradições, e nos escritos, e ainda frescos nas memorias.

Effeitos dos Eclipses.

Anno de 1686.

33 Principiou este terrivel contagio em Pernambuco no anno de mil e seis centos e oitenta e seis, e devendo attribuirse a causa do pestilente mal aos peccados dos moradores destas Provincias, corruptos de vicios, e culpas graves, a que os provocava a liberdade, e riqueza do Brasil, lhe indagavaõ origens diversas, naõ sendo a de menor reflexaõ humas barricas de carne, que voltaraõ em viagem da Ilha de S. Thomé, e abertas por hum tanoeiro, cahindo brevemente espirara, e logo algumas pessoas de sua casa, a quem communicara o contagio. Este se foy ateando no Povo do Recife em tanto excesso, que morreraõ mais de duas mil pessoas, numero grande a respeito daquella Povoaçaõ.

Achaque contagioso da Bicha.

Seu principio em Pernambuco.

34 Dalli foy passando logo à Cidade de Olinda, e ao seu reconcavo, sendo muy poucas as pessoas, que escapavaõ daquelle achaque, pela malignidade, e vehemencia do mal, em cujos simptomas differentes naõ podia atinar a sciencia Medica, conformando-se os Professores desta Faculdade só em lhe darem o nome de Bicha, da qual livrando poucos, eraõ sem numero os que morriaõ, deixando ermas de moradores, e de amparo as casas, e Familias de Olinda, e do Recife. Da calamidade de Pernambuco chegou com a noticia o contagio à Bahia, ou pelos avisos communicado, ou porque os Eclipses naõ teriaõ nella disposto para tanta corrupçaõ o ar taõ brevemente, como naquella Provincia. Os primeiros feridos do achaque foraõ dous homens, que jantando em

Passa o contagio à Bahia.

Seu principio.

em caſa de huma mulher meretriz, morrerão em vinte e quatro horas; caſo, que a fez auſentar, por ſe lhe arguir, que em hum prato de mel lhes diſfarçara o azibar do veneno; mas pelos ſimptomas, e ſinaes, com que foy ferindo o contagio, ſe conheceo, que delle falecerão.

35 Continuou com alguma pauſa, mas com tal intenſão, e força, que era o meſmo adoecer, que em breves dias acabar, lançando pela boca copioſo ſangue. Deſtes foy naquelle principio dos primeiros o Deſembargador João de Couto de Andrada, que na Relação deſte Eſtado procedia muy conforme à obrigação do ſeu cargo. Forão logo adoecendo, e acabando tantas peſſoas, que ſe contavão os mortos pelos enfermos. Houve dia, em que cahirão duzentos, e não eſcaparão dous; os ſimptomas do mal erão os proprios na Bahia, que em Pernambuco, mas entre ſi tão differentes, e varios, que não moſtravão ſinal certo.

Variedade do mal nos ſimptomas, e ſinaes.

36 Era em huns o calor tepido, e o pulſo ſocegado, noutros inquieto, e grande a febre. Huns tinhão ancias, e delirios, outros animo quieto, e diſcurſo deſembaraçado. Huns com dores de cabeça, outros ſem ellas; e finalmente deſiguaes até na criſe mortal do contagio, porque acabavão ao terceiro, ao quinto, ao ſexto, ao ſetimo, e a nono dia; alguns poucos ao primeiro, e ao ſegundo. Eſtavão cheas as caſas de moribundos, as Igrejas de cadaveres, as ruas de tumbas; não havia já peſſoas para acompanharem o Santiſ-

Dias em que acabavão os enfermos.

o Santiſſimo Sacramento, que por eſta cauſa levavaõ os Parocos com menor culto; reſplandecendo entaõ mais a caridade, e a diligencia, com que faziaõ às creaturas o mayor bem, e ao Creador grato ſerviço.

Alento do Marquez Governador, na confuſaõ, que cauſou o mal.

37 No horror deſta confuſaõ moſtrou o Marquez das Minas o preço, e fineza dos quilates do ſeu alento, e da ſua generoſidade. Sahia a acompanhar a Noſſo Senhor, quando hia por Viatico aos enfermos; entrava até as ſuas camas; aos que eraõ de mayor diſtincçaõ ſignificava a pena, que ſentia do ſeu perigo, e os acompanhava à ſepultura na ſua morte; aos de menor esféra conſolava, e aos pobres ſoccorria, deixandolhes debaixo dos traviceiros grandes eſmolas. Ordenou a hum Boticario inſigne déſſe por ſua conta aos miſeraveis todos os medicamentos, que lhe pediſſem, em que diſpendeo huma quantia grande.

Deſpezas grandes, que faz com os miſeraveis.

38 Enviou a muitas partes do reconcavo com maõ larga dinheiro a comprar frangãos, e gallinhas, que mandava repartir pelos doentes neceſſitados. E ſendo já da ſua comitiva falecidos o ſeu Tenente General, o Capellaõ, e alguns criados, naõ podia o medo do mal viſinho fazer impreſſaõ no deſtimido animo do Marquez, ou porque o ſeu valor naõ conhecia receyo em nenhum genero de perigo, ou porque em tal eſpectaculo, occupandolhe todo o coraçaõ a magoa, lhe naõ deixava lugar para o temor.

39 Do contagio faleceo o Arcebiſpo D. Fr.

Joaõ

Joaõ da Madre de Deos, que por desistencia de D. Gaspar Barata de Mendoça, viera por Metropolitano do Brasil, no anno de mil e seis centos e oitenta e tres. Adoeceo sem simptoma algum de morte, até poucas horas antes de perder a vida; com brevissimos dias de enfermidade espirou no do glorioso Santo Antonio, treze de Junho, em que tambem cahio a solemnidade do Corpo de Deos naquelle anno, que foy o de mil e seis centos e oitenta e seis.

Morte do Arcebispo D. Fr. Joaõ da Madre de Deos.

40 Era Religioso da Ordem do glorioso Patriarcha S. Francisco, da Provincia de Portugal, e nella Provincial, Prégador delRey, Examinador das tres Ordens Militares, e hum dos mayores Oraculos do pulpito Lusitano no seculo passado. Governou tres annos a sua Igreja, com notavel exemplo, e educaçaõ das suas ovelhas, merecendo pelas suas virtudes, e prerogativas huma memoria grande. Foy sepultado na Capella môr da sua Metropoli com verdadeiras lagrimas, nascidas da falta de amparo, em que sem a sua vida ficava o rebanho Catholico de todo o seu Arcebispado.

Seu Elogio.

41 Vivia naquelle tempo D. Francisca de Sande, viuva poderosa, e matrona das principaes da Bahia; e fazendo luzir a sua piedade, e o seu cabedal na cura dos enfermos, abrio em sua casa hum Hospital, mandando ir a elle os doentes, que naõ cabiaõ no da Misericordia, e recolhendo outros, que voluntariamente escolhiaõ o seu, onde lhes ministrava pelas suas mãos as medicinas

Caridade, que usou com os enfermos D. Francisca de Sande.

receita-

receitadas dos Medicos, a quem pagava, e todos os medicamentos, diſpendendo conſideravel ſomma em gallinhas, frangãos, camas, roupas, e tudo o que podia ſer preciſo para a ſaude, commodo, e aſſeyo dos enfermos, dos quaes a mayor parte eſcapava por força do ſeu cuidado, e da ſua caridade; virtudes, que mereceraõ o agradecimento do Sereniſſimo Senhor Rey D. Pedro, expreſſado em huma honroſa carta, que foy ſervido mandarlhe eſcrever.

Carta delRey em agradecimento.

Morrem do mal alguns Medicos, e Cirurgiães.

42 Continuava o mal, naõ aproveitando pela ſua occulta cauſa os remedios, que lhe applicavaõ os Medicos. Delles morreraõ tres, e outros tantos Cirurgiães, todos inſignes nas ſuas Faculdades, moſtrando, que ſe naõ acertavaõ a cura dos enfermos, tambem erravaõ a ſua. Já haviaõ poucos, que podeſſem aſſiſtir aos doentes, porque timidos, ou deſenganados de naõ poderem conhecer o achaque, ſe retiravaõ, e às peſſoas, a quem naõ podiaõ faltar, curavaõ por fóra dos tropicos do hemisferio da medicina. Neſta oppreſſaõ recorreo a Bahia ao patrocinio do glorioſo Santo S. Franciſco Xavier, indo a buſcallo ao Collegio dos Padres da Companhia, e levando-o em Prociſſaõ ſolemne pelas principaes praças, e ruas da Cidade.

Recorre a Bahia ao patrocinio de S. Franciſco Xavier.

43 Deos, que he admiravel nos ſeus Santos, e deſte novo Taumathurgo ouve todas as deprecações, ſuſpendeo o braço da ſua juſtiça, irado juſtiſſimamente contra os noſſos peccados, e foy perdendo a força o mal de fórma, que ou já naõ

feria,

feria, ou quasi todos os feridos escapavaõ; posto que para as pessoas, que vinhaõ de mar em fóra, ou dos Certoens, assim à Cidade da Bahia, como à de Olinda, durou largos annos, levando grande parte delles, principalmente aos mais robustos, porque este contagio fazia (como o rayo) mais impressaõ, onde achava mayor fortaleza.

44 Pela notoria obrigaçaõ do patrocinio, que achara no glorioso S. Francisco Xavier a Cidade da Bahia, o Senado da Camera della com applauso do Povo o elegeo por Padroeiro principal, pedindo-o assim em Roma no Pontificado de Alexandre VIII. à Sagrada Congregaçaõ dos Ritos, que à instancia do Eminentissimo, e Reverendissimo Cardeal Carpenha approvou, e confirmou a dita eleiçaõ, concedendo ao Santo todas as prerogativas, e graças, que (segundo as rubricas do Breviario, e Missal Romano) saõ concedidas aos Santos Padroeiros, conforme a Constituiçaõ do Summo Pontifice Urbano VIII. e logo por faculdade do Serenissimo Senhor Rey D. Pedro II. se estabeleceo aquella Procissaõ ao Santo annual, e perpetua em o dia decimo do mez de Mayo, em que lhe fizeraõ a primeira, e em todo elle dura a festa com o Santissimo Sacramento exposto, e Procissaõ de tarde, despeza, e assistencia do Senado, e grande concurso, sendo huma das mais solemnes, que faz a Camera da Bahia.

Elege ao Santo por seu principal Padroeiro, e lho concede a Sagrada Congregaçaõ de Ritos.

Festa annual confirmada por Sua Magestade.

45 Os moradores dos reconcavos de Pernambuco, e da Bahia naõ experimentaraõ tanto o rigor do mal, assim na extensaõ, como na força;

Livraõ melhor os moradores do reconcavo.

e dos que enfermavaõ, morriaõ poucos, porque os ares efpalhando-fe por mayor esféra, perdiaõ a força da corrupçaõ, ou porque efta fe lhes naõ communicava por tantos cadaveres, camas, roupas, e outros traftes do ufo dos que faleciaõ; coufas, de que naõ podiaõ livrarfe os habitadores das duas Cidades, affiftindo huns às curas, e enterros dos outros.

Naõ fere o mal a negros, mulatos, Indios, mefclados.

46 Foy materia digna de reflexaõ, que defte contagio naõ enfermaraõ negros, mulatos, Indios, nem mefclados, affim na Bahia, como em Pernambuco; parece, que para aquelles viventes compoftos humanos naõ trouxera forças, ou jurifdicções o mal; poderia haver nelles qualidade fecreta, fenaõ foy decreto fuperior. Por efta caufa naõ faltaraõ aos enfermos, e aos fãos quem os ferviffe, e follicitaffe o neceffario; porém faltavaõ os mantimentos, porque os que os conduziaõ, antes queriaõ perder os intereffes de os trazer às Cidades, que arrifcar as vidas nellas, onde eftava taõ furiofo o contagio.

Morte do Conde do Prado, voltando com o Marquez feu pay para o Reyno.

47 Naõ deixou de experimentar o Marquez das Minas os crueis effeitos delle em hum tyranno golpe, com que a morte (refervandolhe para mais altas emprezas a vida) o ferio na alma, fendo defta tragica fcena immenfo theatro o mar, na volta, que fazia para o Reyno; porque a poucos dias de navegaçaõ lhe levou com os proprios fimptomas do mal da terra a feu filho primogenito D. Francifco de Soufa, Conde do Prado, o qual o acompanhara em todo o tempo do feu

Gover-

Governo na Bahia, com procedimentos, e acções proprias do ſeu generoſo ſangue, que lhe conciliaraõ os meſmos cultos, e agrados, que ſe dedicavaõ ao Marquez ſeu pay, de quem herdara as virtudes, ainda que naõ chegou a herdar a Caſa, cuja grandeza podera elevarſe pela prudencia de tal ſucceſſor, que nos merece eſta ſaudoſa, e particular memoria. Naõ quiz o Marquez levar aquelle illuſtriſſimo cadaver ao magnifico jazigo dos ſeus antepaſſados, e o fez depoſitar no mar, para que tiveſſe o ſepulchro do Sol.

48 Logrou neſte tempo a Monarchia Luſitana huma das ſuas mayores felicidades na precioſa, e ſoberana prenda, que ao Tejo enviaraõ o Rheno, e o Danubio, a Sereniſſima Senhora Rainha D. Maria Sofia Iſabela de Neoburgo. Eſtava no Sereniſſimo Senhor Rey D. Pedro II. ſuſpenſa a auguſta baronia Portugueza; e ſuſpirando os ſeus leaes Vaſſallos vella continuada, lhe rogaraõ com as mais vivas expreſſoens do ſeu amor, e da ſua fidelidade, que depoſto o juſto ſentimento pela perda da primeira Real conſorte, lhes déſſe Rainha.

Segundo deſpoſorio do Sereniſſimo Senhor Rey D. Pedro.

49 Attendendo ElRey a taõ juſtos rogos, feitos por taõ importante cauſa, elegeo para Eſpoſa huma das mais virtuoſas, e excelſas Princezas, que naquelle ſeculo ſe achavaõ em Europa, pedindo-a ao Sereniſſimo Duque de Neoburgo, Conde Eleitor Palatino, ſeu pay, o qual lha concedeo com os jubilos iguaes aos creditos, que deſte parenteſco reſultavaõ à ſua Eleitoral, e Se-

reniſſima Caſa. Entrou aos onze de Agoſto do anno de mil e ſeis centos e oitenta e ſete eſta nunca aſſaz louvada Rainha em Lisboa, onde foy feſtejada com as demonſtrações, e grandeza devidas à ſua ſoberania, e às ſingulares virtudes de que a dotaraõ a natureza, e a fortuna.

Anno de 1687.

Succede no Governo geral do Braſil Mathias da Cunha.

50 No meſmo anno de mil e ſeis centos e oitenta e ſete ſuccedeo ao Marquez das Minas, no poſto de Governador, e Capitaõ Geral, Mathias da Cunha, eſclarecido por naſcimento, e por valor, que occupara com grandes acertos os poſtos de Commiſſario Geral da Cavallaria do Alemtejo, de Meſtre de Campo do Terço da Armada, de Governador da Provincia do Rio de Janeiro, e das Armas de Entre Douro, e Minho, de donde viera ao Governo geral do Braſil, no qual começara a moſtrar logo as diſpoſições do ſeu talento, que atalhou brevemente a morte, como veremos.

51 Neſte anno foy degollado no Terreiro da Bahia o Coronel Fernaõ Bezerra Barbalho, morador, e natural da Provincia de Pernambuco, e huma das peſſoas da Nobreza della, por matar no ſeu Engenho da Varzea injuſtamente, e ſem mais cauſa, que huma ſuſpeita cega, a ſua eſpoſa, e tres filhas havidas della, eſcapando outra, que por mais pequena, eſcondera huma eſcrava, correndo com ella, ſem ſer viſta, para a caſa de hum morador viſinho daquelle Engenho. Foy companheiro de Fernaõ Bezerra neſta crueldade ſeu filho primogenito, matricida, e fratricida de

ſua

ſua meſma mãy, e irmãas, e ſabendo eſconderſe, e retirarſe melhor, que ſeu pay, ſó eſte foy prezo; remettido depois com a devaça à Bahia, pagou em hum cadafalſo os delictos de ambos, ſem poder a compaixaõ (que moviaõ os ſeus muitos annos, e cãas) naquelle eſpectaculo moderar o ſentimento, e magoa das innocentes vidas, que tirara, pelas notorias virtudes daquellas taõ honradas, como infelices mulheres.

Recorrem os moradores da Capitanîa do Ceará pelo ſeu amparo.

52 Nos primeiros mezes do Governo de Mathias da Cunha, recorreraõ os moradores da Capitanîa do Ceará ao ſeu amparo, contra os Gentios daquelles aſperos Certoens, que tinhaõ de proximo feito grandes damnos na Cidade, e ſeu reconcavo, pedindolhe ajuda para lhes fazerem guerra. Convocou o Governador Mathias da Cunha a Palacio Theologos, Miſſionarios, e os Cabos principaes, para ſe votar em Junta (na fórma da Proviſaõ do Sereniſſimo Senhor Rey D. Joaõ IV.) ſe era juſta a guerra, que ſe havia de fazer àquelles Gentios, e ſe ficavaõ legitimamente cativos os que nella foſſem prezos; termo de que uſara, como deixámos eſcrito, o Governador Affonſo Furtado de Mendoça.

53 Reſolvendo-ſe agora neſta materia o meſmo, que entaõ ſe determinara, ordenou Mathias da Cunha ao Governador de Pernambuco, aos Capitães môres da Paraiba, e Rio Grande mandaſſem Cabos, gente, petrechos, e baſtimentos para aquella empreza; reſoluçaõ, que logo ſe executou com taõ bom ſucceſſo, que delle reſultou

ſultou a quietaçaõ, que hoje logra aquella Provincia, colhendo os frutos das culturas do ſeu reconcavo com menor perigo, do que até aquelle tempo experimentara.

Continúa o mal da Bicha nas peſſoas, que vem de fóra.

54 Feria ainda na Bahia o mal da Bicha às peſſoas, que vinhaõ de fóra, e já eraõ falecidas muitas, das que chegaraõ na Frota, que trouxera ao Governador, e Capitaõ Geral Mathias da Cunha, entre as quaes morreraõ os Deſembargadores Joſeph da Guarda Fragoſo, e Jeronymo de Sá e Cunha, que no pouco tempo, que exerceraõ os ſeus lugares, moſtraraõ ter muitas letras, e inteireza. Na ſeguinte Frota do anno de mil e ſeis centos e oitenta e oito acabaraõ a poder do meſmo contagio outros ſogeitos de diſtincçaõ, e em ambas a mayor parte dos homens maritimos.

Anno de 1688.

Adoece delle o Governador Mathias da Cunha.

55 Enfermou o Governador do mal, tanto mais intenſo, quanto mais diſſimulado, porque naõ moſtrou ſinaes malignos nos primeiros dias, mas poucos antes de acabar, ſe manifeſtou mortal. Conhecendo Mathias da Cunha proximo o fim de ſua vida, ſe diſpoz para a morte com taõ grandes actos de Chriſtaõ, que deu naõ pequeno exemplo no deſprezo das vaidades do ſeculo. Com eſte deſengano, e admiraveis moſtras de arrependimento, faleceo aos vinte e quatro do mez de Outubro do referido anno, mandando ſepultarſe no Convento do glorioſo Patriarcha S. Bento, em cuja Capella môr lhe deraõ aquelles Religioſos jazigo.

Sua morte.

Seu Elogio.

56 Foy Mathias da Cunha filho legitimo, e ſegundo

ſegundo de Triſtaõ da Cunha, huma das baronias do ſeu illuſtriſſimo appellido, que nos ſeculos paſſados lograra ainda mayores eſtimações, fecunda em Heroes, e famoſa em Capitães, dos quaes paſſando alguns a Caſtella, foraõ troncos de grandiſſimas Caſas de Heſpanha; ſendo moço, era reſpeitado entre os da ſua esféra, e idade pela peſſoa, e pelo valor; por eſta cauſa foy eſcolhido dos companheiros para fazer o primeiro ingreſſo no duello, que tiveraõ na caſa do jogo da péla, de que reſultara a morte do Conde de Vimioſo, ſendo o empenho contra o de S. Joaõ. Eſte infauſto ſucceſſo o fez auſentar da Patria, e diſcorrendo por toda a Regiaõ de Italia, adquirio nella muitas noticias dos ſeus Potentados, e Republicas; reſtituîdo a Portugal, teve na milicia os empregos, que referimos, mas viveo ſempre taõ propenſo à liberdade militar, que até nos governos politicos naõ perdeo os habitos de Soldado.

Por eleiçaõ ſuccede no Governo o Arcebiſpo D. Fr. Manoel da Reſurreiçaõ.

57 Por naõ haverem vias para a ſucceſſaõ do Governo, como já acontecera na morte do Governador, e Capitaõ Geral Affonſo Furtado de Mendoça, convocou Mathias da Cunha à ſua preſença, hum dia antes do ſeu falecimento, o Senado da Camera, a Nobreza, e aos Cabos, e lhes ordenou, e pedio, elegeſſem a peſſoa, que por ſua morte havia de ficar ſubſtituindo o ſeu lugar. Houve variedade nos votos, mas todos vieraõ a conformarſe, elegendo para o Governo militar, e politico ao Arcebiſpo D. Fr. Manoel da Reſurreiçaõ,

reiçaõ, que aos treze do mez de Mayo daquelle proprio anno chegara por Metropolitano do Brasil, e já no pouco tempo, que exercia a Pontificia dignidade, empregava todo o seu talento (verdadeiramente Apostolico) em missoens, pregando por todas as Parochias da Bahia com grande fruto das suas ovelhas, e praticando muy differentes exercicios, dos que lhe sobrevinhaõ com o Governo do Estado. O das Justiças ficou ao Doutor Manoel Carneiro de Sá, Chanceller da Relaçaõ, a quem pelo lugar, na falta do Governador, tocava o de Regedor.

Fica com o das Justiças o Chanceller.

Motim dos Soldados, por causa das suas pagas.

58 No mesmo dia se amotinaraõ os Soldados dos dous Terços do Presidio por tres pagas, que se lhe estavaõ devendo, e se juntaraõ no campo do Desterro, rodeando a casa, em que se recolhe a polvora, menos os Cabos, e Officiaes mayores, que todos assistiraõ na Praça, em prova da sua obediencia, e lealdade. Pediaõ os Soldados se lhes mandasse satisfazer no termo peremptorio de hum dia os seus soldos, com comminaçaõ de entrarem na Cidade, e a saquearem, ameaçando com especialidade as casas dos Officiaes da Camera, por cuja ordem corria entaõ a paga da Infanteria.

59 Foraõ os seus Cabos ao campo a socegallos, e reduzillos, segurandolhes da parte do Governador, e do Senado a promptidaõ dos soldos, que se lhes deviaõ, affeandolhes aquelle motim sempre detestavel, e mais feyo naquella occasiaõ do transito mortal, em que se achava o seu General,

General, mas naõ poderaõ perſuadillos. A meſma diligencia fez o Arcebiſpo em huma concertada pratica, e ainda que ſe moderaraõ nos exceſſos, que faziaõ em todas as peſſoas, que com cargas das fazendas viſinhas paſſavaõ por aquella eſtrada, naõ ſe reduziraõ, continuando na meſma reſoluçaõ.

60 Era a confuſaõ dos Vereadores taõ grande, como breve o termo, que lhe davaõ os Soldados; mas juntando na fórma, que pode ſer, a quantia, que baſtava para ſe lhes pagar, (porque os Cabos, e Officiaes mayores declararaõ, que para elles naõ era neceſſaria a ſatisfaçaõ, ſenaõ quando a Camera commodamente lha podeſſe fazer) foy levado ao campo o dinheiro, com que ſe lhe pagaraõ nove mezes, que ſe lhes deviaõ. Depois de ſatisfeitos, inſiſtiraõ em ſe naõ deſarmarem, ſem ſe lhes mandar hum perdaõ geral daquelle facto, aſſinado pelo Governador, que ainda vivia, e pelo Arcebiſpo, que lhe havia de ſucceder, o qual lhes foy concedido, e ainda o chegou a aſſinar Mathias da Cunha com o Arcebiſpo. Alcançado o indulto, e eſpirando logo o Governador, entraraõ na Cidade, e aſſiſtiraõ militarmente ao ſeu enterro.

Satisfeitos, e com geral perdaõ ſe aquietaõ.

61 Achava-ſe Antonio Luiz Gonçalves da Camera Coutinho, Almotacé môr do Reyno, governando a Provincia de Pernambuco, onde fora enviado por morte de Fernaõ Cabral, Senhor de Azurara, e Alcaide môr de Belmonte, que do mal da Bicha falecera naquelle Governo, de don-

Governo de Antonio Luiz Gonçalves da Camera Coutinho.

de foy Antonio Luiz promovido ao posto de Capitaõ Geral do Brasil. Chegou à Bahia no anno de mil e seis centos e noventa. Era este Heroe insigne em muitos attributos, e virtudes, illustrissimo no sangue, vigilante no serviço Real, inteiro na administraçaõ da Justiça, e no castigo dos delinquentes, admiravel na independencia de todo o genero de interesses; estas virtudes exercitara sempre, e de proximo em Pernambuco, de donde já chegara à Bahia a sua fama, antes de ter chegado a sua pessoa.

Anno de 1690.

Morte da Serenissima Infanta a Senhora D. Isabel.

62 Faleceo no anno de mil e seis centos e noventa a Serenissima Senhora Princeza D. Isabel Luiza Josefa, primeiro fruto do tronco Real Portuguez, que dominava a Monarchia Lusitana. Nasceo dos Augustissimos Senhores Reys D. Pedro II. e D. Maria Francisca Isabel de Saboya. Foy jurada Princeza herdeira da Coroa, e ajustada para Esposa do Serenissimo Duque de Saboya seu primo. A conduzillo sahio do Tejo no anno de mil e seis centos e oitenta e tres a mais rica Armada, que surcara as ondas do Mediterraneo, em que se embarcou a mayor Nobreza do Reyno.

Seu Elogio.

63 Porém enfermando, por altissima Providencia, aquelle Principe, naõ se achou capaz de passar a Portugal a consummar os desposorios naquelle tempo; e logo variando a fortuna com diversos accidentes as disposições, elle tomou estado, e a nossa Princeza foy lograr mayor Imperio ao Ceo; porque as suas incomparaveis virtudes,

des, e angelica fermoſura naõ eraõ da terra; por eſta cauſa, ſendo pertendida (como outra Sereniſſima Infanta de Portugal, a Senhora D. Maria, filha poſthuma do Senhor Rey D. Manoel) pelos mayores Principes de Europa, as naõ alcançaraõ, porque foraõ eſcolhidas para Eſpoſas de Deos.

64 No anno ſeguinte de mil e ſeis centos e noventa e hum faleceo o Arcebiſpo D. Fr. Manoel da Reſurreiçaõ. Foy em Coimbra dos Oppoſitores de mayor graduaçaõ, e merecimento, Collegial de S. Pedro, Doutor em Leys, e em Canones, Conego Doutoral da Sé de Lamego, Deputado do Santo Officio. Porém deixando todos eſtes empregos, e outras mayores eſperanças, que lhe promettia o ſeculo, o abandonou para vagar a Deos na contemplaçaõ, e exercicios ſantos do maravilhoſo Convento do Varatojo, ſeguindo taõ rigoroſamente o exemplo do ſeu veneravel Inſtituidor, que foy hum dos ſeus mais vivos retratos.

Anno de *1691*.

Morte do Arcebiſpo D. Fr. Manoel da Reſurreiçaõ, e ſeu Elogio.

65 Pela fama das ſuas penitencias, do fervor, com que ſe empregava na obrigaçaõ de Miſſionario, do fruto, que fazia nas almas, e das grandes virtudes, que reſplandeciaõ no ſeu ſingular talento, o eſcolheo ElRey para Arcebiſpo da Bahia; mas repugnando com o mayor esforço à ſua eleiçaõ, naõ pode deixar de obedecer à vontade, e preceito Real. Aceitou a Sagrada dignidade, que exerceo na Bahia pouco mais de dous annos, com grande exemplo, ſanta educaçaõ, e muito aproveitamento eſpiritual das ſuas ovelhas.

66 O tempo, que por morte de Mathias da Cunha governou o Eſtado, (que foy quaſi todo o do ſeu Pontificado) teve por hum dos martyrios da ſua vida, e o offerecia a Deos em ſatisfaçaõ dos ſeus peccados. Depois de entregar o Governo ao Almotacé môr, partio a viſitar as Villas do Camamû, Cayrû, e Boypeba, onde fez obras, e miſſoens prodigioſas. Sentindo-ſe enfermo, ſe fez conduzir à Cachoeira, e no Seminario de Belem dos Padres da Companhia, com a aſſiſtencia, e nos braços do Padre Alexandre de Guſmaõ (Varaõ inculpavel) em poucos dias de enfermidade, e com muitos actos de amor de Deos, lhe entregou aquella ditoſa alma, que por tantos ſerviços ſe fizera benemerita de Bemaventurança. De ordem ſua ficou ſepultado no referido Seminario, o qual por eſta cauſa, e outros muitos titulos nos merece a particular memoria de huma breve noticia.

Deſcripçaõ do Seminario de Belem.

67 Quatorze legoas da Cidade da Bahia eſtá a Villa de Noſſa Senhora do Roſario da Cachoeira, que toma o nome do rio, em cujas ribeiras fora edificada; huma de diſtancia pelo ſeu terreſtre continente ſe eleva grande porçaõ de terra, cujo cume ſe eſtende em dilatadiſſima campina, fertilmente amena pela freſcura, e ſuavidade dos ares, pela alegria, e diſtancia dos horizontes, pela producçaõ, e fecundidade do terreno, e finalmente pelo concurſo de muitas, e criſtalinas aguas.

Sua fundaçaõ, e inſtituto.

Neſte ſitio fundou no anno de mil e ſeis centos e oitenta e ſeis hum Seminario o Padre Alexandre

dre de Guſmaõ, Religioſo da Companhia de Jeſus, e hum dos mayores talentos da ſua Provincia do Braſil, onde foy repetidas vezes Reytor, Provincial, Lente de Filoſofia, Theologia, e Moral, e ſobre tudo inſigne Meſtre do eſpirito, cuja virtude, e doutrina ſaõ veneradas como de Varaõ Santo.

68 Com algumas eſmolas, e com o ſeu laborioſo cuidado, fabricou pelo ſeu diſſenho ſumptuoſa Igreja, a que deu titulo de Noſſa Senhora de Belem, e fez os excellentes artefactos do retabolo, fabricado de fina, e manchada tartaruga, e de varias peſſas da Sacriſtia, e muitos Preſepios de differentes materias pelas ſuas mãos. Em proporçaõ do Templo edificou caſas para peregrinos, e hoſpedes authorizados, que naquelle ſitio ſaõ frequentes, e formou hum capaciſſimo, e perfeito Seminario, em que recolheo meninos, para lhes enſinar as primeiras letras, e a Grammatica, e para os inſtruir, e criar nas virtudes, e exercicios Chriſtãos, ſendo Meſtre de todos, e ſogeitando-ſe a ler nos bancos os primeiros rudimentos aos diſcipulos aquelle, que em profundas ſciencias nas cadeiras admirara aos Meſtres. O tempo, que lhe ſobejava, applicava à compoſiçaõ de varios livros, que ſahiraõ à luz com grande exemplo, e proveito das almas.

Suas fabricas, e perfeições.

69 Foy creſcendo com o fervor da doutrina o concurſo dos Seminariſtas, de fórma, que de todas as partes do Braſil lhe enviavaõ muitas peſſoas principaes filhos, e parentes, a quem aſ-

Effeitos da ſua doutrina.

ſiſtiaõ

ſiſtiaõ com huma annual moderada congrua para a ſua commoda ſuſtentaçaõ, arbitrada deſde o principio do Seminario pelo ſeu Fundador. Com o culto Divino, que alli ſumptuoſa, e piamente ſe conſagra a Deos, e à Virgem Santiſſima ſua Mãy, ſe augmentou tanto a devoçaõ dos fieis, que de muito longe vaõ àquelle Santuario; e foy preciſo ao Collegio da Bahia acudirlhe com muitos Religioſos, aſſim Sacerdotes para adminiſtrarem os Sacramentos, como Irmãos para ajudarem ao Padre Alexandre de Guſmaõ na educaçaõ, e eſtudos dos Seminariſtas, dos quaes tem já ſahido muitos, e virtuoſos ſogeitos para o habito de S. Pedro, e para os das outras Ordens Clauſtraes, e até para o ſeculo perfeitos Varoens.

Grandeza do ſeu culto, e concurſo dos ſeus devotos.

70 A Caſa he hoje huma das Reytorias da ſua Sagrada Religiaõ, reſidindo nella Communidade competente a tanto emprego, e continuando nelle o ſeu Inſtituidor Alexandre de Guſmaõ, que viveo até o anno de mil e ſete centos e vinte e quatro, aſſiſtindo no Seminario com a meſma promptidaõ, e actividade, enſinando, prégando, e adminiſtrando os Sacramentos em noventa e ſeis annos de idade; maravilha, que ſe attribuhio à poderoſa diſpoſiçaõ Divina.

Ladroens perturbaõ, e deſtroem a Capitanîa do Porto Seguro, e os ſeus moradores.

71 Tyrannizavaõ a Provincia de Porto Seguro cinco homens naturaes da meſma Capitanîa, que ſendo nobres por naſcimento, ſe tinhaõ feito vîs por exercicio. Juntaraõ alguns foragidos, e formaraõ huma eſquadra de vandoleiros, ſendo Capitaõ della hum dos cinco principaes. Commettiaõ

tiaõ por todos aquelles destrictos, e dentro da mesma Villa, roubos, homicidios, estrupos, adulterios, e todo o genero de insolencias, e delictos, sem ficar fazenda, casa, honra, nem lugar seguro dos seus insultos.

72 Naõ exceptuava a sua tyrannia os seus proprios parentes, e andavaõ os moradores taõ temerosos, por se acharem os Cabos da milicia, os Juizes, e os Officiaes de Justiça com taõ poucas forças para os sogeitar, que a penas se podiaõ defender, vivendo todos no temor de hum perigo continuo, que por instantes lhes ameaçava a ultima ruina. Nesta oppressaõ recorreraõ ao Governador, e Capitaõ Geral do Estado Antonio Luiz, pedindolhe ajuda de gente, com que podessem buscar aquelles ladroens, e extinguillos de toda a Provincia.

Recorre ao Governador Geral Antonio Luiz.

73 Chegou este aviso ao Governador Antonio Luiz, e encomendando aos mensageiros o tivessem occulto, fez com o proprio segredo preparar cincoenta Soldados, escolhidos entre os valerosos dous Terços do Presidio da Bahia, e dous Sargentos da mesma supposiçaõ, dandolhes por Cabo hum Ajudante pratico, e alentado, e os fez embarcar à ordem do Doutor Dionysio de Avila Vareiro, Desembargador actual da Relaçaõ, a quem encarregou esta empreza.

Manda o Governador a prendellos pelo Desembargador Dionysio de Avila.

74 Chegado este Ministro àquella Capitanía, antes de entrar no porto, fez aviso ao Capitaõ mòr, que lhe foy fallar à embarcaçaõ com o Juiz Ordinario, juntandoselhe ambos para o conflicto,

e infor-

e informando-o do modo, com que o havia de executar, e da parte por onde podia acometer aos delinquentes. Desembarcaraõ de noite, e marchando pelos espessos matos daquelles destrictos, encaminhados por guia fiel, e fortuna favoravel, déraõ na estancia dos culpados, e prenderaõ logo aos cinco, que naõ poderaõ resistir, posto que o intentaraõ com grande valor, à custa de muitas feridas, que déraõ, e receberaõ.

Colhe aos cinco principaes.

75 Os outros da quadrilha naõ foraõ achados, porque havendo-os mandado o seu Capitaõ a huma facçaõ do emprego detestavel daquella miseravel vida, conhecendo por alguns sinaes, e conjecturas a desgraça dos seus companheiros principaes, penetraraõ a aspereza daquelles Certoens, e nunca mais appareceraõ. Os cinco prezos foraõ conduzidos à Bahia pelo Ministro, Officiaes, e Soldados, trazendo com elles as devaças, que das suas culpas se haviaõ tirado, e achando-se nellas inteiramente provados aos Reos atrocissimos crimes, foraõ sentenciados pela Relaçaõ à morte de forca, e a serem esquartejados, e remettidas as cabeças aos principaes lugares, em que commetteraõ os delictos.

Vem conduzidos à Bahia, onde saõ justiçados.

76 Desta execuçaõ resultou tanto exemplo, e terror a todos os facinorosos, como satisfaçaõ aos habitadores do Brasil, em cujas vastissimas Provincias naõ faltavaõ daquelles insultores, que fiados na extensaõ dellas, commettiaõ as proprias maldades com melhor fortuna, porque as distancias lhes dilatavaõ, ou totalmente os absolviaõ

dos

dos caſtigos. Receberaõ os moradores da Provincia do Porto Seguro aquellas cabeças, e as offereceraõ à ſua vingança, ſervindolhes hum eſpectaculo de tanto horror, do mais firme eſcudo do ſeu ſocego, pois atè o tempo preſente naõ experimentaraõ mais ſemelhantes ruinas naquelle genero de hoſtilidades.

77 Fundaraõ os Religioſos Deſcalços de Santo Agoſtinho na Bahia o ſeu Hoſpicio, no anno de mil e ſeis centos e noventa e tres. Foraõ os Fundadores os Padres Meſtres Fr. Alipio da Purificaçaõ, Commiſſario Geral dos ſeus Religioſos Miſſionarios, e Fr. Joaõ das Neves, primeiro Preſidente. Tiveraõ por Companheiros aos Padres Fr. Joaõ de Deos, e Fr. Jeronymo da Aſſumpçaõ, e hum Irmaõ Leigo Fr. Joſeph dos Anjos. Fizeraõlhes doaçaõ da Igreja de Noſſa Senhora da Palma (de que fora erector Ventura da Cruz Arraes, Medico inſigne, e natural da Bahia) ſeus herdeiros, que tinhaõ o Padroado della, o qual cederaõ aos Religioſos.

Anno de 1693.

Fundaçaõ do Hoſpicio de Noſſa Senhora da Palma pelos Religioſos Deſcalços de Santo Agoſtinho.

78 Naõ tendo a Igreja mais ambito de terra, que o em que fora fabricada, e o ſeu adro, concorreraõ os moradores daquelle ſitio (que fica ao Naſcente, de apraſivel terreno no arrabalde da Cidade) com a que baſtou para edificarem hum fermoſo Hoſpicio, em que aſſiſtem alguns Religioſos Conventuaes, e o ſeu Preſidente, celebrando os Officios Divinos com grande culto, adminiſtrando os Sacramentos com religioſo fervor, e procedendo como filhos de taõ grande Pay. Neſ-

te Hoſpicio ſe recolhem os ſeus Religioſos, que vem do Reyno para a miſſaõ de S. Thomé, e os que depois de completo o tempo da ſua aſſiſtencia naquella Ilha, voltaõ para o Reyno, hoſpedando-ſe como os Conventuaes, em quanto ſe diſpoem as ſuas viagens.

79 Por morte do Arcebiſpo D. Fr. Manoel da Reſurreiçaõ ſuccedeo na Sagrada dignidade Metropolitana do Braſil D. Joaõ Franco de Oliveira, Biſpo de Angola, que chegou à Bahia no anno de mil e ſeis centos e noventa e dous.

Novo Santuario da Lapa.

80 Teve o Author da natureza, deſde que creou o Mundo, ou depois que fez ceſſar as aguas do Diluvio, occulta até eſte tempo, por ſeus incomprehenſiveis juizos, ao trato dos racionaes, e ſó permittida à fereza dos brutos huma admiravel, e grande lapa no robuſto corpo de huma dilatada penha, que occupa hum quarto de legoa em circunferencia, cuja baſe banhaõ as abundantiſſimas correntes do eſtupendo rio de S. Franciſco no ſeu interior Certaõ, duzentas legoas da Povoaçaõ mais viſinha, naõ moſtrando raſto, ou ſinal de que fora pizada, nem do Gentio barbaro daquelle inculto Paiz, que eſtá na juriſdicçaõ da Provincia da Bahia.

Sua deſcripçaõ.

81 He fabricada eſta prodigioſa lapa de natural eſtructura, em fórma de hum perfeito Templo, com Capella môr, e collateraes, tendo o Cruzeiro trinta e tres paſſos de largura, oitenta de comprimento toda a eſtancia. Nos lados ſe vem cubiculos proporcionados, que formaõ viſ-

toſas

toſas Capellas, metidas nas fortiſſimas paredes, as quaes com primoroſas columnas ſuſtentaõ em competente altura a pezada machina da ſua abobeda. Abre eſte fermoſo concavo ſobre o rio huma varanda deſcoberta de cincoenta palmos, por onde penetrando a luz, lhe faz todos os lugares claros.

82 A eſte todo ſe entra por huma portada igual à de huma Cidade, e por mayor aſſombro, e prova de que eſta myſterioſa lapa eſtava deſtinada para Templo Catholico, tinha pendente do tecto, e naſcido na abobeda hum ſino de pedra, obrado pela natureza em fórma de columna, com braça, e meya de comprimento, e o inſtrumento, que o toca, tambem de pedra, com meya braça, o qual eſtando pegado ao ſino pela parte de fóra, foy por arte deſunido delle para o poder tocar, e prezo em huma corda paſſada a hum buraco, que a columna, ou ſino tem no alto, ferindo-o, o faz ſoar com taõ retumbantes, e ſonoras vozes, como os de metal mais finos, ouvindo-ſe de partes muy diſtantes.

Maravilhoſo ſino de pedra.

83 A materia de toda eſta grande fabrica ſaõ brilhantes jaſpes de cores diverſas, que reflectindo a beneficios da luz, repreſentaõ o Ceo. No tecto parece, que deſcobre a fantezia com os reſplandores, em que a viſta ſe emprega, entre fermoſas nuvens luzentes eſtrellas, diſpoſtas em ordem de conſtellações varias, e differentes figuras. Por fóra na eminencia da penha, em que ſe entranha a lapa, ſe deſcobrem muitas arvores en-

Materia de toda eſta fabrica, e as Imagens, que repreſenta.

trechaçadas com innumeraveis, e altos corpos da mesma rutilante pedra, que mostrando ao perto informes imagens de torres, pyramides, campanarios, e castellos, formaõ ao longe a perspectiva de huma perfeita, e bem fabricada Cidade.

84 Naquelle alto, e por toda a circunferencia da penha, a que chamaõ Etaberaba (que no idioma do Paiz quer dizer pedra, que luz) estaõ abertas covas, e estancias proporcionadas à vida, e profissaõ eremitica, e contemplativa, naõ se achando em nenhum dos lugares descobertos, e aqui descriptos, final de habitaçaõ humana; e naõ he menor maravilha estar o Templo metido na lapa, e ter o pavimento de terra solta para sepultura dos mortos. Ao sitio chamaõ o Rio Verde, porque sendo o mesmo de S. Francisco, que o fertiliza no grande espaço, que o rega, leva aquella côr, retratando em si a verdura do arvoredo, que alli por ambas as margens o acompanha.

Seu primeiro descobridor, e habitador.

85 Francisco de Mendoça Mar, assim chamado no seculo, e na sua conversaõ Francisco da Soledade, hoje Clerigo do habito de S. Pedro, tendo passado de Lisboa sua Patria à Bahia, depois de alguma assistencia, que nella fez, tocado da Divina graça, se resolveo a deixar o trafego do Mundo, e buscar o deserto mais remoto para chorar as suas culpas, e fazer por ellas penitencia. Com este santo impulso, sem mais roupa, que huma tunica, que cobria muitos cilicios, e mortificações corporaes, com hum Santo Crucifixo,

fixo, e huma Imagem da Virgem Maria Mãy de Deos, e Senhora Noſſa, luzeiro, e guia do verdadeiro, e melhor caminho da humana vida, ſahindo da Cidade, foy penetrando os Certoens; e naõ ſatisfeito de algumas ſoledades, poſto que as achaſſe acommodadas, porque lhe eſtava apparelhado eſte prodigioſo domicilio, continuou a jornada, até que o deſcobrio.

86 Entrado nelle, achou em huma das Capellas collateraes para a parte do Euangelho hum perfeito Monte Calvario, com huma prodigioſa abertura, taõ proporcionada ao pé da Cruz, que levava (cuja Imagem tem tres palmos) que logo alli a collocou, e junto a ella o Simulacro da Virgem Santiſſima, o qual depois em vulto grande, ricamente veſtido, trouxe do povoado, por caminho de duzentas legoas, hum devoto, inſpirado do Ceo para eſta pia acçaõ, e foy collocado na Capella môr em precioſo nicho, hoje ſumptuoſamente adornado; e na outra collateral ſe poz a Imagem do glorioſo Santo Antonio.

Colloca as Imagens, que levava.

87 Invocou do nome de Bom Jeſus a Imagem de Noſſo Senhor, que levava, e a da Senhora intitulou da Soledade, que hoje tambem chamaõ da Lapa. Alguns annos depois, tendo o Arcebiſpo D. Sebaſtiaõ Monteiro da Vide, noticia deſte prodigio da natureza, e da vida, que nella fazia Franciſco de Mendoça, o mandou chamar, e informado de todas as circunſtancias do lugar, e do Eremita, enviou a elle hum Viſitador, o qual achou decentemente ornados os Altares com as eſmolas

Titulos, que lhes dá.

eſmolas dos peregrinos, que já concorriaõ àquelle novo Santuario pelos muitos milagres, que a Senhora obrava em todos quantos enfermos a hiaõ alli buſcar. Erigio o Arcebiſpo em Capella a lapa, e ordenou de Sacerdote ao Padre Franciſco da Soledade, a quem a encarregou.

88 Depois achando os homens tratantes nas Minas do Sul tranſito mais breve por aquella parte para a Bahia, abriraõ caminho junto àquella nova Igreja, onde fazem os ſeus votos, deixando taõ grandes eſmolas de ouro, que com ellas vindo à Cidade o Padre Franciſco da Soledade, fez muitas peſſas de prata, e ricos ornamentos para o Templo, que pela ſua diligencia, e fervoroſo zelo, pelo concurſo, e offertas dos fieis eſtá hoje com grande aſſeyo, e culto venerado, ſendo tal a devoçaõ em todos os que o buſcaõ, que vaõ com ſumma humildade, e reverencia a fazer as ſuas novenas, ou romarias; e de outra ſorte ſe lhes prohibe a entrada.

HIS-

HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA.

LIVRO OITAVO.

SUMMARIO.

SUCCEDE no Governo geral do Brasil D. Joaõ de Lancastro. Fundaçaõ das Casas da moeda na Bahia, Rio de Janeiro, e Pernambuco. Jornada do Governador em descobrimento das Minas do Salitre. Introducçaõ dos Ouvidores das Comarcas, e Juizes de Fóra em algumas Provincias do Brasil. Morte

Morte do Reverendissimo Padre Antonio Vieira. Descobrimento das Minas de ouro no Sul, e fórma com que elle se tira. Morte da Serenissima Senhora Rainha D. Maria Sofia Isabela de Neoburgo. Seu Elogio. Passa ao Reyno o Arcebispo D. Joaõ Franco de Oliveira, provido no Bispado de Miranda. Soccorro, que vay da Bahia à restauraçaõ de Mombaça. Queima-se no porto a nao Serea. Perde-se antes de sahir da barra huma das naos, que o conduziaõ. Vem da India o Vice-Rey Antonio Luiz; sua morte, e Elogio. Succede no Arcebispado do Brasil D. Sebastiaõ Monteiro da Vide, e D. Rodrigo da Costa no Governo geral do Estado. Manda soccorro à Nova Colonia do Sacramento, sitiada pelos Hespanhoes da America Castelhana. Combates com aquelles inimigos. Consternaçaõ de Europa pela successaõ de Hespanha. Declara-se o Serenissimo Senhor Rey D. Pedro a favor do Senhor Carlos III. entaõ Rey daquella Monarchia, e hoje Emperador de Alemanha.

Progres-

Progressos das nossas armas em seu auxilio. Ordem delRey, para se naõ enviarem escravos da Bahia para as Minas. Diligencias, que faz o Governador D. Rodrigo da Costa na sua execuçaõ.

LIVRO OITAVO.

1 A Antonio Luiz Gonçalves da Camera Coutinho ſuccedeo com o poſto de Governador, e Capitaõ Geral de mar e terra do Braſil D. Joaõ de Lancaſtro, cuja grande qualidade inculca o ſeu Real appellido, que do ſupremo Throno de Inglaterra entrou no auguſto de Portugal pela Senhora Rainha D. Filippa, Eſpoſa do Senhor Rey D. Joaõ o I. tornando glorioſamente a ſahir no Senhor D. Jorge, Meſtre de Santiago, e de Aviz, filho natural do Senhor Rey D. Joaõ o II. quinto avô de D. Joaõ de Lancaſtro pela ſua baronia, que ſe deduz dos Sereniſſimos Reys das duas Monarchias. Servindo de tenros annos nas guerras da reſtauraçaõ do Reyno, fizera provas de valor muy adulto, e ſendo Capitaõ de Cavallos, fora o primeiro, que atacara a batalha do Canal com tanto esforço, como fortuna, e depois occupara o poſto de Meſtre de Campo do Terço da Armada, o de Governador, e Capitaõ Geral do Reyno de Angola, e do Braſil, e o de General da Cavallaria do Alemtejo na proxima guerra paſſada, em que os mayores Cabos ſe offereciaõ a ſervir poſtos, inferiores aos que já haviaõ

Succede no Governo do Braſil D. Joaõ de Lancaſtro.

occupado, e ultimamente Capitaõ Geral do Reyno do Algarve, e do Conſelho de Guerra.

Anno de 1694.

2 Chegou no anno de mil e ſeis centos e noventa e quatro à Bahia, e foy o Governador, que exerceo mais dilatado tempo eſte Governo geral depois de Mendo de Sá, e de Diogo Luiz de Oliveira. As obras, e acçóes, que emprendeo, foraõ muy conformes ao talento, de que era dotado. Varias couſas diſpoz em ſerviço delRey, e do augmento de todas as Provincias do Braſil, conſeguindo vellas executadas com ſucceſſos taõ felices, quanto eraõ acertadas as ſuas reſoluçóes. Aperfeiçoou no curſo do ſeu Governo os Fortes de Santo Antonio da barra, de S. Diogo, e de Santa Maria, dandolhes melhor fórma, e regularidade.

Varias obras do ſeu laborioſo cuidado, conſeguidas com fortuna.

3 Mandou edificar os dous Caſtellos da Cidade ſobre as plataſórmas das duas portas della, a nova Caſa da Relaçaõ, a da Moeda, reedificar a Cadea, e fazer outras muitas obras do adorno, e defenſa da Praça, e concorreo com o ſeu cuidado para ſe acabar o Templo da Matriz, a que naõ baſtava o poder do Metropolitano, ſem o auxilio da magnificencia Real, exercida pelo zelo de D. Joaõ de Lancaſtro, e mandou fundar por ordem delRey no reconcavo da Bahia as tres Villas de Noſſa Senhora do Roſario na Cachoeira, de Noſſa Senhora da Ajuda em Jagoaripe, e de S. Franciſco no ſitio chamado Serzipe do Conde.

4 Experimentava eſte Eſtado, havia muito tempo,

tempo, varios damnos na moeda de prata, ſendo o primeiro o cerceamento, que nella continuamente ſe achava, delicto, pelo qual foraõ punidas algumas peſſoas, em que houveraõ indicios de cumplices, e a faltas de prova naõ tiveraõ todo o caſtigo, que mereciaõ, a ſerem convictos como Reos; a eſte mal ſe deu o remedio com huma ſerrilha, com que ſe mandaraõ circular as moedas; porém era mais grave o prejuizo, que ſe padecia no transporte, e fundiçaõ da mayor dellas, que correndo por ſeis centos e quarenta, que ſaõ duas patacas no Braſil, tinhaõ de pezo ſete centos e cincoenta, e ſe logravaõ muitos intereſſes em as levar, ou remetter para o Reyno, onde, e entre as Nações Eſtrangeiras conſeguiaõ aquelle avanço.

Varios prejuizos, que padecia o Braſil na moeda de prata.

5 Outras peſſoas as mandavaõ converter em baixellas para o ſeu uſo, e os ourives as fundiaõ para as ſuas obras, ſem attenderem huns, e outros ao imminente perigo, a que ficava expoſta a noſſa America, extinguindo-ſe a moeda, que he a ſubſtancia dos Imperios, pois ſem ella ſaõ cadaveres, vindo a faltar o trato, e commercio, que ſuſtentaõ as Monarchias. Mas a eſte damno tambem ſe prevenio algum reparo, mandando-ſe, que as ditas moedas mayores correſſem pelo valor do pezo, de que ſe ſeguia muito embaraço, pois havendo em muitas dellas pelo cerceamento menos pezo dos ſete centos e cincoenta, era preciſo para ſe receberem, trazeremſe balanças, em que ſe pezaſſem, gaſtando-ſe muito eſpaço de tempo

Remedios, que ſe lhe applicavaõ com pouco fruto.

tempo para ſe contar pouca quantia de dinheiro.

Pede a Camera da Bahia Caſa da moeda.

6 Attendendo a todos eſtes inconvenientes o vigilante Senado da Camera da Bahia, e ao damno, que ameaçava a eſte Eſtado, recorreo ao Sereniſſimo Senhor Rey D. Pedro II. pedindolhe foſſe ſervido evitar o prejuizo deſtes ſeus Dominios, e Vaſſallos a tempo, que ainda podeſſe remediarſe a ruina, e antes que ſe acabaſſe de conſumir a moeda, mandando para a Bahia Caſa, em que ella ſe lavraſſe provincial, para correr ſó no Braſil, a qual tiveſſe tanto menos valor intrinſeco, quanto baſtaſſe para ſe lhe naõ achar conta em a tranſportar, e fundir. Fizeraõ-ſe em Portugal muitas conſultas ſobre eſta materia, e houveraõ votos, que impugnavaõ, com razoens politicas, eſta graça.

ElRey lha concede pelo tempo que baſtaſſe a reduzir a moeda do Eſtado a nova fórma.

7 Porém ElRey applicando toda a ſua Real attençaõ ao bem dos ſeus Vaſſallos, e à conſervaçaõ deſte Eſtado, lhe concedeo Caſa da moeda, mandandolhes no anno de mil e ſeis centos e noventa e quatro Juiz, Enſayadores, e os mais Officiaes, de que neceſſita aquella fabrica, com todos os inſtrumentos, e materiaes preciſos para as Officinas, e lavor da moeda; e ordenou duraſſe ſó o tempo, que foſſe neceſſario para reduzir a nova fórma toda a moeda, que havia nas Provincias do Braſil, às quaes mandou ordem para que a remetteſſem à Bahia, e que feita eſta diligencia, ſe extinguiſſe a Caſa.

8 Elegeo por Superintendente della ao Deſembar-

ſembargador João da Rocha Pitta, dandolhe poder para diſpor tudo a ſeu arbitrio, por carta eſcrita no meſmo anno de mil e ſeis centos e noventa e quatro, em que o honra com as formaes palavras ſeguintes: *Por concorrerem na voſſa peſſoa todas as qualidades neceſſarias, para fazer de vós a mayor confiança.* Era eſte Miniſtro natural de Pernambuco, das principaes Familias daquella Provincia; fora enviado por ElRey, ſendo ainda Principe Regente, por Sindicante das Provincias do Sul às mayores diligencias, que até aquelle tempo ſe tinhaõ offerecido naquella Regiaõ, e com o poder mais amplo, que nella ſe concedera a Miniſtro algum; tres annos e meyo ſe empregou naquelle ſerviço, e ElRey o elegeo por Governador do Rio de Janeiro, cargo, que naõ exerceo, por ſe ter recolhido para a Relaçaõ da Bahia.

Elege ao Chanceller Joaõ da Rocha Pitta por Superintendente della.

9 Fezlhe a merce de Conſelheiro do ſeu Conſelho Ultramarino; mas naõ podendo o Deſembargador Joaõ da Rocha Pitta paſſar ao Reyno pelos muitos achaques, que padecia, lhe repreſentou eſta impoſſibilidade, e que no lugar de Chanceller, que eſtava de proximo vago, por morte do Deſembargador Manoel de Muris Monteiro, o poderia ſervir com o meſmo zelo. Reconhecendo ElRey por juſta a cauſa, que lhe impedia o paſſar à Corte, foy conſultado, e provido no cargo de Chanceller da Relaçaõ deſte Eſtado, que exerceo nove annos e meyo, até o de mil e ſete centos e dous, em que faleceo. Eſtes foraõ os ſeus deſpachos; nas ſuas virtudes he ſoſpeito o Author

Author, por ſer ſeu ſobrinho, e herdeiro da ſua caſa.

Fabrica-ſe a Caſa.

10 Fabricouſe a Caſa da moeda, e ficou ennobrecendo grande porçaõ de huma das quatro faces da praça, na parte, que já declarámos na deſcripçaõ da Cidade. Diſpuzeraõ-ſe as Officinas, e ſe aſſentaraõ os engenhos para o ſeu lavor. Haviaõ feito repetidas conferencias o Governador, e Capitaõ Geral D. Joaõ de Lancaſtro, o Chanceller Superintendente Joaõ da Rocha Pitta, e Joſeph Ribeiro Rangel, Juiz da Moeda ſobre os generos, fórma, pezo, e valor intrinſeco, e extrinſeco, que havia de ter, ouvindo peſſoas intelligentes, e praticas neſta materia, que foy ſempre de muitas conſequencias nos Imperios, e de que coſtumaõ reſultar naõ poucas alterações nos Povos: porém diſcutidos os pontos, e apuradas as circunſtancias para ſe obviarem os prejuizos, e inconvenientes, ſe mandou recolher à Caſa da moeda toda a que ſe achava na Bahia, muita prata em barras, e outra lavrada em peſſas, e feitios antigos, que ſeus donos quizeraõ mandar deſfazer, e reduzir a dinheiro pela conveniencia, que achavaõ no valor, pelo qual ſe lhes pagava o marco.

Conferencias ſobre a moeda.

Ajuſta-ſe a fórma, e ſe principia o lavor.

11 Lavravaõ-ſe ſeis generos de moedas de prata na fórma ſemelhantes, e differentes no pezo, valor, e tamanho; de duas patacas, de huma, de meya, de quatro vinteis, de dous, e de hum: as de duas patacas tem de pezo cinco oitavas, e vinte e oito grãos, valor, e cunho de ſeis centos e qua-

e quarenta reis; as de pataca, duas oitavas e cincoenta grãos, valor, e cunho de trezentos e vinte reis; as de meya pataca, huma oitava e vinte e cinco grãos, valor, e cunho de cento e sessenta reis; as de quatro vintens, quarenta e oito grãos e meyo, cunho, e valor de oitenta reis; as de dous vintens, vinte e quatro grãos e hum quarto, cunho, e valor de quarenta reis; e as de vintem, cunho, e valor de vinte reis, e pezo de doze grãos e hum oitavo.

Divisas, e letras, que tem as novas moedas de huma, e outra parte.

12 Tem estas moedas de huma parte a Esféra (empreza do Senhor Rey D. Manoel) no meyo da Cruz da Ordem de Christo, de que foy Graõ Mestre; e entre os claros dos braços da Cruz estas palavras SUB Q. SIGN. NATA. STAB. de outra parte o Escudo das Armas Reaes Portuguezas; no lado direito o cunho, no esquerdo humas flores, no alto entre a Coroa, e o Escudo a era, em que foraõ lavradas, e pela roda da sua circunferencia as seguintes letras: PETRUS. II. D. G. PORT. REX. ET. BRAS. D.

Moedas de ouro, sua fórma, divisas, e letras.

13 Fizeraõ-se tambem pela mesma ordem moedas, meyas moedas, e quartos de ouro, do que se trazia da Costa de Africa, e do que se costumava colher de lavagem na Regiaõ de S. Paulo, e de varias pessas antigas de feitios inuteis, que seus donos mandaraõ desfazer. As primeiras tem de pezo duas oitavas e vinte grãos, com o valor, e cunho de quatro mil reis; as segundas, huma oitava, e dez grãos, com o valor, e cunho de dous mil reis; as terceiras, e ultimas com o cu-

 nho,

nho, e valor de mil reis, e pezo de quarenta e hum grãos. Tem de huma parte as Armas Reaes; no lado direito o cunho, no esquerdo as flores, e em torno da circunferencia as letras PETRUS. II. D. G. PORTUG. REX. da outra parte huma Cruz sem lisonjas, rodeada de hum circulo em fórma de Cruz rematado com ellas, e pela circunferencia as letras ET. BRASILIÆ. DOMINUS. e os annos em que foraõ feitas.

Preço, pelo qual se pagaraõ às partes os marcos de prata, e de ouro.

14 Nesta fórma, e com este valor intrinseco, e extrinseco se lavraraõ as moedas de prata, e ouro provinciaes no Brasil, sahindo nas de prata o marco lavrado em dinheiro a sete mil e seis centos reis, e dando-se às partes a razaõ de sete mil e quarenta reis; nas de ouro o marco feito em moeda, a cento e doze mil e seis centos e quarenta reis, levando-o as partes pelo preço de cento e cinco mil e seis centos reis. Os quinhentos e sessenta reis, que ficavaõ de mais na prata, e os sete mil e quarenta reis no ouro, eraõ para a fabrica, e sallarios dos Officiaes, que pelo seu Regimento se lhes pagava, dimittindo de si ElRey a senhoriagem, em beneficio dos seus Vassallos do Brasil, por naõ haver nelle tanta copia de prata, nem terem ainda naquelle tempo abundado as enchentes de ouro, que hoje inundaõ por todo este Estado, e fazem as senhoriagens importantissimas à fazenda Real.

Concede ElRey às Provincias de Pernambuco, e Rio de Janeiro tambem Casa da moeda.

15 As Provincias do Rio de Janeiro, e de Pernambuco naõ querendo arriscar o seu ouro, prata, e dinheiro na ida, e volta das viagens da Bahia,

Bahia, naõ ſó pelo perigo das tormentas do mar, mas tambem pelo dos Piratas levantados, que infeſtavaõ as coſtas do Braſil, querendo obviar o naufragio, ou roubo, que podia acontecer, repreſentaraõ a ElRey, que por eſcuſar àquelles Povos alguma ruina neſtes juſtos receyos, que ſe deviaõ prevenir, foſſe ſervido concederlhes Caſa da moeda, para lá ſe lavrarem.

16 Attendendo ſua Mageſtade ao juſto temor do prejuizo, que podiaõ experimentar aquelles ſubditos na remeſſa dos ſeus cabedaes à Bahia, mandou, que fechada nella a Caſa, paſſaſſem as ſuas fabricas ao Rio de Janeiro, e depois a Pernambuco, ordenando ao Chanceller Superintendente, mandaſſe as inſtrucções, e ordens neceſſarias para ſe governarem os Miniſtros, que haviaõ de ſer Juizes Conſervadores da Moeda naquellas duas Provincias; o que executou depois de reduzidos a nova moeda provincial o dinheiro antigo, prata, e ouro, que houve para ſe desfazer na Bahia, e ſe fechou a Caſa no anno de mil e ſeis centos e noventa e oito, tendo laborado quatro.

Paſſa o Juiz della Joſeph Ribeiro ao Rio de Janeiro.

17 Paſſou Joſeph Ribeiro Rangel, Juiz da Moeda, com todos os Officiaes, engenhos, e inſtrumentos da fabrica della para o Rio de Janeiro, onde foy Juiz Conſervador o Deſembargador Miguel de Sequeira Caſtellobranco; e lavrado o dinheiro antigo, prata, e ouro, que naquella Provincia havia, para ſe reduzir à nova fórma, ſe tranſportaraõ os Officiaes com a fabrica à de Pernambuco, ſendo Juiz Conſervador da Caſa (que

A Pernambuco vay por Juiz o Ensayador Manoel de Sousa.

se assentou no Recife) o Ouvidor Geral, e Juiz da Moeda Manoel de Sousa, que fora Ensayador na Bahia, e no Rio de Janeiro, por se haver embarcado Joseph Ribeiro Rangel da Praça do Rio para Lisboa.

18 Todo o dinheiro velho, prata, e ouro, que pode desfazerse em Pernambuco, se reduzio à nova moeda, e todas as que se lavraraõ nas duas referidas Provincias, tem a mesma fórma, pezo, cunho, e valor das da Bahia, pondoselhes de huma parte nas do Rio de Janeiro hum R, e hum P nas de Pernambuco; e concluîdo no Brasil este lavor, se fecharaõ nelle as Casas da moeda, até que com os novos descobrimentos das Minas de ouro do Sul, se mandaraõ outra vez abrir no Rio, e na Bahia, como em seu lugar diremos.

Invento da polvora.

Os estragos, que causa.

19 O invento da polvora, ingrediente do inferno, que para estrago do genero humano introduzio no Mundo o demonio por maõ de hum Frade Tudesco, no decimo quarto seculo, consistindo desde entaõ o mayor furor da guerra em fogo material conficionado, e artificioso, parecendo, que já naõ reyna tanto nas campanhas Marte, como Vulcano, pois ao tiro de hum canhaõ, e de hum mosquete, fariaõ pouca resistencia a clava de Hercules, e a espada de Roldaõ, fez preciso, que o salitre, de que ella se compoem, o mandem conduzir de partes distantes os Principes, que o naõ tem nos seus Dominios.

20 Sendo informado o Serenissimo Senhor Rey D. Pedro, que no Brasil, e principalmente no

no Certaõ da Bahia, ſe achavaõ minas delle em copia, e qualidade iguaes às de Aſia, e a menos cuſto, e dilaçaõ, do qual podia abundar toda a ſua Monarchia, encarregou ao Governador, e Capitaõ Geral D. Joaõ de Lancaſtro, foſſe em peſſoa àquella parte, onde ſe affirmava, que as havia, e trazendo de Portugal eſta commiſſaõ, depois de eſtabelecida a Caſa da moeda, e de dar expediente a outros negocios do Eſtado, ſahio da Cidade da Bahia a eſta importante diligencia, no anno de mil e ſeis centos e noventa e cinco.

Manda ElRey no deſcobrimento do ſalitre a D. Joaõ de Lancaſtro.

Parte da Cidade da Bahia.

Anno de 1695.

21 Embarcou para a Villa da Cachoeira, acompanhado de muita gente, com todos os Officiaes da fabrica do ſalitre, inſtrumentos para o tirar, e beneficiar, e com peſſoas praticas do terreno, que havia de correr, noticioſas das minas, que hia buſcar, fazendo com eſta comitiva grandes gaſtos, para cuja deſpeza lhe mandou dar ElRey huma groſſa ajuda de cuſto. Do porto daquella Villa caminhou ao Seminario de Belem, ſitio onde o eſperava o comboy, que mandara prevenir. Com pouca detença marchou ao Jacarê, e dalli a S. Joſeph das Tapororocas, de donde foy à Mata, aos Tocôs, à Pinda, ao Papagayo, ao Rio do Peixe, ao Tapicurû, (rio caudaloſo) à Serra do Tehû, a outro Tapicurû, chamado Merîn, (tambem rio famoſo, mas de menor corrente) e paſſou à Serra da Jacobina, onde refez o comboy, e continuando a marcha pelos campos daquella Povoaçaõ, (hoje Villa) pelos de Terijô, e pela Varnha Seca, chegou às minas do ſalitre, que chamaõ de Joaõ Martins.

Vay por mar à Cachoeira, de donde principia a jornada.

No

Acha minas de salitre.

22 No referido sitio se cavou, e colheo salitre mineral, e fazendo-se as experiencias, se achou ser bom na qualidade; porém as minas mais permanentes, que abundantes. Neste exame se deteve D. Joaõ de Lancastro alguns dias, e depois partio para outras, chamadas de Joaõ Peixoto; e feitas as mesmas experiencias, resultaraõ os proprios effeitos, achando salitre igual ao outro na bondade, e na copia. Dalli partio para o Rio Pauquî a hum sitio, que chamaõ dos Abreus, em cujas minas se achou salitre em mais quantidade, e da mesma qualidade; ultimamente foy a outras minas, que se dizem do Serraõ, e do exame se colheo o mesmo effeito, e se fez o proprio juizo. Com estas experiencias, e noticias voltou D. Joaõ de Lancastro para a Cidade da Bahia, tendo rodeado mais de cento e cincoenta legoas de terra, e abrindo novos caminhos para atalhar mayores distancias.

Sua qualidade, e importancia.

Voltou o Governador para a Bahia.

Torna a mandar às minas: tiraõ-se fardos de salitre.

23 Naõ perdeo D. Joaõ a esperança de poderem ser uteis, e convenientes as referidas minas; e depois de ter voltado para a Cidade, mandou tirar salitre, das que o tinhaõ em mais abundancia, ou ficavaõ menos apartadas; diligencia, a que foy por sua ordem o Coronel Pedro Barbosa Leal, e assistindo nellas com cuidado, e despeza propria, tirou algum salitre, que por vezes remetteo em fardos de couro à Bahia; porém vindo a conhecerse, que pelos dilatados longes, pelas asperezas dos caminhos, faltos de mantimentos para os que os haviaõ de cursar, e conduzir o salitre, sahia muy

muy caro à fazenda Real, e de immenſa fadiga aos conductores, (naõ ſendo a copia capaz de recompenſar com ventagem a deſpeza, nem ainda de a ſatisfazer) ſe colheo o deſengano da inutilidade dellas, para ſe naõ fabricarem; reſoluçaõ, que foy ſervido mandar ElRey, vendo o ſalitre, que o Governador lhe enviou, e pelos aviſos, que lhe fez.

Deſengano da pouca utilidade, e rendimento dellas; e ſe deſiſte de as fabricar.

24 Governava a Provincia de Pernambuco Caetano de Mello de Caſtro, e ſendo quaſi irremediavel o damno, que aquelles moradores experimentavaõ dos negros dos Palmares, (cuja extinçaõ era empreza já reputada por taõ difficil, que muitos dos ſeus anteceſſores no poſto a naõ intentaraõ) elle a emprehendeo com valor, e a conſeguio com fortuna. He preciſo darmos noticia da condiçaõ, e principio daquelles inimigos, da origem do Povo, ou Republica, que eſtabeleceraõ, das Leys com que ſe governaraõ, e dos damnos, que pelo curſo de mais de ſeſſenta annos nos fizeraõ nas Villas do Porto do Calvo, das Alagoas, de S. Franciſco do Penedo, e em todas as ſuas Povoações, e deſtrictos, e até em outros menos diſtantes da Cidade de Olinda, Cabeça daquella Provincia, e dos males, que cauſaraõ aos ſeus habitadores, ſendo ainda mayores na execuçaõ, que no temor continuo, em que viviaõ de ſerem inopinada, e repentinamente acometidos com frequentes aſſaltos, e perda das vidas, fazendas, e lavouras.

Guerra dos Palmares.

25 Quando a Provincia de Pernambuco eſ-

tava

tava tyrannizada, e poſſuida dos Hollandezes, ſe congregaraõ, e uniraõ quaſi quarenta negros do Gentio de Guinê, de varios Engenhos da Villa do Porto do Calvo, diſpondo fugirem aos Senhores, de quem eraõ eſcravos, naõ por tyrannias, que nelles experimentaſſem, mas por apetecerem viver iſentos de qualquer dominio. Com ſegredo (entre eſta Naçaõ, e tanto numero de peſſoas, poucas vezes viſto) diſpuzeraõ a fuga, e a executaraõ, levando comſigo algumas eſcravas, eſpoſas, e concubinas, tambem cumplices no delicto da auſencia, muitas armas differentes, humas, que adquiriaõ, e outras, que roubaraõ a ſeus donos na occaſiaõ em que fugiraõ. Foraõ rompendo o vaſtiſſimo Certaõ daquella Villa, que acharaõ deſoccupado do Gentio, e ſó aſſiſtido dos brutos, que lhes ſerviraõ de alimento, e companhia, com a qual ſe julgaraõ ditoſos, eſtimando mais a liberdade entre as feras, que a ſogeiçaõ entre os homens.

Origem daquella Povoaçaõ de negros fugitivos.

26 Nos primeiros annos eſte fogo, que ſe hia ſuſtentando em pequenas brazas, para depois creſcer a grande incendio, naõ cauſou damno puplico, mas ſó o particular da perda dos eſcravos, que ſeus donos naõ poderaõ deſcobrir, por naõ ſaberem a parte em que ſe alojavaõ daquelles eſpeſſos, e dilatados matos, onde ainda entaõ os fugitivos ſó attendiaõ a ſuſtentarſe das caças, e frutas ſylveſtres do terreno inculto, e naõ ſahiaõ delle mais, que a levar a furto de algumas fazendas menos apartadas as plantas de mandioca, e outras

outras ſementeiras, para darem principio às ſuas lavouras, tomando-as com força, ſe achavaõ reſiſtencia, e ſem ella, ſenaõ encontravaõ oppoſiçaõ; porém era já notorio eſte receptaculo por todas aquellas partes, de donde o hiaõ buſcar outros muitos negros, e alguns mulatos cumplices em delictos domeſticos, e publicos, fugindo ao caſtigo dos Senhores, e da Juſtiça, e os recebiaõ os negros dos Palmares, pondo-os no ſeu dominio.

Juntaõſelhes alguns delinquentes tambem eſcravos.

27 Creſcia o poder dos negros com eſtes ſoccorros dos fugitivos, que ſe lhes hiaõ juntando, para fazerem aos Povos de Pernambuco os damnos, que experimentaraõ os de Roma na guerra ſervil, quando juntando-ſe poucos eſcravos gladiatores, e aggregando a ſi muitos homens facinoroſos, cauſaraõ tantos eſtragos na propria Cabeça daquella nobiliſſima Republica. Além dos filhos, que lhes naſciaõ, entendendo os negros, que para mayor propagaçaõ, e augmento do Povo, que fundavaõ, lhes eraõ preciſas mais mulheres, trataraõ de as haver ſem a induſtria, com que os Romanos as tomaraõ aos Sabinos, mas ſó com a força, entrando pelas fazendas, e caſas dos moradores daquellas Villas, Povoações, e deſtrictos, e levando negras, e mulatas do ſerviço domeſtico, e das lavouras. Roubavaõ aos Senhores dellas os veſtidos, roupas, e armas, que lhes achavaõ, ameaçando violarlhes as mulheres, e filhas, ſe as naõ remiaõ a dinheiro, ou outras dadivas, que ſe lhes offertavaõ promptamente, deſpre-

Guerra ſervil dos eſcravos em Roma.

Vay produzindo, e trataõ de buſcar mais mulheres.

Hoſtilidades, que fazem.

Ooo zando

zando ſempre os Portuguezes o cabedal pela honra, a qual lhes ficava intacta a indultos da moeda, e da nobreza, que naõ deixavaõ de reſpeitar nas peſſoas, em quem a reconheciaõ, tanto que ficavaõ aproveitados dos deſpojos, que colhiaõ, e com elles voltavaõ ricos para o ſeu Paiz.

28 Augmentados com o tempo em numero de gente, foraõ penetrando mais os Certoens, e deſcobertos ampliſſimos campos, os repartiraõ pelas Familias, que pondo-os em cultura, faziaõ mais rica, e dilatada a ſua juriſdicçaõ; e ſem a eſpeculaçaõ de Ariſtoteles, e de Plataõ nas ſuas Republicas eſcritas, nem as Leys promulgadas na de Athenas por Sólon, na de Lacedemonia, ou Sparta por Licurgo, na de Creta, ou Candia por Minos, e nas de Roma, Carthago, e Egypto por Numa, Charonda, e Triſmigiſtro.

Formaõ huma Republica com ſeu Principe electivo, mas por toda a vida.

29 Formaraõ nos Palmares huma Republica ruſtica, e a ſeu modo bem ordenada. Elegiaõ por ſeu Principe, com o nome de Zombî (que no ſeu idioma val o meſmo, que diabo) hum dos ſeus varoens mais juſtos, e alentados; e poſto que eſta ſuperioridade era electiva, lhe durava por toda a vida, e tinhaõ acceſſo a ella os negros, mulatos, e meſtiços (iſto he, filhos de mulato, e negra) de mais recto procedimento, de mayor valor, e experiencia, e naõ ſe conta, nem ſe ſabe, que entre elles houveſſem parcialidades por competencias de merecimento, ou ambiçaõ de dominio, nem que mataſſem hum para enthronizar outro, concorrendo todos ao eleito com obedien-

Uniaõ, que tem na ſua obediencia.

cia,

cia, e uniaõ; Polos, em que ſe ſuſtentaõ os Imperios.

30 Tinhaõ outros Magiſtrados de juſtiça, e milicia, com os nomes das ſuas terras. Eraõ entre elles delictos caſtigados inviolavelmente com pena de morte o homicidio, o adulterio, e o roubo, porque o meſmo, que com os eſtranhos lhes era licito, ſe lhes prohibia entre os naturaes. Aos eſcravos, que por vontade ſe lhes hiaõ juntar, concediaõ viverem em liberdade; os que tomavaõ por força, ficavaõ cativos, e podiaõ ſer vendidos. Tinhaõ tambem pena capital aquelles, que havendo ido para o ſeu poder voluntarios, intentaſſem tornar para ſeus Senhores. Com menor rigor caſtigavaõ aos que ſendo levados por força, tiveſſem o meſmo impulſo. Deſtes ſeus Eſtatutos, e Leys eraõ as ordenações, e volumes as ſuas memorias, e tradições conſervadas de pays a filhos, vivendo já no tempo, em que lhe fizemos a guerra os ſegundos, e terceiros netos dos primeiros rebeldes, conſervando-ſe neſta fórma em temor, e apparente juſtiça.

Inſtituem Leys.

Subſtancia dellas.

31 Andavaõ como nas ſuas terras, ſem cobrirem mais, que as partes, que a modeſtia manda occultar, excepto alguns principaes de ambos os ſexos, que veſtiaõ as roupas, que roubavaõ, ou faziaõ de fazendas, e panos, que tambem colhiaõ nas prezas, que executavaõ. De Catholicos naõ conſervavaõ já outros ſinaes, que o da Santiſſima Cruz, e algumas orações mal repetidas, e meſcladas com outras palavras, e ceremo-

Fórma em que andavaõ.

Na Religiaõ eraõ Chriſtãos ſciſmaticos.

nias por elles inventadas, ou introduzidas das ſuperſtições da ſua Naçaõ; com que ſenaõ eraõ idolatras, por conſervarem ſombras de Chriſtãos, eraõ ſciſmaticos, porque a falta dos Sacramentos, e Miniſtros da Igreja, que elles naõ buſcavaõ pela ſua rebeliaõ, e pela liberdade dos coſtumes, em que viviaõ, repugnantes aos preceitos da noſſa Religiaõ Catholica, os excluhia do conſorcio, gremio, e numero dos fieis.

Confederações, que por temor tinhaõ com elles alguns moradores.

32 Alguns moradores daquelles deſtrictos, por temerem os damnos, que recebiaõ, e ſegurarem as ſuas caſas, Familias, e lavouras dos males, que os negros dos Palmares lhes cauſavaõ, tinhaõ com elles ſecreta confederaçaõ, dandolhes armas, polvora, e balas, roupas, fazendas de Europa, e regalos de Portugal, pelo ouro, prata, e dinheiro, que traziaõ do que roubavaõ, e alguns viveres, dos que nos ſeus campos colhiaõ, ſem attençaõ às graviſſimas penas, em que incorriaõ, porque o perigo preſente os fazia eſquecer do caſtigo futuro; e achando-ſe em varias devaças, que ſe tiravaõ, culpados deſte crime alguns, e por elle punidos, ſe naõ eſcarmentavaõ os outros, que a todo o riſco conſervavaõ eſte trato occulto, e em virtude delle ficavaõ ſeguras as ſuas caſas, e andavaõ os ſeus eſcravos pelas partes, a que os enviavaõ com os ſalvos conductos, que recebiaõ dos inimigos em certos ſinaes, ou figuras, que reſpeitavaõ os ſeus Capitães, e Soldados, para os deixarem paſſar livres.

Caſtigaõ-ſe eſtes tratos, ſendo deſcobertos.

33 A calamidade, que padecia Pernambuco com

com esta oppressaõ dos Palmares, viaõ, e naõ podiaõ remediar os Governadores daquella Provincia, sem terem para os expugnar, e extinguir o poder, que requeria a empreza, já reputada por grande pelas informações, que davaõ alguns escravos, que sendo levados violentamente, viviaõ forçados, e tiveraõ a fortuna de lhes escapar, e tornar a seus donos. Encareciaõ o grande numero de gente, que tinhaõ produzido, os valerosos guerreiros, com que se achavaõ, a destreza com que jugavaõ todo o genero de armas, a fortissima muralha da sua circunvalaçaõ, a abundancia dos mantimentos, que colhiaõ; cousas, que mostravaõ poderem aquelles inimigos resistir hum largo assedio, e frustrar o impulso das nossas armas, e tudo conduzia a perder a esperança de os expugnar, causa, pela qual, o que obravaõ os Governadores da Capitanîa, era só dobrarem as penas aos que os communicassem, e pôr em certos sitios algumas estancias com gente, que lhes resistisse o transito, opposiçaõ incompetente à força do seu grande poder.

Naõ podiaõ os Governadores combater aos inimigos.

Informaçaõ, que daõ alguns escravos, que lhes fugiraõ.

34 Porém o Governador Caetano de Mello de Castro, julgando generosamente, que das mais arduas emprezas se colhem os applausos mayores, tomou esta com tanto empenho, que veyo a darlhe glorioso fim. Escreveo ao Governador, e Capitaõ Geral D. Joaõ de Lancastro, dandolhe conta da sua determinaçaõ, e pedindolhe ordenasse ao Paulista Domingos Jorge, Mestre de Campo dos Paulistas, (assim chamaõ commummente aos filhos

O Governador Caetano de Mello se resolve a fazerlhes guerra.

Dá conta ao Governador Geral, que manda marchar o Mestre de Campo dos Paulistas à Vila do Porto do Calvo.

filhos da Regiaõ de S. Paulo) que com o ſeu Terço, que reſidia no Certaõ da Bahia, marchaſſe para o Porto do Calvo, onde ſe havia de juntar o Exercito da gente, que determinava enviar de Olinda, e do Recife, e das Ordenanças das Villas mais prejudicadas, e menos diſtantes dos Palmares. D. Joaõ de Lancaſtro, a quem ſó agradavaõ os impulſos grandes, lhe approvou eſte, e ordenou ao Meſtre de Campo Domingos Jorge, que com a mayor brevidade caminhaſſe para aquella empreza ao Porto do Calvo; o que executou com muita preſteza, marchando com os ſeus Indios, Capitães, e Officiaes para aquella Villa.

Parte o Pauliſta, e ſe encaminha aos Palmares.

35 Do Pinhancô, onde tinha a ſua eſtancia, caminhou com toda a ſua gente de guerra, que ſeriaõ mil homens, e atraveſſando o Urubâ, quiz de caminho dar primeiro viſta aos Palmares, por reſiſtar a Fortificaçaõ dos inimigos, conſeguir alguma facçaõ, e ganhar a primeira gloria, fazendo o ingreſſo àquella guerra; mas aconteceolhe o contrario do que imaginava, porque alojando nos Garanhûs de fronte da Fortificaçaõ, ao terceiro dia da ſua aſſiſtencia, andando os ſeus Soldados divertidos em colher os frutos de hum bananal dos negros, ſahio da ſua Fortificaçaõ hum grande eſquadraõ delles, e acometendo aos Pauliſtas, que ſe ordenaraõ naquelle repente com a melhor fórma, que poderaõ, ſe travou huma batalha, em que morreraõ de ambas as partes mais de quatro centas peſſoas, ficando feridas outras tantas; e ſeria mayor o eſtrago dos Pauliſtas, ſe reconhe-

Recebe dos negros huma rota, morrendo muitos de ambas as partes.

reconhecendo deſigual o ſeu partido ao numero dos inimigos, ſe naõ foraõ com muito valor, e diſpoſiçaõ retirando para o Porto do Calvo, onde acharaõ o Exército, que o Governador tinha enviado àquella Villa.

Exercito, que envia o Governador de Pernambuco.

36 Conſtava de tres mil homens, que pode juntar de Olinda, do Recife, das Villas, e Povoações mais viſinhas, de muitas peſſoas ricas, que voluntariamente quizeraõ ir naquella expediçaõ, impelidos do proprio valor, e da vingança, que eſperavaõ tomar daquelles inimigos pelos damnos, que lhes haviaõ cauſado, e de algumas Companhias mais luzidas, que haviaõ nos dous Terços de Infanteria paga de Pernambuco. De todo o Exercito nomeou por Cabo, com o poſto de Capitaõ môr, a Bernardo Vieira de Mello, que da ſua fazenda das Pindobas conduzindo muita gente armada, ſe fora offerecer ao Governador para aquella campanha, e conquiſta. Era homem nobre, e valeroſo, experimentado na guerra dos negros, havendo logrado algum tempo antes o feliz ſucceſſo de hum choque, em que degollou, e cativou hum grande troço delles em huma das eſtancias, em que eſtivera, para reprimir as ſuas invaſoens; cauſas, pelas quaes Caetano de Mello o elegeo para governar aquella empreza.

Cabo do noſſo Exercito.

Soccorro da gente das Alagoas, do Penedo, e outras principaes peſſoas, que ſe lhes juntaõ.

37 Juntaraõ-ſe mil e quinhentos homens das Villas das Alagoas, de S. Franciſco do Penedo, das Povoações de S. Miguel, e Alagoas do Norte, debaixo da conducta do Sargento môr Sebaſtiaõ

Dias.

Dias. Chegaraõ ao Porto do Calvo, onde eſtavaõ já promptos o ſeu Alcaide môr Chriſtovaõ Lins de Vaſconcellos, o Capitaõ môr Rodrigo de Barros Pimentel, o Coronel da Nobreza Chriſtovaõ da Rocha Barboſa, com todas as peſſoas principaes, e Ordenanças daquella nobiliſſima Villa, e compoſto o Exercito de toda eſta Infanteria, que chegava ao numero de ſeis mil homens, com militar pompa, feſtivo alvoroço, e todos os mantimentos preciſos para a continuaçaõ de hum largo aſſedio, marcharaõ para os Palmares.

Deſcripçaõ dos Palmares, e da Povoaçaõ dos negros.

38 Eſtaõ os Palmares em altura de nove graos do Norte, no terreſtre continente das Villas do Porto Calvo, e das Alagoas, em quaſi igual diſtancia de ambas, porém mais proximos à primeira. O nome tiveraõ depois, que os negros os poſſuîraõ pelas muitas palmeiras, que lhes plantaraõ. Comprehendia mais de huma legoa em circuito a ſua Povoaçaõ, cuja muralha era huma eſtacada de duas ordens de paos altos, lavrados em quatro faces, dos mais rijos, incorruptiveis, e groſſos, que ha naquelles grandes matos, abundantiſſimos de portentoſos troncos. Tinha a circunvalaçaõ tres portas da meſma fortiſſima madeira, com ſuas platafórmas em cima, todas em iguaes diſtancias, e cada huma guardada por hum dos ſeus Capitães de mayor ſuppoſiçaõ, e mais de duzentos Soldados no tempo da paz, porém neſta guerra guarnecidas todas do mayor poder das ſuas forças.

39 Por varias partes daquella circunferencia

cia havia baluartes da propria fabrica, e fortaleza. O Paço do ſeu Zombî era toſcamente ſumptuoſo na fórma, e na extenſaõ; as caſas dos particulares ao ſeu modo magnificas, e recolhiaõ mais de vinte mil almas de ambos os ſexos, as dez mil de homens capazes de tomar armas. As que jugavaõ, eraõ de todos os generos, aſſim de fogo, como eſpadas, alfanges, frechas, dardos, e outras arrojadiças. Havia dentro na ſua Povoaçaõ huma eminencia elevadiſſima, que lhes ſervia de atálaya, e depois lhes foy voluntario precipicio; della reſiſtavaõ com longa viſta, por dilatados horizontes, muita parte das Villas, e lugares de Pernambuco. Tinhaõ huma alagoa, que lhes dava copioſo peixe, muitos ribeiros, e poços, a que chamaõ Cacimbas, de que tiravaõ regaladas aguas. Fóra tinhaõ grandes culturas de pomares, e lavouras, e para as guardar, fizeraõ outras pequenas Povoações, chamadas Mocambos, em que aſſiſtiaõ os ſeus mais fieis, e veteranos Soldados.

Obras da natureza, e do artificio naquelle terreno.

Chega o noſſo Exercito.

40 Chegou o noſſo Exercito, e caminhando a desfrutar aquellas Quintas, ou fazendas, as achou já ſem frutos, nem legumes, porque os inimigos, com militar diſcurſo, colheraõ todos os que eſtavaõ ſazonados, prevenindo-ſe para o cerco, e deſtruiraõ os que no curſo delle podiaõ amadurecer, e ſervir à noſſa gente; e abandonando os Mocambos, ſe recolheraõ dentro da circunvalaçaõ da ſua muralha, unindo nella todo o ſeu poder, com eſperanças firmes de triunfar do noſſo, que tantos annos os tinha tolerado, eſtan-

do elles na poſſe de naõ ſerem na ſua fortificaçaõ acometidos.

Fórma, que toma.

41 Dividido o noſſo Exercito em varias eſtancias, ſe poz na porta do meyo o Capitaõ mór Bernardo Vieira de Mello; a do lado direito encarregou ao Meſtre de Campo dos Pauliſtas Domingos Jorge; e a do eſquerdo ao Sargento mór Sebaſtiaõ Dias; os outros Cabos foy pondo em torno da muralha; por muitas partes della ſe puzeraõ eſcadas, que levavaõ prevenidas; mas ſobindo por ellas, eraõ logo rechaçados pelos inimigos, aſſim com armas de fogo, e frechas, diſparadas dos baluartes, como de agua fervendo, e brazas accezas, lançadas pela eſtacada, de que recebiaõ os noſſos muitas mortes, e feridas, pagando-as no meſmo troco aos inimigos, que podiaõ deſcobrir por qualquer daquelles lugares, repetindolhes os aſſaltos por todas as partes, para os trazerem em taõ continua fadiga, e deſvelo, que lhes podeſſem enfraquecer o animo, e embaraçar a diſpoſiçaõ.

Combate inceſſantemente por muitos dias a fortificaçaõ.

42 Continuando-ſe por muitos dias os combates, foy faltando aos negros a polvora, que naõ podia ſer muita, pois ſó tinhaõ a que dos moradores ſeus confederados alcançaraõ, antes de ſe lhes mover a guerra, da qual naõ tendo taõ anticipada noticia, como lhes era preciſa, para recolherem os mantimentos neceſſarios a hum dilatado cerco, já nelles experimentavaõ tambem diminuiçaõ, mas naõ na ſua conſtancia, que ſe augmentava com a porfia do noſſo Exercito, ſobre o qual

o qual diſparavaõ tantas nuvens de frechas, e tal chuveiro de armas arrojadiças, que faziaõ parecer eſcuſadas as balas. A todas reſiſtia a noſſa gente; porém havendo batido as muralhas, e portas inceſſantemente com grande copia de fortiſſimos machados, e outros inſtrumentos, ſem effeito algum, e com perda de muita gente, pediraõ ao Governador Caetano de Mello de Caſtro ſoccorro de Soldados, e peças de artilheria, entendendo, que ſem ellas ſeria impoſſivel romper a fortificaçaõ dos inimigos.

Reſiſtencia dos negros.

43 A eſte aviſo reſpondeo o Governador, que ficava convocando gente, e diſpondo a carruagem da artilheria para ir em peſſoa ſoccorellos; mas eſta noticia naõ fez ceſſar nos combates o noſſo Exercito, à cuſta dos muitos perigos, e diſcommodos, que experimentava, anhelando conſeguir aquella empreza, que quanto mais difficil, lhe ſeria mais glorioſa, poſto que conhecia carecer de mayores forças, e ſerem preciſos canhoens para bater a muralha. Fazia prevenções de viveres, por ſe lhe irem acabando os que trouxera, e já eraõ as rações inferiores à neceſſidade dos Infantes, dimittindo os Cabos as proprias aventajadas porções, que aos ſeus poſtos eraõ devidas, em beneficio dos ſeus Soldados.

Reſpondeo o Governador ao aviſo, que ſe lhe faz pedindo ſoccorro.

44 Hiaõ afrouxando os negros, faltos já das armas, que lançavaõ, e dos mantimentos, que conſumiaõ, naõ podendo recorrer aos campos, que eraõ os ſeus celleiros, para levarem os de que mais ordinariamente ſe ſuſtentavaõ, e ſó ſe mantinhaõ

Vaõ afrouxando os negros por falta de mantimentos.

tinhaõ na eſperança de que o noſſo Exercito naõ podia permanecer muito tempo no aſſedio, pela diminuiçaõ da gente, em que ſe achava, e pelos diſcommodos, que padecia, pouco coſtumados os homens, depois da guerra dos Hollandezes, a reſiſtir às inclemencias do tempo nas campanhas, além de lhes ficarem muy diſtantes as conducções dos viveres, de que já entendiaõ, que experimentavaõ falta, diſcurſos, em que fundavaõ a ſuppoſiçaõ de que ſe lhes levantaria brevemente o ſitio; porém logo o ſucceſſo, que naõ premeditaraõ, lhes moſtrou o contrario do que preſumiraõ.

Soccorro de viveres, que vem ao noſſo Exercito, e deſanimaõ-ſe os negros.

45 Da ſua eminencia, ou atalaya viraõ iremſe cobrindo os campos de gado mayor, e menor, de carros, e cargas de cavallos, que das Villas do Penedo, das Alagoas, e da Povoaçaõ de S. Miguel caminhavaõ ao noſſo Exercito em hum grandiſſimo comboy, que lhes chegava, de que começaraõ a inferir os negros a noſſa perſiſtencia, e a ſua ruina, e totalmente deſanimados, ſe empregavaõ mais no ſeu aſſombro, que na ſua defenſa, quando o noſſo Exercito com o ſoccorro dos mantimentos, e de alguma gente, que os acompanhava, ſe punha a baterlhes as portas da eſtacada com novo alento, e tal fortuna, que à força de machados, e braços lhe abrio o Sargento môr Sebaſtiaõ Dias a que lhe tocara, ao tempo que o Capitaõ môr Bernardo Vieira rompia a em que eſtava, de que fez aviſo ao Meſtre de Campo dos Pauliſtas, que reſidindo na outra muito

muito diſtante, acudio com incrivel preſteza a ſerlhe companheiro no perigo, e na gloria.

46 Entraraõ juntos, encontrando alguma reſiſtencia nos negros, inferior à que preſumiraõ; porque o ſeu Principe Zombî com os mais esforçados guerreiros, e leaes ſubditos, querendo obviar o ficarem cativos da noſſa gente, e deſprezando o morrerem ao noſſo ferro, ſobiraõ à ſua grande eminencia, e voluntariamente ſe deſpenharaõ, e com aquelle genero de morte moſtraraõ naõ amar a vida na eſcravidaõ, e naõ querer perdella aos noſſos golpes.

Entra a noſſa gente na fortificaçaõ.

Deſpenhaõ-ſe muitos negros da ſua eminencia.

47 Todos os outros, que ficaraõ vivos, com o grande numero de mulheres, e crianças, em prantos inconſolaveis, e clamores exceſſivos, ſe renderaõ. Muitos dias gaſtou a noſſa gente em diſcorrer pela Povoaçaõ, onde acharaõ muitos deſpojos pobres, ſendo o mais importante o das ricas armas de todo o genero, valeroſamente exercidas, com grande pulimento, e aceyo tratadas. Fizeraõ os Cabos logo no principio aviſo ao Governador Caetano de Mello de Caſtro, a quem os enviados acharaõ para partir no dia ſeguinte com o grande ſoccorro, que tinha junto no Recife, em que levava dous mil homens, e ſeis peças de artilheria. Recebeo a nova com publicas demonſtrações, lançando de Palacio dinheiro ao Povo, e fazendo depois Prociſſaõ ſolemne de acçaõ de graças; poſto que eſtimara mais ter parte na gloria da peleja, fim para que diſpuzera o ſoccorro, que eſtava para conduzir com a brevidade, com que o ſoube juntar.

Rendemſe os mais que ſe achaõ nella.

Chega ao Governador a nova do noſſo vencimento.

Fo-

Levaõ-ſe os negros ao Recife.

48 Foraõ levados ao Recife os negros; e tirando-ſe delles os quintos pertencentes a ElRey, os mais ficaraõ tocando aos Cabos, e Soldados, confórme as prezas, que fizeraõ quando entraraõ na ſua fortificaçaõ. Todos os que eraõ capazes de fugir, e ſe rebellar, os tranſportaraõ para as outras Provincias do Braſil, e alguns ſe remetteraõ a Portugal. As mulheres, e crianças, pelo ſexo, e pela idade livres daquella ſuſpeita, ficaraõ em Pernambuco.

Gloria do Governador Caetano de Mello, e ſeus empregos.

49 Eſte fim taõ util, como glorioſo teve a guerra, que fizemos aos negros dos Palmares, devendo-ſe naõ ſó o impulſo da empreza, mas os meyos da execuçaõ, ao valor, e zelo, com que Caetano de Mello de Caſtro governou a Provincia de Pernambuco, de cujo emprego por eſte, e outros ſerviços obrados na Ethiopia, ſendo General dos rios de Sena, ſahio com tantos creditos, e applauſos, que lhe grangearaõ o ſuperior lugar de Vice-Rey da India; cargo, que exerceo com grandes acertos, deixando em todas as referidas partes huma illuſtre memoria.

Anno de 1696.

Juizes Ordinarios, que até eſte tempo ſe elegiaõ na Bahia, e nas outras Capitanîas.

50 Haviaõ até o anno de mil e ſeis centos e noventa e ſeis na Camera da Bahia Juizes Ordinarios de vara vermelha, como nas outras Cameras das Provincias do Braſil; mas attendendo a ſer antigualha indecoroſa a huma Cidade, Cabeça de todo o Eſtado, que devia ter o predicamento das mayores do Reyno, em que ha Juizes de Fóra, e Corregedores das Comarcas, logrando já o Senado da Bahia por merce do Sereniſ-

ſimo

ſimo Senhor Rey D. Joaõ IV. em Proviſaõ de vinte e dous de Março de mil e ſeis centos e quarenta e ſeis, os proprios privilegios, que o da Cidade do Porto, que ſaõ os meſmos, que tem a Camera de Lisboa, creou a Mageſtade do Auguſtiſſimo Senhor Rey D. Pedro II. no anno de mil e ſeis centos e noventa e ſeis os referidos lugares, enviando por Ouvidor da Comarca (titulo, que coſtumaõ ter nas terras dos Meſtrados) ao Doutor Belchior de Souſa Villasboas, e por Juiz de Fóra ao Doutor Joſeph da Coſta Correa, pelos quaes dividío o Officio de Provedor dos defuntos, e auſentes, que andava em hum dos Miniſtros da Relaçaõ; e deſde entaõ ficaraõ ſendo os Juizes de Fóra Provedores dos auſentes na Cidade, e os Ouvidores na Comarca.

Novos lugares nella de Juizes de Fóra, e Ouvidores da Comarca.

51 Deſde eſte tempo deixaraõ de fazerſe por Pelouros as eleições dos Officiaes do Senado da Camera da Bahia, remettendo-ſe as pautas dos Eleitores ao Deſembargo do Paço, que ſe faz na Relaçaõ della, e em cada hum anno as alimpa, e eſcolhe os Vereadores, e Procurador, que haõ de ſervir nelle, que vaõ nomeando em Proviſaõ paſſada em nome delRey. Os novos Miniſtros, Ouvidor da Comarca, e Juiz de Fóra tiveraõ grande trabalho em eſtabelecer eſtes lugares, e entre ſi naõ poucas contendas ſobre a juriſdicçaõ, que a cada hum pertencia; pleitos, que ſe ajuſtaraõ, tomando-ſe conhecimento delles, e reſolvendo-ſe na Relaçaõ. A eſtes dous Miniſtros ſe concedeo acceſſo para os lugares da Relaçaõ da Bahia, tiradas

Nova fórma de eleições.

tiradas as ſuas reſidencias, e pelo bom procedimento, que tiveraõ nas ſuas occupações, foraõ premiados com a Toga de Deſembargadores della; porém nenhum dos ſeus ſucceſſores logrou ainda até o preſente eſta promoçaõ.

Juizes de Fóra introduzidos tambem em Pernambuco, e Rio de Janeiro.

52 Na Cidade de Olinda, Capital da Provincia de Pernambuco, e na de S. Sebaſtiaõ, principal da do Rio de Janeiro, introduzio tambem ElRey no meſmo anno o lugar de Juizes de Fóra aos de Ouvidores literarios, que já nellas haviaõ, e ſe ficaraõ fazendo as eleições dos Officiaes da Camera na fórma dos da Bahia; porém pela diſtancia, que ha deſtas àquellas Praças, foy concedida Proviſaõ de Sua Mageſtade, para os Governadores dellas em cada huma, com o Ouvidor, e Juiz de Fóra, limparem as pautas cada anno, e eſcolherem os Officiaes, que nelle haõ de ſervir, pelo detrimento, e mora, que haviaõ de experimentar em ſe enviarem ao Deſembargo do Paço da Bahia. Neſte proprio tempo mandou crear em a Cidade de S. Chriſtovaõ, Cabeça da Provincia de Serzipe, Ouvidor da profiſſaõ literaria, enviando a ella com eſte lugar ao Doutor Diogo Pacheco, como já tinha mandado crear o meſmo lugar na Provincia da Paraiba, pelo Doutor Diogo Rangel Caſtelbranco.

Ouvidores literarios na Cidades de Serzipe, e da Paraiba.

53 Depois creſcendo as Povoações de Pernambuco, e o numero dos ſeus habitadores, ficando alguns Povos muito diſtantes da Cidade de Olinda, que por eſte motivo experimentavaõ grandes diſcommodos em acudirem a ella com

as

as ſuas cauſas, ſupplicaraõ a ſua Mageſtade foſſe ſervido fazerlhes outra Comarca, dividindo em duas a juriſdicçaõ civil, e criminal deſta Provincia. A taõ juſto requerimento attendendo o Sereniſſimo Senhor Rey D. Pedro II. mandou crear outra Comarca na fórma, que pediaõ aquelles moradores, ordenando, que da nova foſſe Cabeça a Villa das Alagoas, e lhe foſſem ſogeitas para o Norte huma Povoaçaõ, chamada Alagoas do Norte, e a Villa do Porto do Calvo; e ao Sul a grande Povoaçaõ de S. Miguel, a Villa de S. Franciſco do Penedo, e os ſeus dilatados deſtrictos, elegendo primeiro Ouvidor ao Doutor Joſeph da Cunha Soares. Eſtes tres Miniſtros em premio do trabalho, com que crearaõ os referidos lugares, e do bem, que nelles procederaõ, occuparaõ os da Relaçaõ da Bahia.

A Provincia de Pernambuco ſe divide em duas Comarcas.

54 No Collegio dos Padres da Companhia de Jeſus da Cidade da Bahia faleceo no anno de mil e ſeis centos e noventa e ſete o Reverendiſſimo Padre Antonio Vieira, benemerito filho daquella Sagrada Religiaõ. O ſeu talento foy ainda mayor, que o ſeu nome, com o qual voou por todos os Emisferios a fama elevada pela ſua penna. Foy em Portugal Prégador dos ſeus Auguſtiſſimos Monarchas, e da Sereniſſima Rainha de Suecia em Roma, cuja Sagrada Curia o ouvio com admiraçaõ, e lhe reſpondera com o premio de altas dignidades, ſe a ſua Religioſa modeſtia o naõ obrigara a fugir entre os Eſtrangeiros das honras, e lugares, de que já ſe livrara entre os naturaes,

Anno de 1697.

Morte do Padre Antonio Vieira.

Seu Elogio.

onde achando na vida, e na posteridade as mayores estimações, saõ ainda inferiores as que tem entre as outras Nações, andando os seus escritos traduzidos, e venerados por todo o Mundo Catholico, com grande gloria do nome Portuguez.

Duvida, que houve entre Portugal, e o Brasil sobre serem Patria sua.

55 Muitos annos se duvidou da Regiaõ, em que nascera, passando a contenda desta incerteza entre Portugal, e o Brasil; e poderaõ appetecer a fortuna de Patria do Padre Antonio Vieira todas as Cidades do Mundo, como as de Grecia pleitearaõ o serem Patria de Homero; mas pela insigne Corte de Lisboa se declarou esta prerogativa, e foy justo, que produzisse ao mais famoso Orador huma Cidade, que fundara o Capitaõ mais eloquente; porém naõ deixou de ficar à da Bahia direito reservado para outra acçaõ, porque vindo a ella o Padre Antonio Vieira muito menino, pode litigar, se deve tanto a Portugal pela felicidade do Oroscopo, em que nasceo, como ao Brasil pela influencia do clima, em que se creou; se teve nelle mais dominio a força do Planeta, que o poder da educaçaõ; problema, ou ponto, sobre que disputaõ muitos Authores, mais a favor da creaçaõ, que do nascimento.

Reparo sobre a morte do Secretario de Estado, hum dia depois da de seu irmaõ, e da mesma enfermidade.

56 Cousa digna de reparo he, que Bernardo Vieira Ravasco, natural da Bahia, Secretario do Estado do Brasil, taõ perîto nesta occupaçaõ, como sciente em muitas Faculdades, irmaõ do Padre Antonio Vieira na natureza do sangue, e na subtileza do engenho, adoecesse ao mesmo tempo, e do mesmo achaque, que seu irmaõ; e fazendo

fazendo a enfermidade os proprios termos, e ſymptomas em ambos, morreſſem juntamente, o Padre Antonio Vieira primeiro, e Bernardo Vieira hum dia depois.

57 Se houveraõ naſcido os dous de hum parto, podera algum enganado Aſtrologo ſeguir a errada fantezia de Poſſidonio, que attribue nos gemeos eſta igualdade, por ſerem concebidos, e naſcidos na propria conſtellaçaõ de eſtrellas; ou algum Medico ſpeculativo ſentir com Hipocrates, que entende lhes naſcem eſtes effeitos da temperança dos corpos, ſemelhante em ambos, da diſpoſiçaõ corporal, em que ſe achavaõ os pays quando os geraraõ, de ſe haverem nutrido, e creado com os proprios alimentos, e com as meſmas aguas; porque ſe naõ daõ nos dous irmãos (naõ ſendo gemeos) tantas cauſas intrinſecas, externas, e accidentaes para eſta igualdade da natureza, ſenaõ foy, que para tal ſemelhança de effeitos baſtou a ſimpathia do amor.

Opinioens de Poſſidonio, e de Hipocrates.

58 Chegámos aos deſcobrimentos das portentoſas Minas do Sul, que em riqueza, fecundidade, e extençaõ, excedem às de Ofir, que tantas riquezas déraõ a Salamaõ, e taõ grande materia aos encarecimentos dos Eſcritores. Gerou o Sol nos embrioens da terra do Braſil a profuſa copia de ouro, que a natureza teve eſcondida immenſo tempo, para ſahir com numeroſos, e riquiſſimos partos no fim do ſeculo dezaſete da noſſa Redempçaõ, e cincoenta e oito da creaçaõ do Mundo, podendo ſer mais antiga, que a do

Minas de ouro na Regiaõ do Sul.

genero humano a deſte precioſo metal, pois ſendo operaçaõ do Principe dos Planetas, que Deos creou no quarto dia, deſde logo poderia (exiſtindo o ſeu vigor nos ſeus actos) produzir os ſeus effeitos dous dias antes do ſexto, em que o Senhor fez ao homem.

59 Quanto mais ſe dilatou, tanto mais puro ſahio. As pedras precioſas, que mais ſe detem em madurar nas minas, ſahem mais perfeitas; as arvores, que mais ſe demoraõ na producçaõ dos frutos, os daõ mais excellentes; e até a ſuperior de todas as Esféras celeſtes tem mais tardo, que as outras o ſeu movimento, a que os Aſtrologos chamaõ Trepidaçaõ.

Deſcripçaõ dellas, e alturas em que eſtaõ.

60 Eſtaõ as Minas do Ouro Preto, e do Morro debaixo do tropico de Capricornio, em altura de vinte e tres graos e meyo, e nella com pouca differença ficaõ todas as Minas geraes; humas para o Sul, e outras para o Norte, com mais, ou menos altura. Para o Sul as do Rio das Mortes, que em proporcionada fantezia eſtaõ em vinte e quatro graos, até vinte e quatro e meyo; entre eſtas, e as Minas geraes jazem algumas de menos importancia, como ſaõ as de Itatiaya, Itabaraba, e outros ribeiros, que por terem menos riqueza, tem menos nome. Para o Norte ficaõ as do rio das Velhas, Sabarabuſſû, Caetê, Santa Barbara, Cataſaltas.

Seus nomes.

61 Por todo o mato, que entre ellas ha, correm infinitos ribeiros de menor fama, e poderáõ ficar pela meſma fantezia em vinte e dous

graos

graos e meyo, pouco mais, ou menos. Mais ao Norte do rio das Velhas eſtaõ as do Serrofrio, que ficaõ em vinte e hum graos e meyo, e quiçà menos, onde ſe achaõ muitos ribeiros inferiores. Ainda mais ao Norte eſtaõ outras minas de pouco porte, chamadas Tocambira, que ficaõ em dezoito, ou dezanove graos, e todos os eſpaços de humas a outras ſe achaõ prenhes de ouro. Para o Occidente ficaõ as minas de Pitanguî com muitos ribeiros, que déraõ muito ouro, e ainda o eſtaõ lançando.

Anno de 1698.

62 Deſcobriraõ-ſe no anno de mil e ſeis centos e noventa e oito as Minas geraes, as do Ouro Preto, as do Morro, as do Ourobueno, as de S. Bartholomeo, Ribeiraõ do Carmo, Itâ Colomîs, Itatiaya, Itabirâ, e outras annexas, e os campos, em que ſe fabricaõ as Roças. Eſtas já nomeadas, e outras muitas mais deſcobriraõ os Pauliſtas. Alguns filhos do Reyno acharaõ ribeiros de menor valor, entre os já deſcobertos, e o ouro, que ſe tem colhido pelos montes ha poucos annos, deſcobriraõ os filhos de Portugal com os ſeus eſcravos.

Seu deſcobrimento, e ſeus deſcobridores.

63 A copia de ouro, que as Minas lançaõ das ſuas veas, he infinita, e o numero das arrobas, que dellas ſe tiraõ, quaſi impoſſivel ſaberſe para poder computarſe; mas he ſem duvida o mayor, que coſtuma produzir a terra nas partes do Mundo, em que o Sol as cria. He o ouro de grandes quilates, principalmente todo o que ſe tira nas Minas geraes, e algum de dentro do mato, que tem

Abundancia daquelle precioſo metal.

Os ſeus quilates mayores, e menores.

tem vinte e tres quilates, vinte e tres e meyo, vinte e tres e tres quartos, chegando algum a vinte e quatro. O ouro do rio das Velhas os tem inferiores, e muito menos o do rio das Mortes, porém geralmente nunca defcem de vinte e dous quilates.

Grãos, e folhetas, que dellas tem fahido, feus pezos, e feitios.

64 Os grãos, e folhetas, que fe tem tirado, faõ infinitos, e muy differentes no pezo, e feitio. Entre os muitos, que vieraõ à Bahia, chegou hum de cento e noventa e duas oitavas de pezo, e vifto ao longe, parecia huma maõ fechada. Outros de duzentas, e de trezentas, reprefentando varias fórmas, e figuras. Houve fama conftante, que fe achara hum de treze libras. Dos de pezos menores de vinte até cem, fe achou mayor quantidade. A fórma deftes grãos, e folhetas he difficil de explicarfe, porque huns faõ tofcamente redondos, e a eftes chamaõ grãos; outros faõ chatos, com mais, ou menos comprimento, e fe dizem folhetas; alguns ha muy crefpos, e com cracas, outros lifos, e no ouro menos groffo ha tambem a mefma fórma, fendo hum muito meudo, outro redondo, como grãos de moniçaõ, algum lifo, como pevides de melaõ, fem differença, e muito como lentilhas. Mas naõ he geral o acharfe fempre com eftas fórmas entre o ouro commum. Nos ribeiros mais ricos defte metal fe naõ acha ouro groffo, e onde ha grandes folhetas, ha menos ouro, porque he de manchas, e fe naõ encontra geralmente.

Modo com que fe tirava o ouro no principio do feu defcobrimento.

65 No principio do defcobrimento das Minas

nas ſe tirava o ouro, fazendo huma cova grande quadrada, com mais, ou menos regularidade, a que chamavaõ Cata; e tanto que chegavaõ a humas pedras, como ſeixos, chamados Caſcalhos, que eſtaõ aſſentadas na piſſarra, as desfaziaõ com alabancas, como quem deſmancha huma parede, e botando-o com hum ferro de feitio de hum ſacho de bico, a que chamaõ Almocafre, em huma bandeja de pao, de dous e meyo até tres palmos de boca, que das beiras vay eſtreitando em fórma pyramidal para o centro, a que chamaõ Batêa, o levaõ à agua, voltando nella a batêa para lançar as pedras fóra, e tantas voltas lhe daõ, até que aniquilando a terra, e as pedras, fica o ouro no fundo, ou centro da batêa, de donde o botaõ em huma bacia, e depois o enxugaõ no fogo para o guardar.

66 Quem tem poucos negros, e naõ lavra em terras proprias, os manda faiſcar, iſto he apanhar pelos campos, ou montes ouro, do que cahe aos que o vaõ tirar. Hoje já ſe naõ uſa muito de Catas, e ſe tira ouro por muy differente modo, porque metem aguas em cima dos montes cheos de ouro, que ha naquelles Paizes, e cavando, ou deſmontando (como lá ſe diz) a terra dentro da meſma agua, a leva de ſorte, que fica ſómente o caſcalho, em que eſtá o ouro, e eſte o lavaõ com a meſma agua em huma fórma de canoas, que fazem na piſſarra, e mechendo o caſcalho com o almocafre, aonde a agua eſtá continuamente cahindo, ſe vay aniquilando o caſcalho, porque a agua

Nova fórma com que de preſente ſe tira.

agua o leva, deixando o ouro. Outros carregaõ os caſcalhos, e os botaõ em huma canoa de pao aberta por diante, a que chamaõ Bolinete, e por huma bica eſtá continuamente cahindo agua, e mechendo o caſcalho, ou terra, que ſe lhe bota onde eſtá o ouro; vay diminuindo, e ſahindo a terra, ou caſcalho, e fica o ouro no fundo da canoa, na parte onde cahe a agua. O modo de tirar ouro com aguas por cima dos montes em canoas na piſſarra, e em bolinetes, foy invento dos filhos de Portugal.

Artur de Sà entaõ Governador do Rio de Janeiro, vay a ellas.

67 Quando ſe deſcobriraõ eſtas Minas, governava a Provincia do Rio de Janeiro Artur de Sá de Menezes, e convidado das riquezas, e abundancias de ouro taõ ſubido, foy a ellas mais como particular, que como Governador, pois naõ exerceo actos do ſeu poder, e juriſdicçaõ naquellas partes, fazendo-ſe companheiro daquelles de quem era ſuperior, e ſe recolheo para o ſeu Governo, levando moſtras, que o podiaõ enriquecer, poſto que da bondade do ſeu animo, e do ſeu deſintereſſe ſe póde preſumir, que foy a ellas menos por cobiça, que pela informaçaõ, que havia de dar a ElRey da qualidade das Minas, e da fórma, com que os ſeus deſcobridores as lavravaõ.

Anno de 1699.

68 Continuava o Governo geral D. Joaõ de Lancaſtro, quando chegou à Bahia a triſte noticia de huma das mais lamentaveis perdas, que tiveraõ Portugal, e o Braſil no ſeculo das ſuas mayores glorias. Naõ ha na vida goſtos, que dei-

Noticia laſtimoſa.

xem

xem de ſer tributarios aos ſentimentos, nem vida, que poſſa prometer durações no tempo. Em ſazaõ, e fóra della colhe os ſeus frutos a morte. Taõ diſtante lhe fica a elevaçaõ da ſoberania, como o profundo da humildade; ſempre he tyranna, porém algumas vezes tem mais circunſtancias de cruel. Tal ſe moſtrou no intempeſtivo, e mortal golpe, com que ferio, e proſtrou a Sereniſſima Senhora D. Maria Sofia Iſabela de Neoburgo, inclita, e Auguſtiſſima Rainha de Portugal.

Fragilidade da vida.

69 Faleceo aos quatro de Agoſto do anno de mil e ſeis centos e noventa e nove, havendo naſcido em ſeis do proprio mez no de mil e ſeis centos e ſeſſenta e ſeis, com poucos de duraçaõ, e de Reyno; porque trinta e tres de idade foraõ diminutos para a importancia da ſua vida, e doze de Imperio, breves para as felicidades da Monarchia. Contou em poucos luſtros as prerogativas pelos dias, e as virtudes pelas horas; naõ ſe auſentou ſem nos deixar firme a ſucceſſaõ Real, e brilhante a Esféra Portugueza, com huma conſtellaçaõ de muitas Eſtrellas, que reſplandecem em o noſſo hemisferio, paſſando a coroarſe no Empyrio, e deixando deſcendencia digna de todas as Coroas da terra.

Morte da Sereniſſima Senhora Rainha D. Maria Sofia Iſabela de Neoburgo.

Seu Elogio.

70 Foy filha do Sereniſſimo Principe Filippe Wilhelmo, Conde Eleitor Palatino, Duque de Neoburgo, e de outros dilatadiſſimos Eſtados, e Dominios, que poſſuiraõ ſeus altos Progenitores, Potentados Soberanos em Alemanha. Era filho

Sua ſoberana Genealogica Paterna.

do Sereniſſimo Principe Wolfango Wilhelmo, Duque de Neoburgo, e da Sereniſſima Princeza D. Magdalena, filha de Wilhelmo Duque de Baviera, contando Sua Alteza Eleitoral nos ſeus Soberanos avôs Paternos, e Maternos, pelas linhas Palatina, e Bavarica, muitos diademas, e Coroas Ducaes, e Imperiaes, que ſaõ as fontes da ſoberana Nobreza daquella nobiliſſima Regiaõ, Patria de Heroes famoſos, Principes grandes, e generoſos Monarchas.

Sua alta aſcendencia Materna.

71 Teve por mãy digniſſima a Princeza D. Iſabela Amelia Magdalena, filha do Sereniſſimo Principe Jorge Lantgrave de Haſſia, por cujas veas correo o ſangue dos mayores Potentados, e Soberanos de Alemanha, e pela Baronia Haſſiatica o de Ludovico o Pacifico, que recuſou a ſuprema Dignidade Imperial, em que fora eleito, e da Princeza D. Sofia Leonor de Saxonia, filha do Sereniſſimo Joaõ Jorge Duque de Saxonia, cujos altos Aſcendentes ſe intitularaõ Reys nos primeiros ſeculos até o nono, em que foy o ultimo Rey o grande Witikindo. A todo eſte compendio de Monarchas condecorou a noſſa Auguſtiſſima Rainha na vida, e na poſteridade, e dandolhe Deos em premio de innumeraveis virtudes mayor Imperio, a levou para ſi, deixando na ſua Monarchia a mais illuſtre memoria, e nos ſeus Vaſſallos as mais bem naſcidas lagrimas.

Anno de 1700.

Paſſa para o Reyno o Arcebiſpo D. Joaõ Franco de Oliveira.

72 Paſſou a Portugal no anno de mil e ſete centos D. Joaõ Franco de Oliveira, que deixou a Mitra Metropolitana do Braſil pela Dioceſana de

de Miranda. Era Clerigo do habito de S. Pedro, Biſpo de Angola, de donde foy promovido a eſta Metropoli, que governou oito annos (deſde o de mil e ſeis centos e noventa e dous) com muito fervor, e grande independencia. Foy Franco no apellido, e no animo, ſoccorrendo com tanta grandeza, como piedade, as ovelhas pobres do ſeu Arcebiſpado; todas achavaõ nelle abrigo, e correcçaõ, punindo as ſuas culpas com o proprio cuidado, com que acodia às ſuas neceſſidades. Fez hum governo plauſivel, e juſto, irmanando o rigor com o agrado de fórma, que os que recebiaõ delle os premios, ou os caſtigos, todos ficavaõ ſatisfeitos; taõ poderoſa he a Juſtiça quando ſe tempera com a brandura; por eſtas qualidades deixou tantas memorias, como ſaudades na Bahia.

Suas qualidades.

73 No meſmo anno chegou a ella Antonio de Saldanha por Capitaõ de Mar, e Guerra da nao Serea, para com o meſmo poſto na de noſſa Senhora de Betancurt, que eſtava no eſtaleiro, navegar a Goa a juntarſe com Henrique Jaques de Magalhaens, que hum anno antes tinha paſſado à India por General de huma Armada, expedida à reſtauraçaõ de Mombaça, Cidade na Ethiopia, em altura de tres graos ao Sul, que ganhámos no Virreinado de D. Franciſco de Almeida, e perdemos no de Antonio Luiz, eſtando já algum tempo antes do ſeu governo combatida, e ſitiada a noſſa Fortaleza por aquelles Mouros, que depois a tomaraõ. Eſte ſoccorro, que podia conduzirſe

Vem Antonio de Saldanha à Bahia para ir com ſoccorro della a Mombaça.

da Bahia, tinha facilitado a ElRey o Governador D. Joaõ de Lancaſtro, e aceitandolhe a propoſiçaõ, lhe ordenou, que o enviaſſe, e poſto, que D. Joaõ achaſſe mais difficuldades na execuçaõ das que imaginara no arbitrio, a todas ſuperou o ſeu zelo incançavel, e animo conſtante.

Junta gente, offerecemſe muitas peſſoas, de que ſe formaõ muitas Companhias.

74 Com o mayor fervor principiou a juntar gente, offerecendo-ſe voluntarias muitas peſſoas, aſſim das naturaes, como de partes diverſas. Grande numero de prezos, que ſe achavaõ com delictos, em que o exterminio podia ſer o menor caſtigo, pediraõ os enviaſſem naquella occaſiaõ para a India, querendo lograr naõ ſó o terem eleiçaõ do lugar do ſeu degredo, mas o alcançarem a gloria, que todos hiaõ buſcar. Muitos Soldados luzidos dos dous Terços do Preſidio, anhelando occaſioens de moſtrarem o ſeu valor, naõ quizeraõ perder eſta, e rogaraõ a D. Joaõ de Lancaſtro os enviaſſe naquelle ſoccorro. De toda eſta gente ſe formaraõ muitas Companhias, e a deſpeza de duas fez o Senado da Camera da Bahia, com a grandeza, e luzimento, com que coſtuma concorrer para todas as acções do ſerviço delRey, e augmento da Monarchia; e com as que trazia a nao Serea, de que vinha nomeado Joaõ da Maya da Gama por Capitaõ de Mar, e Guerra para acompanhar a nova nao naquelle ſoccorro, ſe fez hum numero grande de Soldados, Cabos, e Officiaes.

Lança-ſe a nao noſſa Senhora de Betancurt ao mar.

75 Lançou-ſe do eſtaleiro a nao com felicidade ao mar, onde ſe lhe fizeraõ as obras, que lhe

lhe faltavaõ para ſua cabal perfeiçaõ, e ficou hum dos mais fermoſos baixeis, que viraõ os mares da America, e Aſia. Trabalhava o Governador nos apreſtos de ambas, e da Infanteria, Cabos, e Officiaes com taõ generoſo animo, que ſem attençaõ à ſua Real aſcendencia, proveo a ſeu filho D. Rodrigo de Lancaſtro no poſto de ſegundo Capitaõ Tenente, de que ſe eſcuſara na Bahia, por naõ querer paſſar à India Antonio André, que de Lisboa viera provido nelle. Fazia toda a prevençaõ dos mantimentos para a viagem, e de todos os apreſtos para a expediçaõ, quando na manhãa de hum claro dia, por deſattençaõ, que houve em huma ſalva, ſe ateou o fogo em a nao Serea com taõ irremediavel incendio, que ſe naõ pode extinguir, porque pegando logo nas amarras, foy levando a nao para o meyo do golfo, lançando-ſe a nado alguns Marinheiros, e Officiaes nauticos, que nella ſe achavaõ.

Incendio em a nao Serea.

76 Andou vagando ſobre as ondas por toda a enſeada da Bahia, ardendo em chammas aquelle maritimo tronco, ou Ethna portatil, vomitando incendios, naõ ſobre a terra, mas ſobre os mares, e annunciando alguma fatalidade a conjunçaõ de dous contrarios elementos. Aſſim permaneceo, atè que de todo ſe abrazou. O contra tempo deſta perda cauſou ſentimento, naõ deſmayo, a D. Joaõ, que logo elegeo hum patacho de invocaçaõ Santa Eſcolaſtica, o melhor que havia no porto da Bahia, entaõ falto de embarcações, por haver partido a frota para Portugal, muito antes

Eſcolhe o Governador hum patacho, fazlhe muitas obras para ir em lugar da nao Serea.

antes de chegar a ordem para o ſoccorro de Mombaça. Fizeraõſelhe varias obras para a porem em fórma de nao de guerra, e capaz de artilheria groſſa, e da gente, com que havia de ſer guarnecida, e entregue ao referido Capitaõ de Mar, e Guerra Joaõ da Maya, que pela patente, que trazia para ſucceder a Antonio de Saldanha na Serea, lhe tocava eſta ſegunda embarcaçaõ, que ſe prevenia.

Perde-ſe o patacho antes de ſair da barra.

77 Promptas as naos, e com todas as couſas neceſſarias para huma taõ larga viagem, ſendo já entrada a monçaõ de partirem para a India, ſe fizeraõ à véla. Sahio a mayor com viſtoſa oſtentaçaõ, cortando ſoberbamente os mares, e com naõ menor ufanîa a ſeguio a ſegunda; mas eſta a poucos paſſos, ou bordos, antes de montar a barra de Santo Antonio, por força do fado, ou por mâ arrumaçaõ da nao, pendendo toda para hum lado, ſe deitou no mar, que entrandolhe, logo a meteo apique, ſem ſe lhe poder valer de terra, nem acodirlhe a outra nao, que hia já muy velejada, poſto que ainda pode ver de longe eſte eſpectaculo, e com a pena delle proſeguio a viagem. Da gente, que hia na que ſe perdeo, ſe lançou alguma ao mar, eſcapando a nado com o ſeu Capitaõ de Mar, e Guerra Joaõ da Maya, porém a mayor parte pereceo, ſahindo muitos corpos mortos pelas prayas, porque o repentino naufragio, naõ previſto, lhes naõ déra tempo para prevenirem os meyos de ſe ſalvarem. Foy eſte objecto laſtimoſo à Cidade, acontecendo quaſi à viſta della eſte eſtrago. Con-

78 Continuando a ſua derrota a nao Noſſa Senhora de Betancurt com feliciſſima viagem, ſem outro ſuſto, nem cuidado mais que o ſentimento da perda da companheira, chegou aos mares da India; porém naõ podendo tomar a Cidade de Goa, navegou ao Norte, e ſurgio na de Baçaim, em que invernou, e chegada a monçaõ, partio para a Cabeça do Eſtado, onde achou já deſvanecida a empreza de Mombaça, aſſim por ſer falecido o General Henrique Jaques de Magalhaens, como por outras cauſas, que naõ pertencem à noſſa Hiſtoria; mas ſim o fim, que teve a noſſa nao, a qual alcançou tambem o infortunio, de que a primeira deſgraça da nao Serea fora preſagio; porque depois de eſtar alguns mezes ſurta na barra de Goa, admirada de huns Eſtrangeiros, que a foraõ ver, havendo deſcuido em lhe deixarem fechadas as portinholas, e ſobrevindo a noite com huma tempeſtade, que fez dar à coſta algumas embarcações, entrandolhe as ondas furioſas pelas portinholas abertas, a meteraõ apique.

Proſegue a nao Noſſa Senhora de Betancurt a viagem.

Naõ pode tomar a Cidade de Goa, vay a de Baçaim, e depois voltando alguns mezes, ſurta em Goa ſe perde.

79 No anno de mil e ſete centos e hum chegou à Bahia a nao da India, trazendo ao Vice-Rey Antonio Luiz Gonçalves da Camera Coutinho, Almotacé môr do Reyno, que voltava de reger aquelle Eſtado, depois de haver governado o do Braſil, ambos com tantos acertos, quantas eraõ as virtudes, de que ſe compunha o ſeu grande talento, por muitos titulos admiravel. Vinha enfermo de achaques, naõ ſó proprios dos annos, mas

Anno de 1701.

Volta o Vice-Rey Antonio Luiz da India pela Bahia, e morre nella.

mas das fadigas, contrahidos em climas estranhos, e dilatadas navegações, os quaes se agravaraõ nesta viagem, e chegou com mayor perigo da vida, do que se imaginava, porque o natural vigor do seu alentado animo o teve ainda alguns dias fóra do leito.

80 Pousou em casa do Governador, e Capitaõ Geral D. Joaõ de Lancastro, que naõ permittio fosse para outra, que lhe tinha adereçada hum dos mais obrigados amigos, que deixara na Bahia, porque além do amor de D. Joaõ, pelas razoens, com que se tratavaõ de parentesco, e amizade, o pediaõ assim o primor, e correspondencia de haver sido hospede de Antonio Luiz, quando viera de governar o Reyno de Angola a embarcarse para Lisboa. Cresceo o mal, e naõ aproveitando os remedios, entregou a vida ao inevitavel golpe da morte, com os sinaes, e actos de Christaõ, que sempre mostrara em todas as suas acções. A Bahia, que lhe déra throno em outro tempo, lhe deu agora sepultura. Taõ pouca demora, e distancia ha do zenith da vida ao ocaso da morte, do dominio ao sepulchro! Foy com sumptuosa pompa sepultado no Collegio dos Padres da Companhia de Jesus.

Foy sepultado no Collegio dos Padres da Companhia.

81 Era Antonio Luiz Gonçalves da Camera Coutinho por baronîa da Familia de Camera, taõ esclarecida, como dilatada, porque comprehende muitas Casas do Reyno, grandes por Titulos, e por Estados. Servio nas guerras, e se achou na restauraçaõ da Cidade de Evora, e em

em outras importantes occaſioens com empregos competentes. Ajuſtada a paz, foy enviado ao Governo de Pernambuco, e logo promovido ao da Bahia; depois eſcolhido para o ſuperior lugar de Vice-Rey da India. Em todas eſtas grandiſſimas occupaçóes ſó no ſerviço Real, e no bem commum achava intereſſe. Foy em ſummo grao independente, até em couſas minimas, em que naõ podiaõ haver ſombras de eſcrupulo, nem quebras de capricho, ou de opiniaõ, e de todos os Governos ſahiria ainda com mayores applauſos, ſe a ſua inteireza naõ peccara em ſeveridade.

Seus empregos, e ſeu Elogio.

82 No ſeguinte anno de mil e ſete centos e dous ſuccedeo o Arcebiſpo D. Sebaſtiaõ Monteiro da Vide a D. Joaõ Franco de Oliveira na Metropoli, que largou, deixando a Oliveira o terreno à Vide, para que com ella foſſe o Braſil mais propriamente Vinha do Senhor. Do muito que floreceo, e frutificou em todo o ſeu Arcebiſpado, daremos mais larga noticia a ſeu tempo. Neſte acabou o Governo de D. Joaõ de Lancaſtro, depois de o haver exercido com incançavel cuidado, e fervoroſo zelo em grande ſerviço delRey, e muito augmento do Eſtado, por eſpaço de mais de oito annos.

Anno de 1702.

Vem D. Sebaſtiaõ Monteiro da Vide por Arcebiſpo Metropolitano do Braſil.

83 Succedeo a D. Joaõ de Lancaſtro no poſto de Governador, e Capitaõ Geral do Braſil D. Rodrigo da Coſta, nobiliſſima rama do tronco deſte appellido, benemerito da Fama, e grato à Patria, que já nas campanhas, já no valimento dos Reys teve Heroes dignos de huma perdura-

Succede no Governo geral do Braſil D. Rodrigo da Coſta.

vel memoria. Tinha governado a Ilha da Madeira com taes acertos, que pareceraõ filhos de annos mayores, ſendo natureza na ſua peſſoa aquillo, que em outras fora experiencia. Com as meſmas virtudes governou o Braſil, e depois a India, ſem haver neſtes dous grandes Eſtados couſa poderoſa a liſongearlhe a vontade, ou a fazer pendor à inteireza da ſua independencia, taõ rigoroſamente obſervada, que nenhum accidente a fez parecer menos auſtera, nem nos meſmos agrados, com que tratava os ſubditos dos ſeus Governos, nos quaes deixara ſempre venerações, e ſaudades.

Suas virtudes, e deſintereſſe.

84 Da Nova Colonia do Sacramento fez aviſo a D. Rodrigo da Coſta, no anno de mil e ſete centos e tres, Sebaſtiaõ da Veiga Cabral, que tinha o Governo daquella Praça, (em que ſuccedera a D. Franciſco Naper de Lancaſtro) que os Heſpanhoes de Buenos Ayres juntavaõ hum numeroſo Exercito, para irem brevemente ſitiar a noſſa Fortaleza, onde ſe achava com muitas obras imperfeitas, e ſem outras preciſas para a ſua defenſa, e lhe pedia ſoccorro de Soldados, e mantimentos com a preſteza, que requeria a viſinhança do perigo, porque ſe prevenia para hum largo cerco. A meſma noticia deu à D. Alvaro da Sylveira de Albuquerque, Governador do Rio de Janeiro, ſignificandolhe a neceſſidade, em que ſe achava do ſoccorro, que pedia.

Anno de 1703.

Aviſo, que faz o Governador da Nova Colonia, do cerco, que intentavaõ pôr os Caſtelhanos àquella Praça.

85 D. Rodrigo da Coſta, que naõ carecia de eſtimulos para obrar acções proprias do ſeu animo,

D. Rodrigo da Coſta lhe envia ſoccorro de Soldados, e mantimentos.

animo, e da ſua obrigaçaõ, mandou logo apreſtar huma nao das mais capazes, que ſe achavaõ no porto da Bahia, intitulada Noſſa Senhora da Annunciaçaõ, e prevenir duas Companhias das mais luzidas dos dous Terços de Infanteria do Preſidio, reenchendo-as com Soldados eſcolhidos, até completar o numero de duzentas praças em ambas, além dos Cabos, e Officiaes. Era Capitaõ de huma Luiz Tenorio de Molina, que depois foy Sargento môr; e da outra Manoel de Moura da Camera, que hia, como mais antigo, por Capitaõ de Mar, e Guerra da nao. Nella mandou meter o Governador D. Rodrigo da Coſta grande copia de baſtimentos, e viveres aſſim para a viagem, como para o ſoccorro da Colonia, e com incrivel brevidade fez pôr tudo prompto, e ſahir a embarcaçaõ com grandes jubilos dos Soldados, que partiraõ, e enveja dos que ficavaõ.

Ao ſahir a noſſa nao, entra huma Caſtelhana em o porto da Bahia.

86 Ao meſmo tempo, que a nao do noſſo ſoccorro hia ſahindo pela barra da Bahia, vinha entrando por ella outra das Indias de Heſpanha, que correndo longa tormenta, e fazendo muita agua, falta de mantimentos, aguada, e petrechos, para proſeguir a ſua larga viagem, buſcava o noſſo porto, para ſe valer do noſſo auxilio; com que dividida em duas facções a America Caſtelhana, huma caminhava ao noſſo damno, outra ſolicitava o noſſo amparo. Naõ faltaraõ peſſoas de ſuppoſiçaõ, que aconſelhaſſem ao Governador D. Rodrigo da Coſta o fazer preza naquelle navio,

cuja riqueza poderia recompenſar a deſpeza, que fez o ſoccorro, e a ruina, que experimentaſſe a Colonia. Porém D. Rodrigo obrando heroicamente, moſtrou, que mandava caſtigar aos atrevidos, e amparava aos neceſſitados; porque nos animos generoſos he taõ ſagrada a hoſpitalidade, que ſe naõ nega aos proprios inimigos.

Procedimento generoſo, que com ella tem D. Rodrigo da Coſta.

87 Publicando graviſſimas penas a qualquer peſſoa, que foſſe ao navio Heſpanhol, ou tiveſſe com a ſua gente trato algum, lhe concedeo faculdade, para mandar buſcar à terra por ſeus juſtos preços tudo o que lhes foſſe preciſo, aſſim de madeiras, e enxarcias para o concerto da embarcaçaõ, como de mantimentos, refreſcos, e aguada para a viagem, nomeando peſſoas notoriamente livres de ſoſpeita, para lhos miniſtrarem, e fazendo-a brevemente dar à véla com admiraçaõ dos ſeus Cabos, e da ſua gente, pela generoſidade do Governador D. Rodrigo da Coſta no procedimento, que com elles tivera, tanto mais digno de aſſombro, quanto menos lho mereciaõ com a guerra, que nos faziaõ os ſeus naturaes na Nova Colonia; accidente, de que naõ tiveraõ noticia antes de entrar na Bahia, e baſtara para os podermos reputar como inimigos.

Com admiraçaõ dos ſeus Cabos, e da ſua gente.

88 Com boa viagem chegou o noſſo ſoccorro à barra do Rio de Janeiro, onde o eſperava o que tinha prevenido aquelle Governador em outra nao, e juntas, navegaraõ para a Nova Colonia. Chegando a ella, foraõ recebidos do Governador Sebaſtiaõ da Veiga Cabral, dos ſeus Cabos, e Soldados,

Chega o noſſo ſoccorro com o do Rio de Janeiro à Nova Colonia.

dados, com aquelle alvoroço, com que o temor ſe coſtuma diminuir, repartido pela ſociedade de muitos companheiros. Logo ſe applicaraõ todos às faxinas, foſſos, e baluartes, que já tinha mandado principiar Sebaſtiaõ da Veiga Cabral pelos ſeus Soldados, e moradores; e brevemente ſe viraõ creſcer as fabricas de ſorte, que já tinhaõ mais que vencer os inimigos na expugnaçaõ da noſſa Praça; porém naõ deſiſtiaõ da empreza, e ſó ſe tinhaõ demorado, por conduzirem mayor Exercito, mais peças de artilheria, mais inſtrumentos, para a expugnaçaõ, e conquiſta da noſſa Fortaleza.

Aviſo, que tem Sebaſtiaõ da Veiga da viſinhança, e marcha do Exercito inimigo.

89 As eſpias, e centinellas, que Sebaſtiaõ da Veiga Cabral trazia pela campanha, lhe levaraõ aviſo de terem deſcoberto o Exercito inimigo, e que ſe achava já perto; noticia, que cauſou varios effeitos nos animos de temor, e de alento; porém Sebaſtiaõ da Veiga, os Cabos, e Soldados valeroſos, que tinha, baſtaraõ a deſterrar o receyo aos timidos moradores. Foy logo apparecendo formado o Exercito; conſtava de ſete mil Infantes, entre os quaes haviaõ muitos Eſquadroens de Cavallaria, e peças groſſas de boa artilheria, que jogavaõ ballas de grande calibre; o trem, e bagagem eraõ proporcionados àquelle corpo. Trazia por Commandante ao Sargento môr de Batalha Balthaſar Garcia, ſubalterno do ſeu General, que naõ quiz acharſe na empreza.

Chegaõ, e ſe alojaõ à viſta da noſſa Fortaleza.

Com militar pompa ao ſom de bellicos, e feſtivos inſtrumentos alojaraõ à viſta da noſſa Praça.

Imagi-

Diſcurſo dos inimigos.

90 Imaginavaõ os inimigos, que lhes naõ faria larga reſiſtencia a noſſa Fortaleza, porque faltandolhe os ſoccorros, que tinha muy diſtantes, e os mantimentos, que naõ podia colher da campanha, de que elles eſtavaõ ſenhores, ſe renderiaõ brevemente. Porém vendo, que recolhidos os moradores, ardiaõ as caſas, que tinhaõ por fóra da muralha, as quaes mandara pôr fogo Sebaſtiaõ da Veiga; e que lançando à campanha duzentos e oitenta cavallos, e ſahindo do ſeu Exercito alguns Soldados a utilizarſe delles, os acharaõ regetados, entenderaõ ſer a reſoluçaõ da noſſa gente diverſa da que ſuppunhaõ.

Embaixada do Cabo do Exercito.

91 Mandou o ſeu Commandante huma embaixada a Sebaſtiaõ da Veiga, a perſuadillo largaſſe a Fortaleza, porque vinha a tomar poſſe della, proteſtando as mortes, que do contrario ſe haviaõ de ſeguir em ambas as partes. Sebaſtiaõ da Veiga reſpondeo com o deſafogo, e galanteria propria do ſeu valor, e natureza, trataſſe aquelle negocio por obras, e naõ por palavras; que o goſto, que recebia com a vinda do Exercito, lho penſionava a falta do General; e em quanto à perda das vidas, os Portuguezes nunca duvidaraõ perdellas contra os Caſtelhanos; que as do ſeu Exercito, e todas corriaõ por conta da conſciencia de quem movia aquella injuſta guerra.

Repoſta de Sebaſtiaõ da Veiga.

92 Foy o Exercito inimigo com os ſeus ataques chegando à noſſa Fortaleza. Fizeraõ os ſeus aproches com tençaõ de abrirem minas; impulſo, que lhe prevenimos, fazendo contraminas, e reparos

reparos para lhas fruſtrar. Aſſentaraõ a ſua artilheria a pezar dos tiros dos noſſos canhoens, e moſquetes, que lhe matavaõ muita gente; porém era tanta a daquelle Exercito, que ſe naõ notava a falta, nem o trabalho ſe ſuſpendia. Concluídas brevemente as ſuas fortificaçoẽs, e baterias, principiáraõ logo os aſſaltos com tanto furor, como eſtrondo, tendo a noſſa gente em arma, ſem deſcançarem huma hora entre noite, e dia, rebatendo-os, e rechaçando-os com incomparavel valor. Eraõ ſeis centas as peſſoas, que ſe achavaõ dentro da noſſa Fortaleza, entre Soldados, e moradores, que a ella ſe recolheraõ, deixando as caſas da Povoaçaõ; mas ſó quinhentas capazes de pelejarem, e pela ſua conſtancia menos ſobrariaõ a triunfar de tantos inimigos, ſe tiveraõ os mantimentos, que baſtaſſem a ſuſtentar o mais largo aſſedio.

Aſſenta as ſuas baterias, e nos daõ continuos aſſaltos.

Numero dos noſſos.

93 Eraõ ſucceſſivas as baterias, repetidos os aſſaltos por diverſas partes, e por todas, entre denſas nuvens de fumo, ſó diſtinguiaõ os olhos relampagos do fogo, e ſó ſentiaõ os ouvidos trovoens da artilheria. A conſtancia dos animos competia com a dureza das muralhas, e o eſtrago era incentivo do valor. Porém com mayor damno nos inimigos, em cuja multidaõ faziaõ melhor emprego os noſſos tiros, que na noſſa Fortaleza as ſuas ballas. Com cento e cincoenta, e duzentas a batiaõ os mais dos dias; e por continuas, eraõ já taõ deſprezadas dos noſſos, que nem o perigo lhes dava eſtimaçaõ.

Continuaõ-ſe os combates de ambas as partes.

Algu-

94 Algumas peſſoas da noſſa gente mataraõ, outras feriraõ; porém os animos todos entregues ao furor, naõ davaõ lugar à laſtima. Era taõ reciproca da noſſa parte a bateria, e com tanta differença na ventagem, que mais certas as pontarias dos noſſos moſquetes, e canhoens derribavaõ os inimigos de ſorte, que parecia haverem aberto os ſeus ataques para ſepultura dos ſeus Soldados; mas nem à viſta do ſeu eſtrago ſe moderava a ſua conſtancia.

Com a propria competencia no mar.

95 No mar (para que eſte elemento naõ deixaſſe de concorrer à conſternaçaõ dos outros) andava a luta igualmente enfurecida, e porfiada entre as ſuas, e noſſas naos, balandras, e ſomacas; mas com varia fortuna de ambas as partes, poſto que com mayor reſoluçaõ da noſſa. Algumas vezes as ſeguimos até o ſeu porto de Buenos Ayres, outras nos hiaõ ellas buſcar ao da Nova Colonia, havendo algumas prezas, e perdas de embarcaçóes ſuas, e noſſas. Porém vendo os Caſtelhanos, que pela ſituaçaõ da noſſa Praça, lhes era preciſo apertar tambem por mar o cerco, mandaraõ conduzir dos ſeus portos mais navios, a que as noſſas embarcaçóes naõ podiaõ reſiſtir, por ſerem entaõ ſó duas ſomacas, que ſe recolheraõ ao abrigo da Fortaleza, defendidas da noſſa artilheria.

Apartaõ-ſe os inimigos da noſſa Fortaleza, e intentaõ rendella por fome.

96 Duravaõ os combates, e o cerco, e creſcia de ambas as partes a porfia, porém já menos vigoroſa na dos inimigos pelos muitos homens, que tinhaõ perdido, mortos ao noſſo ferro; e queren-

querendo dar algum deſcanço aos vivos, ſe retiraraõ da noſſa Fortaleza a tiro de canhaõ, deixando ſem exercicio os ataques, e parando com os aproches. Vendo o Governador, que ſe haviaõ retirado, mandou arrazar, e desfazer todas as fabricas, e machinas das ſuas baterias, e fortificações com tal valor, e diligencia, que em poucas horas lhas desbarataraõ os noſſos Soldados. Determinavaõ os inimigos render a noſſa Praça ſó por fome, entendendo, que nos naõ podiaõ durar muitos dias os mantimentos; e naõ ſe enganavaõ, porque pela ſua falta eraõ já taõ eſcaſſas as rações, que naõ podiaõ ſuſtentar as vidas. Por eſta cauſa, pelos diſcommodos, e trabalhos da guerra ſe achavaõ na Fortaleza (além dos feridos) outros enfermos, cujo mal ſe aggravava com a falta do neceſſario para os doentes, fazendo irremediavel o perigo de todos.

Faz Sebaſtiaõ da Veiga aviſo ao Governador Geral do Eſtado.

97 Do aperto, e conſternaçaõ, em que ſe via a noſſa gente por falta dos viveres, fez Sebaſtiaõ da Veiga Cabral aviſo à Bahia, e ao Rio de Janeiro, ſegurando, que os animos dos ſeus Cabos, e Soldados naõ desfaleciaõ no perigo, e ſó receava podeſſe rendellos a neceſſidade. Pedialhes mandaſſem ſoccorro com a brevidade, que requeria o eſtado, em que a Praça ſe achava. O Governador, e Capitaõ Geral D. Rodrigo da Coſta louvandolhe a conſtancia, valor, e diſpoſiçaõ com que até aquelle tempo a tinha defendido, lhe ordenou, que nos navios, que mandava ir do Rio de Janeiro, embarcaſſe a gente, armas, peças de

artilheria, e todas as cousas mais dignas de se porem em salvo, e deixando em chammas a Fortaleza, se recolhesse ao Rio de Janeiro.

Recebe ordem, que embarcando a gente, ponha fogo à Praça.

98 Chegaraõ as naos, e como naõ levavaõ outra resoluçaõ, conduziaõ taõ poucos viveres, que a penas poderiaõ bastar para a viagem; e naõ vendo Sebastiaõ da Veiga remedio algum a poder sustentar a Praça, depois de haver feito na sua defensa provas grandes de famoso Capitaõ, e terem os Cabos, e Soldados obrado em facções, e pelejas continuas, actos de valor heroico, tratou de seguir a ordem, que tivera do Governador, e Capitaõ Geral D. Rodrigo da Costa. Os inimigos imaginando, que nas embarcações nos fora soccorro, com que podessemos continuar a resistencia, as mandaraõ combater pelas suas, de que resultou novo conflicto naval de mais estrondo, que effeito, porque retiradas as naos contrarias, cessou a peleja.

Novo conflicto naval.

99 Applicava Sebastiaõ da Veiga toda a diligencia na execuçaõ da ordem do Capitaõ Geral, fazendo embarcar a artilheria, menos seis peças de grande calibre, que deixou encravadas por falta de aparelhos para as transportar, e mandando meter nos navios naõ só o precioso, mas tudo o que havia de consideraçaõ na Praça, com as Imagens, e cousas Sagradas, e todos os Soldados, e moradores se embarcou, deixando ateado na Fortaleza hum terrivel incendio, que os nossos viaõ do mar com magoa, e da campanha os contrarios com horror.

Embarca-se a nossa gente, e poem fogo à Fortaleza.

Sahiraõ

100 Sahiraõ do porto da Colonia, e brevemente chegaraõ ao Rio de Janeiro como triunfantes, pois com taõ pouco poder, e ſem o preciſo para o ſuſtento ordinario, naõ ſó faltos de regalos, mas até do neceſſario, padecendo já grandes fomes, e muitas enfermidades, reſiſtiraõ conſtante, e valeroſamente por mais de ſeis mezes em combates continuos a tanto numero de inimigos deſtros, porfiados, e abundantes, por eſtarem ſenhores do campo, e de todas as ſuas producções, e ſerem providos de Buenos Ayres inceſſantemente, matandolhe a noſſa gente a melhor do ſeu Exercito nos aſſaltos, que nos davaõ, e nas ſortidas, que lhes faziamos. Os Soldados de ſoccorro, que em duas Companhias tinhaõ hido da Bahia, vieraõ com Sebaſtiaõ da Veiga Cabral, o qual della ſe embarcou para Lisboa, e nas guerras proximas do Reyno com muitos creditos occupou grandes poſtos, juſtamente conſeguidos do ſeu merecimento.

Chega ao Rio de Janeiro, e à Bahia.

101 A Monarchia de Heſpanha, grande entre as mayores de Europa, reſpeitada nas mais remotas do Mundo, e ſó infeliz em naõ lograr a primogenitura Real dos ſeus Auguſtos Monarchas, tantas vezes repetida, quantas mal lograda nos Principes naturaes, que houveraõ de tirar a pertençaõ daquella Coroa aos Eſtrangeiros, agora ſe achava na mayor conſternaçaõ pelas enfermidades do ſeu Rey Carlos II. que naõ tinha deſcendencia, nem promettia duraçaõ. Era o direito, e oppoſiçaõ entre a Auguſtiſſima Caſa de

Conſternaçaõ de Heſpanha pela ſucceſſaõ da Coroa.

Contendem as Casas de Austria, e de França.

Austria, e a Christianissima de França, inclinando-se a cada huma destas Soberanas partes os Principes, Republicas, e Potencias de Europa pelos interesses particulares, e publicos dos seus Estados, e das suas Nações; e em quanto entretinha Carlos a vida, (que estava acabando por instantes) só se tratava entre os pertendentes, e os seus parciaes de ligas, e projectos, confórme a conveniencia de cada hum, ou a necessidade de todos.

Entra em Madrid Filippe V. e se faz coroar em Castella.

102 Nestas disposições falecendo logo El-Rey Carlos II. teve fórmas para se introduzir com mayor presteza em Madrid (Corte daquelle Imperio) o Duque de Anjû, filho segundo do Delfim, e neto do Christianissimo Luiz XIV. Rey de França, e da Serenissima D. Maria Theresa, Infante de Hespanha, filha delRey Filippe IV. (pay de Carlos) e coroado com o nome de Filippe V. foy obedecido em Castella: posto que muita parte dos Grandes, e dos Povos, reconhecendo o direito do Serenissimo Senhor Carlos III. filho do Senhor Emperador Leopoldo I. seguissem a sua voz, huns descoberta, e outros occultamente, esperando, que passasse a Hespanha, para lhe porem a Coroa como direito descendente em graos proximos, e repetidos das Augustissimas Casas de Austria, e Hespanha.

Muita parte dos Grandes, e Povos seguem a Carlos III.

Variedade, que resulta da neutralidade nas Monarchias.

103 Lograva Portugal as utilidades de huma bella paz, quando as Nações do Norte se consumiaõ com prolixas guerras, tomando muitos daquelles Principes por arbitro das suas pertenções, e contendas ao Senhor Rey D. Pedro II. pela neutrali-

neutralidade em que ſe achava. He a indifferença do procedimento neutral ſempre condemnada, mas naõ ſempre nociva; porque ſe foy util a muitos Monarchas nas contendas dos ſeus viſinhos declararſe por huma das partes, a outros foy prejudicial naõ ſe conſervarem neutraes.

Exemplos neſta materia.

104 Joaõ de Labrit, Rey de Navarra, o experimentou nas guerras de Fernando V. Rey de Heſpanha com Luiz Duodecimo Rey de França; Jacobo o IV. Rey de Eſcocia nas de Franciſco I. de França com Henrique VIII. de Inglaterra; Carlos Duque de Lorena nas de Luiz XIII. de França com Fernando II. Emperador de Alemanha; e o trazer de fóra eſtranhos he taõ perigoſo, que Ludovico Esforcia, por meter os Francezes em Napoles, perdeo Milaõ. He notorio o que aconteceo aos Emperadores Valente, e Honorio, quando ſe arrojaraõ a chamar aos Godos; aos Inglezes, quando ſe fiaraõ dos Saxones; e aos de Babylonia, quando convidaraõ a Saladino; porém eraõ tantas as razoens, que faziaõ ao Senhor Rey Carlos III. connatural da naçaõ Luſitana, quanto repetidas as aſcendencias, que tem do Real ſangue Portuguez; pois (deixando outros muitos graos de parenteſcos mais remotos) quatro Sereniſſimas Infantes de Portugal concorreraõ com o ſeu Regio ſangue para o eſplendor das Soberanas Caſas de Flandes, Auſtria, e Caſtella.

O Senhor Rey Carlos III. connatural da naçaõ Luſitana.

105 A Senhora D. Iſabel, filha delRey D. Joaõ I. foy eſpoſa de Filippe III. Conde de Flandes,

des, e Duque de Borgonha, dos quaes naſceo o valeroſo Duque Carlos o Bravo: a Senhora D. Leonor, filha delRey D. Duarte, conſorte do Emperador Federico III. Archiduque de Auſtria, e foraõ pays do Emperador Maximiliano I. a Senhora D. Iſabel, filha do Infante D. Joaõ, eſpoſa delRey D. Joaõ II. de Caſtella, dos quaes foy filha a Rainha D. Iſabel a Catholica; e outra tambem D. Iſabel, filha delRey D. Manoel, e conſorte de Carlos V. Emperador de Alemanha, e Rey de Heſpanha, de quem naſceo ElRey D. Filippe II. De todas as quatro linhas, que ſahem deſta Real circunferencia, he centro o Senhor Rey Carlos III. além de ſer filho da Senhora Emperatriz D. Leonor Magdalena Thereſa, irmãa da noſſa Sereniſſima Rainha a Senhora D. Maria Sofia Iſabela de Neoburgo.

Negà o Senhor Rey D. Pedro a Filippe V. a continuaçaõ da paz.

106 Eſte concurſo de cauſas fazia taõ preciſa a uniaõ do amor, e dos intereſſes das duas Auguſtas Caſas Luſitana, e Auſtriaca, que o Senhor Rey D. Pedro, negando a Filippe V. a continuaçaõ da paz, que lhe pedia, (eſtabelecida entre as Coroas Portugueza, e Caſtelhana) lhe declarou, e fez logo guerra, eſperando com Real jubilo, e com geral applauſo de todos os ſeus Vaſſallos ao Senhor Rey Carlos III. para na defenſa do ſeu direito à ſucceſſaõ de Heſpanha, empenhar todas as forças da ſua Monarchia, tendo pela mayor gloria, e triunfo do ſeu poder, o dar auxilios a hum Principe taõ Soberano; e o meſmo impulſo foy geral em todos os ſeus ſubditos naturaes,

turaes, como moſtraraõ nos conflictos, e batalhas, ſabendo reputar por proprias do ſeu Rey, as conveniencias do Senhor Carlos III. dando por ellas na campanha as vidas, e perdendo voluntariamente as fazendas nas hoſtilidades, e deſpezas da guerra.

Chega ElRey Carlos III. a Portugal e paſſa a Catalunha.

107 Chegado o Sereniſſimo Senhor Rey Carlos III. a Lisboa, ſe foy a guerra enfurecendo nas campanhas de Portugal, e Caſtella; e na mayor porfia de humas, e outras armas teve eſte Monarcha aviſo de que o Principado de Catalunha o eſperava para ſeguir o ſeu partido, e lhe dar obediencia. Embarcouſe com pouco ſequito de naos, fiando do ſeu valor todos os triunfos, e chegou felizmente à Cidade de Barcelona, que o acclamou por ſeu Conde, Principe de Catalunha, Rey de Aragaõ, e de todos os grandes Dominios daquella Coroa, que ſe unira a dilatar o circulo da de Caſtella, pelo caſamento dos Reys Catholicos Fernando, e Iſabel.

O Marquez das Minas o faz acclamar Rey de Heſpanha em Madrid.

108 Ao meſmo tempo o noſſo Exercito, e os da liga, governados pelo Excellentiſſimo Marquez das Minas, ſeu Generaliſſimo, penetrando o mais interior de Heſpanha, entrou em Madrid, onde fez o Marquez em ſolemne acto, e publico theatro acclamar por Rey ao Senhor Carlos III. tomando em ſeu nome pleito, e homenagem a todos os Tribunaes, e peſſoas de mayor ſuppoſiçaõ daquella opulentiſſima Corte, com repetidos vivas do Povo, e com os meſmos applauſos eſtava ElRey Carlos em Çaragoça (Corte de Aragaõ) receben-

recebendo as homenagens, e a Coroa daquelle Reyno.

O Senhor Rey Carlos III. eleito Emperador de Alemanha.

109 Hia o furor marcial continuando em cada huma das duas contrarias partes com grande esforço, e ſorte varia em ambas, humas vezes ganhando, outras perdendo, por ſer a guerra Jano de dous roſtos, e Protheo de muitas fórmas, emprego, em que mais, que em outro algum, moſtra as ſuas inconſtancias a fortuna; porque ſendo por falecimento do Senhor Emperador Joſeph, ElRey Carlos III. eleito Emperador, ſexto do nome, paſſou de Catalunha a Alemanha.

110 Com a ſua auſencia deſmayados os Heſpanhoes, que ſeguiaõ o ſeu partido, (por lhes faltar o eſpirito, que os animava) foraõ desfalecendo de fórma, que pode apoderarſe ElRey Filippe V. de todos os Reynos daquella Monarchia, de que eſtá de poſſe; porém ficou a ſua Coroa ſem as precioſas pedras dos ricos Dominios, que tinha em Italia, porque os Reynos de Napoles, Sicilia, e o Eſtado de Milaõ, que ſeguiraõ a voz de Carlos, ficaraõ ſempre na ſua obediencia, como no Mediterraneo o Reyno de Sardenha, que deu ao Sereniſſimo Duque de Saboya com titulo de Rey.

☞ De todas as Provincias do Braſil vaõ moradores às Minas.

111 O ouro das Minas do Sul foy a pedra iman da gente do Braſil, e com taõ vehemente attracçaõ, que muita parte dos moradores das ſuas Capitanîas (principalmente da Provincia da Bahia) correraõ a buſcallo, levando os eſcravos, que occupavaõ em lavouras, poſto que menos ricas

para

para a oſtentaçaõ, mais neceſſarias para a vida, ſe a ambiçaõ dos homens naõ trocara quaſi ſempre o mais util pelo mais vaõ. Da ſua auſencia ſe foy logo experimentando a falta na careſtia dos viveres, e mantimentos, por haverem ficado deſertas as fazendas, que os produziaõ, como Heſpanha experimentou, e ainda hoje ſente com a prata das ſuas Indias, pois por eſte intereſſe abandonando as Patrias, e domicilios os ſeus naturaes, deixaraõ deſpovoada grande porçaõ della, vendo-ſe ainda hoje muitas Cidades, Villas, e lugares ſem o numero de gente, e commercio, que em outro tempo tiveraõ, e muitas terras quaſi ermas, quando de ſe naõ lavrarem os campos, e de ſe diminuir o negocio de outras mercadorias, ſe ſegue o mayor prejuizo aos direitos, e rendas Reaes dos Principes, e Monarchas.

Damno mayor, que recebem as Provincias do Braſil na falta do aſſucar.

112 Mas naõ he eſte ſó o damno, que padece o Braſil; outro mayor mal lhe ameaça a ultima ruina, porque comprando as peſſoas, que vaõ para as Minas do Sul, e outras, que dellas vem a eſte fim, por exceſſivos preços eſcravos do gentio de Guiné, que ſe conduzem da Coſta de Africa, e carecendo de muitos as fabricas das canas, e dos Engenhos, ſe foy diminuindo a cultura do aſſucar de fórma, que alguns dos Senhores deſtas propriedades, naõ tendo negros com que as beneficiar, nem poſſes para os comprar pelo grande valor em que eſtaõ, as deixaraõ preciſamente, e ſó as conſervaõ alguns poderoſos, que ſe achaõ com mayores cabedaes.

113 Outros as continuaõ na fórma que pódem, por dar satisfaçaõ, ou contemporizar com os seus crédores, experimentando nellas mais trabalho, que utilidade, pois para sustentarse, e pagarem humas dividas, vaõ contrahindo outras, sem esperança de se verem já mais desempenhados, resultando da sua impossibilidade ser menos o numero das tarefas de canas, que se cultivaõ nas fazendas, e muito inferior o dos pães de assucar, que se obraõ nos Engenhos, sendo esta a mayor manufactura, e interesse do Brasil, com a qual chegara a taõ grande nome, e opulencia todo o Estado.

O Senhor Rey D. Pedro manda prohibir o transito dos escravos da Bahia para as Minas.

114 Informado deste prejuizo o Senhor Rey D. Pedro, foy servido mandar prohibir o transito dos escravos da Bahia para as Minas, com taõ apertadas ordens, que sobre outras leys penaes, mandou, que todos os que se tomassem naquella expediçaõ, se confiscassem para a sua Real Fazenda, e para os delatores. Executou esta resoluçaõ Real o Governador, e Capitaõ Geral D. Rodrigo da Costa, com a pontualidade, e zelo, com que se empregava na obediencia do Monarcha, a quem servia, e do Estado, que governava.

Diligencia de D. Rodrigo da Costa na observancia da ordem.

115 Enviou varios Cabos, e Soldados aos lugares por donde se faz a jornada para as Minas do Sul, os quaes tomaraõ muitos comboys de negros, e outros generos, que importaraõ grossas sommas à Fazenda Real, posto que os mais escapavaõ, naõ sendo a diligencia dos homens menos poderosa para reparar, ou evitar os

damnos

damnos publicos, que a ſua induſtria em ſollicitar os intereſſes particulares; porque meditando em todos os meyos das ſuas conveniencias, fruſtaõ as diligencias dos ſeus ſuperiores, ſem receyo da perda, nem temor do caſtigo.

116 Para os que os levavaõ por mar, indo da Bahia para as Minas pelo Rio de Janeiro, tinha feito D. Rodrigo da Coſta grande prevençaõ, mandando pôr eſpias nas embarcações, que ſe apreſtavaõ para aquella Praça, para as Villas de Santos, S. Vicente, e para a do Eſpirito Santo, ordenando foſſem viſitadas na hora, em que partiaõ; e poſto que por varias vezes ſe colheraõ muitos eſcravos, de tal fórma ſouberaõ mal lograr eſta diſpoſiçaõ os intereſſados, que enviando-os primeiro para a Ilha de Itaparica, ou para outras proximas à enſeada da Bahia, a noite antes de darem à véla as embarcações, em ligeiros barcos, e lanchas as mandavaõ eſperar ao ſahir da barra, baldeandolhe naquelle lugar os eſcravos. Porém tambem eſta induſtria lhes prevenia o Governador, pondo em todos os navios, patachos, e ſumacas guardas, que até naõ ſahirem muitas legoas além da barra, naõ voltavaõ dellas.

Diſpoſições, e vigias por mar.

117 Pouco tempo durou eſta diſpoſiçaõ, porque prevaleceo a fortuna das Minas à ſorte dos Engenhos, com a faculdade concedida para ſe levarem os eſcravos por mar, ou por terra, e com eſta permiſſaõ creſceraõ ainda mais os preços delles com tanto aſſombro, como ambiçaõ dos meſmos, que os trazem da Coſta de Africa;

Novidade, e alteraçaõ na ordem da prohibiçaõ; e ſe concede poderem remetellos livremente.

porque pelo escravo, que em outro tempo se lhes dava cincoenta, hoje pedem duzentos mil reis. Este excesso só pode achar remedio na grande providencia, Real attençaõ, e paternal amor, com que o nosso Augusto Monarcha o Serenissimo Senhor Rey D. Joaõ V. procura o bem commum de todos os seus Vassallos, sendo servido mandar arbitrar preço aos escravos, com tal economia, que consigaõ os que os mandaõ vir, ou os vaõ buscar a Guiné, a utilidade competente ao perigo, e trabalho da sua conducçaõ, e os cultores do assucar (o qual por esta causa, e outros accidentes do tempo se acha hoje em tanto abatimento) possaõ ter mais aventajados lucros, de que resultem à sua Real Fazenda mayores rendimentos.

Remedio, que póde haver no prejuizo dos cultores do assucar.

HIS-

HISTORIA
DA
AMERICA
PORTUGUEZA.
LIVRO NONO.

SUMMARIO.

A D. Rodrigo da Costa succede no posto de Governador, e Capitaõ Geral do Brasil Luiz Cesar de Menezes, Alferes mór do Reyno. Morte do Serenissimo Senhor Rey D. Pedro II. Seu Elogio. Entra no Dominio da Monarchia o Augustissimo Senhor Rey D. Joaõ V. que Deos guarde. Celebra o Arcebispo

bispo D. Sebastiaõ Monteiro da Vide na Bahia Synodo Diocesano, para fazer Constituições ao Arcebispado. Vem o Vice-Rey Caetano de Mello de Castro de volta da India, e peleja valerosamente com huma grande nao de Piratas nos mares da Bahia. Augusto casamento delRey com a Serenissima Senhora Rainha D. Marianna de Austria. Guerra nos Povos das Minas entre os Paulistas, e os Reynoes. Succede a Luiz Cesar de Menezes no Governo geral D. Lourenço de Almada. Alterações da Provincia de Pernambuco, com guerra civil entre a Cidade de Olinda, e a Villa do Recife. Desembarcaõ Francezes na costa da Provincia do Rio de Janeiro, caminhaõ por terra, tomaõ a Cidade, e ficaõ prizioneiros nella. Entraõ no anno seguinte pela barra, tornaõ a tomar a Cidade, saqueaõna, e a deixaõ por resgate de seis centos e dez mil cruzados. Devaça sobre o procedimento do Governador do Rio de Janeiro, e dos Cabos. Sentença contra os complices. Vem por

succes-

ſucceſſor de D. Lourenço de Almada Pedro de Vaſconcellos de Souſa. Intenta eſtabelecer por ordem Real a impoſição dos dez por cento. Altera-ſe barbara, e tumultuariamente o Povo da Bahia. Commette alguns exceſſos. Sentenceaõ-ſe os Cabeças da ſoblevaçaõ. Extingue ElRey o lugar de Juiz do Povo, à inſtancia do Senado da Camera.

LIVRO NONO.

1 POR ſucceſſor de D. Rodrigo da Coſta chegou à Bahia no anno de mil e ſete centos e cinco, com o meſmo cargo de Governador, e Capitaõ Geral do Braſil, Luiz Ceſar de Menezes, Alferes môr do Reyno, que dos ſeus heroicos aſcendentes herdara o merecimento, o valor, e o appellido de Ceſar, confirmado por novas acções glorioſas em Vaſco Fernandes, ſeu famoſo progenitor, cujos deſcendentes foraõ metendo na ſua illuſtriſſima Caſa por unioens de caſamentos o ſangue de outras eſclarecidas de Portugal, e Caſtella, da ſuperior esféra de huma, e outra Monarchia. Tinha governado a Provincia do Rio de Janeiro, e o Reyno de Angola com muitos acertos, e na proxima guerra occupara com grande reputaçaõ o lugar de Governador de Evora, ſegunda Cidade do Imperio Luſitano, de donde viera a governar o Eſtado do Braſil. Foraõ as ſuas acertadas diſpoſições proprias do ſeu talento admiravel, ſendo o ſeu Governo taõ plauſivel, como o ſeu agrado, que lhe grangeou no mayor amor a mayor obediencia.

Anno de 1705.

2 Lograva o Braſil no ſeu Governo o mayor

Xxx conten-

contentamento, quando inopinadamente a inconſtancia da fortuna o transformou no mais amargo pranto, com a noticia infauſta da ſempre lamentavel morte do noſſo Auguſto Monarcha o Senhor Rey D. Pedro II. ſuccedida aos nove do mez de Dezembro do anno de mil e ſete centos e ſeis. Trinta e oito, que ſe contaraõ de amor, e de obediencia no Rey, e na Monarchia, tinhaõ feito taõ firme uniaõ, que ſe naõ pode romper ſem reciproco eſtrago, porque na perda daquella Real vida ſahiraõ dos fieis peitos dos ſeus naturaes Vaſſallos os coraçöes, e os alentos derretidos, e exhalados em copioſas lagrimas, e clamores inconſolaveis.

Morte do Sereniſſimo Senhor Rey D. Pedro II.

Anno de 1706.

3 O Ceo o tinha deſtinado para dominar o Luſitano Imperio; e aſſim de dous Sereniſſimos irmãos, que lhe precederaõ em o naſcimento, hum lhe deixou anticipadamente o Sceptro, e outro o empunhou para lho entregar. Foy taõ zeloſo da extenſaõ da noſſa Santa Fé Catholica, que pelas mais remotas porçöes do Mundo, a que ſe eſtende o dominio Portuguez, mandava repetidos Miſſionarios, com grandes deſpezas da ſua Real Fazenda, encarregando aos Biſpos, e Metropolitano so augmento da Chriſtandade, a extincçaõ do Paganiſmo, e da Idolatria. Era arrojado nos exercicios de Cavalheiro, reportado nas acçöes de Principe, de tal fórma, que moſtrava ter duas propenſöes diverſas, huma de homem, outra de Rey.

Seu Elogio.

4 Determinava os negocios communs, e particula-

ticulares da Monarchia com taõ prudente attenção, que parecendo indifferença a demora das resoluções, depois mostravaõ os successos, que fora providencia. Plausivel com respeito, affavel com soberania, generoso sem affectaçaõ, pio sem hypocresia, e por outras excessivas virtudes augustas, e moraes, entre os mayores Monarchas, e Heroes, lhe levantou estatuas a Fama no Templo da memoria, e a saudade nos corações dos subditos lhe erigio altares.

5 Para enxugar as lagrimas de tanta perda, deixou o melhor successor, que podia ficar à Monarchia, no Augustissimo Senhor Rey D. Joaõ V. que Deos muitos annos guarde, dotado de tantos, e taõ Reaes attributos, que para narrarmos os successos da nossa Portugueza America debaixo do seu dominio, houveramos de principiar agora de novo a Historia com locuçaõ mais elegante, e mayores rasgos da penna, se a successaõ dos tempos, e a ordem dos factos nos naõ precisara a reduzir a estes dous ultimos livros a materia, de que poderamos compor todo o volume; e seriaõ as suas heroicas acções todo o emprego do nosso assumpto, se a rutilante esféra das suas virtudes podera ser calculada de humano astrolabio, ou as suas incomparaveis prerogativas permittiraõ contarse por outro numero, que o das Estrellas. Mas na impossibilidade de compendiallas, só de duas faremos precisa memoria, pelo grande exemplo, que dellas resulta aos Monarchas poderosos, e Christãos, as quaes saõ o sin-

gular Religioſo culto, que rende à noſſa Igreja Catholica, e a magnifica generoſidade, que no ſeu Real animo achaõ tanto os naturaes, como os eſtranhos.

Reflexaõ ſobre a obſervancia da Religiaõ.

6 He a Religiaõ a mayor prerogativa dos mortaes, a mais firme columna das Monarchias. Os Gentios, poſto que erraraõ tanto no emprego da verdadeira Fé, ſe empenharaõ de fórma no culto da cega Idolatria, que nenhuma couſa antepunhaõ à adoraçaõ das ſuas Deidades. Os theſouros, que Eneas ſalvou da abrazada Troya, foraõ os Deoſes Penates, que levou a Italia. Numa à Deoſa Egeria fez Protectora do Reyno de Roma: Licurgo debaixo do patrocinio de Apollo deu Leys aos Lacedemonios: Minos a Creta no auxilio de Jupiter: Solon a Athenas no favor de Minerva; e a Egypto Triſmegiſto na ſombra de Mercurio.

Exemplos na culta Gentilidade.

7 Os Conſules, e Senadores Romanos naõ entravaõ à conferencia dos negocios, ſem primeiro incenſar os Idolos. Os Gregos attribuhiaõ as ſuas fortunas à grande Religiaõ de Alexandre, como os Carthaginezes as ſuas deſgraças à pouca fé de Annibal, eſte taõ prejuro, que faltava quaſi ſempre aos juramentos, que fazia pelos ſeus Deoſes, e aquelle taõ pio, que até ao Deos, que tinha por eſtranho, rendia adorações, como moſtrou, tomando o Reyno de Judea, pois vendo diante de ſi com as veſtes Pontificaes o Pontifice Jado, ſe lhe proſtrou por terra, e moſtrandolhe os Judeos a Profecia de Daniel, em que ſe lhe promet-

promettia o dominio do Mundo, os livrou dos tributos, e ſacrificou a Deos no Templo. Entre os meſmos Gentios, até aquelles, que negaraõ a immortalidade da alma, diſſeraõ, que era a Religiaõ huma mentira neceſſaria, e util ao bom governo das Republicas, e à conſervaçaõ dos Imperios.

Louvor da liberalidade; exemplos em os grandes Heroes.

8 A generoſidade he o ſegundo attributo nos Principes. Nenhum póde gloriarſe de ſer Heroe, ſenaõ for liberal. Emprendeo Hercules as ſuas emprezas, e fadigas, para ter mais que offertar a Euriſteo, já nos fogoſos cavallos, que tomou em Thracia a ElRey Diomedes, já nas maçãas de ouro, que foy colher nos Jardins das Heſperides. A liberalidade deu mayor nome a Alexandre, que o valor; mais fama adquiria, quando dava Cidades, que quando conquiſtava Imperios. A grandeza, que uſou com as filhas, e mulher de Dario, lhe deraõ mais gloria, que todos os triunfos da Aſia. A generoſidade, que Ceſar exercera com os ſeus Soldados nos dez annos do Governo, e conquiſta de França, e Inglaterra, os obrigou a ſervillo ſem ſoldo contra Pompeo, e a gaſtarem o adquirido, até lhe darem o dominio do Mundo. A Tito Veſpaſiano, que tinha por perdido o dia em que naõ fazia merces, a generoſidade lhe deu a antonomaſia de Delicias do Povo Romano.

Sentenças de Tullio, e Anaxilao.

O poder dar mais do que ſe recebe, he a mayor riqueza, de que os humanos pódem jactarſe, como diz Tullio; e em ſer crédor a todos, e à nenhum devedor, conſiſte o ſer Principe, como ſente Anaxilao.

Am-

Exemplar pureza delRey nosso Senhor D. Joaõ V. na virtude da Religiaõ.

9 Ambas estas admiraveis virtudes sobre outras innumeraveis, avultaõ mais no nosso Augusto Monarcha o Serenissimo Senhor Rey D. Joaõ V. Em quanto à primeira, naõ ha Templo, nem Santuario em Lisboa, que naõ frequente com os seus votos, e com as suas offertas. Por ter mais partes a que applicar cultos, dividio a sua Corte em duas Metropolis, illustrando huma com a Dignidade Patriarchal. Na sua Real Capella introduzio muitas com mayor esplendor, do que teve no tempo dos seus antecessores. As Mitras de todas as Cathedraes dos seus Dominios confere aos talentos mais insignes em virtude, e letras. He taõ devoto, e esplendido nas Procissoens, como se vê na de Corpus Christi, que celebra com tal magnificencia, e pompa, que admira a todas as Nações Catholicas, que nella se achaõ.

Magnifica grandeza no attributo da liberalidade.

10 Em quanto à segunda, resplandece com tanta extensaõ a sua liberalidade, que nos Naturaes, e nos Estrangeiros, dentro, e fóra da Monarchia tem continuo emprego. Quantos recorrem ao seu Real amparo, vaõ abundantissimamente satisfeitos da sua incomparavel grandeza. Digaõ-no o Tibre, e o Mediterraneo; confessemno Italia, e o Peleponesso, para onde naõ só dispendeo thesouros com as armas do seu Reyno, em defensa da nossa Religiaõ Catholica contra o inimigo commum da Christandade, mas enviou repetidos soccorros do ouro das suas Minas, assegurando do formidavel poder Mahometano com

estes

estes auxilios aquellas Provincias. Monarcha em fim, a cujo magnanimo coraçaõ para beneficiar a todos, (em credito singular da Naçaõ Portugueza) naõ bastaõ todas as riquezas do Mundo.

11 A Igreja da Bahia, Metropoli de todas as do Brasil (que depois da sua fundaçaõ no Governo de veneraveis, zelosos, e santos Pastores, crescendo em ovelhas, florecia em Religiaõ com o mais pio exemplo, e o mayor culto, expendendo-se em votos, e liberalidades a veneraçaõ, e a grandeza dos fieis, naõ só nas Parochias, e Conventos, mas até nas Ermidas, e Capellas da Cidade, e do reconcavo) agora se augmentava em todo o genero de perfeiçaõ Catholica na obediencia, e direcçaõ do seu Metropolitano D. Sebastiaõ Monteiro da Vide, que com incessante trabalho applicando-se na incumbencia da sua obrigaçaõ, e vendo, que as suas Igrejas se governavaõ pelas Constituições da de Lisboa, poz por obra fazellas ao seu Arcebispado, porque parece, que o reservara Deos para a composiçaõ das Constituições, depois de muitos antecessores, como a Moyses para a publicaçaõ da Ley, depois de tantos Patriarchas.

Florece a nossa Sagrada Religiaõ Catholica no Brasil.

12 Deolhes principio no anno de mil e sete centos e sete, celebrando hum Synodo Diocesano: (primeiro, que vio o Brasil) tinha tençaõ fazer Concilio Provincial, e mandou passar Cartas convocatorias aos Bispados Suffraganeos, dos quaes estavaõ em Sede Vacante Pernambuco, e S. Thomé, e com Prelados o Rio de Janeiro, e Angola,

Anno de 1707.

Angola. Deſte Reyno acudio com virtuoſa, e louvavel diligencia o Illuſtriſſimo Biſpo D. Luiz Simoens Brandaõ; porém daquella Provincia naõ pode ſahir o Illuſtriſſimo Biſpo D. Franciſco de S. Jeronymo, depois de ter eſcrito que vinha, porque os ſeus muitos annos, e achaques lhe difficultaraõ a viagem.

Synodo, que celebra o Arcebiſpo D. Sebaſtiaõ Monteiro da Vide.

13 Chegado o termo publicado, e diſpoſtas as materias para a celebraçaõ, reſolveo o Arcebiſpo fazer Synodo Dioceſano, que principiou em doze do mez de Junho, (dia, em que naquelle anno occorria a feſta de Pentecoſtes) mandando encommendar em todas as Parochias, Igrejas, e Conventos ao Eſpirito Santo a ſua Divina inſpiraçaõ, e aſſiſtencia, e principiando as tres primeiras Seſſoens com Miſſas Pontificaes, e Sermoens, que prégaraõ tres inſignes Oradores da Bahia, e com Prociſſoens ao redor da Metropoli. Taõ repetidas, e piedoſas ſupplicas ouvio Deos propicio, dando auxilios ao Prelado para os acertos, com que ordenou as Conſtituições, que correm com geral applauſo, e obſervancia neſte Arcebiſpado.

Volta Caetano de Mello da India, e combate com huma nao de Piratas.

Anno de 1708.

14 Voltava Caetano de Mello de Caſtro, Vice-Rey da India, de governar aquelle Eſtado, no anno de mil e ſete centos e oito, em huma das naos de viagem, que coſtumaõ vir com eſcala pela Bahia, onde cobrando ſaude os enfermos, recolhendo mais gente, e fazendo novos apreſtos para proſeguir a navegaçaõ, no comboy da noſſa Frota vaõ para Portugal com menor riſco dos

perigos

perigos do mar, e mayor ſegurança da ambiçaõ dos Corſarios. Naõ encontravaõ até aquelle tempo (dos portos da Aſia aos do Braſil) os Piratas, que depois no anno de mil e ſete centos e vinte experimentou o Vice-Rey Conde da Ericeira, com tanta perda do ſeu cabedal, como credito do ſeu valor, naõ ſó na conſtancia, com que ſe houve com elles, mas em todas as acçoes, que obrara na India, onde fora renovar altas memorias do inſigne Governador della, e progenitor ſeu o grande D. Henrique de Menezes.

Deſcuido das noſſas naos da India quando de Goa vem ao Braſil.

15 Confiadas as naos, que nos outros annos navegavaõ da India para a Bahia, em que naõ haviaõ inimigos com quem pelejar até ſe recolherem a eſte porto, vinhaõ com taõ pouca diſpoſiçaõ para hum naval conflicto, quanto ſogeitas a ſerem facilmente rendidas; porque além das muitas enfermidades, que contrahem os navegantes naquella larga viagem, o intereſſe do negocio as faz vir taõ avolumadas, e com tanto embaraço para jugar a artilheria, que ſe achaõ quaſi impoſſibilitadas para a defenſa. Neſte engano, ou deſcuido vinha tambem a nao, em que paſſava Caetano de Mello de Caſtro; mas como no ſeu valor trazia toda a ſegurança, elle a livrou do perigo imminente no combate, que teve com hum poderoſo baixel de Piratas, que obſervando a monçaõ, em que ellas vem recolherſe à Bahia, cruzando os noſſos mares, a eſperava, ſem que na Cidade houveſſe noticia alguma de que aquelle inimigo vagava por elles.

Combate, e triunfa dos inimigos o Vice-Rey Caetano de Mello.

16 Aviſtaraõ-ſe as duas grandes naos, e conhecendo-ſe logo ambas, fez o Vice-Rey Caetano de Mello de Caſtro ſafar a artilheria, que com tanto trabalho, como diligencia poz logo prompta para laborar. Repartio pelos poſtos os Soldados, e paſſageiros, que ſe achavaõ capazes de peleja; na falta dos enfermos, e dos mortos armou os Religioſos, que vinhaõ em ſua companhia, e animando a huns, e outros como eſpirito de todos, ſe principiou entre ambos os baixeis hum valeroſo conflicto, que durou toda huma manhãa; mas afroxando de cançada a nao inimiga, e deſeſperando da preza, por lhe ter já o impulſo cuſtado muitas vidas, e tambem por imaginar ſer mayor o noſſo poder do que ſuppunha, ſe foy retirando até deſapparecer. Porém o perigo, de que livrara a noſſa (pela diſpoſiçaõ, e valor de Caetano de Mello) hia experimentando por outro accidente, com manifeſto riſco de naufragio, pelo impeto das ondas, e pouca pratica dos Pilotos.

Perigo do mar em que ſe vê, do qual livra com a meſma fortuna.

17 Defronte dos penedos, e baixos chamados Piraûnas deu fundo com grande trabalho, e juſto temor de ſe perder nelles, forcejando ſempre contra a corrente das aguas; mas apenas foy viſta da Cidade, quando o Governador, e Capitaõ General Luiz Ceſar de Menezes fez deſpedir dous lanchoens com praticos, officiaes, marinheiros, eſpias, cabos, e ancoras, os quaes chegando com fortuna, e preſteza à nao, a livraraõ do perigo, trazendo-a a ſalvamento com grande

de louvor do Governador Luiz Cesar, que em toda huma noite naõ tomou sono, nem teve descanço, até que na seguinte manhãa a vio no porto, em que entrou Caetano de Mello juntando mais hum triunfo aos que alcançara na Asia.

Diligencia, e zelo do Governador Luiz Cesar em soccorro da nao.

18 Acclamado o nosso grande Monarcha no primeiro de Janeiro do anno de mil e sete centos e sete, poz a coroa a todas as felicidades do seu dilatado Imperio no de mil e sete centos e oito, celebrando os seus felicissimos desposorios com a Serenissima Senhora Rainha D. Marianna de Austria, exemplar de todas as mais famosas Princezas de Europa, e idéa das mais celebres Heroînas do Mundo no presente seculo, e nos passados. He filha do Augustissimo Senhor Emperador Leopoldo I. e da Senhora Emperatriz D. Leonor Magdalena Theresa, irmãa da Serenissima Senhora D. Maria Sofia Isabela de Neoburgo, já Rainha de Portugal, e a nova Serenissima Rainha dominante, irmãa dos Augustissimos Emperadores os Serenissimos Senhores Joseph I. e Carlos VI. dotada naõ só destas grandezas da fortuna, mas de todos os primores da natureza, sendo tantas as suas virtudes, que naõ póde o encarecimento expendellas, nem ainda o discurso contemplallas.

Feliz acclamaçaõ delRey nosso Senhor D. Joaõ V.

Seus Reaes desposorios com a Serenissima Rainha a Senhora D. Marianna de Austria.

19 Chegou a Lisboa entre Reaes jubilos, e alegres applausos, e demonstrações do Rey, e dos Vassallos, no referido anno; e logo, como Aurora, dando luzes ao hemisferio Portuguez, como flor, frutificando a Casa Real, foy mostrando a

Chega a Lisboa.

Anno de 1708.

Com a ſua fecundidade aſſegura a permanencia da Real ſucceſſaõ Portugueza.

ſua fecundidade Regia nos ſucceſſivos partos venturoſos dos Sereniſſimos Senhores Principe, e Infantes, em quem a prole Auguſta Luſitana ſe vê altamente propagada, para firmeza dos ſucceſſores do grande Imperio, promettido por Chriſto Senhor noſſo no Campo de Ourique ao primeiro Rey Portuguez, ſendo entre os exceſſivos attributos, que admiramos em Rainha taõ ſingular, de ſumma relevancia para o noſſo bem eſta felicidade, em que ſe aſſeguraõ as noſſas eſperanças, e para a univerſal veneraçaõ, prerogativa de igual applauſo o ſer filha, irmãa, eſpoſa, e mãy de inclytos Emperadores, Reys, Monarchas, e Principes, que foy o mais, que ſe chegou a dizer, e ponderar em louvor das Emperatrizes Agrippina, e Gala Placidia.

Parcialidades nos Povos das Minas, entre os Pauliſtas, e os Foraſteiros.

20 Tinhaõ creſcido os Povos nas Minas do Sul em tanto numero de gente de varios generos, condiçóes, e eſtados, que era quaſi impoſſivel terem ſocego, ſem hum Governador aſſiſtente, que os fizeſſe viver em paz. Eſtavaõ oppoſtos, e divididos em duas parcialidades, huma dos naturaes de S. Paulo, e das Villas da ſua juriſdicçaõ, chamados Pauliſtas, e outra dos Foraſteiros, a quem elles chamaõ Emboabas, dando eſte nome a todos os que naõ ſahiraõ da ſua Regiaõ.

Principio das ſuas alteraçóes.

21 Tiveraõ principio as diſſenſoens no Arrayal do Rio das Mortes, por huma, que fez hum Pauliſta tyranna, e injuſtamente a hum Foraſteiro humilde, que vivia de huma pobre agencia. Deſta ſem razaõ alterados os outros Foraſteiros, e deſcul-

e deſculpavelmente enfurecidos, ſollicitaraõ a vingança da vida de hum, e da offenſa de todos, e a conſeguiriaõ, ſe aquelle homicida naõ ſe auſentara com tal aceleraçaõ, que o naõ poderaõ alcançar, poſto que por muitas partes o ſeguiraõ. Daquelle delicto, e de outras crueldades dos Pauliſtas deraõ conta ao Governador do Rio de Janeiro, que entaõ era D. Fernando Martins Maſcarenhas de Lancaſtro, pedindolhe hum Capitaõ, que os regeſſe, e mantiveſſe em paz, a cujo requerimento juſto ſatisfez o Governador, com mandar Patente a hum delles de mayor ſuppoſiçaõ, e mais ajuſtado procedimento.

Varias cauſas, que accreſcem para as ſuas diſcordias.

22 Eſtas primeiras chammas com accidente novo creſceraõ a incendio de mayores labaredas. Achavaõ-ſe no adro da Igreja do lugar do Cahetê Jeronymo Poderoſo, e Julio Ceſar, naturaes da Provincia de S. Paulo, que poderamos comparar à de Roma pelos appellidos dos Ceſares, e Pompeos, os quaes tambem com civis contendas, e pelejas fizeraõ em alguma occaſiaõ parecer campos de Farſalia os da Regiaõ do Sul. Paſſava por alli hum Foraſteiro com huma clavina, e querendo os Pauliſtas tomarlha, fingiraõ, que aquelle homem innocente lha furtara, deſcompondo-o de palavras indecoroſas; e ſendo preſente Manoel Nunes Viana, filho de Portugal, alentado, e poderoſo nas Minas, e ſabendo, que aquella arma era propria, e naõ roubada, lhes eſtranhou naõ ſó o meyo, com que lha queriaõ uſurpar, porém o mao tratamento, que lhe faziaõ,

Appellidos de Pompeos, e Ceſares, que ha na Provincia de S. Paulo.

ziaõ, e paſſando de ambas as partes a mayores razoens, os deſafiou Manoel Nunes Viana para fóra daquelle ſitio. Aceitaraõ o duello, porém depois o recuſaraõ com pretextos mais ſeguros, que honrados; e vendo, que ficavaõ deſairados, pertenderaõ reſtaurar a opiniaõ perdida com deſpique, de que lhes reſultava mayor injuria, juntando armas, e parentes para aſſaltarem a Manoel Nunes Viana em ſua propria caſa.

Deſafio, que lhes faz Manoel Nunes Viana.

23 Tendo noticia deſte maligno intento os Emboabas, ou Foraſteiros reſidentes nos tres Arrayaes do Sabarabuſû, do Cahetê, e do Rio das Velhas, e vendo, que ſe os Pauliſtas invadiaõ a eſtancia de Manoel Nunes Viana, a quem tinhaõ por Protector, ficariaõ todos ſogeitos ao jugo dos inimigos, experimentando as ſuas inſolencias, caminharaõ armados a ſoccorrello, e guardarlhe a caſa; facto, que ſabido pelos Pauliſtas, deſiſtiraõ de commetter a maldade, mais por receyo, que por virtude; e mandando hum Enviado a Manoel Nunes, lhe ſeguraraõ queriaõ viver em boa paz, e correſpondencia com os Foraſteiros, para cuja amizade ceſſaſſem de ambas as partes as hoſtilidades, que huma a outra ſe faziaõ, e com eſta concordia, que naõ promettia ſegurança pelos intereſſes, genios, e inconſtancia das duas parcialidades, voltaraõ todos para ſuas caſas a tratar dos ſeus particulares, e das ſuas conveniencias.

Acodem os Foraſteiros a ſegurar a eſtancia de Manoel Nunes Viana.

24 Poucos dias lhes durou eſta paz, ou tregoa alterada pelos Foraſteiros, querendo vingar a morte de hum ſeu vendelhaõ, feita por hum Mamaluco,

Novas alterações cauſadas pelos Foraſteiros.

maluco, buſcando o delinquente dentro da caſa de Joſeph Pardo, Pauliſta poderoſo, que dandolhe fuga pelo mato, perdeo a vida às mãos dos Foraſteiros, por lho naõ entregar, ſem lhe valer o procurar perſuadillos naõ era ſabedor, que o complice ſe valera da ſua caſa, e lhe intimar o ſocego, e conſervaçaõ da concordia taõ proximamente ajuſtada. Com eſta temeridade dos Foraſteiros tornaraõ a armarſe os Pauliſtas, e trataraõ de unirſe em offenſa dos ſeus contrarios, e ſegurança propria, que ſuppunhaõ difficil, ſe naõ procuravaõ com todas as ſuas forças extinguir de todo os Foraſteiros, fazendo-os deſpejar das Minas. E juntando os ſeus naturaes, eſcravos, armas, e todas as couſas conducentes a tanta empreza, na ſeſſaõ de huma aſſemblea, que tiveraõ no fim do mez de Novembro daquelle anno, reſolveraõ dar aos dez de Janeiro do ſeguinte em hora ajuſtada por elles (como a das Veſperas Sicilianas para os Francezes) em todas as partes das Minas ſobre os Foraſteiros, e paſſallos a ferro.

Reſoluçaõ dos Pauliſtas.

25 Eſta noticia verdadeira, ou falſa tiveraõ por firme os Foraſteiros, porque a ſua prevençaõ os naõ fez vacillar entre a duvida, e a certeza; e juntando-ſe logo os Povos dos tres lugares, Sabarabuſû, Cahetê, e Rio das Velhas, caminharaõ a buſcar a Manoel Nunes Viana, e o elegeraõ por ſeu Governador, e de todos os Povos das Minas, para refrear os inſultos dos Pauliſtas, e os obrigar a viverem ſogeitos ao jugo das Leys do Reyno, e naõ às do ſeu proprio arbitrio, pelas quaes ſó

Prevençaõ dos Foraſteiros.

Elegem a Manoel Nunes Viana por Governador daquelles Povos.

só ſe governavaõ, em quanto ElRey por ſeus Governadores, e Miniſtros os naõ punha na obediencia de Vaſſallos, com a obſervancia dos ſeus Reaes preceitos. Aceitou Manoel Nunes o cargo, o qual tambem lhe mandaraõ offerecer os Povos das Minas Geraes do Ouro Preto, e do Rio das Mortes, pedindolhe os foſſe ſoccorrer, por eſtar o partido dos Pauliſtas muy poderoſo naquelles deſtrictos, uſando da liberdade, e inſolencia, em que coſtumavaõ viver, e conſervando o odio entranhavel contra todos os Foraſteiros.

Pedemlhe ſoccorros os das Minas Geraes do Ouro Preto, e do Rio das Mortes.

26 Levando numeroſo Exercito, marchou Manoel Nunes Viana a ſoccorrer aquelles Povos, que tendo-o tambem acclamado por Governador, lhe pediaõ auxilio contra os Pauliſtas. Chegou ao das Minas Geraes, e o poz em quietaçaõ, e ſegurança dos inimigos, que os inſultaraõ, e ſabendo, que eſtavaõ poderoſos no Rio das Mortes, obrando inſolencias contra os Foraſteiros, e que os tinhaõ reduzidos a hum reducto de terra, e faxina, que fizeraõ para ſe defenderem, temendo ſerem acometidos nelle pelo deſigual poder, em que ſe achavaõ, (cauſa, pela qual ſe viaõ no mayor aperto, e conſternaçaõ) lhes enviou em ſoccorro mais de mil homens valeroſos, e bem armados, e por Cabo delles a Bento de Amaral Coutinho.

Leva Manoel Nunes numeroſo Exercito em favor dos Povos, e manda ao do Rio das Mortes a Bento de Amaral Coutinho.

27 Era Bento de Amaral natural do Rio de Janeiro, alentado, porém tyranno; com mayor crueldade, que valor havia feito na ſua Patria muitos homicidios, e inſolencias grandes, e os ſeus

Natureza, e condiçaõ de Bento de Amaral.

ſeus delictos o levaraõ para aquelles Povos, onde naõ haviaõ juſtiças, que o caſtigaſſem. Partio com hum deſtacamento, que ſe lhe entregara, e com a ſua chegada ao Arrayal do Rio das Mortes, ficaraõ deſaſſombrados os ſeus moradores do receyo, que os opprimia; aquartelou no meſmo lugar a gente, que levara, e ſendo informado, que por aquelle deſtricto vagavaõ alguns ranchos de Pauliſtas com liberdade, e impulſo de vingança, buſcando ſempre occaſioens de a executar, mandou contra elles alguma gente, que naõ podendo colhellos, os affugentou, e fez retirar para S. Paulo.

Manda contra hum troço de Pauliſtas ao Capitaõ Thomaz Ribeiro Corço.

28 Em diſtancia de cinco legoas do Arrayal do Rio das Mortes, em que aſſiſtia Bento de Amaral Coutinho, ſe achava hum grande troço de Pauliſtas dos mais deſtemidos, e facinoroſos, contra os quaes mandou hum deſtacamento de muitos homens, a cargo do Capitaõ Thomaz Ribeiro Corço, o qual ſem obrar couſa alguma, voltou deſculpando-ſe com o numero dos contrarios, incomparavelmente mayor, que o da gente, que levara. Enfurecido Bento de Amaral, marchou a buſcallos; e ſendo ſentido dos Pauliſtas, que ſe andavaõ divertindo, e utilizando da caça, ſe recolheraõ aos ſeus ranchos, ou alojamentos, que tinhaõ em hum Capaõ, ou Capoeira, (aſſim chamaõ no Braſil as moutas grandes, ou mattas pequenas) que eſtava no diametro de huma dilatada campina, e alli determinaraõ defenderſe do furor, com que os buſcavaõ os Foraſteiros, pre-

Marcha Bento de Amaral contra os Pauliſtas.

vendo iria com elles o meſmo Amaral, que conheciaõ por arrojado, e cruel.

29 Mandou botar cordaõ à matta, e logo os Pauliſtas diſparando de cima das arvores as eſcopetas, mataraõ a hum valeroſo negro, e feriraõ duas peſſoas de ſuppoſiçaõ, que eſtavaõ junto a Bento de Amaral, e outras muitas das principaes, que hiaõ no deſtacamento, ſem delles poderem ſer offendidos pela eſpeſſura do matto, que os cobria; e porque os Foraſteiros ſó pertendiaõ tirarlhes as armas, e naõ as vidas, mandaraõ os feridos para o Arrayal, de donde ſahiraõ, perſiſtindo conſtantes os mais no ſitio huma noite, e hum dia, no qual lhes enviaraõ os Pauliſtas hum Bolantim com bandeira branca, pedindo paz, e promettendo entregar as armas, ſe lhes déſſem bom quartel. Concedeolho Bento de Amaral; porém aſſim como ſe lhe appreſentaraõ rendidos, e entregaraõ as armas (oh ferina crueldade, indigna de humanos peitos!) gritou, que mataſſem aquelles, que tantos damnos, e mortes tinhaõ cauſado nos Foraſteiros, e foy logo fazendo eſtrago naquelles miſeraveis deſarmados, aleivoſamente recebidos.

Acometidos, ſe rendem, e entregaõ as armas.

Crueldade aleivoſa contra os rendidos.

Eſtrago, que nelles faz Bento de Amaral.

30 Eſtranharaõ eſte horrendo procedimento as peſſoas dignas, que hiaõ naquelle Exercito, e naõ quizeraõ mover as armas contra os rendidos, affeando aquella maldade, impropria de animos generoſos, e Catholicos, e ainda das meſmas feras, que muitas vezes ſe compadecem dos que ſe lhes humilhaõ. Porém as de animo vil, e os

escravos disparando, e esgrimindo as armas, fizeraõ nos miseraveis Paulistas tantas mortes, e feridas, que deixaraõ aquelle infeliz campo coberto de corpos, huns já cadaveres, outros meyos mortos, ficando abatido, e funebre o sitio pela memoria da traiçaõ, e pelo horror do estrago; e com estas bizarrias crueis voltou o Amaral vilmente ufano com o seu destacamento para o lugar de donde sahira.

Continúa Manoel Nunes Viana no Governo dos Povos.

31 Naõ deixou Manoel Nunes Viana de lhe estranhar taõ cruel, e detestavel procedimento; mas naõ se atreveo ao punir, porque naquelles mal morigerados Povos, em tempo taõ desastrado, era perigoso o castigo de qualquer delicto, e continuava com a melhor disposiçaõ, que podia no exercicio do cargo, que se lhe conferira. Era D. Fernando Martins Mascarenhas de Lancastro Governador da Provincia do Rio de Janeiro, cujo dominio tinha ainda sobre todos aquelles destrictos a jurisdicçaõ, que depois se lhe tirou, dividindo-se em dous Governos separados. Tendo noticia do caso, e das muitas violencias, que se obravaõ, as quaes ameaçavaõ a ultima ruina daquelles Povos, resolveo prevenilla, e atalhalla, indo em pessoa a elles; e com quatro Companhias, e outros Officiaes da sua guarda se poz a caminho para as Minas.

Vay às Minas o Governador do Rio de Janeiro D. Fernando Martins Mascarenhas.

32 Chegou ao Arrayal do Rio das Mortes, onde se deteve algumas semanas, exercendo actos da sua jurisdicçaõ; porém como mostrasse inclinaçaõ aos Paulistas, tratando mal aos Forastei-

ros, fizeraõ eſtes aviſo aos Povos dos outros lugares, e para os ſoblevar, ſeguravaõ, que o Governador hia ſó a caſtigallos, para cujo fim levava algemas, e correntes, e que a ſua liberdade conſiſtia na ſua deſobediencia, porque ſó expulſando-o das Minas, poderiaõ fugir ao ſupplicio, que os eſperava.

Reſolvem os Foraſteiros a lhe reſiſtirem.

33 Eraõ eſtas ſuggeſtoens todas faltas de verdade, e que ſe encaminhavaõ a fazer tal conſternaçaõ nos Povos, que naõ ſó lhe deſobedeceſſem, mas o fizeſſem ſahir de todos os limites das Minas; ſem advertirem, que ſe temiaõ os caſtigos dos crimes commettidos entre ſi, com mais cauſa deviaõ recear a ſoblevaçaõ, que intentavaõ contra a regalia do Monarcha na peſſoa do Governador, a quem pertendiaõ negar o poder, e affugentar de todos aquelles lugares. Mas a conſideraçaõ do mal, que julgavaõ preſente, venceo o temor do ſupplicio futuro, porque eſtas vozes fizeraõ tal alteraçaõ em todos os Foraſteiros, que amotinados, buſcaraõ a Manoel Nunes Viana, e o levaraõ a opporſe à entrada de D. Fernando.

Vaõ com Exercito contra elle.

34 Foraõ eſperallo ao ſitio das Congonhas, aſſim chamado por huma herva, que produz deſte nome, da qual fazem os Pauliſtas certa potagem, em que achaõ os meſmos effeitos do xâ. Ficava diſtante quatro legoas do Arrayal do Ouro Preto, de donde ſahiraõ; e aviſtando a caſa, em que D. Fernando eſtava, ſe lhe appreſentaraõ no alto de huma colina em fórma de batalha, a Infanteria no centro, e a Cavallaria aos lados. Mandou

dou D. Fernando por hum Capitaõ de Infanteria, e outras pessoas, saber a determinaçaõ de Manoel Nunes, que estava na frente do Exercito, o qual depois de algumas conferencias, foy acompanhado de poucos homens a fallarlhe, e detendo-se pouco mais de huma hora em satisfazello, lhe segurou, que aquella alteraçaõ era contra a sua vontade, e que o levavaõ os Povos quasi constrangido, e muito à força; que a causa, que tinhaõ para resistir, era o temor, que publicavaõ de que os hia a castigar, mas que se fosse servido entrar, elle por si lho naõ impedia.

Falla Manoel Nunes a D. Fernando.

35 Porém o Governador D. Fernando apoderado de hum temor justo, naõ quiz passar adiante, e voltou para o Rio de Janeiro, deixando aquelles Povos na sua rebelliaõ, por naõ poder reduzillos à obediencia delRey, posto que todos protestavaõ estar seguros nella, e que a alteraçaõ, que fizeraõ, fora por sacudir o jugo tyrannico, em que os punhaõ os Paulistas, a quem D. Fernando protegia, e descobertamente amparava, e que pertendiaõ pedir a ElRey lhes enviasse às Minas Governador, e Ministros assistentes, que os governassem, e mantivessem em paz; e logo puzeraõ em arrecadaçaõ os Quintos Reaes, que pagavaõ os gados, e determinaraõ enviar à Corte Procuradores, para cuja jornada tiraraõ entre si hum pedido consideravel; mensagem, que suspendeo a chegada de Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho ao Rio de Janeiro, que fora succeder a D. Fernando naquelle Governo.

Retira-se o Governador D. Fernando Martins das Minhas para o Rio de Janeiro.

Retirado

Continúa o Governo das Minas Manoel Nunes Viana.

36 Retirado das Minas o Governador D. Fernando Martins Mafcarenhas de Lancaftro, ficou Manoel Nunes Viana exercendo com mayor liberdade o cargo de Governador, que lhe tinhaõ conferido aquelles Povos, no qual fe houve com taõ acertadas difpofições, que mereciaõ naõ fó perdoens, mas premios, convertendo os erros em merecimentos. Animou-fe a crear Meftres de Campo, Tenentes Generaes, fubalternos, e outros Cabos, e Capitães, Superintendentes, e Miniftros para adminiftrarem a juftiça, Provedores para a arrecadaçaõ da fazenda dos defuntos, e aufentes, e Guardafmores para repartirem os Ribeiros do ouro.

Faz varios provimentos.

Refolvem os Povos dar obediencia ao novo Governador Antonio de Albuquerque.

37 Confiderando todos os homens de melhor difcurfo, affiftentes naquelles Povos, naõ poderia permanecer o Governo de Manoel Nunes Viana, naõ por injufto, mas por illegitimo, e que o noffo Augufto Monarcha juftamente irado, por naõ terem obedecido ao feu lugar tenente, caftigaria a todos os complices naquelle procedimento, quizeraõ anticipar a fua obediencia à refoluçaõ Real, chamando para o Governo das Minas ao novo Governador do Rio de Janeiro. Deraõ parte defte intento a Manoel Nunes, que pofto fe prefumiffe o chegou a fentir, naõ faltou em o approvar, e com o feu parecer enviaraõ a Fr. Miguel Ribeira, Religiofo de Noffa Senhora das Merces, que havia fido Secretario de Antonio de Albuquerque no Governo do Maranhaõ. Por elle com repetidos rogos, e cartas de Manoel

Mandaõ hum menfageiro pedindolhe, que os vá governar.

noel Nunes, e das peſſoas principaes, lhe pediraõ foſſe às Minas, onde o eſperavaõ com alvoroço, e obediencia, fiando das ſuas diſpoſiçoes o ſocego, e ſogeiçaõ (em que deſejavaõ viver) a todos os preceitos delRey, e ordens dos ſeus Governadores.

Chega Antonio de Albuquerque.

38 Chegado Antonio de Albuquerque Coelho de Lisboa ao Governo do Rio de Janeiro, diſpoz em breve tempo a ſua jornada para as Minas, e com tanta diligencia ſe poz a caminho, que nelle o encontrou o Religioſo menſageiro. Entregoulhe as cartas, e o certificou, de que confórme a ellas acharia os animos de todos aquelles Povos, os quaes com grande alvoroço, e contentamento o eſperavaõ. Feſtejou Antonio de Albuquerque a noticia, e proſeguindo a jornada, chegou às Minas do Cahetê, onde reſidia Manoel Nunes Viana, e eſtavaõ as peſſoas de mayor ſuppoſiçaõ das Minas Geraes compondo algumas differenças, que já ſe tinhaõ movido entre Manoel Nunes, e os Povos do Rio das Velhas.

He obedecido de todos.

39 Receberaõ logo a Antonio de Albuquerque por ſeu Governador, e o feſtejaraõ com as mayores demonſtraçoes de amor, e obediencia, accreſcendo aos motivos dos ſeus jubilos nova cauſa para o ſeu applauſo, por verem ſe lhes metia nas mãos deſarmado, ſem mais companhia, que a de dous Capitães, dous Ajudantes, e dez Soldados. Manoel Nunes, alcançando delle licença para ſe retirar às ſuas Fazendas do Rio de S. Franciſco, partio brevemente para ellas, e deixou os Povos das Minas.

Diſ-

Corre o Governador todos aquelles destrictos.

40 Discorrendo o Governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho pelas outras Povoações, se applicou a assegurar na obediencia Real a todos aquelles subditos, e a compor as suas differenças, e pertenções particulares. Confirmou os postos, que Manoel Nunes, à instancia, e por nomeaçaõ dos Povos havia creado; os mais delles proveo nas proprias pessoas, que os estavaõ exercendo, por entender, que eraõ capazes de os occupar; fez outros de novo, ordenando todas as suas disposições ao mayor serviço delRey, e socego de todos, com taõ geral satisfaçaõ, quanto eraõ uniformemente bem recebidas as suas resoluções, que reconheciaõ por acertadas.

Confirma os postos.

41 Concluidas as cousas pertencentes àquelles destrictos, determinou passar aos da Capitanîa de S. Vicente, e com mayor cuidado à Villa de S. Paulo, e às outras da sua jurisdicçaõ, que por mais orgulhosas, e temerarias careciaõ de toda a diligencia, e industria para as ter sogeitas, e lhes aplacar a inquietaçaõ, e furor, que haviaõ mostrado contra os Forasteiros nas Minas, cujas competencias conservavaõ muy vivas nos corações, e com este intento marchou para aquella Regiaõ com o mesmo pouco sequito, que levara do Rio de Janeiro.

Exercito dos Paulistas em desempenho dos seus aggravos.

42 Os Paulistas, pela ausencia de D. Fernando Martins Mascarenhas, vendo totalmente destituido de poder, e forças o seu partido, se tinhaõ retirado para S. Paulo, mas foraõ recebidos com desprezo até das proprias mulheres, que blaso-

blaſonando de Pantaſilêas, Semiramis, e Zenobias, os injuriavaõ, por ſe haverem auſentado das Minas fugitivos, e ſem tomarem vingança dos ſeus aggravos, eſtimulando-os a voltar na ſatisfaçaõ delles com o eſtrago dos Foraſteiros. Eſte fogo, ſoprado por aquelle ſexo, em que ſe acha mais prompto o furor vingativo, e em que mais ardem os corações dos homens, creſcendo nos Pauliſtas com a conſideraçaõ do credito, que deixaraõ ultrajado, e da fama, que tinhaõ perdido, (chamma interior, que os naõ abrazava menos pelos ſeus naturaes brios) os fez juntar hum numeroſo Exercito de Paizanos, para tornarem de novo à Paleſtra com os ſeus contendores; e elegendo por ſeu General a Amador Bueno, peſſoa entre elles de mayor reputaçaõ no valor, e na pratica das armas, marcharaõ para as Minas.

Exercito dos Pauliſtas em deſempenho dos ſeus aggravos.

43 No caminho encontrou Antonio de Albuquerque aquella inſolente turba; e querendo perſuadir aos mais poderoſos della deſiſtiſſem do impulſo, em que commettiaõ taõ grande offenſa contra Deos, e tanto delicto contra ElRey, lhe déraõ taõ pouca attençaõ, e moſtraraõ tal porfia, que quando o Governador intentava reprimirlhes com palavras o furor, ſe vio muy arriſcado a experimentallo por obras, porque determinavaõ prendello; mas deſta reſoluçaõ informado por hum confidente Antonio de Albuquerque, ſe reſolveo inopinadamente a retroceder para a Villa de Paratî, e della embarcarſe para o Rio de Janeiro, onde chegando feliz, e brevemente, fez

Antonio de Albuquerque o encontra no caminho.

pelo caminho novo aos Povos das Minas aviſo do perigo, que os ameaçava o Exercito dos Pauliſtas, que contra elles hia.

44 Achavaõ-ſe os habitadores das Minas em deſcuido, ou total eſquecimento das contendas paſſadas, que os Pauliſtas conſervavaõ na memoria. O Povo do Rio das Mortes, que era por mais proximo, o primeiro, em quem havia de cahir aquella tempeſtade, com o aviſo, que teve, pedio ſoccorro às Minas Geraes, e fortificaraõ logo o ſeu reducto com alguns baluartes, que de novo lhe fizeraõ para entreter os inimigos, em quanto lhes chegavaõ mayores forças para ſe pôr em campanha. Naõ déraõ muito lugar a eſtas prevençóes os Pauliſtas, porque chegando, e achando reduzido à ſua fortificaçaõ aquelle Povo, ſobiraõ a huma montanha, que lhe ficava como padraſto, de donde, e da Igreja Matriz, que eſtava fóra da muralha, e de hum Cavalleiro mais, que levantaraõ, lhe fizeraõ conſideravel damno, matandolhes, e ferindolhes muita gente.

Chegaõ os Pauliſtas ao Povo do Rio das Mortes.

Combatemno com eſtrago de ambas as partes.

45 Pouco inferior era, o que os cercadores tambem recebiaõ dos ſitiados, porque matandolhes algumas peſſoas na bateria da Igreja, e nas outras, a que podiaõ chegar as ſuas ballas, aliviavaõ a dor das vidas, que perdiaõ, com as que tiravaõ: deſeſperado remedio, que no caſo preſente era mais neceſſidade, que vingança. Sahiraõ por duas vezes de dentro das ſuas trincheiras, e dando inopinadamente ſobre os Pauliſtas, lhes fizeraõ grande eſtrago; porém tendo pouca gente para

para eſtas ſortidas, ſe abſtiveraõ dellas, tratando de conſervarſe dentro dos reparos, até lhe chegarem os ſoccorros.

46 Mais de oito dias eſtiveraõ os Pauliſtas conſtantes em bater aos Foraſteiros, e cançados, ou ſatisfeitos de haverem conſtrangido àquelle Povo a naõ ſahir dos limites da ſua pequena circumvallaçaõ, e dos golpes, que lhe imprimiraõ nas vidas, poſto que muito à cuſta das ſuas, correo entre elles huma voz, de que todos os Povos das Minas os buſcavaõ com taõ numeroſo Exercito, que lhes naõ poderiaõ reſiſtir, e determinaraõ retirarſe para S. Paulo; conſelho, que em huma indiſtinta, e confuſa madrugada executaraõ com tanto ſilencio, que naõ foraõ ſentidos.

Retiraõ-ſe com o temor do ſoccorro, que hia dos outros Povos a favor dos ſitiados.

47 Tres dias depois chegou aos Foraſteiros o ſoccorro, que eſperavaõ, taõ luzido, e com tal orgulho, que determinaraõ ſeguir os Pauliſtas, e desbaratallos; mas como elles levavaõ no ſeu receyo as azas, de fórma ſe remontaraõ, que em oito dias de jornada, em que foraõ ſeguidos pelo caminho de S. Paulo, ſe lhes naõ pode dar alcance. De todos eſtes factos fizeraõ aviſo ao Governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, o qual lhes enviou para os governar, e ter ſeguros de ſemelhantes invaſoens a Gregorio de Caſtro de Moraes, com duas Companhias de hum dos Terços do preſidio do Rio de Janeiro, de que era Meſtre de Campo.

Chega, e ſeguem todos o Exercito dos Pauliſtas.

48 Pouco tempo continuou Antonio de Albuquerque o Governo do Rio de Janeiro, porque parecen-

Vay Antonio de Albuquerque provido no Governo das Minas.

parecendo ao Sereniſſimo Senhor Rey D. Joaõ V. ſeparar daquella juriſdicçaõ as Minas, pela extenſaõ dos ſeus Paizes, e por carecerem da aſſiſtencia de hum Governador, que reduziſſe à pontual obediencia, e conformidade aquelles Povos, o enviou a governallos, ficando independente de outra ſuperioridade, que à do Capitaõ Geral de todo o Eſtado.

49 Tratou logo o Governador de reduzir aquelle grande numero de ſubditos, que vagava ſem firmeza, à vida urbana, e politica, erigindo as ſeis Villas, cujos nomes deixámos já eſcritos. Demarcoulhes as juriſdicções, dividiolhes os limites, introduziolhes Juſtiças, creoulhes Senados, eſcolhendo para os cargos as peſſoas mais dignas de cada huma. Repartio os deſtrictos em Regimentos, elegendo por Cabos os moradores mais praticos, e benemeritos. Para a arrecadaçaõ dos Quintos delRey, e das fazendas dos auſentes fez Provedores, e com eſta providencia formou huma nova Republica, poſto que pequena pelo numero das Povoações, muy dilatada pelo dos moradores, aſſim reſidentes nas Villas, como na extenſaõ dos ſeus grandiſſimos limites.

Suas diſpoſições.

50 Depois de ter Luiz Ceſar de Menezes governado feliciſſimamente o Eſtado do Braſil quaſi cinco annos, lhe ſuccedeo no de mil e ſete centos e dez D. Lourenço de Almada. Naſceo eſte Fidalgo de eſclarecida Familia, em cuja Caſa ſuccedera por morte de hum irmaõ primogenito. Moſtrava eſtar deſcontente na Bahia, quiçá, que

Succede a Luiz Ceſar de Menezes no Governo geral do Braſil D. Lourenço de Almada.

Anno de 1710.

que preſago o coraçaõ, lhe annunciava as calamidades, que no tempo do ſeu Governo haviaõ de acontecer ao Braſil, as quaes tiveraõ principio nas infauſtas, e deteſtaveis alterações de Pernambuco.

51 Governava Sebaſtiaõ de Caſtro de Caldas a Provincia de Pernambuco. Era natural da de Entre Douro, e Minho, dos principaes da ſua Patria. Aprendera a milicia na companhia, e eſcola de ſeu tio Diogo de Caldas Barboſa, hum dos valeroſos Cabos nas paſſadas guerras da liberdade do Reyno. Moſtrava intelligencia das materias, vigilancia nos negocios, porém naõ ſoube prever o que havia de acontecerlhe, porque tambem ha Argos, que dormem, e a quem cega a paixaõ, ou o deſtino, cem olhos naõ baſtaõ. Tinha-os fechados Sebaſtiaõ de Caſtro para a Nobreza de Pernambuco, e naõ queria outro objecto, mais que o Povo do Recife.

Diſſenſoens em Pernambuco no Governo de Sebaſtiaõ de Caſtro de Caldas.

52 Saõ os Pernambucanos naturalmente altivos; naõ permittiaõ, que no Senado da Camera da Cidade de Olinda entraſſem peſſoas de outra esféra, que a da Nobreza daquella Provincia. Achavaõ-ſe no Recife (porto, e feira de todas as ſuas Povoações) muitos homens ricos, aos quaes o trato mercantil fizera poderoſos, e naõ podiaõ alcançar os cargos da Governança da Republica, ainda que alguns os chegaraõ depois a conſeguir, mas com traça tal, e tanto trabalho, que eſta difficuldade os obrigou a pertenderem fazer Villa aquelle lugar, para lograrem os ſeus moradores as

Origem, e cauſa dellas.

meſmas

meſmas dignidades. Repreſentavaſelhes facil a empreza pela opulencia do Recife, que em Templos, e caſas igualava à Cidade de Olinda, e em numero de moradores a excedia, porque os eſtragos, que padecera na guerra dos Hollandezes, haviaõ diminuido, e arruinado a ſua grandeza.

Faculdade concedida aos moradores do Recife para ſe erigir Villa aquella Povoaçaõ.

53 Tomou como ſua o Governador Sebaſtiaõ de Caſtro a cauſa, e pertençaõ dos moradores do Recife, e com razoens mais affectadas, que proprias, ſoube repreſentar de fórma as utilidades, que reſultavaõ ao ſerviço Real, e ao bem commum com a permiſſaõ da Villa, que ſe julgou por conveniente, e juſto eſte requerimento, poſto que em outro tempo, em que fora pertendida, ſe entendera o contrario; porém o noſſo grande Monarcha, ſempre indulgente nas pertenções licitas, e decoroſas aos ſeus Vaſſallos, foy ſervido facultarlhes eſta graça, mandando remetter a ordem ao Governador, o qual a teve em tal recato, que a negou, para obrar o que meditava pelo modo, que mais opportuno lhe parecia, poſto que era notoria, e os meſmos intereſſados a certificavaõ.

Sentimento da Nobreza de Pernambuco.

54 Eſta novidade fez grande conſternaçaõ na Nobreza de Pernambuco, aſſim por ver o Recife condecorado com a meſma authoridade, como por conſiſtir naquelle grande Povo, e no termo, que ſe lhe havia de dar, o mayor deſtricto do ſeu antigo Senado, o qual ficava deſtituido de quaſi toda a ſua juriſdicçaõ, pouco dilatada pelas muitas Villas, que comprehende a Provincia de Pernambuco. Pediraõ os Officiaes da Camera

de

de Olinda ao Governador, lhes fizeſſe a ſaber a ordem de Sua Mageſtade, que tivera ſobre aquella materia; mas occultando-a Sebaſtiaõ de Caſtro, e dizendo, que a naõ recebera, tratou ſecretamente com os moradores do Recife o modo, e o tempo da erecçaõ da Villa.

Occultalhes o Governador a ordem Real.

55 Para o Pelourinho ſe mandaraõ com toda a cautela lavrar as pedras no Forte do Mattos, onde ſe coſtumaõ preparar outras para varias fabricas particulares, e havendo-as conduzido, e aſſentado em huma noite, amanheceo erecta a Villa, com o nome de Santo Antonio do Recife, e logo ſe procedeo na eleiçaõ dos Officiaes da Camera do novo Senado, e ſahiraõ todos com as ſuas varas. Do ſegredo, com que eſta acçaõ ſe obrou, entenderaõ os Pernambucanos, que naõ havia ordem Real para a creaçaõ da Villa, ou viera com alguma reſtricçaõ, porque a ſer abſoluta, e ſem condiçaõ, a naõ devia o Governador occultar a huns Vaſſallos, que tanto ſabiaõ obedecer às reſoluções do ſeu Monarcha.

Erige-ſe com cautela em huma noite a Villa.

56 Procedia Sebaſtiaõ de Caſtro, eſtimulado dos moradores do Recife, contra a Nobreza de Pernambuco, prendendo taõ indecoroſa, como injuſtamente a muitas peſſoas principaes. Mandou, que todos os Pernambucanos entregaſſem as armas, que tiveſſem, para ſe guardarem nos Armazens Reaes, ordem, que enviou por varios Officiaes a todos os deſtrictos, e Villas da Provincia, e neſte deſpojo privava aos moradores da natural defenſa contra os ladroens, e Gentios, principalmen-

Procede o Governador com prizoens de algumas peſſoas principaes de Pernambuco.

cipalmente aos que habitavaõ muy longe dos Povoados, e careciaõ dellas para a ſua ſegurança, e a todos tirava a utilidade das caças, de que muitos ſe ſuſtentavaõ. A' execuçaõ deſta ordem tiveraõ repugnancia, e lhe impediraõ o effeito, eſperando ſer ouvidos do Governador.

Daõ hum tiro ao Governador, o qual ſabendo, que a Nobreza ſe juntava, ſe retirou para a Bahia.

57 Neſte tempo, eſtando o Governador Sebaſtiaõ de Caſtro no Recife, que era a ſua mais continua habitaçaõ, e ſahindo huma tarde ao ſeu coſtumado paſſeyo, para onde chamaõ a Boa Viſta, lhe déraõ hum tiro, de que ficou levemente ferido, e poſto que elle, e os ſeus ſequazes o attribuiraõ às queixas dos Pernambucanos, ſe naõ averiguou com certeza de que parte lhe viera, havendo mais duas notorias, de donde o podia eſperar, que por modeſtia ſe callaõ. Com eſte accidente tornou a continuar os caſtigos das prizoens com ruinas das liberdades, e das fazendas; porém tendo noticia, que o damno commum a toda a Nobreza, a conduzia, e juntava, naõ ſó para ſe defender, mas para ir ſobre o Recife, de donde conheciaõ, que lhes naſcia o mal, dandoſe por pouco ſeguro na nova Villa, ſe embarcou logo em hum patacho, e ſe poz em ſalvo na Bahia, levando comſigo alguns mercadores, que por ſeus intimos amigos, e ſequazes ficariaõ muy arriſcados em Pernambuco.

Entra no Recife a Nobreza com Exercito, derruba os padroens da Villa, deixando-a demolida.

58 Auſente o Governador, a Nobreza, que ſe achava junta, conduzindo hum Exercito de quaſi vinte mil homens de todas as ſortes, entraraõ no Recife, demoliraõ o Pelourinho, e os mais

mais Padroens da Villa, tiraraõ das mãos as varas dos Officiaes do novo Senado, os baſtoens das de outros de milicia, que exerciaõ os poſtos da Ordenança; ſoltaraõ os prezos, que injuſtamente tinha em rigoroſa captura o Governador, naõ cauſando tanto numero de gente, de que conſtava o ajuntamento dos Pernambucanos, perda alguma de cabedal, ou outro genero de hoſtilidade aos do Recife, disfarçando as queixas, que delles tinha a Nobreza, e caſtigando-os ſó com aquelle facto.

59 Procedeo logo a Nobreza na eleiçaõ de Governador; juntando-ſe para ella na Caſa da Camera da Cidade de Olinda, huma parte ſe inclinava a que o Governo ſe entregaſſe ao Senado da Camera, outra votava, que ſe elegeſſe o Reverendiſſimo D. Manoel Alvares da Coſta, Biſpo de Pernambuco; e dando-ſe noticia de huma carta do Sereniſſimo Senhor Rey D. Joaõ V. feita no anno antecedente, na qual ordenava, que faltando o Governador Sebaſtiaõ de Caſtro de Caldas, ſubſtituiſſe o Governo o Meſtre de Campo Joaõ de Freitas, e em ſua falta o Biſpo, ſe vieraõ a conformar em darlhe o Governo, por ſer falecido o Meſtre de Campo. Foy eſta ordem Real a Pernambuco com o meſmo Governador, em cujo tempo havia de ter execuçaõ, e naõ deixou eſte acaſo de parecer myſterio, como já ponderámos em outras ſemelhantes na India, e na Bahia.

Daõ o Governo ao Biſpo.

60 Eſtava o Biſpo em viſita na Paraiba, e com o aviſo, que ſe lhe fez, voltou para Pernam-

buco, e tomou posse do Governo nos primeiros dias do mez de Novembro do anno de mil e sete centos e dez. Logo pedindolhe os Pernambucanos hum perdaõ geral do facto, lho concedeo em nome de Sua Mageſtade, que foy servido confirmallo. Poſto que os Pernambucanos intentaſſem deſculpar eſta acçaõ com os pretextos acima declarados, naõ deixou de ſer a todas as luzes deteſtavel, e violenta, porque as ſupremas ordens dos Soberanos, ainda em duvida ſe naõ devem impedir com ſemelhantes reſoluções, havendo os licitos, e honeſtos meyos, que ſe permittem aos Vaſſallos, para exporem a ſua cauſa aos ſeus Monarchas; mas deſta cegueira lhes reſultou a pobreza, em que hoje ſe acha aquella Nobreza, em caſtigo da ſua vaidade.

Entregue delle, concede aos Pernambucanos hum perdaõ geral, que lhe pediraõ do facto.

61 Sentidos os moradores do Recife, tratavaõ deſaffogar a ſua paixaõ com outro naõ menor abſurdo, que o que tinha obrado a Nobreza. Foraõ diſpondo as vontades das peſſoas, que lhes podiaõ valer, e grangearaõ a de Joaõ da Maya da Gama, Capitaõ môr, e Governador da Paraiba, a do Camaraõ, Governador dos Indios, que reſidia em Una, e a do Meſtre de Campo dos crioulos, e pretos forros, a que chamaõ Terço dos Henriques, por haver ſido de Henrique Dias, preto de notavel valor, como moſtrámos nas guerras de Pernambuco. A de Manoel Gonçalves Tundacumbe em Goyana, onde tinha huma quadrilha de vadios, brancos, mulatos, e meſtiços, criminoſos, e fugidos de varias Villas, e Capitanîas do Norte,

Intentaõ tomar vingança os moradores do Recife.

Diſpoſições, que para ella fazem.

Norte, principalmente da Paraiba, e ſe acoutavaõ nos deſtrictos da Villa de Goyana, de donde faziaõ muitos damnos aos moradores de Pernambuco, compraraõ finalmente muitos Soldados, e Cabos da Infanteria da Praça.

62 Tendo ſeguros eſtes Parciaes para a empreza, que intentavaõ, foraõ conduzindo com tanta diligencia, como cautela, mantimentos, e viveres para o Recife, fazendo ir de muy diſtantes partes todos os generos comeſtiveis, de que ſe podeſſem ſuſtentar no mais dilatado cerco. Fizeraõ com o meſmo ſegredo prevençóes de arreyos, e veſtidos militares, e conſeguido quanto lhes podia ſer neceſſario para o empenho, chamaraõ a Sebaſtiaõ de Caſtro, informando-o de tudo o que haviaõ diſpoſto, para lhe reſtituirem o cargo, e que ſó faltava voltar a ſua peſſoa para o Recife. Reſpondeolhes, que brevemente eſtaria com elles; e tendo mandado à Paraiba por hum Joachim de Almeida, dos mercadores, que comſigo trouxera à Bahia, a ratificar em ſeu favor a promeſſa do Capitaõ môr Joaõ da Maya, diſpunha partir occultamente della em huma Sumaca, que do Recife lhe fora enviada.

Mandaõ chamar à Bahia a Sebaſtiaõ de Caſtro.

63 Informado o Governador Geral D. Lourenço de Almada, que Sebaſtiaõ de Caſtro eſtava para ſahir furtivamente da Bahia a renovar as diſſenſoens, de que havia ſido cauſa, e com o Governo do Biſpo eſtavaõ ſocegados, mandou detello em prizaõ na Fortaleza de Santo Antonio além do Carmo, de donde o remetteo o Gover-

D. Lourenço de Almada o manda prender nella.

Pedro de Vaſconcellos o remette a Lisboa.

nador, e Capitaõ Geral Pedro de Vaſconcellos para Lisboa. Os do Recife entendendo, que naõ poderia tardar muitos dias naquella Villa, e querendo anticipar a empreza para o receberem em triunfo, intentaraõ prender ao Biſpo no Forte do mar, preciſando-o a ir vello para certa obra de que carecia, e fora infallivelmente a elle, ſe lho naõ impedira huma chuva, que ſobreveyo, e foy a piedoſa medianeira para ſe naõ commetter aquelle ſacrilegio; poſto que naõ lograraõ a opportunidade, que lhes permittia o lugar para a prizaõ, tiraraõ logo o rebuço ao empenho, que encubriaõ.

Soblevaçaõ do Povo do Recife.

Anno de 1711.

64 Soblevaraõ-ſe os moradores do Recife aos dezoito de Junho do anno de mil e ſete centos e onze, e neſta fórma veyo a ſer a culpa reciproca em ambas as partes, porque o exemplo máo he mais facil de imitaçaõ, que de emenda. Tomaraõ logo as Fortalezas, e as guarneceraõ com gente da ſua facçaõ, fazendo-as jugar ballas para a Cidade, lançaraõ de ſua propria authoridade hum bando, que Sebaſtiaõ de Caſtro era o Governador de Pernambuco, e ſe naõ obedeceſſe às ordens do Biſpo, o qual ſe achava preſente na meſma Villa, e pondolhe guardas para que naõ entraſſem a fallarlhe mais que algumas peſſoas confidentes, teve elle fórma dentro em tres dias, para paſſar à Cidade de Olinda.

Lança hum bando, que ſe naõ obedeça ao Biſpo.

Junta-ſe outra vez a Nobreza.

65 Nella ſe juntou logo a Nobreza, vinda de todas as partes da Provincia com gente armada, como da vez primeira, e no proprio numero;

poſto

poſto que algumas poucas peſſoas principaes ſe retiraraõ para as ſuas fazendas por dependencias, que tinhaõ dos homens de negocio. Pertendeo o Biſpo por diligencias, que applicou fazer, que os do Recife tornaſſem à ſua obediencia, e que a Nobreza ſe aquietaſſe, mas naõ conſeguio huma, nem outra couſa, e ſe poz hum apertado cerco ao Recife, em que os ſeus moradores levaraõ ſempre o peyor, poſto que de ambas as partes ſe obravaõ muitos actos de valor com tantas, e taõ reciprocas mortes, que cauſando horror ao Biſpo, deixou o Governo ao Meſtre de Campo do Terço da Cidade, ao Ouvidor Geral, e ao Senado da Camera.

Poem cerco ao Recife.

Larga o Biſpo o Governo.

66 Sem embargo da diverſaõ, que a favor do Povo do Recife faziaõ por varias partes os ſeus aliados, cujos nomes havemos expreſſado, prendendo, e arruinando as peſſoas, e fazendas dos parciaes da Nobreza, hia já o Recife em mais de tres mezes de cerco padecendo grande falta de viveres pela deſordem, com que ſe diſtribuiraõ, muy deſigual à providencia, com que ſe juntaraõ, e para os enfermos naõ havia mais que aſſucar, e alguma pouca farinha da terra. Neſte aperto lhe chegou a redempçaõ na ida de Felix Joſeph Machado, provido no Governo da Provincia de Pernambuco. Tendo a bordo noticia, que o Biſpo voluntariamente largara o Governo, fez que o tornaſſe a tomar, para da ſua maõ o receber, ordenando aos moradores do Recife entregaſſem as Fortalezas à ordem daquelle Prelado, como a ſeu Governador.

Aperto, que padece aquella Povoaçaõ.

Chega por Governador de Pernambuco Felix Joſeph Machado.

Para

Remette prezas muitas pessoas principaes a Lisboa.

67 Para se proceder contra a Nobreza, incursa no indulto dos perdoens do Bispo, e do Governador, e Capitaõ Geral, porque lhes naõ fossem validos, se lhes impuzeraõ falsamente outros novos impulsos no mesmo delicto, e remettendo prezas muitas pessoas principaes a Lisboa, depois de larga prizaõ naquella Corte, constando judicialmente da sua innocencia ao nosso Augusto, e pio Monarcha, compadecido das desgraças daquelles Vassallos, os mandou voltar livres para a Patria, fazendo embarcar só dous para a India em degredo perpetuo, por haverem sido os motores das alterações, e terem obrado nellas as insolencias, que se attribuiraõ a todos.

Eclipse da Lua naquella Provincia.

68 Algum tempo antes das perturbações da Provincia de Pernambuco, se vio nella, em huma clara noite, ametade da Lua cuberta de sombras, em tal proporçaõ, que partida do Eclipse pelo meyo, parecia estar em duas iguaes partes separada, mostrando o que lhe havia de acontecer na desuniaõ dos seus moradores, em prova de que o Reyno em si dividido he desolaçaõ, da qual tocou à Nobreza a mayor parte, padecendo perdas da liberdade, assolações da fazenda, ausencias da casa, e com ellas a falta de lavouras nas suas propriedades, gastando mais do que podia em sustentar Exercitos contra o Recife, e por esta causa se acha taõ differente, que he objecto de lastimas, sem esperança de tornar ao esplendor antigo dos seus antepassados, em pena destas, e de outras muitas soberbas, e vaidades.

Achava-

69 Achava-ſe França queixoſa de Portugal, por naõ receber a ſua uniaõ naquelle tempo, em que tinha poderoſos motivos para a regeitar, declarando-ſe pelo Sereniſſimo Senhor Rey Carlos III. contra Filippe V. que entaõ emprehendia a conquiſta da Monarchia Caſtelhana, de que hoje tem a poſſe. Deſte ſentimento foy reſulta permittir, que os Francezes ſe animaſſem a invadir o Rio de Janeiro, que pela ſua grande opulencia promettia hum ſaco de muito preço. Apreſtaraõ-ſe ſete naos, das quaes cinco eraõ de linha, e ſahiraõ conduzindo mil homens de guerra, entre os quaes vinhaõ alguns illuſtres Cavalheros da nobreza daquelle Reyno, trazendo por General a hum Cabo Francez, appellidado Ducler, a cuja ouſadia ſó permittio a fortuna a gloria do impulſo, mas naõ a do triunfo, e por alguns erros militares, que commettera na empreza, nem a fama lhe deu o nome de Soldado.

Invaſaõ dos Francezes na Provincia do Rio de Janeiro, e os motivos della.

70 Hia já no fim o mez de Agoſto do anno de mil e ſete centos e dez, quando ſe fez aviſo ao Rio de Janeiro de Cabo Frio, que lhe fica ao Norte, que foraõ viſtas algumas vélas; com eſta noticia o Governador Franciſco de Caſtro de Moraes (que havia ſuccedido a Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho no Governo daquella Provincia, promovido da de Pernambuco, em que exercera com differente fortuna a meſma occupaçaõ) mandou preparar as Fortalezas, e a marinha, prevenindo as milicias para qualquer accidente de combate. Poucos dias depois, do porto de

Aviſos, que teve o Governador, e as ſuas diſpoſições.

de Guaratiba para a parte do Sul ſe repetio o proprio aviſo, e logo entrando na barra delle, que fica onze legoas diſtante da enſeada do Rio de Janeiro, as naos Francezas deſembarcaraõ mais de novecentos homens, os quaes marcharaõ para a Cidade por mattos, onde naõ podiaõ levar fórma, ſalvo quando ſahiaõ ao deſcampado de alguma fazenda.

Anno de 1710.

71 De tudo tinha aviſos o Governador, que podera naquelles eſtreitos tranſitos, taõ praticados pelos naturaes, como incognitos aos Eſtrangeiros, cortarlhes o paſſo com total ruina, e prizaõ dos inimigos; porém alguns deſtacamentos, que mandou ao caminho por onde elles marchavaõ, mais ſerviraõ de teſtemunhar a ſua jornada, que de lha impedir, pois em ſete dias de marcha ſe lhe naõ diſparou hum tiro. O Governador Franciſco de Caſtro, mandando tocar repetidos rebates, ſe formou no campo da Cidade, dizendo, que alli os eſperava para os combater, ſem que as inſtancias, que lhe faziaõ os Cabos, e moradores, o obrigaſſem a dar mais hum paſſo; e ſó entendendo, que os Francezes tomariaõ a Fortaleza da Praya Vermelha, ordenou ao Meſtre de Campo Joaõ de Paiva, que a foſſe ſoccorrer; e mandandolhe perguntar o dito Meſtre de Campo, ſe havia de pelejar com os Francezes, reſpondeo, que mandava defender a Fortaleza, mas que fizeſſe o que a occaſiaõ lhe permittiſſe.

Deſembarcaõ os inimigos, marchaõ por terra, e chegaõ à Cidade.

72 Aos dezoito do mez de Setembro teve aviſo, que os inimigos fizeraõ alto no Engenho dos

dos Religiosos da Companhia de Jesus, onde repousaraõ aquella noite, e ao amanhecer caminharaõ para a Cidade. Do campo onde estava formado o Governador, se começaraõ a ver as bandeiras inimigas pelas sete horas da manhãa, no dia dezanove do mesmo mez; e avistando tambem os Francezes o corpo do nosso Exercito, troceraõ o caminho para a parte, que chamaõ o Desterro, de cuja Igreja da propria invocaçaõ, o Padre Fr. Francisco de Menezes, Religioso Trino, com valor benemerito do seu appellido, e alguns homens, que juntara para hostilizar aos Francezes na descida daquelle sitio, lhes deu huma boa carga, matandolhe muitos Soldados, e a mayor parte dos Cavalheros, que marchavaõ na vanguarda, diante da qual hia o seu General Ducler sem outras armas, que huma rodella, e o seu bastaõ.

73 Este accidente, que podera embaraçar aos Francezes, lhes fez apressarem o passo para a Cidade, mas chegando a Nossa Senhora da Ajuda, receberaõ outra carga da Fortaleza de S. Sebastiaõ, que pela eminencia, em que está, he o propugnaculo, ou Cidadella da Praça; para a qual marchando os inimigos, sem os deter nenhum perigo, disparando tambem incessantes tiros da sua mosquetaria, e passando duzentas braças defronte do nosso Exercito, que ainda estava no campo, sem que o Governador se aballasse, nem lhes mandasse dar hum tiro, se introduziraõ pela rua da Igreja de Nossa Senhora do Parto, na rua direita da Cidade, onde está o Palacio dos Governadores

junto à marinha. Formaraõ-ſe defronte do Carmo, onde principia aquelle tranſito, e encaminhando o paſſo para S. Bento, andadas quaſi oitenta braças, vendo-ſe feridos, e mortos das noſſas ballas, que pelas bocas das ruas ſe lhes empregavaõ, fizeraõ alto defronte do Trapiche de Luiz da Mota, formados, e com as armas nas mãos.

Combatem, e paraõ no Trapiche de Luiz da Mota.

Deſaſtre de fogo na Alfandega, e em Palacio.

74 Neſta perplexidade aconteceo hum deſaſtre, que podera facilitar aos inimigos a vitoria; porque eſtando o Almoxarife na Caſa da Alfandega contigua a Palacio repartindo a polvora, pegou na de hum cartuxo o fogo de hum murraõ, e ſaltando a chamma a muitos barriz, paſſou a Palacio o incendio, com ruina notavel daquella grande machina, e morte de tres valeroſos Eſtudantes, cuja Companhia o guardava com tal diſpoſiçaõ, e alento, que na ſua defenſa obraraõ aquelles literarios Soldados como meſtres da milicia, ſendo diſcipulos da arte. Ao eſtrondo, que fez o incendio, deſtacando brioſamente do noſſo Exercito com o ſeu Terço o Meſtre de Campo Gregorio de Caſtro de Moraes, irmaõ do Governador, entrou na Cidade, e chegando àquella rua, ſe bateo com os Francezes, impedindolhes tomarem o Palacio; mas nas portas delle cahio morto de huma balla inimiga.

Morte do Meſtre de Campo Gregorio de Caſtro de Moraes, e do Capitaõ de Cavallos Antonio de Ultra.

75 Mal logrou aquelle golpe na vida do Meſtre de Campo Gregorio de Caſtro o aventajado valor, que a natureza lhe dera, em recompenſa do que negara a ſeu irmaõ; porém naõ deſanima-

animaraõ com a ſua morte os ſeus Soldados, combatendo com animo intrepido os contrarios. Outra naõ menos ſenſivel perda tivemos na do Capitaõ de Cavallos Antonio de Ultra, cujo valor conhecido fora admiravel, ſe naõ peccara em temerario, como na preſente occaſiaõ o moſtrou; porque vendo deſtacar do Exercito Francez huma manga por hum beco, que ha entre o Trapiche do Mota, e a Igreja da Cruz, diſſe à ſua Tropa, que o ſeguiſſe, porque ſó com ella havia de extinguir a todos os Francezes. Entrou pelo beco, mas naõ ſendo ſeguido dos ſeus Soldados, e achando os inimigos perfilados em duas alas por hum, e outro lado, dandolhe huma carga de moſquetaria, cahio morto de muitas ballas.

76 Picava a noſſa gente por varias partes a inimiga, fazendolhe pelas eſquinas grandiſſimo damno, e já lhe faltavaõ mais de quatrocentos homens mortos ao noſſo ferro, a troco de ſó trinta, que haviamos perdido; vendo-ſe finalmente o General Ducler acometido de muitos Portuguezes, que de novo hiaõ concorrendo ao combate, ſe recolheo ao Trapiche, querendo nelle fazerſe forte com a ſua Infanteria, da qual hum troço de cem homens, por naõ caberem, ou naõ atinarem, ſe meteo por huma eſquina, onde parecendo já rendidos, foraõ todos mortos pelos noſſos, ſacrificando à ſua vingança aquellas vidas, que poderaõ ſervir à ſua gloria, a naõ ſer naquella occaſiaõ taõ cego o furor, que lhes fez antepo-rem o rigor à commiſeraçaõ.

Recolhe-ſe o General Francez com os ſeus Soldados ao Trapiche.

Sahe o Governador do campo onde ainda eſtava para a Cidade.

77 Até eſte tempo eſtava o Governador Franciſco de Caſtro de Moraes feito eſtafermo no campo; mas chegandolhe a noticia de que os Francezes eſtavaõ dentro do Trapiche, e poſtos em cerco, entrou com o troço do Exercito na Cidade, que achou deſoccupada de inimigos, por ſe haverem voluntariamente metido na clauſura do Trapiche do Mota, onde mandou o Governador por hum Cabo de ſuppoſiçaõ dizer ao General Ducler, que pois naõ tinha já partido algum, ſe rendeſſe a arbitrio do vencedor; e vendo Ducler começarem a repicar os ſinos de todas as Igrejas, e Moſteiros em ſinal de triunfo, dizia que era ſua a vitoria, e naõ queria convir em que foſſe noſſa. Durou neſta porfia, e renitencia deſde as onze horas da manhãa até as duas da tarde, o que vendo o Governador, mandou ir muitos barriz de polvora para voarem o Trapiche, ſem embargo da gente Portugueza, que o habitava, a troco de ſe ver livre por aquelle meyo da Franceza, que temia.

Manda chegar barriz de polvora para abrazar o Trapiche.

Generoſa acçaõ de hum natural do Rio de Janeiro.

78 Neſta reſoluçaõ ſe viraõ os maravilhoſos effeitos do amor da Patria, ſuperiores às poderoſas forças do ſangue, porque hum natural do Rio de Janeiro, Alféres da Ordenança, que tinha muita parte na herança daquelle Trapiche, onde eſtavaõ actualmente ſua mãy, irmãas, mulher, e filhos, lhe apreſſava a execuçaõ do incendio, querendo ſer o primeiro, que lhe ateaſſe o fogo: acçaõ benemerita dos Eſcritores Romanos, porque naõ ſe moſtraraõ mais conſtantes Junio Bruto em

tirar a vida aos filhos, e Horacio em matar a irmãa pela conſervaçaõ da Patria. Entendendo o General Francez, que naõ tardariaõ muito as chammas, que ſe diſpunhaõ para abrazarem aquelle ſeu receptaculo, por ſalvar a vida, e a dos ſeus Soldados, ſe entregou com elles à prizaõ.

Prizoens por onde ſe dividiraõ os rendidos.

79 Ao General pozeraõ primeiro no Collegio dos Padres da Companhia; depois o paſſaraõ para a Fortaleza de S. Sebaſtiaõ, e ultimamente lhe concederaõ faculdade para tomar huma caſa, onde paſſado algum tempo amanheceo hum dia morto, ſem ſe averiguar por quem, nem o ſaberem os meſmos Soldados, que o guardavaõ. Os mais Francezes foraõ divididos em prizaõ pela Caſa da Moeda, Conventos, e Moſteiros, com centinellas à viſta; depois foraõ metidos na cadea, e nos calabouços da Cidade, enviando-ſe a mayor parte delles à Bahia, e a Pernambuco. Ao quinto dia, depois de conſeguida a noſſa vitoria, chegaraõ à barra do Rio de Janeiro as naos Francezas do Porto da Guaratiba, onde haviaõ deſembarcado os inimigos; lançaraõ de noite huns foguetes, que eraõ as ſuas ſenhas, mas naõ ſendo reſpondidos, nem franqueado o tranſito para entrarem no golfo, como eſperavaõ, certos da ruina da ſua gente, voltaraõ para França.

Erros do General Ducler.

80 Neſta empreza do Rio de Janeiro ganhou o General Ducler o nome de temerario, e perdeo o de Soldado; porque pouco mais de novecentos homens, ainda que eſcolhidos, e veteranos, eraõ pequeno Exercito, para emprender a invaſaõ de

huma

huma Cidade populoſa, penetrando muitas legoas o interior da terra por caminhos ignorados da ſua gente, rompendo mattos eſpeſſos, e marchando ſem fórma militar por paſſos taõ eſtreitos, que de poucos moradores do Paiz podera ſer desbaratado, e vencido, faltandolhe na jornada as commodidades, que ſobravaõ aos naturaes, como lhe acontecera, a ter diſpoſiçaõ o Governador Franciſco de Caſtro para lhe mandar cortar o paſſo, e bater naquella eſpeſſura, onde ſe naõ podia valer da ſua diſciplina, nem do valor dos ſeus Soldados, ſem pratica da peleja do Braſil.

81 Naõ commetteo menor erro depois de entrar na Cidade, em ſe recolher com os ſeus Soldados ao Trapiche, pondo-ſe elle proprio em cerco, pois daquelle lugar naõ podia reſiſtirnos, naõ tendo artificios, nem canhoens, com que ſe defender, e nos rechaçar, pois por poucos, que lhe diſparaſſemos, pondo por terra aquelle edificio, ficariaõ debaixo das ſuas ruinas, ou pegandolhe o fogo, voariaõ no ſeu incendio; mas deſta cegueira he cauſa a ambiçaõ dos homens, a ſoberba dos Cabos, e o deſprezo, que fazem dos contrarios. Socegada já a Cidade, ſe fizeraõ nella grandioſas feſtas em acçaõ de graças, que remataraõ com huma ſolemne Prociſſaõ, levando o Governador em todos eſtes actos os vivas, e applauſos da vitoria, em que naõ ſoube ter parte.

Tornaõ os Francezes com mayor poder a invadir o Rio de Janeiro.

82 Recebeo com aſſaz impaciencia eſta noticia a Naçaõ Franceza, ſempre diligente no augmento

mento da ſua grandeza, e no deſpique dos ſeus aggravos. Sentia menos ver baldado o gaſto, que abatido o credito, e na recuperaçaõ de huma, e outra perda empenhou mayores cabedaes, e forças mais poderoſas, e brevemente poz no mar huma Armada de dezaſeis naos de guerra, e duas de fogo, que conduziaõ mais de quatro mil homens com o General Dugê, o qual hia a emendar os erros de Ducler com outra naõ menos temeraria empreza, como invadir por mar a Praça do Rio de Janeiro, cuja eſtreita barra, ſenhoreada de duas grandes Fortalezas oppoſtas, e cujo dilatado golfo, defendido de muitas pouco inferiores, em lugares opportunos edificadas, fazendo inexpugnavel aquelle porto, impoſſibilitavaõ o empenho, que a todo o riſco da ſua Armada, e da ſua gente pertendia conſeguir, com taõ deſtemida reſoluçaõ, como imminente perigo.

83 Houve em Portugal noticia do apreſto, e poder deſta Armada, e que ſe publicava navegar ao Rio de Janeiro, onde hiaõ os Francezes a recuperar a opiniaõ, e os prezos, que tinhaõ deixado naquella Praça, ſenaõ era o fim deſtes Argonautas ganhar o Vellocino de Ouro das ſuas riquezas, que naõ tinha hum Dragaõ, que o guardaſſe. De tudo informado o Sereniſſimo Senhor Rey D. Joaõ V. fez aviſo ao Governador della, e mandou brevemente ſahir a Frota, que lhe havia de ir aquelle anno, dobrandolhe as naos do comboy, a gente, e os petrechos militares, e ordenando, que as naos mercantîs, que haviaõ de

Aviſo delRey noſſo Senhor ao Governador Franciſco de Caſtro.

Frota, que envia ao Rio de Janeiro.

ir

ir em ſua conſerva, foſſem as mais poſſantes, e capazes de poderem concorrer com forças competentes para o conflicto, em neceſſidade de peleja, e nomeou por Cabo a Gaſpar da Coſta de Ataide, que exercia o poſto de Meſtre de Campo do mar.

Talento do Cabo della Gaſpar da Coſta de Ataide.

84 Era Gaſpar da Coſta muy valeroſo, e pratico na milicia naval, em cujo emprego ſendo Capitaõ de Mar, e Guerra, tivera occaſioens ariſcadas, e venturoſas, em que alcançara creditos de Soldado, e fama de Capitaõ, benemerito de pôr fim ao curſo dos ſeus ſerviços com melhor fortuna, ſendo eſta a unica occaſiaõ, em que ella lhe voltou o roſto. Partio de Lisboa a Frota com grande preſteza, e com a meſma chegou ao Rio de Janeiro, levando quatro poderoſas naos de guerra, e bons navios, eſcolhidos Cabos, e Soldados, preparações militares para a defenſa da Praça; e havendo já alguns dias, que ſe achava nella, foy aviſo ao Governador Franciſco de Caſtro de Moraes dos Guaîtacazes (ao Norte do Rio diſtantes oitenta legoas por coſta da Cidade) aos vinte do mez de Agoſto do anno de mil e ſete centos e onze, que na Bahia Fermoſa ſe viraõ paſſar muitas vélas, tomando o rumo para aquella barra.

Aviſo dos Guaîtacazes.

Anno de 1711.

Preparações da Praça.

85 Tocou-ſe a rebate na Praça, aliſtou-ſe a gente, guarneceraõ-ſe as Fortalezas, e ſe fortificou a marinha. Os Paizanos alentados com o proprio valor, e com a memoria freſca da vitoria paſſada, ſuppunhaõ, que a nova expediçaõ de França hia a ſervir ao ſegundo triunfo do Rio de

Janeiro.

Janeiro. Bem conheciaõ o que tinhaõ no ſeu Governador, mas fiavaõ muito da diſpoſiçaõ, e alento de Gaſpar da Coſta, o qual ſe embarcou logo, pondo em linha na defenſa da praya as quatro naos de guerra, e as mercantiz de mais força. Porém eſtando neſta fórma cinco dias, dando por falſo o aviſo, tornou a deſembarcar; facto, em que começou a perder o conceito, que ſe tinha da ſua vigilancia, como depois perdeo o que ſe formava da ſua experiencia, moſtrando-ſe perplexo no ſegundo aviſo, que de Cabo Frio chegou a dez do mez de Setembro do proprio anno, de haverem paſſado dezoito vélas, levando o rumo para a Cidade do Rio.

Mete-ſe Gaſpar da Coſta nas naos, e torna a deſembarcar.

Segundo aviſo de Cabo Frio.

86 No dia ſeguinte, que ſe contavaõ onze do dito mez, com a nova Lua houve tal revoluçaõ no tempo, que formando o ar denſas nevoas, cobrio com ellas os montes da Gavia, do Paõ de Aſſucar, a Ilha do Pay, a barra, e toda a circunferencia do golfo, de tal fórma, que naõ podiaõ ver, nem ſer viſtos da Cidade, ſem lhes tirarem as nevadas capas as briſas do Sul, que entaõ ventava fortemente rijo; e navegando as naos inimigas como entre nuvens, quando à huma hora depois do meyo dia as deixou diviſar a cerraçaõ, eſtavaõ já das Fortalezas da barra para dentro. Foraõ em ſeguida ordem atraveſſando a enſeada, dando huma, e outra banda de artilheria às noſſas Fortalezas, e às cinco da tarde ficaraõ todas ſurtas na Ponta das Balleas, diſtante hum tiro de peça da Cidade.

Entra a Armada inimiga com huma grande revoluçaõ do tempo.

Dddd Deven-

87 Devendo Gaſpar da Coſta de Ataide meterſe em as noſſas naos, e pollas em linha na defenſa da marinha, como fizera no enſayo do rebate, (em que ſe houve com melhor diſciplina, que na occaſiaõ do conflicto) as mandou marear, pelas livrar dos inimigos, porém achando mais prompto o perigo no baixo no Porto da Praînha, e na Ponta da Miſericordia, ordenou logo que foſſem abrazadas, mandando porlhes o fogo, em que arderaõ intempeſtiva, e laſtimoſamente. Na deſordem deſtas diſpoſições deſcobrio eſte Cabo a falta, e variedade, que já experimentava no entendimento, e creſcendo mais em tanta deſgraça, ficou padecendo eſte defeito em todo o tempo, que lhe reſtara de vida. Naquella tarde, e nos tres ſeguintes dias foraõ taes os eccos da artilheria das naos inimigas, e das noſſas Fortalezas, que em reciproco eſtrondo parecia arruinarſe o Mundo, cauſando mayor ruido o incendio da noſſa caſa da polvora na Fortaleza de Villa-Galhon, em que acabaraõ deſeſtradamente alguns Capitães alentados, e muitos Soldados valeroſos.

Manda Gaſpar da Coſta ſalvar as naos, e logo as manda queimar.

88 Todo eſte horror naõ baſtou a entibiar o animo ardente dos naturaes do Rio de Janeiro, antes lhes ſervio de eſtimulo; porque vendo, que os Francezes aſſentavaõ artilheria no Monte de S. Diogo, acudio a elle o Capitaõ Felix Madeira, e matando alguns, fez prizioneiros outros. Hindo Bento de Amaral a defender a Fortaleza de S. Joaõ, perdeo a vida, tirando-a a muitos inimigos; porém a fatalidade, que eſtava deſtinada àquella

Animo dos moradores, e algumas acções, que emprehendem.

Cidade

Cidade, ſuperou o valor dos ſeus moradores, que vendo deſanimado a Gaſpar da Coſta, e que o Governador Franciſco de Caſtro mandara abandonar, e cravar a artilheria da Fortaleza da Ilha das Cobras, (porto em que anchoraõ os navios) foraõ entendendo, que por falta de quem os governaſſe, era irremediavel a ſua perdiçaõ.

Manda o Governador deſamparar a Ilha das Cobras, e cravar a artilheria daquella Fortaleza.

89 Tendo os Francezes noticia pelas ſuas eſpias, que eſtava deſamparada a Ilha das Cobras, e ſem gente, que lhes fizeſſe reſiſtencia, a tomaraõ logo, e ſendolhes opportuna, pela viſinhança, para bombearem a Cidade, lhe lançaraõ tantos artificios de fogo, que pegando em Palacio, e em outras caſas, infundiraõ nos moradores hum panico terror taõ interno, que na noite do quinto dia da chegada dos inimigos, em que o Governador, e Gaſpar da Coſta tinhaõ aſſentado retirarſe com a Infanteria, e deixarem a Praça, o fizeraõ elles ſem exceiçaõ de idade, eſtado, e ſexo, taõ confuſamente, que a troco de ſalvarem as vidas, ſe meteraõ pelos boſques, deixando as riquezas, que poſſuhiaõ na Cidade, ſem lhes deter a fuga huma das mais horriveis noites de chuva, e tempeſtade, que ſe havia viſto naquella Provincia, ajudando ao furor natural dos elementos do vento, e agua, excitados pelo tempo, o artificial eſtrondo do elemento do fogo, diſpoſto pelos homens.

Tomaõ logo os Francezes a Ilha, e della lançaõ bombas na Cidade.

90 Rendidas já muitas Fortalezas aos Francezes, dandolhes noticia as ſuas eſpias, de que eſtava deſerta a Cidade, a occuparaõ, e fortifican-

Entraõ os Francezes na Cidade, e a ſaqueaõ, ficando ſenhores della.

do os poſtos, que lhes pareceraõ mais importantes, ſe déraõ ao roubo, achando hum deſpojo mais rico do que imaginaraõ, porque importou muitos milhoens o ſaco; e vendo que naõ tinhaõ mais que recolher, capitularaõ com o Governador Franciſco de Caſtro, deixarem a Cidade ſem a demolirem, por huma groſſa ſumma de ouro, que depois veyo a ficar em ſeis centos e dez mil cruzados, os quaes ſahiraõ de todos os moradores, e Religioſos, confórme os cabedaes de cada hum, e em quanto ſe juntava a quantia, para a qual ſe valeraõ dos cofres, que anticipadamente os ſeus Miniſtros mandaraõ pôr em ſalvo fóra da Cidade, ſe detiveraõ os inimigos nella, abſtrahindo-ſe de obrar mais eſtragos, havendo experimentado nelles a mayor ruina o Moſteiro de S. Bento, para cujo reparo gaſtaraõ depois os ſeus Monges mais de cincoenta mil cruzados.

Capitulaõ deixalla, ſem a demolirem, por ſeis centos e dez mil cruzados.

91 Tinha ido aviſo no meſmo dia, em que entrara a Armada Franceza, a Antonio de Albuquerque Coelho, que eſtava governando as Minas; juntou logo tres mil e tantos homens, bem, e mal armados, e marchando com elles para o Rio de Janeiro, quando chegou ſoube, que eſtava ganhada, e vencida a Cidade, e naõ achando remedio a baralhar a feira, conveyo nella. Entregue a quantia dos ſeis centos e dez mil cruzados aos Francezes, ſahiraõ daquella barra a vinte e oito do mez de Outubro, havendo hum anno, hum mez, e oito dias, que foraõ vencidos pelos Portuguezes naquella Cidade, cujos moradores deſpre-

Aviſo, que foy a Antonio de Albuquerque Governador das Minas.

desprezando o dominio de Francisco de Castro de Moraes, obrigaraõ a Antonio de Albuquerque Coelho a encarregarse do Governo até ordem de Sua Magestade, sem haver em Francisco de Castro impulso de se conservar no cargo de que o depunhaõ.

92 Levaraõ os inimigos todos os Francezes, que no Rio de Janeiro ficaraõ da primeira expediçaõ, aos quaes se tinha dado por prizaõ a Cidade, e se mostraraõ taõ agradecidos ao beneficio, que receberaõ de alguns moradores, pela caridade, que com elles usaraõ, que informando ao seu General da obrigaçaõ, em que lhes estavaõ, foraõ preservadas as suas casas do saco, e da ruina, ficando fechadas, assim como os seus donos as deixaraõ, acçaõ digna de louvor, e benemerita desta lembrança; nem se podia esperar menos da generosidade daquella naçaõ, à qual sobrandolhe tantas prerogativas, naõ podia faltar a do agradecimento, ganhando nesta urbanidade mais riqueza de fama, da que poderaõ adquirir de cabedal no despojo daquellas casas.

Acçaõ agradecida, que obraõ com as casas de alguns moradores.

93 Com a nova infausta da desgraça do Rio de Janeiro, enviou o Serenissimo Senhor Rey D. Joaõ V. por Governador daquella Provincia a Francisco de Tavora, que em poucos annos de idade tinha muitos de serviços, obrados nas guerras proximas em varias partes de Hespanha, ostentando em todas o valor hereditario da sua esclarecida, e antiquissima Familia. Levava ordem para prender a Francisco de Castro, e a outros

Vay Francisco de Tavora por Governador da Provincia do Rio de Janeiro.

Cabos,

Cabos, em cuja execuçaõ os poz em aſperas prizoens. Da Bahia mandou paſſar ElRey ao Rio de Janeiro a Luiz de Mello da Sylva, Chanceller da Relaçaõ do Eſtado, que com eſte cargo chegara de Lisboa no anno antecedente, e aos Deſembargadores Manoel de Azevedo Soares, e André Leitaõ de Mello, que com louvavel procedimento acabavaõ os ſeis da ſua reſidencia neſte Tribunal, os quaes com o Ouvidor do Rio de Janeiro, Miniſtro togado, e outros dous do meſmo caracter, que foraõ crear duas Ouvidorias nos Povos das Minas, e com o Ouvidor da Provincia de S. Vicente, haviaõ de formar huma Relaçaõ de ſete Miniſtros na Cidade de S. Sebaſtiaõ do Rio de Janeiro, para ſentencearem os culpados na entrega della.

Formaſe no Rio de Janeiro huma Relaçaõ para ſentencearem aos delinquentes na perda da Cidade.

94 Juntos os Miniſtros, procedeo o Chanceller em tirar devaça do caſo. Naõ faltaraõ opinioens, que tambem infamavaõ de traidor a Franciſco de Caſtro, mas naõ havendo indicios para ſe lhe formar culpa de infidelidade, ſe lhe provaraõ faltas de valor, e de diſpoſiçaõ, que foraõ cauſa de naõ pelejar na defenſa da Praça, e de a deſamparar; crime, pelo qual foy ſentenceado a degredo, e prizaõ perpetua em huma Fortaleza da India. Hum Meſtre de Campo ſeu ſobrinho, filho de Gregorio de Caſtro de Moraes, que ſuccedera a ſeu pay no cargo, e naõ no alento, foy privado do poſto, com degredo perpetuo. Hum Capitaõ da Fortaleza de S. Joaõ, que por cobarde a entregara logo aos inimigos, (delicto, pelo qual

Sentença do Governador, e de alguns Cabos.

andava

andava auſente) enforcado em eſtatua. Aos outros prezos ſe concedeo livramento, e moſtrando, que naõ concorreraõ mais que na obediencia das ordens do ſeu Governador, foraõ dados por livres; e com eſtas ſentenças ſe diſſolveo o Tribunal, mandado formar naquella Cidade, para caſtigar os cumplices na ſua perda.

Anno de 1711.

Succede no Governo Geral do Braſil Pedro de Vaſconcellos e Souſa.

95 Succedeo a D. Lourenço de Almada no Governo Pedro de Vaſconcellos e Souſa, cujo entendimento, e valor naõ ficaraõ devedores à grandeza do ſeu illuſtriſſimo naſcimento, e haviaõ deſempenhado em todos os lances as obrigações, que herdara dos ſeus famoſos antepaſſados. Tinha nas guerras proximas do Reyno obrado acções heroicas, occupado grandes poſtos, e ſe achava exercendo o de Meſtre de Campo General, do qual foy enviado por Governador, e Capitaõ Geral do Braſil, onde a memoria do Conde de Caſtelmelhor ſeu avô, que com grandes applauſos occupara o meſmo lugar, podera fazer grata a ſua peſſoa a eſte Eſtado, a naõ ſer naquelle tempo o horoſcopo, que o dominava, contrario ao ſocego dos ſeus moradores, pois achou Pernambuco hoſtilizado pelos naturaes, o Rio de Janeiro tomado pelos Francezes; deſgraças, a que ſe ſeguio o perigoſo accidente da alteraçaõ do Povo da Bahia.

Roubos de Piratas nos mares do Braſil.

96 Experimentava a noſſa America havia muitos annos grandes inſultos, e roubos de Piratas nos ſeus mares, tomando varios navios, que ſahiaõ dos ſeus portos, ou a elles hiaõ, e com

mayor

mayor porfia depois que ſe deſcobriraõ as Minas do Sul. Eſperavaõ os patachos, e ſumacas, que conduziaõ o ouro à Bahia, e a Pernambuco, e as embarcações, que das referidas Provincias o levavaõ para Africa ao reſgate dos eſcravos; (antes que ſe lhes prohibiſſe o tranſporte deſte genero para aquella coſta) e fazendo repetidas prezas, eraõ as perdas tantas, e taõ conſideraveis, que continuamente ſe achavaõ pobres muitas peſſoas, que com grande trabalho, e riſco das vidas o hiaõ tirar das Minas, e o conduziaõ para as ſuas Patrias, parecendo irremediavel eſte damno, por naõ haverem naos de guerra da Coroa Portugueza, que ſurcando as ondas de huns a outros portos, ſeguraſſem o tranſito às noſſas embarcações, e affugentaſſem as dos Piratas.

Reſolve ElRey noſſo Senhor darlhes remedio.

97 Sendo preſente ao Sereniſſimo Senhor Rey D. Joaõ V. eſte ſenſivel damno dos ſeus Vaſſallos, e conhecendo, que o reparo de tanto prejuizo requeria hum taõ cuſtoſo, como efficaz remedio, reſolveo mandar naos, que guardaſſem as coſtas da Bahia, do Rio de Janeiro, e de Pernambuco, as quaes vagando por eſtes mares, os limpaſſem de Coſſarios, e ſeguraſſem as viagens das noſſas embarcações, ordenando ſe reedificaſſem, e aperfeiçoaſſem as Fortalezas de todas as noſſas Praças, para a defenſa dellas, e ſocego dos ſeus habitadores, que da ambiçaõ das nações, e Piratas podiaõ temer o proprio damno, que os do Rio de Janeiro experimentaraõ na invaſaõ dos Francezes. Era grande a deſpeza, que ſe havia de

de fazer com as naos, e com as Fortificações, e requeria arbitrarse consignaçaõ de effeitos taõ promptos, quanto era urgente a necessidade.

98 Ordenou Sua Mageſtade, que todas as fazendas, que entraſſem nas Alfandegas das Provincias do Braſil, pagaſſem nellas dez por cento; impoſiçaõ, da qual ſe podia tirar quantia competente para o novo gaſto, parecendo juſto, e conveniente, que ſendo os homens de negocio taõ intereſſados na ſegurança das ſuas embarcações, e do ouro, que mandavaõ buſcar pelos ſeus generos, concorreſſem para huma deſpeza, da qual ſe lhe ſeguiaõ tantas utilidades. Encarregou ao Governador, e Capitaõ Geral Pedro de Vaſconcellos o eſtabelecimento deſta dizima na Bahia, como aos outros Governadores nas mais Provincias.

Impoſiçaõ dos dez por cento, e motivos della.

99 Tratava Pedro de Vaſconcellos de eſtabelecer eſte direito na Alfandega da Bahia, quando alterada a mayor parte dos homens de negocio, tendo prevenido ao Juiz do Povo, ſeus Miſteres, e quantidade de plebe, appareceraõ juntos na Praça de Palacio, na manhãa do dia dezanove de Outubro; e mandando o Juiz do Povo tocar inceſſantemente o ſino da Cidade, foy concorrendo de varias partes tanta gente vil, que em breves inſtantes ſe viraõ cheas a Praça, e as ruas viſinhas a ella. O Governador vendo aquelle ajuntamento, pedio huma eſpada, e huma rodella, intentando caſtigar aquella turba com os ſeus criados, Officiaes, e Soldados da guarda; mas adver-

Levantamento do Povo da Bahia.

tido a ſe naõ expor a algum deſaſtre, ſe abſteve, mandando dizer ſe recolheſſem a ſuas caſas, e lhe expuzeſſem a ſua pertençaõ por ſupplica, e naõ com violencia.

Inſolentes inſtancias, que faz ao Governador.

100 Reſpondeo o Povo pelo ſeu Juiz, que era o interprete dos recados, e repoſtas, que alli ſe juntara, para ſe naõ recolher, ſem que ſe derrogaſſe, ou ſuſpendeſſe a ordem da nova impoſiçaõ, que naõ queria aceitar, como tambem a mayoria do preço do ſal, que ſe havia accreſcentado no anno antecedente, de quatrocentos e oitenta a ſete centos e vinte reis. Tornoulhes o Governador por repoſta, que deviaõ recorrer com aquelle requerimento a Sua Mageſtade, e naõ a elle, a quem ſó tocava executar as ſuas Reaes ordens. Enfurecido o Povo, de que era Cabeça (depois do ſeu Juiz) hum Mercador chamado Joaõ de Figueiredo da Coſta, por alcunha o Maneta, blaſonando ameaçava conſeguir por força, o que pertendia, procedendo na fórma, que entendeſſe; e neſte tempo ſahiraõ daquelle diſſonante conflato de vozes algumas palavras immodeſtas contra a peſſoa do Governador Pedro de Vaſconcellos e Souſa, em quem concorriaõ taõ relevantes qualidades, que ainda ſeparadas do caracter, eraõ dignas de veneraçaõ; porém quando hum Povo ſe arroja cego, até os reſpeitos ſervem aos eſtragos.

Odio que tinha a Manoel Dias Filgueira.

101 Tinha o Povo grande odio a Manoel Dias Filgueira, que ſe achava em Lisboa a varios particulares ſeus, menos aggravantes do que os ſuppunhaõ. Era homem de negocio groſſo, que de pouca

pouca ſorte tinha chegado a muita fortuna, aborrecido da mayor parte dos mercadores por orgulhoſo, e por viver com arrogancia, e fauſto improprio do honeſto trato da ſua profiſſaõ. Trazia o contrato do ſal, e já o accreſcentamento do ſeu preço, como agora a impoſiçaõ dos dez por cento, ſe attribuhia a arbitrio ſeu, impondolhe, que trabalhava em trazer à Bahia paço da madeira, de que vinha por Adminiſtrador. Eſta apprehenſaõ errada fez aballar ao Povo da Praça a ſua caſa, ſita detraz da Igreja de Noſſa Senhora da Ajuda, naõ muito diſtante de Palacio.

Vay a ſua caſa, e faz grande eſtrago.

102 Pelo grande receyo, em que ſua conſorte vivia, e o pouco anticipado aviſo, que lhe fez hum confidente, livrou da morte, e a ſua familia, mas naõ do eſtrago a ſua caſa, e fazenda; porque auſentando-ſe, e deixando as portas fechadas, lhas romperaõ à força de machados, e ſobindo ao alto, lançaraõ pelas janellas à rua naõ ſó as alfayas, que lhe ſerviaõ de ornato, muitas, e de preço, porém outros generos de valor, pertencentes ao intereſſe do ſeu negocio, paſſando a deſtruir, e quebrar as portas, e janellas daquelle edificio, que entre as caſas particulares he huma das melhores, que tem a Bahia. Dos armazens, que lhe ficaõ por baixo, arrombaraõ varias pipas, e barriz, os quaes inundaraõ as ruas em liquores importantes.

Paſſa à de Manoel Gomes Lisboa, e obra o meſmo.

103 Dalli, andado hum grande eſpaço para a parte de S. Franciſco, foraõ a caſa de Manoel Gomes Lisboa, que acautelado ſe tinha poſto

em ſalvo. Era ſuſpeito ao Povo, por ſer intimo amigo de Manoel Dias Filgueira, e ſocio nos ſeus negocios, poſto que pela modeſtia com que vivia, em muitos cabedaes lograva melhor opiniaõ; mas naõ lhe valeo o differente conceito, que delle ſe tinha, para deixar de incorrer no eſtrago do companheiro, por julgarem proprios os intereſſes de ambos. Sobiraõ a ſua caſa igualmente aceada, e lhe lançaraõ das janellas tudo o que acharaõ de preço, e eſtimaçaõ, experimentando mayor perda no ouro em pó, que tinha em dous contadores, pois ao golpe, com que cahiraõ, ſe eſpalhou, e perdeo pela rua, ficando aquelle metal pizado entaõ da plebe vil, que mais o coſtuma pôr ſobre a cabeça.

Chega o Arcebiſpo com o Santiſſimo Sacramento em huma Ambula.

104 Dilatavaõ-ſe ainda em cauſarlhe mais ruinas, quando chegou a Real preſença de Deos no Santiſſimo Sacramento da Euchariſtia, que em huma ambula, acompanhado de alguns Irmãos, e de todos os Conegos, e Beneficiados da Sé, lhes levara o Arcebiſpo para os aquietar, admoeſtando-os, e perſuadindo-os ao ſocego, e paz. Proſtraraõ-ſe todas aquellas creaturas ao ſeu Creador, e embainhando as eſpadas, o adoraraõ, e acompanharaõ à Matriz. Porém recolhido, naõ aproveitando as paternaes exhortações do Metropolitano a ſuſpenderlhes o furor, tornaraõ para a Praça, com as armas outra vez nas mãos, em demanda da ſua pertençaõ, clamando, que ſe naõ trataſſe da impoſiçaõ dos dez por cento, e que tornaſſe o ſal ao preço de quatro centos e oitenta reis.

Havia

105 Havia acudido a Palacio, e ſe achava já com Pedro de Vaſconcellos D. Lourenço de Almada, e com o ſeu parecer ſe concedeo quanto o Povo pertendia, e de mais hum perdaõ geral do facto, que ſolicitava, ſem excepçaõ de peſſoas, entendendo, que ſem elle naõ havia obrado nada; mas promettendoſelhe tudo, introduzio em Palacio hum Advogado, para ſe fazerem com a ſua juriſprudencia os termos em fórma legal, e juridica, e aſſinados pelo Governador, e Capitaõ Geral, ſe concluhio a materia pelas ſeis horas da tarde, em que ſe diſſolveo o tumulto, ouvindo-ſe até aquelle ponto o ſino da Cidade, tocado inceſſantemente por hum troço de plebe, que alli aſſiſtia para eſte effeito.

Concedelhe o Capitaõ Geral o que pertendia.

106 Foy couſa digna de louvor para os filhos do Braſil verſe, que entre taõ numeroſa gente, quanta concorreo para eſta alteraçaõ, ſe naõ achaſſe peſſoa alguma natural deſte Eſtado ingenua, ou de honeſta condiçaõ, ſalvo alguns Officiaes mecanicos, que das ſuas tendas foraõ levados pelos amotinados, porque eſtes foraõ todos filhos do Reyno, unindo a ſi alguns Eſtrangeiros de varias nações, que ſe achavaõ na Cidade, ſequazes, e dependentes dos que urdiraõ o levantamento; e deſta verdade foraõ ſabedores todos os Miniſtros Reaes, que entaõ, e depois reſidiraõ na Bahia, conhecendo, que na obediencia dos naturaes do Braſil havia differente procedimento daquelle a todas as luzes inſolente, e deteſtavel.

Digno reparo em credito dos filhos do Braſil.

Procu-

Nova alteraçaõ por nova cauſa.

107 Procurou depois aquelle ajuntamento dourar o ſeu erro com huma reſoluçaõ generoſa, mas ainda que honrada, naõ pode deixar de parecer violenta, ſendo emprehendida ao ſom do ſino da Cidade, com o meſmo tumulto, e confuſaõ, com as proprias vozes, e as eſpadas nuas, guiado pelo Juiz do Povo, e pelo cabeça da primeira alteraçaõ Joaõ de Figueiredo da Coſta, chamado o Maneta. Juntou-ſe a meſma gente, que concorreo no paſſado motim, na tarde do ſegundo de Dezembro do proprio anno, quarenta e quatro dias depois do primeiro movimento. Entraraõ na Praça, e ſabendo, que o Governador Pedro de Vaſconcellos ſe naõ achava em Palacio, o ſeguiraõ até a caſa, em que pouſava D. Lourenço de Almada, ſita no bairro de S. Bento, fóra das portas da Cidade, mas proximas a ella.

Segue o Povo a Pedro de Vaſconcellos até a caſa de D. Lourenço de Almada.

108 Mandou D. Lourenço fecharlhe as portas, deixando ſó hum poſtigo da logea aberto, por onde podeſſe entrar a peſſoa, que o Povo mandaſſe a repreſentar o que pertendia. Clamaraõ todos pela reſtauraçaõ do Rio de Janeiro, e que o Governador mandaſſe logo apreſtar as naos de comboy, e todas as que ſe achaſſem no porto capazes da empreza, aliſtar gente, e prevenir todas as couſas pertencentes à expediçaõ, em que ſuppunha conſiſtia a liberdade daquella Praça, dominada pelos Francezes. Com eſta propoſta enviou o Povo a Domingos da Coſta Guimaraens, homem ſaõ, e de bom procedimento, a quem eſcolheo para menſageiro deſta propoſiçaõ, e para Agente

Manda D. Lourenço fechar as portas, e ſó deixa hum poſtigo aberto.

Clama o Povo pela reſtauraçaõ do Rio de Janeiro.

Agente da empreza na parte, que tocasse ao Povo, e com esta representaçaõ entrou Domingos da Costa pelo postigo de casa de D. Lourenço de Almada, a fallar a Pedro de Vasconcellos.

Reposta do Capitaõ Geral Pedro de Vasconcellos.

109 Respondeo o Governador, que naõ havia gente, navios, e artilheria competentes para combater com dezoito naos de guerra triunfantes; que era necessario mayor poder para expulsar os inimigos daquella barra, e Cidade, de que estavaõ já senhores; que naõ havia dinheiro para a empreza, e na contingencia de se conseguir, se experimentaria o damno certo de naõ voltar naquelle anno a Frota com os effeitos da Bahia, cuja conducçaõ ElRey muito encommendava, consignando tempo certo, e determinado para a sua demora; ordem, que se naõ podia alterar por huma acçaõ taõ duvidosa, quanto era infallivel o prejuizo, que da falta do comboy resultaria às rendas Reaes, e aos moradores da Bahia, assim no empate, como na damnificaçaõ dos seus generos.

Replica do Povo.

110 Replicaraõ, que em quanto ao dinheiro, se achavaõ em Santa Theresa, e no Collegio de Jesus grossas quantias de pessoas, que de partes distantes os mandaraõ guardar naquellas duas Sagradas Religioens para diversos fins, e que se podiaõ logo tomar as que bastassem, contribuindo depois os moradores da Cidade, e seu reconcavo, confórme os cabedaes de cada hum, à importancia desta despeza, da qual tomavaõ os homens de negocio sobre si a mayor parte. Que

para

para augmentar o numero das naos, ſe mandaſſem vir de Pernambuco as duas de guerra, que lhe tinhaõ ido na Frota. Que a artilheria, que logo ſe podeſſe juntar, baſtava; e que a gente das naos de hum, e outro comboy, com a que ſe fizeſſe na Bahia, era numero capaz de combater com os Francezes.

Aſſenta Pedro de Vaſconcellos na demanda do Povo.

111 Neceſſariamente aſſentio Pedro de Vaſconcellos, dando tempo a que deſaffogaſſe o Povo o vigor, com que pertendia huma empreza, nos termos preſentes impoſſivel; e como a diſtribuiçaõ da deſpeza, que havia de tocar aos moradores, pertencia ao Senado da Camera, (ſe he que elle podia fazer ſemelhantes impoſições ſem ordem Real) desfeito com a noite o concurſo daquelle dia, amanheceo no ſeguinte em o Senado, convocando o Juiz do Povo ao Juiz de Fóra, e aos Officiaes, que ſe achavaõ aquelle anno na Governança, os quaes chamaraõ às caſas da Camera aos Senadores, e homens bons, com cuja aſſiſtencia coſtumaõ por ley, e inſtituto determinar os negocios extraordinarios.

Vay o Povo à Camera, e faz que o Senado reſolva a impoſiçaõ pelos moradores.

112 Juntos, repreſentou o Senado ao Povo (entre o qual eſtavaõ quaſi todos os homens de negocio da Bahia) as meſmas difficuldades, que lhe moſtrara o Governador, e teve a meſma repoſta, clamando, que ſe lançaſſe o termo de reſoluçaõ do impoſto, que ſe havia de fazer aos moradores, porque a empreza era irrevogavel. O Senado por obviar mayor violencia, fez o termo, que pedia o Povo, o qual tratou logo no que promettiaõ

mettiaõ os mercadores, que chegou a hum computo taõ grande, que podia fazer a mayor parte da deſpeza. Domingos da Coſta Guimaraens havia de ſer o bolça, ou Theſoureiro daquelle recebimento, que ſe determinava ſupprir no em quanto com o dinheiro depoſitado nos dous Conventos, como temos eſcrito; porém naõ chegou a acçaõ a termos de ſe uſar delle.

113 Tantas diligencias ſe applicavaõ às preparações da Armada, quantas mais difficuldades na ſua expediçaõ ſe deſcobriaõ, conhecidas por invenciveis dos mais empenhados na empreza, que poſto ſe naõ deſanimavaõ, hiaõ vendo por experiencia o grande concurſo de cauſas, que haviaõ para ſe deſvanecer. Neſta contingencia chegou noticia do Rio de Janeiro, que os Francezes, ſaqueada, e vendida a Praça, a deixaraõ; com que tudo ſe ſuſpendeo, ficando aos authores daquelle valeroſo impulſo a jactancia de o pertenderem executar, ſem advertirem, que os meyos naõ eraõ taõ honeſtos, como o empenho, e que podiaõ ſer motivo de que a acçaõ ſe viſſe à differente luz, da com que podera ſer tomada, como aconteceo.

Difficultaſe a emprêza, e finalmente ſe deſvanece.

114 A ſemelhança, que houve, naõ na ſubſtancia, mas nos accidentes, entre o ſegundo, e o primeiro movimento, veyo a equivocar, e confundir hum com outro de tal fórma, que depois ſe puniraõ ambos, ſem ſe fazer diſtinçaõ do vicio à virtude, padecendo culpados, e innocentes; porque metendo algum tempo em meyo, ordenou o Governador, e Capitaõ Geral Pedro de Vaſcon-

Procede-ſe no caſtigo dos amotinadores.

cellos ao Ouvidor Geral do Crime devaçaſſe daquellas turbulencias, o que executou com ſegredo; e ficando culpados muitos, ſem embargo da grande prevençaõ, e ſegurança do Governador para os prender, ſe colheraõ poucos, e os mais ſe auſentaraõ.

Caſtiga-ſe a Domingos da Coſta Guimarães.

115 Dos prezos foy entre outros ſentenciado Domingos da Coſta Guimarães injuſtamente; mas recorrendo aos rectiſſimos Tribunaes de Lisboa, moſtrou nelles a ſua innocencia, e naõ ſer culpavel o ſegundo movimento do Povo, mas ſim digno de attençaõ, e agradecimento; o que provado naquella Corte, o deraõ por livre, mandando reſtituirlhe a ſua honra com empregos, que até entaõ naõ havia alcançado, e mayores que a condiçaõ da ſua fortuna.

He em Lisbóa abſolto.

Ouſadia do Juiz do Povo.

116 Com eſtas alterações era tanta a arrogancia do Juiz do Povo, andava taõ ufano, e procedia taõ violento, que pertendia arrogar a ſi as juriſdicções de todos os Tribunaes, impugnando as reſoluções, que naõ eraõ conformes ao ſeu arbitrio, com o pretexto de ſerem prejudiciaes ao Povo, que chamava ſeu, ameaçando novos levantamentos, e mandar tanger o ſino da Cidade, que pelos referidos exceſſos era já taõ fatal, e temido na Bahia, como a campa de Belilha em Heſpanha. Queria no Senado da Camera, contra o eſtylo antigo, aſſiſtir a todas as conferencias; e ſendo tolerado dos Vereadores com prudencia pelo preſente eſtado do tempo, ſe eſtendia a ſua audacia a impugnar os votos proferidos em materias poli-

ticas

ticas, incompativeis à ſua intendencia; e noutras queria, que logo alli ſe revogaſſem os deſpachos ſem nenhum termo judicial, com que ſó os podia embargar, pedindo delles viſta.

117 Deſta ouſadia, e da confiança, que para commetter inſultos tinha o Povo naquelle ſeu Magiſtrado, cuja ſombra, e poder entendia, que o ſegurava de todo caſtigo, deraõ os Officiaes da Camera conta a Sua Mageſtade, pedindolhe foſſe ſervido, para quietaçaõ da Bahia, mandar extinguir o lugar de Juiz do Povo, com o exemplo da Camera do Porto, onde por ſemelhantes diſturbios fora extincto; e o Sereniſſimo Senhor Rey D. Joaõ V. ouvindo eſta juſta ſupplica, mandou extinguir o dito lugar, de que reſultou temor nos inquietos, e jubilos nos fieis, e principaes moradores da Bahia.

Manda o Senhor Rey D. Joaõ V. extinguir o lugar de Juiz do Povo.

118 Lidava o Capitaõ Geral Pedro de Vaſconcellos inceſſantemente em pôr a Bahia em cabal defenſa para qualquer accidente, que houveſſe de acontecer, e ſe podia recear no tempo preſente com o exemplo do Rio de Janeiro, pela inimizade de França; e merecendo as ſuas diſpoſiçóes ſerem louvadas, eraõ mal recebidas, porque ao ocio dos moradores pareciaõ eſtranhos os continuos exercicios militares, que fazia à Infanteria paga, e às Ordenanças, inſtruindo-as na pratica moderna das noſſas campanhas proximas, pela nova fórma da peleja de Europa, prevenindo, e municionando as Fortalezas, e attendendo a tudo o que podia ſer util, ou prejudicial, com grande

Cuidado do Capitaõ Geral na diſciplina da milicia.

 diſcipli-

Suas diſpoſições em varias materias.

diſciplina, e experiencia. No tempo, que lhe ſobrava, ſe applicava aos negocios politicos, reſolvendo as materias com acertos, e ſem demoras, e fazendo, que as execuções caminhaſſem taõ apreſſadas, como as ordens; fogo, que naſcendo de fervoroſo zelo, fazia parecer exceſſo, o que era providencia.

Pede ſucceſſor no Governo, e ſe lhe concede.

119 Por eſte conceito ſe achava taõ deſcontente na Bahia, que pedio a ElRey com o mayor encarecimento, e em ſatisfaçaõ dos ſeus ſerviços, lhe mandaſſe ſucceſſor, antes de ſe acabar o termo do ſeu Governo. Eſta ſupplica fazia, vendo por fatalidade mal logradas as diſpoſições do ſeu entendimento, em verdade grande, porém infelizmente activo, porque ſe lhe attribuhia a viveza do alento à inquietaçaõ do animo, tendo por demaſiadas, ou ſuperfluas as ſuas reſoluções, poſto que viaõ reſplandecer nelle admiravel talento, ſumma independencia, e outras notorias virtudes, que podiaõ avultar muito em mais venturoſo tempo. Attendendo Sua Mageſtade às ſuas repetidas ſupplicas, lhe enviou ſucceſſor aos dous annos, e oito mezes do ſeu Governo.

HISTO-

HISTORIA
DA
AMERICA
PORTUGUEZA.
LIVRO DECIMO,
E ULTIMO.

SUMMARIO.

VEM por Vice-Rey, e Capitaõ Geral de Mar, e Terra do Brasil o Marquez de Angeja. Seu grande talento, e relevantes empregos. Minas de ouro na Jacoabina. Abremse segunda vez as Casas da Moeda no Rio de Janeiro, e na Bahia, para lavrar as de ouro. Recolhimento de mulheres na Cidade da Bahia, e seu Instituidor. Acções

do

do Marquez Vice-Rey no ſeu Governo. Succedelhe nelle o Conde do Vimieiro, com o poſto de Governador, e Capitaõ Geral. Preſagios na ſua vinda. Padecem por juſtiça muitos Piratas Eſtrangeiros. Adoece o Conde Governador. Sua morte, e Elogio. Achaſe no Collegio dos Padres da Companhia de JESUS huma via de ſucceſſaõ. Tomaõ poſſe do Governo o Arcebiſpo, o Chanceller, e o Meſtre de Campo mais antigo. Vay o Conde do Aſſumar a governar as Minas. Procura reduzir à obediencia, e ordens Reaes os abſolutos, e poderoſos. Amotinaõ eſtes os Povos. Prizaõ, e caſtigo dos principaes. Succede aos tres Governadores o Vice-Rey, e Capitaõ Geral de Mar, e Terra Vaſco Fernandes Ceſar de Menezes. Suas muitas virtudes, e grandes experiencias. Chega à Bahia o Patriarcha de Alexandria. Morte do Arcebiſpo D. Sebaſtiaõ Monteiro da Vide. Seu Elogio. Acções do Vice-Rey, e os ſucceſſos do Braſil, durante o ſeu Governo, em que poem fim eſta Hiſtoria.

LIVRO DECIMO.

1 PElas populares borraſcas ſe achava auſente a ſerenidade publica da Bahia, e tornou com a vinda do Vice-Rey D. Pedro Antonio de Noronha, Marquez de Angeja, Conſelheiro de Eſtado, e Védor da Fazenda, cuja grande Caſa de Villa Verde (de que até entaõ ſe intitulara Conde) he huma das eſclarecidas baronîas do ſeu Real appellido. Na ſua infancia ſe ajuſtou a paz com Caſtella, e achando-ſe em juvenil idade ſem occaſioens na Patria, em que exercer, e cultivar o ſeu natural valor, foy mandado por Vice-Rey da India, para fazer no formidavel theatro da Aſia o ingreſſo aos triunfos, que depois alcançou em Europa, como Germanico na ſua juventude fora enviado a esforçar, e endurecer o alento na guerra do Illyrico, que era a mais aſpera, que tinhaõ os Romanos, para diſcorrer, e conſeguir vitorias por todas as Provincias do Imperio.

Governo do Vice-Rey Marquez de Angeja.

2 Chegou a Goa, ſendo o Vice-Rey de menos annos, que até o tempo do ſeu Governo ſe aſſentara naquelle throno. Ordenou as couſas militares, e politicas das noſſas Praças com diſpoſiçóes ſuperiores às ſuas experiencias, e ſó proprias

Suas acçóes no Vi-Reynado da India.

prias do ſeu entendimento, que ſempre elevado ſobre os impoſſiveis, repreſentados pelas difficuldades, vinha a conſeguir as emprezas ſó com as facilitar. Deſpedio varias Armadas, que alcançaraõ muitas vitorias, e navegando a viſitar as Fortalezas do Norte por mares, que continuamente frequentaõ naos inimigas, noticioſa da ſua viagem huma poderoſa Eſquadra de navios Arabes, que os curſava, tremeraõ todos de ſorte ao eſtrondo da ſua fama, que lhe fugiraõ, retirando-ſe a Rejapor, onde lhe naõ poderaõ eſcapar, fazendo-os o Vice-Rey dar à coſta, e abrazar naquelle Porto.

Seus progreſſos.

3 Levou o curſo da vitoria muito adiante, porque diſcorrendo por muitos mares, e coſtas, foy abrazando em chammas, e reduzindo a cinzas innumeraveis Povoações antigas, que o tempo, e a fortuna haviaõ tirado da noſſa obediencia, as quaes pagaraõ nos eſtragos a rebelliaõ; e por naõ achar já inimigos, que vencer, tornou triunfante a Goa. Naquella Cidade, Cabeça do noſſo Imperio na Aſia, diſpoz as materias pertencentes à adminiſtraçaõ da juſtiça, e à defenſa do Eſtado. Recebeo, e deſpedio Embaixadas; e tendo obrado muitos compendios de acertos em poucos annos de Governo, o entregou a Antonio Luiz Gonçalves da Camera Coutinho, Almotacé môr do Reyno, que o fora ſucceder com o meſmo poſto.

Volta a Portugal pela Bahia, e occupa na proxima guerra relevantes poſtos.

4 Voltou para Portugal com eſcalla pela Bahia, a qual o ſoube feſtejar como a aquelle, a quem

quem depois havia de obedecer. Chegado a Lisboa, logrou o ſocego da paz, que he o fruto do trabalho da guerra; até que a fizemos a Caſtella pelas juſtiſſimas cauſas, que já temos moſtrado. Occupou relevantes poſtos com venturoſos ſucceſſos, e teve grande parte no triunfo, que lográmos na coroada Villa de Madrid, ſegurando a ſua campanha com toda a Cavallaria, de que era General, para o Marquez das Minas acclamar naquella Corte ao Sereniſſimo Senhor Carlos III. por Rey de Heſpanha. Do poſto de General da Cavallaria paſſou ao de General do Exercito, que occupou com o meſmo valor, ſobre todos os imperios da fortuna; e ultimamente foy enviado por Vice-Rey, e Capitaõ Geral de Mar, e Terra do Braſil; ſendo o terceiro, que com aquelle titulo governou eſte Eſtado.

Anno de 1714.

Vem por Vice-Rey do Braſil, e eſtabelece a impoſiçaõ dos dez por cento.

5 Entrou na Bahia em Junho do anno de mil e ſetecentos e quatorze a ſucceder ao Governador, e Capitaõ Geral Pedro de Vaſconcellos e Souſa. Tomou poſſe em dia de Santo Antonio, fauſto pela celebridade de hum Santo Portuguez ſeu Patricio, Patrono, e do ſeu nome. Diſpoz as couſas pertencentes ao ſeu Governo, e logo ſe lhe foraõ convertendo em frutos os abrolhos, que tanto moleſtaraõ ao ſeu anteceſſor. Eſtabeleceo a impoſiçaõ dos dez por cento, deu fórma à ſua arrecadaçaõ, creou os Officiaes para eſta dizima, diſtribuîo por elles as incumbencias, arbitrou-lhes os ſallarios; e o ſeu regimen até o tempo preſente ſe obſerva na Alfandega deſta Cidade.

Suas operações militares na Bahia.

6 Fez continuar as obras das Fortalezas, e fabricas para a defensa da Praça, a cujas despezas applicara o Serenissimo Senhor Rey D. Joaõ V. aquelles direitos; augmentou a de S. Pedro, levantada em hum dos arrabaldes; ampliou a de S. Marcello, edificada no mar, e fez dar nova fórma, e grandeza à de Nossa Senhora do Monte Carmelo, chamada do Barbalho, que está adiante da Fortaleza de Santo Antonio além do Carmo; e finalmente applicou com fervoroso zelo hum incessante cuidado a tudo, quanto antevio do serviço delRey, e do augmento do Estado, premiando benemeritos, e fazendo castigar culpados.

Minas de ouro na Jacoabina.

7 Neste tempo as Minas da Jacoabina (dilatada porçaõ de terra da Provincia da Bahia, pelo seu interior continente cento e vinte legoas da Cidade, e pelo grande rodeyo do caminho quasi na mesma altura) brotaraõ os mais portentosos grãos, que até o presente se tem visto nas outras do Brasil. Quatro se trouxeraõ à Casa da Moeda de notaveis fórmas, e tanto pezo, que hum importou mais de setecentos mil reis, os outros pouco menos, e depois hum de valor de tres mil cruzados. Haviaõ alguns annos antes dado mostras do finissimo ouro, que guardavaõ as veas dos seus montes, para o tributarem no Governo do Marquez Vice-Rey.

Diligencias, que havia feito o Governador, e Capitaõ Geral D. Joaõ de Lancastro pelas descubrir.

8 Por noticia, que destas Minas tivera o Governador Geral D. Joaõ de Lancastro, mandou ao descubrimento dellas, no anno de mil e setecentos e hum, o Coronel Antonio Alvares Sylva,

Sylva, e hum Religioſo do Carmo, que por natural de S. Paulo, tinha ſufficiente experiencia daquelle emprego, aſſiſtidos de dous Sargentos, e dez Soldados com as ferramentas, e inſtrumentos neceſſarios para eſta diligencia, da qual naõ reſultou o effeito, que ſe eſperava pelas poucas oitavas de ouro, que ſe tiraraõ; e pouco antes da vinda do Marquez, concorrendo de varias partes muita gente, applicando mayores forças, ſe foraõ, e vaõ lavrando, poſto que com mayor trabalho que as do Sul, porque o ouro da Jacoabina quanto mais finos toca os quilates, tanto mais profundo tem o naſcimento.

9 Com a vinda do Marquez mandou ElRey abrir de novo a Caſa da Moeda na Bahia, ſó para as de ouro, como alguns annos antes havia mandado laborar ſegunda vez a do Rio de Janeiro, porque a liberal producçaõ deſte metal puro, e de muitos quilates nas abundantes, e ricas Minas do Sul, enchendo eſtas Provincias, fazia preciſo eſte expediente, com o qual ſe facilita em Portugal, e no Braſil a compra de huns generos, e a remeſſa de outros, pela grandiſſima copia de moedas, que ſe remettem ao Reyno, e correm por todo o Eſtado. Enviou por Provedor della a Eugenio Freire de Andrada, que tem moſtrado zelo no ſerviço de Sua Mageſtade.

Abrem-ſe de novo as Caſas da Moeda no Rio de Janeiro, e na Bahia.

10 Ajudado pelo Marquez Vice-Rey o Provedor da Moeda fez, que em pouco tempo a Caſa principiaſſe a ſua operaçaõ, a qual continúa

núa com grande utilidade das partes, e da Fazenda Real, porque naõ dimittio Sua Mageſtade agora rendas taõ importantes à ſua Coroa, quaes ſaõ as ſenhoreagens das moedas das duas Caſas, (que haõ de ter muita exiſtencia, ou ſer perpetuas) poſto que as dimittiſſe nas primeiras, que concedeo ao Braſil por tempo limitado, em quanto ſe lavraſſe a prata, e ouro, que no Eſtado houveſſe, para ſe reduzir a dinheiro. Começou a Caſa da Moeda da Bahia a laborar ſegunda vez em quatorze de Novembro do anno de mil e ſetecentos e quatorze, havendo chegado os Officiaes, e a fabrica aos onze de Junho do meſmo anno.

Torna a laborar no anno de 1714.

11 O ouro ſe poem na ley de vinte e dous quilates, que tem todas as moedas do Reyno. Paga-ſe às partes pelo que toca, por ſer mais puro, e ſubido, e ter vinte e dous, vinte e tres, e algum vinte e quatro quilates, ſuperior ao de que ſe lavraraõ as moedas Provinciaes mais baixo, por ſer da Coſta de Africa, e do que ſe colhia em S. Paulo de lavagens, antes que abertas as Minas, o déſſem mais acendrado, e fino, havendo tambem Sua Mageſtade attençaõ na mayoria do preço, que agora permitte à ventagem das arrobas, que os Mineiros accreſcentaraõ ao tributo, que da lavra deſte metal lhe pagavaõ, em que aquelles ſubditos naõ contribuîaõ com a importancia dos quintos, que devem de direito à Real Fazenda, intereſſando elles a mayor parte do que pertence ao noſſo Monarcha nos theſouros, que a natureza

poz

poz nesta Regiaõ, descuberta pelos seus Vassallos, e dominada do seu Augusto Sceptro.

12 Fazem-se tres generos de moedas, na fórma, nas letras, e no escudo como as Provinciaes, com a novidade de rematarem as pontas da Cruz, que tem de huma parte, com lisonjas, como a da Ordem, e Cavallaria de Nosso Senhor JESUS Christo; porém differentes no valor intrinseco, e extrinseco, porque (postas todas na ley de vinte e dous quilates) tem a mayor de pezo tres oitavas, com quatro mil e quinhentos reis de valor intrinseco, correndo por quatro mil e oitocentos; a meya moeda oitava e meya, que importa dous mil e duzentos cincoenta, e vale dous mil e quatrocentos; o quarto peza cincoenta e quatro grãos, que valem mil e cento e vinte e cinco, e corre por mil e duzentos, ficando de senhoreagem na primeira trezentos reis, na segunda cento e cincoenta, e na terceira setenta e cinco.

Fórma, pezo, e valor das novas moédas de ouro.

13 No Rio de Janeiro saõ dos mesmos tres generos as moedas, e tem os proprios vinte e dous quilates da ley, o mesmo pezo, valor intrinseco, e extrinseco, fórma, e valor das da Bahia, havendo entre ellas só a differença de terem em cada franco da Cruz, as da Bahia hum B. e as do Rio hum R. Das senhoreagens se fazem em huma, e outra Casa as despezas das fabricas, se pagaõ os ordenados, e sallarios aos Officiaes, e o remanecente, que se remette ao Conselho Ultramarino, importa (confórme o ouro, que nas duas Casas da Moeda entra hum anno por outro) grossa

groſſa ſomma de dinheiro, e ſe tem já lavrado nellas hum conſideravel numero de milhões. Em quanto aos Eſtatutos, ſe governaõ ambas pelo regimen, e norma, que lhes dera o Chanceller Superintendente Joaõ da Rocha Pitta.

14 Tambem ſe acabou no Governo do Marquez Vice-Rey (pelo vigor com que animava a todas as operações do Eſtado, ſendo alma das emprezas grandes) a obra do Recolhimento das mulheres honeſtas, edificio inſigne pelo inſtituto, e pela grandeza, iſento da juriſdicçaõ do Ordinario, ſogeito, e contiguo à Caſa da Santa Miſericordia, cujo Templo lhe ſerve de Igreja. He de tres ſobrados, e em todos tem muitas eſtancias, cellas, dormitorios, e janellas, com dilatadas viſtas para a terra, e ſobre o mar, com hum Mirante, que o deſcobre muito além da Barra. Por baixo lhe ficaõ as Officinas grandioſas, e tantas, que podem ſervir a huma numeroſa Communidade; formando toda eſta fabrica huma perſpectiva ſoberba, e hum corpo mageſtoſo, igual ao do mayor Moſteiro.

Recolhimento de mulheres honeſtas.

Sua grandeza, e arquitectura.

15 Quando a Mageſtade do Sereniſſimo Senhor Rey D. Pedro II. de ſaudoſa memoria concedeo faculdade para ſe fundar eſte Recolhimento, ordenou, que ſe fizeſſe mayor, e capaz de recolher mais mulheres, que as que podia alimentar a renda, conſignada para a ſua ſuſtentaçaõ; porque as outras ſeriaõ porcioniſtas, caſadas, ou ſolteiras, que quizeſſem pagar o computo annual, que ſe lhes arbitraſſe, o qual ſe poz em oitenta mil reis

Ordena ElRey ſe faça para recolher tambem porcioniſtas.

reis cada anno; e concluida a obra no de mil e ſetecentos e dezaſeis, ſe receberaõ logo doze mulheres, ſendo huma Regente, e outra Porteira. Em ſe acabando de pagar a deſpeza do edificio com ametade dos juros de oitenta mil cruzados, que tem de patrimonio o Recolhimento, (de cujo rendimento ſe foy em muito tempo fabricando) ha de recolher, e ſuſtentar outras tantas mulheres, além das porcioniſtas.

16 Em quanto ao numero, e qualidade das Recolhidas, ficou o arbitrio à Meſa da Santa Caſa, que conformando-ſe com o Compromiſſo, aſſentou, que ſe recebeſſem Donzellas, e Chriſtãas velhas, preferindo as filhas dos Irmãos; e que eſtariaõ no Recolhimento, para delle caſarem dentro de quatro annos. Naõ trazem habito, nem trage certo: andaõ honeſtamente veſtidas. Para o governo da Caſa ſe mandou buſcar a Lisboa copia authentica do regimento das Recolhidas daquella Corte, o qual ſe guarda inviolavelmente. Tem já entrado, e ſahido para caſar muitas, e ſe recebem na meſma Igreja da Santa Miſericordia, com approvaçaõ, e licença do Provedor, e Irmãos da Meſa, e quaſi todas com os dotes da Caſa.

Qualidades das Recolhidas.

17 Foy o ſeu Inſtituidor Joaõ de Mattos de Aguiar, chamado vulgarmente Joaõ de Mattinhos, que de humilde, e pobre fortuna, chegou a ter cabedal opulento, adquirido pela ſua induſtria, e conſervado com a ſua parcimonia, nimiamente rigoroſa no ſuſtento, e trato da ſua peſſoa.

Joaõ de Mattos Inſtituidor do Recolhimento.

Tudo

Seu grande cabedal. Tudo o que poſſuîa (excepto duas moradas de caſas, e poucos mais curraes de gado) tinha a razaõ de juro, ſendo já tantos os cahidos, que nem elle proprio ſabia o computo do ſeu cabedal; mas tratando da cobrança delle a Irmandade da Santa Miſericordia, foy recolhendo, e ſegurando mais de hum milhaõ. Conſignou o Inſtituidor oitenta mil cruzados de patrimonio para eſte Recolhimento.

18 Ordenou, que do rendimento de certa porçaõ do ſeu cabedal ſe dotaſſem annualmente Donzellas, a cem mil reis cada huma, e ſaõ já trinta e oito cada anno, os que que ſe tem eſtabelecido daquella conſignaçaõ. Mandou dar quatrocentos mil reis cada anno a outros tantos doentes, que ſahiſſem do Hoſpital, a dez toſtões cada hum; e que as mais rendas do remanecente dos ſeus bens ſe puzeſſem em Miſſas quotidianas, e perpetuas pela ſua alma, e ſe lhe eſtabeleceraõ onze mil em cada hum anno, de eſmola de duzentos reis. A' Santa Caſa naõ deixou legado algum; porém como os referidos ſaõ tanto do inſtituto da Miſericordia, em os executar tem o ſeu zelo, e diligencia muito que merecer, e a ſua caridade naõ pouco em que ſe empregar.

Diſpoſições do ſeu teſtamento.

19 Empenhava-ſe tanto o Marquez Vice-Rey nas diſpoſições do Governo, e no augmento do Eſtado, e com tal comprehenſaõ em todas as materias, que até os ſucceſſos mais remotos lhe naõ pareciaõ eſtranhos, dandolhes expediente taõ prompto, como ſe a todos eſtivera preſente, e pro-

Continúa o Marquez Vice-Rey nas ſuas grandes operações.

e proporcionando os remedios conforme a necessidade dos males, acudindo com incessante cuidado ao serviço do Monarcha, ao bem dos Vassallos, e augmento da Monarchia; consonancia, de que resultava taõ admiravel harmonîa entre a sogeiçaõ, e o dominio, que se naõ distinguiaõ dos preceitos as obediencias.

20 Naõ lhe embaraçavaõ os negocios militares, e politicos a propensaõ religiosa, e pia, tributando repetidos cultos a todos os Templos da Bahia; com o seu voto se compunha o aceyo, e se continuavaõ as obras delles. Na Sé se fizeraõ muitas por ordem sua, para complemento, e perfeiçaõ daquella sumptuosa Matriz, e da Casa do Cabido, onde lhe pozeraõ os Capitulares hum retrato em agradecimento deste beneficio, e do empenho, com que informara a seu favor no justo requerimento da mayoria das suas congruas, que à instancia do Marquez Vice-Rey, e do Arcebispo Metropolitano, lhes concedeo a Real generosidade do nosso Augusto Monarcha, mandando accrescentallas tambem aos Beneficiados.

Seu grande culto aos Templos sagrados.

21 Achou o Marquez Vice-Rey principiada na Ribeira a nao de invocaçaõ Padre Eterno, e a fez acabar, e lançar ao mar; e logo outra no estalleiro, chamada Nossa Senhora da Palma, e S. Pedro, que com a mesma brevidade, e perfeiçaõ se acabou; depois mandou principiar outra, a que deu por nome Madre de Deos, e S. Francisco: a todas concorreo com intelligencia, cuidado, e assistencia pessoal, hindo repetidas vezes a

Naos, que o Marquez Vice-Rey faz fabricar.

ellas, dando documentos aos Meſtres, e applicando aos Officiaes.

Viſita o Marquez as forças do reconcavo, e acaba o ſeu Governo.

22 Sahio a ver as forças, e eſtancias do reconcavo, levando comſigo Engenheiros, e Meſtres para as fortificar, e diſpondo tudo o preciſo para a firmeza daquelles poſtos. Em todos os lugares foy recebido, e tratado com apparato magnifico, e com as mayores expreſſoens de verdadeiro affecto, devendo neſtes applauſos o Marquez Vice-Rey o amor à ſua fortuna, o mais à ſua grandeza. Depois de quatro annos, e dous mezes de excellentiſſimo governo, o entregou ao ſeu ſucceſſor, deixando eternas memorias, e ſaudades no Braſil.

Anno de 1718.

Vem por Governador, e Capitaõ Geral do Eſtado o Conde do Vimieiro.

23 Ao Marquez Vice-Rey ſuccedeo, com o poſto de Governador, e Capitaõ Geral D. Sancho de Faro, Conde do Vimieiro, no anno de mil e ſetecentos e dezoito. Na ſua vinda ſe obſervaraõ por annuncios alguns acontecimentos, que naõ tendo myſterios, pareceraõ prodigios, porque fórma a contingencia ſucceſſos, que ſendo meramente acaſos, o tempo, e a occaſiaõ as fazem parecer preſagios. He dogma Catholico, e politico naõ temer agouros, nem os deſprezar, poſto que os Heroes fazem taõ pouco caſo delles, que as apparencias infauſtas interpretaõ a venturoſos fins.

Deſprezo, que os mayores Heroes fizeraõ dos agouros.

24 Cahindo Scipiaõ em terra ao deſembarcar em Carthago, diſſe, que Africa já lhe naõ podia eſcapar, pois a tinha entre os ſeus braços. Vendo o Graõ Capitaõ Gonçalo Fernandes de Cordova arder a bagagem do ſeu Exercito de hum incen-

incendio caſual, ao dar a batalha da Cherinola, clamou, que eraõ anticipadas luminarias da vitoria, que havia de alcançar; e outro General, occupado de viſivel tremor fatidico ao entrar em hum combate, rompeo dizendo, que tremiaõ as carnes do aperto, em que as havia de pôr o coraçaõ. Attribuindo eſtes Capitães a felices auſpicios da ſua gloria, aquelles meſmos ſinaes, de que ſe podiaõ inferir caſos adverſos.

25 Chegada huma Eſquadra de navios de Lisboa, com a noticia de que ficava para partir o Conde ao Governo da Bahia, ſe divulgou nella ter falecido na viagem, com tanta aſſeveraçaõ, e taes circunſtancias, que ſe contava o dia, e mez do ſeu tranſito, ſem ſe ſaber de que Oraculo falſo eſta voz ſahira, por mais diligencias, que o Marquez Vice-Rey, para caſtigar ao author della, fizera. No mar, ſeguindo a Capitania do Conde hum poderoſo baixel, que devia ſer Coſſario, lhe botou bandeira de morte com huma caveira; e quando a noſſa gente o eſperava para o combater, ſe retirou, como ſenaõ viera a outro effeito mais, que a moſtrarlhe aquelle ſinal. Outro lhe paſſou muitos dias depois pela proa, com tal ſilencio, e taõ funebre, que ſe lhe naõ vio gente, nem outra véla ſolta mais, que a mezena, ſem fazer demonſtraçaõ alguma feſtiva, ou contraria à noſſa nao.

Succeſſos, que ſe interpretaraõ em maos annuncios do Governo do Conde.

26 Entregue do Governo, poucos dias depois do em que tomara poſſe, ſe ateou por hum deſaſtre o fogo em humas grandes moradas de caſas na rua direita, que ſahe da praça para a Miſeri-

cordia, e crefcendo o incendio, durou defde as dez horas da noite até às oito da manhãa, com tal conſternaçaõ da Cidade, e dos viſinhos daquella rua, que todos ſe puzeraõ em cobro, e as Recolhidas, cujo domicilio ficava mais fronteiro às chammas, ſahiraõ confuſa, e apreſſadamente para as caſas do Conſiſtorio da Santa Miſericordia, em quanto durou o eſtrago das abrazadas caſas.

Talento, e virtudes do Conde Governador.

27 Porém o Conde do Vimieiro nas diſpoſições do Governo, e no exercicio das virtudes com repetidos acertos deſvanecia o temor, que ſemelhantes ſinaes coſtumaõ infundir nos animos culpavelmente imprudentes, ou ſuperſticioſos. Era religioſo, e Soldado; procedia em tudo muy ajuſtado a eſtas duas propenſoens, ſendo o empenho, com ſe applicava a tanto emprego, mayor que as ſuas forças, pela pouca ſaude, que poſſuîa, disfarçando-a o agrado, que a todos moſtrava. Porém naõ deixou de ſer funeſto o ſeu Governo, pelo eſpectaculo horrivel da juſtiça, que ſe fez na Bahia aos Eſtrangeiros Piratas, porque ainda que a ley ſeja ſanta, no caſtigo dos ladrões acontece quaſi ſempre, que as proprias execuções, de que ſe colhem exemplos, trazem laſtimas; e o ſerem louvaveis, as naõ livra de triſtes.

Execuções, que ſe fazem nos Piratas Hereges.

28 Vieraõ remettidos do Rio de Janeiro com a devaça do inſultos, e roubos, que tinhaõ feito deſde a parte do Norte à do Sul, por muitas Coſtas daquella Provincia; e naufragando o ſeu navio nas prayas de Macahé, entre alguns, que ſahiraõ mortos, foraõ os outros prezos pelos Paizanos.

Vem remettidos do Rio de Janeiro em numero de quarenta e oito.

nos. Eraõ eſtes quarenta e oito, de Nações diverſas, e varios ſciſmas; algum tempo depois da ſua chegada à Bahia, eſtando em prizaõ na Fortaleza de Santo Antonio além do Carmo, fugiraõ treze no ſilencio da noite, botando-ſe por huma corda, deſde hum lanço da muralha, e nunca ſe poderaõ achar, ſem embargo das muitas diligencias, que pela Cidade, e pelo reconcavo ſe fizeraõ para os prender. Preſumio-ſe, por ſe achar falta no porto huma lancha, que deſcendo à praya, a tomaraõ, e eſcaparaõ por mar.

Fogem treze da Fortaleza de Santo Antonio além do Carmo.

29 Os trinta e cinco, que ficaraõ, foraõ paſſados para a enchovia, e a Relaçaõ lhes mandou fazer os autos ſummarios, e os condemnou à morte de forca, a qual padeceraõ em hum dia vinte e dous, e cinco em outro; livrando della tres, por naõ terem prova legal, e cinco por menores, ſendo eſtes oito ſentenceados por toda a vida para as galés de Lisboa, e remettidos àquella Corte com os treslados das culpas, ſentenças, e devaça.

Sentenceaõ-ſe à morte os trinta e cinco, dos quaes livraõ tres.

30 Effeito foy da altiſſima Providencia, e da ſecreta predeſtinaçaõ o meyo decretado àquellas almas para o fim da ſua ſalvaçaõ, ſahindo da cegueira da hereſia à luz da verdadeira Fé; porque lida a ſentença de morte aos condemnados, concorrendo os Padres da Companhia de JESUS, outros de varias Ordens, e alguns Clerigos do Habito de S. Pedro, e entre elles a primeira Dignidade da Sé o Reverendo Deaõ Sebaſtiaõ do Valle Pontes, a cathequizallos, e reduzillos à noſſa Religiaõ Catholica Romana, a receberaõ aquelles Hereges

Miſericordia, e Providencia altiſſima de Deos com as ſuas almas.

reges com tanta uniformidade, e tal contentamento, que deteſtando os ſeus ſciſmas, e abjurando os ſeus erros, proteſtavaõ ſer a ſua reducçaõ independente de toda a eſperança da vida temporal, porque ſó buſcavaõ a eterna pelo beneficio da noſſa Religiaõ, deſejando já morrerem nella, para alcançarem o perdaõ das ſuas culpas.

Morrem conſtantes, e contentes na noſſa verdadeira Religiaõ Catholica, e Romana.

31 Com eſta alegria, e conſtancia, aſſiſtidos ſempre de todos os Padres, que tomaraõ a empreza da ſua reducçaõ, e delles inceſſantemente inſtruidos, e allumiados na doutrina Catholica, nos myſterios da noſſa Santiſſima Fé, e nos Sacramentos da noſſa Igreja Romana, tomando com grande contriçaõ o da ſanta penitencia, e recebendo com toda a reverencia o Sacroſanto da Euchariſtia, foraõ ao patibulo, e contentes receberaõ a morte, fazendo venturoſo o ſupplicio, e dando firmes eſperanças da ſua ſalvaçaõ aos circunſtantes, que louvavaõ inceſſantemente naquelle tremendo acto os incomprehenſiveis juizos de Deos, e a ſua infinita miſericordia.

Adoece o Conde do Vimieiro, e morre em poucos dias de enfermidade.

32 Continuava o ſeu Governo o Conde do Vimieiro, quando adoeceo de huma leve queixa, tanto mais activa, quanto ſimulada; condiçaõ dos males, que quando ſe reconcentraõ, naõ parecem o que ſaõ, e naõ fazem os ameaços, ſenaõ muy proximos aos eſtragos. Em muy poucos dias ſe declarou mortal o achaque, e conhecendo o Conde viſinha a morte, ſe diſpoz para ella com todos os actos de Catholico, que exercera na vida, empregada em muitas virtudes. Faleceo

aos

aos treze de Outubro do anno de mil e ſetecentos e dezanove, havendo governado o Braſil hum anno, hum mez, e vinte e tres dias. Fez ſeu teſtamento, e ſe mandou enterrar na Igreja dos Religioſos Capuchos de Noſſa Senhora da Piedade, em cujo Cruzeiro jaz ſepultado, onde D. Joaõ Maſcarenhas, de preſente morador na Bahia, com animo proprio de ſeu eſclarecido ſangue, lhe mandou pôr huma bem lavrada campa.

Anno de 1719

33 Foy o Conde do Vimieiro de origem Real, deſcendente por baronia da Auguſtiſſima Caſa de Bragança. Servio nas guerras do Reyno com valor proprio do ſeu alto naſcimento, e teve poſtos competentes aos ſeus grandes ſerviços. Foy Védor da Caſa da Sereniſſima Senhora Rainha D. Maria Anna de Auſtria, e Conde por merce do Sereniſſimo Senhor Rey D. Joaõ V. Exerceo os Governos da Praça de Mazagaõ, e das Armas do Minho; e ultimamente veyo por Governador, e Capitaõ Geral do Eſtado do Braſil, onde as ſuas diſpoſições tiveraõ mais de zelo, que de fortuna, e moſtraraõ mais cuidado, que liberdade; porque a qualidade do clima, ou do Governo o faziaõ proceder nas materias com tanta indifferença, que a ſua attençaõ, e prudencia eraõ julgadas por falta de reſoluçaõ, ou de experiencia, reconhecendo-ſe na ſua peſſoa hum animo pio, e muitas virtudes, que o faziaõ digno de veneraçaõ.

Elogio do Conde do Vimieiro.

34 Achava-ſe huma antiga via de ſucceſſaõ no Collegio dos Padres da Companhia de JESUS, em

Via de ſucceſſaõ para o Governo.

em Alvarà do Sereniſſimo Senhor Rey D. Pedro II. de ſaudoſa memoria; e aſſim que o Conde Governador eſpirou, foy o Secretario do Eſtado Gonçalo Ravaſco Cavalcanti e Albuquerque a abrilla, concorrendo naquelle acto muitas peſſoas dignas de aſſiſtir a elle, em preſença dos Prelados daquella ſagrada Religiaõ, que a tinhaõ em depoſito. Aberta, ſe acharaõ nomeados para ſucceder no Governo em ſemelhante caſo o Arcebiſpo do Braſil, o Chanceller da Relaçaõ, e o Meſtre de Campo mais antigo da Praça.

Achaõ-ſe nomeados o Arcebiſpo, o Chanceller, e o Meſtre de Campo mais antigo.

35 Era Arcebiſpo Metropolitano D. Sebaſtiaõ Monteiro da Vide, Meſtre de Campo mais antigo Joaõ de Araujo de Azevedo, e ſervia de Chanceller, na auſencia de Luiz de Mello da Sylva, o Ouvidor Geral do Crime Caetano de Brito de Figueiredo, havendo-lhe já precedido por ſuas antiguidades tres Miniſtros neſta ſubſtituiçaõ. Joaõ de Araujo de Azevedo, independente de todas as occupações, de que podem reſultar intereſſes, ſe eſcuſava de aceitar a do Governo, propondo ſe devia averiguar a antiguidade entre elle, e o Meſtre de Campo Joaõ dos Santos Ala, que a naõ pertendia, ainda que tivera em Portugal poſto ſuperior ao de Capitaõ de Cavallos, que Joaõ de Araujo exercia, quando fora provido no de Meſtre de Campo; porém cedendo a ſua repugnancia à razaõ pela prioridade da ſua patente, houve de aceitar.

Tomaõ poſſe do Governo em Palacio.

36 Tomaraõ os tres Governadores poſſe do Governo em Palacio, com aſſiſtencia do Senado

do da Camera, dos Miniſtros, da Nobreza, e dos Cabos mayores da milicia, no dia ſeguinte ao do falecimento do Conde do Vimieiro. Neſte acto, lido o Alvarà delRey, perguntou em voz alta o Arcebiſpo, ſe havia peſſoa, que tiveſſe duvida àquella eleiçaõ? Ceremonia mais civil, e judicial, que politica, em acçaõ taõ ſéria entre Vaſſallos, que tanto ſabem venerar as reſoluções dos ſeus Monarchas, e naõ tem mais vontade, que a obſervancia das ſuas ordens Reaes.

37 Foraõ os tres companheiros conformando as diſpoſições para os acertos, que ſe eſperavaõ dos ſeus talentos, e conſiſtiaõ na ſua uniaõ; e com eſta conformidade governaraõ louvavelmente hum anno, hum mez, e nove dias. No principio do ſeu Governo paſſou da Bahia às Minas, por ordem Real, o Provedor da Caſa da Moeda Eugenio Freire de Andrada, a fundar as dos Quintos naquellas Villas.

Paſſa Eugenio Freire a fundar as Caſas dos Quintos nas Minas.

38 Tinha as redeas do Governo geral das Minas, deſde o anno de mil e ſetecentos e dezaſete, D. Pedro de Almeida, Conde de Aſſumar, de illuſtriſſima Caſa, e Familia, fecunda em Heroes famoſos, que alcançaraõ eſclarecida fama pelo amor da Patria, e pela fidelidade aos Monarchas Portuguezes; virtudes, que exerceraõ naõ ſó na Luſitania, porém em todas as mais dilatadas porções da Monarchia. Com o exemplo dos ſeus aſcendentes, e com o entendimento proprio, e outras admiraveis prerogativas, de que liberalmente o dotara a natureza, foy o Conde moderando

Eſtà naquelle Governo o Conde de Aſſumar.

os humores, que mal compleicionados nos corpos daquelles Povos, traziaõ deſcompoſtos todos os ſeus membros.

39 Era a ſua mayor enfermidade o pertenderem huma vida taõ livre, ou huma ſogeiçaõ taõ quartada, que quaſi os eximia da preciſa ley de ſubditos, encaminhando o ſeu procedimento ao prejuizo dos direitos delRey no ouro, que tiravaõ das Minas, e à deſobediencia das ſuas Reaes ordens, em que faltavaõ à natural obrigaçaõ de Vaſſallos.

Leva o Conde ordem para ſe eſtabelecerem nas Minas as Caſas dos Quintos.

40 Levara o Conde Governador ordem, para ſe erigirem nas partes mais convenientes daquellas Villas Caſas de fundiçaõ, em que ſe pagaſſem os Quintos, que de direito deviaõ do ouro, que tiravaõ. Juntou o Governador na ſua preſença os principaes Mineiros, e peſſoas dos Povos, e propondolhes a reſoluçaõ Real, a receberaõ por termos, que aſſinaraõ; mas arrependidos, trataraõ de os revogar com hum motim, que ſe principiou em Villa Rica, juntando-ſe mais de dous mil homens armados.

Amotinaõ-ſe os Povos, e obraõ deſatinos.

41 Deraõ na meya noite do dia de vinte e oito de Junho do anno de mil e ſetecentos e vinte, na caſa do Ouvidor Geral daquella Comarca Martinho Vieira; e naõ eſtando nella, lhe deſtruiraõ tudo o que lhe acharaõ, em odio das citações, que como Miniſtro mandava fazer a peſſoas poderoſas, as quaes tomaõ em caſo de honra uſarſe com elles termos judiciaes; e logo clamaraõ os cabeças, que ſe naõ procedeſſe em edificar Ca-

ſas

ſas de fundiçaõ; e mandaraõ eſta propoſta ao Governador, pedindolhe com o deſpacho della o perdaõ do facto.

Propoſta, que enviaõ ao Governador.

42 Naõ differio em quatro dias o Conde Governador à propoſiçaõ dos moradores de Villa Rica, por indagar o animo das outras Villas; mas achando, que eſtavaõ todas conformes na meſma reſoluçaõ, e vendo, que neceſſariamente as Caſas ſe haviaõ de dilatar, porque Eugenio Freire ſe naõ agradava das que achara principiadas, mandou publicar hum Edital, em que declarava, que as Caſas da fundiçaõ naõ haveriaõ effeito, ſenaõ daquelle dia a hum anno, no de mil e ſetecentos e vinte hum, por ſer preciſo, que ElRey reſolveſſe alguns embaraços, que ſe offereciaõ na materia. Entendeo-ſe, que com eſta repoſta, que o Conde lhes enviou, ceſſaria aquelle ajuntamento; porém com ella ſe irritaraõ mais os ſeus cabeças, perſuadindo ao Povo caminhaſſe para a Villa de Noſſa Senhora do Carmo, onde eſtava o Conde, e alli chegou aquella turba inſolente, e armada.

Edital, que manda fixar o Conde.

43 Achava-ſe o Conde com as Companhias de Dragões taõ ſocegado, como ſe lhe naõ paſſara pela imaginaçaõ temor algum, ſendo muito para recear o arrojamento de huma multidaõ cega, e coſtumada a perpetrar inſultos; e porque lhe naõ contaminaſſem aos moradores da Villa do Carmo, e das outras, que eſtavaõ pendentes do ſucceſſo, attendendo a que entre os leaes, e rebeldes ſe poderia excitar huma guerra civil, prejudicial a todos, concedeo o perdaõ, e o mais, que

Socego, e generoſidade do ſeu animo.

pertendiaõ na propoſta, appellando para o beneficio do tempo, até que elle offereceſſe occaſiaõ de eſtabelecer o que de preſente naõ podia conſeguir.

Inſolencias dos amotinados.

44 Aquelles animos orgulhoſos, feros, e inimigos do ſocego, ſe demoraraõ alli dezaſeis dias, com o pretexto de novas duvidas, que ſe lhes offereciaõ, ſendo o fim rebellar aos moradores da Villa do Carmo com muitos projectos, que lhes faziaõ; e naõ o podendo conſeguir, obraraõ taes deſordens, que ſe vio em termos aquelle Paiz de huma grande ruina, havendo-ſe o Conde com prudencia ſuperior aos ſeus poucos annos, e com diſſimulaçaõ taõ util ao ſerviço Real, como conveniente à reſoluçaõ, que intentava tomar contra os culpados.

Authores das alteraçoes.

45 Eraõ os principaes Authores daquella rebelliaõ Paſchoal da Sylva Guimarães, Manoel Moſqueira da Roſa, ſeu filho Fr. Vicente Boto, Fr. Antonio de Monte Alverne, Joaõ Ferreira Diniz, e outros. O Conde os deixou tornar para Villa Rica, aonde mandou marchar com cautela huma Companhia de Dragões a prendellos, com taõ feliz ſucceſſo, que foraõ colhidos todos em huma noite, e levados à Villa do Carmo. Na ſeguinte noite os parciaes dos prezos, com os ſeus eſcravos armados, fizeraõ outro motim em Villa Rica, pertendendo unir todos os ſeus moradores; mas naõ podendo conſeguillo, por haverem deſamparado as caſas, temendo aquelle Povo concorrer a novos inſultos, lhas arruinaraõ, e roubaraõ

raõ os rebeldes, ameaçando-os, que ſe no dia ſeguinte naõ eſtiveſſem juntos, para ir tirar os prezos à Villa do Carmo, matariaõ a todos, e poriaõ fogo à Villa.

46 Tinha já convocado o Conde Governador muita gente fiel, e armada, que remetteo àquella Villa, a pôr freyo a eſtas novas deſordens; e logo para exemplo, e horror foraõ abrazadas as caſas de Paſchoal da Sylva, e dos ſeus ſequazes; porém eſtavaõ eſtes taõ tenazes, que ſahindo ao campo da Cachoeira, fizeraõ gente para o tirarem da prizaõ no caminho, ſabendo, que hia com outros cumplices remettido ao Rio de Janeiro. Deſta reſoluçaõ, e recluta era Capitaõ hum Filippe dos Santos, que neſtas alterações havia obrado os mayores eſcandalos; mas ſendo prezo, lhe mandou o Conde fazer ſummario, e confeſſando todos os ſeus delictos, foy mandado arraſtar, e eſquartejar. Eſta execuçaõ foy a remora, que parou o curſo aos rebeldes, ficando atemorizados, e menos orgulhoſos, proſeguindo com termos differentes na ſupplica, a qual remetteraõ ao Reyno, accreſcentando mais arrobas de ouro ao tributo, que pagavaõ ao noſſo Monarcha, de cuja reſoluçaõ ficaraõ pendentes todas as couſas, pertencentes à contribuiçaõ daquelles Povos, e às Caſas dos Quintos.

Reſoluçaõ do Conde Governador.

Caſtigo do mais eſcandaloſo cumplice, e terror dos outros.

47 Quando o Conde diſpoz as referidas prizões, mandou prender primeiro a Sebaſtiaõ da Veiga Cabral por indicios, que houveraõ, de ter ſecreta correſpondencia com os rebeldes; e poſto que

Prizaõ de Sebaſtiaõ da Veiga Cabral.

que o Conde Governador naõ procederia nesta resoluçaõ sem aquelle exame, inteireza, e independencia, com que se havia em todas as suas resoluções, naõ he de presumir, que hum Vassallo, como Sebastiaõ da Veiga, de taõ bom nascimento, com tantos empregos, e taõ claro entendimento, concorresse para acções contrarias a quantas elle havia obrado no serviço delRey, na defensa, e amor da Patria, tendo occupado pelo seu valor, e pela sua fidelidade postos grandes; salvo se para esta calumnia concorreo a desgraça, que o acompanhou em muitas das suas emprezas, ainda que sempre com credito do seu talento; porém como a sua causa pende em Juizo, a sentença, que tiver, poderà determinar o duvidoso conceito, em que por este motivo está o seu procedimento.

Vay remettido prezo para Lisboa.

48 Do Rio de Janeiro, aonde se remetteraõ todos os prezos, foy Sebastiaõ da Veiga Cabral enviado para a Bahia, e esteve recluso na Fortaleza de Santo Antonio além do Carmo, até embarcar para Lisboa. O Conde de Assumar foy continuando o Governo das Minas com menores obstaculos, mas com proprias fadigas, por serem aquelles Povos compostos de tanta variedade de genios, quantas saõ as Provincias, e Conquistas de Portugal, e da nossa America, de donde concorrem para aquellas partes, e daõ muito, que merecer ao Governador, que as chega a socegar, como o Conde, pois da quietaçaõ daquelles moradores fez todos os interesses, que podera adquirir para a sua Casa, a naõ ser o mayor brazaõ della

della as acções heroicas, e o Real ſerviço dos noſſos Auguſtos Monarchas.

49 Aos tres Governadores ſuccedeo, em vinte e tres de Novembro de mil e ſetecentos e vinte, por Vice-Rey, e Capitaõ Geral do mar, e terra do Braſil, Vaſco Fernandes Ceſar de Menezes, filho de Luiz Ceſar de Menezes, e ſobrinho de D. Joaõ de Lancaſtro, ambos Governadores, e Capitães Geraes deſte Eſtado, o qual deveo às ſuas acertadas diſpoſições grandes augmentos, e felicidades. A naõ trazer o Vice-Rey no ſeu proprio talento relevante, e nas ſuas graves experiencias, abonados os acertos admiraveis do ſeu feliz Governo, ſe lhe attribuiriaõ communicados nas veyas pelo ſangue, que tem dos dous referidos Generaes, dignos exemplares de acções heroicas. Porém eſtas naõ ſó traz como por vinculo, ou exemplo, mas ſaõ nelle natureza, e todas preciſas, para deſempenhar as obrigações do ſeu elevado naſcimento.

Anno de 1720.

Governo do Vice-Rey Vaſco Fernandes Ceſar de Menezes.

50 Havia obrado feitos generoſos nas guerras proximas do Reyno, concorrido nas emprezas mais arduas, e nos mais arriſcados conflictos, caprichando fazer dos poſtos mais inferiores eſcalões para os mayores, e querendo ſer em todos apadrinhado ſó do ſeu notorio merecimento, ſem dependencia da ſua grande qualidade. Com eſte militar rigor occupou cargos relevantes; e ſendo neceſſario dar ao Eſtado da India hum Capitaõ, em quem concorreſſem as muitas prerogativas, que ſe achaõ juntas na ſua peſſoa, foy enviado por Vice-Rey,

Seu militar esforço.

He mandado por Vice-Rey da India.

Vice-Rey, e Capitaõ Geral de mar, e terra daquella grandiſſimo, e bellicoſo Imperio, que havendo já viſto nas valeroſas acções dos Heroes Portuguezes reſuſcitados os Scipiões, e Pompeos Romanos, nelle chegou a venerar ao primeiro Ceſar.

Chega a Goa Cabeça daquelle Eſtado.

51 Chegou a Goa, e tal vigor infundio o ſeu alento nos Soldados do Eſtado da India, que ſe começaraõ a ſeguir glorioſos ſucceſſos. Deſpedio muitas Cafilas, e Armadas; e foy couſa digna de admiraçaõ, que naõ achando em Goa navios para tantas expedições, a ſua fortuna, e diſpoſiçaõ os attrahiſſe de varios portos do Eſtado, com peſſoas de valor, e diſtinçaõ, que voluntariamente hiaõ a ſervir a ſuas emprezas, convocadas da ſua fama, que ſempre voava diante da ſua peſſoa.

Socega, e compoem as diſſenſões, que achou naquelle Eſtado.

52 Achou em diſſenſoens aos Religioſos de S. Franciſco com o ſeu Commiſſario Geral; e deu o meyo mais opportuno ao ſocego daquellas controverſias. Compoz as da Junta do Commercio com os Mercadores de Dio ſobre o pagamento em marfim, que ſe coſtuma pagar em Moçambique pelas roupas, e drogas, que toma naquella Praça aos que a ella as conduzem. Fez ſocegar as inquietações de Dio, cauſadas pelo Ouvidor Geral daquella Praça, a cuja inſtancia tinha obrado o Governador della, contra o Collegio dos Padres da Companhia, aonde ſe recolheraõ os Gentios, eſcandalos, que paſſavaõ a ſacrilegios. Evitou o notorio damno, que às almas, e às fazendas cauſavaõ as Bailhadeiras em Goa; e por hum publico

Deſterra as Bailhadeiras.

publico bando as mandou ſahir daquella Cidade, e das Ilhas proximas, com pena de morte às que naõ obedeceſſem, ou depois de terem ſahido, voltaſſem. Achando a India exhauſta de moeda de prata, e ouro nacional, mandou cunhar a que havia, e lavrar de novo outra, accreſcentando-lhes o valor extrinſeco, porque os mercadores as naõ podeſſem extrahir para os Reynos viſinhos, onde por intereſſes particulares hiaõ todos os annos muitos milhões, em prejuizo publico, e attenuaçaõ do Eſtado; reſoluçaõ, que algumas vezes em ſemelhantes faltas ſe praticara em Goa.

Remedea o damno da moeda, e a ſua extracçaõ.

53 Eſtava o Rey do Canarà deſde o anno antecedente alterado contra nós pela preza, que fizemos em hum navio ſeu, por conduzir cavallos, e em deſpique da ſua injuſta queixa ordenou por publico bando, com pena de morte, que em nenhum dos ſeus portos ſe vendeſſe aos Portuguezes arroz, ao qual muito tempo antes havia levantado o preço; e naõ aproveitando a diligencia, que o Vice-Rey fez com aquelle Barbaro por carta, para que naõ innovaſſe nada ſobre a conducçaõ deſte mantimento, determinou obrigallo com as armas, e expedindo huma valeroſa Armada, lhas introduzio por todo o ſeu Dominio, com tal valor, e fortuna, que pelo tranſito de trinta leguas de coſta daquelle Reyno, lhe fez abrazar ſetenta embarcações, muitas Fortalezas, Pagodes, edificios, incendiando innumeraveis herdades, e Aldeas dos ſeus ſubditos, a cujo eſtrago, e aos clamores dos ſeus Povos pedio pazes ao Vice-Rey.

Faz guerra ao Rey do Canarà.

Pede pazes aquelle Barbaro.

Concede-lhas o Vi-ce-Rey com grandes ventagens nossas.

54 Concedeo-lhas com grandes ventagens nossas, obrigando-se de novo o Rey do Canará a pagar as pareas, como feudatario do Estado, em cuja obediencia já o seu animo vacillava; e começamos a colher o fruto daquella sogeiçaõ, que hia parecendo esteril. Com este exemplo temendo semelhantes hostilidades, e o grande valor, disposiçaõ, e fortuna do Vice-Rey, os Principes visinhos, e feudatarios sollicitavaõ a nossa amizade, ratificando as suas pazes, e contribuindo pontualmente com os seus antigos tributos, e comercios. Naõ foraõ os annos do seu Vi-Reynado os que o nosso Imperio da Asia desejava, para lograr mais tempo continuadas as felicidades, porque sendo contrario aquelle clima ao achaque antigo, que padecia, aggravandose-lhe, pedio a ElRey lhe mandasse successor.

Pede successor.

55 Sua Magestade attendendo igualmente à importancia da vida de taõ grande Vassallo, e à necessidade, que do seu talento tinha a India, lhe ordenou, que no caso que naõ podesse residir mais tempo nella, e fosse preciso à sua saude voltar para o Reyno, entregasse o Governo ao Arcebispo Primaz. Assim o fez o Vice-Rey, depois de o exercer mais de quatro annos, com geral applauso, grande credito das nossas armas, deixando o nome Portuguez novamente impresso nas attençoens, e respeitos de todos os Reys da Asia, e alcançando dos inimigos em repetidas occasiões grandes vitorias.

Entrega o governo.

56 Voltou para Portugal, e cobrando no patrio

trio clima alguma ſaude,para a empregar na defenſa do Reyno, o achou ſem guerras pelas pazes, que no anno de mil e ſetecentos e quinze ſe ajuſtaraõ com a Coroa de Caſtella, em grande credito das noſſas armas, e gloria do noſſo Monarcha, o qual vendo já o Vice-Rey em eſtado de exercer taõ admiravel talento em novos empregos do ſeu Real ſerviço, o enviou a governar o Braſil com o meſmo cargo; e foy o quarto dos que nelle lograraõ eſte titulo. Chegado à Bahia, ſe vio de todo livre do ſeu antigo achaque, attribuindo à benignidade dos noſſos ares, a extinçaõ da ſua queixa.

Com alguma ſaude, que cobrou na Patria o envia ao Braſil.

57 Soube o Vice-Rey pagar ao Braſil com muitas ventagens o beneficio, que recebera na ſua ſaude particular com a publica, que communicou a todo o Eſtado, pelo vigilante deſvelo, com que ſe emprega no ſeu augmento, pois aos males de que enferma,naõ ſó lhe receita os remedios de preſente; mas tambem lhe faz prevenir os preſervativos, que podem ſerlhe preciſos para o futuro, porque a ſua viſta perſpicaz naõ ſe reſtringe a circulos breves, porém dilatandoſe aos Horizontes mais diſtantes, vê os damnos proximos, e penetra os que podem ſobrevir; porque eſtaõ em equilibrio no ſeu talento o ſerviço Real, e o bem commum; e prevendo os ſucceſſos, diſpondo as emprezas com acerto, e agrado, tudo conſegue com felicidade, e amor.

Grande diſpoſiçaõ do Vice-Rey no governo do Eſtado.

58 Vio-ſe na Bahia por revoluçaõ do tempo, ou por aviſo da Providencia altiſſima, em a noite ſeguinte ao dia do glorioſo Patriarcha S. Joſeph,

Anno de 1721.

dezanove de Março do anno de mil e ſetecentos e vinte e hum, das dez para as onze horas, hum eſpectaculo horroroſo; porque entre huma chuva miuda, e hum vento rijo, começaraõ a fuzilar relampagos, e a ſoar trovões, em fórma, que principiando moderados, foraõ creſcendo a tal eſtrondo, qual nunca fizeraõ na Bahia, lançando rayos, a que a miſericordia de Deos tirou as forças para naõ cauſarem ruinas, pelo que ſe conheceo, que vinhaõ mais a trazer aviſos, que a fazer eſtragos. Hum partio huma pedra da varanda da Ordem Terceira de Noſſa Senhora do Monte do Carmo, outro tocou levemente na janella de hum Miniſtro, alguns cahiraõ nos arredores da Cidade, e pelas ruas della, ſem offenderem os edificios.

Revoluçaõ do tempo com trovões, e relampagos.

59 Eſte luzente horror de rayos, e trovões ſe vio melhor das prayas oppoſtas à marinha, e de algumas lanchas de peſcadores, as quaes colheo a noite junto à barra, parecendo, que deſciaõ do ar os rayos, como foguetes ſobre a terra, e ſobre o mar, na Cidade, e na ſua enſeada; e foy prodigio, que eſtando muitas embarcações no porto, grandes, e pequenas, naõ offendeſſem a nenhuma, e ſó deixaſſem ſinaes de fogo no maſtro de hum navio. Era a confuſaõ dos moradores tanto mayor, quanto mais entendiaõ, que piedoſo o Ceo, lhes bradava com aquellas linguas de fogo, e pelas vozes daquelles trovões accuſando-os das culpas, e perſuadindo-os ao arrependimento.

Viſtos com mayor horror das partes fronteiras à Cidade.

60 No confuſo dia, que ſuccedeo àquella tremenda noite, ſe foraõ arruinando para a parte, que

que chamaõ a Preguiça, algumas poucas casas; porém com pendor taõ moderado, que a sua quéda naõ pareceo precipicio, porque movendose em passo tardo, e às luzes do Sol, tiveraõ lugar os seus moradores, e os daquella visinhança, para se porem em salvo, de sorte, que quando ellas chegaraõ a cahir, já naõ acharaõ a quem offender. Fica eminente ao mar, e a dilatada rua da Preguiça, outra, que das portas da Cidade vay para a Parochia da Conceiçaõ, estava aberta havia muitos annos, desde o tempo, em que se accrescentara em mais fabricas o pezo à platafórma do Castello, com que naõ podia a eminencia em que fora edificada, e gemendo com a carga, havia feito huma brecha, que atravessava aquella rua, a qual lhe corre por baixo, pelo lado, que o Castello tem para a parte do Norte.

Cahem algumas casas na rua da Preguiça.

61 Arruinada desde entaõ a rua, ainda que existente com os reparos, que naquelle tempo se lhe fizeraõ, como naõ foraõ competentes a preservalla da commoçaõ, que causou o estrondo dos trovões, abrindo de novo mayor brecha, aballou o monte sobre que está lançada, e o fez ir despedindo algumas porções de terra sobre quatro moradas de casas, que se lhe encostavaõ, até as derribar. Acudio logo o Vice-Rey com o Senado da Camera, levando o Mestre de Campo Engenheiro muitos Mestres, e Officiaes Pedreiros, e fazendo concertar a rua, se lhe puzeraõ fundamentos taõ firmes, que existe segura; e animando logo o Vice-Rey aos donos das moradas a tornallas

Causa da sua ruina.

Firme concerto, que se faz à rua, e nova fabrica das casas.

las a levantar, o fizeraõ em breve tempo com tal grandeza, que havendo ſido de tijollo, as fabricaraõ de pedra, e vieraõ a dever aquellas caſas à ſua ruina o beneficio, que as fabricas de Roma ao ſeu incendio; porque ſendo até entaõ de adobes, ſe fizeraõ logo de marmores.

Outro accidente no reconcavo.

62 Outro eſpectaculo tambem de mayor eſpanto, que ruina (poſto que naõ deixou de cauſar alguma) viraõ no dia antecedente ao da Aſcenſaõ os moradores de Santo Amaro, (lugar maritimo do reconcavo da Bahia, algumas legoas diſtante da Cidade) por haver ſahido da mãy, e lançado fóra do ſeu natural leito as groſſas correntes o caudaloſo rio Sergiaſſû, o qual naſcendo nos campos da Cachoeira, e recolhendo em ſi com varios giros os rios Taoâ, Pitanga, Orurupî, Pirauma, e outros mais, e menos abundantes, ſe mete no Subaê, tambem copioſiſſimo, e encorporados, vaõ buſcar o mar no porto daquella Povoaçaõ, onde ſe encontraõ com o Sergimerim, igualmente opulento.

Entra o rio Sergiaſſû pela Povoaçaõ de Santo Amaro.

63 Com as inceſſantes chuvas de tres ſucceſſivos dias, creſceo de fórma o rio Sergiaſſû, e os que o acompanhaõ, que inundaraõ o referido lugar; mas em tempo taõ opportuno, por ſer de dia, que ſe poderaõ ſalvar os viſinhos, e os que ſe naõ puzeraõ logo em cobro nos lugares elevados, foraõ recolhidos com prevençaõ das canoas, que do porto entraraõ a navegar pelas ruas. As caſas de ſobrado ficaraõ até meya altura inundadas. As terreas quaſi até os telhados, e neſtas ſe

perde-

perderaõ alguns generos, que naõ tiveraõ aonde os ſobir, e ſalvar; tambem ſe perderaõ algumas caixas de aſſucar na Trapiche, que ha naquelle porto, em que ſe recolhem as dos Engenhos do matto, para dalli ſe embarcarem para a Cidade; porém naõ perdeo a vida neſte diluvio peſſoa alguma, que foy eſpecial favor de Deos.

64 Grande conſternaçaõ fizeraõ eſtes ſinaes do Ceo nos animos dos moradores da Bahia, entendendo ſerem vozes, que lhes clamavaõ a emenda dos peccados, e os Miſſionarios, e Parocos ſabendo aproveitar a opportunidade da occaſiaõ, fizeraõ repetidas miſſoens, continuas praticas, e devotas Prociſſoens por toda a Cidade, e ſeus arrabaldes, com numeroſa copia de penitentes. Puzeraõ-ſe Vias-Sacras em todas as Parochias, correndoſe frequentemente; exercicios, que ainda hoje ſe continuaõ, de ſorte, que de Ninive peccadora, ſe vio a Bahia Ninive arrependida. A todas eſtas opperaçoes dava alentos a piedade do Vice-Rey com o louvor, e apreço que dellas fazia, ſendo a modeſtia, e perfeiçaõ Catholica da ſua vida o mayor exemplo.

Demonſtraçoes pias na Bahia.

65 Com brados ſemelhantes aos que experimentou neſta occaſiaõ a Bahia, coſtuma Deos bater às portas dos coraçoes humanos, para gloria ſua, e bem das ſuas creaturas, regulando-nos os caſtigos pela ſua miſericordia, e naõ pella medida das noſſas culpas, e abrindo-nos ſempre caminhos para o remedio, por meyo do arrependimento, e dos inſtrumentos, que nos poem em reparo

dos

dos noſſos damnos. Tal foy a Providencia com que permittio, que neſte tempo, em que pelo curſo dos ſucceſſivos annos de mil e ſetecentos e vinte e dous, e mil e ſetecentos e vinte e tres, padeceraõ todas as Provincias do Braſil huma geral, e rigoroſa ſeca, tiveſſe o Governo do Eſtado o Vice-Rey, cuja piedade, zelo, e diſpoſiçaõ foraõ o reparo deſta calamidade.

Seca geral em todo o Braſil.

66 Abrazava o Sol com exceſſivo ardor a toda a noſſa America, ſecando as aguas, eſtragando os frutos, eſterilizando as lavouras, e matando os gados, de fórma, que além da falta de todos os viveres, era mayor a da farinha da mandioca, que he o paõ commum dos moradores deſte Eſtado, chegando por eſta cauſa o preço della nas Provincias de Pernambuco, e do Rio de Janeiro a tres mil e duzentos, e a quatro mil reis o alqueire. A carne, da qual havia a meſma eſterilidade, a mil e ſeiſcentos, e a dous mil reis. Os viſinhos das Provincias do Ceará, e do Rio Grande ſe auſentaraõ das Praças, e foraõ habitar às margens dos rios, por naõ acabarem ao rigor da ſede.

Effeitos, que faz na falta dos mantimentos.

67 Na Bahia foy taõ moderada eſta geral neceſſidade, pela activa diſpoſiçaõ do Vice-Rey, que a ella veyo a dever o Braſil o reparo das calamidades do tempo. Aſſiſtia com o Senado da Camera ao beneficio das fontes, fazendo com fortuna tornarem a lançar as naturaes correntes, repercutidas naõ ſó dos calores, mas tambem de outros accidentes. Mandou às Villas de Maragogipe, Cayrû, Boypeba, Camamû, e Rio das Contas

Moderados na Bahia, pelas diſpoſições do Vice-Rey.

desfazer

desfazer as Roças, (isto he, reduzir as raizes da mandioca a farinha) animando aos lavradores a fazer novas plantas para o tempo vindouro, escrevendo a todos os Officiaes de Justiça, e milicia dellas lhas fizessem continuar, e frequentar a sua conducçaõ para a Bahia.

68 Para este effeito enviou grossas sommas de dinheiro por Officiaes de distinçaõ, assim para a farinha, que se costuma dar à Infanteria do Presidio, como para a que era precisa à necessidade do Povo, e das grandes fabricas dos Engenhos, e fazendas, cujas plantas de mandioca, que costumaõ ter para as suas familias, e escravos, havia esterilizado a seca. Mandou proprios aos Certões, com ordens aos Capitaens môres, e Justiça daquelles destrictos, para fazerem vir os gados, persuadindo aos donos dos curraes, e aos que tem cuidado delles, a trazerem as boyadas a todo o risco, e com grande trabalho, o qual suavizavaõ os termos com que o Vice-Rey os obrigava, que ainda sendo preceitos, pareciaõ favores.

Varias diligencias, que obra nesta consternaçaõ.

69 A beneficios do seu zelo naõ experimentou a Bahia falta notavel, porque posto que em algumas occasiões careceo de alguns generos, em outras os teve de sobra, consistindo no cuidado do Vice-Rey a conservaçaõ dos moradores ricos, e o remedio dos pobres, porque ajustou com os que conduzem as farinhas à ribeira desta Cidade hum preço inalteravel, de tal racionalidade, que veyo a ser conveniente a todos, porque com elle naõ houve nos poderosos demasiada despeza,

 nem

nem nos que o naõ ſaõ, muito prejuizo. Tal foy a reſulta das diligencias de quem com tanto cuidado, e taõ felizmente nos governa, que naõ ſó fez, que a Bahia naõ ſentiſſe neceſſidade, mas tambem acudio com copia de mantimentos às outras Provincias, que com frequentes rogos dos ſeus Governadores lhos pediaõ, enviando para os conduzirem muitas embarcações, as quaes lhes foraõ abundantemente providas.

Acode a outras Provincias do Eſtado com mantimentos.

70 No anno de mil e ſetecentos e vinte e dous chegou ao Braſil, voltando da Aſia, Monſenhor Carlos Ambroſio Mezzabarba, Patriarcha de Alexandria, natural de Pavia, Cidade da Imſubria no Eſtado de Milaõ. Achava-ſe em Italia com o Governo temporal da Sabina, hoje Provincia do patrimonio da Igreja, e antigamente Reyno contendor de Roma. Daquelle emprego foy chamado pelo Summo Pontifice Clemente XI. que lhe deu a Dignidade Patriarchal, e o enviou no anno de mil ſetecentos e dezanove à China, tranſportado por Lisboa, com deſpeza conſideravel do Sereniſſimo Senhor Rey D. Joaõ V. propria da ſua natural, e auguſta generoſidade.

Anno de 1722.

Chega o Patriarcha de Alexandria ao Braſil, vindo da Aſia.

71 Paſſou o Patriarcha à China ſobre algumas couſas indifferentes, que o Monarcha daquello grandiſſimo Imperio pedia ſe lhe permittiſſem, para receber a noſſa Religiaõ Catholica, como já havia conſentido, que a profeſſaſſem nos ſeus Dominios todos os ſeus ſubditos, que a quizeſſem abraçar; indulto, de que (com louvor daquelle Principe, em prova da ſua piedade) tem reſul-

Motivo que o levou à China.

refultado a reducçaõ de grande copia de Gentilifmo à verdadeira Fé, pelo incançavel trabalho, e fervorofo zelo dos Religiofos da Companhia de Jefus, os quaes confeguiraõ a dilatada Chriftandade, que hoje fe vê naquellas vaftiffimas Provincias, com Templos, votos, bautifmos, e todos os Sacramentos da Igreja, frequentados continuamente das ovelhas trazidas de novo ao rebanho do Univerfal Paftor.

Viagem, que havia feito o Cardeal de Tournon.

72 Havia o mefmo Pontifice alguns annos antes enviado o Patriarcha, depois Cardeal de Tournon, ao Imperio da China, a indagar de mais perto o animo com que o Emperador eftava, e as circunftancias dos pontos, que propunha; porém a condiçaõ do Cardeal, impropria para tratar a materia por meyos fuaves, (como parecia conveniente naquelle principio) foy caufa de que ambos fe defgoftaffem, e fahiffe o Cardeal da Corte do Emperador, fem concluir coufa alguma. Voltando para Europa, foy a embarcarfe em a noffa Cidade de Macáo, aonde antes de partir, faleceo, e com a noticia da fua morte mandou Sua Santidade fegunda Nunciatura pelo Patriarcha.

Agrado, e tratamento do Emperador da China ao Patriarcha

73 Chegado efte à China, foy feftejado pelo Emperador com magnifica reverencia, e trato amorofo, dandolhe das fuas Reaes roupas para fe reparar do frio, (rigorofo naquelle Paiz pela Eftaçaõ do Inverno.) Nos lugares o preferia ao Embaixador de Mofcovia, e aos de outros Principes, que entaõ fe achavaõ naquella Corte; e fendo o Patriarcha inftado pelo Emperador fobre a per-

 miffaõ,

miſſaõ, que pertendia, lhe reſpondeo naõ levava poder para determinar couſa alguma na materia, offerecendoſe, (ſegundo dizem as noſſas noticias da India) a propor em Roma a cauſa com tal diſtinçaõ, e clareza, que deſvaneceſſe as ſombras, que naquella Sagrada Curia tinhaõ cauſado as ſuas propoſições.

Voltando chega ao Rio de Janeiro.

74 Voltando com dadivas generoſas do Emperador para ſi, e para o Pontifice, ſe embarcou em o navio de Macáo, o qual aportou ao Rio de Janeiro, onde o General Ayres de Saldanha de Albuquerque recebeo, e feſtejou ao Patriarcha com todas as demonſtrações de reverencia, e grandeza. A poucos dias da ſua chegada àquelle porto, por hum accidente caſual, pegando fogo em o navio, que o trouxera, ardeo laſtimoſamente, ſervindo às chammas em ricas, e varias materias, muitos milhões dos homens de negocio de Portugal, que tiveraõ conſideravel perda neſte cuſtoſo incendio. Como era já partida para Lisboa a Frota do Rio, o enviou o General em a nao de guarda coſta daquella Provincia, a tempo de ſe embarcar na Frota da Bahia, que ſe achava em termos de partir.

Incendio da não de Macáo.

Paſſa o Patriarcha à Bahia, de donde ſe embarca para Portugal.

75 Na Bahia foy tratado pelo Vice-Rey com os mayores obſequios, e as mais oſtentoſas moſtras de reſpeito, e de amor. Apoſentouſe na caſa do Reverendo Chantre Joaõ Calmon, huma das mais ſumptuoſas, e bem paramentadas da Cidade. Nella deu Ordens com permiſſaõ, que lhe concedeo o Arcebiſpo, para conferir eſte Sacramento

mento a muitos Ordinandos, aos quaes pela ſua enfermidade o naõ podia dar; e ſendo o Patriarcha comprimentado de toda a nobreza, das peſſoas de diſtinçaõ, e de cargos, aſſim Eccleſiaſticos, como ſeculares, ſe embarcou na noſſa Frota daquelle anno, levando-o a bordo o Vice-Rey, o qual lhe offertou em nome de Sua Mageſtade huma ſalva, e pucaro de ouro, de muito preço, e primoroſo feitio.

76 Nove dias depois da vinda de Monſenhor Patriarcha, faleceo na Bahia o Arcebiſpo Metropolitano Dom Sebaſtiaõ Monteiro da Vide, havendo vinte, que lutava com a morte em huma dilatada enfermidade, que o conduzio aos ultimos periodos da vida com vagaroſos paſſos; mas com termos de fórma repetidos, que paſſando de huns a outros accidentes, em cada qual delles ſeguravaõ todos os Medicos, que eſpirava; porém aquella vide, endurecida no trabalho da Vinha do Senhor, ſendo taõ antiga, eſtava ainda taõ conſtante, que naõ podendo a morte cortalla de hum golpe, lhe foy continuando muitos, até que de todo a troncou aos ſete de Setembro do anno de mil e ſetecentos e vinte e dous, havendo mais de vinte, que exercia a juriſdicçaõ Metropolitana.

Enfermidade, e morte do Arcebiſpo Metropolitano do Braſil.

77 Em huma idade muy larga havia tentado varias fortunas. Foy Religioſo da Companhia de Jeſus, e deixando aquella Sagrada Milicia, aſſentou praça de Soldado nas guerras da reſtauraçaõ do Reyno, e nellas exerceo o poſto de Capitaõ de Infanteria. Deſte emprego paſſou a eſtudar

As profiſſões que teve.

dar Canones na Univerſidade de Coimbra, de donde neſta Faculdade ſahio inſigne Letrado; e tomando o eſtado Sacerdotal, teve occupações nos Auditorios, e Tribunaes Eccleſiaſticos da Corte, dignas do ſeu grande talento. Foy Prior de Santa Marinha, Vigario Geral do Arcebiſpado de Liſboa, e pela promoçaõ do Arcebiſpo D. Joaõ Franco de Oliveira ao Biſpado de Miranda, ſendo eſcolhido para Metropolitano do Braſil, chegou à Bahia no anno de mil ſetecentos e dous.

78 Com grande zelo do bem das almas, e do culto Catholico, ſe empregou em todas as materias pertencentes à obrigaçaõ de Prelado; e querendo, como vigilante Paſtor, ver as ovelhas mais remotas, as foy buſcar com incomparavel trabalho pelo interior dos Certoens, até a ultima baliza da ſua dilatada juriſdicçaõ. Voltando deſta miſſaõ, ſe occupou em varias fabricas; edificou o ſeu Palacio Archiepiſcopal, ſumptuoſamente erecto, e acabado; mandou fabricar o novo Templo magnifico da Irmandade de S. Pedro, com caſa, e Hoſpital para os Clerigos, em que ſe competem a grandeza, e a piedade.

Seu Elogio.

79 Accreſcentou a Igreja da Madre de Deos no reconcavo da Cidade, adornando-a de curioſas, e ricas peças. Fez Conſtituições proprias para eſte Arcebiſpado, que ſe governava pelas de Lisboa; e finalmente por morte do Conde de Vimieiro, governou o Eſtado no concurſo de mais companheiros; ſendo eſte o emprego, em que menos luzio o ſeu talento, pois parecera digno de o exer-

exercer, ſe o naõ exercera. Eſtá ſepultado na Capella môr da ſua Metropoli, porém vivo nas memorias das ſuas ovelhas, em continuas ſaudades.

80 Como nas Sedes Vacantes, ficando o Governo Eccleſiaſtico em commum aos Reverendos Capitulares das Dioceſis, coſtuma a ambiçaõ, ou vaidade introduzir mudanças, e novidades, das quaes (com obſervaçaõ geral) vem a ſer os prejuizos ainda mayores, que os eſcandalos; attento a eſtas deſordens o vigilante cuidado do Vice-Rey, ſempre ſollicito em obviar os damnos, que podem acontecer, eſcreveo huma exemplar carta ao Illuſtriſſimo Cabido da Bahia, no primeiro Capitulo em que ſe juntou depois de ſepultado o Metropolitano, offerecendo-lhe o poder Real, com que ſe achava, para fazer, que as ſuas diſpoſições foſſem mais ſeguramente obedecidas.

Carta do Vice-Rey ao Cabido.

81 Nella lhe inſinuava o grande credito, que alcançaria, ſe conſervandoſe em louvavel uniaõ, naõ alteraſſe a fórma do governo, praticado pelo Arcebiſpo, nem diſpuzeſſe dos cargos, e officios por elle conferidos, pois eſtavaõ taõ dignamente empregados. Que a demonſtraçaõ, em que os Cabidos podem dar a conhecer, que tem mais vivas as memorias dos ſeus Prelados, he ſeguirem o ſeu exemplo; e que o naõ ſe apartarem das ſuas maximas, era a mayor expreſſaõ das ſuas ſaudades. Os Reverendos Capitulares, que tinhaõ o meſmo animo, a que o Vice-Rey os eſtimulava, rendidamente lhe agradeceraõ o favor, que lhes offerecia, e o conſelho, que lhes dava, gloriandoſe

Conſelhos exemplares, que nella lhe dá.

Conformidade do Cabido.

Seu procedimento na Sede Vacante.

dose de que a conformidade com que estavaõ na mesma resoluçaõ, fosse por elle prevenida, e pela sua vontade regulada; e assim vaõ procedendo até o presente na Sede Vacante, com grande louvor, e geral aceitaçaõ.

82 Todas as causas de que procedem os males da Bahia conheceo taõ fundamentalmente o Vice-Rey, que applicando os remedios à proporçaõ dos achaques, vem a conseguir a saude do corpo politico desta Republica. Entendeo, que os atravessadores dos viveres (esponjas da substancia dos Povos) eraõ prejudiciaes, como infinitos nesta Cidade, e se deviaõ evitar por todos os meyos; e apontando a fórma de os extinguir, escreveo ao Senado da Camera huma carta, que contém os melhores antidotos contra aquelle veneno, e os avisos mais solidos para a administraçaõ da governança, e bem commum, sendo hum compendio de admiraveis apophthegmas, e aforismos irrefragaveis, taõ venerados, como seguidos dos Senadores daquelle presente anno, e de todos os Republicos da Bahia.

Carta do Vice-Rey ao Senado da Camera, com documentos

Pertencentes ao bem publico.

83 Havia jà no anno de mil e setecentos e dez a Magestade Augusta do Senhor Rey D. Joaõ V. com a singular providencia, com que governa a sua vastissima Monarchia, separado o Paiz das Minas da obediencia do Rio de Janeiro; e vendo, que taõ populosas Povoações, em riqueza, e numero de gente, ainda careciaõ de mayor divisaõ, foy servido, no de mil e setecentos e vinte e hum, crear novo Governo, distincto na regiaõ de S. Paulo,

Novo Governo em S. Paulo, separado do Governo das Minas.

lo, condecorando a ſua antiga Villa com os privilegios, e titulo de Cidade do meſmo nome; beneficio taõ grato, como util aos naturaes, que ſendo contrarios aos outros novos Povos por natureza, eſtimaraõ verſe tambem ſeparados por juriſdicçaõ. Mandou por Governador a Rodrigo Ceſar de Menezes, irmaõ do Vice-Rey no ſangue, e nas virtudes, e do poſto de Brigadeiro da Corte, paſſou a exercer o de General naquella grande porçaõ do Sul, independente dos outros Governadores, e ſó ſogeito ao Capitaõ Geral do Braſil.

Vay por General Rodrigo Ceſar de Menezes.

84 Foy recebido em S. Paulo com as mayores expreſſoens de amor, e obediencia, porque vendoſe aquella regiaõ ſublimada à nova dignidade, e com proprio Governador, depuzeraõ os ſeus habitadores a natural inconſtancia, e fereza, em reconhecimento da honra, que recebiaõ, e do beneficio, que eſperavaõ na mudança de huma vida inquieta, ao ſocego de huma ſuave ſogeiçaõ. Compoz o General Rodrigo Ceſar de Menezes as differenças antigas entre algumas Familias particulares, de que haviaõ reſultado por muitas vezes damnos publicos. Ceſſaraõ as parcialidades, e com louvavel uniaõ attendem a recompenſar em obediencias as repugnancias, que em outro tempo moſtraraõ à juriſdicçaõ das Leys; liberdade cauſada naõ ſó da diſtancia, ou influencia do Clima, mas da falta de Governador.

He recebido com muito applauſo em S. Paulo.

Suas acçoẽs.

85 Eſta acertada reſoluçaõ dos moradores daquella Provincia naõ comprehendeo a alguns

de animos menos eſcrupuloſos, e mais feros, que achandoſe apartados da Cidade, e habitando no ſeu dilatadiſſimo reconcavo, vivendo poderoſos, affectavaõ a liberdade, que naõ podiaõ ter na natureza de ſubditos, como ſe experimentou nas novas Minas de Cuyabâ, em dous irmãos regulos, chamados Lourenço, e Joaõ Leme da Sylva, que ſendo das peſſoas principaes de S. Paulo por naſcimento, e poder, quizeraõ eſcurecer a ſua nobreza, e perder os ſeus cabedaes na acçaõ mais indigna, que podem obrar os Vaſſallos, e fabricaraõ a ſua ruina, e a dos ſeus ſequazes nos delictos, e caſtigos, de que daremos breve noticia.

Lourenço, e Joaõ Leme da Sylva regulos.

86 Pouco tempo antes havia deſcuberto eſtas novas Minas Paſchoal Moreira Cabral, a quem juſtamente ſe deu o cargo de Guarda môr dellas. Eſtaõ em altura de vinte e oito, até trinta graos ao Poente de S. Paulo, declinando para o Sul. Antes de ſe lhes abrir caminho por terra, ſe lhes fazia tranſito deſde a Villa de Utû, em grandes canoas, por continuados rios de perigoſa, e dilatada navegaçaõ; porém o intereſſe do abundantiſſimo ouro, que produzem, obrigou a muitos moradores daquella Provincia a ſuperarem todos os diſcommodos, e difficuldades, a troco de o colher, levando os mantimentos de que ſe haviaõ de ſuſtentar naquelle Paiz inculto, em quanto o naõ cultivaſſem das plantas, e ſementeiras preciſas para a numeroſa gente daquella expediçaõ, que hia aſſim para lavrar as Minas, como para ſe defender do Gentio barbaro, que habita aquelles deſtrictos.

Deſcobrimento das novas Minas do Cuyabâ.

Primeira expediçaõ, que ſe faz a ellas.

Che-

87 Chegado ao ſitio das Minas do Cuyabâ hum numeroſo concurſo de peſſoas, em que ſe achavaõ muitas, que reſidiraõ nas Geraes, e tinhaõ larga experiencia da lavra dellas; aſſentado arrayal, e eſtancia para a ſua reſidencia, trataraõ de eleger hum Cabo mayor, que os regeſſe, e ordenaſſe a conquiſta do Gentio barbaro, para explorarem melhor o Paiz, e poderem tirar ouro com menor receyo daquelles inimigos, que já em repentinos aſſaltos, com mortes, e roubos lhes perturbavaõ o emprego da ſua nova Povoaçaõ, que naõ podia permanecer ſegura, ſem ſe affugentarem os contrarios, dos quaes receberia inevitaveis damnos.

Aſſentaſe Povoaçaõ, e ſe trata de quem a governe.

88 Conformes todos aquelles novos moradores, aſſim de mayor, como de menor diſtinçaõ, no acordo tomado de elegerem quem os governaſſe na paz, e na guerra, conhecendo, que na peſſoa do Capitaõ môr Fernando Dias Falcaõ, natural de S. Paulo, e das principaes Familias da ſua Patria, concorriaõ qualidades para aquelle emprego, em quanto por ordem Real ſe lhes naõ mandaſſe outro Governador, o elegeraõ por ſeu Cabo mayor para os reger, e determinar as ſuas cauſas particulares, e publicas, promettendo obedecelhe em todas as materias politicas; e militares, por termo feito em ſeis de Janeiro do anno de mil e ſetecentos e vinte e hum, e o Eleito aceitou o cargo, proteſtando encarregarſe delle, para executar tudo o que foſſe em mayor ſerviço de Sua Mageſtade, e bem commum.

Elegem a Fernando Dias Falcaõ por ſeu Cabo mayor.

Trata o General Rodrigo Cesar de Menezes de lhes fazer caminho por terra.

89 Neste estado achou o General Rodrigo Cesar de Menezes os descobrimentos, e operações daquellas Minas, e vendo terem o caminho taõ difficil, e embaraçado, por importunos rios de precipitadas cachoeiras, em que perigavaõ as embarcaçoens, tratou mandarlho fazer por terra com mayor commodo, offerecendo a quem lho abrisse, premio competente ao trabalho; e sendo entre as pessoas, que o pertendiaõ ganhar, e fazer este serviço, preferido por parecer do Senado da Camera Manoel Godinho de Lara, lho encarregou. Conseguido felizmente o transito, mandou o General pôr huma Casa de Registo, com Provedor, e Escrivaõ no Rio Grande, (parte principal da passagem, que na hida, e volta fazem as pessoas, que as frequentaõ) para registarem o ouro, que tirassem, e nelle se cobrarem os quintos Reaes.

Manda pôr Casa de Registo no Rio Grande.

90 Mandou declarar por bandos na Cidade de S. Paulo, nas Villas de Santos, Utû, e Sorocaba, os deviaõ pagar com penas graves aquelles, que os desencaminhassem, e que do ouro, que se julgasse por perdido, se daria a terça parte aos denunciantes. Porém sendo muy pouco o rendimento dos quintos, quando constava ser tanto o das novas Minas, justamente inferio haver fallencia no quintar, e tratou de obviar o prejuizo dos direitos delRey, naõ só para o tempo presente, mas para o futuro. Consultando esta materia com as pessoas mais zelosas do serviço de Sua Magestade, e com o Senado da Camera, assentaraõ uniformemente

Vendo o pouco que rendiaõ os quintos, dá nova fórma à cobrança delles.

Resolve pagaremse por batéas.

mente todos, que os quintos ſe cobraſſem por batéas, lançandoſe a tantas oitavas por eſcravo; fórma, que aſſeguravaõ ſer a mais conveniente para o augmento da Real Fazenda.

91 Eſte arbitrio ſe noticiou ao Deſembargador Manoel de Mello Godinho Manço, Ouvidor Geral daquella Provincia, que ſe achava na Villa de Santos, o qual com o ſeu parecer por eſcrito o approvou; e vindo logo à Cidade, o ratificou com razões fundadas em Direito, moſtrando ſer a cobrança dos quintos por batéas, a mais legal, e conveniente. Ordenou o General ao Senado da Camera lhe apontaſſe a peſſoa, que lhe pareceſſe mais idonea, para lhe encarregar a incumbencia deſta cobrança, e o Senado lhe propoz a Lourenço Leme da Sylva, que por ſe achar com grande poder de parentes, e ſequazes, e ſer intelligente daquellas Minas, era a mais propria para eſte ſerviço; e de tudo ſe fez termo por todos aſſinado, aos ſete dias do mez de Mayo do anno de mil e ſetecentos e vinte e tres.

Noticiaſe o arbitrio ao Ouvidor Geral, que o approva com razões de Direito.

Anno de 1723.

92 Elegeo logo o General Rodrigo Ceſar de Menezes no cargo de Provedor daquelles quintos ao referido Lourenço Leme da Sylva, e para mais o obrigar, fez a ſeu irmaõ Joaõ Leme da Sylva Meſtre de Campo Regente das Minas do Cuyabâ, e lhes enviou as Patentes pelo Sargento môr Sebaſtiaõ Fernandes do Rego, morador na Cidade de S. Paulo; porém naquelles animos desleaes ſervio o beneficio de fazer mais eſcandaloſa a ingratidaõ, porque vendoſe com o poder, trataraõ ſó de executar

Proveo o General os cargos de Provedor dos quintos, e Meſtre de Campo das Minas, em Lourenço, e Joaõ Leme da Sylva.

Naõ corresponde a confiança que delles faz.

cutar insolencias. Ordenaraõ ao Vigario das mesmas Minas, se retirasse dellas com todos os forasteiros; e pelo naõ fazer logo, lhe mandaraõ dar hum tiro, o qual matou a hum assistente de sua casa; e ausentandose o Vigario, elegeraõ a hum Religioso moderno para administrar os Sacramentos, do qual se presumia, que naõ tinha sciencia, nem faculdade para confessar.

Delictos, e insolencias, que commettem.

93 Em occasiaõ em que se estava celebrando o Santo Sacrificio da Missa, mandaraõ pelos seus escravos rasgar de orelha a orelha a boca a hum Pedro Leite. Mataraõ no sitio do Camapuhâ a hum escravo seu, a hum rapaz, e a huma negra, esquartejando-os por suas proprias mãos, com ciumes das suas concubinas. Prohibiraõ aos moradores pagarem dizimos, e conquistarem o Gentio bravo, e sem temor das Leys, nem de Sua Magestade, por varios lugares, e Villas mandavaõ tirar por força as filhas de alguns moradores para suas concubinas, e constrangiaõ a outros dallas por mulheres, com grandes dotes a pessoas indignas, que andavaõ na sua companhia commettendo outras insolencias, mais dignas de castigo, que de memoria.

94 Tendo noticia o General Rodrigo Cesar de Menezes destes insultos, e homicidios, os mandou prender, encarregando esta diligencia ao Sargento môr Sebastiaõ Fernandes do Rego, com muita gente de armas, que lhe deu, com a qual partio para a Villa de Utû, e juntandose com outra da Villa de Sorocaba, que acompanhava ao

Manda o General prendellos por dous Cabos, e muita gente de armas.

Mestre

Meſtre de Campo Balthaſar Ribeiro de Moraes, já prevenido pelo General para o meſmo effeito, marcharaõ, e os foraõ cercar; porém rompendo os dous inſolentes irmãos o cerco, levando algumas feridas, e deixando dos ſeus eſcravos hum morto, e ſete prezos, com varios deſpojos de provimentos, e armas de fogo ſe retiraraõ para outros ſitios ſeus, onde ſe puzeraõ em armas, mandando tocar caixas, e clarins com repetidas ſalvas; mas indo em ſeu ſeguimento os ditos Cabos, acharaõ noticia, que haviaõ deſertado dous dias antes, metendoſe pelas eſpeſſas brenhas daquelles dilatadiſſimos mattos.

Retiràõſe, e ſaõ ſeguidos pelos Cabos.

95 Proſeguindo no ſeu alcance os Cabos com toda a gente, que levavaõ, os acometeraõ em huma eminencia, em que eſtavaõ aquartelados, matandoſe-lhe neſte aſſalto huma das ſuas centinellas, com prizaõ de vinte e tantas peſſoas, e outros deſpojos, que deixaraõ, metendoſe os regulos, e os ſequazes, que lhe ficaraõ mais, pelo interior dos Certões, onde finalmente naõ eſcaparaõ os cabeças, porque foy prezo Joaõ Leme da Sylva, e alguns dias depois morto Lourenço Leme da Sylva, por ſe naõ querer entregar, pertendendo ſalvarſe naquellas eſpeſſuras.

He prezo Joaõ Leme da Sylva, e morto ſeu irmaõ Lourenço Leme.

96 Mandou logo o General ſe participaſſe eſta noticia aos moradores das Minas do Cuyabâ, que eſtavaõ para as abandonar, por ſalvarem as vidas da crueldade daquelles dous inſolentes irmãos; dos quaes Joaõ Leme da Sylva, que ficou vivo, foy prezo para a Villa de Santos, de donde com a

devaça

devaça das ſuas culpas, que continha tambem outros delictos mais antigos, ordenou o General foſſe remettido para a Bahia. Chegado a ella, mandou a Relaçaõ fazerlhe os autos ſummarios, e eſtando as culpas abundantiſſimamente provadas, naõ allegando o reo couſa relevante em ſua defenſa, o condemnou à morte, e foy degollado; execuçaõ, que redunda em terror, e exemplo de Vaſſallos rebeldes, e tyrannos.

João Leme he enviado à Bahia, onde foy degollado.

97 Livres da tyrannia deſtas humanas feras os habitadores das Minas do Cuyabâ, vaõ continuando as ſuas lavras, cujos quintos haõ de redundar em grande augmento da Fazenda Real, pela abundancia de ouro, que dellas ſe tira, ſendo (como ſe affirma) as mais rendoſas do Sul; conſeguindoſe a paz, e a felicidade de toda aquella Provincia pelo zelo, e diſpoſiçaõ do General Rodrigo Ceſar de Menezes, em cujo venturoſo dominio vivem ſeguros, e obedientes aquelles Vaſſallos, taõ repugnantes em outros tempos à ſogeiçaõ na falta do jugo, que poucas vezes lhe chegava pela diſtancia do Paiz, e ſollicitos hoje na obediencia com o conhecimento da obrigaçaõ, e ſuavidade do Governo.

Feliz Governo do General Rodrigo Ceſar de Menezes.

98 Havia ſuccedido no anno de mil e ſetecentos e vinte e hum ao General Conde de Aſſumar, no Governo das Minas, com o meſmo poſto D. Lourenço de Almeida, que continuando a gloria do proprio illuſtriſſimo ſangue, e appellido, proſeguio o ſeu zelo, e as ſuas diſpoſições. He D. Lourenço eſclarecido por naſcimento, havendo con-

D. Lourenço de Almeida Governador, e CapitaõGeral dos deſtrictos das Minas.

concorrido para a ſua grande calidade as principaes do Reyno. Servio na India com muita ſatiſfaçaõ; achavaſe com experiencias, e prerogativas, que o faziaõ digno daquelle emprego, em que logo começaraõ a reſplandecer as ſuas virtudes no agrado daquelles Povos, os quaes já pelas inceſſantes fadigas, com que o ſeu anteceſſor lhes havia enſinado os dictames da razaõ, tinhaõ aprendido a viver na obediencia de ſubditos, e na veneraçaõ dos ſeus Governadores.

Eſtabelece as Caſas dos quintos.

99 Conformes os animos a naõ difficultarem as ordens Reaes na diſpoſiçaõ das Caſas dos quintos, (em cuja execuçaõ trabalhara tanto o General Conde de Aſſumar, fazendo fabricallas, e diſpondo as vontades a conſentillas, contraſtando as repugnancias, e alterações daquelles Povos) conſeguio de proximo a fortuna, e actividade do General D. Lourenço de Almeida o eſtabelecellas; pois recebidas conſtantemente, eſtaõ para principiar as ſuas operações.

As quaes redundaõ em grande augmento da Fazenda Real.

100 Com as Caſas dos quintos, por taõ legal cauſa introduzidas, quanto haviaõ ſido injuſtamente impugnadas, ſe haõ de cobrar por inteiro os direitos Reaes, que aquelles Vaſſallos cultores das Minas pagavaõ quartados, faltando ao direito, que a natureza deu ao noſſo Monarcha nos theſouros, que poz nos ſeus Dominios, e ao agradecimento, que devem à benignidade auguſta, e amor paternal com que os governa, e procura manter em paz: vindo agora a importar os quintos à ſua Real Fazenda duas partes mais, do que até o preſente lhe rendiaõ as Minas, ſendo razaõ, que

os Mineiros naõ usurpem o que de justiça lhe devem, para o esperdiçarem em prodigalidades, e luxos, com tanta queixa, ou escandalo da modestia.

101 Neste presente anno de mil e setecentos e vinte e quatro, no Governo do Vice-Rey teve complemento huma insigne fabrica, que no de seu pay, o Capitaõ Geral Luiz Cesar de Menezes tivera principio. Achavase muy dilatada no Brasil a Sagrada Religiaõ da Companhia de Jesus, cujos filhos foraõ os primeiros Pays do Christianismo na Gentilidade da nossa America, e nella os mais fervorosos Operarios das cearas Catholicas; e sendo preciso receber tantos sogeitos, quantos saõ continuamente necessarios para as suas repetidas Missões, para os Pulpitos, Confessionarios, Cadeiras, e outros frequentes exercicios pios, em que resplandecem os seus Religiosos, carecia de huma Casa particular, onde os Noviços se criassem, porque apartados do Collegio, em mayor numero se podessem recolher.

Anno de 1724.

Fabrica do Noviciado dos Padres da Companhia.

102 Offereceose a fazerlhe a despeza della hum morador com cabedaes, e sem obrigações; e alcançada licença de Sua Magestade, e do Reverendissimo Padre Geral da Companhia, se fez exame de varios sitios mais, e menos apartados; e escolhido por melhor ao que chamaõ Giquitaya, (fermosa praya na enseada da Bahia, meya legoa distante da Cidade) se fundou esta sumptuosa Casa, com capacidade, e commodo para setenta Religiosos. Consta de huma dilatada quadra, que recolhe em si tres pateos; dous, que servem de lados à Igreja, e o terceiro incomparavelmente

Faz a despeza della hum morador rico.

te

te mayor, que fica dentro do edificio, cuja machina em todas eſtas obras tem de fundo quinhentos palmos, e trezentos e cincoenta de largo. A cerca he grandiſſima, com criſtalinas aguas, muita largueza, e commodidade para arvoredos, hortas, todas as plantas, e flores.

Sua fórma, e grai deza.

103 Foy ſeu Fundador o Capitaõ Domingos Affonſo, já mencionado neſte livro por deſcubridor, e conquiſtador das terras do Piaguhî. De exercicios humildes paſſando a penetrar os Certões da Bahia, elles lhe deraõ o appellido, e a fazenda. Teſtou muita, e havendo diſpendido ſetenta mil cruzados com a fabrica do Noviciado, deixou encapellados os mais bens (que conſtaõ de opulentas fazendas de gado) ao Collegio, ordenando, que do ſeu rendimento ſe lhe mandem dizer ſeis Miſſas quotidianas, e dem tres dotes de Orfáas annuaes, e outras eſmolas na Bahia, e na ſua Patria, e que o liquido, que ficar do rendimento dellas, ſe divida em tres partes, huma para o Collegio, como Adminiſtrador, e duas para a Caſa do Noviciado; deixas pontualmente executadas por eſtes Religioſos.

Seu Inſtituidor.

104 Sahio o Vice-Rey da Cidade a viſitar as Forças do reconcavo, levando Engenheiros, e Officiaes para o que foſſe preciſo ao reparo, e augmento dellas, achando em todas as partes a que chegava, veneraçaõ, e feſtejo competentes ao ſeu reſpeito, e agrado. No lugar de Maragogipe lhe repreſentaraõ aquelles moradores os diſcommodos, que padeciaõ em acudirem nas ſuas cauſas, e acções à Villa de Jagoaripe, a cuja juriſdicçaõ fica-

Sahe o Vice-Rey a ver as Forças do reconcavo.

raõ ſogeitos na erecçaõ della; porque eſtando muy diſtante, por moleſtas jornadas experimentavaõ mais contra-tempos, que na viagem para a Cidade, pedindolhe creaſſe Villa aquella grande Povoaçaõ, que por ſer numeroſa em gente, e a mayor parte della occupada na lavoura da farinha, ſeria conveniente a toda a Bahia, naõ ſahir por recurſo a taõ diſtantes partes.

105 Attendendo o Vice-Rey ao ſeu juſto requerimento, ao augmento, e decoro do Braſil, com a erecçaõ de muitas Villas, (como lho ordena Sua Mageſtade) a mandou crear naquelle lugar, pelo Ouvidor da Comarca o Doutor Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira; e agradecidos os viſinhos de Maragogipe por eſte beneficio, liſongearaõ ao Vice-Rey com a galantaria de dous mil alqueires de farinha, poſtos pelas ſuas embarcações na Cidade, por ſer o genero eſſencial da ſua cultura; e elle os aceitou para o ſuſtento dos Soldados, e Artilheiros do Preſidio da Bahia, ordenando os recebeſſe o Almoxarife, a quem toca a diſtribuiçaõ deſte paõ de muniçaõ da Infanteria; e poupando (no tempo preſente) taõ opportuno donativo muita deſpeza.

Manda erigir Villa no lugar de Maragogipe.

106 Havia já mandado fundar a Villa de Jacoabina pelo Coronel Pedro Barboſa Leal, que a erigio com a diligencia, com que coſtuma executar as ordens, que ſe lhe encarregaõ. Depois o Ouvidor Geral da Comarca, já nomeado, indo a ella por ordem do Vice-Rey, com ſeu beneplacito a mudou para o ſitio do Bom Jeſus, Miſſaõ dos Religioſos de S. Franciſco, e lugar mais convenien-

Fundaçaõ da Villa da Jacoabina.

te,

te, por mais chegado àquellas Minas; cujos cultores recebem da ſua viſinhança mayores commodidades; e Pedro Barboſa foy enviado a levantar a Villa do Rio das Contas, que o Vice-Rey mandou erigir para a frequencia das novas Minas, que ſe tem achado naquelle vaſtiſſimo deſtricto, e ſe vaõ lavrando com grande copia de finiſſimo ouro.

Fundaçaõ da Villa do Rio das Contas.

107 Ficaõ na juriſdicçaõ da Provincia dos Ilheos, e quaſi na meſma altura, declinando para o Norte. Eſtaõ nas terras, que fecunda o caudaloſo rio das Contas, do qual tomaõ o nome a barra, e o porto da ſua navegaçaõ. Foraõ deſcubertas no anno de mil e ſetecentos e dezoito por huns Pauliſtas, que achandoſe nos Certões da Bahia, (por informações, que tiveraõ do ouro, que alguns viſinhos haviaõ tirado em prova da certeza de antigas noticias, que alli o faziaõ infallivel) atraveſſaraõ todo aquelle continente, abrindo caminho até entaõ inculto; e de preſente frequentado para as novas Minas, e poſto que por muy diſtantes, ſaõ menos aſſiſtidas de Mineiros, os que dellas vem, trazem grande copia deſte metal, naõ inferior em quilates ao das Minas do Sul, e da Jacoabina, e igual em quantidade.

Sitio, e noticia das ſuas novas Minas.

108 Agora com a Villa, que nellas ſe eſtá erigindo, (pela commodidade, que reſulta das Povoações, aſſim na diſtribuiçaõ da Juſtiça, em que ſe aſſegura a paz, e uniaõ entre os poderoſos, e humildes, naturaes, e eſtrangeiros, como na frequencia dos mantimentos, que a ellas ſe conduzem para a ſuſtentaçaõ dos que as habitaõ) ſe ha de continuar com mayor fervor a lavra daſos,

Commodo que reſulta das Povoações.

quellas Minas, e augmentar o numero dos ſeus Mineiros, porque a mais dilatada extenſaõ de legoas ſabe vencer o intereſſe dos homens, quando he taõ notorio o lucro, como ſe experimenta ſer o rendimento do ouro do rio das Contas, do qual redundaráõ muitos augmentos aos direitos Reaes.

109 O Vice-Rey, que em todas as ſuas emprezas tem por foreira a fortuna, a experimentou mais feudataria em hum caſo, de que podera reſultar precipicio, tanto mayor, quanto mais irreparavel. Prendeo o fogo na caſa, em que ſe fabrica a polvora, edificada no campo eminente às prayas, que chamaõ da Cambôa, e ſobindo ao tecto já em grande lavareda, noticiado deſte incendio o Vice-Rey, foy a deſtruillo com tanto deſprezo do damno proprio, por evitar o alheyo, e livrar a Officina delRey, que ſabendo ſe achavaõ nella muitos barriz de polvora já feita, e outros dos materiaes, de que ſe compoem, entrou na caſa, mandou extinguir a origem da chamma, e fez ſobir ao tecto do edificio gente com cantaros de agua, e outros inſtrumentos com que triunfou do incendio, e do perigo.

Incendio na caſa em que ſe fabrica a polvora.

O Vice-Rey o extingue.

110 Eſte prodigio, que mais propriamente podemos chamar milagre, ſe attribuîo à Virgem Mây de Deos, que com a invocaçaõ de Noſſa Senhora da Piedade, ſe venera no Hoſpicio dos Religioſos Barbadinhos, naõ muy diſtante, cuja Sagrada Imagem, e frequentado Santuario faz eſpecioſo, e aſſiſtido todo aquelle deſtricto, ſendo o ſeu mayor devoto o Vice-Rey, que todos os annos lhe faz a ſua feſta com liberal deſpeza de fazenda,

Por eſpecial favor da Virgem Mây de Deos.

zenda, e grande concurſo de gente; da qual, na tarde do dia vinte e oito de Abril, em que prendeo a chamma, ſe achava muita, que depois de fazer oraçaõ, e cumprir os ſeus votos naquella Igreja, hia a lograr a freſcura, e amenidade daquelles ares, e prados; e acabaria toda ao eſtrago, ſe a Senhora naõ evitara a ruina.

111 Mandou o Vice-Rey fabricar no Arſenal da Bahia, e lançar ao mar dous grandes baixeis, hum de invocaçaõ Noſſa Senhora do Livramento, e S. Franciſco Xavier, outro Santa Thereſa de Jeſus, ſendo qualquer delles dos melhores, que ſe tem feito neſta ribeira, e a menos cuſto da Fazenda Real que todos, porque as ſuas diligencias, e arbitrios pouparaõ deſpezas conſideraveis, concorrendo para ajuda do gaſto da primeira os homens de negocio deſta Praça com importante donativo, naõ ſó pelo intereſſe de lhes comboyar as ſuas embarcações, mas pela promptidaõ, com que ſempre ſe offerecem para tudo o que toca ao ſerviço de Sua Mageſtade, fazendoſe dignos da ſua Real attençaõ.

Dous baixeis, que mandou fazer, e lançar ao mar o Vice-Rey.

112 A noſſa Portugueza America, (e principalmente a Provincia da Bahia) que na producçaõ de engenhoſos filhos póde competir com Italia, e Grecia, naõ ſe achava com as Academias, introduzidas em todas as Republicas bem ordenadas, para apartarem a idade juvenil do ocio contrario das virtudes, e origem de todos os vicios, e apurarem a ſubtileza dos engenhos. Naõ permittio o Vice-Rey, que faltaſſe no Braſil eſta pedra de toque ao ineſtimavel ouro dos ſeus talen-

tos,

Introduz, e erige huma Academia em Palacio, com o titulo de Academia Brasilica dos Esquecidos.

tos, de mais quilates, que o das suas Minas. Erigio huma doutissima Academia, que se faz em Palacio na sua presença. Deraõ-lhe fórma as pessoas de mayor graduaçaõ, e entendimento, que se achaõ na Bahia, tomando-o por seu Protector. Tem presidido nella eruditissimos sogeitos. Houveraõ graves, e discretos assumptos, aos quaes se fizeraõ elegantes, e agudissimos versos; e vay continuando nos seus progressos, esperando, que em taõ grande protecçaõ se dem ao Prélo os seus escritos, em premio das suas fadigas.

113 Naõ deixa o Vice-Rey cousa alguma neste Estado por fazer daquellas, que em seu augmento, e credito podem redundar, attendendo ao bem publico, e particular, ao amparo das viuvas, das orfãas, e dos pobres. Com o seu exemplo cresce o culto dos Templos, e a devoçaõ dos Santuarios. Com o seu respeito, e agrado se conservaõ a obediencia, e amor dos subditos, naõ faceis de ajustar, se o instrumento, que os hade unir, naõ he taõ acorde, e sobido, como o entendimento do Vice-Rey Vasco Fernandes Cesar de Menezes, de que procede a suave harmonia do seu ditoso Governo, no qual com o mesmo curso de acertos, e felicidades fica continuando este presente anno de mil e setecentos e vinte e quatro, quarto do seu Vi-Reynado, em que poem fim esta Historia.

Continua o seu Governo, e acaba a Historia no anno de 1724.

LAUS DEO.

PRO-

PROTESTAÇAÕ.

PRotesta o Author desta Historia, que as materias, que tocarem a apparições, ou parecerem milagres, e successos sobrenaturaes trazidos nella, naõ procura tenhaõ mais credito, que o que se deve dar a huma Historia puramente humana, e que toda esta obra sogeita à censura da Santa Igreja Catholica Romana, e se conforma com os Decretos Pontificios, em especial com os do Santo Padre Urbano VIII. e a todos, em tudo, e por tudo se reporta.

Sebastiaõ da Rocha Pitta.

Pessoas, que neste tempo se achaõ com o Governo das outras Provincias, e Praças do Brasil.

DA Provincia do Maranhaõ, (que com a do Graõ Pará formaõ hum Estado, e Governo separado da jurisdicçaõ da Bahia) he Governador, e Capitaõ Geral Joaõ da Maya da Gama.
Da Provincia do Ceará.
Da Provincia do Rio Grande.
Da Provincia da Paraîba Joaõ de Abreu Castellobranco.
Da Provincia de Itamaracâ.
Da Provincia de Pernambuco D. Manoel Rolim de Moura.
Da Provincia de Sergipe delRey Joseph Pereira de Araujo.
Da Provincia dos Ilheos Pantaliaõ Rodrigues de Oliveira.
Da Provincia do Porto Seguro Domingos de Abreu Travassos.
Da Provincia do Espirito Santo Dionysio Carvalho de Abreu.
Da Provincia do Rio de Janeiro Ayres de Saldanha de Albuquerque.
Da Provincia de Santos, ou S. Vicente (de que he hoje Cabeça a Cidade de S.Paulo) Rodrigo Cesar de Menezes.
Dos Povos, e destrictos das Minas D. Lourenço de Almeida.
Da Nova Colonia do Sacramento Antonio Pedro de Vasconcellos.

Pessoas naturaes do Brasil, que exercerão Dignidades, e Governos Ecclesiasticos, e Seculares na Patria, e fóra della.

D. Agostinho Ribeiro, Bispo de Ceuta, promovido ao Bispado de Angra.

Fr. Rodrigo do Espirito Santo, Abbade Sagrado de Albania.

Agostinho Caldeira Pimentel, Pedro Velho Barreto, e Joseph Borges de Barros, Conegos, e Dignidades na Metropolitana de Evora.

Em outras Prebendas, e Dignidades Ecclesiasticas, e Regulares, innumeraveis sogeitos.

Governadores, e Capitães Geraes do Estado do Brasil: D. Francisco de Moura Rolim, successor do General D. Fradique de Toledo Osorio.

Luiz Barbalho Bezerra, e Lourenço de Brito Correa, na deposição do Vice-Rey Marquez de Montalvaõ.

Alvaro de Azevedo, Antonio Guedes de Brito, e o Desembargador Christovaõ de Burgos de Contreiras, por morte do Governador, e Capitaõ Geral Affonso Furtado de Mendoça.

Governadores do Estado do Maranhaõ: Mathias de Albuquerque Maranhaõ.

Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, o Velho.

Governadores de Pernambuco: André Vidal de

Negreiros, o Meſtre de Campo D. Franciſco de Souſa.

Governadores do Rio de Janeiro: Luiz Barbalho Bezerra, Agoſtinho Barbalho Bezerra.

Salvador Correa de Sá.

Thomé Correa de Sá, e Martim Correa de Sá.

O Deſembargador Joaõ da Rocha Pitta, enviado pelo Sereniſſimo Senhor Rey D. Pedro, ſendo Principe Regente, às mais importantes diligencias, e com a mayor juriſdicçaõ, que até aquelle tempo ſe vio na repartiçaõ do Sul, o elegeo o meſmo Monarcha por Governador do Rio de Janeiro, em carta de dezanove de Outubro do anno de mil e ſeiſcentos e oitenta; e por ſe haver já recolhido para a Relaçaõ da Bahia, naõ exerceo o cargo.

Governadores do Reyno de Angola: Salvador Correa de Sá, e André Vidal de Negreiros.

Governadores de Cabo Verde: Joaõ Cardoſo Piſſarro, e Fernando de Lemos Maſcarenhas.

Governador de S. Thomé, Chriſtovaõ de Barros.

Caſtellaõ de Moçambique, Thomé de Souſa Correa.

Meſtres de Campo: André Vidal de Negreiros,
Luiz Barbalho Bezerra,
D. Joaõ de Souſa,
D. Franciſco de Souſa,
Joaõ Soares Cavalcanti,
Zenobio Achioli de Vaſconcellos,
Alvaro de Azevedo,
Antonio Guedes de Brito,

Joaõ

Joaõ Correa de Sá,
Miguel Barboſa da Franca,
Martim Correa de Sá,
Antonio Soares da Franca, e Manoel Nunes Leitaõ de Albuquerque.
Commiſſarios da Cavallaria, e Capitaens de Cavallos: Manoel Nunes Leitaõ, Antonio Coelho de Goes, Domingos Soares da Franca, e outros.
Conſelheiros Ultramarinos: Salvador Correa de Sá, Feliciano Dourado,
O Deſembargador Alexandre da Sylva,
O Deſembargador Joaõ da Rocha Pitta, antes de ſer Chanceller, teve a merce; e por lhe impedirem os ſeus achaques o paſſar à Corte, naõ teve o exercicio.
Deſembargador do Paço, e Chanceller do Reyno, Joaõ Velho Barreto e Rego.
Deſembargador dos Aggravos da Supplicaçaõ de Lisboa, Chriſtovaõ de Burgos de Contreiras, e Alexandre da Sylva.
Chanceller da Relaçaõ da Bahia, Joaõ da Rocha Pitta.
Deſembargadores da meſma Relaçaõ, Chriſtovaõ de Burgos de Contreiras, Joaõ de Goes de Araujo, e Franciſco da Sylveira Sottomayor.
Deſembargador da Relaçaõ do Porto, Pedro Pinheiro.
Da India, o meſmo Pedro Pinheiro, e Agoſtinho de Azevedo Monteiro.
Secretario do Eſtado do Braſil, Bernardo Vieira

Ra-

Ravaſco, e ſeu filho Gonçalo Ravaſco Cavalcanti e Albuquerque.

Provedores mores da Fazenda Real: Lourenço de Brito Correa, e ſeu filho Lourenço de Brito de Figueiredo, Joaõ do Rego Barros, ſeu filho, e neto; Antonio Lopes Ulhôa, ſeu filho Joſeph Lopes Ulhôa,

Luiz Lopes Pegado, Thomé de Souſa Correa, e ſeu irmaõ Pedro de Souſa Pereira.

Védor da Fazenda da India, Fernando Barbalho Bezerra.

Poſtos, e lugares de Milicia, e Juſtiça de menor graduaçaõ, innumeraveis ſogeitos.

INDEX

INDEX
DAS COUSAS NOTAVEIS.

A

An-

Appa-

B

C

Con-

D

E

Elogio

Elo-

F

Fran-

G

Gra-

H

Hollan-

I

L

Leys,

M

aos

Aaaaa na,

O

P

Pro-

R

T

V

Viſaõ

FIM.

Collated with G. E. Church copy. July 9. 1912
Church copy has blank 14th leaf -